



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

GREIZE ALVES DA SILVA

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO  
DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)  
(VOLUME I)**

---

Londrina  
2018

**GREIZE ALVES DA SILVA**

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO  
DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)  
(VOLUME I)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanderci de Andrade Aguilera.

Londrina  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Silva, Greize Alves da.

Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO) / Greize Alves da Silva. - Londrina, 2018.  
394 f.: il.

Orientadora: Vanderci de Andrade Aguilera.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2018.  
Inclui bibliografia.

1. Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático - Tese. 2. Dialetolegia Pluridimensional - Tese. 3. Migração e variação linguística - Tese. 4. Português falado no Tocantins - Tese. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

GREIZE ALVES DA SILVA

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO  
ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)**

**(VOLUME I)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanderci de Andrade  
Aguilera.  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Figueiredo Brandão  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

---

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida Negri Isquerdo  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane Cristina Altino  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 07 de fevereiro de 2018.

A Deus.

À Idairce (*in memoriam*), pela lembrança inspiradora.

À Vanderci, pelo exemplo e pela motivação ao longo desses anos.

Aos amigos: Ângela, Carlos, Julianas e Juliana, Kleiton, Márcia, Patrícia, Perla, Sérgio, Vanessa e Viviane.

Ao meu pai, pelo sonho e pela crença.

## AGRADECIMENTOS

Em um dos muitos 11.460 dias da feitura da tese, deparei-me com a leitura bíblica sobre o *Paralítico de Cafarnaum* que versava sobre os milagres de Jesus. Mais do que os feitos Dele em curar aquele doente que já não andava, naquele momento, chamou-me a atenção as figuras secundárias que ilustravam o relato: os amigos do paralítico.

*E vieram ter com Ele conduzindo um paralítico, trazido por quatro [amigos]. E, não podendo aproximar-se Dele, por causa da multidão, descobriram o telhado onde estava, e, fazendo um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico. E Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralítico: Filho, perdoados estão os teus pecados.” (MARCOS, 2:1-12).*

Metaforicamente, relembrei toda a trajetória que se encerra neste trabalho e concluo que, de fato, somos todos impossibilitados de andar, seja por dificuldades de ordem emocional, seja pelo medo que temos do desconhecido. As figuras secundárias chamam a atenção pelo zelo e empenho que tiveram para com o doente; sem eles nada teria mudado, a cama não teria sido baixada pelo telhado, o doente não conseguiria a sua cura.

Ao longo do percurso foram muitos amigos que baixaram minha cama para que pudesse seguir em frente. A dificuldade que temos em dar o primeiro passo, ou o salto na sombra, advém de nosso próprio medo rumo ao desconhecido. São eles, os heróis de fé, os responsáveis por tomar as rédeas da situação e nos empurrar, por vezes, de precipícios, possivelmente por saberem melhor do que nós mesmos a nossa capacidade de se refazer e reconstruir o nosso caminho. Não foram apenas quatro figuras, assim como citado nas Sagradas Escrituras que ilustram as minhas memórias, são bem mais, os quais ofereço minha profunda gratidão.

A primeira, a quem também dedico este trabalho, encontra-se em minha orientadora e mentora Vanderci de Andrade Aguilera. A partir dos passos estabelecidos em outros Planos nos encontramos em 2005, na graduação em Letras, e temos desde então trilhado nossa trajetória. Ela me ensinou o poder do querer, do correr atrás, que as oportunidades não batem à porta, pois, quando se quer alguma coisa, qualquer momento se transforma em oportunidade. Meu exímio reconhecimento e gratidão. Esse atlas é nossa conquista.

A professora Aparecida Negri Isquerdo, exemplo de dedicação, de grande seriedade científica e de extensa bondade para com os seus semelhantes. Professora, nutro pela senhora profundo respeito e admiração.

A professora Fabiane Altino, companheira de pesquisa de campo, debatedora de meu trabalho em dois Sedata, membro de banca de qualificação e defesa. Espelhei-me em sua trajetória para completar a minha.

A professora Sílvia Figueiredo Brandão, de escrita impecável e refinamento acadêmico, cujos textos acompanham-me desde a graduação e foram meus companheiros na escrita da tese. Obrigada por fazer parte deste trabalho.

Ao professor Felício Margotti, meus agradecimentos por dedicar seu tempo na leitura do trabalho e, principalmente, pela elegância que possui no meio acadêmico, pelos textos que abordam questões de migração que impulsionaram a definição de meu objeto de pesquisa, e, sobretudo por me fazer enxergar a importância de se conhecer os contextos linguísticos plurais.

Aos meus amados pais, que sonharam que sua única filha tivesse “faculdade”. Sou eternamente grata pela simplicidade em que me criaram.

A Patrícia Andrea Borges, pela amizade, por ser minha parte ponderada, e pelo melhor conselho que alguém poderia ter me dado: “Coma pelas beiradas”.

Ao meus menino e meninas: Kleiton Araujo, Tassita Alves e Bruna Menezes, que tanto fizeram por mim, sem nada pedir em troca. Espero que a vida seja tão generosa com vocês como foram comigo.

Aos amigos Valter Pereira Romano, Eloisa Elena Bárbara Oliveira, Juliana Franco, Vanessa Yida e Ana Paula Puzzinato. A distância nem sempre permite que mantenhamos contato como antes, mas nem por isso esqueço da importância de vocês em minha vida.

À Universidade Estadual de Londrina, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

À Universidade Federal do Tocantins, meu campo de trabalho, que possibilitou apoio logístico para a execução da tese. Aos colegas de colegiado em Letras, do campus de Porto Nacional.

Aos meus 96 informantes e outros muitos que ajudaram na execução do trabalho. Obrigada por me apresentarem essa realidade maravilhosa que compõe o mosaico tocaninense.

E, finalmente, Sérgio, você tinha razão: “A fé é um salto no escuro e, ao mesmo tempo, acreditar que Deus porá o chão” (*apud* Kierkegaard)

“Em toda pesquisa dialetal existe um antes, um durante e um depois. Tem-se, pois, a fase de preparação, de execução e de análise. É preciso definir o antes, ter coragem para o durante, paciência e gosto para o depois.” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 9)

“Penso frequentemente na minha experiência dialetológica e encontro nela motivos para prosseguir e animar outros a prosseguir. Recordo paisagens e, enquadrados nelas, homens e mulheres. Diversos como os cenários em que se situavam, contavam-me histórias, diversas também. Ao fim de dois ou três dias, sentíamo-nos por vezes verdadeiros amigos, quase irmãos. Eu não tinha podido dar-lhes senão um pouco de atenção, de simpatia. Eles tinham me dado uma lição magnífica, decisiva para o meu modo de sentir e de pensar a partir daquele momento. Atrás dos falares que tinha vindo estudar, era toda uma humanidade humilde, mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialetologia me tinha posto em contato. Se mais nada, no vasto terreno da linguística, conservasse um dia interesse para mim, creio que esta experiência seria só por si suficiente para me obrigar a reconhecer e afirmar que vale a pena o ramo de estudos para que a vida me conduziu.” (LINDLEY CINTRA, 1995, p. 9)

SILVA, Greize Alves da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)**. 2018. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

## RESUMO

O atual estado do Tocantins, em seus primórdios pertencente à porção norte de Goiás, foi marcado pelas constantes migrações interestaduais e pelos deslocamentos internos. Geograficamente, faz fronteira com outras seis unidades federativas, conduzindo sua população a um híbrido cultural e, conseqüentemente, linguístico, posto que grande parcela de seus habitantes é procedente de contexto migratório, seja por iniciativa familiar ou por disposição individual na busca por melhores condições de sobrevivência. Buscamos, com este trabalho, traçar o perfil dialetológico do falar da população tocantinense por meio da confecção de um atlas linguístico estadual, a saber: o Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO). Para tanto, fez-se uso da metodologia da Dialetoлогия Pluridimensional, dadas as possibilidades de defrontar a binariedade oriunda das dimensões diatópia (areal) e diatópica-cinética, cujo contraponto são as variedades linguísticas provenientes dos informantes topoestáticos (nascidos nas localidades de pesquisa) em contraste com os topodinâmicos (oriundos de migrações ou de deslocamentos). Além do parâmetro areal estabelecido como pedra fundamental, outras variáveis sociais também fizeram parte da coleta e da análise, tais como as variações decorrentes da diageracionalidade e da diassexualidade. Para isso, foram inquiridos 96 informantes, de ambos os sexos, de duas faixas etárias, distribuídos entre 12 localidades tocantinenses, das mais antigas às mais populosas e recentes. As análises apontam que a identificação fonética dos informantes demonstra aproximação com a variante nordestina. No léxico, ora a assimilação atrela-se ao Nordeste, ora com o Norte ou com o Centro-Oeste. Além disso, neste último nível, há a identificação de duas áreas lexicais: a do eixo histórico, situada no Sudeste do território, divisa com a Bahia, e denotada por Nascentes (1953) como pertencente ao falar Baiano; a outra área compreende o Sudoeste, o Norte e o Nordeste do Tocantins e apresenta identificação, a depender da variante, com aspectos dialetais presentes nos estados nortistas, nordestinos e centro-oestinos.

**Palavras-chave:** Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático. Dialetoлогия Pluridimensional. Português falado no Tocantins. Migração e variação linguística.

SILVA, Greize Alves da. **Topodynamic and Topostatical Linguistic Atlas of the state of Tocantins, Brazil (ALiTTETO)**. 2018. Thesis (Doctoral Degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brazil, 2018.

### ABSTRACT

The state of Tocantins, formerly part of northern Goiás, has been marked by constant inter-state migrations and by internal population displacements. Tocantins has borders with six Brazilian states and features a culturally hybrid population, with linguistic variations. This is due to the fact that great numbers of its inhabitants are the outcome of a migratory process either through family initiative or through individual enterprise for better living conditions. Current analysis forwards a dialectological profile of the speech of the people of the state of Tocantins through a state linguistic atlas, called **Topodynamic and Topostatical Linguistic Atlas of the state of Tocantins (ALiTTETO)**. The pluridimensional dialectology method was employed to cope with the binary arising from the diatopic (a-real) and the diatopic-kinetic dimensions whose counterpoints are the linguistic varieties from topostatical informants (born on the research sites) and topodynamic informants (originating due to migrations or displacements). Besides the crucial a-real parameter, other social variables are also part and parcel to collection and analysis, comprising variations resulting from dia-generationality and dia-sexuality. Ninety-six male and female informants, from two age brackets, were selected. They hailed from 12 different sites of the state of Tocantins, comprising the oldest and the most recent and populous regions. Analyses reveal that the informants' phonetic identification lies close to that of people from the northeastern region of Brazil. The lexicon is sometimes bound to the northeastern variant or to the northern variant and even to the center-western one. At the latter level, two lexical areas have been identified, or rather, the historical axis at the south-eastern region of the state, with its border with the state of Bahia, belonging to the Bahia variant, already singled out by Nascentes in 1953; another region comprises the south-western, northern and northeastern parts of the state of Tocantins with dialectic aspects prevailing in the Northern, Northeastern and Center-Western states of Brazil.

**Keywords:** Topodynamic and Topostatical Linguistic Atlas. Pluridimensional dialectology. Portuguese spoken in Tocantins. Migration and linguistic variation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - Mapa das divisões administrativas do Tocantins – TO .....	24
<b>Figura 02</b> - Foto do acervo particular do Dr. Feliciano M. Braga, Porto Nacional, 1956 .....	33
<b>Figura 03</b> - Áreas culturais do Tocantins .....	37
<b>Figura 04</b> - Princípio esquemático da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional.....	51
<b>Figura 05</b> - Carta-base do ALITTETO .....	97
<b>Figura 06</b> - Carta demonstrativa de arealidade gradual para <i>pinha</i> .....	128
<b>Figura 07</b> - Carta demonstrativa de arealidade: <i>mangará vs umbigo</i> .....	132
<b>Figura 08</b> - Carta demonstrativa de arealidade: <i>jacá vs balaio</i> .....	136
<b>Figura 09</b> - Cartogramas ilustrativos da presença de <i>buraca</i> e <i>bruaca</i> no Centro- Oeste e no Tocantins.....	140
<b>Figura 10</b> - Carta demonstrativa de arealidade: <i>buraca/bruaca vs caçudá</i> .....	142
<b>Figura 11</b> - Carta demonstrativa de arealidade: <i>cambito vs cavalo/cavalinho</i> .....	154
<b>Figura 12</b> - Carta demonstrativa de arealidade gradual para <i>espinha</i> .....	161
<b>Figura 13</b> - Carta demonstrativa de arealidade: <i>grampo vs grampina</i> .....	184

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - As cinco maiores cidades tradicionais do Tocantins – n.º de habitantes - Censo de 1991 e de 2010 (IBGE).....	39
<b>Quadro 02</b> - As cinco maiores cidades em torno da rodovia Belém-Brasília – n.º de habitantes - Censo de 1991 e de 2010 (IBGE).....	39
<b>Quadro 03</b> - Distribuição dos migrantes interestaduais no Tocantins .....	43
<b>Quadro 04</b> - Rede de Pontos do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO) .....	77
<b>Quadro 05</b> - Procedência migratória por localidade de pesquisa .....	86
<b>Quadro 06</b> - Perfil dos informantes do ALiTTETO .....	88
<b>Quadro 07</b> - Dimensões adotadas no ALiTTETO .....	89
<b>Quadro 08</b> - Questões de natureza local inseridas no Instrumento de Coleta do ALiTTETO.....	92
<b>Quadro 09</b> - Índice geral de ocorrências e percentuais para a altura da vogal média /e/ em contexto pretônico .....	104
<b>Quadro 10</b> - Vogal /e/ nos contextos #V\$; #V/S/\$; #V/N/\$.....	104
<b>Quadro 11</b> - Vogal /e/ em contexto CV\$ com vogal alta na sílaba subsequente.....	105
<b>Quadro 12</b> - Vogal /e/ nos contextos #V\$; #V/S/\$ #V/N/\$.....	106
<b>Quadro 13</b> - Vogal /e/ em contexto #CV/R/\$ .....	106
<b>Quadro 14</b> - Vogal /e/ em contexto CV\$.....	107
<b>Quadro 15</b> - Índice geral de ocorrências e percentuais para a altura da vogal média /o/ em contexto pretônico.....	109
<b>Quadro 16</b> - Vogal /o/ em sílaba CV, com consoante [-cor] antecedente e/ou subsequente .....	109
<b>Quadro 17</b> - Vogal /o/ em sílaba com consoante [-cor] antecedente e/ou subsequente e seguida de sílaba com vogal alta .....	110
<b>Quadro 18</b> - Vogal /o/ em outros contextos.....	111
<b>Quadro 19</b> - Índice geral de ocorrências e percentuais para o /R/ em coda medial - Cartas F37 a F47. ....	114
<b>Quadro 20</b> - Índice de ocorrências por variantes de /R/ em coda interna distribuídas pelos itens lexicais investigados.....	115
<b>Quadro 21</b> - Índice geral de ocorrências e percentuais para o /R/ em coda final .....	117

<b>Quadro 22</b> - Índice de ocorrências por variantes de /R/ distribuídas por itens lexicais - coda externa .....	118
<b>Quadro 23</b> - Índice geral de ocorrências e percentuais para o /S/ em coda final.....	122
<b>Quadro 24</b> - Índice de ocorrências por variantes de /S/ distribuídas por itens lexicais - coda interna. ....	123
<b>Quadro 25</b> - Designações para a fruta que tem a casca verde, cheia de gominhos; abre-se com a mão e se chupa a semente, e respectivos números de ocorrências e percentuais. ....	126
<b>Quadro 26</b> - Designações para ponta roxa do cacho da bananeira, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	131
<b>Quadro 27</b> - Designações para os objetos feitos de fibra natural, colocados sobre o lombo do cavalo ou do burro, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	135
<b>Quadro 28</b> - Designações para os objetos de couro, utilizados para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	139
<b>Quadro 29</b> - Designações para a galinha de penas pretas com pintas brancas, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	146
<b>Quadro 30</b> - Designações para o bicho que solta cheiro ruim quando se sente ameaçado, e respectivos números de ocorrências e percentuais .....	149
<b>Quadro 31</b> - Designações para o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas transparentes, que voa e bate a parte traseira na água, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	152
<b>Quadro 32</b> - Designações para o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, à noite, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	157
<b>Quadro 33</b> - Designações para a bolinha que nasce em cima do olho, fica vermelha e incha, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	159
<b>Quadro 34</b> - Designações para a parte alta do pescoço do homem, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	163
<b>Quadro 35</b> - Designações para o osso que vai do pescoço até o ombro, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	166
<b>Quadro 36</b> - Designações para o osso redondo que fica na frente do joelho, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	168

<b>Quadro 37</b> - Designações para o osso situado entre a perna e o pé, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	172
<b>Quadro 38</b> - Designações para a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	176
<b>Quadro 39</b> - Designações para a peça do vestuário que serve para segurar os seios, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	180
<b>Quadro 40</b> - Designações para o objeto fino de metal, que serve para prender o cabelo, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	183
<b>Quadro 41</b> - Designações para o objeto de metal ou de plástico que pega de um lado a outro da cabeça e que serve para prender o cabelo, e respectivos números de ocorrências e percentuais.....	187

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> - Composição de Imigração Interestadual - Microrregião de Porto Nacional .....	41
<b>Gráfico 02</b> - Composição de Imigração Interestadual Geral .....	42
<b>Gráfico 03</b> - Demonstrativo de mobilidade - Informantes topodinâmicos .....	90
<b>Gráfico 04</b> - Distribuição das variantes de /e/ por variáveis extralinguísticas.....	108
<b>Gráfico 05</b> - Distribuição das variantes de /o/ por variáveis extralinguísticas. ....	111
<b>Gráfico 06</b> - Distribuição das variantes de /R/ por variáveis extralinguísticas – coda interna.....	116
<b>Gráfico 07</b> - Distribuição das variantes de /R/ por variáveis extralinguísticas – coda externa. ....	119
<b>Gráfico 08</b> - Distribuição percentual de /S/ por variáveis extralinguísticas – coda externa .....	124
<b>Gráfico 09</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 025) .....	130
<b>Gráfico 10</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 028) .....	134
<b>Gráfico 11</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 038) .....	138
<b>Gráfico 12</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 040) .....	144
<b>Gráfico 13</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 049) .....	148
<b>Gráfico 14</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 053) .....	151
<b>Gráfico 15</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 065) .....	156
<b>Gráfico 16</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 068) .....	158
<b>Gráfico 17</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 073) .....	162
<b>Gráfico 18</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 083) .....	165
<b>Gráfico 19</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 084) .....	167
<b>Gráfico 20</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 093) .....	171
<b>Gráfico 21</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 094) .....	175
<b>Gráfico 22</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 131) .....	179
<b>Gráfico 23</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 159) .....	182
<b>Gráfico 24</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 163) .....	186
<b>Gráfico 25</b> - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 164) .....	188

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[+RS]	Marca linguística do português sul-rio-grandense
[-RS]	Marca linguística não documentada no português sul-rio-grandense
ADDU	Atlas Linguístico Diatópico Diastrático do Uruguai
ALAC	Atlas Linguístico do Acre
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALC	Atlas Linguístico do Ceará
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALGT-S	Atlas Linguístico Guarani-Românico-Sociologia
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
ALiPA	Atlas Geossociolinguístico do Pará
ALiRN	Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
ALiSPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALiTTETO	Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins
ALMA-H	Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata
ALMASPE	Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco
ALMS	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALTOSP	Atlas Linguístico do Oeste de São Paulo
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
BR-153	Rodovia Belém-Brasília ou Transbrasiliana
EAMG	Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INF	Informante
INQ	Inquiridor
LANE	Linguistic Atlas of New England
PIB	Produto Interno Bruto

## SUMÁRIO (VOLUME I)

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2    FORMAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DO TOCANTINS</b> .....	23
2.1   OS PRIMEIROS HABITANTES E OS COLONIZADORES .....	26
2.2   O CICLO DO OURO E A OCUPAÇÃO HUMANA NA REGIÃO .....	28
2.3   A DIVISÃO ENTRE AS REGIÕES NORTE E SUL GOIANAS: A CRIAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS.....	31
2.4   ASPECTOS CULTURAIS, GEOGRÁFICOS E CONTATOS MIGRATÓRIOS NO TOCANTINS.....	34
<b>3    DIALETOLOGIA:    MONODIMENSIONAL    (AREAL)    E PLURIDIMENSIONAL (RELACIONAL E CONTATUAL)</b> .....	46
3.1   A MONODIMENSIONALIDADE E A BIDIMENSIONALIDADE LINGUÍSTICA .....	49
3.2   A PLURIDIMENSIONALIDADE OU MULTIDIMENSIONALIDADE LINGUÍSTICA .....	50
3.2.1   Dimensões interindividuais .....	53
3.2.2   Dimensões intraindividuais .....	59
3.3   OS TRABALHOS DIALETAIS PLURIDIMENSIONAIS E O CONTEXTO MIGRATÓRIO: A MULTIDIALETALIDADE BRASILEIRA .....	63
<b>4    PERCURSO METODOLÓGICO DO ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)</b> .....	73
4.1   A REDE DE PONTOS .....	74
4.2   O PERFIL DOS INFORMANTES E AS VARIÁVEIS SOCIAIS TRABALHADAS .....	87
4.3   O QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO .....	91
4.4   COLETA, TRANSCRIÇÃO E REVISÃO DOS DADOS .....	96
4.5   TRATAMENTO DOS DADOS E DISPOSIÇÃO CARTOGRÁFICA DO ALITTETO .....	97
<b>5    TRAÇOS DO PORTUGUÊS FALADO NO TOCANTINS: RESULTADOS DO ALITTETO</b> .....	101
5.1   VARIÁVEIS FONÉTICO-FONOLÓGICAS.....	101
5.1.1   Realização das vogais médias anteriores e posteriores /e/ e /o/ em posição pretônica .....	101
5.1.2   Os róticos em coda medial e final.....	112
5.1.3   O /S/ pós-vocálico.....	120
5.2   VARIÁVEIS SEMÂNTICO-LEXICAIS.....	125
5.2.1   Frutas e Atividades Agropastoris.....	126
5.2.2   Fauna.....	145
5.2.3   Corpo Humano.....	159

5.2.4	Jogos e Diversões Infantis .....	175
5.2.5	Vestuário e Acessórios .....	180
5.3	SÍNTESE DOS ASPECTOS DIALETAIS DO PORTUGUÊS FALADO NO TOCANTINS .....	189
5.3.1	Variáveis fonético-fonológicas .....	189
5.3.2	Variáveis semântico-lexicais .....	192
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....		197
<b>REFERÊNCIAS</b> .....		202
<b>APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO DO ALITETTO</b> .....		214

## INTRODUÇÃO

O Tocantins, criado em 1988, após desmembramento de terras goianas, formou-se a partir de um mosaico étnico-cultural, resultado da colonização do território e das diferentes populações que formam o espaço físico desse novo estado. Atualmente, o constituído espaço possui população de 1.532.902 habitantes, distribuídos entre 139 municípios. Esses habitantes ocupam-se, principalmente, de funções agrárias, de atividades ligadas ao funcionalismo público e ao turismo.

Pertencente até a década de 1980 a Goiás e, conseqüentemente, à região Centro-Oeste brasileira, o espaço hoje tocantinense fora sempre intitulado de porção norte, por possuir características distintas do sul goiano; este conservava aspectos culturais concernentes aos estados de Minas Gerais e de São Paulo, aquele, porém, demonstrava identificação com localidades nortistas e nordestinas.

Os primeiros grupos que habitavam o então Norte goiano eram os nativos indígenas de aproximadamente 20 etnias. Grupos extraterritórios, os bandeirantes começaram a atuar nesse espaço no século XVII, em busca da preia dos índios para o trabalho no litoral nordestino. Ainda nesse mesmo século, iniciou-se a atuação de um segundo grupo de bandeiras: os que buscavam metais preciosos, principalmente o ouro, e desses foi decorrente o início da colonização.

Assim, ao longo de 50 anos de exploração de minas auríferas, vários foram os tipos de contatos interculturais, dos quais podemos destacar, inicialmente, os bandeirantes, os missionários, os portugueses e, posteriormente, grande contingente escravo, sobretudo em localidades à sudeste do Norte goiano. A esses, somam-se migrantes procedentes das várias regiões brasileiras, migração essa ainda maciça em séculos posteriores.

Os aspectos das atuais terras tocantinenses e seu isolamento em relação à parte sul de Goiás fizeram que diferentes tipos de migrantes auxiliassem na formação do atual estado, o qual faz fronteira com seis unidades federativas: Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás e Mato Grosso, atuando como ponto de transição entre três regiões brasileiras: Nordeste, Centro-Oeste e Norte, da qual faz parte. Nesse sentido, discursar sobre o Tocantins leva-nos ao entendimento de heterogêneos núcleos populacionais, procedentes das constantes migrações (com supremacia dos maranhenses) e dos deslocamentos de seus habitantes.

Mais recentemente, as fronteiras territoriais e os incentivos governamentais para o povoamento da Amazônia legal fizeram que novos grupos se deslocassem de seus estados de

origem para o Tocantins e para outras localidades da região nortista. Segundo estimativas censitárias, aproximadamente 40% de sua população é migrante, principalmente procedentes de Goiás e do Maranhão (CUNHA; BAENINGER, 2000).

Além da presença migrante interestadual, outra característica é constante na população do atual Tocantins: os deslocamentos dentro do território, configurando-se em um quase nomadismo de seus habitantes. São frequentes as dispersões internas, sobretudo após a construção da BR-153, no século XX, cujas cidades em seu entorno, populosas, abrigam os antigos moradores das chamadas “cidades tradicionais”, localidades que, nos primórdios, atuaram como entrepostos comerciais, arraiais ou postos de defesa do território, das quais podemos destacar Natividade, Paranã, Arraias, Dianópolis, Porto Nacional, dentre outras, em sua maioria, situadas à sudeste.

Em termos dialetais, essa relação plural já havia sido notada por Antenor Nascentes, em sua obra “Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil” (1958-1961); o autor propõe seis (6) localidades a serem pesquisadas, hoje situadas no Tocantins, mas que, na época, pertenciam ao território goiano, a saber: 574 – Palma (Bom Jesus da Palma – atual Paranã); 576 – Peixes; 577 – Porto Nacional; 578 – Pedro Afonso; 579 – Pedra de Amolar (vila situada entre Ponte Alta e Mateiros, no Jalapão) e 580 – Tocantinópolis.

Na proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), o então Norte goiano, atual Tocantins, desempenharia ponto de transição entre três falares: Amazônico, Nordestino e Baiano, além de pertencer, em sua faixa sudoeste, ao território incaracterístico, mais recentemente denominado “multivarietal” (CUBA, 2015).

Contemporaneamente, dos pontos propostos por Nascentes (1953), o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) contemplou uma localidade no Tocantins: Pedro Afonso e inseriu Natividade, pois, dentro do estado, é a primeira cidade tombada pelo IPHAN – Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e sua fundação remonta ao ano de 1734, em virtude do ciclo mineratório. O ALiB optou por não incluir a capital Palmas, “por ser uma cidade ainda em formação, sem habitante aí nascido” (ALiB, 1997).

Sobre os três falares elencados por Nascentes (1953), e cujas fronteiras perpassam o território tocantinense, Ribeiro (2012) por meio do uso dos dados coletados em Natividade e em Pedro Afonso pelo ALiB, ratifica a área do falar Baiano com análises versadas no campo semântico dos brinquedos e das brincadeiras infantis, caminho esse também trilhado por Saraiva (2013) quanto ao falar amazônico.

Além do ALiB, outro trabalho englobando quatro estados – Rondônia, Mato Grosso, Goiás e Tocantins – foi realizado por Cuba (2015); trata-se do “Atlas Linguístico do Território

Incaracterístico” e, segundo a autora, esse espaço não pode mais ser tido como ausente de características dialetais, mas uma zona multivarietal, na qual atuam diferentes normas linguísticas, provenientes dos grupos migrantes que atuaram e continuam atuando nesse ambiente.

Mesmo após a evidenciação dos três importantes trabalhos (RIBEIRO, 2012; SARAIVA, 2013; CUBA, 2015) que visam averiguar a manutenção ou não das áreas outrora propostas, cujas linhas demarcatórias perpassam o espaço que nos propomos a analisar, o Tocantins, a lacuna ainda reside no fato de que as localidades utilizadas pelas autoras são diminutas e não abarcam todas as regiões tocaninenses.

Assim, pelo exposto e pelo cenário diversificado que compõe o atual estado, surgiu a motivação inicial para a feitura de um trabalho que propõe a descrição dialetal por meio de um Atlas Linguístico no Tocantins. Essa motivação se constitui, primeiramente, por um interesse dialetológico em verificar e constatar se há um falar tocaninense típico ou se o estado apresenta um híbrido linguístico, resultado de intensas migrações. Além disso, interessou-nos investigar como atua o sistema linguístico dessas populações de caráter mais local em contraste com os migrantes que habitam o Tocantins. Destacamos também que, por se tratar de um estado novo, há poucas pesquisas dialetológicas<sup>1</sup> com enfoque para a diversidade da língua portuguesa. Os raros trabalhos sociolinguísticos no Tocantins têm abordagem prioritária para as línguas indígenas presentes na região.

Em função do contexto plural que compõe o cenário linguístico e social tocaninense, adotamos as vertentes teórico-metodológicas da Dialetologia Pluridimensional, na perspectiva de aliar o contexto areal aos aspectos sociais dessa população. A principal dimensão adotada na execução deste trabalho é retratada como diatopia-cinética, cujo parâmetro binário de análise é o contraponto entre a topoestática e a topodinâmica, ou seja, o contraste dialetológico entre o falar dos informantes nascidos nas localidades de pesquisa e o dos não nascidos.

Diante das colocações supramencionadas, considerando o universo de pesquisa e o contexto linguístico, não ficaríamos imunes à tentativa de responder às seguintes inquietações, assim como à formulação de hipóteses para o trabalho:

a) Tinha Nascentes (1958; 1961) razão quando dividiu o território que compreende o atual Tocantins em falares *amazônico*, *nordestino* e *baiano*, além de inseri-lo na área denominada como *incaracterística* e, atualmente, multivarietal (CUBA, 2015)? Pesquisas recentes, como as de Ribeiro (2012), de Saraiva (2013) e de Cuba (2015), ratificam, em grande

---

<sup>1</sup> Foram consultadas as seguintes fontes para este trabalho: Currículos Lattes, site das Universidades e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

parte, a área outrora definida. Sendo assim, entendemos que o Tocantins atuaria, de fato, como ponto de transição entre os falares.

b) Há uma norma tipicamente tocantinense ou há um hibridismo linguístico, resultado das intensas migrações e deslocamentos presentes desde os primórdios no território? Em função do contexto migratório atuante no espaço de pesquisa, por um lado, acreditamos que esse território apresenta-se como um misto dialetal, agindo sobre ele diferentes normas, procedentes do Nordeste, do Centro-Oeste e do próprio Norte. Por outro, há interesse na investigação do comportamento dialetal dos espaços mais antigos do atual Tocantins, pois, possivelmente, há nele algum indício de norma local vinculada às sinuosidades históricas de formação.

c) Quais variedades linguísticas estão mais presentes no Tocantins? Presumidamente um misto, sobretudo procedente dos falantes das regiões limítrofes: Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

d) Se identificadas as modalidades dialetais, oriundas dos dois diferentes grupos, topoestáticos e topodinâmicos, quais relações elas exercem: covariação ou se excluem mutuamente? Pesquisas recentes têm identificado que o migrante nem sempre encontra um terreno linguístico fértil, em que sua modalidade de origem é bem aceita na nova comunidade. Nesse caso, importa-nos averiguar como se dá a existência dos diferentes grupos dialetais atuando nesse mesmo espaço.

Para a retificação ou a ratificação de nossas hipóteses, nesta tese, temos o seguinte objetivo geral: elaborar o Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO), com vistas prioritária em dois níveis da língua: fonético e lexical.

A escolha do título, que apresenta termos procedentes de nossa seleção metológica – topoestático e topodinâmico –, presta-se a evidenciar o caráter contrastivo da obra, que visa à coleta sistemática nas duas vertentes citadas. Aliados aos preceitos do primeiro escopo, estão os objetivos específicos, a saber:

- (1) Descrever a realidade dialetal tocantinense, com enfoque nas dimensões interindividuais, tais como as variáveis diassexuais, diageracionais, diatópico-topoestáticas e diatópico-cinéticas, consideradas na perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional.
- (2) Verificar a interinfluência exercida pelos dois grupos, tanto topoestáticos quanto topodinâmicos, que compõem o cenário linguístico do Tocantins.
- (3) Mapear os dados, com vistas às análises que permitam verificar as influências que grupos detentores de instabilidade migratória imprimem no falar autóctone.

- (4) Identificar possíveis isoglossas, a partir dos dados mapeados, e respectiva relação com a história social do Tocantins e da formação étnica da população.

Fundamentamos a escolha desses propósitos específicos tendo em vista que, possivelmente, no Tocantins, atuam diferentes normas linguísticas, decorrentes das migrações antigas e recentes. Assim, nosso princípio norteador partiu da análise das influências dos processos migratórios, da mobilidade interna da população, associadas à formação étnica na configuração do falar dos tocantinenses, a partir da cartografia geolinguística. Do mesmo modo, presumimos a possibilidade de que a ótica histórica e social da população pode transparecer na superfície cartográfica, formando áreas dialetais concernentes aos princípios descritos.

Para o alcance dos objetivos traçados, nossa metodologia seguiu as diretrizes sugeridas pela Dialetoлогия Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998), cujo expoente encontra-se no contraste entre os falares de informantes topoestáticos com topodinâmicos. Para essa finalidade, realizamos inquéritos linguísticos em 12 localidades tocantinenses, junto a 96 informantes, estratificados pelas seguintes concepções interindividuais: sexo, idade e mobilidade dentro do espaço de pesquisa. Além das variáveis extralinguísticas recolhidas de forma sistemática, houve a coleta de comentários intraindividuais nas dimensões contactual/dialingual, diafásica e diarreferencial, usadas para corroborar as apreciações.

O trabalho estrutura-se no seguinte molde: após a parte introdutória, apresentamos o capítulo 2, que descreve a formação das bases sociais e populacionais do território de pesquisa, assim como os dados censitários sobre os tipos de migrantes que compõem o mosaico tocantinense.

Em seguida, no capítulo 3, pormenorizamos as bases teóricas que adotamos no trabalho, as variáveis apuradas pela Dialetoлогия Pluridimensional, bem como o contraste entre alguns trabalhos que utilizam a referida vertente.

O capítulo 4 indica as diretrizes metodológicas que nortearam a execução do trabalho: a formação da rede de pontos, o perfil dos informantes, o instrumento de coleta e a construção da base de dados que originaram, além do tomo II, a análise no capítulo seguinte.

O capítulo 5 trata da análise dos dados; nele, realizamos apreciações fonéticas e lexicais. Ainda dentro dessa divisão, inserimos possíveis interpretações para o comportamento dialetal dos informantes topoestáticos e topodinâmicos, considerando as nuances sociais e geográficas descritas ao longo da tese, além de demonstrar o estado dividido em duas frentes dialetais: áreas A e B.

Por fim, o capítulo de encerramento retoma nossas hipóteses e objetivos formulados anteriormente e fornece a visão panorâmica do trabalho aqui disposto.

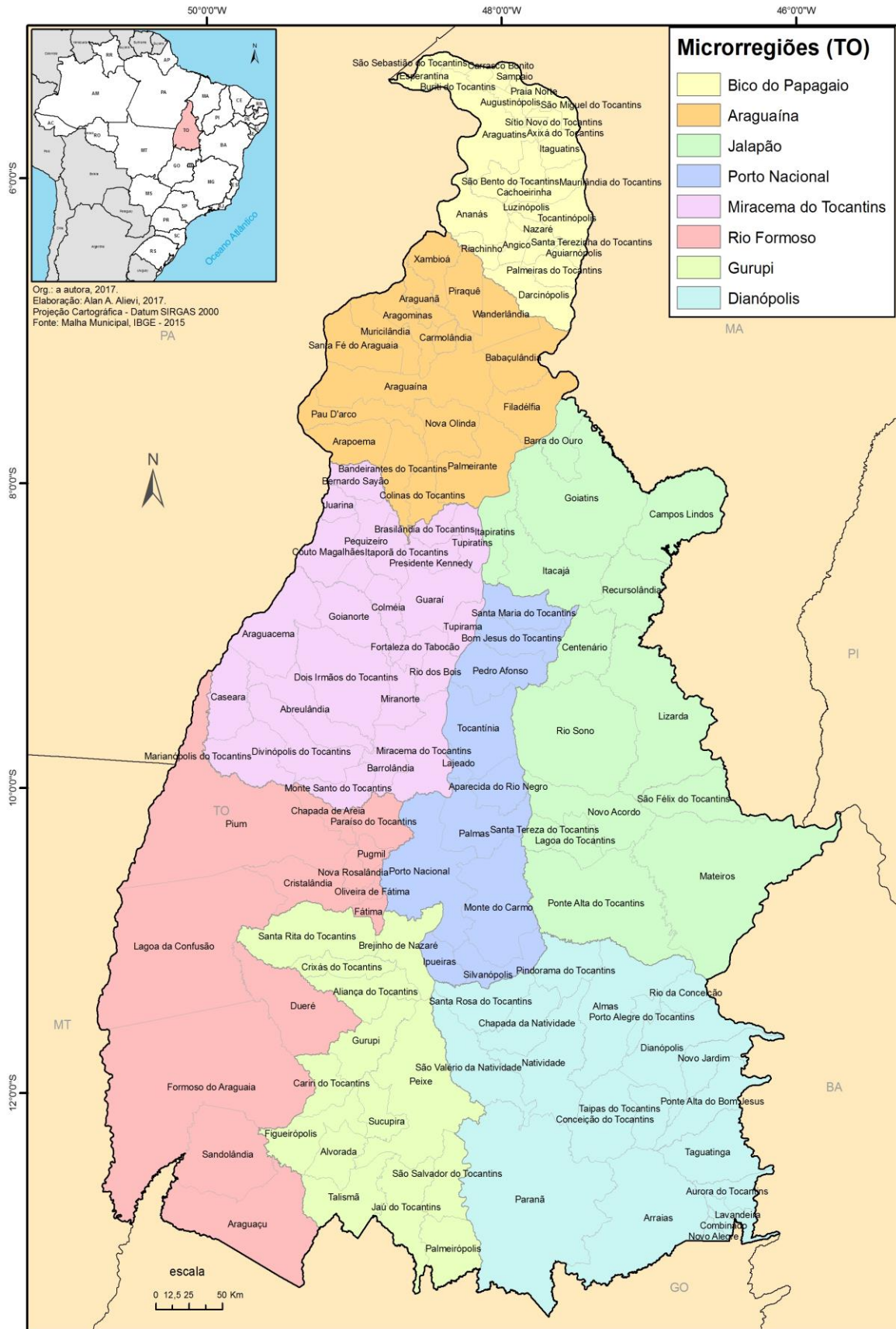
## **2 FORMAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DO TOCANTINS**

O Tocantins, criado em 05 de outubro de 1988, é considerado o mais recente estado da Federação brasileira. Seu desmembramento de Goiás ocorreu, sobretudo, por forças políticas, articuladas por movimentos separatistas providos no território. Embora essa divisão seja relativamente recente, havia o desejo de independência por parte do Norte do então estado de Goiás desde o século XIX (PARENTE, 2007; PALACÍN; MORAES, 2008), em decorrência dos aspectos econômicos e pelas diferenças culturais da população nortista em comparação com os sulistas.

Atualmente, o Tocantins possui 139 municípios, com uma população total de 1.532.902 habitantes. Faz fronteira com os estados do Pará, do Maranhão, do Piauí, da Bahia, de Goiás e do Mato Grosso. Sua capital, Palmas, foi fundada oficialmente em maio de 1989, após desmembramento de terras pertencentes à cidade de Porto Nacional, e concentra o maior contingente populacional: 265.000 habitantes (IBGE, 2017).

Oficialmente, o território tocantinense é dividido em oito microrregiões: Araguaína, Bico do Papagaio, Dianópolis, Gurupi, Jalapão, Miracema do Tocantins, Porto Nacional e Rio Formoso, conforme cartograma que ilustra as regiões administrativas.

**Figura 01 - Mapa das divisões administrativas do Tocantins – TO**



Fonte: Elaboração de Alan A. Alievi.

Os antecedentes do que hoje se tornou o Tocantins remontam ao entendimento do que foi a sociedade colonial brasileira e a Capitania<sup>2</sup> de Goiás, instituída no século XVI e relacionada, inicialmente, à capitania de São Paulo até 1744. O território tocantinense, à época pertencente a Goiás, foi desbravado por Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, e alcançou seu apogeu com o ciclo do ouro no período do Brasil-Colônia, dando início à ocupação da região.

A esses primeiros bandeirantes somam-se os autóctones indígenas de aproximadamente 20 etnias distintas e, posteriormente, os africanos trazidos para os trabalhos no garimpo e os muitos migrantes, oriundos dos diferentes estados brasileiros, fazendo que o território goiano, principalmente sua parte norte, desde seus primórdios, apresentasse diversificação econômica, étnica e cultural, decorrentes do isolamento das localidades nortistas e, conseqüentemente, de sua população.

Pesquisadores como Salles (1992) comparam a história de Goiás e do Tocantins com a de todas as capitanias instituídas no Brasil Colônia, a partir de século XVI, sobretudo no fator ocupacional e econômico:

A história econômica de Goiás traça um quadro que parece comum a todas as épocas de conquista e povoamento: a primeira fase, de grandes feitos e lutas, de guerra aos gentios e procura de fontes de riqueza; a segunda, de exploração e formação de povoamentos incertos, muitas vezes provisórios; um terceiro momento, o trabalho agrícola, da fixação da propriedade rural e do labor artesanal, índice de futuros núcleos manufatureiros ou industriais (SALLES, 1992, p. 14).

As três fases que a autora utiliza para delinear a história econômica na época das conquistas e dos povoamentos em Goiás orientam o presente capítulo. Dessa forma, iniciamos com a apresentação dos primeiros habitantes e dos colonizadores. Em um segundo momento, discorreremos sobre a formação dos primeiros povoamentos, comumente atrelados ao ciclo do ouro na região e ao acesso pelos rios Araguaia e Tocantins. Ainda com relação à fixação dos povoamentos, apresentaremos os fatores históricos e sociais que levaram à separação entre as regiões Norte e Sul goianas, dando origem ao Tocantins. Por último, elencamos os principais aspectos culturais presentes no estado, frutos dos contatos migratórios, sejam com os estados limítrofes ou mesmo decorrentes das feições históricas e geográficas inerentes ao próprio território.

---

<sup>2</sup> Sistema de colonização adotado pelo governo português, no qual se forneceram terras para terceiros. Esses donatários tinham como função explorar a terra e buscar o lucro para a Coroa portuguesa. No Brasil, ao todo, foram distribuídas 15 capitanias para pessoas vinculadas ao reino ou importantes militares (AZEVEDO, 1999, p. 87).

## 2.1 OS PRIMEIROS HABITANTES E OS COLONIZADORES

Os relatos, principalmente os de viajantes, destacam que os primeiros habitantes do território goiano foram os índios. Entendemos o conceito de “colonizadores” como os grupos cujo intuito era o de se fixar à região, pois muitos foram os que atuaram no território com finalidade apenas de extração de riquezas ou da preia de índios para trabalhos em outras localidades.

À época do descobrimento do Brasil, a maioria dos contatos entre colonizadores e grupos autóctones eram realizados com os nativos da etnia tupi, que habitavam a costa brasileira. Os tupi intitulavam outros grupos indígenas de tapuias, ou seja, índios que não falavam línguas oriundas do tronco linguístico tupi e habitavam o sertão brasileiro.

Os tapuia são descritos por missionários como “ferozes” pelo seu comportamento hostil para com os colonizadores. Essa classificação encontra-se fundamentada nas diferenças culturais entre os tupi da costa e os tapuia do sertão, aqueles considerados mais propensos ao aldeamento<sup>3</sup>, estes mais resistentes à aproximação do homem branco (PALACÍN; GARCIA; AMADO, 1995).

Faltam evidências seguras que descrevam quantos grupos indígenas viviam na Capitania de Goiás em seus primórdios, mas, pelos relatos de cronistas, como os de Silva e Souza, em 1812, e do pesquisador Giraldi, em 2004, esse número chegava a mais de 20 grupos diferentes, dos quais podemos destacar os seguintes: Caiápós, Xavantes, Goyazes, Crixás, Araés, Canoeiros, Apinagés e Capuxis (SILVA e SOUZA, 1978 [1812]; GIRALDIN, 2004).

Das etnias citadas, havia, no então Norte goiano, principalmente às margens dos rios Araguaia e Tocantins, os seguintes povos: os Avá-Canoeiro (sudoeste); os Akroá e Xabri (sudeste); os Xavante (centro-oeste); os Xerente: (centro-sul); os Nhyrkwâjê (norte); os Krahô (norte); os Apinajé (extremo norte); os Karajá (noroeste) (GIRALDIN, 2004).

Do contato com o colonizador, principalmente após as primeiras bandeiras, foram inúmeras as guerras por territórios e as tentativas de aldeamento dos índios, constituindo uma mútua relação hostil entre autóctones e desbravadores. Havia, de certo modo, por parte da Monarquia, o interesse em, primeiramente, tentar uma aproximação pacífica com os índios mais audazes, mas essa política nem sempre surtiu o efeito esperado (PALACÍN; MORAES, 2008).

---

<sup>3</sup> Povoação de índios com direção ou administração exercida por missionários ou autoridades leigas (HOUAISS, 2009).

Além dos índios, havia dois tipos de grupos que frequentavam a região: os missionários, em busca de índios para as atividades agropastoris e catequéticas em aldeias estruturadas na Amazônia, e os bandeiras, cujo intuito era prear os índios e levá-los para o trabalho no comércio açucareiro do Nordeste, na lida com as minas ou no serviço pastoril. Apesar de frequentarem a região, ambos os grupos – missionários e bandeiras – não tinham o intuito de se fixar no território.

É importante ressaltar que, em Goiás, agiram dois tipos de bandeirantes. O primeiro grupo atuou durante o século XVII e tinha o objetivo de capturar os índios para suprir a mão de obra escrava. O segundo núcleo bandeirante agiu a partir do final do século XVII e no início do século XVIII e buscava encontrar ouro e metais preciosos (PARENTE, 2007, p. 37).

A partir do final do século XVII, foi considerável a passagem do segundo grupo de bandeirantes: aqueles que buscavam nos sertões os metais preciosos (PARENTE, 2007). Com esse objetivo, aliado ao interesse em habitar novas terras, segundo Palacín e Moraes (2008), o primeiro bandeirante a conquistar o território de Goiás foi Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como o Anhanguera-filho<sup>4</sup>, saindo de São Paulo em 03 de julho de 1722, após concedida a licença Real para tal empreitada.

A expedição era formada pelo próprio Anhanguera, Domingos do Prado e João Leite da Silva Ortiz, além de numerosos outros homens. Durante a viagem, muitos morreram e outros retornaram a São Paulo. Os homens que restaram, juntamente com Anhanguera, vagaram pelo sertão durante três anos até encontrar o ouro na cabeceira do rio Vermelho (atual cidade de Goiás).

Em outubro de 1725, os bandeirantes retornam a São Paulo com notícias de “cinco córregos auríferos com minas tão ricas quanto às de Cuiabá” (PALACÍN; MORAES, 2008, p. 22). Bueno (Anhanguera), agora com o título de Superintendente das minas, organiza nova expedição para o sertão goiano e desse fato decorre a ocupação da região com a criação de vários arraiais<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Relata-se que Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera-pai, saiu de São Paulo rumo aos sertões em 1682 e, tendo passado pelas terras de Goiás, deparou-se com a tribo indígena Goyá. Segundo a lenda, as índias estavam adornadas com ouro, e o bandeirante perguntou-lhes onde poderia encontrá-lo. Não obtendo a localização do ouro, Anhanguera pôs fogo em uma tigela de aguardente e ameaçou fazer o mesmo com os rios da região. Conta-se ainda que Anhanguera-filho o acompanhava na expedição e que mais tarde retornou à Goiás para encontrar o ouro descrito pelo pai (FRANCO, 1954).

<sup>5</sup> Povoamentos, normalmente transitórios, de trabalhadores de garimpos e minas (HOUAISS, 2009).

## 2.2 O CICLO DO OURO E A OCUPAÇÃO HUMANA NA REGIÃO

O ciclo do ouro em terras goianas durou apenas 50 anos, mas, a exemplo das minas encontradas em outras regiões brasileiras, trouxe para o território todo tipo de gente em busca dos metais preciosos, favorecendo o surgimento de vários arraiais. Diferentemente do ouro descoberto em Minas Gerais, os metais preciosos no território goiano eram do tipo aluvional<sup>6</sup>, cujas fontes esgotaram-se rapidamente. Tal fato, aliado às dificuldades inerentes do território, fazia que os núcleos populacionais sempre se deslocassem para outras regiões em busca de novas fontes.

Segundo Palacín e Moraes (2008), no período aurífero, foram criadas três zonas populacionais ao longo do século XVIII, a saber: a primeira no centro-sul, com arraiais desconexos no caminho de São Paulo; a segunda localizava-se na região do rio Tocantins, no alto Tocantins ou Maranhão. Consoante os autores, eram as zonas mais densas de povoação e pertenciam à correição<sup>7</sup> do Norte. A terceira situava-se no extremo norte da capitania, entre o rio Tocantins e regiões limítrofes com a Bahia. Tratava-se da parte mais árida do território e as povoações nessas regiões foram dispersas. Nesta última zona populacional, encontravam-se os arraiais de São Félix, Arraias, Cavalcante, Natividade e Porto Real (Porto Nacional). Ao todo, a capitania de Goiás contava com aproximadamente 40 arraiais.

Não há informações precisas sobre o contingente populacional, somadas as três zonas, contudo consta, em registros de impostos, que, em 1736, a população beirava 15 mil pessoas e

[...] o total de estabelecimentos comerciais chegava a 343, incluídas 172 vendas (que comercializavam bebidas e comestíveis) e lojas; isso representava a média de uma loja ou venda para cada 43,2 habitantes, uma proporção só encontrada, à época, em concentrações urbanas (PALACÍN; GARCIA; AMADO, 1995, p. 39).

Sobre os grupos étnicos que habitavam as zonas de mineração, eram constituídos, predominantemente, por homens aventureiros em busca dos metais preciosos. Tratava-se de uma sociedade mestiça, formada por baianos, mineiros, paulistas e reinóis<sup>8</sup>, estes ligados às atividades mercantis. Essa sociedade tinha por característica o nomadismo: fixavam-se em um arraial e, quando esse deixava de produzir, abandonavam-no e buscavam outra fonte mineral (CHAIM, 1987, p. 29).

<sup>6</sup> Tipo de ouro encontrado no vale dos rios.

<sup>7</sup> Região, distrito sob a alçada de um juiz; comarca (HOUAISS, 2009).

<sup>8</sup> O termo designa os portugueses nascidos no reino, em Portugal (AZEVEDO, 1999, p. 299).

Também foi importante a presença de contingente escravo nas minas, desde os primeiros tempos da colonização. Eram negros sudaneses e bantus chegados à Bahia e, posteriormente, enviados à capitania de Goiás. Esses escravos foram os preferidos para o trabalho nas minas, pois já possuíam experiência em mineração adquirida na costa africana. Salles (1992) estima que, em 1735, eram 10.000 escravos; em 1741, aproximadamente 15.000; em 1808, eram 19.185 (SALLES, 1992, p. 235-236).

Outra presença significativa na região foi a dos tropeiros, responsáveis por fornecer elementos indispensáveis ao trabalho: animais, transporte de bens e notícias de outras províncias. Os tropeiros vinham normalmente de São Paulo e foram importantes na manutenção de um comércio entre a costa e o interior do Brasil. O cronista Saint-Hilaire (1975) tipifica bem esse indivíduo presente nas capitanias:

A pouca distância de Corumbá eu tinha encontrado uma numerosa tropa que se dirigia a Cuiabá. [...] Conversei com o mercador a quem pertencia essa tropa e ele me disse que era composta de sessenta bestas de carga. Levava também uma dúzia de molecotes da Costa da África, e estava vindo de São Paulo [...] Os paulistas que empreendem essas intermináveis viagens através do sertão devem forçosamente ter conservado alguma coisa do espírito aventureiro e da perseverança de seus antepassados (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 120).

Com o movimento típico de diferentes grupos pelo sertão, outro problema enfrentado pela Coroa portuguesa era o contrabando do ouro e a compra de manufaturas provenientes da Bahia, comércio esse realizado no Norte da capitania, possivelmente pela menor fiscalização nessa região. Para sanar o contratempo e manter o pagamento de impostos sobre o ouro retirado, a Coroa instituiu medidas para conter o contrabando por meio do Alvará de 27/10/1733. As principais atitudes foram as seguintes:

Fechamento dos caminhos, mantendo aberto apenas um, onde se fazia severa fiscalização; proibição da navegação do Tocantins, proibição esta que trouxe, como consequência imediata, o trancamento das relações centro norte, o isolamento das minas e a decadência e morte de diversas povoações localizadas na zona daquele rio e seus afluentes (CHAIM, 1987, p. 31).

A proibição da navegação no rio Tocantins produziu ainda mais retraimento para o Norte do território goiano, que se desenvolveu de forma lenta e precária nos anos seguintes, o que culminará, no século XIX, na divisão da capitania em duas comarcas, a pedido de autoridades que viviam no Norte de Goiás.

Os grupos que ocupavam os arraiais do Norte goiano, segundo Parente (2007, p. 63), eram heterogêneos. A pesquisadora, por meio de levantamentos históricos, ressalta que a população branca, em 1804, era de apenas 7,4% e quase todos habitavam Cavalcante, sede da comarca do Norte. Eram comuns os cruzamentos de brancos com índias e escravas, dando origem a uma população de mestiços, número que chegou, no final do século XVIII, a representar 31% da população.

Com a decadência do ciclo da mineração, algumas regiões foram completamente abandonadas. As populações que se mantiveram em solo goiano dedicaram-se às atividades de subsistência, tais como a criação de gado e a lavoura, ocupações muito rudimentares. Palacín e Moraes (2008) descrevem que os hábitos culturais dos brancos foram esquecidos e as populações adquiriram os costumes dos “selvagens”, incluindo o não uso de roupas e do sal, situação decorrente da precariedade da região (PALACÍN; MORAES, 2008, p. 74).

Para levar progresso à decadente área, o príncipe regente Dom João VI instituiu algumas disposições na tentativa de estimular a produção e o comércio no local. Dentre elas, podemos destacar a autorização para navegação nos rios Tocantins e Araguaia e a construção de presídios<sup>9</sup> de defesa às margens dos dois rios. Entretanto, mesmo após as tentativas de incrementar lavouras às margens dos rios e de relações comerciais com outros estados, como, por exemplo, Grão Pará (atual Pará), o território do Norte goiano, principalmente, continuou em profunda crise ao longo do século XIX (PALACÍN; MORAES, 2008).

Além do incentivo à navegação, a Monarquia tentou estimular a agricultura, atividade considerada pelos homens do sertão como desdenhosa. O desprezo dos antigos mineradores pelos trabalhos agrícolas, na visão de Mattos (1979), acentuou a miséria na região: “acha-se o maior desprezo e abatimento [...]. Parece que muitos homens aborrecem aquilo mesmo que é a origem da sua existência, e principal base de sua sustentação. Inventando pretextos frívolos com que encobrem sua preguiça [...] não querem trabalhar” (MATTOS, 1979, p. 75).

É nesse cenário econômico e geográfico que alguns capitães-generais reivindicaram a separação da capitania. O movimento separatista foi encabeçado pelo ouvidor da comarca do Norte goiano, Theotônio Segurado, culminando, em 1821, em um governo provisório em Cavalcante, que se intitulava independente da Comarca do Sul. Com a desaprovação de Dom Pedro I, o Norte goiano não conseguiu sua independência e os movimentos separatistas foram suprimidos.

---

<sup>9</sup> Tipo de fortificação utilizada para defesa de um território (BOTELHO; REIS; 2003, p. 142).

Theotônio Segurado, para propor a separação entre Norte e Sul, baseou-se, além dos aspectos econômicos, nas diferenças sociais e culturais das populações da região: o Sul estava atrelado a uma identificação mineiro-paulista, enquanto o Norte estava ligado aos Currais do Nordeste (CAVALCANTE; KIMURA, 2008). Além disso, essas diferenças foram acentuadas após o declínio das minas, no século XIX, o que causou, substancialmente, a evasão dos núcleos populacionais, transformando as áreas que antes eram garimpos em ambientes rurais, cuja principal atividade econômica era a de subsistência, com pequenas plantações e com a criação de gado.

O panorama desolador instaurado na região só começou a se modificar, pelo menos para a parte sul de Goiás, após a Revolução de 30 e a construção da cidade de Goiânia, considerada um marco econômico para a região. O Sul goiano prosperava, mas o Norte do estado ainda não havia alcançado um desenvolvimento econômico satisfatório.

### 2.3 A DIVISÃO ENTRE AS REGIÕES NORTE E SUL GOIANAS: A CRIAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS

Os fatos que culminaram no movimento e no discurso autonomista do Tocantins não podem ser reduzidos apenas aos episódios descritos no século XX, após a Constituição de 1988. As raízes emancipatórias foram iniciadas ainda no ciclo do ouro e perpassaram todo o século XIX e quase totalmente o século XX, quando finalmente o estado de Goiás foi dividido, dando origem ao Tocantins. O movimento de divisão, desde seus primórdios, foi sempre atrelado ao argumento das diferenças culturais, da localização geográfica e das dificuldades econômicas do Norte em relação ao Sul goiano.

O primeiro embate político, social e econômico entre as duas regiões ocorreu no ciclo da mineração, quando foram instituídos impostos mais elevados para as minas do Norte, com a justificativa de que eram mais rentáveis que as do Sul. Proporcionalmente, as minas sulistas deveriam pagar 6/8<sup>a</sup> e 1,4, enquanto os nortistas deveriam pagar 7/8<sup>a</sup> e 3,4 de toda a produção aurífera (SALLES, 1992, p. 142). Ao contrário do que acreditavam os governantes, as minas e os arraiais do Norte viviam em profunda miséria.

Tal situação fez que eclodissem as primeiras manifestações e protestos por parte da população nortista, o que Palacín (1990) chama de “primeira cisão, nunca de todo reparada, na consciência de unidade do território de Goiás” (PALACÍN, 1990, p. 11). Soma-se aos altos impostos cobrados a enorme distância geográfica entre os dois polos; esse distanciamento, seja

econômico ou cultural, alimentou um sentimento de não pertencimento ao Centro-Sul e aflorou uma regionalidade nortista, o que culminou, anos depois, no movimento separatista.

A situação foi apenas controlada quando foram atendidas algumas reivindicações do Norte, das quais podemos destacar: a redução da taxa de captação, o perdão dos impostos do ano anterior e a criação de uma Intendência de capitação em Traíras<sup>10</sup> para evitar as difíceis viagens ao sul de Goiás (PALACÍN, 1990, p.10). Assim, acatando aos pedidos do Norte e também com a finalidade de amenizar as distâncias geográficas e o conseqüente contrabando do ouro, foram criadas duas casas de fundição<sup>11</sup>, uma localizada em Vila Boa (Goiás Velho), em 1751, e outra em São Félix<sup>12</sup>, em 1754. Na explicação de Cavalcante:

Desse modo, foi o fator geográfico que pesou na escolha do arraial de São Felix para a instalação dessa casa, ou seja, a sua posição central, pois, do ponto de vista econômico, não tinha significação alguma. Esse investimento deixou claro o desligamento inter-regional entre o Norte e o Centro-Sul, pelo menos em termos de relação econômica, porque, no aspecto político-administrativo, a região continuava vinculada à Vila Boa e, portanto, sob o controle do Governo da Capitania (CAVALCANTE, 2003, p. 24).

No entanto, após, aproximadamente, 50 anos, devido à baixa produção do ouro, tanto no Norte quanto no Sul goiano, ambas as casas de fundição foram extintas, fazendo que as duas localidades que as abrigavam ficassem esquecidas nos anos seguintes.

Em 1809, com a tônica do movimento em prol da separação do território, a província de Goiás foi desmembrada em duas comarcas: a do Sul e a do Norte, esta última situada em São João das Duas Barras (atual Marabá/Maranhão). Instituiu-se Theotônio Segurado como seu ouvidor que, após verificar a distância de São João das Duas Barras em relação aos outros julgados<sup>13</sup> mais povoados, solicitou a D. João VI construir a sede da comarca em São João da Palma (atual Paranã/Tocantins).

Theotônio Segurado é descrito pelos relatos dos viajantes e dos historiadores contemporâneos como um homem visionário, perspicaz e ativo, sobretudo em relação a uma possível separação do Norte e também no que subjaz à economia nortista da capitania. Como medidas econômicas para melhoria do Norte, ele instituiu como ponto de partida o estímulo à agricultura e ao comércio, principalmente com o Pará, por meio dos rios Araguaia e Tocantins, além do incentivo ao povoamento das margens desses dois rios e a isenção de dez anos do pagamento dos dízimos (CAVALCANTE, 2003).

<sup>10</sup> Localidade extinta que ficava próxima à cidade de Niquelândia, Goiás.

<sup>11</sup> “Local onde todo o ouro extraído das minas deveria ser recolhido, fundido e depois deduzido a quinto, reduzidos a barras de ouro marcadas com Selo Real” (BOTELHO; REIS, 2003, p. 39).

<sup>12</sup> Localidade também extinta.

<sup>13</sup> Divisão territorial sobre a qual tem jurisdição o juiz ordinário (HOUAISS, 2009).

Rapidamente, Segurado chamou a atenção de lideranças, destacando-se no cenário político. Influenciado pelo período histórico, em que eclodiam os movimentos nacionalistas brasileiros, instituiu, em 1821, o Governo provisório em Cavalcante, ou seja, uma estrutura governamental totalmente desvinculada do Sul da província. Esse foi o marco inicial do movimento de separação, muito embora, posteriormente, o movimento tenha sido reprimido e o Norte tenha voltado a se reportar ao Sul goiano.

Somente nas últimas décadas do século XIX, a imprensa local, sobretudo os jornais *Folha do Norte* e *O Norte de Goiás*, ambos localizados na cidade de Porto Nacional, destacam o desejo de uma separação definida em relação ao Sul. Para isso, lançam críticas à situação político-administrativa da região, mas, neste momento, as articulações políticas ainda não eram suficientemente fortes para alcançar a divisão.

No século XX, em 13 de maio de 1956, em Porto Nacional, foi lançado o movimento intitulado “Pró-Criação do Estado do Tocantins”, organização registrada na Câmara Municipal da cidade. Simbolicamente, com o movimento, criou-se a bandeira do estado do Tocantins, com o dizer “velo”, remetendo ao *slogan* presente nas casas de Porto Nacional: “Não paro, não durmo... Velo” (CAVALCANTE, 2003, p. 82). Também por ocasião do movimento, foi lançado o jornal *O Estado do Tocantins*.

**Figura 02** - Foto do acervo particular do Dr. Feliciano M. Braga, Porto Nacional, 1956



**Fonte:** Cavalcante (2003, p. 138).

A década de 1970 do século XX foi marcada pelos discursos eufóricos em prol da divisão do estado, sobretudo por parte do deputado Siqueira Campos, que destacou as potencialidades nortistas quanto à agricultura e à pecuária. Nessa época, houve melhora

significativa na economia da região, a partir da inauguração da rodovia Belém-Brasília, conhecida como BR-153 ou Transbrasiliana, que ligava o Norte ao Centro-Sul do então estado de Goiás.

No citado período, novas questões autonomistas vieram à tona quando autoridades federais aprovaram a divisão do estado do Mato Grosso em duas unidades: o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul, fornecendo jurisprudência ao movimento separatista tocantinense, encabeçado por políticos e intelectuais.

Em 1981, os pró-separação fundaram a Comissão de Estudos do Norte Goiano (CONORTE), cuja reivindicação era “a necessidade de divisão do Estado, para que pudesse ser melhor [*sic*] administrado e fosse integrado ao processo de desenvolvimento regional” (CAVALCANTE, 2003, p. 111).

Aproveitando o momento político, lideranças separatistas e populares redigiram um documento com 80 mil assinaturas favoráveis ao desmembramento do estado. O relator da Subcomissão dos Estados da Assembleia Nacional, Siqueira Campos, entrega ao presidente da Assembleia uma fusão de ementas. A criação do Tocantins foi votada e aprovada em 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Brasileira atual.

#### 2.4 ASPECTOS CULTURAIS, GEOGRÁFICOS E CONTATOS MIGRATÓRIOS NO TOCANTINS

O Tocantins é marcado pela sua heterogeneidade cultural, fruto da colonização, de sua localização geográfica e das intensas migrações ocorridas ao longo dos séculos. A construção de sua identidade linguística e cultural tem suas raízes na edificação e na invenção de um território (BRITO, 2016).

Em diferentes momentos históricos, o Norte de Goiás foi circunscrito pela presença indígena, africana e de mineiros em busca do ouro, fatores esses que fazem com que a cultura tocantinense a descrita como híbrida, “resultado de associações étnicas e de universos culturais produzidos historicamente em contextos econômicos e conjunturas políticas diferenciados” (CAVALCANTE; KIMURA, 2008, p. 97).

Dentro desse universo, podemos perceber ainda um cenário regional sertanejo, como já identificado e descrito por Darcy Ribeiro (2006), no qual a população se dedica ao pastoreio e é reconhecida pela sua “dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo” (RIBEIRO, 2006, p. 339).

As distâncias e as disseminações típicas do sertão fizeram que as populações desenvolvessem características culturais diversificadas, sobretudo relacionadas às festividades religiosas e ao culto aos santos padroeiros, uma vez que, na “convivência vicinal e que se circunscrevia aos vaqueiros da mesma área, o que prevalecia era o isolamento dos núcleos sertanejos, cada qual estruturado autarquicamente e voltado sobre si mesmo, na imensidade dos sertões” (RIBEIRO, 2006, p. 343).

No universo sertanejo descrito, os aspectos geográficos/geológicos podem contribuir para uma possível delimitação das particularidades culturais de dado território. Nesse sentido, o estudo do meio físico está diretamente ligado ao entendimento da forma de vida e sobrevivência de dada população, uma vez que as condições naturais, seja do solo, ou a presença de importantes rios, contribuem sobremaneira para que as populações se fixem em determinadas regiões.

Diégues Junior (1980, p. 28) afirma que o papel dos rios constitui uma via dupla: os rios menores representam a fixação de comunidades ribeirinhas em seu entorno, enquanto os grandes são importantes veios de navegação e descobrimento de outras regiões. Nesse sentido, o território tocantinense e o entendimento de sua cultura não podem ser desvinculados da importância hídrica da região, tendo nos rios Araguaia e Tocantins relevantes meios de transporte ao longo dos séculos.

O rio Araguaia nasce no Mato Grosso e percorre aproximadamente 2.000 quilômetros; demarca as divisas dos estados de Mato Grosso e Goiás, Mato Grosso e Tocantins, Pará e Tocantins. Por seu turno, o rio Tocantins começa em Goiás e corta todo o estado do Tocantins para, finalmente, desaguar no Amazonas. O encontro entre esses dois importantes rios ocorre na cidade de Esperantina, localizada no Bico do Papagaio, região tocantinense do extremo norte.

Foram por esses dois grandes rios que chegaram ao território as primeiras levas de migrantes, principalmente os nortistas, inicialmente para o trabalho nas minas e, posteriormente, para a criação de gado, introduzindo um novo tipo no sertão goiano: o vaqueiro.

Povoados o norte e nordeste de Goiás por levas de nortistas que penetraram desde o século XVIII através dos rios Araguaia e Tocantins, rios estes que construíram ponto de contato da economia pecuarista do sertão com o litoral, a criação de gado modificou a paisagem agreste do norte goiano, pontilhando-a de fazendas de criação (CHAIM, 1987, p. 45).

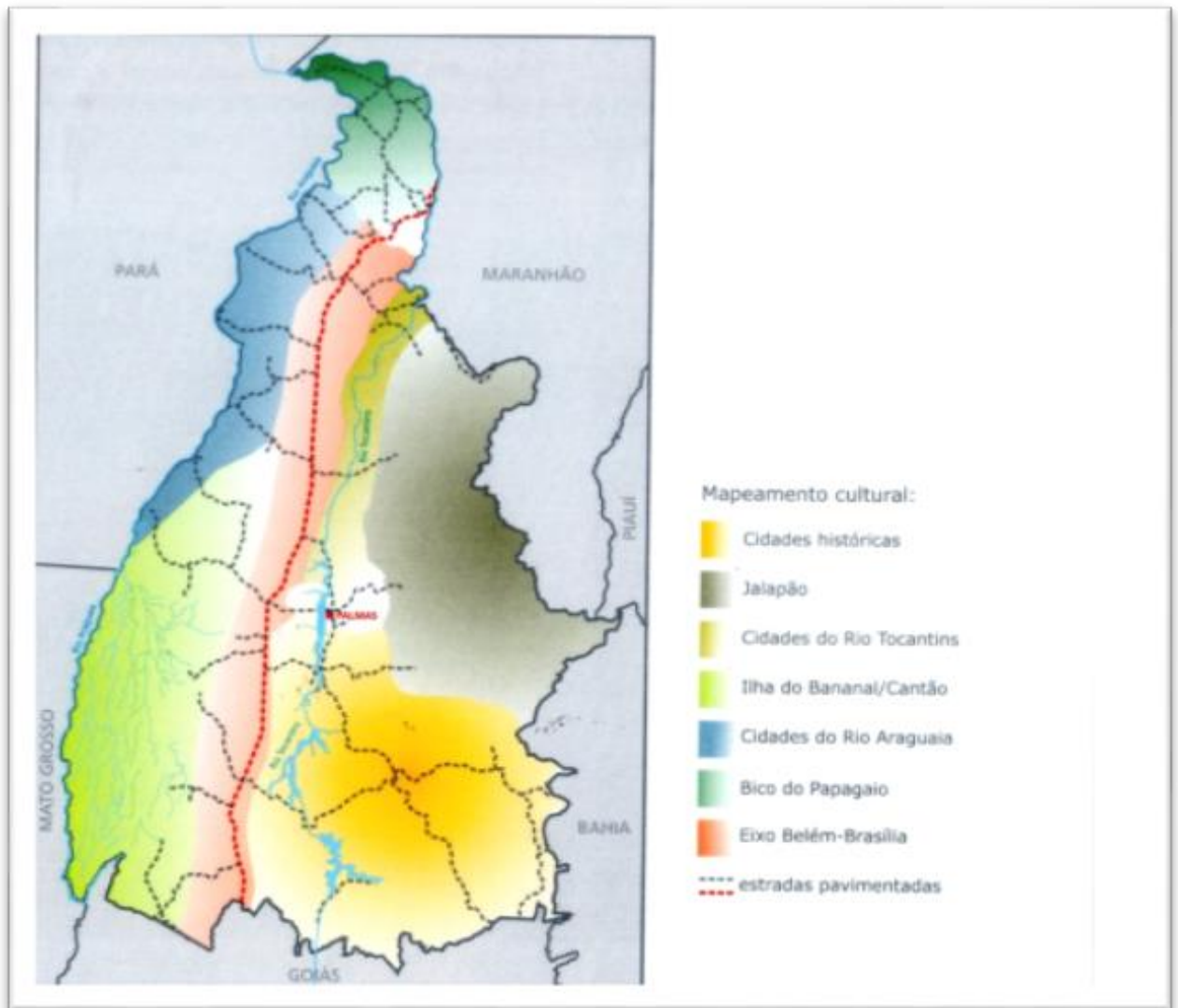
Além da importância dos rios, podemos destacar as áreas de preservação situadas no estado, regiões importantes para a delimitação de uma cultura regional. Segundo Cavalcante e Kimura (2008), no território tocantinense, há três áreas de preservação: i) Região do Jalapão, caracterizada pelos chapadões e seu isolamento geográfico; faz fronteira com Bahia, Piauí e Maranhão; ii) Ilha do Bananal, formada entre os rios Araguaia e Javaé, fronteira com o Mato Grosso e iii) Bico do Papagaio, zona de transição entre cerrado e floresta amazônica; esta última região ultrapassa as fronteiras políticas, pois, dos 66 municípios, 25 estão no Tocantins, 25 no Pará e 16 no Maranhão (CAVALCANTE; KIMURA, 2008, p. 120).

Tais barreiras geográficas e hídricas são, para o pesquisador Teixeira Neto (1993 *apud* CAVALCANTE, 2003, p. 187) determinantes na composição étnica e cultural do Tocantins, pois as levas migratórias provenientes dos estados do Norte e do Nordeste, dadas as distâncias com o centro-sul, assentaram-se no norte goiano. Por outro lado, os migrantes provenientes de São Paulo e de Minas Gerais fixavam-se no Sul goiano, em função das dificuldades de acesso à região Norte. Essa migração procedente de diferentes estados brasileiros fez que as atividades econômicas fossem diversificadas entre Norte e Sul goiano, pois:

[...] o Sul de Goiás muito mais próximo dos caminhos do Sul, e composto pelo Rio de Janeiro e Santos; e o Norte muito mais próximo e muito mais fácil o contato com o Pará que era o Porto de Belém. E esse interesse, é claro, criou mentalidades diferentes. E a atividade que mais caracterizou o Tocantins foi o comércio com o Pará e, depois, é claro, fazendas de gado trazido da Bahia, do Piauí, que se instalava ali nas margens do Tocantins justamente na margem direita, porque a margem direita era o lado povoado do Tocantins (TEIXEIRA NETO, 1993, *apud* CAVALCANTE, 2003, p. 188).

Cavalcante e Kimura (2008), tendo em vista os pormenores geográficos e históricos, relatam a existência de sete regiões culturais presentes no Tocantins, conforme cartograma a seguir.

**Figura 03 - Áreas culturais do Tocantins**



**Fonte:** Cavalcante; Kimura (2008, p. 113).

As autoras destacam que as regiões em torno dos dois rios são diversificadas culturalmente, porque, enquanto o Araguaia encontra-se margeando o oeste do estado, o rio Tocantins permeia o centro do território. Tal fator hídrico fez que as cidades presentes às margens do rio Tocantins criassem uma mentalidade ‘nortense’, pois seus habitantes são mais fixos às localidades:

[...] eram famílias migrantes, vindas de regiões justamente problemáticas do Brasil, o Nordeste, sobretudo Maranhão, Piauí, e ali se criou uma mentalidade que era nortista, que se opunha em hábitos e costumes e até na maneira de encarar as diversidades, de enfrentar. É a rudeza do meio do Norte. O meio era muito mais rude, muito mais difícil, os deslocamentos muito mais penosos, não porque as barreiras fossem maiores que aqui, mas eram menos povoadas e a população tinha como unidade, como elemento de ligação entre elas, o rio

Tocantins (TEIXEIRA NETO, 1993, *apud* CAVALCANTE, 2003, p. 189-190).

Na região marcada no cartograma (figura 3) em amarelo, no eixo “cidades do rio Tocantins”, estão inseridas as principais localidades históricas do território, tais como Natividade, Arraias e Paranã, primeiros arraiais do Norte goiano, de cujas minas foram extraídas o ouro; são as localidades mais antigas do atual estado do Tocantins.

Infelizmente, são precários os dados estatísticos sobre os números e os tipos de migrantes que vieram para cada uma dessas localidades entre o século XVIII até meados do século XX. Em levantamento sobre o tema, Cunha e Baeninger (2000), por meios dos censos, destacam que, para a microrregião de Dianópolis (que abriga as principais cidades históricas), vieram, entre 1970 e 1991, 15.196 migrantes, provenientes, principalmente, de Minas Gerais, de Goiás e da Bahia.

O estudo demonstra que, entre as décadas de 1970 e 1980, 35% vieram de Minas Gerais, 22% da Bahia, 22% de Goiás, 7% do Piauí, do Pernambuco, da Paraíba e do Maranhão, 6% do Distrito Federal, e 5% de São Paulo. Entre o período de 1981 e 1991, houve um aumento no número de migrantes goianos (35%) e a inserção de núcleos procedentes do Sul: Rio Grande do Sul e Paraná (7%) (CUNHA; BAENINGER, 2000, p. 15).

A região do Jalapão (marcada em cinza no mapa de Kimura e Cavalcante) é o território que menos recebeu migrantes nas últimas décadas (0,89% entre 1970 e 1991). Julgamos que esse fato está diretamente atrelado à composição paisagística e geográfica da região, pois, embora faça fronteira com o Piauí e a Bahia, há grande dificuldade de acesso a essa região. Segundo as taxas de migração, foram para a região do Jalapão 4.966 migrantes, provenientes do Maranhão, do Piauí, de Goiás e do Ceará. Contudo emigraram do território, no mesmo período, o total de 7.611 pessoas.

As localidades presentes no eixo da rodovia Belém-Brasília (BR-153) foram as que mais receberam migrantes nas décadas descritas por Cunha e Baeninger (2000). A citada rodovia, inaugurada em 1960, possui 4.355 km e liga a cidade de Açu, no Rio Grande do Sul, a Marabá, no Pará.

Aquino (2004) aponta que, após a construção da rodovia, houve significativo crescimento das cidades em suas margens, uma vez que a população que antes habitava os limiares do rio Tocantins migrou para as margens da estrada. Esse fator é apontado pelo pesquisador como preponderante no esvaziamento das cidades “tradicionais” e um aparente inchaço nos novos municípios em torno da rodovia.

A título de exemplificação, com a utilização de dados do censo do IBGE de 1991 e de 2010, podemos notar a significativa densidade demográfica das cidades próximas à BR-153 em comparação com as localidades mais antigas, conforme quadros a seguir:

**Quadro 01** - As cinco maiores cidades tradicionais do Tocantins – n.º de habitantes - Censo de 1991 e de 2010 (IBGE)

Cidades	N.º de habitantes		População Rural		População Urbana	
	1991	2010	1991	2010	1991	2010
Dianópolis	14.020	19.112	5.611	2.668	8.409	16.444
Arraias	12.899	10.645	7.373	3.274	5.526	7.371
Peixe	12.878	10.384	10.378	5.149	2.491	5.235
Paraná	10.887	10.338	8.947	5.618	1.940	4.720
Natividade	10.339	9.000	5.742	1.805	4.597	7.195
<b>Totais</b>	<b>61.023</b>	<b>59.479</b>	<b>38.060</b>	<b>18.514</b>	<b>22.936</b>	<b>40.965</b>

Fonte: IBGE, Censo de 1991, *In*: Aquino (2004, p. 337); Censo de 2010.

**Quadro 02** - As cinco maiores cidades em torno da rodovia Belém-Brasília – n.º de habitantes - Censo de 1991 e de 2010 (IBGE)

Cidades	N.º de habitantes		População Rural		População Urbana	
	1991	2010	1991	2010	1991	2010
Araguaína	103.396	150.484	18.699	7.559	84.697	142.925
Gurupi	56.741	76.755	4.232	1.755	52.509	75.000
Paraíso	28.840	44.417	4.552	1.944	24.288	42.473
Colinas	21.022	30.838	1.957	1.231	19.065	29.607
Guaraí	20.829	23.200	6.249	2.072	14.580	21.128
<b>Totais</b>	<b>230.828</b>	<b>325.694</b>	<b>35.689</b>	<b>14.561</b>	<b>195.139</b>	<b>311.133</b>

Fonte: IBGE, Censo de 1991, *In*: Aquino (2004, p. 337); Censo de 2010.

Pelos dados fornecidos por Aquino (2004), a partir do Censo de 1991, verificamos que o número de habitantes das cidades próximas à rodovia, quando comparado ao das localidades tradicionais tocantinenses, praticamente quadruplicou. Quase 20 anos depois, no Censo de 2010, esse número continuou a subir; Araguaína, por exemplo, na década de 90, apresentava 103.396 habitantes, chegando, em 2010, a mais de 150 mil. Em posição oposta, dentre as cinco cidades tradicionais, quatro delas apresentam decréscimo de sua população; a cidade de Arraias, por exemplo, no primeiro recenseamento, apresentava 12.899 habitantes, duas décadas depois, computou 10.645.

Também evidenciamos a diminuição significativa do contingente populacional rural em comparação com os núcleos urbanos no segundo quadro. Em 1991, as cidades tradicionais abrigaram sua população predominantemente no campo, realidade essa modificada atualmente, em que a grande parcela da população encontra-se nos núcleos urbanos, fato também evidenciado nas cidades em torno da Rodovia.

Sobre o crescimento populacional que se encontra atrelado à rodovia, destacamos que, no Norte do estado do Tocantins, às margens da BR-153, está localizada a microrregião de Araguaína que, segundo Cunha e Baeninger (2000), entre 1970 e 1991, representou a microrregião que mais recebeu migrantes. Segundo os autores, 73.543 pessoas migraram de seus estados de origem, tais como Maranhão, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Pará, Piauí e Ceará.

Em dados mais recentes, a referida região perde em contingente migratório apenas para a microrregião de Porto Nacional, em decorrência do grande fluxo que atua na capital Palmas. Quanto à origem dos migrantes na região de Araguaína, são provenientes principalmente das regiões Norte e Nordeste<sup>14</sup>.

A região conhecida como Bico do Papagaio também apresenta alta taxa de migração, conforme os dados descritos por Cunha e Baeninger (2000): um total de 46.669 migrantes, predominantemente provenientes do Maranhão, dada a proximidade geográfica entre ambos os estados. No estudo de 2010 (IBGE), o tipo de recenseamento apresenta dados que possibilitam verificar que, nessa região, pelo menos 196.471 habitantes realizaram um movimento migratório, intra ou extraestadual.

Ainda no eixo da rodovia Belém-Brasília, no Sul do Tocantins, há a microrregião de Gurupi, que registrava, em 2000, o total de 30.940 migrantes, oriundos do Maranhão, de Goiás, do Rio Grande do Sul, do Paraná e do Pará (CUNHA; BAENINGER, 2000, p.11). Atualmente, a cidade de Gurupi possui o terceiro maior PIB estadual<sup>15</sup> (IBGE, 2010) e esse crescimento também está atrelado aos movimentos migratórios progressivos, que chegam a 136.673 migrantes, predominantemente das regiões Norte e Nordeste. Quanto aos migrantes sudestinos e sulistas, as estimativas apontam que habitam a região 6.267 e 1.806, respectivamente.

Nesse cenário, destacamos a microrregião de Porto Nacional, que também engloba a capital Palmas, inaugurada em 1989. Entre 1970 e 1980, foram para a microrregião 2.814 pessoas; nos anos seguintes, entre 1981 e 1991, migraram 21.469 indivíduos para essas

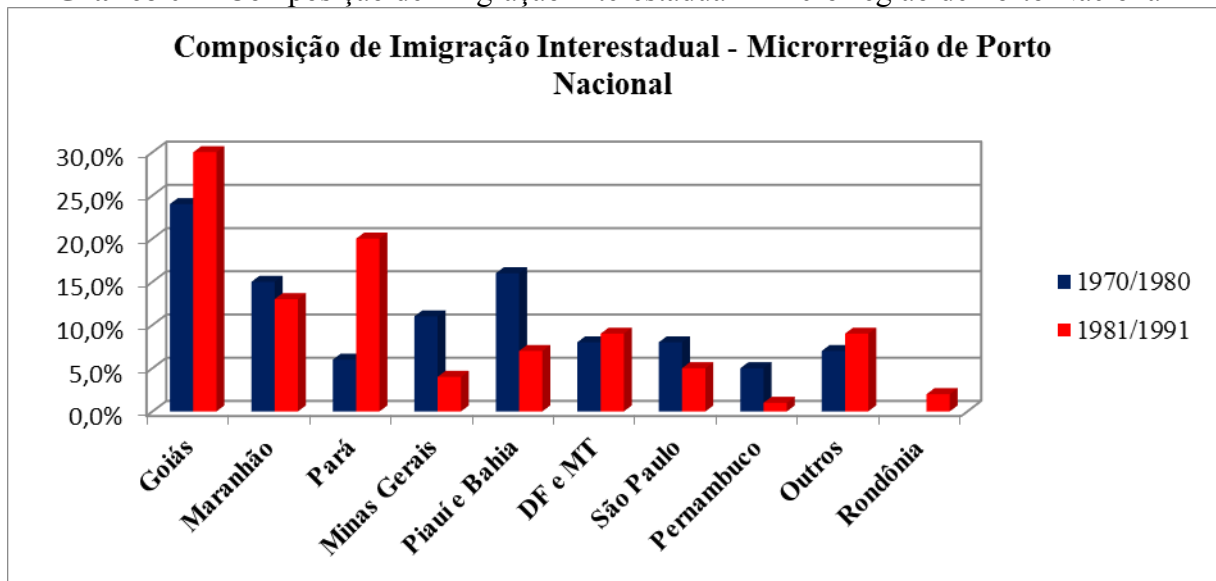
---

<sup>14</sup> O extrato de Censo (IBGE, 2010) não nos permite averiguar o estado de procedência dos indivíduos, apenas a região de nascimento.

<sup>15</sup> O maior PIB do Estado pertence à capital Palmas, seguido pelas cidades de Araguaína e Gurupi (IBGE, 2016).

localidades. Salientamos que Palmas, entre os anos de 2000 e 2010, foi a capital brasileira que mais cresceu em termos populacionais (5, 2%). Segundo o Censo de 2000 do IBGE, 84,1% de seus habitantes são provenientes de outras localidades<sup>16</sup>. Esse aumento significativo do contingente populacional na microrregião pode estar atrelado à construção e à inauguração da capital e a um maior crescimento econômico. As maiores concentrações de migrantes são oriundas do Maranhão, de Goiás, de Minas Gerais e do Pará, conforme gráfico demonstrativo.

**Gráfico 01 - Composição de Imigração Interestadual - Microrregião de Porto Nacional**



**Fonte:** Elaborado a partir de dados retirados de Cunha e Baeninger (2000, p.11).

Ainda em relação a Palmas, o Censo de 2010 demonstra que são predominantes os migrantes do Norte e do Nordeste, incluindo os deslocamentos intra Tocantins. Em terceiro lugar, está o Centro-Oeste, seguido pelo Sudeste e pelo Sul, representando, respectivamente, a menor taxa migratória de estado de procedência para a capital.

Aquino (2004) ressalta que Porto Nacional (cidade que intitula a microrregião) constitui um núcleo à parte em relação ao crescimento verificado, o que incide em sua taxa de migração, uma vez que se encontra distante das margens da Belém-Brasília e, até 1970, não havia trechos que ligassem a referida cidade à rodovia. Além disso, notamos que, em relação a Porto Nacional, foi significativo o percentual de migração intraestadual, representando a terceira maior taxa entre as microrregiões tocantinenses, conforme veremos adiante.

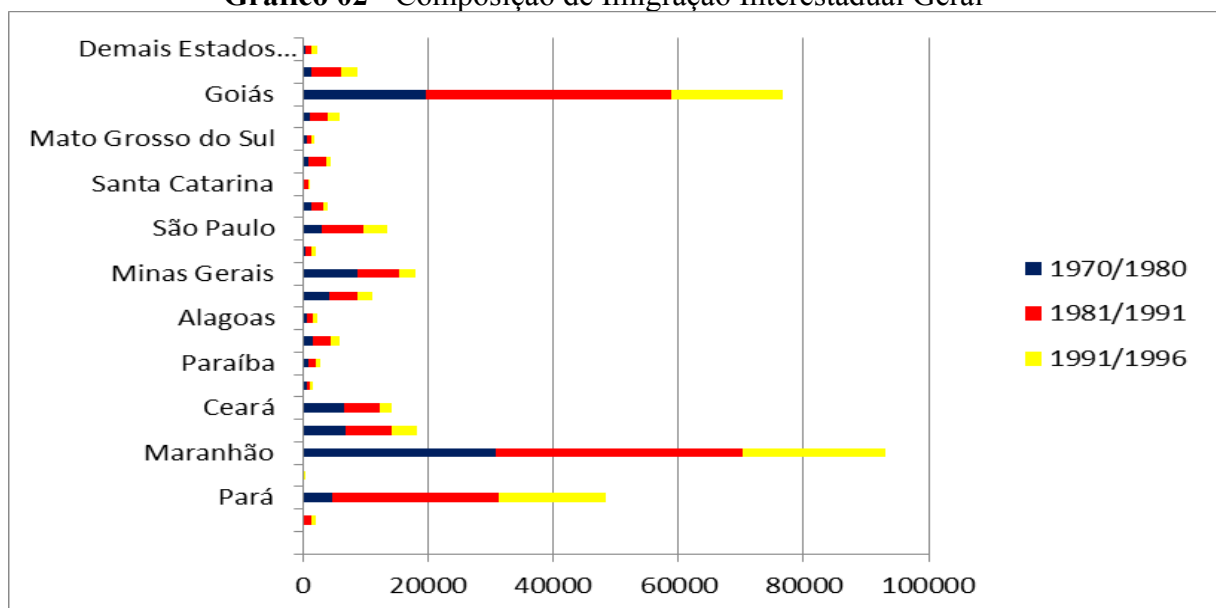
<sup>16</sup> O mesmo estudo cita Paranã como a cidade que menos recebeu migrantes (IBGE, 2000).

Em todas as microrregiões descritas, podemos notar a significativa presença do migrante maranhense, fato também corroborado por Brasil (1997), em seu estudo sobre os fluxos migratórios na região Norte, nas décadas de 70 e 80:

O Tocantins contou com a forte influência da imigração proveniente do Nordeste, com 69%, seguido do Sudeste, com 15%. **Com relação aos nordestinos o fluxo mais importante foi oriundo do Maranhão, que correspondeu a 60% do respectivo total.** Já o Sudeste abasteceu esse Estado com fluxos importantes oriundos de Minas Gerais (68%) e São Paulo (27%) (BRASIL, 1997, p. 67, grifo nosso).

Os percentuais fornecidos por Brasil (1997) decaíram, mas o migrante cuja procedência é o Maranhão representa atualmente o contingente de 138.126 pessoas, seguido dos goianos (87.336) e dos paraenses (37.359) (IBGE, 2010). O aumento do contingente proveniente de Goiás já era apontado pela autora nas décadas de 70 e 80, conforme o gráfico demonstrativo:

**Gráfico 02 - Composição de Imigração Interestadual Geral<sup>17</sup>**



Fonte: Elaborado a partir de dados retirados de Cunha e Baeninger (2000, p. 06).

Os estados limítrofes com o Tocantins representam, nesse cenário, a maior parcela de localidades de origem dos migrantes, como auferimos em relação a Goiás, Bahia, Maranhão e Pará. O Mato Grosso, muito embora faça fronteira com o Tocantins, não apresenta um

<sup>17</sup> Não foi possível inserir dados mais recentes no quadro, pois o Censo de 2010, retirado diretamente da base de dados do IBGE, não permite auferir os estados de procedência dos migrantes, apenas as regiões brasileiras.

contingente populacional migratório substancial, pois, ao longo de três décadas, foram registrados apenas 1.637 migrantes dessa procedência. Em estudos mais recentes, a partir dos censos de 2005 a 2010, a migração oriunda do Mato Grosso representou 2,4% (RAMALHO; FIGUEIREDO, NETO JR., 2016, p. 74), conforme a distribuição das migrações segundo os estados de origem.

**Quadro 03** - Distribuição dos migrantes interestaduais no Tocantins

Regiões brasileiras	Estado de residência em 2005 cujo destino foi o Tocantins	Porcentagem
<b>Centro-Oeste</b> 17,6%	Mato Grosso do Sul	0,6%
	Mato Grosso	2,4%
	<b>Goiás</b>	<b>12,1%</b>
	Distrito Federal	2,5%
<b>Nordeste</b> 13,0%	<b>Maranhão</b>	<b>7,3%</b>
	Piauí	1,7%
	Ceará	0,7%
	Rio Grande do Norte	0,7%
	Paraíba	0,3%
	Pernambuco	0,6%
	Alagoas	0,6%
	Sergipe	0,5%
	Bahia	0,6%
<b>Norte</b> 12,1%	Rondônia	0,7%
	Acre	0,6%
	Amazonas	0,5%
	Roraima	1,2%
	<b>Pará</b>	<b>8,7%</b>
	Amapá	0,8%
<b>Sudeste</b> 2,1%	<b>Minas Gerais</b>	<b>0,9%</b>
	Espírito Santo	0,2%
	Rio de Janeiro	0,4%
	São Paulo	0,6%
<b>Sul</b> 1,2%	<b>Paraná</b>	<b>0,5%</b>
	Santa Catarina	0,3%
	Rio Grande do Sul	0,4%
<b>Total de migrações</b>		<b>46,4%</b>

Fonte: Elaborado a partir de dados extraídos dos censos de 2005 a 2010 e de Ramalho *et al.* (2016, p.74).

A partir dos dados descritos no Quadro 3, por ordem crescente, Goiás foi o estado que mais enviou migrantes ao Tocantins (12,1%) nas últimas décadas, ou seja, em relação aos

aspectos delineados no Gráfico 2, houve um crescimento dos migrantes goianos se comparados aos dados censitários da década de 1970 até o censo de 2010. As migrações paraenses, em 2010, também cresceram e representaram 8,7% das migrações.

A região Centro-Oeste representa 17,6% do total de 46,4% de migrantes que vieram para o Tocantins entre 2005 e 2010, seguida pelo Nordeste, com 13,0%. Os outros estados da região Norte representam 12,1% das migrações. O Sul do país apresentou o mais baixo índice migratório: 1,2%, com maior percentual de migrantes proveniente do Paraná (0,5%).

Outro fator representativo no que se refere às características migratórias diz respeito à migração intraestadual, ou seja, às mudanças populacionais dentro do próprio Tocantins. Esses deslocamentos são, na maioria dos casos, atrelados à urbanização mais significativa de algumas microrregiões em detrimento de outras.

Aquino (2004) ressalta que, nas últimas décadas, o fluxo intraestadual tem aumentado em decorrência da crescente urbanização e do chamado “progresso”, principalmente das populações oriundas das comunidades mais tradicionais para os grandes centros.

Não se deve esquecer que em tais processos está presente o fenômeno do êxodo rural, com acentuado esvaziamento do campo. As famílias que não emigram totalmente para as cidades, aos poucos vão “mandando” seus filhos em busca de estudos ou de empregos, enfim, em busca do sonhado conforto da cidade. A saída dos filhos transforma os lares sertanejos em verdadeiros refúgios de solidão (AQUINO, 2004, p. 342).

Os apontamentos de Aquino (2004) são pertinentes, principalmente se comparados aos dados de migração intraestadual coletados por Cunha e Baeninger (2000). Entre as décadas de 1970 e 1980, a microrregião que mais recebeu migrantes do próprio Tocantins foi Miracema<sup>18</sup>, seguida de Araguaína, Porto Nacional, Rio Formoso, Dianópolis, Bico do Papagaio e Jalapão. Entre 1981 e 1991, a microrregião mais procurada como destino final foi Porto Nacional, seguida das microrregiões de Miracema do Tocantins, Araguaína, Rio Formoso, Bico do Papagaio, Dianópolis e Jalapão.

Os habitantes das microrregiões de Dianópolis e Jalapão, consideradas tradicionais dentro do estado, tiveram como destino mais procurado a região de Porto Nacional, entre 1970 e 1991. Acreditamos que esse fator esteja vinculado aos dois elementos descritos por Aquino (2004): busca de emprego e oportunidades de estudo.

---

<sup>18</sup> A cidade de Miranorte, pertencente à microrregião de Miracema, fica no entorno da rodovia Belém-Brasília (BR-153).

Pelos dados retratados por Brasil (1997), por Cunha e Baeninger (2000), por Aquino (2004) e por Ramalho (2016), pudemos corroborar as premissas culturais descritas por Cavalcante e Kimura (2008), sobretudo a de que o Tocantins só pode ser compreendido em sua heterogeneidade cultural. Nesse cenário híbrido, também é importante destacar que as localidades nos eixos históricos e tidas como tradicionais sofreram, após a construção da rodovia Belém-Brasília, um esvaziamento. Em contrapartida, as localidades às margens da rodovia cresceram consideravelmente nas últimas décadas e representam as localidades que mais receberam migrantes.

### **3 DIALETOLOGIA: MONODIMENSIONAL (AREAL) E PLURIDIMENSIONAL (RELACIONAL E CONTATUAL)**

A Dialetoлогия é definida, por excelência, como a disciplina que analisa a variação linguística presente em diferentes localidades, estados, regiões ou países. Nascida no final do século XIX sob forte influência dos métodos científicos, sobretudo como uma complementação aos estudos de natureza histórico-comparatista, busca analisar, em sua essência, os diferentes usos linguísticos, tanto de natureza geográfica como cronológica e, mais atualmente, social (VENY, 1986, p. 70; CARDOSO, 2010, p. 15).

Assim como outras disciplinas, a Dialetoлогия vem modificando seus métodos de análise, adequando-se às novas demandas, às configurações sociais e às inovações teóricas emergidas ao longo dos anos. Veny (1986) apresenta seis critérios para classificar a Dialetoлогия, de acordo com os diferentes posicionamentos teórico-metodológicos: cronológico, geográfico, sistemático, gerativista, social e cultural.

O critério cronológico, cujo enfoque é temporal, subdivide-se em dialetoлогия diacrônica e sincrônica. Na primeira, o pesquisador busca estabelecer estágios mais antigos de uma palavra para realizar sua descrição evolucionar. Na sincrônica, determina-se um recorte temporal em que se verifica o estado da língua naquele momento específico.

O geográfico, com expoente no aspecto espacial, é composto essencialmente pela dialetoлогия monográfica, que investiga um ponto geográfico concreto, e pela geolinguística (geografia linguística), ocupando-se da análise de um espaço areal mais ampliado (VENY, 1986, p.70).

O terceiro critério descrito pelo autor refere-se ao sistemático, representado pelas dialetologias tradicional e estrutural. A primeira linha tem abordagem comparativa entre textos literários e pesquisas em determinados pontos. A segunda concentra-se na língua e em sua consequente variação em diassistemas que estabelecem conexão entre si, sobretudo a partir de semelhanças fonéticas (CASTILHO, 1972-1973, p. 139; VENY, 1986, p. 71).

Por seu turno, o ponto de vista gerativista busca formular regras, principalmente fonológicas, para explicar a variação linguística ocorrida em determinado espaço e tempo.

Aliado aos estudos emergidos a partir da década de 60, surge o quinto item descrito por Veny (1986), a dialetoлогия social, preocupada em associar as variáveis trabalhadas pela Sociolinguística, tais como: idade, sexo, escolaridade, para descrever as variações.

Nesse mesmo escopo, o sexto critério é o cultural, cuja investigação considera as organizações de determinada comunidade e as crenças partilhadas por seus membros; suas análises são acompanhadas de dados antropológicos, semânticos e etnolinguísticos (VENY, 1986, p. 71).

A partir do panorama histórico-teórico apresentado por Veny (1986), verificamos que a Dialetoлогия também foi se modificando ao longo dos anos, devido à admissão de novas filiações teóricas e preceitos fornecidos por diferentes pesquisadores. A partir da incorporação de novos fundamentos, métodos de coleta e análise de dados, distintas perspectivas têm surgido na Dialetoлогия, sobretudo pela possibilidade de dispor os dados em planos cartográficos, a partir da contribuição da Geografia Linguística ou Geolinguística.

Merecem destaque os novos rumos da Dialetoлогия, conceituada por Thun (1998) como Plurimensional e Relacional, que busca aliar todos os preceitos descritos por Veny (1986) na mesma superfície, para que se tenha um panorama completo da variação linguística presente em determinado território.

A Geografia Linguística, ou Geolinguística<sup>19</sup>, similarmente é analisada quanto ao seu campo de atuação e abrangência e, tal como a disciplina-mãe (a Dialetoлогия), também sofreu modificações ao longo dos anos, principalmente para comportar as novas dimensões que a Dialetoлогия Pluridimensional incorporou. Entendida anteriormente como um método auxiliar, a Geolinguística, a partir das premissas atuais de análise fornecidas pela pluridimensionalidade, não pode mais ser compreendida como um tipo de tratamento fornecido à sua genetriz, posto que os limites entre ambas, ao longo dos anos, solidificaram-se, tornando-se disciplinas quase autônomas, muito embora para Thun (1998) ambas façam parte de uma “ciência ampla da variação linguística”.

As expressões Geografia Linguística ou Geolinguística, consolidadas primeiramente pela literatura românica de base francesa, embora amplamente utilizadas no Brasil, sofrem críticas por parte de alguns teóricos, notadamente em relação ao entendimento do objeto que se propõem a analisar. Rossi (1984) acredita que ambos os conceitos não descrevem adequadamente a relação entre espaço e fenômenos da língua, como seria apropriado se a conceituação fosse “linguística geográfica” ou “dialetoлогия geográfica” (ROSSI, 1984).

Para Mouton (1996, p. 64), os dois termos materializados podem erroneamente fazer entender que esse método objetiva descrever a geografia das línguas ou a aplicabilidade da ciência geográfica junto às línguas. Todavia ambos os nomes já se encontram firmados, tanto

---

<sup>19</sup> Utilizamos na tese as nomenclaturas Geografia Linguística e Geolinguística como sinônimas.

nas obras de base, quanto no estado da arte dos trabalhos que se propõem a considerar uma realidade dialetal específica.

Coseriu (1982, p. 79) define Geografia Linguística como método dialetológico responsável por registrar “mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território” (COSERIU, 1982, p. 79).

A ampliação do conceito tradicional de Coseriu é fornecido por Campoy (2001), ao expor que, para descrever fatores linguísticos, faz-se necessário compreender a dinâmica das particularidades geográficas, tanto espaciais quanto sociais. Ou seja, o entendimento do progresso das populações, seja a partir da distância dos grandes centros, do número de habitantes, dos deslocamentos e das migrações, das conexões terrestres, pode auxiliar a descrição e o entendimento de fenômenos dialetais (CAMPOY, 2001, p. 121).

Para Campoy (2001, p. 121), a Geolinguística atual é intrinsecamente interdisciplinar, posto que alia conceitos de três áreas: a Dialectologia tradicional, eminentemente rural; a Sociolinguística Laboviana, de base urbana; a Geografia, principalmente a humana. No último item, acrescenta o autor que a Geografia Humana “se ocupa, fundamentalmente, do dinamismo espacial do homem-habitante, em termos de movimentos naturais e migratórios, e as causas desses fenômenos”<sup>20</sup> (CAMPOY, 2001, p.122 [tradução nossa]).

Em outras palavras, à Geografia Linguística, cuja função principal é apresentar as formas linguísticas na superfície de mapas, ao longo dos anos, especialmente nas últimas décadas, têm sido acrescentadas novas dimensões para o entendimento da variação tanto espacial, quanto social na superfície cartográfica. Fatores esses que levaram os pesquisadores a formular novas denominações a partir dos novos rumos fornecidos às ciências da variação: Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998), Sociodialectologia (GUY, 2012) e Geossociolinguística (RAZKY, 2003).

Decorrentes das contemporâneas denominações fornecidas à Geografia Linguística e do entendimento da variação espacial em conjunto com o social, Thun (1998) estabelece novas tipologias para os atlas linguísticos que podem ser divididos em três categorias: monodimensionais, bidimensionais ou pluridimensionais/multidimensionais, conforme sua abrangência e disposição cartográfica.

---

<sup>20</sup> No original: “Se ocupa, fundamentalmente, del dinamismo espacial del hombre-habitante, en términos de movimientos naturales y migratorios, y las causas de estos fenómenos” (CAMPOY, 2001, p. 122).

### 3.1 A MONODIMENSIONALIDADE E A BIDIMENSIONALIDADE LINGUÍSTICA

Sob as nomenclaturas monodimensional e bidimensional situam-se os primeiros trabalhos de cunho dialetológico, abordando, em sua essência, a natureza estritamente diatópica, cujo informante ideal representa o morador da zona rural, com pouca mobilidade. Os atlas monodimensionais recebem essa terminologia porque o único viés adotado é o da variação linguística espacial, não sendo os fatores sociais trabalhados de forma sistemática. Os bidimensionais, por seu turno, abordam, além da arealidade, outro aspecto social, seja o sexo ou a idade do informante.

Os estudos dialetológicos brasileiros com enfoque na diatopia têm apresentado ampla divulgação no meio científico, posto que as diferenças diatópicas, em sua essência, são mais perceptíveis que as de ordem social. Cardoso (2010) descreve que as variações espaciais ganham foco em todos os continentes e têm, na confecção de um atlas linguístico, a realização para um fenômeno linguístico:

Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográficos. Tal visão conduziu a que os estudos geolinguísticos aflorassem em todos os continentes e apresentassem um continuado e crescente desenvolvimento, o que explica a expansão de projetos que levaram à construção de atlas linguísticos com diferenciadas visões espaciais (CARDOSO, 2010, p.47).

Para a Dialetologia tradicional, os inquéritos devem ser realizados junto a informantes que preencham as características descritas por Chambers e Trudgill (1994, p. 47) como NORM: *nonmobile, older, rural, males*. A tradução para a realidade brasileira é conferida por Zágari (ZÁGARI, 1998, p. 36) como HARAS: homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário.

Buscava-se esse tipo de informante, uma vez que os linguistas, em essência, eram ligados a preceitos filológicos e tentavam coletar aspectos mais arcaizantes dos falares (Dialetologia Diacrônica), por meio de indivíduos que não tivessem influência da zona urbana ou de qualquer outro meio de comunicação. Com essa metodologia, nasceram os primeiros atlas linguísticos.

Nesse aspecto, a idade e o nível de escolarização do informante são controlados. Preferencialmente, são entrevistadas pessoas mais velhas, analfabetas ou semianalfabetas, exemplo seguido pelos primeiros cinco atlas publicados no Brasil (*Atlas Prévio dos Falares Baianos* - APFB; *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* – EALMG; *Atlas Linguístico*

da Paraíba – ALPB; *Atlas Linguístico de Sergipe* – ALS e *Atlas Linguístico do Paraná* – ALPR), conforme destaca Castro (2009) no seguinte quadro sistematizador:

Apesar de os primeiros cinco atlas publicados no Brasil primarem pela vertente diatópica, é evidente uma inicial preocupação com a variável diassexual, primeiro passo para a bidimensionalidade. Em todos, há entrevistas com ambos os sexos, muito embora, em alguns isso não de realize de modo contínuo. Castro destaca que três deles permitem que o leitor realize a leitura dos fatos linguísticos de acordo com o sexo do informante:

Exemplificação oposta se encontra no APFB, no ALS e no ALPR: nesses atlas, o registro dos dados nas cartas permite identificar o informante que realizou a forma atestada, sendo, portanto, possível analisar os dados em correlação com a variável sexo do informante (CASTRO, 2009, p. 348).

A entrevista sistemática visando ao aspecto diassexual foi realizada, por exemplo, por Ferreira *et al.* (1987), no ALS, e por Aguilera (1994), no ALPR, em todas as localidades de inquérito de modo sistemática. A disposição desse eixo é indicada no plano cartográfico, fazendo que o leitor estabeleça conexões entre a variável diatópica e sua correlação pelo sexo do entrevistado. Assim, os dois atlas foram pioneiros em utilizar continuamente na cartografia as respostas de ambos os sexos, tornando-se os primeiros atlas linguísticos de cunho bidimensional publicados na América Latina, conforme destaca Thun (2005, p. 66).

### 3.2 A PLURIDIMENSIONALIDADE OU MULTIDIMENSIONALIDADE LINGUÍSTICA

A Dialetoлогия, mesmo sendo em essência a disciplina da variação linguística, cujo escopo principal efetua-se na diatopia, não poderia ficar imune aos preceitos fornecidos pela Sociolinguística Variacionista, cujo expoente máximo encontra-se em Labov (2008) ao tratar das variáveis sociais.

O informante modelo fornecido pela monodimensionalidade não existe mais em sua natureza, dado os movimentos migratórios, a facilidade de mobilidade e o contato com diferentes vias de comunicação. Dessa forma, surge, por parte dos pesquisadores, “a consciência de que é necessário agregar ao estudo da dimensão areal o estudo de outros tipos de variação”<sup>21</sup> (THUN, 1998, p. 702 [tradução nossa]).

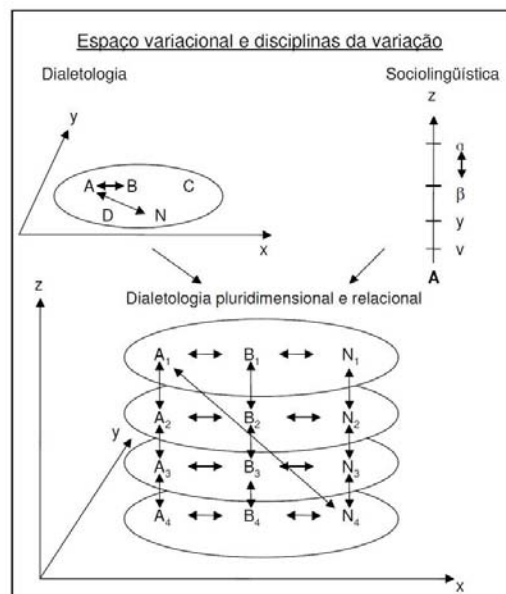
<sup>21</sup> No original: “la conciencia de que es muy necesario agregar al estudio de ladimensión areal el de otros tipos de variación” (THUN, 1998, p. 702).

Altenhofen e Thun (2016) apresentam as premissas para a adoção de uma nova postura dentro dos estudos dialetológicos, sobretudo porque os falantes fixos às localidades não representam o tipo mais comum, uma vez que atualmente tem sido universal a locomobilidade humana. Atrelados a esses constantes deslocamentos estão o acesso às vias de comunicação, o transporte e a maior escolarização para diferentes estratos, fatores condicionantes da contemporânea dinâmica social (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 372).

Thun (1998, p. 702) descreve que tanto a Dialectologia areal (tradicional), quanto a Sociolinguística possuem perfis de informantes atrelados às necessidades de cada disciplina. Enquanto a primeira busca o falante com pouca mobilidade, ligado a uma localidade específica, a segunda opta por indivíduos normalmente com perfis sociais controlados, principalmente a faixa etária de cada informante, para que se possam contrapor os dados, havendo comparabilidade entre eles.

Nesse plano, ao unir as duas disciplinas, por excelência variacionistas, tem-se a Dialectologia Pluridimensional e Relacional, ou seja, a confluência entre os parâmetros areais (diatópicos), aliados com o aspecto social de dada comunidade, em que “a superfície bidimensional horizontal da Dialectologia e o eixo vertical da Sociolinguística formam o espaço variacional tridimensional da Dialectologia Pluridimensional e Relacional<sup>22</sup>” (THUN, 1998, p. 704 [tradução nossa]), conforme esquema a seguir.

**Figura 04** - Princípio esquemático da Dialectologia Pluridimensional e Relacional



Fonte: Thun (1998, p. 705)

<sup>22</sup> No original: “La superficie bidimensional horizontal de la Dialectología y el eje vertical de la Sociolingüística forman juntos el espacio variacional tridimensional de la Dialectología Pluridimensional y relacional” (THUN, 1998, p. 704).

O esquema representa, em suas duas primeiras ilustrações, a Dialetoologia areal (esquerda) e a Sociolinguística (direita), juntamente com seus respectivos campos de análise. A primeira atuando no eixo horizontal da variação e a segunda, no aspecto vertical, exclusivamente social. As letras A-N representam os pontos de inquéritos dialetológicos; os algarismos gregos representam as variáveis sociais, típicas da Sociolinguística.

A união entre ambos os campos de estudo é delineada no terceiro desenho, que denota, em forma de camadas, as estruturas horizontal e vertical em que várias associações podem ser descritas, formando assim a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional. Thun (1998) afirma que a união entre ambas as disciplinas leva o pesquisador a uma descrição completa do polimorfismo linguístico e da relação do informante com essa variação (THUN, 1998, p. 705).

Nesse esquema, o autor pormenoriza, didaticamente, apenas a interrelação entre Sociolinguística e Dialetoologia, contudo é importante salientar que também enfatiza a interdisciplinaridade presente nesse tipo de análise, que engloba princípios teóricos da Pragmática e da Psicolinguística (THUN, 1998, p. 722). Esta última abarca as crenças valorativas dos informantes quanto aos usos linguísticos, que influenciam os mecanismos da variação.

Nesse segmento, a Pluridimensionalidade amplia o perfil do informante e adequa esse aspecto à realidade que se pretende analisar. O termo *relacional*, aludido nesse modelo teórico, refere-se às várias possibilidades de comparação em todas as dimensões da língua. São oportunas as palavras de Thun (1998) a esse respeito:

[...] o espaço variacional da Dialetoologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetoologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topoestáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais<sup>23</sup> (THUN, 1998, p. 706 [tradução nossa]).

<sup>23</sup> No original: “O espacio variacional de la Dialectología Pluridimensional no comprende solamente los dialectos “puros” preferidos por la Dialectología tradicional o los sociolectos de la Sociolingüística. Son de igual interés las variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorias y de mayorias, formas regionales, la variación diafásica (o estilística), el comportamiento lingüístico de los topodinámicos (demográficamente móviles) contrastando con el de los grupos topoestáticos (poco móviles en el espacio), la actitud metalingüística de los hablantes comparada con su comportamiento lingüístico, y otros parámetros más.” (THUN, 1998, p. 706).

A ampliação do perfil para considerar além de informantes topoestáticos os topodinâmicos, dentro dos objetivos de cada pesquisador, envolve, pelo menos, oito dimensões, a saber: dialingual (coexistência de duas línguas no mesmo território); diastrática (diferentes estratos sociais); diageracional (variação entre distintas faixas etárias); diassexual (variação entre falar feminino e masculino); diafásica (diferentes estilos); diarreferencial (metalinguagem e consciência linguística do falante); diatópica (distância espacial); diatópico-cinética (compara o comportamento linguístico entre grupos estáveis dentro da localidade com grupos móveis) (THUN, 2000, p.189).

O conceito de *dimensão* fornecido por Thun para se referir às variáveis sociais pode ser entendido como um conjunto de relações que podem ser opositivas, normalmente binárias, entre os parâmetros estabelecidos (ALTENHOFEN, 2013, p. 32). Em outras palavras, estabelecem caráter diferenciativo entre distintos estratos, que podem representar a comparação entre faixas etárias e sexo, por exemplo, permitindo estudos contrastivos.

As dimensões propostas pela Dialectologia Pluridimensional e Relacional podem ser ordenadas em dois grupos: (i) *interindividuais*, englobando as perspectivas diatópica, diastrática, diageracional e diassexual e (ii) *intraindividuais*, com os parâmetros diafásico, contatual/dialingual e diarreferencial (FIGUEIREDO, 2014, p. 45).

A seguir, apresentamos os aspectos teóricos de cada uma das dimensões propostas pela Dialectologia Pluridimensional e Relacional e sua possível representação pelo viés cartográfico. Algumas dessas perspectivas já são trabalhadas pelos teóricos brasileiros, outras, porém, ainda estão em fase de implantação, o que se tem traduzido em dificuldades no momento de dispor a multiplicidade de variantes na superfície de uma carta linguística.

### 3.2.1 Dimensões interindividuais

O conceito de interindividual descrito por Figueiredo (2014) diz respeito às variáveis sociais atreladas, além do indivíduo, ao espaço da variação linguística, a qual pode ser condicionada por fatores como idade, categoria social, dentre outros; são as variáveis diastrática, diageracional, diassexual e diatópico-cinética.

A variação diastrática faz-se presente na perspectiva da Dialectologia Pluridimensional. Seu intento é contrastar, em termos dialetais, os usos linguísticos dos diferentes estratos, selecionados pelo tipo de profissão, de escolarização e de classe social do falante. Chambers e Trudgill (1994, p. 87-88), porém, destacam que essa possível classificação é complexa, sobretudo se se pretende realizar o cruzamento linguístico a partir do estrato “classe social”.

A seleção de acordo com excertos sociais denota certa abstratividade, pois a triagem dos informantes requer algumas especificidades, principalmente no que concerne a uma possível renda familiar dos informantes. Em termos brasileiros, esse agrupamento é ainda mais complexo, uma vez que a categorização por recorte social alto ou baixo traduz-se em um enorme empecilho em relação à seleção de um informante.

Chambers e Trudgill (1994, p. 88) relatam que, devido a essa dificuldade, tem-se escolhido, para a presente dimensão, informantes selecionados a partir de suas profissões, de seu nível de instrução, carreira e vivência. Ou seja, o critério classe social alta ou baixa tem sido medido pelo tipo de ocupação exercida pelo informante e pelo seu tempo de escolarização.

Comumente, no Brasil, para essa variável, utilizamos como parâmetro inquéritos realizados separando os informantes por nível escolar; exemplo que pode ser verificado no *Atlas Linguístico do Brasil* em que, nas capitais estaduais, entrevistaram-se quatro informantes com ensino fundamental e quatro informantes com o superior completo, podendo ser realizados estudos contrastivos entre os grupos.

Cabe ressaltar, porém, que a seleção por escolaridade não se traduz em agrupamentos por classes altas ou baixas. No Brasil, ter ensino superior não significa necessariamente ter um alto poder aquisitivo; do mesmo modo, informantes que tenham pouca escolaridade não são imperiosamente pertencentes a estratos sociais baixos.

Por sua vez, a dimensão diageracional não tem se mostrado problemática na coleta de dados para a Dialetoologia Pluridimensional. Desde os primórdios, os dialetólogos veem a necessidade de demonstrar, na superfície cartográfica, as variações linguísticas decorrentes das diferentes faixas etárias, pois, aparentemente, as diferenças linguísticas mostram-se mais evidentes que nas demais variáveis sociais (CARDOSO, 2010).

Os usos linguísticos de um indivíduo modificam-se de acordo com sua idade, como assinalado por Moreno Fernández (1998), o que, segundo o autor, condiciona a variação linguística com mais intensidade do que outras dimensões extralinguísticas. A esse respeito, são oportunas as palavras de Busse (2010).

Na variável faixa etária, encontramos os parâmetros para a identificação dos diferentes estágios da mudança linguística. Considerando-se que o comportamento das pessoas apresenta certa regularidade em diferentes fases da vida, o fenômeno da variação pode ser descrito a partir dos elementos que se manifestam entre jovens e velhos. A idade é um marco na constituição de identidades sociais: jovens e idosos estão envolvidos em diferentes atividades, assumem determinados comportamentos, os quais são refletidos na linguagem (BUSSE, 2010, p. 50).

Muito embora os primeiros dialetólogos já demonstrassem essa preocupação, segundo Cardoso<sup>24</sup> (2010, p. 51), foi a partir do *Linguistic Atlas of New England* (LANE) que essa variável foi controlada de forma sistemática. Comumente, têm-se utilizado duas ou mais faixas etárias para demonstrar a variação em tempo aparente<sup>25</sup> e a possível existência de uma mudança linguística em curso (LABOV, 2008, p. 194).

Os trabalhos dialetais mais recentes têm primado pela coleta sistemática desse eixo e sua identificação na cartografia linguística. Seguindo a proposta do *Atlas Linguístico do Brasil*, o primeiro Atlas estadual brasileiro a demonstrar a variável idade foi o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* - ALISPA, publicado em 2004. Após o mesmo, foram confeccionados o *Atlas Linguístico do Amazonas* - ALAM (CRUZ, 2004), o *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara* (LIMA, 2006), o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* - ALMS (OLIVEIRA, 2007), o *Micro-atlas fonético do Estado do Rio de Janeiro* - Micro AFERJ (ALMEIDA, 2008), o *Atlas Linguístico do Ceará* - ALC (BESSA, 2010), dentre outros. Ressaltamos que tanto o trabalho de Cruz (2004), como o de Lima (2006) e o de Almeida (2008) utilizaram três faixas etárias distintas em suas investigações, totalizando seis informantes por localidade, de ambos os sexos.

Estudos têm demonstrado que frequentemente a faixa etária I, composta por informantes mais jovens<sup>26</sup>, tem-se mostrado mais próxima dos modelos normativos (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 40) do que a faixa etária II, formada, normalmente, por pessoas com mais de 50 anos de idade; fato que pode estar ligado a maiores índices de escolarização alcançados pela primeira faixa etária (LÓPEZ MORALES, 2004, p. 162). Há também, por parte dos jovens, a utilização de um léxico específico, normalmente as gírias, de forte influência dos grupos sociais, com o intuito de se distanciarem da variante das gerações mais velhas (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 43; LÓPEZ MORALES, 2004, p. 163).

Na segunda faixa etária, com informantes mais velhos, não há necessariamente a preocupação em ser aceito por dada comunidade ou grupo linguístico. Em geral, os informantes pertencentes a essa geração já estão inseridos no mercado de trabalho e seu idioleto já se encontra em processo de estabilização (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 43).

<sup>24</sup> Cardoso apresenta um panorama histórico sobre os primeiros estudos realizados considerando a idade dos informantes. In: Cardoso (2010).

<sup>25</sup> Expressão cunhada por Labov e que visa à coleta e à análise de dados com faixas etárias distintas para a verificação de uma possível mudança em curso. O referido autor ainda fornece a expressão *tempo real*, que se baseia na coleta dos dados linguísticos junto ao informante e, anos mais tarde, repete-se a coleta com este mesmo indivíduo (LABOV, 2008, p. 194).

<sup>26</sup> Citamos o exemplo do Atlas Linguístico do Brasil em que a faixa etária I é representada pelos informantes com idades entre 18 e 30 anos; a faixa etária II corresponde aos informantes entre 50 e 65. Esse mesmo perfil é adotado em nosso trabalho.

A variação linguística atrelada ao sexo do informante também tem sido considerada como dimensão Pluridimensional. Conhecida, também, como variação diagenérica, busca analisar as diferenças dialetais entre homens e mulheres, em caráter contrastivo.

Não obstante os dialetólogos virem a necessidade de diferenciar a fala feminina da masculina, há divergências entre os teóricos sobre as principais características dialetais entre homens e mulheres. Chambers e Trudgill (1994) apontam as mulheres como detentoras de um falar mais prestigiado em relação aos homens (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 103).

Labov (2008), após observações sobre o inglês nova-iorquino, relata que o falar feminino possui características duais: as mulheres demonstram ser mais sensíveis aos padrões de prestígio, mas, ao mesmo tempo, inovadoras no que se refere às mudanças linguísticas, quando não há estigmatização social relacionada a essas mudanças. O autor ainda relata que as mulheres têm papel importante no mecanismo de mudança linguística, uma vez que cabe a elas, mais habitualmente do que os homens, a função de cuidar dos filhos, especialmente quando as crianças estão em fase de formação das regras linguísticas (LABOV, 2008, p. 347).

As observações labovianas são interpretadas de forma moderada por Moreno Fernández (1998). Para o pesquisador, o fato de as mulheres apresentarem tendência ao padrão de prestígio e de inovação depende, em grande escala, de outras variáveis extralinguísticas, tais como nível sociocultural e estilo individual. O autor ainda ressalta que a variável diasssexual, diante de outros fatores, pode ser relegada à segundo plano (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 35).

Concordamos com as premissas de Moreno Fernández (1998) de que a generalização evidenciada por Labov (2008) é passível de crítica, pois a tendência de as mulheres seguirem os padrões de prestígio pode estar vinculada ao contexto sociocultural e ao papel que a mulher desempenha em seu meio. Acrescentamos, também, que o próprio contexto situacional (variável diafásica) pode refrear o comportamento linguístico entre homens e mulheres, sobretudo em uma situação de entrevista.

Dentre as variáveis trabalhadas pela Dialectologia Pluridimensional descritas até o presente momento, acreditamos que a maior inovação encontra-se sob o título de dimensão diatópico-cinética (THUN, 2000). A variável diatópica é, sem dúvida, o preceito básico de uma análise dialetológica, contudo, em seu aspecto areal, prima pelo informante nascido na localidade de pesquisa, com pouca mobilidade e cujos pais também sejam oriundos da região. A inovação trazida por Thun diz respeito à cinética, rubrica presente na Física, que trata da ação das forças nas mudanças de movimento dos corpos.

Em outras palavras, a dimensão diatópico-cinética preocupa-se com a dinâmica dos grupos móveis e dos autóctones dentro das localidades e como a variação e a mudança linguística configuram-se nessa situação; compara o comportamento linguístico entre grupos estáveis dentro da localidade com grupos móveis (migrantes ou imigrantes), posto que os processos migratórios sempre fizeram parte da história do homem, realidade analisada por geógrafos e, mais atualmente, pelos linguistas.

Campoy (2001, p. 146) aponta que são cada vez mais frequentes as migrações, tanto internas quanto externas, e, dadas as especificidades culturais, sociais e religiosas, o contato entre migrantes e nativos nem sempre é passivo. Cabe acrescentar que a convivência cada vez mais comum entre autóctones e alóctones, por vezes, apresenta características de instabilidade linguística, decorrentes do relacionamento entre informantes plurivarietais, que podem alternar entre diferentes variedades, presentes ou não na localidade, ou se influenciam mutuamente (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 372-373).

Os informantes topoestáticos, nascidos e estabelecidos permanentemente na mesma localidade, possuem uma atitude linguística convergente em seu espaço, enquanto o falante migrante segue tendência mais centrífuga, desviando-se da fala da comunidade e voltando-se para seu local de origem (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 376). Acrescentamos às premissas de Altenhofen e Thun (2016) que essa realidade centrífuga não se traduziu integralmente em nossos dados, dadas as condições desses migrantes que procuraram se adaptar ao falar local, seja pela necessidade em ser aceito pela nova comunidade falante ou pela melhoria nas condições socioeconômicas dos migrantes no Tocantins, quando comparados a seus estados de origem.

O entendimento desses processos leva-nos ao conhecimento das dinâmicas das populações, que variam em tempo e espaço: “[...] os estudos sobre a mobilidade espacial da população podem servir-nos para determinar de onde, como e porque se deslocam as línguas, e, mais concretamente, a difusão das mudanças linguísticas e as inovações, tanto em espaço, quanto no tempo<sup>27</sup>” (CAMPOY, 2001, p. 129 [tradução nossa])<sup>28</sup>.

Assim, a dimensão diatópico-cinética permite-nos investigar como se processam os contatos entre os diferentes grupos presentes em dado espaço, como são realizados os contatos linguísticos, como se organizam os mecanismos de troca e difusão linguística e como o falante

<sup>27</sup> No original: “Es por ello que los estudios sobre la movilidad espacial de la población pueden servir nos para determinar dónde, cómo, y por qué se desplazan las lenguas, y, más concretamente, la difusión de los cambios lingüísticos y las innovaciones tanto en el espacio como en el tiempo” (CAMPOY, 2001, p. 129).

<sup>28</sup> Campoy (2001) propõe modelos de análises da concentração e dispersão das populações e dos povoamentos com base em modelos utilizados pela Geografia Humana.

comporta-se frente à língua do outro (conhecimento metalinguístico), fatores não considerados por uma Dialectologia apenas areal.

Cuba (2015) destaca que grupos detentores de instabilidade demográfica não eram considerados pela Dialectologia, mas, com o aumento significativo dos processos migratórios, em que as populações buscam melhorias em sua qualidade de vida, outras realidades linguísticas têm se configurado a partir desses contatos, uma vez que “levam consigo toda uma bagagem cultural que, juntando-se ao nativo, constituirá uma nova realidade linguística no local de destino” (CUBA, 2015, p. 88).

A partir dessa dinâmica das populações, segundo Altenhofen (2013), carecemos de ampliar o conceito de plurilinguismo e de contatos linguísticos, pois não devemos nos restringir ao conceito estático de línguas, mas ao entendimento das variedades presentes nelas. Nessa premissa, necessitamos considerar que não há apenas contatos intervaretais – diferentes variedades do português, por exemplo -, mas plurilíngues, pois o falante domina mais de uma variedade, a depender do contexto de produção de sua fala (ALTENHOFEN, 2013, p. 36). Ainda segundo o autor:

Ambos os grupos, no meu entender, são bilíngues, apenas que as variedades de língua que falam possuem status social e histórico-político distinto. Ou seja, é preciso ampliar a definição de bilinguismo ao de plurilinguismo como a “habilidade de uso ativo ou compreensão passiva de mais de uma variedade de língua”, em que não está em jogo a proficiência em ambas as línguas, mas a postura de ser e agir plural (ALTENHOFEN, 2013, p. 37).

Dentro da diatopia-cinética, há dois modelos de atlas linguístico: os topoestáticos, que apresentam os dados dos grupos estáticos; e os topodinâmicos, oriundos da coleta dialetológica junto aos informantes que apresentam mobilidade em relação à localidade de pesquisa; seu caráter é eminentemente contrastivo. Nesse aspecto, a ampliação do enfoque topoestático para topodinâmico adequa-se bem à realidade migratória brasileira, pois, como afirma Busse (2010),

O atlas topodinâmico Pluridimensional tem por objetivo registrar também a fala em grupos com uma história migratória (grupo com mobilidade horizontal identificável). Para tal, a seleção da rede de pontos prevê movimentos de imigração que devem ser seguidos de uma fase razoavelmente longa de “sedimentação” residencial e linguística, dispersão do grupo sobre um território, e análise contrastiva de grupos de fala de origem com grupos de fala tradicional na zona de chegada. A possibilidade do levantamento linguístico da zona de origem (cronodinâmica) dos informantes, por meio de estudos já publicados, visa a identificar os fenômenos estáveis, os fenômenos em curso e as mudanças acabadas (BUSSE, 2010, p. 71).

O conceito de *cronodinâmica* presente em Busse (2010) refere-se à possibilidade de analisar, no eixo topodinâmico, o falar dos grupos migratórios e compará-los com trabalhos realizados em suas respectivas zonas de ascendência, revelando a “direcionalidade e o percurso migratório dos informantes” (ALTENHOFEN, THUN, 2016, p. 386). Em outras palavras, permite-nos estudar o trajeto seguido pelos migrantes, desde seu local de origem até as localidades em que se encontram, verificar se mantêm a sua variante, trazida de suas regiões, ou se seu falar adaptou-se à norma local.

### 3.2.2 Dimensões intraindividuais

A concepção intraindividual diz respeito à variação intrafalante, ou seja, está inerente ao indivíduo e condicionada ao ato da fala, no momento da interação discursiva. Fazem parte do intraindividual as dimensões contatual/dialingual, diafásica e diarreferencial. Segundo Figueiredo (2013), essas dimensões

[...] podem auxiliar na tarefa de registrar como as variedades linguísticas (“modos de falar” uma língua) disputam espaço, a partir do ponto de vista dos falantes. São a diarreferencial, a dialingual e a diafásica. Na primeira, o informante pondera sobre a linguagem perceptível na comunidade que pertence. Por meio de comentários metalinguísticos, por exemplo, posiciona-se neutra, positiva ou negativamente com relação às variantes usadas “pelo outro”, ou seja, emite um juízo de valor. Com esse critério, pretende-se observar em que medida as diferenças, sobretudo, entre escolaridade e gênero dos informantes contribuem para a estigmatização ou prestígio do uso de determinadas variedades linguísticas (FIGUEIREDO, 2013, p. 199).

A dimensão dialingual tem ganhado destaque nos estudos brasileiros, sobretudo em universidades localizadas no Sul do país, tanto pelo contexto de colonização dos estados sulistas, quanto pela realidade fronteiriça que essas regiões estabelecem com países hispanofalantes, imprimindo características diversificadas no português falado nessas áreas.

O enfoque desse parâmetro é o confronto entre falantes que estão em situação de bilinguismo ou de contato linguístico em diferentes modalidades. Destaca-se, nesse aspecto, o projeto ALMA-H, cujo intuito concentra-se na coleta sistemática de dados e na comparação entre o dialeto Hunsrückisch<sup>29</sup> *versus* Português, e o Português *versus* Alemão-Padrão (ALMA-H, 2011).

<sup>29</sup> Dialeto falado no sudoeste da Alemanha, conhecido como francônio-renano ou francônio-moselano (ANSCHAU, 2010).

Também citamos o trabalho de Busse (2010), ao realizar o *Atlas Topodinâmico do Oeste do Paraná*, no qual analisa grupos que habitam o Oeste paranaense, considerando os diferentes contextos migratórios da região.

Nesse mesmo cenário fronteiriço do Paraná, Carlo (2015) estabelece contraponto pluridimensional entre variedades de uma mesma língua: sulista e nortista, e ainda variedades procedentes do português em contato com outras línguas: espanhol e guarani em situação de fronteira.

Por seu turno, Figueiredo (2014) elege a região Centro-Oeste para estabelecer o contraponto entre falantes gaúchos migrantes para o Mato Grosso e contrastar com os dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS).

Englobando mais de uma região brasileira, há o trabalho de Cuba (2015), ao refletir sobre a multivarietalidade presente no Território Incaracterístico (NASCENTES, 1953), com base nos aspectos migratórios da região e a disposição desses dados em atlas linguístico.

Ainda no escopo da concepção intraindividual, que interpreta como as situações comunicativas influenciam os usos linguísticos dos falantes, Cardoso (2010) destaca que a maneira como os informantes se comportam está vinculada ao momento de sua elocução e ao gênero discursivo que lhes é solicitado (CARDOSO, 2010, p. 58-59). Essa variável é conceituada como *diafásica*.

Para Moreno Fernández (1998), no ato da fala, o indivíduo expressa marcas quantitativas e qualitativas decorrentes de diferentes estilos. Cabe ao pesquisador observar os seguintes itens: tema e tipo de comunicação. O primeiro refere-se à temática da conversação e está intrinsecamente ligado aos interlocutores; o segundo vincula-se ao modo como o discurso é conduzido, utilizando conversas livres, semidirigidas ou breves (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 101).

Dadas essas especificidades, os dialetólogos, ao longo dos anos, têm incluído diferentes formas de coleta de dados, com o intuito de captar os elementos linguísticos em caráter mais ou menos monitorado, sempre associado aos heterogêneos contextos situacionais. Exemplo esse encontrado no ALiB, em que distintas configurações de coleta são apresentadas no Questionário Linguístico (2001). Nesse questionário, as perguntas comuns à Dialectologia, buscando fatos de natureza fonética, lexical e morfossintática, bem como outros questionamentos que visam obter relatos por parte do informante, a partir de elocuições livres e narrativas. Esse material tem-se mostrado muito produtivo, sobretudo para coletar dados de natureza fonético-fonológica em ambiente não monitorado.

Moreno Fernández (1998, p. 101) expõe que cabe ao pesquisador averiguar, dentro da comunidade com que se almeja trabalhar, quais estilos pretende observar. Narrativas de caráter pessoal, da infância, ou perigos de morte sugerem, normalmente, uma fala menos monitorada e mais espontânea por parte do informante.

O *Atlas Lingüístico Diatópico Diastrático do Uruguai* (ADDU) contempla a dimensão diafásica em sua cartografia. Segundo Radke e Thun (1996, p. 40) “O ADDU contrasta, principalmente para os fenômenos fonéticos, pelo menos três ‘fases’ ou estilos: leitura, respostas a perguntas do ‘Questionário’, conversa livre/dirigida”. Entretanto, a respeito da cartografia das respostas ligadas à variável estilo, os autores advertem que

Devido ao grande número de estilos (“fases”) que ainda nem foram identificados como tal, o pesquisador se vê diante da necessidade de, na intenção de cartografar a variação diafásica, tomar o cuidado especial de preservar a “comparabilidade” dos demais parâmetros, mantendo-os para isso constantes (RADKE; THUN, 1996, p. 40).

Ou seja, o pesquisador deve dispor os dados de forma que o leitor tenha acesso ao parâmetro dos itens coletados em diferentes contextos; deve-se identificar o tema que pautou a coleta de determinado item, se a coleta foi realizada a partir de uma pergunta do tipo gatilho<sup>30</sup> ou se sua recolha ocorreu dentro de uma narrativa. Ainda segundo o autor, a variável fonética é mais perceptível quando auferida em contexto mais amplo (THUN, 2010, p. 508).

Thun (2000) acrescenta como importante à Dialectologia Pluridimensional a dimensão diarreferencial, cuja finalidade é averiguar a consciência linguística do falante frente à sua língua e aos usos que faz dela. Trata-se da coleta de dados metalinguísticos, em que o informante descreve suas crenças a respeito de uma variante ou variedades presentes em sua ou em outras localidades.

Nessa perspectiva, a coleta de dados pluridimensionais ainda prevê inquiridos com informantes múltiplos, para recolher comentários metalinguísticos e epilinguísticos no momento da interação entre dois ou mais entrevistados. Em caso de não respostas, há a “técnica em três tempos” – estímulo à resposta, insistência e sugestão – (ALTENHOFEN, 2013), ou seja, o inquiridor fornece possíveis respostas ao informante para verificar se uma delas é conhecida pelo entrevistado<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Perguntas realizadas com o auxílio de questionário semiestruturado.

<sup>31</sup> Sobre a coleta com vários informantes simultâneos, aferimos sua importância, uma vez que os itens são captados no momento de interação entre os informantes, em um ambiente menos monitorado, mas optamos por não utilizar essa técnica, dadas a dificuldade de transcrição e análise posterior. Das sugestões fornecidas pela Dialectologia Pluridimensional, utilizamos, no Questionário Semântico Lexical e nas questões da Retomada, a “Técnica de três tempos”: o primeiro momento é marcado pela pergunta do questionário; após a resposta do

A dimensão diarreferencial demonstra o caráter interdisciplinar da Dialetologia Pluridimensional, pois o saber metalinguístico está diretamente ligado ao campo de atuação da Psicologia Social (LAMBERT; LAMBERT, 1972) e busca averiguar, junto aos informantes, as atitudes valorativas em relação ao seu falar em comparação com as demais variedades presentes em seu meio.

Atitudes valorativas têm um importante papel no processo de variação e mudança linguística, uma vez que atitudes positivas podem fazer um processo de mudança cumprir-se mais rapidamente. Tal fato pode levar a crer que “em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra<sup>32</sup>” dadas as atitudes positivas que seus falantes possuem (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179 [tradução nossa]).

Ao lado da importância de cartografar dados diarreferenciais, surge um grande desafio ao pesquisador, conforme assinalam Radke e Thun (1996), para dispor esses dados em forma de cartogramas. Exemplo interessante foi realizado para o *Atlas Guarani-Românico-Sociología* (ALGR-S<sup>33</sup>), em que se publicou um volume completo contendo as respostas metalinguísticas dos informantes, em duas línguas: guarani e espanhol<sup>34</sup> (THUN et al., 2002).

Em suma, verificamos que a Dialetologia, assim como a Geografia Linguística, sofreu, ao longo dos anos, modificações com o intuito de contemplar diferentes realidades dialetais. Julgamos que os avanços trazidos pela inserção dos eixos *relacional* e *contatual* preenchem a lacuna deixada pela Dialetologia diatópica (areal) e, com isso, os diferentes contextos migratórios e os contatos linguísticos entre autóctones e alóctones representam uma nova configuração sócio-espacial, a partir da qual diferentes realidades variacionistas podem ser descritas.

---

informante, perguntamos se ele não conhece outro nome; depois, sugerimos uma variante não auferida por ele (FIGUEIREDO, 2014, p. 52). Essa prática permitiu-nos averiguar dados de natureza metalinguística (diarreferencial) que, por vezes, indicaram se determinada variante é típica da localidade ou se é procedente de grupos extracomunidade de pesquisa. Além disso, são interessantes as nuances de natureza diageracional (intraindividual) que essa técnica nos forneceu.

<sup>32</sup> No original: “en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 171).

<sup>33</sup> Este trabalho é inserido na categoria de *Atlas da Sociologia das Línguas*. Mais informações: Thun (2000).

<sup>34</sup> O ALiB inseriu em seu questionário seis perguntas de caráter metalinguístico. São questionamentos do tipo: “Como se chama a língua que você fala?”, “Tem gente que fala diferente aqui?”. Estudo analítico com esses dados foi realizado por Aguilera nas capitais brasileiras. In: AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.

### 3.3 OS TRABALHOS DIALETAIS PLURIDIMENSIONAIS E O CONTEXTO MIGRATÓRIO: A MULTIDIALETALIDADE BRASILEIRA

As universidades sulistas foram as percussoras no Brasil a utilizarem as vertentes propostas pela Dialectologia Pluridimensional, principalmente em relação ao eixo topodinâmico em seus trabalhos, possivelmente dado o contexto de imigração europeia na região (MARGOTTI, 2016, p. 355) e a realidade fronteiriça com outros países.

Embora nosso foco de estudo esteja vinculado à região Norte, apresentamos, neste subtópico, aspectos delineados por pesquisadores que realizam estudos do contexto migratório da região Sul, cuja instabilidade demográfica, sobretudo para a região Centro-Oeste, traduz-se em uma reconfiguração multidialetal. As premissas trabalhadas por esses pesquisadores, ao nosso ver, podem ser também aplicadas no caso do Tocantins.

Segundo Koch (2000), para o entendimento da realidade linguística do Sul, devemos considerar o contexto das ocupações humanas e culturais na região, principalmente: a presença açoriana, por exemplo, na parte leste de Santa Catarina; as fronteiras com os países hispanofalantes e o contato interlingual do português com o espanhol; o fluxo migratório entre gaúchos e tropeiros; as áreas bilíngues, oriundas dos imigrantes europeus para o Sul do país (KOCH, 2000, p. 59).

A partir desses aspectos extralinguísticos descritos por Koch (2000), Altenhofen (2005) demarca nove indicativos de fotografias linguísticas para a descrição dos falares sulistas, a partir de dados fonéticos e morfossintáticos publicados no ALERS, dos quais destacamos as hipóteses 8 e 9, respectivamente, que versam sobre o contexto migratório: i) acompanhamento parcial das isoglossas nas regiões que atuaram como rotas comerciais, decorrentes de migrações internas, anteriores à chegada dos imigrantes italianos e alemães. Segundo Altenhofen (2005), essas delimitações são mais visíveis com os dados lexicais, em função das modificações socioculturais ao longo dos anos; ii) presença de imigrantes, inicialmente, não falantes de português, que gradualmente o adquiriram como segunda língua, formando núcleos, ainda que isolados, no território. Apresentam marcas de um português mais padrão, possivelmente explicado pelo aprendizado da língua portuguesa em âmbito escolar nessas comunidades (ALTENHOFEN, 2005, p. 193-196).

Na esfera das fotografias descritas por Altenhofen (2005), notamos que o contexto migratório que caracteriza a região Sul transparece nos veios linguísticos, inicialmente fornecidos pelos migrantes internos e, posteriormente, com os imigrantes. Assim, a descrição

linguística deve sempre se atrelar ao contexto sociocultural e econômico de dada região, pois, assim, teremos uma descrição plural dos fatos linguísticos a que nos propusemos analisar.

Também podemos mencionar, nesse sentido, trabalhos cujo enfoque recai na dimensão contatual/dialingual entre o português e as línguas de migração: português/alemão, português/italiano, dentre outros. Esses trabalhos apresentam um panorama linguístico diversificado, não descrito apenas por uma dialetologia nos moldes tradicionais, uma vez que os imigrantes europeus, em sua essência, eram inicialmente monolíngues em sua língua nativa, tornando-se, posteriormente, bilíngues (português/língua de imigração) e, mais atualmente, tendem a ser monolíngues em português (MARGOTTI, 2004; 2016).

A mudança linguística desses informantes está atrelada, sobretudo, a fatores diatópicos e sociais, decorrentes do contato com a língua portuguesa. Há, por parte do falante/migrante, um processo de ressignificação linguística, em que formas são trazidas da matriz de origem e são integradas à fala local (ALTENHOFEN; THUN, p. 2016). Nessa continuidade, destacamos trabalhos como os de Margotti (2004; 2016) e Altenhofen e Thun (2016), no que se refere aos contatos linguísticos sulistas, pois as vertentes trabalhadas por esses autores inserem-se na realidade linguística do Tocantins.

Margotti (2004; 2016), utilizando os preceitos da Dialetologia Pluridimensional, realizou estudo contrastivo da *Difusão Sócio-Geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil*. Para essa finalidade, foram inquiridos 32 informantes, oriundos de duas colônias originais de assentamento de italianos e de duas colônias mais recentes, procedentes de imigração interna. O perfil foi aplicado em Santa Catarina (Chapecó, Videira, Rodeio, Orleans) e Rio Grande do Sul (Sarandi, Caxias do Sul, Nova Palma e Sananduva), totalizando oito localidades (MARGOTTI, 2016, p. 355-359).

Interessante observar que as colônias de Rodeio (SC) e Sananduva (RS) apresentam traços ainda marcados pelo italiano. Por outro lado, localidades como Caxias do Sul (RS) e Orleans (SC) apresentam alto grau de contato com o português. As demais localidades apresentam um estágio intermediário de mudança linguística. A manutenção da língua de origem nas primeiras duas localidades citadas está diretamente ligada ao grau de isolamento no início dessas colônias, à valorização dos costumes italianos pelos seus membros e à manutenção do italiano, inclusive, pelos mais jovens (MARGOTTI, 2016, p. 362-363).

Outros resultados foram depreendidos pelo pesquisador, dos quais citamos: os informantes procedentes do meio rural são os que possuem maiores marcas linguísticas do italiano. Além disso, os jovens, urbanos, mais escolarizados, possuem tendência à utilização do português, o que pode evidenciar uma mudança em curso, em maior ou menor grau, a depender

do “tempo” e da quantidade “de contatos” que esses falantes estabelecem (MARGOTTI, 2016, p. 368).

Em nossos dados, apesar de trabalharmos com falantes de português, há evidências da manutenção de marcas mais antigas atreladas aos informantes mais velhos. Em contrapartida, os jovens utilizam de variantes linguísticas consideradas “mais padrão”, distanciando-se do vernáculo das gerações antecessoras.

Merecem destaque os resultados fornecidos por Altenhofen e Thun (2016), procedentes dos quatro atlas linguísticos pluridimensionais que contemplam contatos linguísticos em diferentes perspectivas: i) Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS); ii) Atlas Linguístico-Contactual das minorias alemãs na bacia do Prata (ALMA-H); iii) Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU); iv) Atlas Linguístico Guaraní-Románico (ALGR)<sup>35</sup>.

Os autores evidenciam que a) a condição de migração (estado migratório), b) o espaço da migração, c) a direcionalidade e o percurso da migração e d) a temporalidade da migração deve ser rigorosamente observadas dentro da perspectiva Pluridimensional, para que se dê conta das realidades plurivarietais.

O tópico a) “condição de migração” está diretamente ligado à mobilidade espacial do falante. É nesse contexto que o migrante, em contato com diferentes realidades, ressignifica sua língua, resultando, por vezes, na adoção de novas formas linguísticas extramatriz de origem. Destacamos o exemplo de duas áreas lexicais marcadas, à leste do território sulista, pela variante *funde* (hunsriqueano) e, na parte oeste, por *bodoque* (variante brasileira). Segundo os autores, mesmo após migrações internas de teuto e ítalo-gaúchos para a parte oeste do território, Região das Missões no Rio Grande do Sul, a variante *bodoque* foi adotada por esses migrantes que, anteriormente, utilizavam *funde* em seu território (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 379-380).

No que se refere ao item b) “espaço da migração”, devemos considerar contínuos linguísticos/sociais, tais como: rural vs urbano, fronteiras vs interior, proximidade vs distância de vias de comunicação para a descrição dialetal. Neste último ponto, indicam os autores que fatores como, por exemplo, a Rodovia Cuiabá-Belém têm importante papel nas frentes migratórias sulistas para outras regiões brasileiras (Centro-Oeste e Norte). Localidades que estão às margens das rodovias possuem tendência de se desenvolverem mais rapidamente que

<sup>35</sup> As três últimas obras buscam contatos linguísticos distintos: ALMA-H – contato entre o *hunsriqueano*, língua de imigração alemã e o português; ADDU – contato entre português e espanhol; ALGR – contato entre o guarani (língua minoritária) e o português e o espanhol (ALTENHOFEN, THUN, 2016, p. 371).

idades periféricas. Nesse aspecto, inserimos, em nossa realidade, o papel desempenhado pela Rodovia Belém-Brasília (BR 153) em relação às frentes migratórias (vide capítulo 2).

Quanto ao elemento c) “direcionalidade e percurso da migração”, intenta verificar o caminho migratório realizado pelo falante, com o intuito de contrapor sua variante com trabalhos linguísticos realizados em seu local de origem. A partir desse percurso, o pesquisador tem a possibilidade de verificar os processos de mudança linguística em curso, a adoção de novas variantes e os desusos de formas linguísticas.

Por fim, a d) “temporalidade da migração”, em consonância com Margotti (2004; 2016), diz respeito, entre outras direções, ao “tempo transcorrido de uma migração”, assim como à “ordem de chegada” desse migrante em território escolhido (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 391). O conhecimento desses fatores leva ao entendimento de mecanismos de manutenção ou de adoção de uma nova variedade linguística por parte do migrante. Vale ressaltar, assim como Margotti (2016), que gerações mais velhas tendem à manutenção de sua variante de origem, enquanto os mais jovens inclinam-se à adoção da norma local.

Ainda dentro desse panorama, outro fator pertinente são as “transmigrações” (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 387) realizadas pelos sulistas para além dos estados do Sul: Centro-Oeste e Norte, principalmente após benefícios governamentais para povoamento da Amazônia Legal (FIGUEIREDO, 2013, p. 191), configurando uma nova realidade linguística, tanto para os migrantes, quanto para os autóctones.

Essa contemporânea composição, aliada aos benefícios da vertente Pluridimensional, tem viabilizado interessantes análises dialetais do ponto de vista diatópico-cinético, como podemos verificar em Figueiredo (2014), cujo trabalho apresenta dados relativos à variação linguística dos gaúchos em localidades do Mato Grosso, e em Cuba (2015) com o *Atlas Linguístico do território incharacterístico*, em que a autora analisa a variação oriunda de grupos migrantes na parte apontada por Nascentes (1953) como ausente de características dialetais.

Cuba (2015) destaca que até a década de 50 a densidade demográfica das localidades que compõem o atual Centro-Oeste e Norte eram baixas e, somente nas décadas posteriores, essas regiões começaram a ser povoadas, tanto pelo movimento da Marcha para o Oeste, quanto pela construção de rodovias e a abertura da região para pastagens e para atividades mineratórias.

Ainda aponta o fato de que, décadas mais tarde, a partir da criação dos estados de Mato Grosso do Sul e do Tocantins e da transformação de antigos territórios em estados, como por exemplo: Amapá, Roraima e Rondônia, houve a intensificação das levadas migratórias para

essas regiões, tanto de grupos provenientes do Sul quanto do Norte e do Nordeste brasileiro (CUBA, 2015).

No sentido descrito, Figueiredo (2014) analisa o comportamento linguístico de migrantes teuto e ítalo-gaúchos no Mato Grosso, especificamente em três cidades: Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso. A pesquisadora inquiriu oito informantes em cada localidade selecionada, totalizando 24 informantes (FIGUEIREDO, 2014, p. 71). Em seu trabalho, verificou no nível fonético, especificamente na realização da vibrante em posição intervocálica (carta 46), que há um possível processo de mudança em curso, uma vez que variantes como vibrante alveolar sonora [p] e tepe alveolar sonora [P], consideradas características do Rio Grande do Sul [+RS], estão cedendo lugar à dorso velar sonora [ç], tida como não característica [-RS]. Outro dado intrigante no que se refere ao rótico no grupo dos teuto-gaúchos é sua aderência à forma retroflexa em detrimento da tepe, conforme descrição da autora:

Os teuto-gaúchos, independentemente de grupo ou classe, aderiram à forma retroflexa enquanto os ítalos permanecem utilizando ou a vibrante alveolar sonora [p] ou a tepe alveolar sonora [P] (cf. cartogramas 16 e 17). Mais uma vez, o grupo CbGII “resiste” às mudanças, sobretudo, os de ascendência italiana (FIGUEIREDO, 2014, p. 124).

A autora destaca que os teuto-gaúchos incorporaram o /R/ retroflexo encontrado nas localidades de destino, independentemente de grupo ou classe, principalmente em posição de coda silábica (2014, p. 124), enquanto os ítalo-gaúchos resistem à mudança e utilizam a forma [+RS]: a vibrante ou a tepe.

No nível lexical, algumas estruturas importantes podem ser apreendidas. Exemplo da variação para “a pasta feita de frutas que se usa para passar no pão”, em que a variante *chimia* [+RS] é citada de forma espontânea pelos informantes, mantendo as origens sulistas, denotando a manutenção da forma original dessa população. Há, no entanto, a ocorrência de outros itens, tais como *geleia* e *doce de frutas*, mas sempre acompanhadas de comentários, por parte dos informantes, ao relatarem que esses nomes são usados pelos “não migrantes sulistas” (FIGUEIREDO, 2014, p. 132).

Por outro lado, em itens auferidos para “o que o boi tem na cabeça”, há um processo de apropriação de uma variante linguística excepcional à comunidade de origem, em que a forma *chifre*, considerada extraportuguês sul-rio-grandense [-RS], predomina no *corpus*, independentemente dos grupos analisados, enquanto a forma [+RS] seria *aspa*. O mesmo arquétipo pode ser observado em *rabo* em detrimento de *cola*, variante sulista (FIGUEIREDO, 2014, 135).

Sinteticamente, a autora afirma que, no nível lexical, prevalecem as covariações entre formas sulistas e não sulistas. Por outro lado, nos níveis fonético e sintático, observou que há um processo de mudança em curso, principalmente na fala dos informantes jovens, fatos observados na variação do rótico e em outras variáveis descritas em seu trabalho (FIGUEIREDO, 2014, p. 147).

Cuba (2015), assim como Figueiredo (2014), contempla partes do Mato Grosso e amplia o número de Estados (Rondônia, Goiás e Tocantins) em seu trabalho, cujo intuito é verificar a variação sincrônica no território intitulado por Nascentes (1953) como incharacterístico. Diferentemente de Figueiredo (2014), que averiguou a variação linguística de grupos migrantes sulistas, Cuba (2015) expandiu o perfil para qualquer migrante da Federação Brasileira, independentemente da região de origem.

Foram selecionadas 11 localidades para inquérito: duas em Rondônia, sete no Mato Grosso, uma em Goiás e outra no Tocantins, Formoso do Araguaia, especificamente. Utilizando uma metodologia Pluridimensional, inquiriu oito informantes por localidade, com o seguinte perfil: dois homens e duas mulheres, de 18 a 30 anos, nascidos na localidade, com escolaridade até o Ensino Médio e dois homens e duas mulheres, de 55 a 70 anos, vindos de outros estados da Federação, com escolaridade até o Ensino Médio (CUBA, 2015). A partir dos dados coletados e cartografados, a autora descreve suas considerações referentes à variação fonética, lexical e morfossintática do território.

No nível fonético-fonológico, os resultados de Cuba (2015) apontam o predomínio das vogais médias pretônicas fechadas, cujo fator linguístico distância entre a pretônica e a tônica foi determinante. Em localidades e informantes que apresentam a abertura da vogal pretônica, os fatores extralinguísticos são preponderantes, uma vez que essa abertura atrela-se às localidades cujos falantes são de descendência nordestina (p. 151-152). Em suma, “quanto à existência de vogais pretônicas, o território incharacterístico, na divisão de Nascentes (1953), se assemelha aos falares do Sul” (CUBA, 2015, p. 153).

É interessante observarmos o comportamento dos róticos no trabalho da autora. Em início de sílaba ou vocábulo, 90% dos dados apontam a utilização das fricativas, 7,3% das vibrantes e 2,7% dos tepez; nesse caso, os fatores extralinguísticos diatopia e sexo foram importantes para as variações. Por outro lado, o uso do rótico em coda interna apontou que 64,4% dos informantes utilizam a variante retroflexa, 19,6% a fricativa glotal e 1,8% a vibrante, ou seja, o migrante, nos dados de Cuba (2015), adaptou-se à norma local.

No nível lexical, a diatopia também se apresenta como condição relevante na marcação de áreas lexicais do território incharacterístico, posto que localidades que apresentam

maior índice de ruralidade e menor contato com vias de comunicação apresentam variantes mais nortistas, como é o caso dos pontos RO1, MT3 e TO1. Em contrapartida, nos pontos RO2, MT2, MT4, MT5, MT6 e MT7, notamos a utilização de variantes mais sulistas: gaúchas e paranaenses (CUBA, 2015, p. 205).

Os fatores morfossintáticos apresentados pela autora denotam aspectos interessantes sobre o português falado no território incaracterístico. O primeiro refere-se à utilização dos pronomes pessoais sujeito: “tu/você”, que refuta uma das hipóteses iniciais da autora de que a forma hegemônica das localidades investigadas seria a utilização do “tu”. Os dados demonstram que o pronome-sujeito mais utilizado é “você”, com 61,4% de ocorrências, contra apenas 6,8% do pronome “tu”; também se constatou a utilização do pronome oculto em 31,8% das análises (CUBA, 2015, p. 208-209).

No que tange à utilização do artigo diante de nome próprio, o que pode caracterizar um falar com tendência mais sulista ou nortista, 71% dos informantes mencionam o artigo diante de nome próprio e 23% não proferem o artigo (2015, p. 212). Cremos que a permanência do artigo denota, no *corpus* da autora, uma tendência mais sulista, diferentemente do nível fonético.

Em suma, Cuba (2015) nos apresenta algumas hipóteses estabelecidas a partir de seus dados. Na maioria das localidades, segundo a dimensão diatópica, há uma tendência mais sulista, proveniente dos migrantes dos estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, com exceção dos pontos laterais e periféricos do território incaracterístico: RO1, RO2 e TO1, que foram colonizados por migrantes nortistas e nordestinos e apresentam variantes, segundo a bibliografia pesquisada, com marcas de suas antigas regiões (2015, p. 213-2014).

A descrição com tendência mais sulista apontada por Cuba também é exposta no trabalho de Figueiredo (2014) embora, neste último, os jovens e as mulheres apresentem perda quanto às variantes mais sulistas, sobretudo no nível fonético e morfossintático. No nível lexical, é significativa a presença de covariação linguística entre formas mais sulistas e menos sulistas (FIGUEIREDO, 2014).

Retomando a definição de Nascentes (1953) quanto às particularidades (ou a ausência delas) na área delimitada como incaracterística, Cuba (2015) enfatiza que esse território não pode mais ser considerado incaracterístico, mas sim, um espaço de coexistência entre formas locais, sulistas e nordestinas. Segundo a autora:

Os migrantes ali instalados contribuíram para a formação de um território caracteristicamente sulista dentro da divisão proposta por Nascentes em 1953,

embora não se descarte a importância imensurável das variedades nortistas para a composição desse território multidialetal (CUBA, 2015, p. 218).

A autora propõe que o território incharacterístico denomine-se como *Território Multivarietal*, dadas as características fonético-fonológicas, semântico-lexicais e morfossintáticas apresentadas em seus dados, que são frutos dos cruzamentos linguísticos procedentes da multiplicidade de grupos migratórios que atuam nesse ambiente. Assim como a área de pesquisa e a definição de Cuba (2015) para o espaço que antes era considerado “sem características linguísticas”, cabe acrescentar que muitas realidades brasileiras, sobretudo as das grandes cidades, também podem ser incluídas nessa classificação.

Seguindo metodologia semelhante a de Cuba (2015), Santos-Ikeuchi (2014), por meio do *Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo* (ALTOSP), busca, em São Paulo, características dialetais nordestinas. Para isso, realizou entrevistas em quatro cidades do Oeste paulista – Rancharia, Andradina, Adamantina e Presidente Epitácio – cujo fluxo migratório procedeu do Nordeste para a construção de ferrovias no início do século XX. Os dados foram contrastados com os atlas linguísticos nordestinos (APFB, ALS I e ALPB).

Citamos como exemplo a variante coletada para o conceito “movimento do mar”; nos dados de Santos-Ikeuchi (2014), 100% das ocorrências são para *onda*, enquanto, no APFB, a variante hegemônica refere-se à *mareta/maleta* (p.148-149). Nesse caso, o recorte temporal de mais de 50 anos influi no resultado, assim como verificado nas variantes para “listras coloridas no céu”: a variante *arco-da-velha*, coletada no APFB e no ALS I, ocorre com baixa incidência e é citada pelos informantes da segunda faixa etária (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p.160-161).

A autora destaca que o índice de variantes coletadas nos quatro pontos paulistas, em contraste com as variantes nordestinas, é baixo, sobretudo em relação à fala dos jovens, os quais são mais propensos à utilização de variantes sudestinas e sulistas, ou seja, houve a adoção da variante local. Santos-Ikeuchi (2014) evidencia algumas possíveis explicações:

Acreditamos que o não conhecimento da linguagem nordestina registrado pelos filhos dos migrantes está, sobretudo, ligado a fatores externos à língua. Pudemos observar em nossa caminhada pela região oeste de São Paulo que há um preconceito social e linguístico bastante evidente com relação ao povo nordestino, já que estes vieram para a região assumir o trabalho “braçal” e, na maioria das localidades, se mantiveram à margem da sociedade. Notamos que há uma grande negação da cultura nordestina por parte de seus próprios descendentes, pois, em muitos casos as pessoas negavam o fato de serem descendentes de nordestinos, fato que acreditamos estar ligado ao grande preconceito sofrido por essas famílias na região (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 90).

Sobre a adaptação e a assimilação dos grupos migrantes ou filhos de migrantes para a norma local, o trabalho de Fagundes (2015) chegou a resultados semelhantes sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas na cidade de Belém (PA). A autora analisa, pelo viés da mobilidade, duas categorias distintas: ao todo são 18 informantes, distribuídos da seguinte forma: a) grupo migrante, proveniente do Maranhão há mais de 25 anos, residente na cidade de Belém e b) paraenses, cujos pais vieram do Maranhão com até três anos de idade.

Quanto ao grupo de amostra, os percentuais demonstram que o conjunto de ancoragem, ou seja, os migrantes com mais de 25 anos em Belém, favorece a aplicação do abaixamento </e/>, enquanto o grupo de controle, os paraenses com pais maranhenses, desfavorece o abaixamento (FAGUNDES, 2015, p.84). É relevante presenciar que os filhos de migrantes já nascidos em Belém adaptam o seu falar à norma local, não utilizando a variante média aberta de seus pais e familiares (FAGUNDES, 2015, p. 86).

Dos trabalhos aqui apresentados e seus respectivos resultados, podemos realizar algumas hipóteses a partir do eixo da mobilidade e da instabilidade migratória:

- i) O tempo de migração é fator preponderante para a completa descrição dos fatores linguísticos. Quanto maior o tempo de permanência na localidade, mais elevada será a tendência de o falante adaptar-se ao falar local;
- ii) O grau de isolamento da comunidade influi diretamente na permanência das raízes linguísticas. Localidades com acesso às rodovias e outros meios de locomoção possuem maior tendência a se expandir e, conseqüentemente, levam seus moradores a estabelecer contatos com outras variedades linguísticas.
- iii) Os jovens são os que mais se adaptam à realidade linguística local, possivelmente pela inclinação em se adequar ao grupo, à escola etc.;
- iv) O nível fonético apresenta-se mais tendente a indicar mudança em curso, fato evidenciado pelos róticos em Figueredo (2014) e em Cuba (2015);
- v) O léxico apresenta covariação linguística entre formas locais e alóctones, procedentes das localidades de origem. Aparentemente, esse nível mostra-se mais suscetível à mudança.

Em suma, as novas configurações fornecidas pela Dialetoologia Pluridimensional, sobretudo pela dimensão diatópico-cinética, fornecem ao pesquisador mecanismos para a descrição de realidades plurivarietais encontradas no Brasil, devido às constantes migrações e deslocamentos. Sendo assim, a investigação da superfície pluridimensional que compõe o cenário linguístico-social do Tocantins deve considerar, dentre outros pormenores, a forma de

colonização, o isolamento em relação a outros núcleos de povoamento e o fluxo migratório inter e intraestadual, para que, assim, seja possível apontar um panorama que traduza o *continuum* linguístico dessa região.

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO DO ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

As descrições presentes neste capítulo versam sobre os caminhos percorridos e o modo como procedemos para chegar à elaboração do ALITTETO. A metodologia<sup>36</sup> pluridimensional de que lançamos mão no presente trabalho fornece a possibilidade de vários métodos<sup>37</sup> de utilização, sobre os quais discorreremos nas páginas seguintes.

Ressaltamos que, embora nosso trabalho tenha coletado dados de natureza tanto interindividual como intraindividual para a formação de uma análise multidimensional, dadas as razões temporais para a execução da tese, nosso foco recai, neste momento, nos aspectos diatópicos-cinéticos em contraste com as variáveis diassexual e diageracional.

Dentre os métodos disponíveis para a descrição de uma realidade dialetal, optamos pela confecção de um atlas linguístico por meio da Geografia Linguística, ou Geolinguística, que consiste na transcrição linguística dos dados coletados em uma superfície cartográfica; esses itens linguísticos podem ser fonéticos, lexicais ou morfossintáticos. Os conjuntos dos mapas compõem os atlas linguísticos.

[...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU, 1987, p. 79).

A realidade plurivarietal como a encontrada no Tocantins, e em muitos outros estados, não permite que tenhamos um perfil dialetológico monodimensional, dada a realidade topodinâmica das migrações e dos respectivos cenários linguísticos em situação de contato. Assim, o presente estudo insere-se dentro da Dialetologia Pluridimensional que alia a arealidade (diatopia) com os fatores sociais em superfície tridimensional.

Os passos metodológicos que culminaram na pesquisa estão fundamentados em Giraldo (1987), Brandão (1991), Thun (1998) e Cardoso (2010), além de outros autores que adotam a pluridimensionalidade em seus trabalhos de descrição dialetal, dentre os quais citamos Figueiredo (2014), Cuba (2015), Altenhofen e Thun (2016) e Margotti (2004; 2016).

<sup>36</sup> Para Barros e Lehfeld (1986, p.1), a metodologia está ligada ao “estudar e avaliar os vários métodos disponíveis, identificando suas limitações ou não ao nível das implicações de suas utilizações”.

<sup>37</sup> Richardson (1985, p. 29) conceitua método como uma “escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos”.

Neste capítulo, apresentamos os passos metodológicos do trabalho: a composição da rede de pontos, o perfil dos informantes, o questionário linguístico, a coleta e a cartografia dos dados. Optamos por apresentar, quando possível, nossas percepções quanto à utilização da metodologia proposta, pois, em vários aspectos, como já ressaltado por Silva Neto (1957), o trabalho de campo foge a qualquer esquematismo previamente elaborado.

#### 4.1 A REDE DE PONTOS

A rede de pontos de um atlas linguístico refere-se à seleção prévia das localidades que compõem a obra, na qual se realizarão os inquéritos linguísticos. Sua compilação está atrelada aos objetivos do atlas linguístico, se sua abrangência será intercontinental, nacional, estadual ou se visa à descrição de fatos específicos de uma língua. Comumente, a seleção das localidades em que se realiza a escolha de dados baseia-se, em geral, na relação entre extensão territorial e populacional da área de estudo (BRANDÃO, 1991, p. 27).<sup>38</sup>

No que se refere à quantidade de pontos selecionados, número variável, atlas nacionais e intercontinentais tendem a adotar uma rede mais ampla, proporcional ao escopo da obra, uma vez que objetivam explorar as possíveis isoglossas na área geográfica selecionada. Os atlas de pequeno domínio, que visam averiguar um falar localizado geograficamente, propendem à rede de pontos com menos distanciamento entre si (BRANDÃO, 1991, p. 27).<sup>39</sup>

Nascentes (1958), para selecionar os seis pontos de inquérito para o “Atlas Linguístico do Brasil” (574 – Palma (Bom Jesus da Palma – atual Paranã); 576 – Peixes; 577 – Porto Nacional; 578 – Pedro Afonso; 579 – Pedra de Amolar (vila entre Ponte Alta e Mateiros, no Jalapão); 580 – Tocantinópolis), com exceção de Pedra de Amolar, possivelmente baseou-se em préstimos históricos da formação da região, pois elencou as cidades mais antigas do atual Tocantins. Em relação a Pedra de Amolar, sua escolha deu-se em função do isolamento geográfico e proximidade com Bahia, Piauí e Maranhão. Esse vilarejo situa-se entre a cidade de

---

<sup>38</sup> No Brasil, o trabalho pioneiro de Antenor Nascentes “Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”, que serve de subsídio aos dialetólogos e geolinguístas, sugere 606 pontos, distribuídos entre os 22 estados brasileiros, a serem inquiridos em um possível atlas linguístico nacional. Essa rede de pontos justifica-se pela grande extensão territorial do país e pela coexistência de diferentes normas linguísticas. Para Nascentes (1958, p.19), os pontos selecionados devem ser “fixados no meio das regiões mais características do tipo de linguagem”.

<sup>39</sup> Os atlas linguísticos europeus apresentam tendência a uma rede de pontos mais densa e critérios diversificados quanto a sua formação. Vale ressaltar que os territórios contemplados por esses trabalhos são de pequeno domínio e os projetos, em sua maioria, são interinstitucionais. Em âmbito brasileiro, os critérios para a seleção da rede de pontos têm sido diversificados, entretanto observamos que, comumente, aplica-se mais de um parâmetro para sua composição.

Ponte Alta e Mateiros, próxima à rodovia TO 247; não há informações oficiais sobre a quantidade de habitantes nessa localidade.

Em consonância com as direções apontadas no capítulo 3, a utilização de uma metodologia dialetológica apenas tradicional seria inviável na presente realidade, posto que o Tocantins, mesmo quando pertencente a Goiás, recebeu forte contingente migratório, proveniente principalmente do Maranhão, do Pará, de Minas Gerais e de Goiás, nas décadas de 70, 80, 90 e 2000. Diante disso, trabalhamos com os parâmetros topodinâmico e topoestático em um atlas linguístico, a partir dos preceitos Pluridimensionais (contatual e relacional).

Após a leitura das obras de referência, esboçamos a rede de pontos do ALiTTETO, cujos princípios norteadores visaram a contemplar as oito microrregiões administrativas do Tocantins, observando que a seleção das localidades que constituem o trabalho seguiu, prioritariamente, dois critérios: o **histórico-cultural** e o **político-geográfico**.

O critério histórico-cultural considerou os pormenores memoriais da formação do estado: as povoações mais antigas, principalmente localidades que foram arraiais, zonas de garimpo, regiões próximas aos rios Araguaia e Tocantins, que funcionaram como importantes vias fluviais e entrepostos comerciais no século XVIII e XIX. Essas cidades, atualmente, possuem baixa densidade demográfica, com pouca representatividade econômica, mas foram elencadas por terem sido relevantes no contexto de formação do estado; acrescenta-se a isso o fato de essas localidades terem recebido, no princípio da colonização, os primeiros migrantes. Por esse parâmetro, selecionamos Tocantinópolis, Natividade, Pedro Afonso, Porto Nacional e Paranã. Com exceção de Natividade, os demais pontos foram anteriormente citados por Nascentes (1958; 1961); Natividade foi incluída, juntamente com Pedro Afonso, no Atlas Linguístico do Brasil.

Quanto ao critério político-geográfico, buscamos, inicialmente, as cidades com destaque no setor econômico e que tivessem grande contingente populacional e, conseqüentemente, migratório, constituindo grandes centros urbanos no Tocantins. Por essas características, foram selecionadas as três localidades com maior PIB estadual: Palmas, Araguaína e Gurupi.

Além disso, seria fundamental recobrir geograficamente as regiões de fronteira com outros estados, as localidades isoladas e as cidades em torno da rodovia Belém-Brasília (BR-153), responsável, no século XX, pelos agrupamentos migratórios (AQUINO, 2004)<sup>40</sup>. Para contemplar os limites estaduais, inserimos as seguintes localidades: Araguatins e Araguacema,

---

<sup>40</sup> *Vide* capítulo 2.

na divisa com o Pará; Mateiros, na fronteira com Piauí, Maranhão e Bahia; Formoso do Araguaia, na divisa com o Mato Grosso e pertencente ao Complexo do Cantão<sup>41</sup>.

Os pontos elencados, com exceção de Mateiros, Aguacema e Natividade, possuem mais de 10 mil habitantes. Optamos pela manutenção de Mateiros por pertencer ao complexo do Parque Estadual do Jalapão, pelo isolamento geográfico em relação às outras localidades e por ser próximo à tríplice fronteira (Piauí, Maranhão e Bahia). Araguacema foi eleita em função de sua antiga história e de se situar na divisa com o Pará; Natividade foi selecionada por se tratar de uma antiga zona de garimpo e por ter sido a primeira cidade tocantinense tombada pelo IPHAN, além de ser ponto selecionado pelo ALiB.

Na região central do estado, onde há maior concentração populacional, optamos por manter as localidades de Palmas, Porto Nacional e Pedro Afonso, por entendermos que essas regiões são significativas do ponto de vista linguístico-cultural e histórico. Inicialmente, havíamos estipulado que a capital Palmas, com apenas 29 anos, não teria informantes da segunda faixa etária (de 50 a 65 anos) ali nascidos e pretendíamos aplicar apenas o critério topodinâmico, ou seja, investigaríamos apenas os quatro informantes procedentes de migrações ou de deslocamentos.

Quanto a não inserção dos informantes topoestáticos tendo em vista a inexistência de uma população anterior à construção de Palmas, verificamos que havia na região, antes de 1989<sup>42</sup>, o povoado de Canela, distrito de Porto Nacional. A partir da construção de Palmas e da hidrelétrica de Lajeado, essa população foi realocada para a quadra 508 Norte, na então construída capital Palmas. Assim, inserimos também mais quatro informantes nessa localidade: os topoestáticos, antigos moradores de Canela, primeiros habitantes do local que posteriormente seria Palmas.

Ao todo, selecionamos 12 localidades e contemplamos todas as oito microrregiões administrativas estaduais. Os pontos de inquérito são numerados de 01 a 12, sendo o primeiro marcado na posição mais norte do Tocantins (Araguatins), enquanto o último ponto é assinalado no sul do estado (Paraná). As cidades elegidas são apresentadas no quadro a seguir.

---

<sup>41</sup> Inicialmente, nossa rede de pontos era constituída por 10 pontos de inquérito, entretanto, no decorrer da pesquisa, inserimos mais duas localidades: Araguatins, no extremo norte do estado, divisa com o Pará, e Paranã, no extremo sul, limítrofe com Goiás. A inserção de Paranã deveu-se, além do critério geográfico, a fatores históricos que definiram o povoamento da localidade; trata-se da primeira sede da Comarca do Antigo Norte Goiano e localidade sede do primeiro Movimento Separatista, no século XIX.

<sup>42</sup> Após ponderações de Altino Informação verbal fornecida no Seminário de Teses e Dissertações em andamento. Londrina: UEL, 2014 [debate].

**Quadro 04 - Rede de Pontos do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)**

N.º Ponto	Localidade	Data de Fundação/Emancipação	População 2016 (IBGE)	Pontos coincidentes com outros trabalhos
MICRORREGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO				
01	<b>Araguatins</b>	1867 (1913)	34.810	
02	<b>Tocantinópolis</b>	1818 (1943)	23.130	Nascentes (1958;1961)
MICRORREGIÃO DE ARAGUAÍNA				
03	<b>Araguaína</b>	1876 (1958)	173.112	
MICRORREGIÃO DE MIRACEMA DO TOCANTINS				
04	<b>Araguacema</b>	1812 (1930)	6.934	
MICRORREGIÃO DE PORTO NACIONAL				
05	<b>Palmas</b>	Século XIX (1989)	279.856	
06	<b>Pedro Afonso</b>	1845 (1937)	13.097	Nascentes (1958;1961) / ALiB
07	<b>Porto Nacional</b>	1738 (1861)	52.510	Nascentes (1958;1961)
MICRORREGIÃO DE GURUPI				
08	<b>Gurupi</b>	1932 (1956)	84.628	
MICRORREGIÃO DO JALAPÃO				
09	<b>Mateiros</b>	1736 (1963)	2.570	
MICRORREGIÃO DO RIO FORMOSO				
10	<b>Formoso do Araguaia</b>	1949 (1963)	18.713	Cuba (2015)
MICRORREGIÃO DE DIANÓPOLIS				
11	<b>Natividade</b>	1734 (1933)	9.301	Nascentes (1958;1961) / ALiB
12	<b>Paraná</b>	1740 (1857)	10.568	Nascentes (1958;1961)

Fonte: Elaboração da autora.

A coleta dos dados nas localidades de pesquisa foi realizada entre março e dezembro de 2015. As viagens totalizaram aproximadamente 5.000 quilômetros e as gravações em torno de 8.640 minutos.

A seguir, apresentamos um pequeno esboço dos principais aspectos históricos e sociais de cada cidade elencada.

#### 4.1.1 Ponto 01 – Araguaatins (antigo topônimo: São Vicente do Araguaia)

Situada à margem direita do rio Araguaia, teve seus primeiros moradores vindos no ano de 1867; posteriormente, a família de Bernardino Gomes, procedente de São João do Araguaia, no Pará, fundou a cidade com o nome de São Vicente do Araguaia, nome atribuído em homenagem ao padroeiro São Vicente e ao rio Araguaia, sendo modificado em 1943, aludindo apenas aos dois rios: Araguaia e Tocantins (FERREIRA, 1958).

As principais atividades econômicas da cidade giram em torno da extração de madeira, de babaçus, de cristais de rocha e das atividades agropastoris. As relações comerciais dessa localidade são realizadas, principalmente, com Marabá, no Pará, dada sua realidade fronteiriça.

#### 4.1.2 Ponto 02 – Tocantinópolis (antigo topônimo: Boa Vista)

Os dois primeiros bandeirantes que chegaram à localidade partiram de Pastos Bons, Maranhão, em 1818, e fixaram residência com suas famílias à margem esquerda do rio Tocantins, dadas as condições propícias e o terreno fértil para a agricultura. Antônio Faustino e Venâncio desligaram-se da bandeira e fixaram residência na localidade, juntamente com suas famílias (FERREIRA, 1958, p. 422). Em seguida, vários outros migrantes, provenientes de Carolina, no Maranhão, também se assentaram nesse território. Em seguida, fixou-se, na região, o Frei Francisco, cujo intuito era a catequese junto aos índios apinajé.

A nova cidade foi batizada de Boa Vista, em virtude das belezas ali existentes. Posteriormente, devido à abundância de madeira, pastagens e babaçus, a localidade atraiu outras famílias, vindas principalmente dos estados do Maranhão, do Piauí e do Ceará e a localidade passou a se chamar Tocantinópolis, em 1943.

#### 4.1.3 Ponto 03 – Araguaína (antigo topônimo: Lontra)

Situada entre os rios Andorinha e Lontra, afluentes do rio Araguaia, a região abrigou seus primeiros habitantes: os índios Carajás. Em 1876, chegaram à localidade as primeiras famílias, provenientes de Parnaguá, Piauí, que batizaram o local de “Livre-nos Deus”, “em alusão ao temor pelos ataques dos índios e animais selvagens que ali habitavam” (IBGE, 2016).

Em seguida, vieram outras famílias, formando o povoado denominado Lontra, nome concedido em alusão ao rio. As atividades econômicas eram principalmente o cultivo de cereais, o comércio dos excedentes e a cultura do café, mas, devido à falta de infraestrutura logística, a produção e a região foram abandonadas.

Somente em 1925, com a chegada de novas famílias, formou-se outro pequeno povoado juntamente com o primeiro templo católico. Posteriormente, a região foi nomeada de Povoado Araguaína, em clara referência ao rio. Devido à sua localização e à ausência de estradas, as atividades econômicas da região, principalmente a pecuária, não se desenvolveram durante anos. Em 1948, seu nome foi mudado para Araguaína.

Araguaína, apesar de colonizada no final do século XIX, por agricultores migrantes nordestinos, permaneceu até o início de 1950 como um isolado povoado, que abrigava cerca de dois mil habitantes; e que favorecido pelas estratégias estatais, entre as quais a rodovia, tornou-se emancipado em 1958, com acelerada expansão demográfica entre 1960 a 2010, em que a população aumentou de 10.826 habitantes para 150.520 (ANTERO, 2016, p. 5).

Nessa época, pertencia à cidade tocantinense de Filadélfia, passando, em 1958, à categoria de cidade, fruto do crescente desenvolvimento da localidade e da construção da rodovia Belém-Brasília, tornando-se a segunda maior cidade do Tocantins, importante polo econômico e possuidora da segunda maior população estadual.

Segundo de dados censitários, Araguaína ocupa também a segunda posição em população migrante do estado. Assevera Antero (2016) que, entre 1970 e 1980, vieram para a cidade agricultores nordestinos naturais do Maranhão e do Piauí, dando origem a novos fluxos migratórios, com levas procedentes também de Minas Gerais, do Ceará e da Bahia, o que se configura, no interstício das décadas, em quase a metade da população araguainense advindos de circunstâncias migratórias.

#### 4.1.4 Ponto 04 – Araguacema (antigo topônimo: Santa Maria do Araguaia)

Até meados do século XIX, as margens do rio Araguaia eram habitadas por etnias indígenas ainda não catequizadas pelos missionários, embora essa região tenha sido percorrida por bandeirantes e jesuítas em séculos anteriores.

Com o intuito de fomentar a navegação do rio Araguaia e manter comércio entre a capitania de Goiás e Belém, no Pará, além de fortificar e manter os territórios seguros de estrangeiros, era preciso construir presídios de defesa para também funcionarem como postos de abastecimento aos navegantes (CARVALHO, 1998).

A primeira tentativa de colonização da região deu-se em 1812, com o desbravador Tenente Francisco Xavier de Barros, cuja responsabilidade era instalar 80 pessoas às margens do rio Araguaia para construir e manter o Presídio de Santa Maria do Araguaia (Fortaleza Militar), para a proteção do comércio e da navegação (FERREIRA, 1958, p. 46).

Segundo Carvalho, além dos militares, foram recrutados para a construção do presídio “indigentes”: pessoas “excluídas da sociedade, sem lar, sem ocupação, viviam de esmola” (1998, p.

25). Além desse tipo de população, foram utilizados índios para o fornecimento de matéria-prima e para o trabalho na construção. Esse fato, juntamente com uma difícil relação entre colonizador e silvícolas, fez eclodir um grande assalto, destruindo a região em 1813, apenas um ano após o início das obras. Várias outras tentativas de retomada do projeto surgiram, entretanto todas sem sucesso.

Posteriormente, com o auxílio do frei capuchinho Francisco do Mont Sant Victo e sua ação catequética junto aos índios, a construção do presídio foi restabelecida, em 1858, porém a 18 léguas acima do primeiro local escolhido (FERREIRA, 1958, p.46). Essa nova localização deu, posteriormente, origem à cidade de Araguacema.

De acordo com Ferreira (FERREIRA, 1958, p.46), “Em 1870, o bravo sertanista, General Couto de Magalhães, fundou a Companhia de Navegação a vapor do Rio Araguaia, com sede no então presídio de Santa Maria”. Anos mais tarde, já no século XX, com a extração da borracha, intensificou-se o comércio pelo rio Araguaia, e a localidade foi elevada à categoria de Vila em 1931 e à de cidade em 1938.

#### 4.1.5 Ponto 05 – Pedro Afonso (antigo topônimo: Travessia de Gentios)

O arraial foi fundado como missão religiosa do Frei Rafael Taggia, em 1845, cujo intuito era a ação catequética para com os índios e a construção de uma escola para o ensino religioso dos filhos dos gentios. Segundo Ferreira (1958, p. 331), o padre trouxe consigo 10 praças e aldeou os indígenas 24 quilômetros acima do arraial.

Entretanto, a exemplo de outras tentativas de missionários em catequizar os índios no Norte goiano, essa, inicialmente, também sofreu algumas ofensivas. O Frei retirou-se da região, regressando mais tarde acompanhado de 5.000 indígenas de Riachão (Maranhão), dando continuidade à sua ação missionária. Com a chegada desse contingente, o arraial prosperou e, em 1903, foi elevado à categoria de Vila.

Durante o século XX, a cidade dedicou-se à extração da borracha, atividade que trouxe progresso à localidade e intenso comércio com a Bahia e com o Pará, utilizando o rio Sono para escoamento da produção (IBGE, 2016). Por revoltas políticas e a grande atuação dos coronéis, a região só retomou seu desenvolvimento a partir da construção da ponte sobre o rio Sono, em 1979.

#### 4.1.6 Ponto 06 – Palmas

A construção de Palmas foi projetada para abrigar a sede do governo de Siqueira Campos, após a criação, em 1988, do estado do Tocantins. Inicialmente, a primeira capital provisória do governo foi Miracema do Tocantins, localizada a 70 quilômetros da atual sede.

Poucos dias após a eleição do primeiro governador, realizou-se um estudo para definir a localidade em que se fixaria a capital definitiva do recém-criado estado. Elegeu-se a região pertencente ao território de Porto Nacional, às margens do rio Tocantins.

Em 20 de maio de 1989, foi realizada a primeira missa e lançou-se a pedra fundamental da nova sede, cujos critérios de construção e de ordenação seguiam os moldes de Brasília-DF: “Palmas é uma cópia de Brasília numa escala regional” (SILVA, 2010, p. 76). Como fora uma localidade criada, segundo dados do IBGE (2000), é a cidade tocantinense que possui mais habitantes provenientes de deslocamentos ou de migrações.

Entretanto, antes da construção de Palmas, havia, na região, um pequeno povoado conhecido por Canela, que surgiu com a vinda da primeira família para a região, no século XIX, com o intuito de se fixar à margem direita do rio Tocantins para atividades pastoris e de subsistência. Era procedente de Tocantínia, Tocantins, encabeçada por Olímpio Batista de Araújo. Mais tarde, outras duas famílias vieram: os Santana e os Lima, provenientes da Bahia, do Maranhão e do Piauí (SANTOS, 2011).

Após a construção do lago da usina hidrelétrica Luiz Carlos Magalhães (Usina de Lajeado), em 2001, as famílias que possuíam o título da terra foram relocadas para o Plano Diretor de Palmas (quadra 508-Norte); os demais ribeirinhos foram encaminhados para os setores periféricos da cidade: Aurenny e Santa Bárbara (SALES, 2008). Outros, porém, voltaram a Porto Nacional, a 60 quilômetros de Palmas.

Essa população de Canela é descrita por Santos (2011) como “caboclo amazônico”, dadas suas condições físicas e sociais. O autor pauta-se em Darcy Ribeiro (2006) ao descrever esse tipo na formação do núcleo ribeirinho de Canela, quando delinea que essa população representa um índio genérico, sem identidade cultural específica<sup>43</sup>.

#### 4.1.7 Pontos 07 – Porto Nacional (antigos topônimos: Porto Real, Porto Imperial)

A origem da cidade possui aspectos semelhantes ao surgimento de outras localidades do Norte goiano. Ocorreu com o ciclo do ouro, em 1738, no local que se denominou arraial de Bom Jesus do Pontal, à margem esquerda do rio Tocantins. Além do ouro, havia, na época, extenso comércio fluvial com Belém do Pará (MATTOS, 1979, p. 128).

---

<sup>43</sup> Acreditamos que tanto Ribeiro (2006) como Sales (2008), ao definir essa população, entendem que ela não seja fixa à terra de origem, pois busca melhores condições de sobrevivência e, por esse motivo, desloca-se constantemente dentro dos territórios.

Em 1805, após o ataque dos índios xerente, os sobreviventes fundaram, à margem direita do rio, o arraial de Porto que, posteriormente, foi batizado de Porto Real. Converteu-se em um importante arraial do Norte, tornando-se cabeça de julgado, conforme relato de Ferreira (1958, p. 373): “Em 1810 D. João VI, percebendo o valor do ouro existente em Goiás ou Grão-Pará, resolveu transferir para Porto Real a cabeça de julgado de São João das Duas Barras [...] e determinou que para ali se transportasse o Corregedor Joaquim Theotônio Segurado”.

Após três anos, por ordem de Segurado, o arraial tornou-se cabeça de julgado<sup>44</sup> e, em 1831, foi elevado à categoria de Vila, passando a se chamar Porto Imperial e, depois, com a Proclamação da República, Porto Nacional.

Desde o século XIX, Porto Nacional teve papel importante para a manutenção do comércio e atuou como ponto de referência para as pequenas cidades em seu entorno. Segundo Oliveira (2004), a localidade, em 1872, apresentava uma população de 4.926 habitantes, bastante representativa para a época. Os migrantes eram provenientes, principalmente, dos estados do Piauí (224 pessoas), da Bahia (131), do Maranhão (33 pessoas), do Pernambuco (26 pessoas) e de Santa Catarina (18 pessoas) (OLIVEIRA, 2004, p. 244).

O apogeu de Porto Nacional persistiu até meados do século XX e, após a construção da rodovia Belém-Brasília, situada a 70 quilômetros de seu território, teve grande parte de sua população deslocada para o entorno da rodovia. Após 1989, com a construção de Palmas, a cidade também sofreu com os deslocamentos de seus habitantes para a nova capital (AQUINO, 2004).

Atualmente, Porto Nacional é a quarta maior cidade tocantinense e é considerada capital da cultura do estado. Seu centro histórico é tombado pelo IPHAN desde 2008. Abriga quatro universidades: duas federais (UFT e IFTO) e duas particulares.

#### 4.1.8 Ponto 08 – Mateiros

Mateiros situa-se na parte leste do Tocantins, dentro do complexo do Jalapão. A região faz tríplice divisa com Maranhão, Piauí e Bahia. Além de Mateiros, considerada a capital do Jalapão, há também os municípios de São Félix, Lizarda, Novo Acordo, Lagoa do Tocantins, Santa Tereza e Ponte Alta (BEHR, 2008). Há também o povoado de Mumbuca, cuja população é considerada pela Fundação Palmares como remanescente de quilombo, formada por descendentes de negros fugidos da Bahia.

---

<sup>44</sup> Julgado: divisão territorial sobre a qual tem jurisdição o juiz ordinário (HOUAISS, 2009). A cabeça de julgado refere-se à localidade mais importante dentro de um julgado.

A região possui, predominantemente, atividades ligadas ao turismo e ao artesanato. São conhecidos o cultivo e o manuseio de artesanatos da fibra natural capim dourado, arte nascida com os índios xerente e repassada aos habitantes da comunidade de Mumbuca.

Segundo Behr (2008), as inscrições rupestres no Jalapão demonstram a passagem do homem pré-histórico há cerca de 10 mil anos. A região, no século XVIII, era habitada por índios da etnia acroá e a ocupação por outras etnias deu-se apenas no século XIX, sobretudo por migrantes provenientes dos estados fronteiriços que buscavam bons pastos para o gado.

Posteriormente, durante a Segunda Guerra Mundial, iniciou-se o ciclo de extração do látex, e as “antigas fazendas transformaram-se em cidades pequenas que assim sobrevivem até hoje” (BEHR, 2008, p. 55). Mateiros possui uma das menores taxas de povoamento do estado: 2.223 habitantes, e sua população desloca-se constantemente para outros núcleos, principalmente para Porto Nacional.

#### 4.1.9 Ponto 09 – Gurupi

Os índios da etnia avá-canoeiro foram os primeiros habitantes da localidade que hoje se tornou Gurupi, porém, com a chegada dos homens brancos, os autóctones embrenharam-se mata adentro. Considera-se que o primeiro desbravador da região foi Benjamin Rodrigues, natural da cidade de Peixes (TO); chegou à região de Gurupi em 1932, em busca de uma tropa de burros fugidos; ele foi seguido por outros desbravadores, também provenientes da mesma localidade (ARBUÉS, 1995).

Com a possibilidade da exploração das minas de cristal, garimpeiros e colonos também dirigiram-se para a região. Em 1940, fixaram-se garimpeiros provenientes de outras localidades do Norte goiano, vindos principalmente de Porto Nacional (TO) e de Dueré (TO). Com a decadência das minas de cristal, a população buscou outras fontes de renda, tal como a extração de madeira de lei.

O progresso alcançado por Gurupi surgiu com a construção da rodovia Belém-Brasília, que corta seu território, tendo seu projeto sido, nessa localidade, concluído em 1952. Sete anos depois, a localidade foi elevada à categoria de cidade e, posteriormente, devido às levas migratórias, seus habitantes dedicaram-se à pecuária e à agricultura, levando Gurupi a possuir o terceiro maior PIB do estado.

Nos anos posteriores à inauguração da rodovia Belém-Brasília, Gurupi recebeu muitos migrantes, principalmente os procedentes de São Paulo, de Minas Gerais e de Goiás (parte sul) e, posteriormente, do Rio Grande do Sul. Deste último estado, até 1960, os migrantes eram

oriundos das cidades de São Borja e de Santo Ângelo. Na década de 1980, chegaram gaúchos de Bento Gonçalves, Caxias e Porto Alegre; essa segunda leva migratória sulista veio no anseio da divisão do estado (ARBUÉS, 1995).

#### 4.1.10 Ponto 10 – Formoso do Araguaia

A busca do ouro levou portugueses às margens de um rio que denominaram Formoso pelas belezas naturais da região. Era habitada por índios da etnia javaé e ficou esquecida até 1949, após a descoberta de minas de cristal por migrantes piauienses. Formoso tornou-se distrito em 1953 (IBGE, 2016).

Em 1979, com a criação do Projeto Rio Formoso, que consiste no cultivo de arroz, soja, milho e melancia em uma área de 20 mil hectares, com auxílio de irrigação, muitos migrantes vieram do Rio Grande do Sul para trabalhar e cultivar as áreas.

#### 4.1.11 Ponto 11 – Natividade (antigo topônimo: Arraial de São Luís)

A fundação de Natividade teve início em 1734, com a extração do ouro de aluvião por portugueses e escravos. Inicialmente, o arraial era localizado no alto da Serra Olhos d'Água. Entretanto, pelas dificuldades de acesso, o povoado instalou-se na parte baixa da serra (FERREIRA, 1958).

Segundo Mattos (1979, p. 127), foram trazidos à região cerca de 40 mil escravos para as minas. Devido à significativa produção aurífera, Natividade tornou-se um dos mais importantes arraiais do Norte goiano, sendo residência do ouvidor Theotônio Segurado entre os anos de 1809 e 1815, culminando na sede provisória da Comarca do Norte.

Natividade mantinha relações comerciais com Pará, Maranhão, Piauí, Minas Gerais e Bahia; com este último estado, dada a proximidade geográfica, a relação era ainda mais estreita. Entre Natividade e os citados estados, havia caminhos abertos para contrabando do ouro.

Em 1832, o arraial foi elevado à categoria de Vila e, em 1933, foram definidos seus limites territoriais. Com a decadência do ouro, seus habitantes empenharam-se em atividades agrárias e pequenas plantações para subsistência. Atualmente, seus moradores dedicam-se às atividades agropastoris e ligadas ao turismo. Natividade foi a primeira cidade tocantinense tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional - IPHAN, em 1987.

#### 4.1.12 Ponto 12 – Paranã (antigo topônimo: São João da Palma)

Essa localidade, assim como Natividade, representou um dos mais importantes polos auríferos no Norte goiano, sendo os garimpeiros os representantes das primeiras povoações, que ocorreram no ano de 1740.

O arraial recebeu o nome de Palma dada sua localização entre os rios Paranã e Palma. A confluência com rios forneceu à cidade grande importância, dada sua localização e possibilidade de comércio com Belém do Pará. Em 1814, foi criada a comarca de São João de Palma, promovida por Joaquim Theotônio Segurado para servir de sede da Comarca do Norte. Em Paranã, também foram encabeçados os primeiros movimentos em prol da separação do Sul goiano, ainda no ciclo da mineração (FERREIRA, 1958).

Dados os aspectos históricos de Paranã e sua importância para os primeiros movimentos separatistas, o nome da capital Palmas, criada em 1989, foi dada em homenagem ao antigo nome da localidade São João da Palma. Segundo o IBGE (2000), Paranã foi a cidade que menos recebeu migrantes.

Descritas as principais nuances históricas dos pontos de pesquisa, a seguir apresentamos um quadro sintetizador com a procedência dos colonizadores, a razão do povoamento e os principais grupos migrantes, assim como o motivo da migração. Entretanto encontramos dificuldades em precisar, nas obras analisadas, informações oficiais da procedência migratória das levas mais recentes nos pontos de pesquisa.

**Quadro 05 - Procedência migratória por localidade de pesquisa**

Ponto	Localidade	Colonização		Migrações principais após o século XX	
		Colonizadores (procedência)	Razão do Povoamento	Migrantes	Razão da migração
01	Araguatins	Pará	Exploração econômica de pequizeiros, oitizeiros, entre outras árvores regionais	Pará	Extração de madeira, de babaçus, de cristais de rocha e das atividades agropastoris
02	Tocantinópolis	Maranhão	Terreno fértil para agricultura	Maranhão, Piauí e Ceará	Extração de Madeira e de babaçu
03	Araguaína	Piauí	Cultivo de cereais, comércio dos excedentes e cultura do café	Maranhão, Piauí, Minas Gerais, Ceará e Bahia	Pecuária e BR-153
04	Araguacema	Goiás	Construção do Presídio de Santa Maria do Araguaia (Fortaleza Militar), para a proteção do comércio e da navegação	Pará	Extração da borracha e, posteriormente, agropecuária, pesca esportiva e turismo.
05	Pedro Afonso	Maranhão	Ação religiosa para catequizar os índios	Norte e Nordeste	Pecuária e agronegócios
06	Palmas	Tocantins	Atividades pastoris e de subsistência	Tocantins, Maranhão, Pará e Goiás	Comércio e funcionalismo público
07	Porto Nacional	Piauí, Bahia, Maranhão, Pernambuco e Santa Catarina	Ciclo do ouro: escoamento da produção aurífera para Belém, Pará	Tocantins Região Nordeste, Goiás e Minas Gerais	Estudos, indústria, pecuária e agronegócios
08	Mateiros	Bahia, Piauí, Maranhão	Pastagens para gado	Bahia, Piauí, Maranhão	Comércio e atividades ligadas ao turismo
09	Gurupi	Tocantins	Busca de tropa de burros fugidos	São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul	Exploração das minas de cristal. Posteriormente, após a construção da BR-153: comércio, pecuária e agronegócios
10	Formoso do Araguaia	Piauí	Minas de cristal	Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul	Cultivo de arroz, soja, milho e melancia
11	Natividade	Bahia	Ciclo do ouro	Bahia e Tocantins	Atividades agropastoris e ligadas ao turismo
12	Paraná	Goiás	Ciclo do ouro. Formação da sede da Comarca do antigo Norte de Goiás	Goiás	Pecuária

**Fonte:** Elaborado pela autora com dados do IBGE (2016); modelo adaptado a partir de Cuba (2015).

Por meio do quadro 5, observamos que os motivos da colonização, assim como os grupos que formaram os espaços, foram diversificados, e, apesar da inexistência de dados oficiais que apresentem a quantidade de migrantes procedentes de cada região, evidencia-se que as levas migratórias são, em sua maioria, do Maranhão, situação essa que também se confirma no século XX, além da inserção de outros núcleos: sulistas e sudestinos.

Nesse panorama e diante da pluralidade de grupos atuantes extralocalidades de pesquisa, nosso próximo tópico aborda a formação do perfil dos informantes elegidos no ALiTTETO, assim como as variáveis sociais analisadas.

#### 4.2 O PERFIL DOS INFORMANTES E AS VARIÁVEIS SOCIAIS TRABALHADAS

A dialetologia Pluridimensional, que alia as variáveis da Sociolinguística à diatopia, busca um perfil de informante amplificado, pois atlas mais recentes têm primado pela recolha de dados mais abrangentes, considerando, além dos aspectos arcaizantes (Dialetologia areal), os traços de inovação dentro de um território. Arelado a esses fatores, o trabalho com as variáveis sociais (como sexo, idade e escolaridade), segundo Brandão (1991), “se mostram de particular importância para que melhor se compreendam os fatores que determinam a conservação de certos traços linguísticos ou a difusão de inovações” (BRANDÃO, 1991, p. 31).

No que se refere aos informantes do ALiTTETO, optamos por manter o mesmo perfil etário do ALiB, pelas seguintes justificativas: a) a faixa etária de 18 a 30 representa os jovens, que podem manifestar traços de inovação no falar; b) a segunda geração, de 50 a 65 anos, contempla os mais velhos, com profissão definida, que podem exprimir propriedades linguísticas mais conservadoras; c) possibilidade de comparação entre os informantes e as localidades selecionadas pelo ALiB no Tocantins (Natividade e Pedro Afonso) com os informantes do ALiTTETO; d) viabilidade de contrapor os dados do ALiTTETO com os fenômenos coletados nos estados limítrofes ao Tocantins (cronodinâmica), tais como Pará, Maranhão, Bahia, Piauí, Mato Grosso e Goiás, enfoque importante para uma metodologia Topodinâmica para descrição dialetal.

Sobre a escolarização do informante, diferentemente do ALiB, consideramos o nível básico formal em âmbito brasileiro, ou seja, ensino médio<sup>45</sup>, pois o perfil da escolarização no Brasil tem mudado consideravelmente nas últimas décadas, sobretudo pelos programas

<sup>45</sup> Sugestão fornecida por Thun (2014) em conversa pessoal.

governamentais, educação de jovens e adultos etc.<sup>46</sup>. Mesmo diante da dilação da escolaridade, tivemos dificuldade em cidades como Formoso do Araguaia, Araguaçema e Porto Nacional para conseguir informantes da primeira faixa etária com apenas o nível médio. Nas duas primeiras, há polos de educação a distância e, na terceira, há quatro universidades: duas federais e duas particulares.

Como nosso atlas propõe o contraponto entre os grupos autóctones e os de procedência migratória ou de deslocamentos para/no Tocantins, nosso perfil inseriu a dimensão diatópico cinética, contemplando informantes nascidos em outras localidades ou estados, mas que tenham se mudado para o local de pesquisa há mais de 10 anos, abrangendo os migrantes intra e interestaduais, pois os deslocamentos constituem marca no Tocantins.

O perfil, totalizando 96 informantes, acompanha a sequência numérica de 1 a 4 para os informantes topoestáticos e de 5 a 8 para os topodinâmicos. Os números ímpares representam os homens; os pares as mulheres, conforme quadro ilustrativo a seguir.

**Quadro 06 - Perfil dos informantes do ALiTETTO**

N.º	Sexo	Idade	Mobilidade
1	Homem	de 18 a 30	Topoestático
2	Mulher	de 18 a 30	Topoestático
3	Homem	de 50 a 65	Topoestático
4	Mulher	de 50 a 65	Topoestático
5	Homem	de 18 a 30	Topodinâmico
6	Mulher	de 18 a 30	Topodinâmico
7	Homem	de 50 a 65	Topodinâmico
8	Mulher	de 50 a 65	Topodinâmico

**Fonte:** Elaborado pela autora, adaptado a partir de Thun (1998, p. 379) e de Cuba (2015, p. 103).

O grupo II, perfil 5 e 6, jovens topodinâmicos, apresentou maior dificuldade na seleção *in loco*. Acreditamos que esse contratempo se deu pelo fato de os jovens terem se mudado de seus locais de origem justamente para buscar regiões em que pudessem se graduar e trabalhar. Além disso, a mobilidade desse grupo é maior do que a de outros perfis etários. Por vezes, eles migram com os pais e, quando atingem a maioridade, mudam-se para regiões maiores.

<sup>46</sup> Segundo os censos do IBGE de 1980, 1991 e 2000, a escolarização média no Norte do Brasil apresenta os seguintes índices: entre 1980 e 1991: 30% da população possuía o ensino o médio completo; nas décadas seguintes, até o ano de 2000, a taxa média de ensino médio completo subiu para 60% (RIOS-NETO, 2005).

Dado o perfil estabelecido, além da diatopia, há a opção de cruzamentos binários oferecidos pelas dimensões interindividuais: diatópico-cinética, diageracional e diassexual, conforme quadro a seguir.

**Quadro 07 - Dimensões adotadas no ALiTTETO**

DIMENSÃO	PARÂMETRO	CRITÉRIO
<b>Diatópica/cinética</b>	Topoestáticos	Informantes de 1 a 4 – Nascidos nas localidades de pesquisa e, preferencialmente, com os pais também oriundos da localidade.
	Topodinâmicos	Informantes de 5 a 8 – procedentes de outros estados ou de deslocamentos internos.
<b>Diageracional</b>	Faixa etária I	Informantes entre 18 e 30 anos (1-2; 5-6)
	Faixa etária II	Informantes entre 50 e 65 anos (3-4; 7-8)
<b>Diassexual</b>	Homens	Informantes ímpares
	Mulheres	Informantes pares

**Fonte:** Elaborado pela autora, adaptado a partir de Thun (1998).

Em segundo plano, também foram coletados aspectos das dimensões intraindividuais, tais como: a) contatual/dialingual, fornecendo a possibilidade de comparação linguística entre grupos autóctones e migrantes de outros estados ou localidades tocantinentes<sup>47</sup>; b) diafásica: viabilidade de averiguar dados, sobretudo fonéticos, em diferentes áreas do questionário: relato livre, comentário etc.; c) diarreferencial, com coleta de questões metalinguísticas e epilinguísticas, entre as quais os comentários topodinâmicos e topoestáticos por parte dos informantes<sup>48</sup>.

Embora a Dialetoologia Pluridimensional descrita por Radtke e Thun (1996) forneça as vantagens de se entrevistar simultaneamente mais de um informante em um mesmo inquérito, optamos por não adotar esse critério, pois julgamos que traria inconvenientes no momento da transcrição e da cartografiação. Assim sendo, cada entrevista foi realizada individualmente.

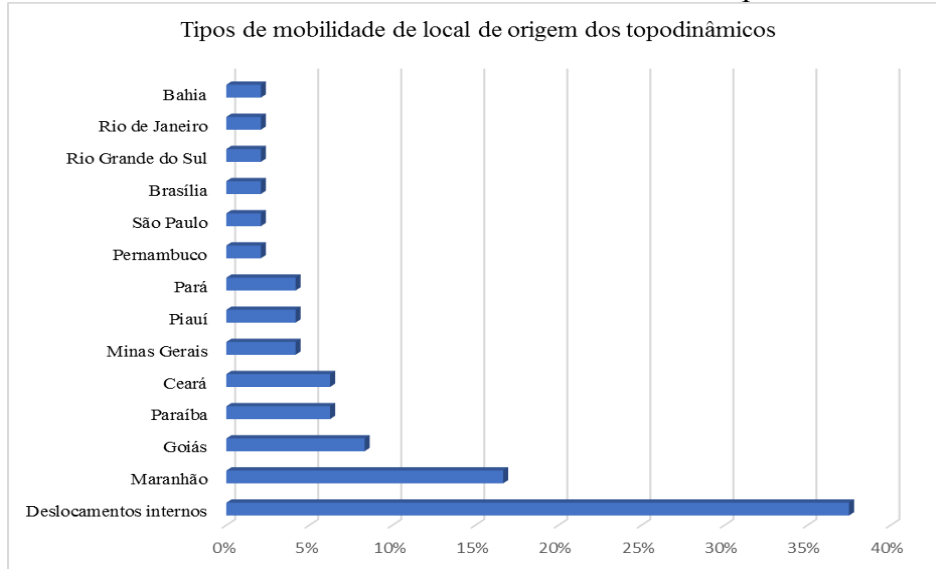
No que tange ao perfil topodinâmico, 48 informantes no total, há alguns dados importantes que corroboram as referências estatísticas descritas no capítulo 2, quanto aos

<sup>47</sup> Baseados em Figueiredo (2014), consideramos o parâmetro contatual/dialingual como também sendo o contato entre modalidades de uma mesma língua.

<sup>48</sup> Dados iniciais publicados em SILVA, Greize Alves da. Consciência Sociolinguística em território tocantinense: um estudo com base na teoria das Crenças e Atitudes Linguísticas. In: CAVALCANTE, Márcia Suany; SANTOS, Midian; RIO, Ana Carna; BARBOZA, Tereza (Org.). *Lingua(gem), Discurso e Ensino: Concepções Teóricas e Ressignificações da Prática Docente*. 1. ed. Goiânia: América, 2016, v. 1, p. 103-116.

principais grupos que migraram para/no Tocantins, dos quais podemos destacar os seguintes: a maioria dos informantes topodinâmicos é procedente de deslocamentos internos, ou seja, migrantes dentro do próprio estado, conforme verificado no gráfico a seguir.

**Gráfico 03 - Demonstrativo de mobilidade - Informantes topodinâmicos**



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*. Dados extraídos a partir das fichas dos informantes (ALITTETO).

Cabe ressaltar, entretanto, que mesmo os informantes precedentes de deslocamentos apresentam características transmigratórias: saem, inicialmente, do Tocantins para outros estados e, posteriormente, retornam para outra microrregião tocaninense<sup>49</sup>, geralmente em busca de melhores condições socioeconômicas. Ainda em relação aos deslocamentos, são mais frequentes na porção Centro-Sul do estado, na margem oriental do rio Tocantins. A parte ocidental tocaninense, por seu turno, é marcada pelas migrações estaduais.

Em relação às migrações procedentes de outros estados da Federação, o Maranhão lidera esse percentual, seguido por Goiás, Paraíba e Ceará. Há maior concentração migratória nas localidades do Bico do Papagaio (fronteira com Pará e Maranhão) e demais limites estaduais. Além disso, as cidades no entorno da rodovia Belém-Brasília também apresentam maior fluxo migratório interestadual.

<sup>49</sup> Exemplo pode ser verificado no informante 5, de Araguacema: nasceu no município de Dois Irmãos (TO), passou dois anos em Palmas (TO), três meses em Colméia e Aliança e, posteriormente, foi para Araguacema.

### 4.3 O QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO

Com a finalidade de manter a uniformidade dos dados, cabe ao pesquisador elaborar um instrumento de coleta condizente com os objetivos da pesquisa. Para essa finalidade, têm sido comumente utilizados nas pesquisas dialetológicas os questionários linguísticos, os quais são instrumentos úteis em grandes coletas que, normalmente, utilizam mais de um inquiridor; além disso, mantêm a coerência do trabalho (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 46).

Para a elaboração do questionário, o pesquisador deve conhecer a realidade local, os trabalhos publicados sobre os fatos fonêmicos, morfossintáticos e lexicais característicos da região, para não correr o risco de elaborar um instrumento de coleta contemplando apenas o aspecto global e os estereótipos sobre variação linguística.

Após a elaboração do Questionário do Atlas Linguístico do Brasil (2001), dividido em campos semânticos, muitos dialetólogos têm utilizado o citado instrumento em seus trabalhos, adotando-o integralmente. No entanto, adverte Cardoso que “a utilização que se venha a fazer dos Questionários (2001) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil deve sempre ter presente o caráter panbrasileiro desses questionários” (CARDOSO, 2010, p. 95-96).

Utilizamos, na elaboração do instrumento, as premissas descritas por Cardoso (2010) quanto ao caráter local/regional da pesquisa. Infelizmente, são poucas as referências científicas que se propuseram a descrever as variedades tocantinenses. Pudemos contar com o Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins, de Liberato Póvoa (s/d), com relatos coletados durante nossas investigações iniciais e com trabalhos de iniciação científica desenvolvidos na Universidade Federal do Tocantins.

Foram consultados os atlas linguísticos regionais quanto à intercomparabilidade de termos encontrados no Tocantins, com o intuito de verificar se determinados aspectos linguísticos apresentam traços mais nortistas, sulistas etc.. Contudo, algumas questões que nos propusemos a analisar não foram necessariamente respaldadas nos atlas consultados e, por isso, não houve a possibilidade de comparar os termos coletados com outras obras dialetais. Assim, o questionário do atlas de nossa pesquisa baseia-se em um recorte do Questionário ALiB (2001), com a inserção de questões regionais, totalizando 340 perguntas.

Na sequência, apresentamos a composição do questionário.

#### 4.3.1 Questionário Fonético-Fonológico

Composto por 109 questões, que visam observar as seguintes realizações fonéticas: a altura das vogais médias pretônicas; os ditongos; as dentais seguidas da vogal alta anterior; a

lateral alveolar /l/ em coda silábica; o /R/ em diversas posições; a lateral palatal; a vogal postônica nos proparoxítonos.

Das 159 perguntas presentes no questionário do ALiB, retiramos 50 para compor o ALiTTETO; usando como critério para exclusão das questões a repetição de fatos fônicos em diferentes perguntas do ALiB; desse modo, selecionamos apenas um vocábulo para ilustrar determinado item e o ambiente fônico buscado.

Algumas perguntas, dado o caráter regional da pesquisa, exigiram reformulações e empenho considerável por parte do inquiridor. É o caso da pergunta 060 do QFF: *Aonde as crianças vão para aprender a ler?*, frequentemente respondida *colégio* ao invés de *escola*, item buscado no questionário.

A regionalidade também interveio na resposta das questões 70 e 2: para a questão: (070) *Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?*, o informante normalmente citava *Senhor do Bonfim*, festa típica das localidades interioranas do Tocantins, quando a resposta esperada era *procissão*; para a questão (102) *Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça...*, a resposta regularmente dada *zoada* ao invés de *barulho*.

#### 4.3.2 Questionário Semântico-Lexical

Constituído por 170 perguntas e subdivido nos seguintes campos semânticos: Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos, Astros e Tempo, Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Ciclos da Vida, Convívio e Comportamento Social, Religião e Crenças, Jogos e Diversões Infantis, Habitação, Alimentação e Cozinha, Vestuário e Acessórios e Vida Urbana. Retiramos 53 questões<sup>50</sup> do Questionário do ALiB (2001) e inserimos outras 21 do universo local/regional tocantinense, ou seja, 35,7% das questões do QSL focam-se no âmbito regional e evidenciadas a seguir.

#### **Quadro 08 - Questões de natureza local inseridas no Instrumento de Coleta do ALiTTETO**

<b>Campo Semântico</b>	<b>Questões inseridas</b>
Atividades Agropastoris	CAPIM DOURADO/OURO DO CERRADO “... aquele fio que tem no Jalapão e serve para fazer brincos, cestas, mandalas?”

<sup>50</sup> Retiramos questionamentos dos seguintes campos semânticos, presentes no ALiB: acidentes geográficos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religiões e crenças, jogos e diversões infantis, habitação e vida urbana, dado o caráter não polissêmico verificado nas respostas fornecidas.

	<p>BOROCA/ MALAS “Quando você vai viajar, você tem que arrumar o quê?”</p> <p>ACEIRO “E quando você precisa limpar uma roça e colocar fogo, você faz o que para o fogo não se espalhar?”</p>
Convívio e Comportamento Social	<p>PIRIGUETE “... a pessoa que é muito oferecida, assanhada?”</p> <p>SALIENTE/PARA FRENTE “... aquela pessoa que gosta de chamar a atenção?”</p> <p>ENFARENTA “... aquela pessoa desagradável?”</p> <p>LADINO “... aquela pessoa (ou a criança) que é muito esperta?”</p> <p>BROCADO “Quando a pessoa está com fome, se diz que ela está...?”</p>
Religiões e Crenças	<p>CEMITÉRIO/CAMPO SANTO “... aquele lugar onde enterramos os mortos?”</p>
Jogos e diversões infantis	<p>CAIR NO POÇO “... a brincadeira em que várias crianças participam, uma delas é vendada. As crianças cantam uma música e a criança com os olhos vendados aponta para outra criança. Todos perguntam “Pera, uva, maçã ou salada mista?” e a criança com os olhos vendados deve dar um aperto de mão, um abraço ou um beijo na criança escolhida.”</p>
Alimentação e Cozinha	<p>ARROZ DE LEITE/ARROZ DOCE “... Doce feito com arroz, leite e açúcar?”</p> <p>MANGULÃO “... aquilo que a gente faz com polvilho, coloca-se para assar em uma forma de pudim; é salgado e se come acompanhado com café?”</p> <p>CARNE SERENADA/ CARNE DE SERENO “... aquela carne que se coloca para secar no varal à noite?”</p> <p>ARROZ SIRIGADO/MARIA ISABEL/CARRETEIRO “A comida feita com arroz, junto com carne de sol, cortada em tiras?”</p> <p>ARROZ CASADO/BAIÃO DE DOIS “... a comida que o arroz é cozido junto com o feijão?”</p> <p>QUIBEBE/PINICADO DE ABÓBORA “... a comida feita com abóbora cortada em pedaços pequenos, feita com carne de sol ou carne fresca?”</p> <p>FRANGO AO MOLHO PARDO “... a comida feita com sangue de galinha caipira?”</p> <p>GALINHADA “... a comida feita com frango e pequi?”</p> <p>FAROFA/FRITO/PAÇOCA “... a comida feita com carne frita e farinha (que às vezes é levada para viagem)?”</p> <p>VITAMINA/SUCO/ SEBEREBA/BURUNDANGA</p>

	“... líquido preparado com buriti e água; (batido no liquidificador)?” Coloca-se farinha.  CHAMBARI/CHAMBARIL “... tipo de cozido feito com a perna do gado; come-se com arroz?”
--	--

**Fonte:** Elaboração da autora.

No caso do campo Convívio e Comportamento Social, inserimos questionamentos que poderiam fornecer designações atreladas ao fator etário, que demonstrariam termos mais antigos em contraste com mais recentes. Em Alimentação e Cozinha, subtópico que mais recebeu perguntas locais, tínhamos a intenção de buscar elementos da culinária usada no Tocantins, tal como o uso da carne de sol em pratos locais.

Algumas das questões regionais inseridas não se mostraram produtivas na coleta. Exemplo do QSL 150: *Como chama aquela carne que se coloca para secar no varal à noite?*. Nosso intuito era a coleta de itens como *carne serenada*, *carne de sereno* ou *maturada*. As respostas dos informantes foram, normalmente, *carne de sol* e *carne seca*, carnes que são colocadas durante o dia para sua secagem, conceitos contrários aos buscados no questionário.

Outro questionamento que não se mostrou produtivo refere-se ao QSL 040: *Como chama aquilo que se faz com polvilho, coloca-se para assar em uma forma de pudim; é salgado e a gente come acompanhado com café?*. Nosso objetivo era a coleta de variantes como: *mangulão* ou *mangulada*. Não houve, entretanto, variação neste questionamento e os informantes, quando se lembravam, citavam apenas a resposta *mangulão*.

Outros questionamentos do universo da Alimentação e Cozinha que não se mostraram produtivos fazem parte de alimentos feitos a partir do milho verde: QSL 140: *uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?*; QSL 141: *E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que se chama?* Culturalmente, no Tocantins, não se usa o milho *in natura* para fins culinários e essa questão se mostrou um desafio na coleta. No caso das perguntas supramencionadas, optamos por sua manutenção com a finalidade de comparar os costumes culinários do Tocantins com os de outras regiões brasileiras.

#### 4.3.3 Questionário Morfossintático

Das 49 perguntas presentes no questionário do ALiB, incluímos oito questões no ALiTTETO, que visam averiguar a colocação do artigo diante de nome próprio, os pronomes pessoais, os verbos e os advérbios, com o propósito de verificar as marcas morfossintáticas do português falado pelos informantes, de acordo com sua procedência migratória. Apesar do

material coletado, nesta tese, optamos por não trabalhar com o recorte morfossintático; o *corpus* obtido será analisado em trabalhos posteriores.

#### 4.3.4 Temas para Discurso Semidirigido

Há, no ALiB, quatro tipos de relatos: pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal, dos quais aproveitamos o relato pessoal e o não pessoal, e inserimos a narrativa de caráter folclórico para conseguirmos, além de itens de avaliação presentes no QFF, no QSL e no QMS em ambiente menos monitorado, a coleta de discursos com lendas de caráter regionais, exemplo retirado de Aguilera (1994).

As narrativas constituíram um desafio à equipe de inquiridores, sobretudo a de caráter pessoal. Os informantes, principalmente os jovens, mostraram-se muito tímidos nesse item. Quanto ao relato não pessoal, após várias tentativas frustradas com a pergunta: *Relate-me um acontecimento marcante na vida de outra pessoa*, iniciávamos com a seguinte reformulação: *Verdade que aconteceu um crime aqui na cidade, como que foi? Um amigo seu já se acidentou de moto? Conte-me como foi?*

Nas narrativas folclóricas, a formulação do questionário também foi ineficaz: *Conhece alguma lenda típica da região? (Exemplos: Negro d'água, Mulher da estrada, Boiúna, Pé de Garrafa, ouro enterrado)*. Por esse motivo, introduzimos o questionamento de forma mais direta: *Ouvi dizer que há uma cobra enterrada embaixo da igreja, é verdade?* Dessa forma, o informante sentia-se um pouco mais à vontade e a narrativa era mais solta.

#### 4.3.5 Crenças e Atitudes Linguísticas

As questões de crenças e atitudes, nove no total, visaram à coleta de comentários intralinguísticos e epilinguísticos, sobretudo crenças relacionadas aos informantes topodinâmicos, em comparação com os topoestáticos, e vice-versa. Dos questionamentos presentes no questionário do ALiB, utilizamos quatro deles e inserimos mais cinco direcionados aos informantes, principalmente topoestáticos, com perguntas sobre os principais falares presentes nas localidades de pesquisa e a opinião dos informantes sobre os diferentes grupos que habitam a região.

No geral, os informantes apresentaram crenças muito favoráveis em relação ao falar tocantinense, tanto dos informantes topoestáticos quanto dos topodinâmicos. Para os informantes topodinâmicos, ou seja, os não nascidos em Tocantins, o estado é visto como um

local que possibilitou uma melhora de vida ao migrante e, por esse motivo, as crenças linguísticas são extremamente positivas (SILVA, 2016).

#### 4.4 COLETA, TRANSCRIÇÃO E REVISÃO DOS DADOS

Para a coleta do material, utilizamos a investigação direta, *in loco*, e registramos as entrevistas com o auxílio de um gravador portátil Sony. Além do Instrumento de Coleta, adotamos a Ficha do Informante<sup>51</sup> para indicar tempo de permanência do informante na localidade, espontaneidade da elocução, presença de circunstâncias, dentre outros aspectos.

A recolha dos dados foi realizada pela presente autora e pelos seguintes inquiridores: Bruna Lorryne Dias Menezes, Tassita Kamassagre Ferreira Alves e Kleiton Araujo, todos vinculados à Universidade Federal do Tocantins, treinados e atuantes no projeto<sup>52</sup>. Utilizamos, em baixa escala, a “técnica em três tempos” (estímulo à resposta, insistência e sugestão) (ALTENHOFEN, 2013, p. 20; THUN, 2014 [Minicurso]); FIGUEIREDO, 2014, p. 52), e as variantes coletadas a partir dela constam na cartografia.

Após a coleta, iniciamos a fase de catalogação e armazenamento dos dados. Os arquivos de áudio foram transferidos para formato MP3 e, em seguida, iniciamos o processo de transcrição e de revisão do material. As transcrições foram realizadas por uma equipe reduzida, composta por seis transcritores, quatro deles atuantes no ALiB; foram iniciadas em março de 2015 e finalizadas no mês de dezembro do mesmo ano. Participaram das transcrições Ana Paula Puzzinato, Vanessa Yida, Lidiane Martins da Silva, Kleiton Araujo, Priscila Vasquez e Dayse Lourenço.

O modelo de transcrição foi pautado nas normas do Projeto ALiB, ou seja, todo o contexto da resposta do informante foi transcrito grafematicamente e os itens, tanto fonéticos quanto lexicais buscados no questionário, são seguidos de marcação fonética. No questionário morfossintático, nos relatos livres e nas questões de crenças e atitudes, optamos pela transcrição integral, tanto da fala do inquiridor quanto do informante.

Realizamos a revisão integral de todos os 96 inquiridos para termos um panorama geral dos fatos dialetais presentes em cada localidade de inquirido. As revisões foram seguidas de notação e as primeiras impressões foram remetidas às análises presentes no capítulo 5.

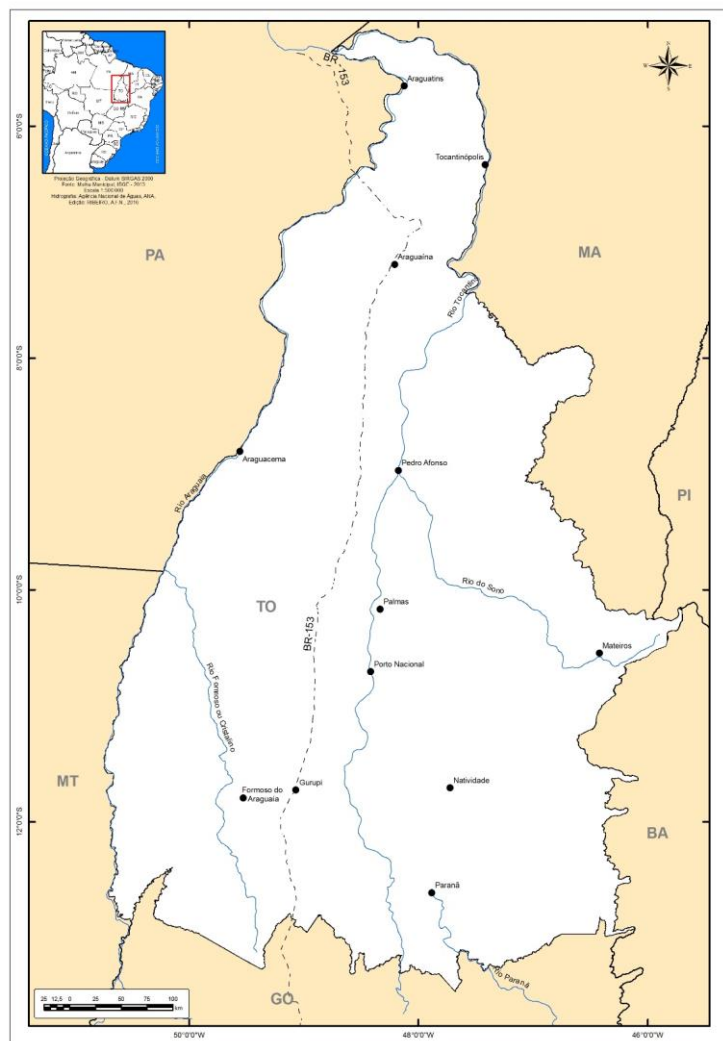
<sup>51</sup> O modelo utilizado pelo ALiB encontra-se descrito em Cardoso (2010, p. 102-103).

<sup>52</sup> Projeto “Aspectos Dialetológicos e Geolinguísticos do Tocantins”, desenvolvido na Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Porto Nacional.

#### 4.5 TRATAMENTO DOS DADOS E DISPOSIÇÃO CARTOGRÁFICA DO ALITTETO

A base cartográfica, que compõe os mapas linguísticos, foi preparada pelo geógrafo Ângelo Franco do N. Ribeiro (UFGD). Solicitamos que o mapa-base contivesse as seguintes informações: localização do Tocantins no território brasileiro, escalas, projeção, limites estaduais, marcações dos principais rios que perpassam o estado, tais como Araguaia, Tocantins, Sono, Formoso ou Cristalino e Paranã. Além dos aspectos geográficos, inserimos o trajeto da rodovia Transbrasiliana (BR-153) na superfície cartográfica. A carta-base ficou assim constituída:

**Figura 05 - Carta-base do ALITTETO**



**Fonte:** Elaboração de Ângelo Franco do N. Ribeiro (2016).

As cartas introdutórias que compõem o volume II da tese foram preparadas pelo cartógrafo Alan A. Alievi e descrevem as microrregiões administrativas, a hidrografia e as rodovias que cortam o Tocantins (Volume II).

Optamos por utilizar o *software* SGVCLin (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014), formulado para gerar relatórios e cartas linguísticas a partir da composição de um banco de dados, em que o pesquisador insere as variantes que compõem as cartas. Essa ferramenta foi selecionada em função das múltiplas funcionalidades fornecidas e, sobretudo, pela possibilidade de gerar relatórios de todas as variáveis trabalhadas, em porcentagem, além da viabilidade de o próprio pesquisador ajustar legendas, gráficos de frequência etc. O *software* emprega o esquema representativo para as variantes em forma de pizza, assim como utilizado no ALiB. Após o preparo da carta-base, iniciamos o processo de alimentação do SGVCLin (2014).

Ao realizarmos a inserção dos dados no *software*, foi necessária a validação prévia do material que compôs as cartas, pois alguns questionamentos, principalmente lexicais, foram polissêmicos, gerando muitas variantes, o que dificultaria a constituição das análises e dos cartogramas. Dessa forma, validamos os itens, ou seja, apuramos se determinada variante era a que se pedia nas questões; para isso, verificamos nos dicionários da língua, os nomes científicos (principalmente de plantas e animais), nos atlas linguísticos regionais e no próprio relato do informante em relação a determinada variante.

Por vezes, o informante, principalmente o jovem, usou respostas genéricas para alguns itens, ou citou nomes atribuídos a outros referentes, caso de *alforje* para *bruaca*, por exemplo. Nesses casos, as respostas também foram inseridas nas análises e nas cartas linguísticas, tendo em vista que a citação de outros referentes, não necessariamente o que se pede na questão, pode apontar desconhecimento do informante sobre o que se pede, e, nesse sentido, pode indicar que traços, sobretudo de um português rural, estão em vias de desaparecimento. Conforme destacamos, após seleção das respostas, os itens foram todos inseridos no *software* e analisados no capítulo 5.

No recorte lexical presente no tomo I, capítulo 5, optamos por acrescentar todas as variantes produzidas como resposta aos questionamentos em quadros com frequência, para que o leitor tenha acesso a todos os itens coletados. Além disso, inserimos gráficos com as variantes distribuídas nas variáveis interindividuais sexo, faixa etária e mobilidade. Há, conjuntamente, dados de natureza intraindividuais, tanto metalinguísticos (ordem gramatical ou lexical) como epilinguísticos (de outra natureza a respeito da língua, ou das línguas e variedades), cujo propósito foi o de corroborar alguma interpretação com as descrições fornecidas pelos

informantes (abonações). Ainda no corpo das análises, adicionamos cartas demonstrativas de arealidade com o propósito de apontar a formação de áreas e de subáreas dialetais no Tocantins.

Nas análises fonéticas, trabalhamos com a abertura das vogais médias em contexto pretônico: /e/ e /o/, com o /R/ em coda silábica interna e externa e com o /S/ pós-vocálico em coda medial, fatos amplamente analisados no português brasileiro. Como não manuseamos programas computacionais estatísticos, tais como o GoldVarb, que fornece ao leitor as variáveis linguísticas e extralinguísticas mais atuantes em determinada variação, optamos por análises gerais e também distribuídas por contextos fônicos que autores brasileiros usaram em seus trabalhos.

O tomo II, constituído pelas cartas geradas pelo *software* SGVCLin, possui os cartogramas linguísticos com a seguinte configuração de leitura: lado esquerdo: mapa central do Tocantins, com os limites estabelecidos com outros estados, pizzas de frequência e nome das 12 localidades de inquérito; lado direito: título da carta; letra que antecede o número representando o subquestionário da análise (L= lexical/ F= fonético). Em seguida, o número da carta, acompanhado da letra “A” (cartas diatópicas) ou “B” (cartas diatópicas-cinéticas) e, depois, o questionamento a que se refere<sup>53</sup>.

Dadas as características do presente trabalho, optamos pela realização de duas cartas linguísticas para cada item lexical. Conforme descrição, as cartas cuja configuração for apresentada pela letra “A”, após o número, denotam que todas as variantes, independentemente da variável, constam na superfície; são cartas puramente diatópicas. Por outro lado, a letra “B” demonstra que as variantes foram separadas por informantes topoestáticos e topodinâmicos (eixo mobilidade). Sendo assim, nas cartas do tipo B, em cada ponto de inquérito, há duas esferas: a primeira com as respostas dos informantes autóctones e a segunda com as informações dos alóctones à localidade. Ambos os cartogramas vêm acompanhadas de legenda e de gráfico geral.

No verso de cada carta, há observações sobre o que foi cartografado no anverso da carta seguinte, seguida de nota explicativa com as baixas incidências lexicais, que não constam na superfície cartográfica, assim como as localidades em que elas ocorreram. Além disso, há a inserção de comentários de natureza extralinguísticas agrupados por abonações dos informantes topoestáticos e dos topodinâmicos.

Os critérios para seleção das cartas do tomo II e para as análises presentes no tomo I são a produtividade das questões, a possibilidade de comparação com outros trabalhos publicados e

---

<sup>53</sup> No tomo II, as cartas foram agrupadas com contexto fonológico para que o leitor tenha acesso a todos os contextos de variação.

os questionamentos que formam áreas ou subáreas fonéticas ou lexicais no Tocantins. Ao todo, foram analisados os seguintes recortes:

i) Fonético - 88 cartas: 62 com fatos fônicos e 26 do tipo sintética.

ii) Lexical - 34 cartas resultantes de 17 questões, situadas em cinco campos semânticos (Atividades Agropastoris, Corpo Humano, Fauna, Brinquedos e Brincadeiras Infantis e Vestuário e Acessórios).

## 5 TRAÇOS DO PORTUGUÊS FALADO NO TOCANTINS: RESULTADOS DO ALITTETO

Neste capítulo são apresentadas as análises fonéticas e lexicais, realizadas a partir do conjunto de dados reunidos nas 12 cidades de pesquisa. Em sua maioria, os fatos aqui trabalhados foram também interpretados por outros pesquisadores, o que nos permite a intercomparatividade das variantes presentes no Tocantins com as de outras regiões brasileiras.

### 5.1 VARIÁVEIS FONÉTICO-FONOLÓGICAS

A presente análise versa sobre o conjunto de cartas que visam averiguar dados de natureza fonético-fonológica, com o intuito de ter a macrovisão de áreas linguísticas em território tocantinense, delimitadas por determinadas variantes. No entanto, baseados em Callou e Brandão (2016), reconhecemos a difícil tarefa de determinar isófonas, pois o conjunto de variáveis que, em algumas regiões brasileiras, configuram-se como características, por vezes, em outras, apresentam-se de forma esparsa.

Examinamos as variáveis fonético-fonológicas: (i) altura das vogais médias em contexto pretônico, (ii) róticos em posição de coda interna e externa e (iii) /S/ pós-vocálico em posição medial, fenômenos amplamente analisados por pesquisadores brasileiros. Notadamente, nesse tipo de exploração, o ambiente linguístico pode ou não favorecer a ocorrência de uma variante em detrimento de outra e, por esse motivo, apresentamos os contextos gerais de cada variável e, sem seguida, os agrupamentos por ambiente<sup>54</sup>, baseados nos trabalhos de Macedo (2004); Brandão (2015); Brandão e Callou (2016)<sup>55</sup> e Brandão (2018).

#### 5.1.1 Realização das vogais médias anteriores e posteriores /e/ e /o/ em posição pretônica

Nascentes (1953, p. 18-26), em sua divisão dialetal, agrupou o país em duas regiões linguísticas: o Norte, marcado pela abertura das vogais médias pretônicas, e o Sul, caracterizado pelas vogais fechadas. Ao longo dos anos, os estudiosos têm se prestado a essas análises e à verificação da permanência ou não dessa separação.

<sup>54</sup> As observações, à guisa fonética, são sintetizadas a partir de um conjunto de cartas elaboradas, presentes no Tomo II, cujos cartogramas linguísticos para cada variável foram realizados por item coletado, para que o leitor tenha acesso a todos os contextos de variação.

<sup>55</sup> Não foram utilizados programas estatísticos nas análises. As variáveis e as variantes foram inseridas no *software* SGVclin que nos forneceu, além da diatopia, as quantificações em porcentagem simples.

Sobre a área do falar Baiano, englobando a Bahia, o Sergipe, o Norte de Minas Gerais e o Sudeste do atual estado de Tocantins, evidenciada por Nascentes (1953) pela presença majoritária de vogais médias abertas, pesquisas têm demonstrado a vitalidade dessa divisão, pelo menos em relação aos dois primeiros estados e à área mineira, com a presença maciça dessas vogais (CARDOSO, 1994). Em dados mais recentes, com as capitais estaduais, Mota e Cardoso (2015) também asseveram que, na Bahia e em Sergipe, faz-se uso predominante das vogais abertas.

No entanto, quando investigamos as localidades que compõem a região Norte, enxergamos outra configuração, o que poderia explicar o fato de Nascentes (1953) ter subdividido o Norte em falares Amazônico e Nordestino, tendo o Maranhão como zona de transição do primeiro para o segundo (BRANDÃO, 2015).

Brandão e Cruz (2005), por exemplo, ao utilizarem dados de dois atlas linguísticos nortistas – do Amazonas (ALAM) e do Pará (ALISPA) – e fornecidas as devidas diferenciações entre as diversas posições pretônicas, chegam aos seguintes resultados quanto à presença das médias abertas nos *corpora*: no ALAM: [E] 28,50%, [□] 18,35%; enquanto no ALISPA: [E] 36%, [□] 21,10%. Notadamente, há presença das médias baixas em ambos os estados nortistas, mas os resultados diferem consideravelmente daqueles apresentados em capitais nordestinas, cujos percentuais no ALiB, por exemplo, quanto à preferência por médias abertas no Nordeste chegam a índices compreendidos entre 51% e 71% (CARDOSO et al., 2014, p.71).

Razky et al. (2012), trabalhando a variação das vogais médias pretônicas em dez cidades no Pará, demonstram preferência quantitativa pelas vogais fechadas no presente estado. Os resultados apontaram 42% de ocorrência de vogais fechadas, 35% de vogais abertas e 23% de alteamentos. As maiores diferenças percentuais estão nas posteriores que perfazem: 51% para [o], 26% para [□] e 23% para [v] (RAZKY et al., 2012, p. 299-300).

Por amostragem diatópica, em apenas três localidades paraenses (Itaituba, Santarém e Conceição do Araguaia) predominam as médias abertas. Segundo os autores, esse fato está diretamente ligado aos grupos nordestinos migrantes que adentraram o estado via porção sul, conforme relato a seguir: “Esses resultados revelam que em áreas de intensa migração nordestina a variante aberta sobrepuja a variante [e] ou apresenta frequência próxima dessa variante, como é o caso de Marabá” (RAZKY et al., 2012, p. 301).

Ao englobar duas regiões distintas, no caso do Baixo Amazonas, no Pará, e Médio Solimões, no Amazonas, Azevedo (2013) assevera que os estados nortistas não podem mais ser generalizados como pertencentes a apenas uma área linguística, no caso o Nordeste, conforme

Nascentes (1953) destacou em sua obra. Assim como Brandão e Cruz (2005), Azevedo (2013) constatou a presença das médias baixas na seguinte proporção: [E] 34%; [ɛ] 31% e [i] 24%, apurando índices de covariação entre as formas médias abertas e fechadas (AZEVEDO, 2013, p. 196-204).

Como demonstrado pelos trabalhos mencionados, e a depender de fatores sociais e diatópicos, há tênue preferência ora para vogais médias abertas ora para as fechadas. Essa oscilação diatópica, principalmente quanto à presença das formas médias abertas em localidades nortistas, pode ser explicada pela migração nordestina, conforme destacado por Razky et al. (2012).

Essa interpretação ganha tônica se partirmos dos dados presentes em Fagundes (2015), especificamente na cidade de Belém, em que analisa, pelo viés da mobilidade, a presença de vogais médias baixas nos seguintes grupos: a) grupo migrante, proveniente do Maranhão há mais de 25 anos, residente na cidade de Belém; b) paraenses, cujos pais vieram do Maranhão com até três anos de idade. Apresentamos a seguir apenas os dados de Fagundes (2015) relativos às variáveis “sexo” e “grupo de amostra”.

A análise realizada pelo eixo diassexual demonstra que os homens favorecem o abaixamento da vogal em detrimento das mulheres, fato que corrobora a descrição realizada por Razky et al. (2012), em que o grupo feminino prefere as vogais fechadas, enquanto o masculino utiliza mais as médias abertas (RAZKY et al., 2012, p. 305). Seriam, nesse caso, as vogais médias abertas um caso de estigmatização social, e por essa razão as mulheres optam pelas vogais fechadas?

Quanto à variável grupo de amostra, os percentuais demonstram que os migrantes com mais de 25 anos em Belém favorecem a aplicação do abaixamento, enquanto o grupo de controle, ou seja, os paraenses com pais maranhenses, desfavorece o abaixamento (FAGUNDES, 2015, p.84). Assim, os filhos de migrantes, nascidos em Belém, adaptam o seu falar à norma local, não utilizando a variante média aberta de seus pais e familiares (FAGUNDES, 2015, p.86).

Diante do exposto, pretendemos verificar a posição do Tocantins na divisão elaborada por Nascentes (1953) quanto à altura das vogais médias, em posição pretônica, a fim de verificarmos se a realização dessas vogais se aproxima mais das ocorrências do Nordeste ou dos estados nortistas da qual faz parte. Para isso, analisamos as vogais médias em contexto anterior e posterior /e/ e /o/, observando os aspectos extralinguísticos, sobretudo a diatopia e as variáveis intraindividuais sexo, idade e mobilidade.

### 5.1.1.1 Realização da vogal média anterior /e/

Para a variável /e/, coletamos 2.007 ocorrências, a partir dos seguintes itens do QFF: 01 - *prateleira*; 02 - *televisão*; 04 - *tesoura*; 09 - *elétrico*; 20 - *peneira*; 23 - *fervendo*; 24 - *cebola*; 48 - *estrada*; 50 - *desvio*; 55 - *seguro*; 59 - *emprego*; 60 - *escola*; 64 - *pernambucano*; 71 - *pecado*; 81 - *desmaio*; 94 - *perfume*; 98 - *perdida*; 99 - *encontrar*; 100 - *perguntar* e 105 - *esquerdo*; do QSL: 024 - *tangerina* e 100 - *menino* (Cartas F01 a F23, Tomo II).

Em termos gerais, sem considerar os contextos fonológicos, os resultados demonstram o predomínio dos alteamentos. Em processo de covariação, estão as vogais médias abertas e fechadas, com proeminência das primeiras, divergindo em apenas três décimos percentuais umas das outras.

#### Quadro 09 - Índice geral de ocorrências e percentuais para a altura da vogal média /e/ em contexto pretônico

Variante	N.º de ocorrências	%
Alçadas [ɪ]	809	40,3%
Abertas [E]	601	30,0%
Fechadas [ɛ]	597	29,7%
	2.007	

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A carta F23 (Volume II) demonstra distribuição regular entre as três variantes da vogal anterior /e/, sem aparente formação de isófona.

Dos 22 itens lexicais trabalhados, em sete deles, pelo menos: *estrada*, *escola*, *esquerdo*, *desvio*, *desmaio*, *emprego* e *encontrar*, predominam os alteamentos, como pode ser verificado no quadro a seguir.

#### Quadro 10 - Vogal /e/ nos contextos #V\$; #V/S/\$; #V/N/\$

Nº da Questão	Vocábulo	Abertas [E]	Fechadas [ɛ]	Alçadas [ɪ]
48	Estrada	-	4,1%	95,9%
50	Desvio	7,7%	43,9%	48,3%
59	Emprego	7,7%	-	92,3%
60	Escola	1,1%	5,3%	93,7%
81	Desmaio	2,4%	26,8%	70,8%
99	Encontrar	-	50,0%	50,1%
105	Esquerdo	-	4,1%	95,8%
	<b>Percentuais gerais</b>	<b>1,6%</b>	<b>19,4%</b>	<b>79,0%</b>

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Para Bisol (1981), a presença de uma vogal alta em sílaba seguinte contribui para o alçamento da vogal média [e] em posição pretônica. No caso do Quadro 10, apenas *desvio* apresenta-se com vogal alta em sílaba tônica e, por essa razão, tende a realizar-se com pretônica alçada, processo conhecido como Harmonia Vocálica (movimento em que a vogal tônica alta harmoniza a anterior).

Nos demais vocábulos, as vogais subseqüentes às pretônicas são médias altas, médias baixas ou baixas. Nesses casos, segundo Monareto (2013), baseada em trabalhos como de Bisol (1981), o principal fator condicionante refere-se à presença do contexto subseqüente sibilante ou nasal, casos, por exemplo, como os verificados em *estrada, escola, esquerdo e emprego* que apresentam alçamentos em mais de 90% dos casos.

Além disso, em contexto vazio, ou seja, em que a vogal média se apresenta em início absoluto de palavra, sem consoante precedente, predominam os alçamentos, principalmente nos vocábulos seguidos de /s/, como evidenciado em pesquisas semelhantes (BRANDÃO; CRUZ, 2005).

Sobre outros itens analisados, a respeito dos alteamentos, a realização da vogal anterior em posição pretônica, com tônicas médias altas ou altas [i] ou [u], como destacado na literatura específica (BISOL, 1981), tende a realizar-se como alçadas, conforme dados expostos no Quadro 11.

**Quadro 11 - Vogal /e/ em contexto CV\$ com vogal alta na sílaba subseqüente**

Nº da Questão	Vocábulo	Abertas [E]	Fechadas [ε]	Alçadas [ɪ]
55	Seguro	5,0%	31,7%	63,4%
24	Tangerina	-	21,1%	78,8%
100 (QSL)	Menino	9,2%	18,5%	72,1%
	<b>Percentuais gerais</b>	<b>5,2%</b>	<b>24,2%</b>	<b>70,6%</b>

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Para Bisol (1981), a vogal alta anterior [i] exerceria maior força articulatória que a posterior [u] devido à própria configuração da cavidade bucal. Em *menino* e *tangerina*, por exemplo, atuaria ainda a regra de atonicidade da vogal [i] (BRANDÃO, 2015).

Em dois vocábulos: *elétrico* e *pecado* (Quadro 12), não há incidências de alteamentos, possivelmente por razões fonológicas. No caso do primeiro, por ser realizado com sílaba composta apenas pela vogal e não haver vogal alta no vocábulo, em geral, não alteia. Por seu turno, *pecado*, possivelmente não alteia por fazer par mínimo com *picado* (BRANDÃO, 2018, [exposição oral]).

**Quadro 12 - Vogal /e/ nos contextos #V\$; #V/S/\$ #V/N/\$**

Nº da Questão	Vocábulo	Abertas [E]	Fechadas [ɛ]	Alçadas [ɪ]
09	Elétrico	76,9%	23,0%	-
71	Pecado	88,6%	11,3%	-
	<b>Percentuais gerais</b>	<b>82,7%</b>	<b>17,3%</b>	-

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Por outro lado, dos 22 itens analisados nesse recorte, em cinco deles não se realizam os alçamentos por apresentarem sílabas travadas por /R/ e, nesses casos, os maiores índices referem-se às pretônicas médias baixas em mais de 60% da amostra, como se verifica no Quadro 13.

**Quadro 13 - Vogal /e/ em contexto #CV/R/\$**

Nº da Questão	Vocábulo	Abertas [E]	Fechadas [ɛ]	Alçadas [ɪ]
23	Fervendo	84,8%	15,2%	-
64	Pernambucano	62,1%	37,8%	-
94	Perfume	66,6%	33,3%	-
98	Perdida	53,2%	46,7%	-
100	Perguntar	73,5%	26,4%	-
	<b>Percentuais gerais</b>	<b>67,7%</b>	<b>32,3%</b>	

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Para Oliveira (1991), o não favorecimento de alçamentos em sílabas travadas por /R/ dá-se por questões de ordem fonética e fonológica, uma vez que a produção do rótico glotal ou velar se realiza na posição posterior do véu palatino, enquanto a produção da vogal alta ocorre na posição anterior do sistema vocálico e, dessa forma, o ambiente não é propício para a realização de alçamentos em sílabas pretônicas preenchidas por /R/.

Em cinco itens as vogais anteriores apresentam-se com comportamentos distintos e, dessa forma, acreditamos que esses vocábulos, excluindo-se os alteamentos, podem apresentar os traços abertos ou fechados do falar presente no Tocantins quanto à altura das médias pretônicas, conforme expomos no Quadro 14; são eles:

**Quadro 14 - Vogal /e/ em contexto CV\$**

Nº da Questão	Vocábulo	Abertas [E]	Fechadas [ɛ]	Alçadas [ɪ]
01	Prateleira	-	13,4%	86,6%
02	Televisão	66,3%	33,6%	-
04	Tesoura	9,2%	66,3%	24,5%
20	Peneira	43,6%	54,2%	2,1%
24	Cebola	14,1%	75,8%	10,1%
	<b>Percentuais gerais</b>	<b>26,5%</b>	<b>48,8%</b>	<b>24,7%</b>

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

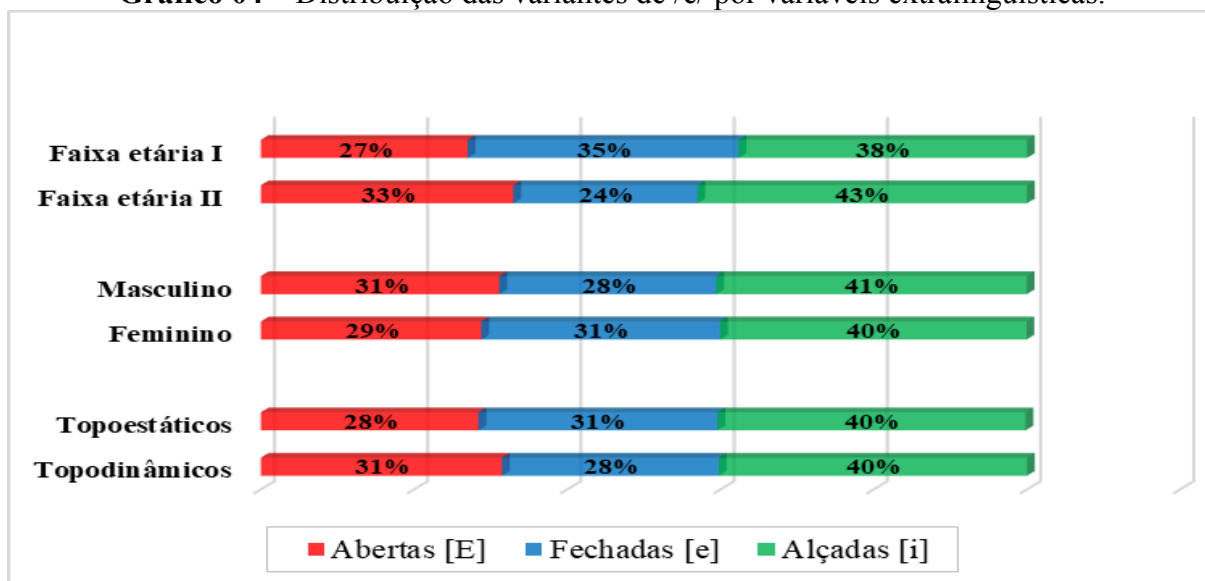
Como se evidencia no Quadro 14, predominam as vogais médias altas em quase metade da amostra, seguidas pelas vogais médias baixas e, por fim, pelas alçadas, resultados semelhantes aos encontrados nos trabalhos de Brandão e Cruz (2005), de Razky *et al.* (2012) e de Azevedo (2013) nos estados que compõem a região Norte.

Diatopicamente, no Tocantins, embora os percentuais por localidade apresentem-se razoavelmente distribuídos com predomínio das vogais fechadas, há tendência de algumas localidades apresentarem maiores volumes de vogais médias abertas, caso da capital Palmas, por exemplo, cujo percentual de [E] angaria quase 50% das ocorrências, evidenciando processo, nessa localidade, de covariação entre formas abertas e fechadas. Na mesma tendência de Palmas, Araguaína (região Norte) e Formoso do Araguaia (Sudoeste) apresentam o segundo percentual em vogais médias abertas: 34%.

Arealmente, não podemos delimitar isófonas quanto à presença de vogais médias abertas ou fechadas, mas, a partir desses resultados, tal como verificados em Razky (2012) e em Azevedo (2013), pressupomos que as levas migratórias, principalmente nordestinas influem diretamente na presença, em algumas localidades, de vogais médias baixas. No nosso caso, localidades mais antigas e mais próximas dos estados nordestinos, caso de Tocantinópolis, de Mateiros de Paranã e de Natividade, há o indicativo de maiores índices de vogais abertas, conforme registrado em nossos dados. No caso de Palmas, que não figura em situação de fronteira, os dados censitários demonstram tratar-se da localidade que mais recebeu migrantes, principalmente maranhenses, o que pode justificar a maior presença de vogais médias baixas.

O recorte por variáveis sociais, considerando todos os contextos aqui analisados, também não detém dados enfáticos quanto às variantes em análise, pois, em todas as variáveis intraindividuais, predominam os alteamentos, conforme gráfico a seguir.

**Gráfico 04** - Distribuição das variantes de /e/ por variáveis extralinguísticas.



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Os dados do Gráfico 04 indicam que os falantes de ambas as faixas etárias realizam com mais frequência os alteamentos (38% e 43% respectivamente), enquanto as fechadas têm maior desempenho entre os da Faixa I (35%) e as abertas entre os da Faixa II (33%).

Quanto à variável sexo, os índices das variantes estão muito próximos entre os homens e as mulheres. O núcleo masculino prefere as vogais abertas, enquanto o feminino opta, com diferença mínima, pelas fechadas, disposição essa identicamente evidenciada no trabalho de Razky et al. (2012, p. 305) e de Fagundes (2015), no estado paraense. No entanto, como em nosso *corpus* essa diferenciação, diferentemente dos trabalhos mencionados, constitui-se como diminuta, não podemos afirmar que a utilização mais recorrente das vogais médias fechadas por parte do grupo feminino esteja atrelada à fatores de estigmatização social em relação às vogais médias abertas, por exemplo.

A realização das vogais médias entre os grupos topoestáticos e topodinâmicos apresenta resultados muito próximos de tal forma que não se pode afirmar categoricamente que os naturais da localidade realizem mais as fechadas (28%) e os migrantes, as abertas (31%). No entanto, 40% de cada grupo registram as vogais alçadas.

Por fim, do mesmo modo que Razky (2012), destacamos que as localidades que mais apresentam vogais médias abertas tiveram forte influência migratória procedente do Nordeste, o caso de Palmas e de Araguaína, por exemplo. Sendo assim, o Tocantins, a partir dos dados aqui dispostos, apresenta maiores índices de vogais pretônicas médias altas, com leve tendência à utilização das médias abertas em localidades com fluxo migratório.

### 5.1.1.2 Realização da vogal média posterior /o/

Para a obtenção dos resultados da variável /o/ (Cartas F24 a F36, Volume II), consideramos os seguintes itens lexicais presentes no QFF: 10 – *torneira*; 18 – *gordura*; 21 – *colher*; 25 – *tomate*; 28 – *bonito*; 32 – *montar*; 61 – *colega*; 67 – *advogado*; 70 – *precissão*; 75 – *coração*; 78 – *joelho* e 96 – *dormindo*, perfazendo o total de 1.136 ocorrências, distribuídas entre vogais abertas, fechadas e alçadas, conforme mostra o Quadro 15.

**Quadro 15** - Índice geral de ocorrências e percentuais para a altura da vogal média /o/ em contexto pretônico

Variante	N.º de ocorrências	%
Fechadas [o]	392	34,5%
Alçadas [u]	375	33,0%
Abertas [ɔ]	369	32,5%
	<b>1.136</b>	

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Em termos gerais, ao englobarmos todos os contextos com pretônicas referentes à variável /o/, verificamos que os resultados estão muito próximos entre as três variantes (34,5%, 33,0% e 32,5%). Na carta sintética F36, presente no Tomo II, verificamos que as três variantes ocorrem com os mesmos índices em cada localidade, sem, por isso, formar áreas de isófona.

Assim como para as vogais anteriores, realizamos as análises das posteriores por recorte fônico, quando a) a vogal /o/ e sílaba CV, com consoante [-cor], antecedente e/ou subsequente; b) vogal /o/ em sílaba com consoante [-cor] antecedente e/ou subsequente e seguida de sílaba com vogal alta; e c) vogal /o/ em outros contextos (BRANDÃO, 2018, [exposição oral]).

Quanto ao contexto a), predominam as vogais posteriores abertas, seguidas pelas fechadas e alçadas, conforme quadro 16.

**Quadro 16** - Vogal /o/ em sílaba CV, com consoante [-cor] antecedente e/ou subsequente

Nº da Questão	Vocábulo	Abertas [ɔ]	Fechadas [o]	Alçadas[u]
21	Colher	13,5%	21,9%	64,6%
25	Tomate	74,0%	13,5%	12,5%
61	Colega	82,3%	17,7%	-
67	Advogado	81,0%	19,0%	-
75	Coração	82,0%	17,0%	1,0%
	<b>Percentuais gerais</b>	<b>66,7%</b>	<b>17,9%</b>	<b>15,5%</b>

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Nesse recorte, de acordo com o Quadro 16 predominam as vogais médias baixas, exceto em *colher*, com maioria de vogais alçadas. Diatopicamente, à exceção de Paranã (sul do Estado), as demais cidades pesquisadas apresentam índices de mais de 50% para as médias abertas.

Localidades como Araguatins, Araguacema, Mateiros e Natividade, sem aparente conexão histórica ou social entre elas, registram índices absolutos de vogais abertas no item *advogado*. Por outro lado, neste mesmo item, Paranã, no extremo sul, na divisa com Goiás, revela a maioria de vogais fechadas, resultados opostos aos obtidos nas outras 11 cidades tocantinenses. Este fato talvez possa ser explicado pela semelhança linguística com o estado goiano, que apresenta, pelo menos em sua capital, índices maiores de médias altas de acordo com os dados do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014, p. 71).

No recorte b) vogal /o/ em sílaba com consoante [-cor] antecedente e/ou subsequente e seguida de sílaba com vogal alta [i] e [u], como em *gordura*, *bonito* e *dormindo*, verificamos o predomínio dos alçamentos, como consta do Quadro 17.

**Quadro 17** - Vogal /o/ em sílaba com consoante [-cor] antecedente e/ou subsequente e seguida de sílaba com vogal alta

Nº da Questão	Vocábulo	Abertas [□]	Fechadas [o]	Alçadas [u]
18	Gordura	2,0%	41,8%	56,1%
28	Bonito	1,9%	27,2%	70,9%
96	Dormindo	5,3%	48,4%	46,3%
	<b>Percentuais gerais</b>	<b>3,0%</b>	<b>38,9%</b>	<b>58,1%</b>

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Nesses casos, fatores de ordem fonológica atuam consideravelmente, uma vez que a vogal tônica alta opera como fator condicionador para a elevação das pretônicas, uma vez que há a assimilação de traços de [u] e de [i] que atinge o timbre da pretônica. No entanto, podemos depreender algumas considerações diatópicas.

Araguaína foi a localidade em que os informantes realizaram os índices mais altos de alçamentos nos três vocábulos da seleção, chegando a 75% da amostra nessa cidade. Em Araguatins e Pedro Afonso, as médias fechadas suplantaram os alçamentos, enquanto o baixo índice de variantes médias baixas ocorre principalmente em Araguaína e Palmas (8,33%).

Sobre c) vogal /o/ em outros contextos, há comportamentos distintos vinculados aos vocábulos da seleção, presentes no Quadro 18.

**Quadro 18 - Vogal /o/ em outros contextos**

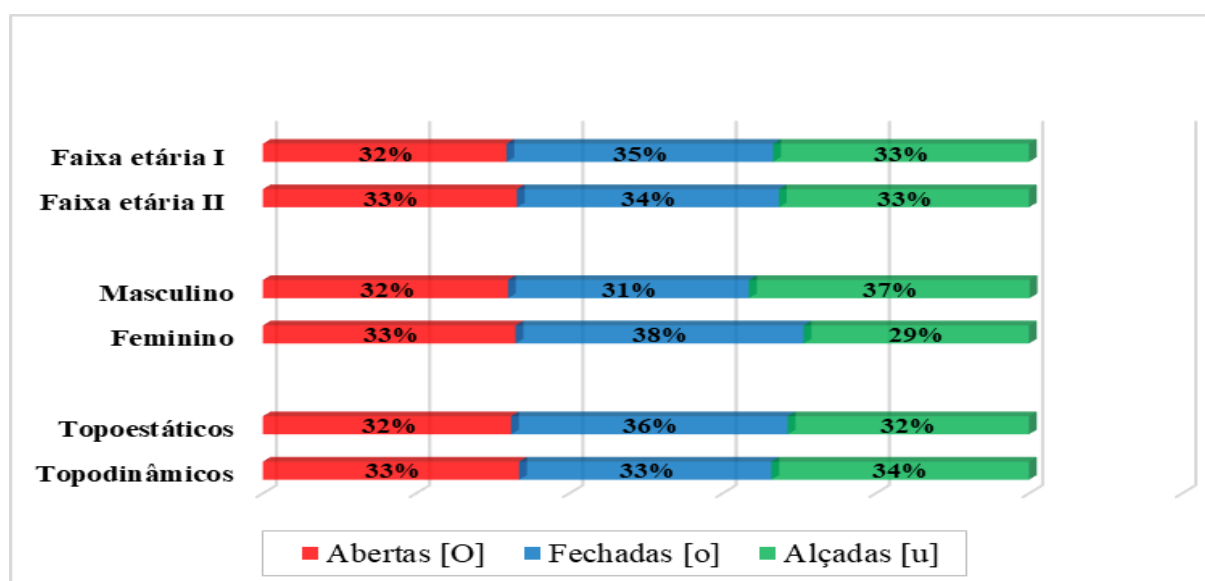
Nº da Questão	Vocábulo	Abertas [ɔ]	Fechadas [o]	Alçadas [u]
10	Torneira	9,5%	86,3%	4,2%
32	Montar	-	46,2%	53,8%
70	Procissão	44,6%	55,4%	-
78	Joelho	-	28,8%	71,1%
	<b>Percentuais gerais</b>	<b>10,6%</b>	<b>54,3%</b>	<b>35,0%</b>

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Em termos gerais, predominam as vogais médias fechadas na amostra, no entanto, cada item em específico apresentou comportamento distinto. *Torneira* é responsável por mais de 80% de vogais médias altas, enquanto em *procissão*, apesar do predomínio da vogal fechada, há existência de médias baixas em 44,6% da amostra do item. Em relação à *joelho* e *montar* predominam os alçamentos (71,1% e 53,8%).

Sobre a diatópia, as 12 localidades apresentam índices maiores que 38% de médias fechadas, atingindo percentual máximo de 66,0% em Pedro Afonso, por exemplo. As alçadas apresentam-se mais em Mateiros, enquanto há índices maiores de vogais abertas em Tocantinópolis e Araguacema (28,13% e 27,27%, respectivamente).

Em face dos resultados descritos no Gráfico 05, que apresentam todos os itens distribuídos por variáveis sociais, cabem algumas considerações.

**Gráfico 05 - Distribuição das variantes de /o/ por variáveis extralinguísticas.**

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

No grupo faixa etária, embora haja uma ligeira diferença de índices em relação à preferência pelas vogais médias fechadas na Faixa I, as demais variantes apresentam os mesmos percentuais (33% para as alçadas), ou quase os mesmos (32% e 33% para as abertas) em ambas as faixas etárias.

O núcleo masculino prefere os alteamentos, enquanto as mulheres optam pelas vogais fechadas. Em relação às realizações abertas, a diferença é insignificante do ponto de vista diasssexual.

No recorte por mobilidade, os nascidos e estabelecidos nas cidades pesquisadas mostram ligeira preferência pelas vogais altas, enquanto os topodinâmicos apresentam maiores percentuais de vogais alçadas. Quanto à realização das vogais abertas, os resultados estão muito próximos.

A partir da análise dos segmentos /e/ e /o/, constatamos que o Tocantins apresenta tendência à coexistência entre vogais médias pretônicas abertas e fechadas, com maiores percentuais para as últimas. Algumas localidades são mais propensas às médias baixas, como Araguaína, por exemplo. Esses resultados vão ao encontro dos dados apresentados por Brandão e Cruz (2005) no Amazonas e no Pará, por Razky (2012) no Pará, e por Azevedo (2013) no Baixo Amazonas e no Médio Solimões (Amazonas).

### 5.1.2 Os róticos em coda medial e final

Outra variável amplamente estudada no português brasileiro versa sobre o agrupamento de variantes oriundas do fonema /R/, que podem realizar-se como *trills* (vibrantes), *taps*, aproximantes e fricativas (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). No entanto, e a depender de fatores internos e, principalmente, externos, a descrição dos tipos de rótico existentes no Brasil não constitui tarefa das mais simples.

Na busca por delimitação de áreas linguísticas, tendo o rótico como parâmetro, estudos têm demonstrado, por vezes, um processo de mudança em curso, atuando dentro de poucos anos. Citamos, como exemplo, a pesquisa de Callou (1987), com dados da década de 70, cuja variante fricativa velar caracterizava a cidade do Rio de Janeiro. Todavia, com dados de duas décadas posteriores, o falar da cidade passou a ser representado pela fricativa glotal (CALLOU; LEITE; MORAES, 2002), mudança que pode ser explicada pelo processo de debucalização, ou seja, quando um segmento perde seu ponto de articulação no trato oral.

Outro tipo de rótico amplamente analisado no português brasileiro refere-se ao retroflexo que, por vezes, tem migrado consideravelmente por diferentes regiões brasileiras, avanço esse subordinado aos segmentos de ordem diatópica e social (AGUILERA, 2012).

Brandão (1991) destaca que os autores pioneiros focalizavam o retroflexo em áreas específicas, restrita a localidades interioranas de São Paulo (AMARAL, 1920). Posteriormente, e a partir da análise dos atlas linguísticos brasileiros e de outras obras, a autora verifica que sua abrangência é maior do que se supunha, adentrando limites nortistas e nordestinos.

Aguilera (2012), em seu trabalho “O /R/ caipira está ganhando *status*?”, destaca que o avanço desse tipo de rótico, outrora mais estigmatizado, dá-se atualmente entre informantes urbanos e jovens, o que demonstra a vitalidade dessa variante e certa perda da taxaço de ser variante típica de grupos “caipiras”.

Apesar da ocorrência esparsa do retroflexo para os limites nortistas, a variante glotal denota ser a mais usual nos estados que compõem a região Norte, como exemplificado por Costa (2015), com dados do ALiB coletados no Amazonas, no Amapá, no Pará, no Acre, em Rondônia e no Tocantins. A aspirada ou glotal representa 82% dos dados, seguida por 11% de apagamento e 7% da tepe alveolar (COSTA, 2015, p. 54). Apesar da predominância da glotal, a autora revela que o Tocantins, dos cinco estados analisados, é o que apresenta maior índice de tepes (COSTA, 2015, p. 67).

Diante das colocações, as análises seguintes examinam vocábulos que atestam a variação do rótico em coda medial e final e visam verificar a posição do Tocantins em relação à norma linguística nortista destacada por Costa (2015) quanto à predominância das glotais em detrimento de outras variantes.

#### 5.1.2.1 Os róticos em coda medial

Para a análise do /R/ em coda interna, utilizamos como *corpus* 949 registros, obtidos a partir dos seguintes vocábulos contidos no QFF: 10 – *torneira*; 18 – *gordura*; 23 – *fervendo*; 34 – *borboleta*; 43 – *tarde*; 46 – *catorze*; 69 – *certo*; 72 – *perdão*; 94 – *perfume* e 98 – *perdida* (Cartas F37 a F47, Tomo II), cujo número de ocorrências e percentuais por variantes estão descritos no Quadro 19.

**Quadro 19** - Índice geral de ocorrências e percentuais para o /R/ em coda medial - Cartas F37 a F47.

Variante	N.º de ocorrências	%
[h] Fricativa glotal	650	68,5%
[x] Fricativa velar	110	11,6%
[ɾ] Retroflexo	88	9,3%
Apagamentos	60	6,3%
[ɾ] Tepe	39	4,1%
[r] Vibrante múltipla	2	0,2%
	949	

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Em termos gerais, no Tocantins, a norma quanto ao tipo de /R/ é constituída pela variante fricativa glotal, a exemplo de outros estados nortistas, como registrado por Costa (2015). No entanto, cabe destacar que os percentuais para fricativa glotal, embora sejam predominantes, são menores do que os encontrados em Costa (2015, p. 67) em outros estados nortistas. O Pará, por exemplo, apresenta 87% de uso da glotal, enquanto o Tocantins, 68,5%.

Diatopicamente, a glotal encontra-se de forma equânime, pelo menos, em 11 localidades. Apenas em Araguatins, divisa com o Pará, ocorre em menor proporção, tendo a fricativa velar como mais incidente nessa cidade, quando esperávamos que, na divisa com o estado paraense, os índices de glotais seriam maiores do que os de velares.

A fricativa velar, segunda variante em termos numéricos, apesar da baixa incidência no cômputo geral se comparada à glotal, ocorre, à exceção de Gurupi, em todas as localidades. Como já ressaltado, em Araguatins, suplanta a primeira variante, e também ocorre em Araguaína, embora não como hegemônica.

O retroflexo, por seu turno, foi registrado, com baixa ocorrência, em todas as localidades; os maiores registros, não ultrapassando 13 respostas, estão em Paranã, Gurupi e Araguacema. Tal fato corrobora a pesquisa de Brandão (1991) da propagação desse rótico para regiões nortistas.

Registramos ainda casos de apagamentos em coda interna, principalmente no item *catorze*, sendo Palmas a responsável pelo maior percentual de neutralização. Segundo Hora e Monaretto (2003) e Costa (2015), o processo de apagamento dá-se diante de consoante fricativa, levando à anulação do rótico pelo contato com as consoantes com o mesmo modo de articulação.

A vibrante alveolar simples, ou tepe, registrada em outros estudos na região sulista (MONARETTO, 2002), em nosso *corpus*, concentrou-se nas localidades Centro-Sul, a partir da

capital Palmas, onde há um número maior de migrantes oriundos dos estados da Região Sul<sup>56</sup>. Nas cidades do Norte tocaninense, ocorreu apenas um registro de tepe, em Tocantinópolis.

Em Costa (2015, p. 67), dos estados nortistas analisados pela autora, o Tocantins apresentou o maior índice dessa vibrante: 17%, enquanto o Pará, apenas 3%; resultado possivelmente relacionado à procedência migratória dos informantes do Tocantins, mais eclética se comparada com outros estados que compõem o Norte.

Por fim, em menor escala, coletamos a vibrante múltipla em Mateiros e em Araguacema, não sendo possível estabelecer distinção diatópica alguma para expressar a ocorrência dessa variante nas referidas cidades. Não há registros dessa vibrante nos estados nortistas analisados por Costa (2015).

No Quadro 20, apresentamos os vocábulos selecionados do QFF e os percentuais relativos à utilização das cinco variantes e do apagamento em coda medial: à exceção de *catorze*, nos demais itens lexicais predominou a fricativa glotal.

**Quadro 20** - Índice de ocorrências por variantes de /R/ em coda interna distribuídas pelos itens lexicais investigados

N.º da Questão	Vocábulo	[h]	[x]	[ɾ]	Ø	[ɹ]	[r]
10	Torneira	75,8%	14,7%	6,3%	-	3,1%	-
18	Gordura	77,9%	14,7%	5,3%	-	2,1%	-
23	Fervendo	50,0%	8,7%	22,8%	6,5%	12,0%	-
34	Borboleta	73,4%	6,4%	11,7%	4,3%	4,3%	-
43	Tarde	79,1%	14,6%	5,2%	-	1,0%	-
46	Catorze	35,0%	1,0%	15,0%	44,0%	4,0%	1,0%
69	Certo	74,5%	18,1%	7,4%	-	-	-
72	Perdão	74,7%	20,0%	4,2%	-	1,1	-
94	Perfume	59,4%	10,4%	10,4%	6,2%	12,5%	1,0%
98	Perdida	87,0%	7,6%	4,3%	-	1,0%	-
		<b>68,5%</b>	<b>11,6%</b>	<b>9,3%</b>	<b>6,3%</b>	<b>4,1%</b>	<b>0,1%</b>

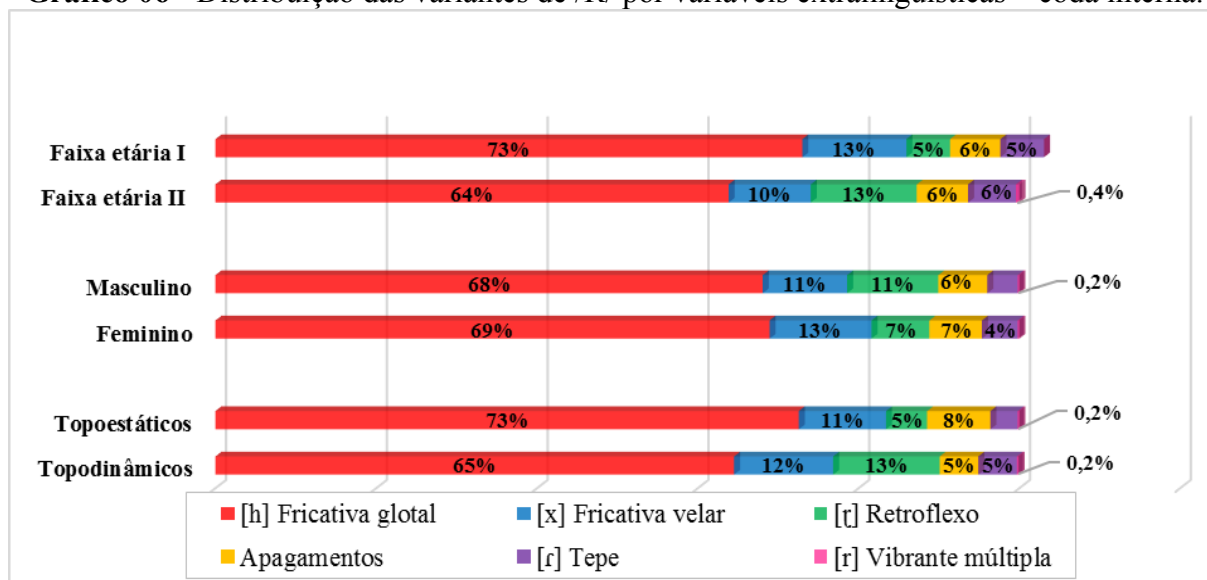
**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

O retroflexo, embora represente menos de 10% no cômputo geral, é mais recorrente em vocábulos cuja consoante subsequente é uma labiodental, coronal ou alveolar (*fervendo*, *perdida* e *catorze*). Já o uso da vibrante simples, mais frequente nos itens *fervendo* e *perfume*, deu-se possivelmente em função de sua posição antecedendo labiodentais. Costa (2015, p. 65) ainda ressalta que vocábulos trissílabos propiciam o uso dessa vibrante. Por fim, a vibrante múltipla ocorre apenas em *catorze* e *perfume*.

<sup>56</sup> Vide capítulo 2.

Por meio da análise das variáveis sociais, expostas no Gráfico 06, podemos averiguar a ampla utilização da fricativa glotal em todos os segmentos investigados (faixa etária, sexo e mobilidade).

**Gráfico 06** - Distribuição das variantes de /R/ por variáveis extralinguísticas – coda interna.



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Os informantes jovens e os naturais da localidade em estudo são os que mais fazem uso da fricativa glotal e menos utilizam o retroflexo. Costa (2015, p. 69) também verifica que a primeira faixa etária possui tendência ao uso mais recorrente da glotal. Os mais velhos e os migrantes, por sua vez, são os que apresentam maiores índices para o retroflexo (13%). A fricativa velar foi mais recorrente entre os jovens e os migrantes, enquanto o tepe, com baixa incidência (entre 0,2% e 6%) foi registrado entre os informantes da Faixa etária II e os topodinâmicos.

Quanto à variável sexo, a velar foi mais frequente na fala feminina e a retroflexa na fala masculina. Os apagamentos, assim como atestado em Costa (2015, p.71), apresentam maiores índices na fala das mulheres. No entanto, em relação à utilização do tepe, enquanto em Costa (2015) se verifica maior recorrência no falar dos homens, em nosso *corpus*, aparece com mais frequência no núcleo feminino.

Em suma, a norma fonética, no Tocantins, quanto ao uso predominante da fricativa glotal, está ligada à Região Norte. Salientamos que, embora essa variante se estabeleça como a principal em ambos os grupos analisados (topoestáticos e topodinâmicos), os percentuais averiguados para as glotais no *corpus* tocantinense ainda são menores do que os destacados por

Costa (2015) nos demais estados nortistas. Essa constatação nos leva ao entendimento de que os processos sociais do Tocantins, seja a colonização, a emancipação política e os grupos migrantes, constituem-se distintos dos demais estados do Norte.

#### 5.1.2.2 Os róticos em coda final

Para investigar a realização das variantes róticas em final de palavra, selecionamos os seguintes itens lexicais, sendo três substantivos e seis verbos no infinitivo: 14 – *varrer*; 21 – *colher*; 22 – *liquidificador*; 32 – *montar*; 42 – *calor*; 58 – *trabalhar*; 63 – *rasgar*; 95 – *beijar* e 100 – *perguntar*<sup>57</sup> (Cartas F48 a F57, Tomo II), gerando 828 registros, cuja distribuição por número de ocorrência e respectivo percentual constam do Quadro 21.

**Quadro 21** - Índice geral de ocorrências e percentuais para o /R/ em coda final

Variante	N.º de ocorrências	%
Apagamentos	569	68,7%
[h] Fricativa glotal	225	27,2%
[r] Retroflexo	16	1,9%
[x] Fricativa velar	14	1,7%
[ɾ] Tepe	4	0,5%
	<b>828</b>	

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Como identificado por Callou e Brandão (2016), a queda do /R/ em coda final constitui-se fenômeno latente no português brasileiro e, em nossos dados, apresenta-se como hegemônico em 11 cidades, representando quase 70% dos registros. Para as autoras, a ausência do rótico nessa posição sinaliza um processo estável, devido ao enfraquecimento do fonema, que leva à simplificação da estrutura silábica de CVC para CV e que não se associa à estratificação social alguma.

A fricativa glotal efetivou-se em 27% dos casos, com registro regular em, pelo menos, 11 localidades. em Araguatins, a presença do rótico supera o índice de apagamento, registrando mais de 50% das ocorrências para a glotal em coda final. Interessante observar que essa localidade, na análise anterior do rótico em coda medial, também demonstrou comportamento diferenciado quanto à norma das outras localidades de pesquisa, constituindo nesses dois quesitos, uma subárea linguística.

Os demais róticos, cada um dos quais com menos de 2% do total do *corpus*, apresentaram a seguinte configuração diatópica: o retroflexo em coda final ocorreu em três

<sup>57</sup> Os dados obtidos em coda final ocorreram diante de pausa.

localidades: Mateiros, Gurupi e Paranã; nesta última, com uma porcentagem maior do que nas demais. A fricativa velar foi registrada também em Mateiros, Paranã e em Araguacema. Por fim, apesar do baixo índice, o tepe ocorreu nas cidades mais ao norte, em Araguacema e, no Sul do estado, em Gurupi, Natividade e Paranã.

A seleção dos róticos por vocábulo – verbos e substantivos – demonstra, em todos eles, o domínio dos apagamentos, embora alguns itens lexicais também apresentem ocorrência de outras variantes do /R/, conforme se verifica pelo Quadro 22, pelos índices percentuais de cada variante.

**Quadro 22** - Índice de ocorrências por variantes de /R/ distribuídas por itens lexicais - coda externa

Nº da Questão	Vocábulo	O	[h]	[r]	[x]	[ʀ]
14	Varrer	61,3%	36,6%	1,1%	1,1%	-
21	Colher	55,2%	37,5%	2,1%	4,2%	1,0%
22	Liquidificador	67,0%	28,2%	1,9%	1,9%	1,0%
32	Montar	77,1%	19,6%	-	3,3%	-
42	Calor	57,3%	37,5%	2,1%	1,0%	2,1
58	Trabalhar	82,8%	14,1%	2,0%	1,0%	-
63	Rasgar	68,5%	28,3%	2,2%	1,1%	-
95	Beijar	69,4%	27,1%	3,5%	-	-
100	Perguntar	83,3%	12,5%	2,8%	1,4%	-
		<b>68,7%</b>	<b>27,2%</b>	<b>1,9%</b>	<b>1,7%</b>	<b>0,5%</b>

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

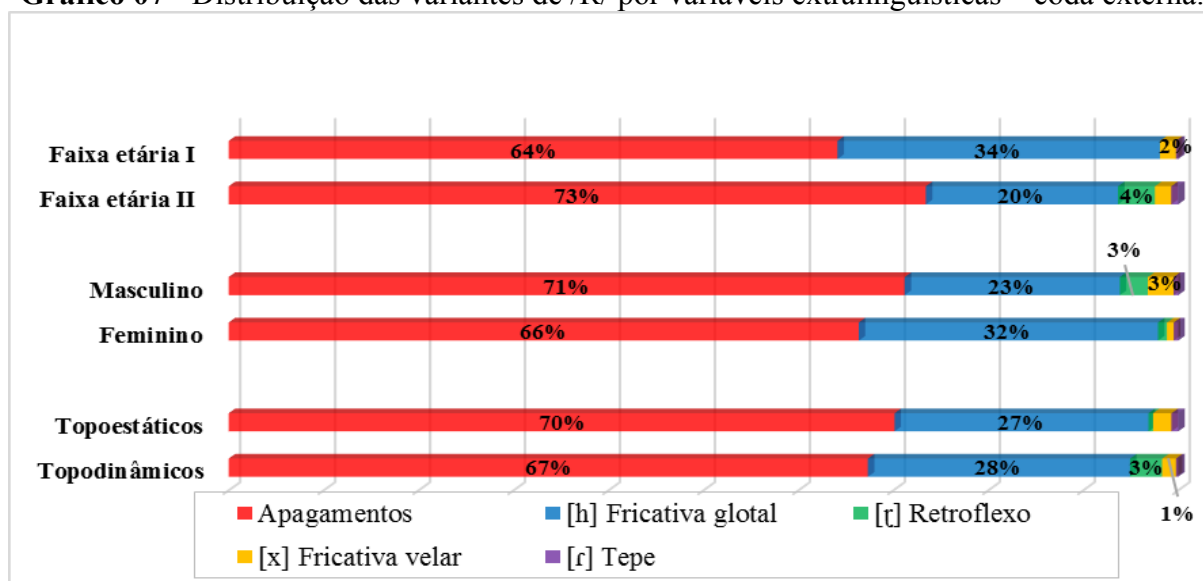
Os verbos apresentam maiores percentuais de apagamento, fenômeno descrito por Callou e Brandão (2016) como a classe morfológica mais sensível ao apagamento do rótico. Em verbos da primeira conjugação, cuja vogal antecedente é aberta, caso de *montar*, *trabalhar* e *perguntar*, estão os maiores índices de apagamento, acima de 77%; em *varrer*, da segunda conjugação, que apresenta vogal média, denota percentual de apagamento menor, se comparado às demais formas verbais no infinitivo.

A ocorrência da fricativa glotal no segmento pós-vocálico está mais propensa a realizar-se após vogais médias altas, posterior e anterior: [e, o], como evidenciado em *varrer*, *colher*, *liquidificador*, *calor*. No entanto, obtém 27% em *beijar*, contrariando as considerações aqui realizadas quanto à vogal aberta como favorecedora do apagamento.

Os percentuais para as demais variantes (retroflexo, velar e tepe) apresentam moderadamente algumas particularidades. O verbo *beijar* é o que mais favorece o uso do retroflexo, enquanto o substantivo *colher* torna-se mais propenso à ocorrência da velar; o tepe só ocorre nos nomes *colher* e *liquidificador*.

A apresentação dos dados agrupados em variáveis intraindividuais focalizam resultados expressivos, principalmente em relação à faixa etária, conforme Gráfico 07, demarcando os jovens como os que menos utilizam os apagamentos, se comparados aos informantes da segunda faixa etária. Ainda neste subgrupo, os retroflexos são usados apenas pelos mais velhos, enquanto os jovens, além do apagamento e da fricativa glotal, usam, minimamente, a fricativa velar.

**Gráfico 07** - Distribuição das variantes de /R/ por variáveis extralinguísticas – coda externa.



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Pelos dados expostos no Gráfico 07, observamos que a variável faixa etária tem alguma influência sobre o apagamento, pois são os mais velhos os que, mais frequentemente, apagam o rótico em final de palavra. Sobre a presença da glotal nesse contexto, são os jovens os que o registram com um índice de 34% contra 20% desse rótico, na fala dos informantes da Faixa etária II.

As variáveis sexo e local de origem mostraram que, na coda externa, o apagamento ocorre com mais frequência entre os homens e os naturais da localidade em estudo (topoestáticos), sem muita discrepância com os dados das mulheres e dos topodinâmicos.

Os jovens, as mulheres e os topoestáticos não apresentam a variante retroflexa em suas respostas. A presença dessa variante, embora pouco representativa, está ligada a questões da mobilidade migratória dentro do Tocantins.

Em síntese, podemos dizer que a variação do rótico ou a sua neutralização em coda final no Tocantins segue padrões de outras regiões brasileiras, com índices de apagamentos que

suplantam a existência da consoante final, principalmente na classe dos verbos. Quando há presença do fonema em coda final, este se realiza principalmente como fricativa glotal.

### 5.1.3 O /S/ pós-vocálico

Nossa última análise fonética versa sobre a realização do /S/ pós-vocálico em coda medial que, em português brasileiro, pode realizar-se como variantes palatais surda e sonora [Σ][Z], sibilantes surda e sonora [s] [z], fricativa glotal [h] ou apagada [Ø] (SCHERRE; MACEDO, 1991).

A ocorrência de formas palatais é fenômeno marcante atribuído, principalmente, ao português falado no Rio de Janeiro. Callou (2015) descreve a presença dessas variantes como decorrentes de marcas sociais e históricas, a partir da vinda da família Real portuguesa, em 1808, e cujos padrões linguísticos de prestígio eram imitados.

Estudos recentes têm demonstrado a ocorrência das palatais em outras regiões do país. Callou (2015) salienta que, no Rio de Janeiro e no Recife, predominam essas formas; em Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, as sibilantes; na Bahia, há coexistência de ambas as formas e, em outras partes do Nordeste, ocorre o uso da pós-alveolar, em áreas específicas (CALLOU, 2015, p. 46).

Quanto à Região Norte, as cartas do ALAM demonstram a preferência, no Amazonas, por realizações alveolares, em contexto interno e externo. No entanto, há a palatalização em pontos específicos do estado, situados em três localidades, em sentido centro-leste: Barcelos, Itacoatiara e Parintins, divisa com o Pará (CRUZ, 2004). Por meio dos dados, a autora traça a possibilidade de uma isófona entre três microrregiões que compõem a parte nordeste de sua área de pesquisa (CRUZ, 2004, p. 134).

Os resultados levantados por Cruz (2004) também foram confirmados por Maia (2012), com pesquisa de campo realizada nos municípios de Boca do Acre, Lábrea (ponto coincidente com o ALAM) e Tapauá. O autor destaca que, nas três localidades, o /S/ pós-vocálico apresentou-se com predomínio das alveolares surda e sonora [s] e [z], seguido pelas pós-alveolares surda e sonora [Σ] e [Z] e pela glotal [h] (MAIA, 2012, p. 107).

Maia (2012), sobre a possível área dialetal destacada por Cruz (2014), aponta ser possível correlacionar o falar amazonense em dois subfalares: falares do Rio Negro e Amazonas e falares do Solimões, fato esse corroborado por indicativos históricos e sociais, principalmente a descendência portuguesa, conforme descrição do autor:

Os “falares do Solimões e seus afluentes”, dos quais faz parte o Purus, são marcados pelo modo de falar de origem nordestina do maranhense e do cearense, trazido pelos seringueiros a essa região do mapa, onde o ciclo da borracha foi mais forte e presente. Esse modo de falar sibila o /S/ em posição pós-vocálica. Já nas localidades dos rios Negro e Amazonas, apesar da presença nordestina, a maior influência é do modo de falar do português. Nesse modo de falar é mais comum o chiado. [...] É importante lembrar também que Manaus, cidade dessa região e que apresenta índices significativos de chiamento, embora tenha sido a grande beneficiada com a extração do látex, não abrigava os seringueiros nordestinos, mas sim os coronéis e seus familiares, sua grande maioria de descendência portuguesa. Dessa forma, estariam os “falares do Amazonas e Negro” caracterizados pelo uso da variante pós-alveolar do /S/ pós-vocálico. Não obstante, tal hipótese ainda precisa ser melhor investigada (MAIA, 2012, p. 107-108).

Maia (2012, p. 129) também apresenta os diferentes contextos de realização do /S/: a pós-alveolar mostra-se produtiva em coda medial antes de oclusiva; a glotal incide principalmente em posição medial anterior à nasal, lateral e africada; já o apagamento dá-se em ambiente final quando o /S/ é morfema de plural.

Na cidade de Belém, no Pará, predominam as palatais no cômputo geral, apesar da presença considerável das alveolares, da glotal e do apagamento. Os fatores sociais apontam para a polarização entre o falar dos homens, acentuado pelas variantes glotais, pelo zero fonético e pelas palatais, contrastando com o uso das palatais e alveolares pelas mulheres (CARVALHO, 2000, p. 105).

Diante das presentes colocações, tendo em vista que as realizações do /S/ pós-alveolar no Brasil sejam procedentes do processo colonizatório português, cujas levas migratórias, principalmente nordestinas, foram responsáveis pela introdução das variantes em algumas áreas, objetivamos verificar a posição do Tocantins nesse contexto, principalmente por sabermos que as principais frentes migratórias que compõem o estado também são procedentes do Nordeste e que as cidades do ciclo do ouro abrigaram presença maciça de portugueses em séculos passados.

Para isso, nossa análise realizou-se por meio dos seguintes itens lexicais presentes no QFF: 12 – *fósforo*; 26 – *casca*; 48 – *estrada*; 50 – *desvio*; 63 – *rasgar*; 76 – *costas*; 79 – *caspa*; 81 – *desmaio* e 104 – *mesma* (Cartas F58 a F67, Volume II), totalizando 944 realizações, distribuídas conforme o Quadro 23.

**Quadro 23** - Índice geral de ocorrências e percentuais para o /S/ em coda final

<b>Variante</b>	<b>N.º de ocorrências</b>	<b>%</b>
[s] Alveolar surda e [z] Alveolar sonora	<b>701</b>	<b>74,3%</b>
[ʃ] Pós-alveolar surda e [ʒ] Pós-alveolar sonora	<b>138</b>	<b>14,6%</b>
[h] Glotal	<b>89</b>	<b>9,4%</b>
Apagamentos	<b>16</b>	<b>1,7%</b>
	<b>944</b>	

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Predominam, no Tocantins, as realizações alveolares, surda e sonora, com distribuição regular entre as cidades de inquérito, a exemplo do Amazonas (CRUZ, 2004; MAIA, 2012). As pós-alveolares, embora se apresentem em todas as localidades com baixos percentuais, registram-se mais intensamente no Centro em direção ao Norte do Tocantins, contrariando nossas expectativas iniciais quanto à presença dessa variante em localidades colonizadas por portugueses, caso do Sudeste tocantinense, nas localidades de Natividade e Paranã, por exemplo.

Os casos de realizações aspiradas e apagamentos em coda encontram-se em situação estável em todas as cidades pesquisadas, sem demarcação de áreas preferenciais para suas realizações.

O recorte por contexto subsequente<sup>58</sup>, cuja consoante em coda interna antecede bilabiais, labiodentais, velares ou coronais, demonstra comportamentos fonéticos distintos em cada grupo, sendo as consoantes coronais as que mais influenciam na existência das fricativas.

<sup>58</sup>A análise a seguir foi subdividida por contexto subsequente, ancorada no trabalho de Macedo (2014).

**Quadro 24** - Índice de ocorrências por variantes de /S/ distribuídas por itens lexicais – coda interna.

Nº da Questão	Vocábulo	[s] [z]	[ʒ] [Z]	[h]	[O]
Contexto subsequente: bilabial [p, m]					
79	Caspa	96,9%	2,1%	1,0%	-
81	Desmaio	86,3%	7,5%	5,0%	1,6%
104	Mesma	46,2%	1,1%	45,2	7,5%
		<b>68,5%</b>	<b>2,8%</b>	<b>24,6%</b>	<b>4,1%</b>
Contexto subsequente: labiodental [f, v]					
12	Fósforo	100%	-	-	-
50	Desvio	98,9%	1,1%	-	-
		<b>99,4%</b>	<b>0,6%</b>		
Contexto subsequente: velar [k, g]					
26	Casca	96,9%	3,1%	-	-
63	Rasgar	98,9%	1,1%	-	-
		<b>97,9%</b>	<b>2,1%</b>	-	-
Contexto subsequente: coronal [t]					
48	Estrada	50,5%	49,6%	-	-
76	Costas	59,1%	40,9%	-	-
		<b>54,9%</b>	<b>45,1%</b>	-	-

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Os contextos subsequentes bilabiais favorecem a alveolar sonora [z], à exceção do item *caspa*, em que a alveolar surda é quase categórica. Ainda nesse subgrupo, a consoante glotal no lugar da variante em questão atinge mais de 40% no item *mesma*. Sobre o uso dessa aspiração, a diatopia não demonstra aparentes disparidades entre as cidades pesquisadas.

Para a alveolar surda [s], maior índice registrado nos dados gerais, contextos antecedentes à oclusiva /p/, como em *caspa*, e anterior à fricativa /f/, como em *fósforo*, apresentam favorecimento à existência da variante em questão, resultados semelhantes ao de Maia (2015). A alveolar sonora /z/ encontra-se, principalmente, nos casos em que antecede bilabiais (*desmaio* e *mesma*), labiodentais (*desvio*) e velar (*rasgar*).

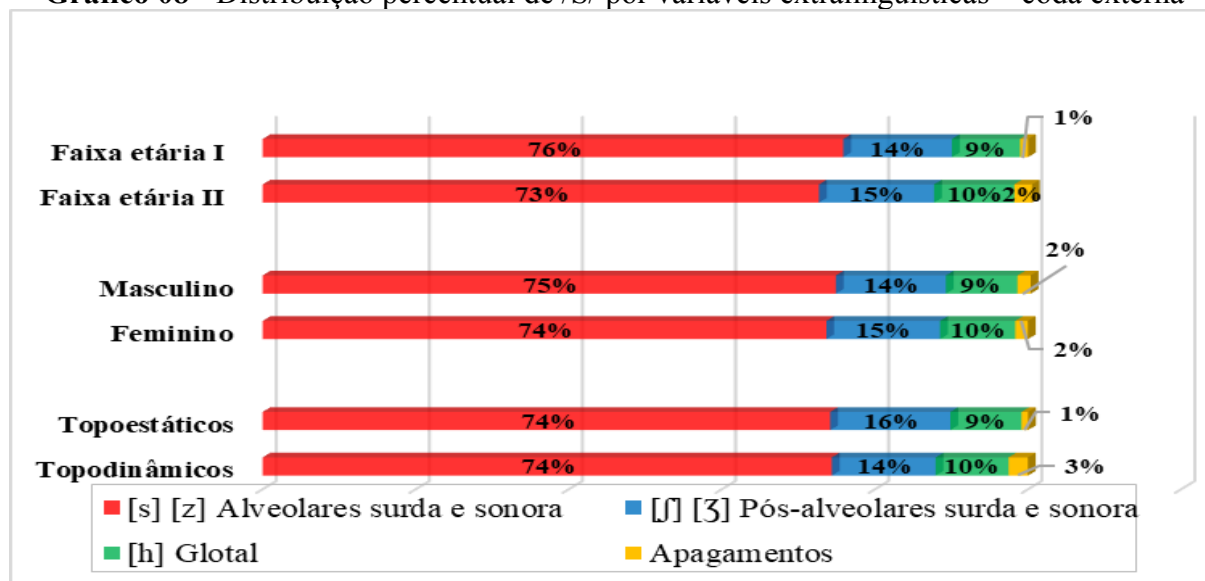
Quanto às pós-alveolares, tal como em Maia (2015), o ambiente favorecedor da variante, principalmente a surda, é antecedendo oclusiva [t]. Ainda nesses contextos, concorre com as realizações alveolares surdas. A pós-alveolar sonora ocorre com baixíssima produtividade, tendo as bilabiais como favorecedoras, principalmente /m/, e velares /g/.

Há considerável incidência do uso de glotais nos ambientes subsequentes bilabiais (24,6%), sobretudo antecidos por /m/, havendo um enfraquecimento da consoante. Ainda

nesses mesmos contextos, ocorre, em menor escala, o total desaparecimento do fonema, levando ao apagamento do /S/ pós-vocálico (3,9%).

Se, por um lado, as variáveis diatópicas apontam o uso das formas pós-alveolares a partir do Norte em direção ao Centro do Tocantins, os aspectos sociais não se mostraram muito produtivos, como explicitado no Gráfico 08.

**Gráfico 08** - Distribuição percentual de /S/ por variáveis extralinguísticas – coda externa



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Em todos os segmentos sociais predominam as realizações alveolares. No recorte por idade, os jovens apresentam 3% a mais de alveolares. Para a Faixa II, há 1% percentual a mais para as realizações pós-alveolares, glotais e para os apagamentos se comparados à Faixa Etária I.

Diferentemente dos apontamentos de Carvalho (2000), para Belém, em que a polarização entre o falar dos homens e das mulheres foi significativa, no Tocantins os resultados são mais tênues: tanto os homens quanto as mulheres produzem, primeiramente, mais casos de alveolares, surdas e sonoras, com diferença percentual de apenas 1%; em segundo lugar, aparecem as variantes alveolares pós-alveolares, com 2% de diferença entre o sexo masculino e feminino. Por último, encontram-se ocorrências de glotal, com o mesmo índice percentual para homens e mulheres: 9%. Esses resultados apontam que a variável diasssexual não se mostra condicionadora de uso de uma ou outra variante de /S/.

Em relação aos grupos de informantes móveis e não móveis, registramos ligeira preferência pelas realizações alveolares no grupo dos nascidos no estado. Nesse caso, em ambos os grupos, predominam as alveolares, não denotando propensão nesse recorte para as

pós-alveolares nos informantes procedentes de migração ou de deslocamento. Sendo assim, a mobilidade, a partir do gráfico utilizado, não indica variações substanciais ou preferências consideráveis por uma ou outra variante, não sendo possível afirmarmos padrões [+] ou [-] conservadores das variantes em informantes topoestáticos ou topodinâmicos.

Em suma, predominam, em todo o estado e em todos os segmentos sociais, as realizações alveolares, com áreas específicas de ocorrência das formas palatais a partir do Norte em direção ao Centro do estado. Ainda sobre as pós-alveolares, em nossas análises, não temos elementos para afirmar que a presença delas seja influência dos grupos migrantes nordestinos, uma vez que os percentuais dessas variantes apresentem-se muito próximos em ambos os grupos.

## 5.2 VARIÁVEIS SEMÂNTICO-LEXICAIS

Neste subtópico, apresentamos as análises realizadas a partir das variáveis semântico-lexicais, as quais têm apresentado resultados importantes no que tange a definições de áreas e de subáreas dialetais (RIBEIRO, 2012; SARAIVA, 2013; ROMANO, 2015), pois, no léxico, são evidenciadas mais nitidamente as características históricas, sociais e culturais de dada população, como atestado por Isquierdo (2007):

O ato de nomear um referente implica uma percepção sobre o objeto nomeado que, por sua vez, reflete a forma de um grupo ver e interpretar a realidade. Assim, o nível lexical de uma língua consubstancia valores, hábitos, a visão de mundo dos falantes num espaço social e num momento histórico determinados. Partindo desse princípio, entendemos que o léxico representa um traço diferenciador marcante, no que diz respeito à variação linguística no eixo horizontal (ISQUERDO, 2007, [s. p.]).

De acordo com os conceitos de Isquierdo, as variantes lexicais podem apresentar traços históricos e culturais do Tocantins, uma vez que, desde os primórdios do território goiano, claramente divididos entre Sul e Norte, este último já demonstrava suas raízes emancipatórias e diferenciação cultural, atreladas principalmente às regiões Norte e Nordeste<sup>59</sup>.

A partir desse entendimento, com fins didáticos, agrupamos os vocábulos por campo semântico, no total de cinco: Frutas e Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Jogos e diversões Infantis e Vestuário e Acessórios. Optamos pela manutenção de todas as variantes e seus respectivos percentuais em quadros demonstrativos. Quando há a formação de isoléxicas,

---

<sup>59</sup> Vide capítulo 2.

inserimos cartas que atestam a realidade e a concorrência entre dois termos coletados. Nos gráficos presentes, cujo intuito é apresentar os índices percentuais por variáveis interindividuais (faixa etária, sexo e mobilidade), inserimos apenas as lexias mais recorrentes em cada análise e sua porcentagem.

### 5.2.1 Frutas e Atividades Agropastoris

Para o campo semântico “Frutas e atividades agropastoris”, selecionamos quatro perguntas para mapeamento cartográfico e análise, são elas: 025 – ata/pinha; 028 – ponta roxa do cacho da banana; 038 – objetos de vime, de taquara, de cipó trançado, usados para levar batatas, mandiocas no lombo do cavalo ou do burro; 040 – objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro.

Essa área tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, dado o universo rural das designações e, a depender da região pesquisada, a tendência ao desaparecimento ou à manutenção das formas conceituadas como rurais (ROMANO, 2007; ISQUERDO, 2007; FREITAS e ISQUERDO, 2008; ISQUERDO, 2010). Comumente, os estudos têm apontado alto índice de não-respostas ou de generalizações, principalmente por parte dos jovens.

Para o questionamento 025 - *Como se chama a fruta que tem a casca verde, cheia de gominhos; abre-se com a mão e chupa a semente*<sup>60</sup>, presente nas cartas L01, coletamos 146 respostas, distribuídas em sete designações; não souberam responder ao questionamento apenas dois informantes, ambos da cidade de Paranã. A distribuição percentual ficou estabelecida da seguinte forma, conforme demonstra o Quadro 25:

**Quadro 25** - Designações para a fruta que tem a casca verde, cheia de gominhos; abre-se com a mão e se chupa a semente, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%
Ata	75	51,4%
Pinha	44	30,1%
Conde/Fruta-do-conde	13	8,9%
Condessa	10	6,9%
Bruto	2	1,4%
Biribá	1	0,7%
Araticum	1	0,7%
	<b>146</b>	

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

<sup>60</sup> Utilizamos, no momento da entrevista, fotos para ilustrar a fruta solicitada na questão.

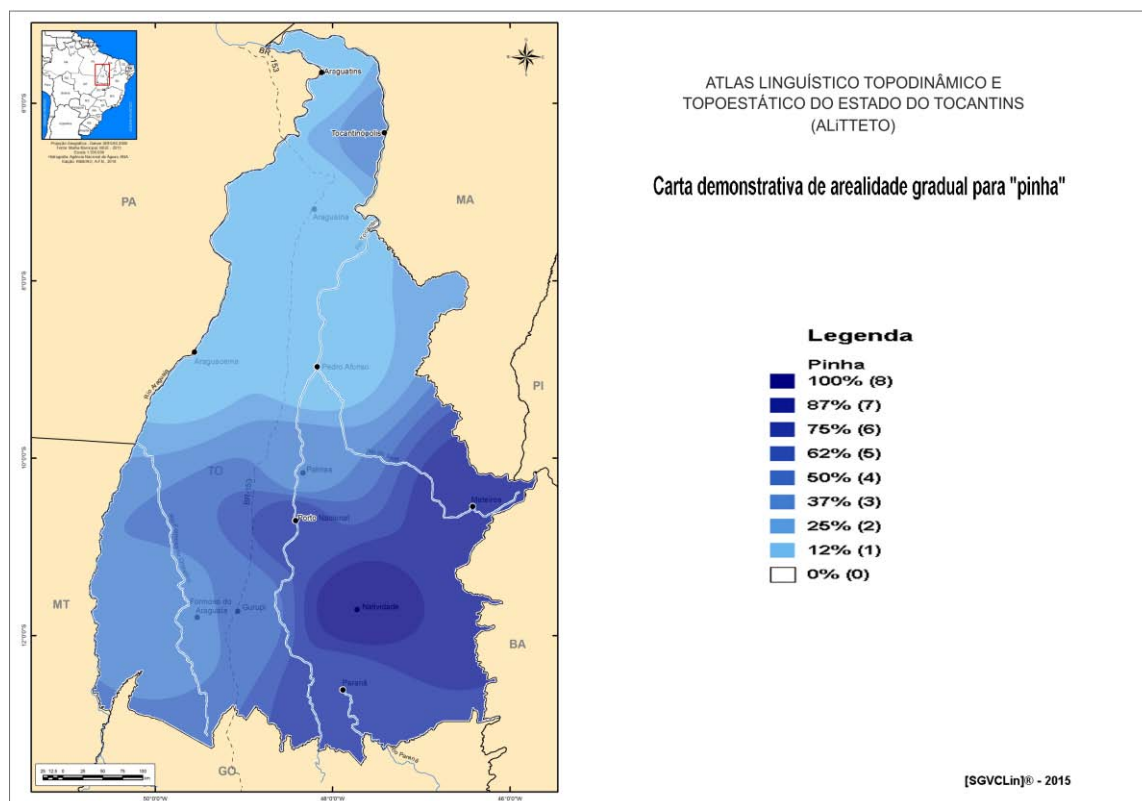
A variante mais produtiva para a fruta em questão foi *ata*, com mais de 50% das respostas, ocorrendo em todo o Tocantins, com menor propensão no Sudeste do estado. Este vocábulo em Houaiss (2009) é apresentado como de origem controversa, datado de 1745, e sinônimo para várias frutas que apresentam características semelhantes à solicitada no questionário. Dentre as frutas citadas pelo dicionarista, encontramos *fruta-do-conde*, *coração-de-boi* e *araticum*.

Cascudo (2012) descreve a fruta anonácea como proveniente das Antilhas e da América Central. Segundo o folclorista, a forma *ata* procede de Moçambique e sua designação é mexicana. Nesse mesmo verbete, Cascudo faz menção ao nome *pinha* que, segundo o autor, é utilizado em Angola. Interessante observar que o dicionarista estabelece a comparação entre *ata* e *pinha*: registra que a primeira denominação é característica do Norte do Brasil, enquanto *pinha* é falada no Sul do país (CASCUDO, 2012, p. 632-633).

*Pinha* foi a segunda variante mais produtiva, com 30,1% das respostas, com distribuição pelas doze localidades. Aulete (1986) a considera sinônima de *ata* e *fruta-do-conde*. Para Cascudo (2012), a etimologia do termo provém de Portugal, uma vez que a fruta lembra a *pinha* portuguesa. Foi datada em 1132, aparentando se tratar de designação mais antiga que *ata* (HOUAISS, 2009)

Na distribuição diatópica, presente na carta L01 (Tomo II), há divisão do território entre as variantes *ata*, concentrada mais ao Norte do Tocantins, e *pinha*, que ocorre, predominantemente, no Sudeste do estado. Na carta de arealidade gradual, podemos constatar as regiões em que incidiu predominantemente *pinha*.

**Figura 06** - Carta demonstrativa de arealidade gradual para *pinha*.



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Essa questão não faz parte do Questionário do ALiB (2001), o que impede de verificar se, assim como citado por Cascudo (2012), *ata* seria característica do Norte e *pinha* do Sul. Nesse caso, o Tocantins atuaria como zona de transição entre uma variante e outra<sup>61</sup>.

O terceiro item, por ordem de produtividade, refere-se à designação *conde/fruta-do-conde* (13 respostas). Diatopicamente, encontra-se disperso pelo território de pesquisa, embora não ocorra, apenas, na capital Palmas, região central, e em Tocantinópolis, nordeste tocaninense.

Cascudo (2012, p. 637) descreve que a fruta foi trazida das Antilhas ao Brasil em 1926, pelo governador da Bahia, Diogo Luís de Oliveira, conhecido como Conde de Miranda. Para o autor, *ata* e *pinha* são diferentes do *conde/fruta-do-conde*, tanto no formato quanto no sabor. Ainda segundo o folclorista, *fruta-do-conde* e *condessa* são a mesma fruta.

A variante *condessa* obteve 6,9% das respostas e se distribui por toda a área. Cascudo (2012) ressalta que a anonácea, assim como *ata*, procede das Antilhas e chegou ao estado do

<sup>61</sup> No APFB (1963), há a cartografia para “espécie de fruta anonácea, semelhante a jaca-de-pobre”, entretanto, acreditamos não se tratar do mesmo referente inserido em nosso questionário, por esse motivo, não realizamos o contraste entre *pinha/ata* e as variantes encontradas na Bahia.

Pará em 1750, oriunda da Jamaica. Possivelmente, *condessa* seja uma analogia ao *conde*: fruta-do-conde > fruta-da-condessa.

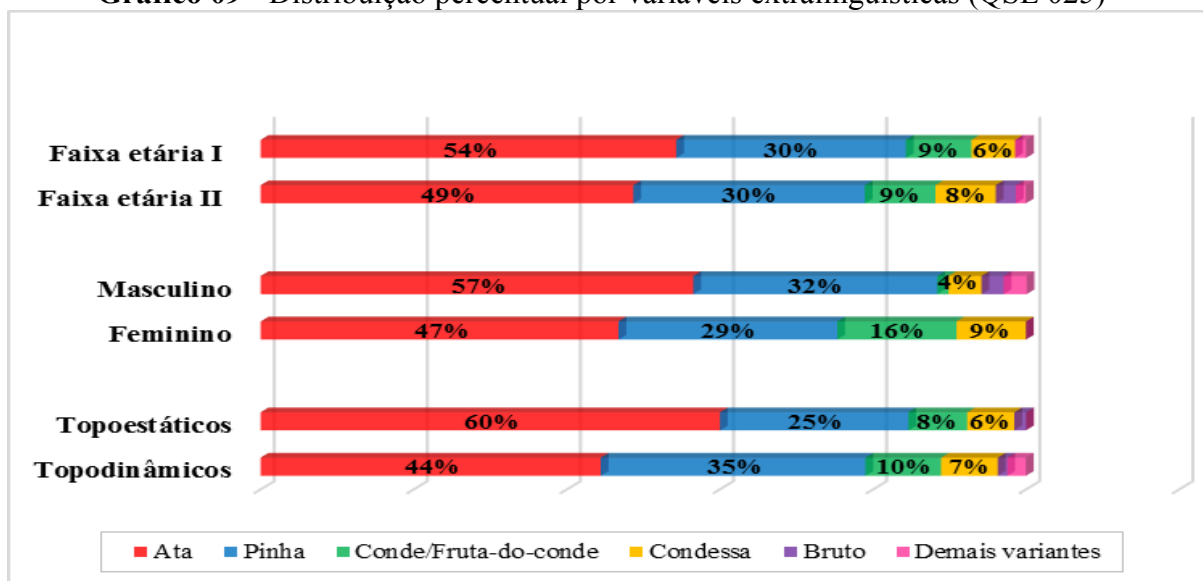
*Bruto* foi registrado por apenas dois informantes, ambos da segunda faixa etária, em localidades que não demonstram conexão histórica e social: Araguatins e Mateiros. A fruta apresenta semelhanças físicas ao solicitado na questão, no entanto, ela é maior e nativa do cerrado brasileiro. O termo não se encontra lexicalizado com esse significado.

Por fim, *biribá* e *araticum* foram citados por apenas um informante cada uma, ambas as formas correm em regiões de fronteira com outros estados: a primeira em Araguatins, divisa com o Pará, e a segunda em Mateiros, limítrofe com Bahia, Piauí e Maranhão. O *biribá*, assim como o *bruto*, possui características semelhantes à *ata* e à *pinha*, e Houaiss (2009) o descreve como sinônimo de *araticum*. *Araticum*, por seu turno, é encontrada em Aulete (1986) como brasileirismo e nome comum a várias árvores da família das anonáceas. Trata-se de um tupinismo ocorrido em 1584 (HOUAISS, 2009).

No que se refere aos cruzamentos por variáveis sociais, os mais jovens apresentam maior produção de *ata* se comparados aos mais velhos. O restante das designações manteve os mesmos índices entre ambas as faixas etárias, à exceção de *bruto*, ligado à faixa etária II.

Quanto à variável sexo, os homens registraram maior número de variantes distintas para o questionamento, com maior propensão à forma *ata* e citação de *biribá* e de *araticum*, agrupadas em “demais variantes”. As mulheres demonstraram utilizar mais a lexia *conde/fruta-do-conde* (16%).

**Gráfico 09** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 025)<sup>62</sup>



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Quanto ao fator mobilidade, em ambos os grupos, tanto topoestáticos quanto topodinâmicos, predominou a variante *ata*. O primeiro grupo, entretanto, registrou o maior percentual dessa variante; enquanto *pinha* obteve índices mais elevados nos informantes móveis. Esses dados apontam a variante *pinha* como mais usual nos falantes móveis, enquanto *ata* foi utilizada preferencialmente pelos naturais do estado.

A carta L02 (Tomo II) apresenta as variantes obtidas mediante a indagação 028 - *Como se chama a ponta roxa do cacho da banana*. Ao todo, foram coletadas 85 respostas, distribuídas em nove unidades lexicais; não souberam responder 28 informantes, possivelmente por se tratar de um item encontrado na zona rural e a grande maioria dos informantes habitar as regiões urbanas das localidades de pesquisa. Os resultados com as variantes, número de ocorrências e percentuais estão dispostos no Quadro 25.

<sup>62</sup> Como anteriormente descrito, os gráficos apresentam apenas as variantes mais recorrentes. As menos produtivas são agrupadas sob o título de “demais variantes”.

**Quadro 26** - Designações para ponta roxa do cacho da bananeira, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%	Variante	N.º de ocorrências	%
Mangará	28	32,9%	Fio	2	2,4%
Umbigo	19	22,3%	Pendão	1	1,2%
Coração	14	16,5%	Figa	1	1,2%
Buzo	10	11,8%	Olho	1	1,2%
Flor (da bananeira)	9	10,6%			
<b>85</b>					

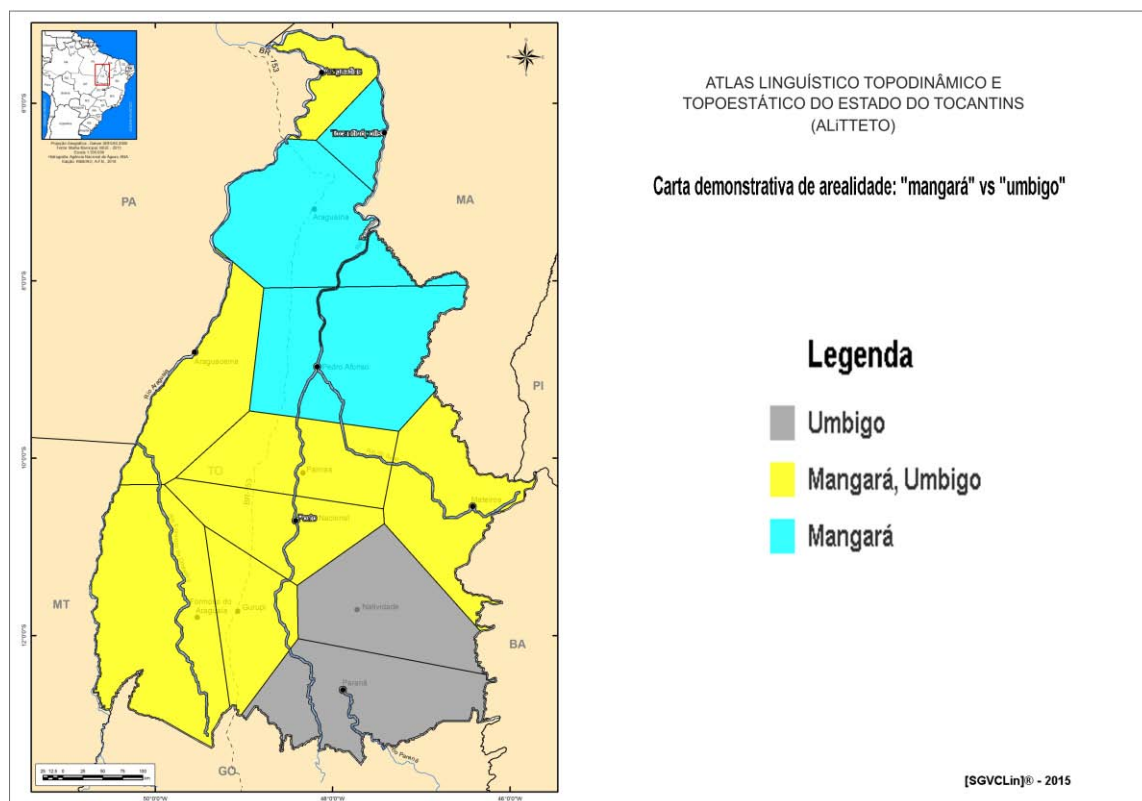
Fonte: Elaboração Própria

*Mangará* obteve o maior índice de citações e ocorre em quase todo o estado, com exceção de Natividade e Paranã (Sudeste). O termo é fornecido por Houaiss (2009) como tupinismo e regionalismo do Nordeste brasileiro, com datação que remonta 1584. Entretanto, foi registrado como proeminente nos dados de Guedes (2012), no estado do Pará e, na carta L07 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014), *mangará* é dominante tanto nas capitais dos estados do Norte quanto nas nordestinas: Fortaleza, Natal e João Pessoa; em menor escala, em São Luiz e Teresina. O vocábulo, portanto, não se configuraria apenas como regionalismo nordestino.

Ainda no *corpus* de Guedes (2012), a hegemonia de *mangará* perde sua força no ponto limítrofe entre Pará e Tocantins, onde concorre com *umbigo*, segunda variante em número percentual em nossos dados, mas não lexicalizada em Houaiss (2009) para o item em questão.

*Umbigo*, por seu turno, ocorre em quase todo o Tocantins, com exceção da lateral nordeste. Está agrupado em posição oposta à *mangará* e muito incidente nas cidades de Natividade e de Paranã (Sudeste), conforme a carta a seguir, que apresenta a ocorrência exclusiva de *mangará* e *umbigo* e a coexistência das duas formas.

**Figura 07 - Carta demonstrativa de arealidade: *mangará* vs *umbigo***



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

*Mangará* é hegemônico nas áreas demarcadas em verde-claro, circunscrevendo quase totalmente o Norte do estado, enquanto *umbigo* está restrito ao Sudeste (cinza). Essa ocorrência presente na divisa com Goiás pode denotar tratar-se de variante procedente do Centro-Oeste, posto que, no ALiB, *umbigo* apresenta-se produtivamente nessa região (CARDOSO et al., 2014). A área de covariação (amarela) entre ambas as formas restringe-se ao Centro-Leste e ao ponto limítrofe com o Pará.

Perfazendo mais de 16,5% das respostas, o item lexical *coração* não ocorre apenas nas localidades mais centrais do Tocantins (Pedro Afonso, Porto Nacional e Palmas) e no limite oeste (Araguacema), mas está presente no extremo norte e no extremo sul do estado, realizando-se em todos os limites estaduais. Consta em Houaiss (2009) como regionalismo do Nordeste e como variante para *mangará*, com datação de 1278.

No ALiB, *coração* foi expresso pelos informantes das três capitais sulistas (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), e com menor presença no Centro-Oeste (Goiânia e Mato Grosso) e Nordeste (Salvador e Aracaju) (CARDOSO et al., 2014, p. 173 [carta L07]). Dessa forma, possivelmente seja uma variante irradiada do Centro-Oeste ou do Nordeste para o Tocantins.

*Buzo*, quarto item, registrou-se na área conhecida como falar baiano (NASCENTES, 1953; RIBEIRO, 2012), região oposta à *mangará*, formando uma isoléxica nesse espaço. No ALS I, *buzo* concorre com *buzina*; na Bahia, encontra-se como *buzo*, *buza* e *buzina* em todo o território (ROSSI et al., 1963). Seu registro não consta dos dados de Guedes (2012), no Pará, nem nas capitais do Norte analisadas pelo ALiB, mas foi notada em Maceió e em Aracaju (CARDOSO et al., 2014). Dessa forma, possivelmente se trata de uma variante Nordestina que adentrou o Tocantins, e dada a localização da variante, foi introduzida via Bahia.

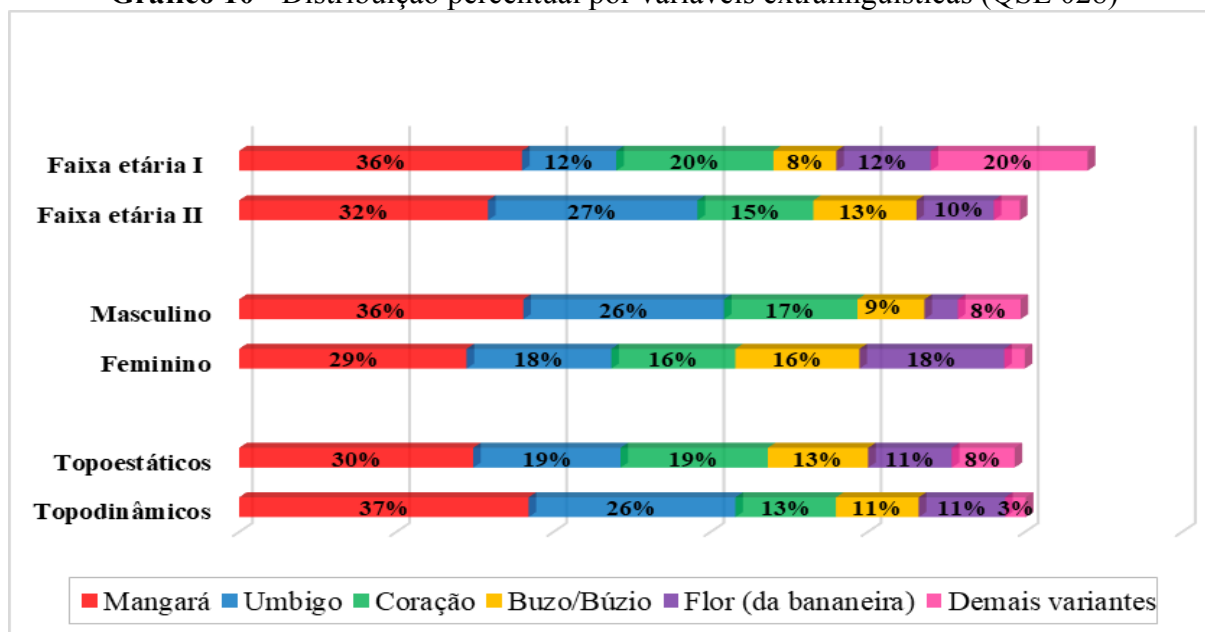
O termo não é registrado por Aulete (1986) nem por Houaiss (2009) como inflorescência da banana, mas, dentre as acepções encontradas e dadas as características do referente, podemos crer que se trata de uma alusão à aparência física do item, que remonta ao instrumento buzina, em sua forma antiga ovalada, uma das variantes coletadas em Sergipe (ALS) e Bahia (APFB).

A lexia *flor* (da bananeira), com nove ocorrências, encontra-se disseminada pelo território de pesquisa, com exceção dos limites fronteiriços com o Maranhão. Inicialmente, acreditávamos tratar-se de uma generalização fornecida pelos informantes, mas o item foi coletado pelo ALiB em diferentes regiões brasileiras.

Na obra, a partir do cartograma L07 do ALiB, *flor* ocorre com maior frequência no Rio Grande do Sul e São Paulo, com baixos índices em Vitória e no Recife. Na parte ocidental do Brasil, aparece em Cuiabá, Porto Velho, Rio Branco e Macapá. A presente situação averiguada, em confronto com nossos dados, pode evidenciar influências migratórias procedentes do Sul/Sudeste, em direção ao Norte/Nordeste.

Vale destacar a quantidade de itens para essa questão que representam designações mais gerais, comuns, possivelmente por o referente não fazer parte do universo linguístico dos informantes. Essas designações gerais foram coletadas, em sua maioria, junto aos homens da faixa etária I, agrupadas no gráfico a seguir em “demais variantes” (*fio*, *figa*, *olho*, *pendão*), devido à baixa ocorrência no cômputo geral, mas validadas pelas descrições fornecidas pelo informante.

**Gráfico 10** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 028)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Quanto à *mangará*, há distribuição regular entre ambas as faixas etárias; já *umbigo* é mais recorrente nos mais velhos, enquanto os jovens preferem a forma *coração* como terceira variante. Diasssexualmente, o núcleo masculino apresenta maiores índices para *mangará*, *umbigo* e *demais variantes*. O item *flor (da bananeira)* configura-se com maiores percentuais no falar feminino, assim como *buzo*, o dobro das citações apresentadas pelos homens.

O fator mobilidade apresenta as seguintes tendências: predomina *mangará* nos dois eixos, mas com maior propensão aos não nascidos em utilizar essa forma, podendo indicar que *mangará* está presente em outras regiões. Ainda em relação aos topodinâmicos, há maior quantidade percentual para *umbigo* e menores percentuais para as “demais variantes”, enquanto os nascidos e estabelecidos nas cidades de pesquisa apresenta maiores percentuais para *coração*, *buzo* e *demais variantes*.

Para a questão 038 – *Como se chamam aqueles objetos de vime, de taquara, de cipó trançado, para levar batatas, mandioca, no lombo do cavalo ou do burro?* (Carta L3, Tomo II), coletamos 12 formas distintas, fornecidas em um universo de 118 respostas. Apenas seis informantes não souberam responder ao item solicitado. O Quadro 27 mostra as variantes, o número de ocorrências e os percentuais respectivos.

**Quadro 27** - Designações para os objetos feitos de fibra natural, colocados sobre o lombo do cavalo ou do burro, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

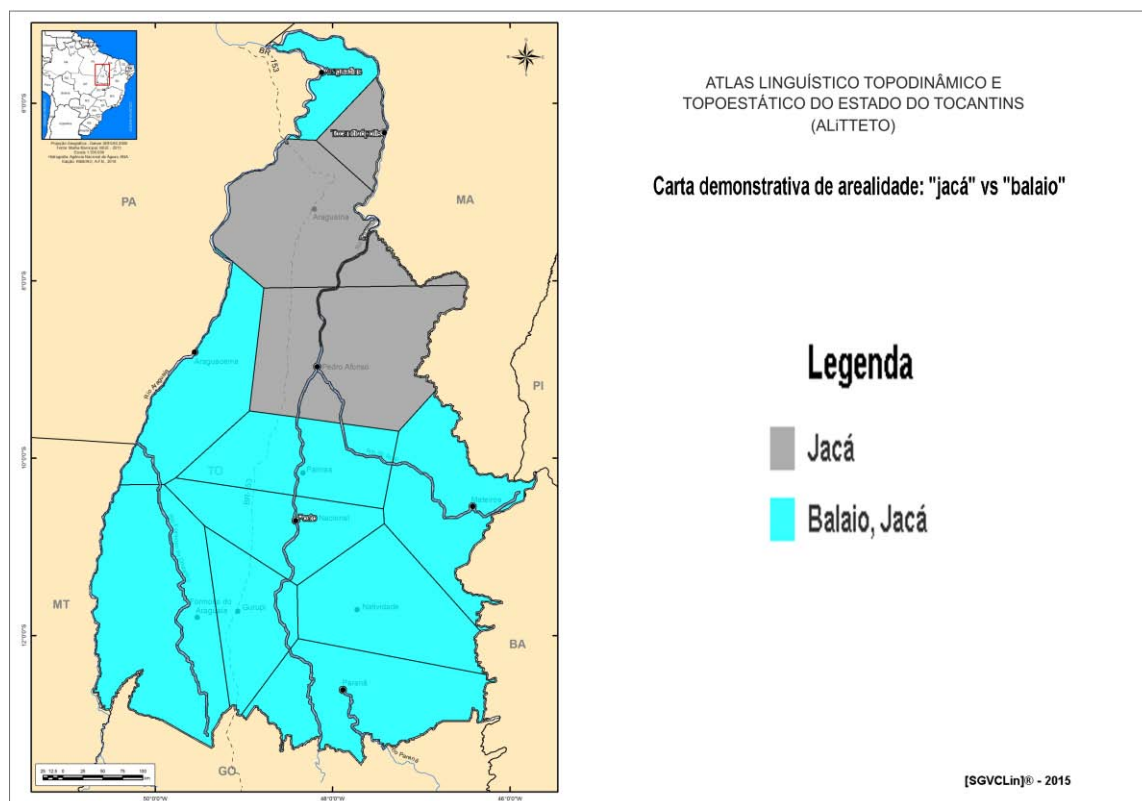
Variante	N.º de ocorrências	%	Variante	N.º de ocorrências	%
Jacá	49	41,5%	Pacará	3	2,5%
Balaio	22	18,6%	Alforje	2	1,7%
Cesto/cesta	19	16,1%	Garajau	2	1,7%
Cofo	9	7,7%	Cocho	1	0,9%
Caçua	6	5,1%	Choconoto	1	0,9%
Capanga/bolsa/embornal	3	2,5%	Arupemba	1	0,9%
<b>118</b>					

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A variante mais produtiva refere-se à *jacá*, que se distribui por todos os pontos de inquérito, mais intensamente na fração Centro-Norte. Procede do tupi *aiacá*, registrado em 1698 (AULETE, 1986), com indicação de que sua produção é feita com a fibra natural da taquara (HOUAISS, 2009).

Na porção Centro-Sul do Tocantins, irradiando para as divisas com a Bahia, Piauí e Maranhão, na localidade de Mateiros, há maior concentração de *balaio*, cuja etimologia é desconhecida, mas é datado em 1524, nosso segundo em ordem de produtividade. A carta de arealidade demonstra a distribuição dos itens citados e a coexistência entre ambas as formas (extremo Norte e região Sul):

**Figura 08** - Carta demonstrativa de arealidade: *jacá* vs *balaio*



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Poderíamos, a partir da carta de arealidade, afirmar que *jacá* é uma variante típica do Norte pela sua incidência areal, no entanto, esse mesmo item apresentou-se produtivamente no Atlas semântico-lexical de Goiás (AUGUSTO, 2012), denotando que a forma encontra-se difundida por outras regiões brasileiras, não estando restrita à região Norte do país.<sup>63</sup>

*Cesto/cesta*, forma mais genérica, obteve 16,1% de ocorrências e seu arranjo foi uniforme pelo território de pesquisa, e predominantemente utilizado pelos jovens. A generalidade do termo é corroborada por Houaiss (2009) quando o apresenta como “recipiente de material diverso, geralmente entrançado, que resulta ou não de trabalho artesanal”. Em Guedes (2012), ocorre com baixa produtividade e disperso no estado do Pará, assim como em Goiás, a partir do Atlas semântico-lexical desse estado (AUGUSTO, 2012).

*Cofa* é o quarto item em ordem de produtividade; processa-se disperso pelo território, tanto em localidades mais recentes quanto em cidades mais antigas. Aulete (1986) apresenta-o

<sup>63</sup> O informante da segunda faixa etária de Araguatins descreve o *jacá* como um tipo de *balaio*: INF.- o jacá é um... formato de um balaio feito de bambu, né, dessa taboca, aqui nós falamo de taboca, que na verdade, é bambu, você retira, ou ele pode ser feito de cipó, existe alguns tipos de cipó, que você faiz. Aqui nós temos o cipó do índio, de iscara, temos um cipó, que no Pará, usa muito o cipó títica, que ele serve pra fazê remanchim, pra fazê *jacá*, pra fazê *cesto*, temos o olho de (inint), que dá pra fazê *cofa* (001/3).

como objeto utilizado por pescadores e sua etimologia remete à *cofinho*, proveniente do Minho (Portugal) com datação do século XIV.

*Caçua*<sup>64</sup>, variante de origem controversa, possivelmente africana, de 1889 (HOUAISS, 2009), foi registrada por seis informantes e coletada sempre nos pontos de divisa estaduais, não ocorrendo apenas no limite entre Goiás e Tocantins. Consultando outros atlas linguísticos estaduais, verificamos que, segundo Guedes (2012), é a variante mais produtiva no Pará, concorrendo com *panero*. Nos dados do Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004, [Carta 94]), foi pouco recorrente.

O agrupamento *capanga/bolsa/embornal* foi realizado a partir do traço semântico comum entre as formas: todos estão dicionarizados como um tipo de bolsa usada para carregar mantimentos, independentemente do material usado na confecção. Ocorreram de forma esparsa no espaço de pesquisa: duas citações no Norte e outra na capital Palmas.

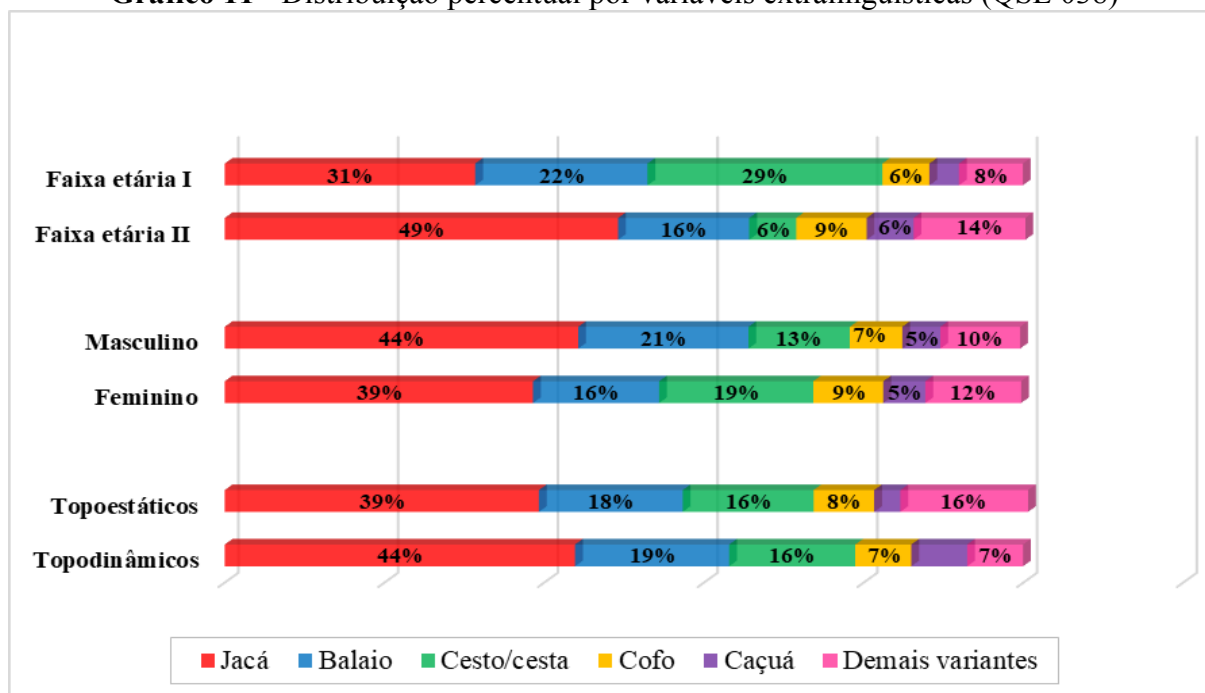
Na porção Centro-Leste, foram registrados, com pouca representatividade, os itens *pacará* (Porto Nacional e Mateiros), *garajau* (Palmas e Natividade) e *alforje* (Palmas e Paranã). Os dois primeiros são tupinismo, de 1763 e 1899, respectivamente, e são descritos como tipos de cestos feitos com fibras naturais. *Alforje*, por sua vez, possui origem no árabe *al-khurj*, “saco que se leva ao lado, na sela”, apresentando a datação mais antiga dos três: 1162 (HOUAISS, 2009).

As incidências únicas – *arupemba*, *cocho* e *chocononto* – ocorrem no Sul-Sudeste do Tocantins. Nenhum dos itens está lexicalizado com acepção atrelada aos objetos de fibras naturais usados para levar mantimentos no lombo do animal.

Em todas as variáveis sociais analisadas predominam *jacá*, com maiores índices na fala dos informantes idosos. Os jovens, por seu turno, além dessa variante, aludem a outras, tais como: *balaio* e *cesto/cesta*. Foram agrupadas em “demais variantes”: *capanga/bolsa/embornal*, *pacará*, *alforje*, *garajau*, *cocho*, *chocononto* e *arupemba*, em sua maioria, proferidos pelos informantes topoestáticos, conforme demonstra o Gráfico 11.

---

<sup>64</sup> A descrição do item é fornecida pelo informante topodinâmico de Tocantinópolis: “INF.- Eu conheço por dois nome. *Jacá* e *caçua*. Na realidade, o *jacá* mehmó é de taboca e o *caçua* é feito de cipó, né (002/7)”.

**Gráfico 11** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 038)

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

No aspecto diassexual, os homens da segunda faixa etária demonstraram conhecer mais o referente solicitado, possivelmente pelo fato de o objeto fazer parte de um universo mais rural e masculino. Nesse grupo, a segunda variante mais produtiva é *balaio*, enquanto as mulheres, sobretudo as da primeira faixa etária, optaram por *cesto/cesta*, termo, ao nosso ver, generalista, isto é, que pode nomear outros objetos de uso semelhante.

É pertinente notar que os informantes topodinâmicos concentraram suas respostas em poucos itens e registraram com mais frequência o *jacá*. O grupo dos nascidos nas localidades acompanha o acervo dos topodinâmicos, mas apresenta 16% de *hápx* e generalizações.

Para a última questão desse campo semântico, Carta L4, Tomo II, que diz respeito ao questionamento 040: *Como se chamam os objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?*, recolhemos o total de 109 respostas, distribuídas entre 16 formas. Onze informantes não souberam responder, equivalendo a 11,45% de não respostas, índice inferior aos apresentados por Isquerdo (2010), no Centro-Oeste, o que nos leva a crer que o Tocantins apresenta indícios de um português com traços de ruralidade. O Quadro 28 mostra as variantes, o total de ocorrências e os percentuais respectivos.

**Quadro 28** - Designações para os objetos de couro, utilizados para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%	Variante	N.º de ocorrências	%
Alforje	21	19,3%	Caixote	5	4,6%
Buraca	14	12,8%	Cesto/cesta	3	2,8%
Caçua	14	12,8%	Embornal	2	1,9%
Jacá	12	11,0%	Gibão	1	0,9%
Mala/maleta (de couro)	11	10,1%	Mocó	1	0,9%
Baú	9	8,3%	Garajau	1	0,9%
Bolsa	7	6,4%	Sucuntum	1	0,9%
Bruaca	6	5,5%	Surão	1	0,9%
<b>109</b>					

Fonte: Elaboração própria

*Alforje* é o item predominante nessa questão, com distribuição areal apresentada na Carta L4 (Tomo II) constante praticamente em todo o Tocantins, com exceção de Araguacema e Natividade. Segundo Houaiss (2009), trata-se de um arabismo (*al-khurj*), com datação de 1162, mas não há menção no dicionário se esse item é fabricado com couro. Nesse caso, dada a quantidade significativa de citações para designar os objetos, assim como as abonações fornecidas pelos informantes, consideramos a presente resposta como válida para o referente em análise, mesmo tendo em vista que *alforje* nomeia outros objetos, tais como evidenciados nas análises do QSL 038.

*Buraca* (12,8%)<sup>65</sup> ocorre na porção Sudeste e predomina nas cidades históricas de Porto Nacional, Natividade e Paranã, localidades que abrigaram grande contingente de portugueses e escravos, em decorrência das minas de ouro e outros metais. Sua etimologia, é atribuída ao espanholismo *burjaca*, 'bolsa de mendigo ou peregrino', de 1813 (CUNHA, 2007). *Buraca*, também foi registrada, de forma predominante, no trabalho de Augusto (2012), em Goiás, denotando assim que a procedência da variante seja oriunda do citado estado, pois as cidades de registro dessa variante são próximas dos limites estaduais Goiás-Tocantins, sobretudo Paranã.

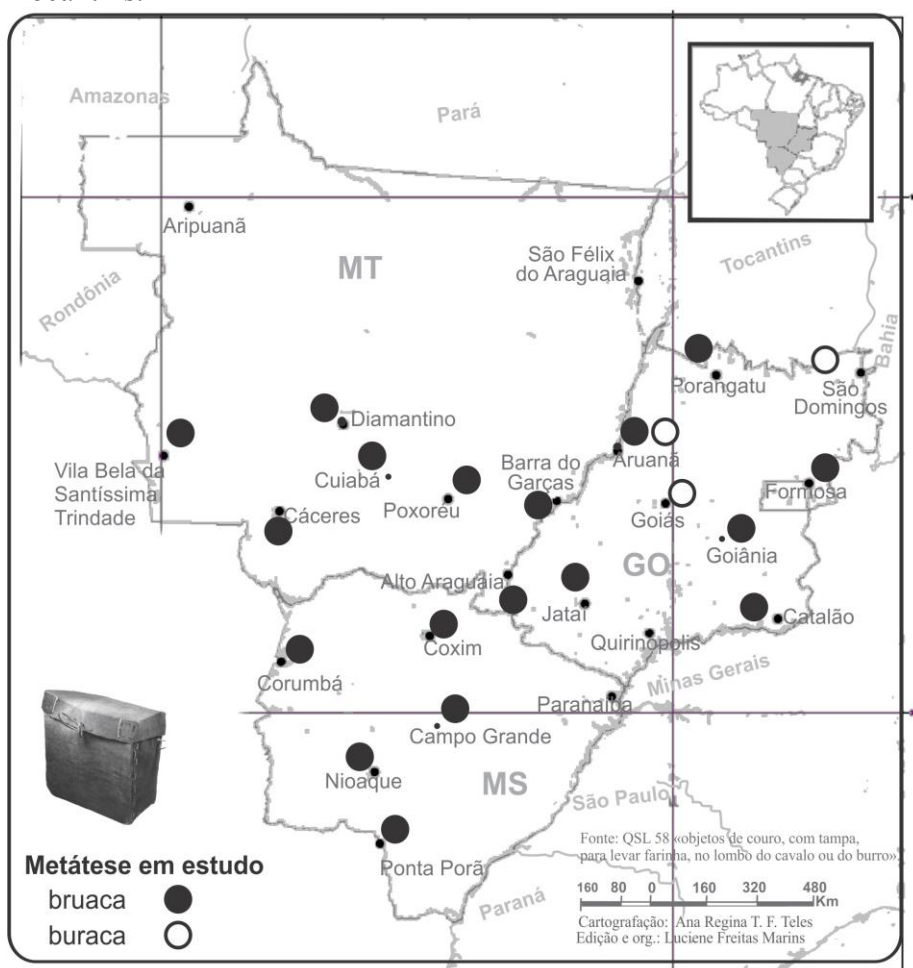
*Bruaca*<sup>66</sup>, ocorreu, além das três localidades (Porto Nacional, Natividade e Paranã), em outras três, situadas nas proximidades: Palmas, Mateiros e Gurupi. Isquerdo (2010) destaca que *bruaca* atrela-se a um universo rural, o que pode indicar que, nessas localidades, ainda há traços lexicais de colonização.

<sup>65</sup> Baseamo-nos no trabalho de Freitas Marins (2014) para o não agrupamento, nesse questionamento, dos itens *buraca* e *bruaca*.

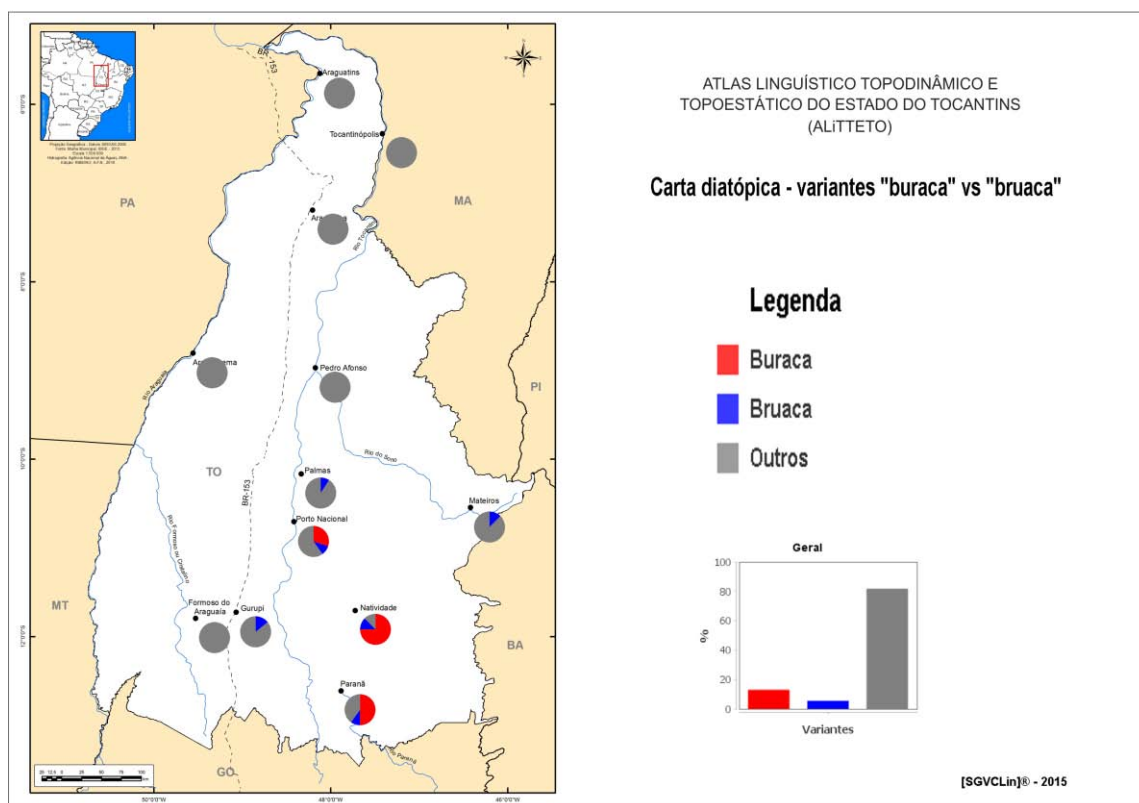
<sup>66</sup> Houaiss descreve *buraca* como sendo um metaplasmo da forma mais antiga *bruaca*. No entanto, Cunha (2007) destaca que a forma *bruaca* é datada em 1844, constituindo-se mais recente que *buraca* (1813).

Quanto à diatopia encontrada em outros trabalhos, em Marins (2014), na região Centro-Oeste, predomina *bruaca*, enquanto a forma *buraca* constitui uma área de isoléxica em Goiás, nas proximidades com o Tocantins, como pode ser observada na Figura 09, por meio do cartograma de Marins (2014) e nos dados do ALiTTETO:

**Figura 09** - Cartogramas ilustrativos da presença de *buraca* e *bruaca* no Centro-Oeste e no Tocantins.



Fonte: Freitas Marins (2014).



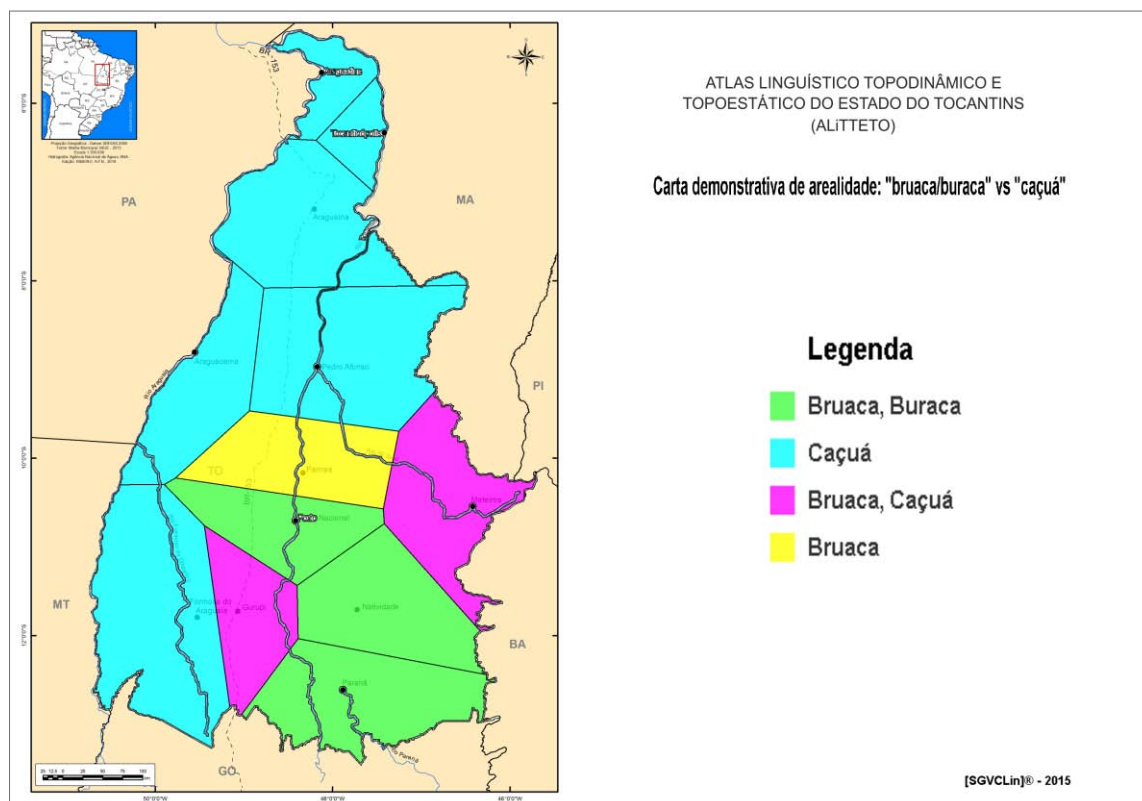
**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Como demonstrado em ambos os cartogramas, a arealidade demarcada pela presença de *buraca*, presente em Goiás, é ampliada para os limites com o Tocantins, via porção Sudeste do aludido estado. Nesse sentido, poderíamos talvez auferir que essas variantes, além de serem tidas como rurais, também caracterizam a área do falar baiano?

O terceiro item foi *caçúá* e sua validação e inserção na análise deu-se em função da quantidade de respostas e explicações por parte dos sujeitos de pesquisa, pois, segundo os dicionários, esse objeto é comumente fabricado com fibras naturais e não com couro, como solicitado na pergunta, assim como *alforje*. O registro dele não ocorre justamente nas cidades da fração Sudeste, onde predomina *buraca* e *bruaca*. *Caçúá*, de acordo com o cartograma linguístico L4 (Tomo II), irradia da parte Sudoeste, onde estão as localidades mais novas, surgidas ao longo da BR-153, e sobe em sentido norte; em Araguatins, por exemplo, essa forma apresentou índice de 42%.

A carta de arealidade, expressa na Figura 10, mostra as áreas em que ocorrem *buraca*, *bruaca* e *caçúá*, assim como as áreas em que ambas as formas covariam:

**Figura 10** - Carta demonstrativa de arealidade: *buraca/bruaca* vs *caçua*



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Conforme destacado, *caçua* (em azul) distribui-se por todo o Norte, pela parte Central e pelo Sudoeste; concorre com *buraca* e *bruaca* em Gurupi e Mateiros (parte rosa), que podemos considerar como zonas de transição dessa variante, enquanto, na parte Central e Sudeste, predomina *buraca* e *bruaca* (verde). Dada a divisa com Goiás e a ocorrência desse item em Augusto (2012) e Marins (2014), podemos deduzir que *buraca* e *bruaca* são oriundos do Centro-Oeste<sup>67</sup>, enquanto *caçua*, localizado nas cidades ao longo e proximidades da BR-153, podem ser procedentes das migrações Norte/Nordeste, mesmo ocorrendo, em sua maioria, nos informantes topoestáticos. Outro aspecto que pode ser levantado permeia o fato de que a citação de *caçua* indica certo desconhecimento dos informantes dessas localidades em relação ao referente: bolsa de couro, ou seja, as localidades mais recentes exibem traços menos rurais do que apresentados no Sudeste do Tocantins, por exemplo.

A forma *jacá*, também identificada no QSL 038, ocorre, assim como *caçua*, nas cidades do entorno da rodovia Transbrasiliana (BR-153) e do rio Tocantins. Apresenta-se com

<sup>67</sup> Questionamento não cartografado pelo APFB (1963) para que verificássemos se *buraca* e *bruaca* são pertencentes à área do falar baiano (NASCENTES, 1953).

maior percentual na fala das mulheres procedentes de migrações (topodinâmicas), podendo denotar tratar-se de variante nordestina presente no território.

Com índice pouco superior a 10%, há os termos genéricos *mala/maleta de couro*, auferido no território, com exceção de Natividade, Paranã, Gurupi e Araguaína. Designa, de forma ampla, os utensílios para guardar coisas, com a especificação de serem fabricadas com couro.

Ainda foram registradas, em baixa escala, variantes como *baú, bolsa, caixote, cesto e embornal*, que acreditamos serem provenientes do desconhecimento do informante em relação ao objeto feito de pele bovina. O item *embornal* foi descrito pelos dois informantes jovens topoestáticos na cidade de Araguacema, divisa com o Pará.

Cada uma das variantes *gibão, mocó, garajau, surrão*<sup>68</sup> e *sucuntum* obteve apenas um registro. Os únicos termos lexicalizados que se aproximam parcialmente do referente são *garajau* e *surrão*; o primeiro indicando um tipo de cesto, não necessariamente de couro; o segundo, um tipo de sacola de couro usada por pastores (HOUAISS, 2009).

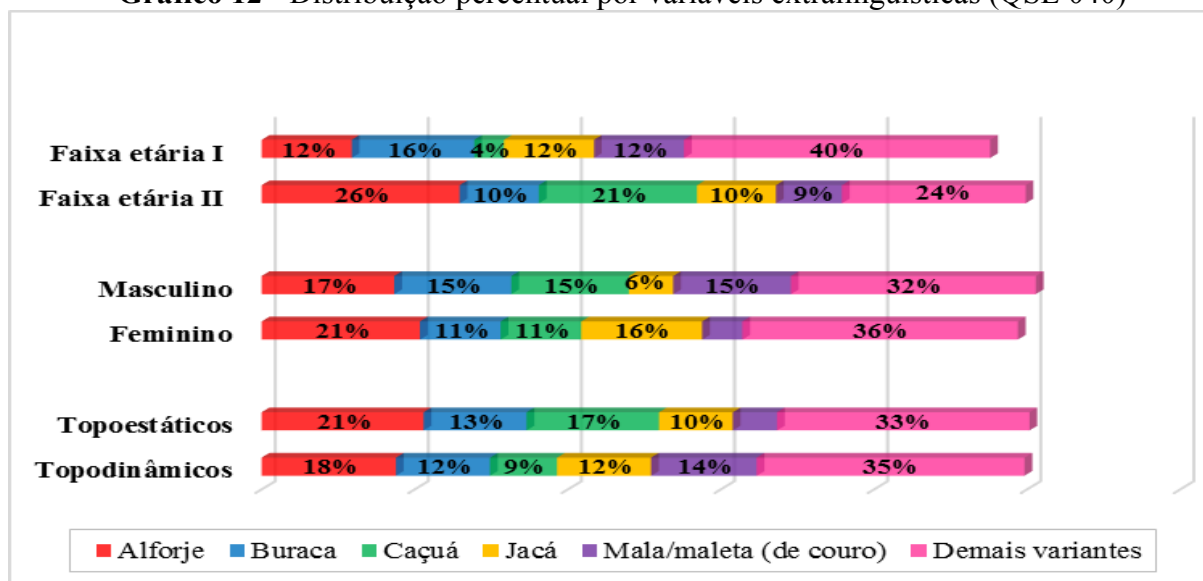
Isquerdo (2010, p. 8) destaca que a citação de formas mais gerais ou que nomeiam outro referente atrela-se a dois indícios: “o desuso do signo em decorrência do desaparecimento do referente e a seleção interna da língua que impõe a supremacia de um signo ao outro, normalmente a variante de maior prestígio”. Em nossos dados, assim como nos da autora, o desconhecimento do referente vincula-se ao primeiro indicativo: a não utilização do objeto em cidades mais jovens e industrializadas no Tocantins, o que leva o informante a formular nomes mais próximos da sua realidade.

Sobre as variáveis sexo e idade, semelhantemente aos resultados de Marins (2014), em nossos dados, os termos *buraca* e *bruaca* foram mais frequentes na fala dos homens jovens. Eles também são detentores das formas mais gerais, agrupadas em “demais variantes”, tais como *baú, bolsa, caixote, cesto, embornal, gibão, mocó, garajau, sucuntum* e *surrão*, possivelmente pelo desconhecimento do item, conforme se pode constatar no Gráfico 12.

---

<sup>68</sup> Variante também auferida nos dados de Freitas Marins (2014), nas localidades do Centro-Oeste: Barra do Garças (MT), Poxoréu (MS) e Corumbá (MS).

**Gráfico 12** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 040)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

*Alforje* configura-se como predominante entre os informantes da segunda faixa etária topoestáticos. Tal tendência pode denotar que essa variante é mais recorrente na fala dos informantes nascidos nas localidades de pesquisa. Por seu turno, os topodinâmicos apresentam maior índice de *demais variantes*, assim como itens mais gerais, tais como *mala/maleta de couro*.

Em suma, a subárea semântica “Frutas e atividades agropastoris” apresentou um índice significativo de não respostas, o que pode ser atribuído ao fato de os referentes pertencerem ao universo rural. Todavia os percentuais de não respostas apresentados, se comparados a outros trabalhos, Isquierdo (2010), por exemplo, denotam que as abstenções em nossos dados ainda são menores.

Observamos, também, número expressivo de lexias que classificamos como gerais/genéricas, pois podem designar mais de um objeto, não necessariamente o que a questão solicita, mencionadas, em sua maioria, pelos informantes jovens, possivelmente pelo desuso do objeto no estado. Dessa forma, o Tocantins, por meio das questões analisadas, assim como o índice de não respostas, apresenta traços de ruralidade, como destacado por Isquierdo (2007), no Centro-Oeste. Por outro lado, a citação, sobretudo pelos jovens, de itens genéricos, nos faz crer, como apontado por Romano (2007) e Isquierdo (2010), que termos mais rurais estão em vias de desaparecimento.

Das quatro questões analisadas, em duas: QSL 025 e QSL 040, encontramos, nas cartas de arealidade, uma divisão no estado, configurando duas frentes dialetais: (i) a primeira é formada a partir do Sudoeste em direção ao Norte do estado, em localidades mais recentes e ao

longo da BR-153; e a (ii) segunda, em sentido Sudeste, área considerada como de colonização mais antiga (Microrregião de Dianópolis), na porção oriental do rio Tocantins.

### 5.2.2 Fauna

O presente campo apresenta, segundo Aguilera (2010a), um misto de covariação entre formas locais, genuinamente brasileiras, de base tupi, e outras provenientes do desconhecimento de desbravadores, viajantes, imigrantes etc., quando chegados ao Brasil, em relação aos animais presentes em nossa fauna. Assim, dada a insipiência dos referentes por parte do elemento alóctone:

Tornava-se, pois, necessário atribuir nomes aos elementos desse novo mundo e isso se faria de duas formas: ou assumindo a nomenclatura atribuída pelos habitantes naturais da terra, ou, por criação popular baseada na analogia, estender os nomes conhecidos pelo homem estrangeiro aos seres ‘exóticos’ que apresentassem alguma semelhança com os de sua terra de origem (AGUILERA, 2010a, p.17).

Nessa vertente, selecionamos quatro questões para análise: QSL 049 – *Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?*; QSL 053 – *Como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?*; QSL 065 – *Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?*; QSL 068 – *Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?*

Para o questionamento de número QSL 049, salvo uma única abstenção, coletamos o total de nove formas para designar a galinha de penas pretas com pintas brancas (*Numida meleagris*), que, segundo Aguilera (2010a), foi um dos muitos animais trazidos pelos portugueses ao território brasileiro, ou seja, não são aves típicas de nossa fauna.

Dadas essas condições, o processo de nomeação da galinha perpassa “o nome atribuído pelos europeus e assume outras denominações baseadas na etimologia popular” (AGUILERA, 2010a, p. 20), de acordo com as especificidades dialetais de cada região brasileira. No Tocantins, as variantes e seus percentuais constam do Quadro 29.

**Quadro 29** - Designações para a galinha de penas pretas com pintas brancas, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%
Cocar	66	39,3%
Angolista	40	23,8%
Galinha-d'angola/angola	34	20,2%
Guiné	16	9,5%
Capote	5	3,0%
Tô-fraco	2	1,2%
Galinhola	3	1,8%
Galinha-d'água	1	0,6%
Galinha-da-índia	1	0,6%
	168	

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A variante mais produtiva no Tocantins foi *cocar*, cuja distribuição diatópica (Carta L5, Tomo II) abrange todo o território de pesquisa, ocorrendo com mais frequência no Centro-Sul do estado; acha-se predominante em todos os grupos, independentemente da variável extralinguística. O termo não se encontra dicionarizado em Aulete (1986), mas Houaiss (2009) o inscreve como proveniente do francês *cocarde* 'id.', de *coq* 'galo'. Outra hipótese seria a representação onomatopaica do canto da ave.

No ALiB (CARDOSO et al., 2014), *cocar* é registrada apenas nas capitais Cuiabá e Goiânia, pertencentes ao Centro-Oeste. Nos dados de Augusto (2012), essa variante é a segunda mais produtiva, ocorrendo nas cidades goianas de Aruanã, Cidade de Goiás e Pirenópolis, nas duas últimas de forma majoritária. Aparentemente, a partir da variação e da distribuição diatópica de *cocar*, há nesse item, em específico, uma identificação lexical com a região Centro-Oeste, uma vez que o termo ganha mais produtividade à medida que se aproxima da fronteira entre Tocantins e Goiás.

*Angolista*, nosso segundo item (23,8%), foi detectado principalmente na porção Oeste do rio Tocantins, em localidades consideradas mais recentes, e ao longo da BR-153. O nome provém do topônimo *Angola + ista*, ou seja, aquela que veio/ascende de Angola, de datação contemporânea, 1974 (HOUAISS, 2009).

No ALiB (CARDOSO et al., 2014), a *lexia* foi registrada nas capitais sulistas: Florianópolis e Porto Alegre. Tal fato pode evidenciar que as frentes migratórias vindas do Sul para o Tocantins têm influenciado no modo de designar o item em questão. Localidades como Formoso do Araguaia e Pedro Afonso possuem grandes projetos agroindustriais, coordenados por catarinenses e gaúchos e, nessas duas localidades, especificamente, o percentual de citação perfaz mais de 30%.

A terceira forma refere-se à *galinha-d'angola/angola*, que acreditamos estar difundida por todo o Brasil, dada sua extensão de abrangência no *corpus* do ALiB (2014). Sua distribuição no Tocantins é uniforme, não ocorrendo apenas em Palmas e Tocantinópolis. É descrita como um tipo de galinha, típica de países africanos e introduzida em países de clima quente; a datação do termo é recente: 1913 (HOUAISS, 2009).

Na cartografia do ALiB (2014), *galinha d'angola/angola* aparece distribuída em quase todas as capitais, com exceção de Maceió. É predominante nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, o que ratifica o fato de essa designação encontrar-se por todas as regiões brasileiras, evidenciando forma padrão no português brasileiro.

A variante *guiné* obteve 16 respostas. Em nossa cartografia, aparece tanto em localidades históricas quanto nas de colonização mais recentes, não sendo possível traçar uma isoléxica ou qualquer trajeto de frentes migratórias. Além disso, o número de citações dessa variante elencada é semelhante para os dois grupos de informantes, nascidos ou não nos pontos de inquérito. Consta em Houaiss (2009) como regionalismo de Pernambuco, sem datação, mas a forma *guiné* aparece em quase todas as capitais nordestinas, excetuando-se São Luiz e Fortaleza, de acordo com o ALiB (CARDOSO et al., 2014, p. 191-201). Assim, a variante, além do Nordeste, também adentra, de forma moderada, no Norte, aqui representado pelo Tocantins.

Com baixa produtividade, coletamos *capote*, nas cidades de Araguaatins, Araguaína, Gurupi e Mateiros; as três primeiras são próximas ou margeadas pela BR-153. No ALiB (CARDOSO et al., 2014), essa variante ocorre em Rio Branco, Boa Vista, Macapá, Belém, Fortaleza e Teresina, ou seja, trata-se de uma forma presente tanto no Norte quanto no Nordeste brasileiro. Segue apresentada por Houaiss (2009) como sinônima de *galinha-d'angola* e descrita por Aguilera (2010a) como tipo de nomeação metafórica, pois *capote* remonta ao corpo da ave, semelhante a uma capa.

Temos *galinhola*, auferida em três localidades distintas, sem aparente conexão entre elas (Araguatins, Pedro Afonso e Formoso do Araguaia). Houaiss (2009) expõe que o termo consiste em um errôneo diminutivo para a palavra *galinha*, cuja datação remonta 1576. Nos dados do ALiB, ocorreu apenas na capital Vitória.

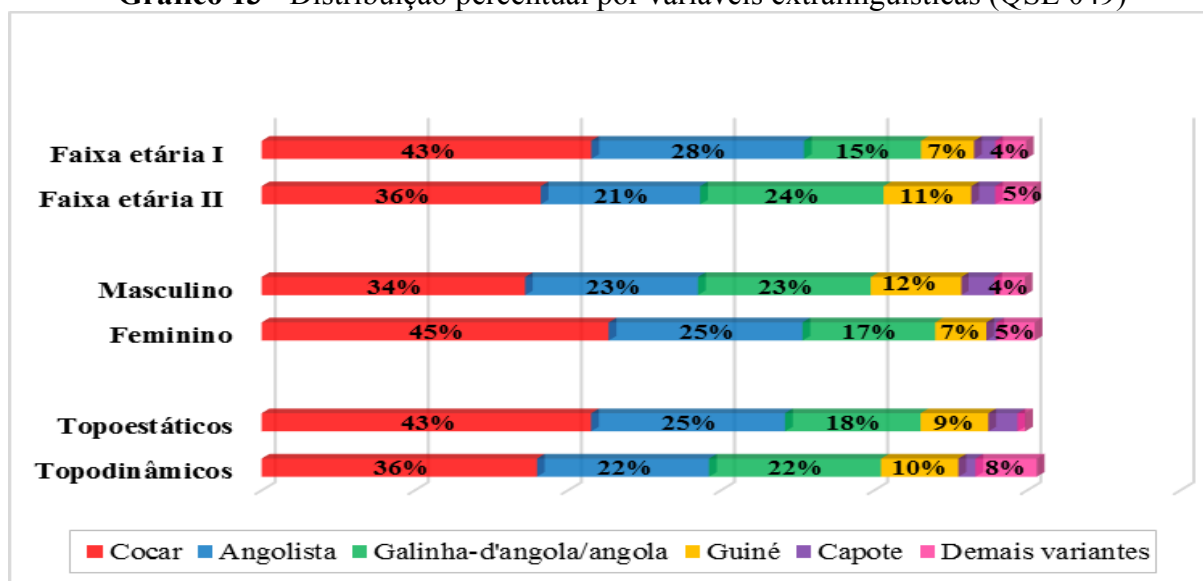
Há ainda a variante *tô-fraco*: uma resposta em Natividade e outra em Araguaína, não denotando qualquer identificação diatópica entre as duas localidades. Por outro lado, no aspecto diageracional, apenas os informantes da segunda faixa etária e topodinâmicos conhecem o item, ou seja, trata-se de uma variante trazida, certamente, pelos grupos móveis, como veremos

adiante. *Tô-fraco* não está lexicalizada, mas é identificada por Aguilera (2010b) como nome procedente de formação onomatopaica, criação popular que imita o som da ave.

Por fim, temos as incidências únicas: *galinha-da-índia*<sup>69</sup> e *galinha-d'água*, a primeira recolhida em Palmas e a segunda em Gurupi. No ALiB (CARDOSO et al., 2014), as duas variantes foram inseridas como notas, mas não foram cartografadas por apresentarem baixa produtividade. Apenas a primeira encontra-se lexicalizada como sinônima à *galinha d'angola/angola* (HOUAISS, 2009).

Apesar de em todos os segmentos predominar *cocar*, na análise por variáveis, constatamos alta preferência por esta forma pelos mais jovens, seguida do uso expressivo de *angolista*. Nos menos jovens, há preferência por *galinha-d'angola* e *angola*, além das duas primeiras citadas. Em relação à variável diassexual, as mulheres optam mais intensamente que os homens por *cocar* e *angolista*, enquanto eles são responsáveis por maiores percentuais de *galinha-d'angola* e *guiné*, conforme observamos no Gráfico 13.

**Gráfico 13** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 049)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

No eixo da mobilidade, os informantes migrantes apresentam as mesmas variantes que os locais, mas com maior tendência ao uso de *galinha-d'angola*, *angola*, *guiné* e das “demais variantes”: *galinhola*, *tô-fraco*, *galinha-d'água* e *galinha-da-índia*.

<sup>69</sup> O informante topodinâmico, da segunda faixa etária, de Palmas explica: “Éh, lá pra nós, isso nós falava era *cocar*. Ah, eu já vi gente falá de, éh... *galinha-da-índia*, né. Mas nós conhecia como *cocar*. *Galinha-da-angola*, outros falava, né.

Nossa próxima análise versa sobre os conceitos obtidos a partir do questionamento QSL 053 – *Como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?* Excetuando as nove abstenções, recolhemos nove lexias distintas, totalizando 107 respostas fornecidas a essa pergunta, conforme demonstramos com o Quadro 30 (Carta L6).

**Quadro 30** - Designações para o bicho que solta cheiro ruim quando se sente ameaçado, e respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	N.º de ocorrências	%
Gambá	69	64,5%
Mucura	25	23,4%
Lapixó	5	4,7%
Mambira	3	2,9%
Esquilo	1	0,9%
Raposa	1	0,9%
Catita	1	0,9%
Saruê	1	0,9%
Mixila	1	0,9%
	<b>107</b>	

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

*Gambá* foi a unidade lexical mais utilizada pelos informantes, ocorrendo em todo o território tocantinense; em Formoso do Araguaia, por exemplo, foi a única variante descrita em todas as entrevistas. A formação do nome é atribuída ao tupi *gaamba*, de 1817, mas de étimo controverso (HOUAISS, 2009).

Em estudo sobre o tema, Silva-Costa e Isquerdo (2012), a partir dos dados do ALiB, demonstram que, na região Centro-Oeste, *gambá* também predomina, perfazendo índice de 88%. Por outro lado, em Guedes (2012), no Pará, essa forma é a segunda em ordem produtiva, perdendo espaço para *mucura*.

*Mucura* também foi registrada em todo o Tocantins e, assim como o *gambá*, sua distribuição areal, presente na carta L06 (Tomo II), foi uniforme. Houaiss (2009) apresenta o termo com sinônimo para *gambá* e como regionalismo da Amazônia, dado esse corroborado por Silva-Costa e Isquerdo (2012) em estudo sobre as variantes para o animal marsupial no Centro-Oeste. Segundo as autoras, *mucura* foi coletada em Mato Grosso e Goiás. A esse respeito, são oportunas as palavras das pesquisadoras.

Comparando-se novamente os dados aqui analisados com os resultados obtidos por Silva e Aguilera (2010), nota-se que o registro de *mucura* em Mato Grosso, na cidade de Aripuanã, e em Goiás, em Porangatu, aponta para a confirmação de uma possível isoglossa em termos de uso dessa variante por influência do falar da região Norte nessas localidades, uma vez que

Aripuanã/MT fica no extremo norte de Mato Grosso, próxima ao Estado do Amazonas, e Porangatu/GO faz fronteira com o Estado de Tocantins (SILVA-COSTA; ISQUERDO, 2012, p. 785).

Em Guedes (2012), *mucura* é predominante no Pará e concorre com *gambá* apenas nos dois pontos próximos ao estado do Tocantins. Assim, a presença de *mucura* em nossos dados, aliados aos de Guedes (2012) e Silva-Costa e Isquerdo (2012), denota tratar-se de uma variante nortista que, possivelmente, tem irradiado para outras regiões brasileiras, apesar da consistência na disposição da forma *gambá*.

A terceira variante, *lapixó*, coletada a partir de cinco respostas, distribuiu-se em sentido centro-norte, a partir de Palmas. O termo não se encontra lexicalizado; há apenas menção em um dicionário informal da internet de que *lapixó* é designação para um pássaro das regiões Norte-Nordeste. Nos estudos dialetológicos, não há menção à forma nas regiões Centro-Oeste ou Norte (CARDOSO et al., 2014).

Com pouca representatividade, ocorreu *mambira* em Palmas e Pedro Afonso. Houaiss (2009) assinala que se trata de um regionalismo da Amazônia e designa um tipo de tamanduá. Entretanto, apesar de os dicionários apresentarem que *mambira* designa outro animal, nossos informantes responderam ao questionamento de forma consciente, como pode ser exemplificado no seguinte fragmento: “INF.- Ah, essa é a *mucura*, que é aquela que come galinha. Esse que a gente tá falando que é *gambá*, que é o memo... o *mambira*” (005/8). Esse item também foi coletado em Guedes (2012) em três localidades paraenses, podendo sinalizar para um regionalismo nortista presente no Pará e no Tocantins.

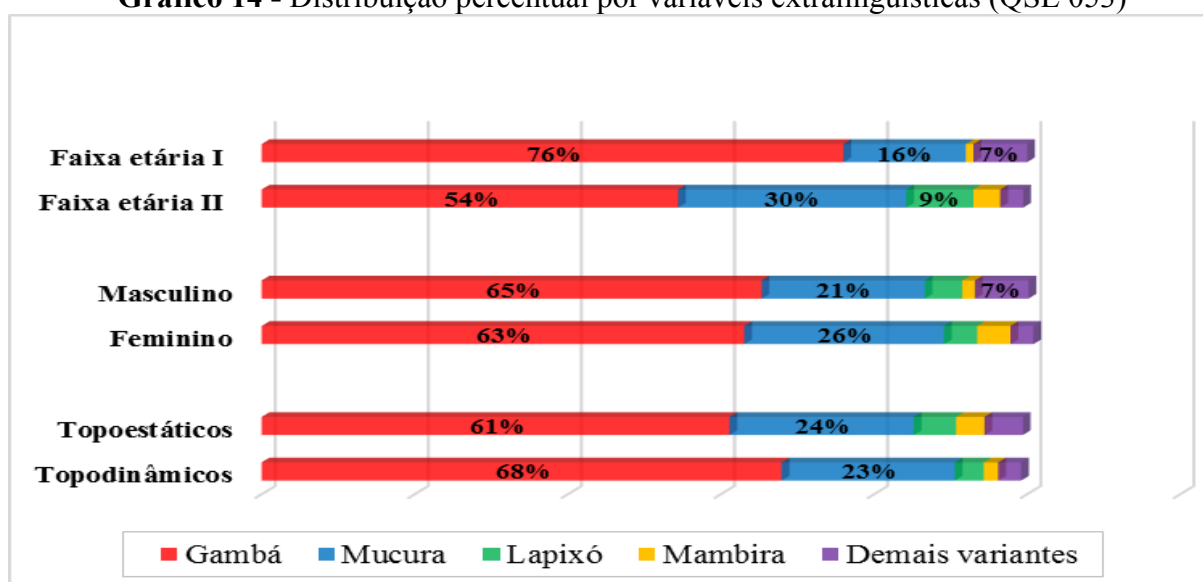
Com apenas uma resposta, obtivemos: *esquilo*, *mixila*, *catita*, *raposa* e *saruê*. *Esquilo* não se trata de animal encontrado na América do Sul, cremos que foi designado pelo informante por ter uma leve semelhança física com o marsupial descrito na questão. *Mixila*, por seu turno, foi identificado nos dados de Silva-Costa e Isquerdo (2012) no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul; entretanto, em nossos dados, foi proferido pelos informantes nascidos no Tocantins, não sendo possível afirmar que a variante seja proveniente de processo migratório.

*Catita* é dicionarizado por Houaiss (2009) como um marsupial, mas se trata de um tipo de roedor. Já *raposa*, similarmente encontrado por Silva-Costa e Isquerdo (2012) no Mato Grosso do Sul, consta em Houaiss (2009) como regionalismo de São Paulo. Essa designação foi expressa pela informante jovem de Palmas, casada com um sul mato-grossense, o que pode explicar a alusão a essa forma. Aguilera (2010a) destaca que *raposa* tem sido coletada também em localidades com forte contingente europeu, cujo imigrante atribui um nome de sua região de origem ao animal encontrado em nossa fauna.

Por fim, há a *hápax saruê*, forma apresentada como regionalismo nordestino, mas descrita pelo informante do grupo topodinâmico de Mateiros como sendo procedente do Paraná: “Eu conheço, lá, lá no Paraná chamam ele de *saruê*, e aqui eles chamam ele de *mucura*” (008/7).

Sobre as variáveis extralinguísticas, todos os informantes mantiveram índices semelhantes de variantes, exceto a faixa etária II com a citação de *mucura*, o dobro da apresentada pelos jovens. Além disso, os jovens são os que mais registraram a unidade *gambá*, além de outras variantes: *esquilo*, *raposa*, *catita*, *saruê* e *mixila*, agrupadas em “demais variantes” em decorrência da baixa produtividade.

**Gráfico 14** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 053)



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Como evidenciado nessa questão, há um número considerável de lexias para designar o *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*. Cremos que a quantidade de variantes citadas que, segundo os dicionaristas, não designam necessariamente o animal em questão, são provenientes das características físicas do marsupial em relação a outros animais presentes na fauna. Além disso, a ocorrência de *mucura* atrela o Tocantins às bases lexicais da região Norte, fato corroborado pela bibliografia e pela distribuição areal presente no ALiTTETO e em outros atlas linguísticos, no ALiB e em Guedes (2012), por exemplo.

A análise seguinte trata do polimorfismo relativo aos conceitos extraídos das respostas dadas à Questão 065 – *Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?* A significativa quantidade de

termos coletados como resposta para esse questionamento incide propriamente nas crenças populares sobre o inseto. Sua natureza dual, ora considerado benfeitor, ora considerado de mau agouro faz que o falante atribua diferentes formas de nomeá-lo, sobretudo tendo em vista a forma física do inseto e seus hábitos<sup>70</sup> (LENKO; PAPAVERO, 1996; AGUILERA, 2010b).

Salvo as 24 abstenções, ao todo, auferimos 88 respostas, distribuídas em 15 formas distintas. A maioria delas apresenta baixo índice de produtividade, citadas por um ou dois informantes apenas. Outras, porém, apesar de apresentar baixo índice, demarcam aspectos históricos e sociais das localidades em que foram coletadas. Além disso, há significativo número que demonstra formas atribuídas a outros insetos e, nesses casos, usamos como critério para a inserção das respostas as descrições fornecidas pelos próprios informante e a evidência das lexias presentes em outras regiões brasileiras. O Quadro 31 mostra as variantes, o número de ocorrências e os percentuais.

**Quadro 31** - Designações para o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas transparentes, que voa e bate a parte traseira na água, e respectivos números de ocorrências e percentuais

Variante	N.º de ocorrências	%	Variante	N.º de ocorrências	%
Cambito	36	41,0%	Louva-deus	2	2,3%
Libélula	20	22,7%	Grilo-de-rabo	1	1,1%
Lava (bunda, cu, cuida)	8	9,1%	Esperança	1	1,1%
Cavalo/cavalinho (de/do capeta, cão, judeu)	7	8,0%	Cabra-cega	1	1,1%
Helicóptero	3	3,4%	Mané-mago	1	1,1%
Besouro	2	2,3%	Canzil	1	1,1%
Palito	2	2,3%	Tesoureiro	1	1,1%
Cavaleiro	2	2,3%			
<b>88</b>					

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A carta L7 (Tomo II) apresenta a predominância de *cambito* no Tocantins e distribui-se, à exceção da área Sudeste, por todo o território de pesquisa. Sua presença é mais significativa no Centro-Norte do estado, com distribuição do mesmo percentual entre os informantes topoestáticos e topodinâmicos.

Em Aulete (1986), encontramos o termo como designativo vulgar para *libélula*; o dicionarista faz remissão etimológica à palavra proveniente do italiano *gambetta*, que significa *perninha*, podendo evidenciar uma das características físicas do inseto em questão. Houaiss

<sup>70</sup> As crenças populares que circundam o inseto são descritas por Lenko e Papavero: Insetos no Folclore (1996, p. 101-102).

(2009) registra a variante como regionalismo nordestino, de origem obscura, com datação remontando ao século XIV.

Não há registro de *cambito* nas capitais do ALiB (CARDOSO et al., 2014). Entretanto aparece nos dados de Guedes (2012) mais expressivamente na região Sudeste do Pará, divisa com Tocantins, muito embora a variante mais produtiva nesse estado seja *jacinta*. No Maranhão, segundo Ramos et al. (2012), com os dados do ALiB, *cambito* é registrado no sentido Leste-Oeste, na metade sul do estado em questão. Em Augusto (2012), em Goiás, a referida unidade foi coletada como incidência única em Aruanã. Os fatos apontados nos levam a supor que, ao contrário dos dicionaristas, *cambito* não se encontra restrita ao Nordeste, mas irradia no sentido Norte, descendo pelo Tocantins e chegando com pouca incidência em Goiás.

*Libélula*, considerada variante padrão, foi a segunda mais produtiva; com exceção de Formoso do Araguaia, foi registrada em todo o território e hegemonicamente citada pelos informantes da primeira faixa etária, com leve tendência às mulheres utilizarem essa variante. Nas capitais analisadas pelo ALiB, registra-se em todas as regiões brasileiras (AGUILERA, 2010b; CARDOSO et al., 2014).

Segundo Aulete (1986), o termo é proveniente do latim clássico *libellula*, talvez por alusão à *libella*, que significa *nível/prumo*, possivelmente uma menção às longas asas do animal e o movimento do voo. Segundo Aguilera, em Portugal, é conhecida como *libelinha*, forma utilizada no diminutivo, o que denota a delicadeza do animal (AGUILERA, 2010b).

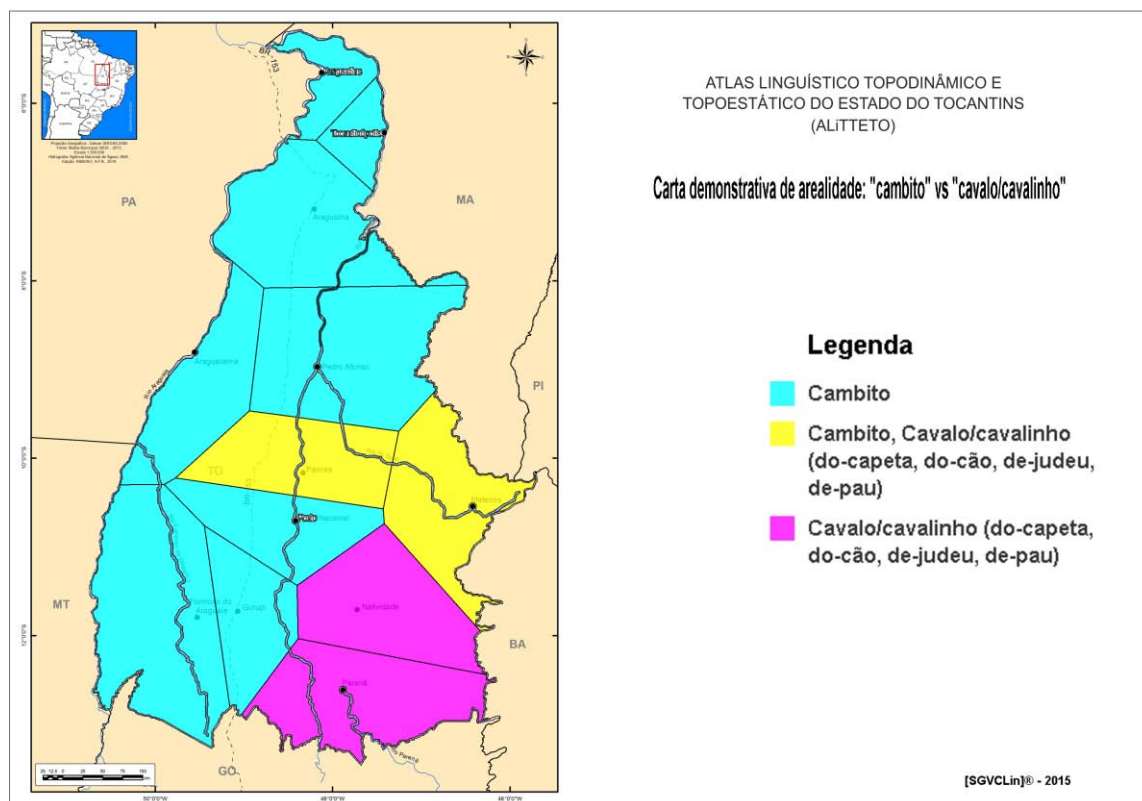
Com oito ocorrências, temos os itens agrupados sobre o sema *lava*: *lava-bunda/ lava-cu/lava-cuida*. Houaiss (2009) apresenta as acepções *lava-bunda* e *lava-cu* como sinônimos para *libélula*, porém cita que a primeira é um regionalismo sulista, enquanto a segunda relaciona-se ao estado de Sergipe. No ALiB, além das capitais sulistas, há a presença dessas variantes no Sudeste e no Centro-Oeste (AGUILERA, 2010b; CARDOSO et al., 2014).

No caso dessas variantes agrupadas sob o sema *lava*, o fator diatópico não foi preponderante, uma vez que foram coletadas em cinco localidades distintas, sem aparente conexão entre elas. Por outro lado, o eixo mobilidade mostrou-se produtivo, pois todos os informantes que as citaram são provenientes de deslocamentos e de migrações.

Os agrupamentos *cavalo/cavalinho* (*de/do capeta, cão, judeu, pau*) apresentam baixa produtividade, entretanto evidenciam-se em forma de isoléxica, uma vez que foram coletadas apenas nas localidades de Mateiros, Palmas, Natividade e Paranã, as três últimas pertencem ao ciclo histórico do estado, e Mateiros localiza-se na tríplice fronteira: Bahia, Piauí e Maranhão.

A seguir, a carta demonstra a arealidade de *cambito* em contraste com *cavalo/cavalinho* (*de/do capeta, cão, judeu, pau*).

**Figura 11** - Carta demonstrativa de arealidade: *cambito* vs *cavalo/cavalinho*



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A carta evidencia a divisão entre a região em que prepondera *cambito*, em todo o Norte, descendo pela lateral esquerda e adentrando o Sudoeste. Em posição oposta, estão as localidades em que predominam *cavalo/cavalinho* e seus respectivos agrupamentos, restritos ao Sudeste. Por fim, a área em que ambas as variantes covariam representa a transição entre ambas as formas.

Em Houaiss (2009), *cavalo/cavalinho-do-capeta/cão* é encontrado a partir da entrada *cavalinho-do-diabo*, marcado como regionalismo brasileiro. *Cavalinho-de-judeu* é fornecido pelo dicionarista como regionalismo da Bahia, aspecto corroborado por Mateiros, Natividade e Paranã estarem muito próximas à fronteira com o estado baiano. Já Aulete (1986) registra *cavalinho-de-judeu* como brasileirismo do Norte. Todas as formas presentes no agrupamento são datadas do século XX.

Lenko e Papavero (1996) trazem uma interessante descrição do significado de *cavalo/cavalinho-do-cão*. Segundo os autores, essa lexia constitui-se comum de Pernambuco ao Amazonas, além de ser muito conhecida em Portugal e em outros países europeus. De acordo com Rolland (1911, p. 83), tanto *cavalo/cavalinho-do-cão*, *do diabo* ou de *judeu* são nomes atribuídos em decorrência de o inseto, a partir do ciclo imaturo até seu estágio final ser

alcançado, carregar preso às costas uma casca seca, o que leva os falantes a associarem a casca retorcida à semelhança com o demônio (*apud* LENKO; PAPAVERO, 1996, p. 102).

Segundo Pérez (2011), *cavalo* ou *cavalinho-do-diabo* aufere-se em Portugal, tanto na Ilha dos Açores quanto no continente, o que nos faz supor que essas variantes sejam originárias de países europeus, posteriormente transportadas para o Brasil. As atividades de extração do ouro em Natividade e Paranã, nos séculos anteriores, atraíram levas de portugueses<sup>71</sup>, o que parece justificar a presença da variante na fala local. Por seu turno, Aguilera (2010b) destaca que *caballo* ou *caballito del diablo* são variantes utilizadas também em partes da América do Norte: Novo México e Colorado.

*Helicóptero*, nosso quarto item, ocorreu apenas em Formoso do Araguaia e Gurupi, localidades próximas da BR-153, sendo esta última cortada pela rodovia. As três ocorrências foram obtidas junto aos informantes jovens, dois deles nascidos nas cidades de pesquisa e um topodinâmico. Lenko e Papavero (1996, p. 102) asseveram o caráter jovial do emprego do termo, pois, segundo eles, é muito utilizado por crianças.

O registro dessa variante também foi realizado pelo ALiB em capitais muito distintas: Florianópolis, Curitiba, São Paulo, Campo Grande, Goiânia, Natal e Rio Branco, o que dificulta encontrar a origem do item lexical. Houaiss (2009) apresenta *helicóptero* apenas como regionalismo brasileiro, sem especificar a possível região de origem dessa designação. Os próximos volumes do ALiB, contendo os dados das localidades do interior, possivelmente, elucidarão essa questão.

Quatro variantes obtiveram duas respostas cada, ou seja, 2,3% do total: *besouro*, *palito*, *cavaleiro* e *louva-deus*, sendo as três primeiras citadas em Gurupi, cidade às margens da rodovia Transbrasiliana (BR-153). *Louva-deus* ocorreu apenas em Araguatins, extremo Norte do estado; validamos as duas respostas dos informantes idosos, dado o caráter diatópico centralizado das respostas e as descrições dos informantes. Nenhum dos termos encontra-se lexicalizado em Houaiss (2009) como sinônimo para o inseto em questão.

No ALiB, o item *besouro* realizou-se na capital Florianópolis. Em nossos dados, foi proferido pelo informante jovem topodinâmico, em Gurupi, localidade que recebeu e tem recebido muitas frentes sulistas em seu território, o que pode explicar a presença dessa variante.

Sete termos – *grilo-de-rabo*, *esperança*, *cabra-cega*, *mané-mago*, *canzil* e *tesoureiro* – ocorreram apenas uma vez e, do ponto de vista diatópico (Carta L7, Tomo II), essas variantes esparsas estão em localidades mais recentes e com grande fluxo migratório. De todas as lexias,

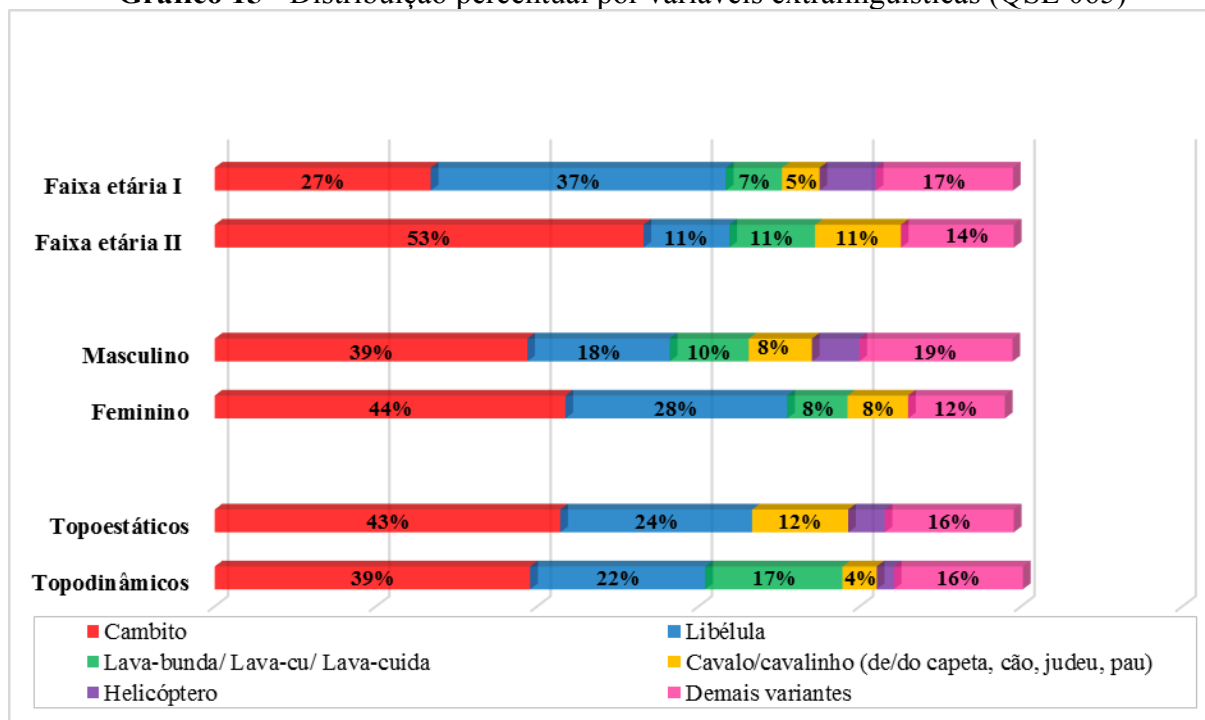
---

<sup>71</sup> Vide capítulo 2.

apenas *mané-mago* é descrita no ALiB, em Recife. *Cabra-cega* encontra-se em Lenko e Papavero (1996, p. 102) como regionalismo cearense.

As variáveis sociais apresentadas no gráfico 15 demonstram algumas peculiaridades, das quais podemos destacar a utilização de *cambito* mais incidente na faixa etária II. Por seu turno, a variante padrão *libélula* foi extremamente recorrente nos mais jovens.

**Gráfico 15** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 065)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

O núcleo masculino apresentou significativo índice de variantes *hápx*, agrupadas em “demais variantes”, tais como: *besouro*, *palito*, *cavaleiro*, *louva-deus*, *grilo-de-rabo*, *esperança*, *cabra-cega*, *mané-mago*, *canzil* e *tesoureiro*.

Os agrupamentos *cavalo/cavalinho* ocorreram predominantemente na fala dos informantes autóctones, podendo evidenciar tratarem-se de variantes locais trazidas ainda no período de colonização do território.

Por fim, dessa subárea, analisamos as respostas dadas à questão 068 do *QSL* – *Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, à noite?*, cujas variantes encontram-se na Carta L8, no Tomo II. Recolhemos cinco variantes, conforme o Quadro 32, que mostra o número de ocorrências e os percentuais de cada uma.

**Quadro 32** - Designações para o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, à noite, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%
Muriçoca	93	61,6%
Pernilongo	41	27,0%
Mosquito	11	7,3%
Carapanã	6	4,0%
	15	

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A denominação *muriçoca* constitui-se norma regional no Tocantins, com mais de 60% de respostas, registrada em todas as localidades com mais de 50% das citações. Etimologicamente, Houaiss (2009) registra que o nome vem do tupi *\*mberu'soka* “pernilongo”, formado a partir de *mbe'ru* “mosca” e “*soka*” “que quebra, que parte, que fura”, de 1877.

Cabe observar que a forma *muriçoca*, cartografada pelo ALiB nas capitais, apresenta-se difundida por toda a região Nordeste, adentrando em limites nortistas (Macapá) e centro-ocidentais (Goiânia). No estado do Pará, em Guedes (2012), é registrada mais intensamente no Sudeste, limítrofe ao Tocantins, embora a variante predominante nesse estado seja *carapanã*, também auferida em nossos dados com baixa incidência (4,0%).

Em trabalho sobre o tema, Costa e Isquierdo (2010) verificam que *muriçoca* e *carapanã*, concentrados nas regiões Norte e Nordeste, são provenientes de étimos do tupi, demonstrando a vitalidade dessa base linguística nessas regiões. Segundo as autoras: “o substrato tupi permanece vivo em designações de elementos da fauna brasileira, posto que 50% das variantes documentadas são de base linguística indígena” (COSTA; ISQUERDO, 2010, p. 513). 3

Inserimos a esses dados o fato de que, em Augusto (2012), *muriçoca* apresenta-se como hegemônica em localidades interioranas de Goiás. Dessa forma, o termo em questão extrapola os limites das regiões Norte e Nordeste e adentra o Centro-Oeste, possivelmente trazido pelas frentes migratórias procedentes daquelas regiões.

*Pernilongo* ocupa a segunda posição em produtividade (27,0%); foi citada em todas as 12 localidades do Tocantins com distribuição regular (Carta L08, Tomo II). A base linguística do termo é portuguesa, procedente de *pern(i)- + longo*, de 1877, o que denota a característica física do inseto que possui pernas alongadas (HOUAISS, 2009).

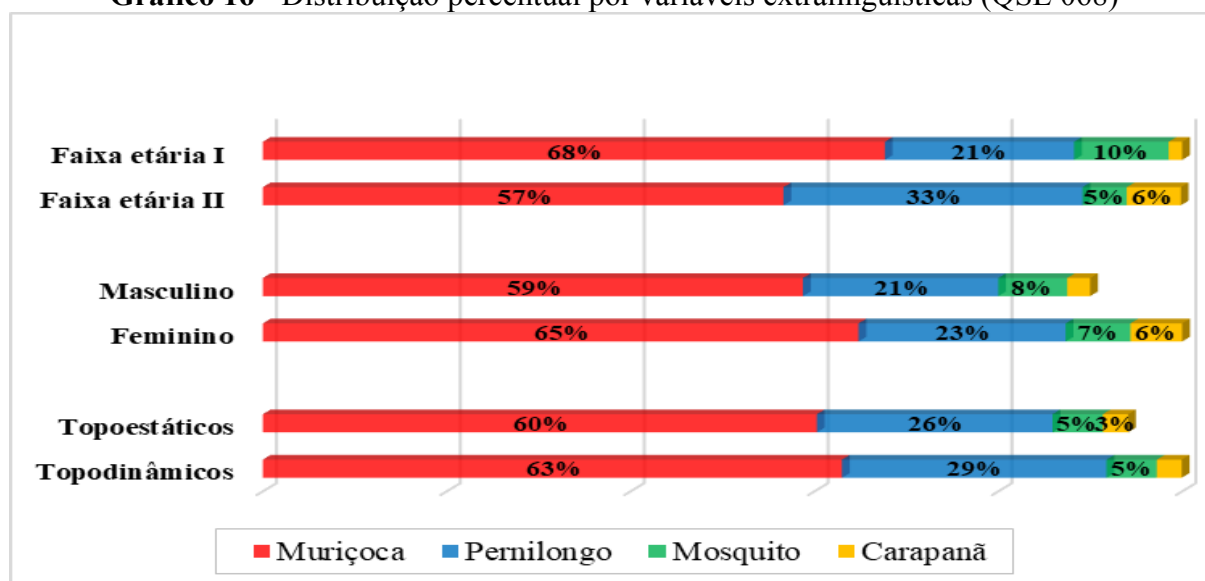
No ALiB, nas capitais do Nordeste, *muriçoca* concorre com *pernilongo*, forma predominante no Sudeste e Sul e parte do Centro-Oeste (Cuiabá e Campo Grande) (CARDOSO et al., 2014, p. 227 [carta L14]). Costa e Isquierdo (2010), a partir desses dados, declaram que *pernilongo* pode ser considerada variante padrão, “uma vez que foi registrada na fala dos

habitantes de todas as regiões brasileiras, embora com percentuais distintos de ocorrência entre as regiões Nordeste/ Norte e Sudeste/Sul/Centro-Oeste” (COSTA; ISQUERDO, 2010, p. 514).

Na sequência, obtivemos 11 respostas para *mosquito*, coletado no Sudeste do Tocantins e região do Bico do Papagaio, tanto na fala dos informantes topoestáticos quanto na dos topodinâmicos. A lexia forma-se a partir de *mosca*, étimo latino com a junção do formador de diminutivo também latino: *ito* (HOUAISS, 2009). No ALiB, *mosquito* efetua-se nas capitais do Sul e do Sudeste e se configura em menor intensidade no Nordeste, com baixíssima incidência no Norte (CARDOSO et al., 2014, p. 227 [carta L14]).

O cruzamento com nossas variáveis demonstra que *pernilongo* é mais frequente na fala dos homens da segunda faixa etária. Na verdade, acreditávamos que, por ser considerada variante padrão, teria a preferência dos falantes jovens. Esse fato demonstra que *muriçoca*, variante mais regional, segue mantida pelos informantes de ambas as idades e se constitui como norma no Tocantins. Há que se destacar a preferência pela forma mais regional *muriçoca* pelas mulheres, enquanto os homens apresentam percentuais mais altos para *pernilongo*.

**Gráfico 16** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 068)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

O eixo mobilidade apresenta índices semelhantes em ambos os segmentos, com maiores percentuais de utilização dos termos *muriçoca* e *pernilongo* pelos informantes não nascidos nas localidades de pesquisa.

À guisa de algumas considerações no subgrupo Fauna, em geral, foram poucas as abstenções, denotando este recorte tratar de um universo de conhecimento mais amplo do informante, não ficando restrito ao meio rural. Além disso, destacamos que as variações

ocorridas nesse campo são predominantemente diatópicas, com pouca influência dos outros fatores sociais, como sexo e faixa etária.

As variantes obtidas a partir dos quatro questionamentos analisados mostram marcas de um Tocantins multivarietal e com semelhanças lexicais com diferentes regiões brasileiras. No caso de *cocar* (QSL 049), há identificação com o Centro-Oeste. Por seu turno, *angolista* assemelha-se ao Sul. *Mucura* (QSL 053) tem similaridade lexical com o Norte e *muriçoca* (QSL 068), com o Nordeste.

As respostas à Questão 065 do QSL formam uma isoléxica relativa às variantes *cavalo/cavalinho* (*de/do capeta, cão, judeu, pau*) na área Sudeste do território de pesquisa, região de mineração, próxima da divisa com a Bahia. Tal fato parece indicar um lusitanismo presente no território, podendo ter adentrado no Tocantins de forma direta: via colonizador europeu, ou indiretamente, procedente do estado baiano e dos contatos migratórios.

### 5.2.3 Corpo Humano

O campo do Corpo Humano tem sido alvo de estudos de natureza lexical, em decorrência do polimorfismo encontrado nas designações. Comumente, o falante utiliza-se de nomes ou funções atribuídas a outros referentes para designar partes do corpo. Nessa subárea apresentamos as análises das questões 073: *Como se chama a bolinha que nasce em cima do olho, fica vermelha e incha?*; 083: *Como se chama a parte alta do pescoço do homem?*; 084: *Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro?* e 093: *Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho?*

No cartograma L9 (Tomo II), estão os itens obtidos por meio do questionamento QSL 073: *Como se chama a bolinha que nasce em cima do olho, fica vermelha e incha?*, salvo as cinco abstenções, coletamos o total de 102 respostas, distribuídas em quatro variantes, conforme o quadro a seguir.

**Quadro 33** - Designações para a bolinha que nasce em cima do olho, fica vermelha e incha, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º Ocorrências	%
Terçol	53	52,0%
Espinha	44	43,1%
Olho-de-sol	3	2,9%
Nascida	2	2,0%
	<b>102</b>	

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A variante *terçol*, cuja etimologia provém do latim *tertiolu* (NASCENTES, 1955) e denota, segundo Cunha (2010), um “pequeno abscesso no bordo das pálpebras”, apresentou o maior índice de respostas no espaço de pesquisa. Sua dispersão ocorre em todo o estado, com maior produção nas localidades às margens esquerda do rio Tocantins. No extremo Norte, em Araguatins e Tocantinópolis, por exemplo, *terçol* foi citada de forma categórica.

Em direção ao Sul do estado, *terçol* perde espaço para a segunda variante em percentual de produtividade, *espinha*, forma descrita pelos dicionaristas como um tipo de inflamação dada na pele, normalmente no rosto, em função da acne (NASCENTES, 1955; AULETE, 1986; HOUAISS, 2009). Apesar da dicionarização do termo não se referir ao tipo de abscesso em questão, a partir dos dados dispostos e das abonações fornecidas pelos informantes, *espinha* aparece como um neologismo semântico, ressignificado para nomear a enfermidade dada nas pálpebras.

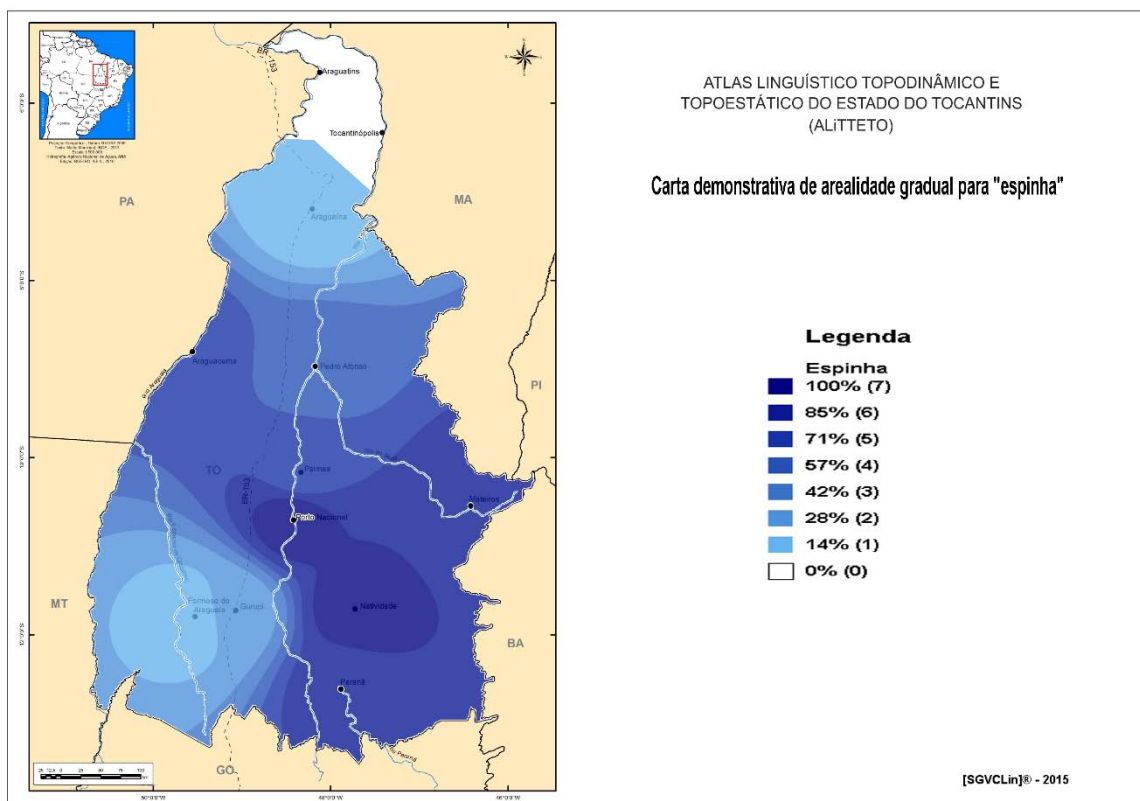
O Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões apresenta o item dimensionando as duas explicações: acne e sinônimo para *terçol*: “dermatose dolorosa caracterizada por um pequeno *olho* que ocorre na face. Quando ocorre no olho denomina-se *bonitinha* e *terçol*” (PÓVOA, [s/d], p. 168).<sup>72</sup>

Diatopicamente, *espinha* ocorre em posição contrária à *terçol*, cuja maior concentração está às margens direita do rio Tocantins, principalmente nas localidades do eixo do ouro, no Sudeste. Em Natividade, por exemplo, perfaz quase 80% das citações, apresentando, na carta ilustrativa de arealidade gradual, o epicentro de *espinha* no estado.

---

<sup>72</sup> O respectivo dicionário também fornece as receitas caseiras para a cura: “cera de ouvido; esfregar uma aliança de ouro num pano até aquecer e, em seguida, pôr sobre a espinha; excremento de galinha, quando mole, aquecido; folhas de pimenteira aquecidas em banha de galinha aplicadas sobre a espinha. (PÓVOA, [s/d], p. 168).

**Figura 12 - Carta demonstrativa de arealidade gradual para *espinha***



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

*Espinha* também é encontrada no *Atlas do Território Incaracterístico* (CUBA, 2015, [Carta 037]) apenas na localidade de Luciara, Mato Grosso, limítrofe ao estado do Tocantins e às margens do rio Araguaia. Dos oito informantes inquiridos pela autora, quatro citaram a presente forma. No APFB (Carta 91), a forma perfaz 20% dos dados; a maioria das respostas coletadas neste trabalho refere-se à *terçol*. No ALS I e no ALAM, não há evidências dessa variante.

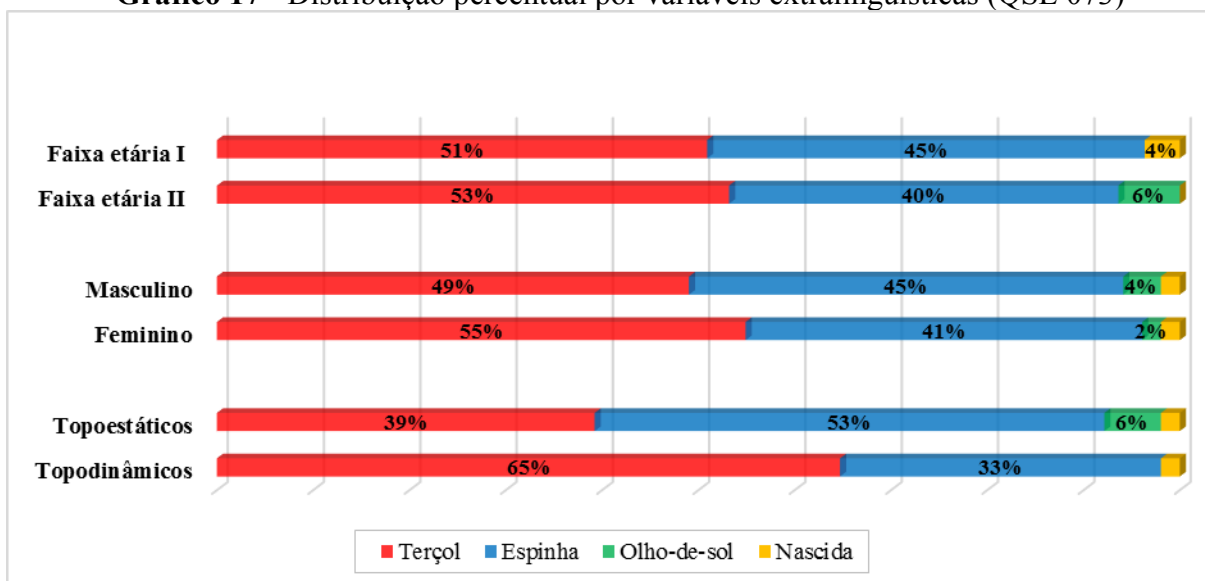
A forma *olho-de-sol*, auferida com baixa produtividade, não se encontra lexicalizada. Acreditamos que a nomeação do item é fornecida por o informante aludir à forma *terçol*, comumente proferido como *treissol*, e este remeter a “sol”. No aspecto diatópico, é possível verificar que as duas das três respostas foram coletadas no eixo da rodovia Belém-Brasília, nas localidades de Gurupi e Araguaína, outra ocorreu em Palmas; as três localidades são demarcadas por fluxo migratório de origem mais recente.

A última lexia encontrada é *nascida*, com baixo índice de produtividade, auferida em Araguaína e Natividade, localidades sem aparente conexão, pois a primeira é de um eixo mais recente, às margens da rodovia Belém-Brasília, e Natividade faz parte do circuito histórico do estado e antiga zona de garimpo. A forma relaciona-se em Houaiss (2009) como sinônimo para

furúnculo. O dicionário de Póvoa (s/d) apresenta *nascida* como sinônimo de furúnculo ou tumor; quando o tumor se localiza no olho, o autor fornece a acepção *mapironga*.

Os percentuais subdivididos pelas variáveis sociais sexo e faixa etária apresentam índices semelhantes quantos aos itens mais produtivos: *terçol* e *espinha*. Porém, no que se refere à idade do informante, a utilização de *nascida* ocorre exclusivamente na primeira faixa etária, enquanto *olho-de-sol* é específica da segunda geração.

**Gráfico 17** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 073)



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A mobilidade apresentou índices distintos em relação, principalmente, à *espinha*, de uso predominante dos informantes nascidos nas localidades de pesquisa, obtendo mais de 50% das respostas nesse núcleo; também é atribuído a esses informantes *olho-de sol*. Por outro lado, os alóctones concentram a maioria das respostas no item *terçol* e proferem em menor escala a variante *espinha*, podendo sugerir que a segunda forma mais numerosa seja regional.

A próxima análise perfaz a indagação *QSL 083: Como se chama a parte alta do pescoço do homem?*, que suscitou abundante número de formas, com diatopia presente na Carta L10, Tomo II. Os índices de abstenções desse questionamento totalizam 13 não respostas, em sua maioria, procedentes dos informantes jovens. Foi necessária a realização de agrupamentos em razão de respostas genéricas fornecidas que versam, principalmente, sobre o sema *pescoço/garganta*, como identificados no quadro a seguir, que apresenta o número de variantes e percentuais.

**Quadro 34** - Designações para a parte alta do pescoço do homem, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º Ocorrências	%	Variante	N.º Ocorrências	%
Gogó	62	64,7%	Pomo-de-adão	3	3,1%
Nó/caroco (da garganta, na goela)	15	15,6%	Cangote	2	2,1%
Gargalo/garguelo/gorgomilo/goela	7	7,3%	Galo/crista-de-galo	2	2,1%
Nó-do-pirão	5	5,2%			
<b>96</b>					

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

*Gogó* consiste na variante mais utilizada no espaço de pesquisa, com distribuição ocorrendo em todo o território, com maior propensão no Centro-Sul do estado; em localidades mais antigas, no Sudeste, intercorre de forma hegemônica em relação às demais variantes. Para Aulete (1986), o termo é tratado como brasileirismo, o mesmo que *maça-de-adão*. Houaiss (2009) fornece a etimologia como atribuída tradicionalmente à altura de *goela*; além disso, o dicionarista atribui como uso informal para *pomo-de-adão*.

No ALAM, é a variante predominante, embora no Amazonas *gogó* seja uma forma agrupada com outros designativos, como *gogó-do-pirão* ou *gogó-do-pescoço* (CRUZ, 2004, [Carta 22]). Ocorre com maior produtividade nas regiões abaixo do rio Solimões. Em território goiano, constitui-se como norma, obtendo índices de 94,4% (AUGUSTO, 2012).

Na região Sudeste brasileira, especificamente no Oeste paulista, *gogó* também representa os maiores índices nos dados da autora (SANTOS-IKEUCHI, 2014), assim como nos três estados que compõem a região Sul (ALTENHOFEN et al., 2011, p. 421). Por outro lado, em Pernambuco, apresenta boa representatividade, mas não é a variante hegemônica; concentra-se principalmente no Centro, irradiando para o Leste litorâneo; a lexia mais representativa no espaço pernambucano refere-se à *nó da guela* (SÁ, 2013).

O segundo percentual mais produtivo em nossos dados atribui-se ao agrupamento *nó/caroco (da garganta, na goela)*. A diatopia não denota formação de isoléxicas para essas formas, mas apresenta leve tendência de essas variantes ocorrerem na metade Norte do Tocantins.

Os termos tais como proferidos não se encontram dicionarizados com a acepção buscada na questão; há, em Aulete (1986), uma pequena referência ao *pomo-de-adão* com a entrada “nó”. Possivelmente, trata-se de uma alusão à saliência ocasionada na garganta humana, apresentando semelhanças físicas com a curvatura de um nó.

No Amazonas, o agrupamento ocorreu apenas em dois pontos de inquérito (CRUZ, 2004, [Carta 22]), sem aparente conexão diatópica entre eles. Em Pernambuco, especificamente sobre o *nó da guela*, há dispersão por todo o estado, como anteriormente evidenciado (SÁ, 2013).

O terceiro agrupamento encontra-se sobre os semas *pescoço/garganta*, cujas variantes coadunadas são *gargalo/garguelo/gorgomilo/goela*. Designam partes, por vezes genéricas, do corpo humano que os informantes utilizaram para nomear o referente em questão. A dicionarização desses termos não indica tratar-se de variantes designativas para a saliência presente na garganta masculina. Apenas *gorgomilo* encontra-se sob a entrada *gurgumio* em Póvoa ([s/d]), designando *pomo-de-adão*.

Em termos diatópicos, o conjunto de formas ocorre comumente em localidades situadas à margem esquerda do rio Tocantins, tanto em localidades mais recentes: Araguatins, Formoso do Araguaia e Gurupi, como as históricas, tais como: Tocantinópolis, Porto Nacional e Araguacema.

No Atlas Linguístico do Oeste Paulista, os itens *gargalo* e *garguelo* aparecem com baixa produtividade na região (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 232). Vale ressaltar que a metodologia utilizada pela autora foi topodinâmica, com informantes filhos de nordestinos. Esse fato, aliado à carta 26 do Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2013, [Carta 26]), cujas variantes mencionadas ocorrem na microrregião agreste do estado, pode denotar tratar-se de uma variante nordestina e irradiada, com pouca incidência para outras regiões do país, nesse caso, para o Norte (TO) e para o Sudeste (SP).

A quarta forma mais produtiva perfaz o conceito *nó-do-pirão*, não dicionarizada. Realiza-se, principalmente, nas localidades do Bico-do-Papagaio (Araguatins e Tocantinópolis) e, apesar de, no ALAM, o designativo vir agrupado conjuntamente com *gogó* e não com *nó* como o nosso, acreditamos tratar-se de uma forma Nortista, posto que não foi identificada em outras regiões brasileiras (no ALERS, dentre outras obras).

Supomos que a formação *nó-do-pirão* aluda à comida tradicional nortista e nordestina, feita a partir de caldo e farinha de mandioca. O referimento ao “nó” deve-se, provavelmente, a alguma impureza no pirão que dificulta a sua passagem pela garganta.

Com baixa incidência, temos a variante *pomo-de-adão*, ocorrida de forma esparsa em localidades tocantinenses: Tocantinópolis, Araguaína e Palmas. Aulete (1986) apresenta como sinônimo de *maça-de-adão*, mas não consta lexicalizada em Houaiss (2009).

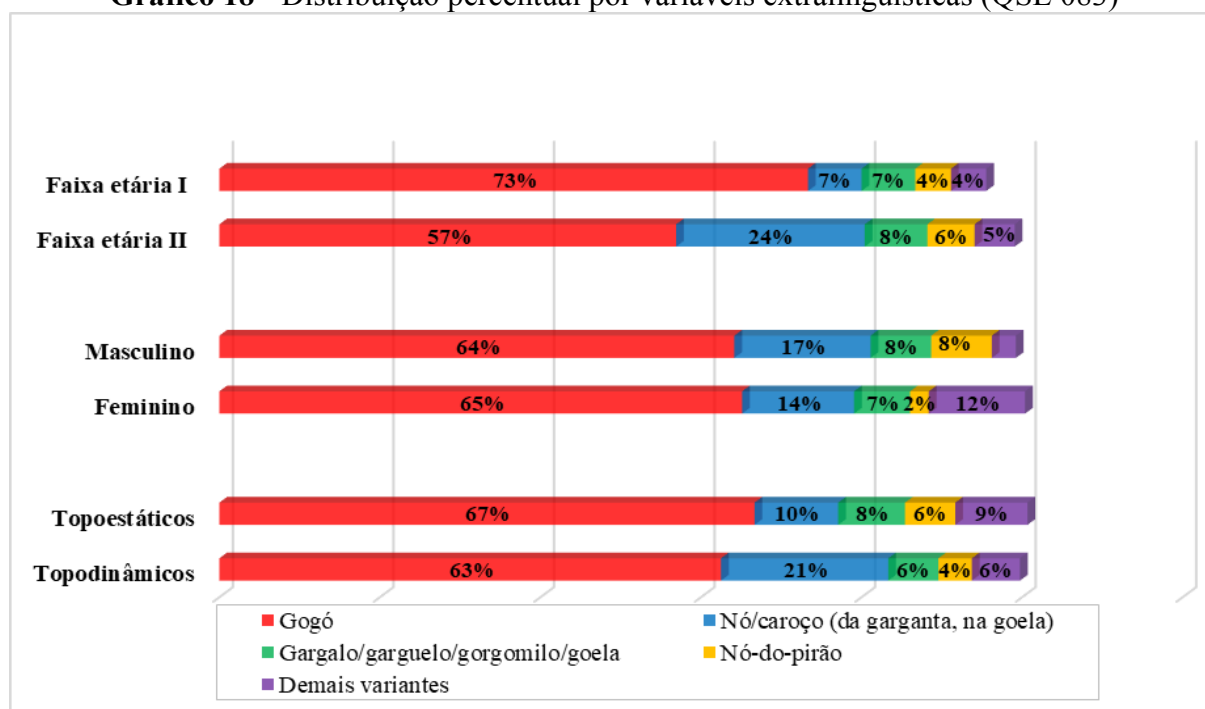
No Amazonas (CRUZ, 2004), em Goiás (AUGUSTO, 2012) e em Pernambuco (SÁ, 2013), o item não foi apurado. Nos estados que compõem a região Sul, aparece com baixíssima

produtividade se comparado aos demais itens, como *gogó*, por exemplo (ALTENHOFEN et al., 2011).

Por último, com apenas duas citações cada, encontra-se o agrupamento *galo/crista-de-galo* (Araguaína e Formoso do Araguaia) e a variante *cangote* (Araguatins e Tocantinópolis). Não estão lexicalizados como sinônimo para *pomo-de-adão* em Aulete (1986) e em Houaiss (2009); nos trabalhos dialetológicos consultados, não há menção a nenhum dos itens do agrupamento.

Quanto às variáveis intraindividuais, como evidenciadas no Gráfico 18, o fator diageracionalidade demonstra aspectos distintos. Os jovens, de forma primaz, utilizam principalmente *gogó*; os informantes da segunda geração, apesar de também fazerem uso da referida variante, manifestam frequência considerável para o agrupamento *nó/caroço*.

**Gráfico 18** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 083)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

O núcleo masculino é detentor da maior porcentagem do item *nó-do-pirão*, enquanto as mulheres preferem as variantes dos semas *pescoço/garganta*. Os informantes autóctones evidenciam os maiores percentuais para *cangote*, *pomo-de-adão* e *galo/crista-de-galo*, coadunadas em “demais variantes”. O núcleo topodinâmicos possui alto índice de variantes do grupo *nó/caroço (da garganta, na goela)*.

O terceiro item de análise desse campo semântico contempla o questionamento *QSL 084: Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro?* (Carta L11, Tomo II). Deixaram de responder à indagação seis informantes. Ao todo, auferimos cinco variantes distintas em um universo de 100 respostas, que são evidenciadas no quadro a seguir, juntamente com os índices numéricos e percentuais.

**Quadro 35** - Designações para o osso que vai do pescoço até o ombro, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%
Clavícula	76	76,0%
Cantareira	21	21,0%
Escápula	1	1,0%
Omoplata	1	1,0%
Pá	1	1,0%
	<b>100</b>	

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Constitui-se norma no Tocantins a variante *clavícula*, que aparece em todos os pontos de inquérito e com registro de mais de 50% em todas as localidades de pesquisa. Em cidades como Formoso do Araguaia e Gurupi, localizadas às margens e no entorno da BR-153, de colonização mais recente, atingiu 100% das respostas. A acepção encontra-se lexicalizada em Houaiss (2009) como “osso longo com uma dupla curvatura que articula o esterno com a escápula”. A etimologia do termo procede do latim *clavícula*, “chave pequena”.

Assim como no Tocantins, a forma constitui-se hegemônica no Pará (GUEDES, 2012); em Goiás, com exceção de Trindade, aparece em todo o território de pesquisa (AUGUSTO, 2012). Por seu turno, no APFB, ocorre com baixa incidência nas localidades baianas, cuja variante predominante é *cantareira*.

*Cantareira* realiza-se como segundo item em ordem de ocorrência. A carta L11 (Tomo II) demonstra que a lexia foi coletada principalmente nas localidades mais antigas do estado, à margem direita do rio Tocantins. Em Houaiss (2009), sua datação remonta ao ano de 1537, formado a partir de *cântaro* + *-eira*. Cântaro encontra-se descrito pelo dicionarista como um tipo de vaso de barro ou metal, com bojo largo e asas laterais, definição que nos levar a crer tratar-se de uma alusão realizada entre o osso do pescoço humano com o formato do vaso.

Em Guedes (2012), verificamos que, no Pará, assim como no Tocantins, atinge o segundo maior índice de citações, ocorrendo no Nordeste e no Sudeste do estado. Em Goiás, não foi citado em localidade alguma trabalhada por Augusto (2012). Em contrapartida, no APFB, é hegemônica. Assim, *cantareira*, aparentemente, parece proceder do Nordeste

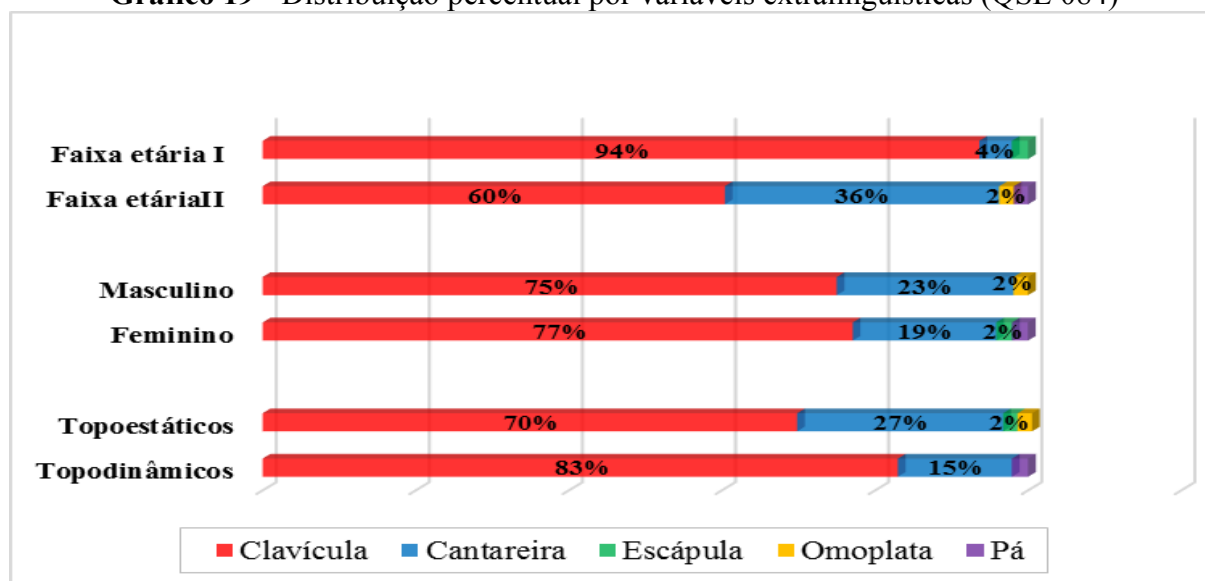
brasileiro, irradiando para os estados nortistas, tais como o Tocantins e o Pará (GUEDES, 2012), não chegando ao Centro-Oeste (AUGUSTO, 2012).

Os itens *escápula*, *omoplata* e *pá*, citadas por um informante cada, ocorreram respectivamente, em Porto Nacional, Araguaína e Tocantinópolis. Os dois primeiros são termos procedentes de rubrica anatômica, pouco usuais na população geral e não apurados nas obras dialetais. *Pá* está dicionarizada, mas não apresenta acepção compatível com o que se pede na questão do QSL 084.

Interessante observar que *pá* apresenta-se como segunda variante mais produtiva em Goiás (AUGUSTO, 2012). No Pará, é pouco usual, aparecendo apenas em Altamira, podendo indicar ser um regionalismo do Centro-Oeste, chegando com baixa produtividade ao Norte.

O cruzamento por variáveis denota resultados relevantes do ponto de vista diageracional e da mobilidade, como comprovamos no Gráfico 19, que apresenta os percentuais realizados a partir dos recortes sociais.

**Gráfico 19** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 084)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A predominância de *clavícula* evidencia-se em todos os extratos, contudo se apresenta quase categórico no falar dos jovens, enquanto os informantes da segunda faixa etária manifestam percentuais menores quanto à variante tida como padrão. É deste núcleo o maior número de ocorrências de *cantareira* (36%), fato também evidenciado no trabalho de Guedes (2012, p. 102), no Pará.

Por outro lado, distintamente dos dados do referido autor, cujas mulheres apresentam maior número de citações para *cantareira*, em nosso *corpus*, os homens manifestam índices mais produtivos do que o sexo feminino em relação a essa variante.

Ainda sobre o emprego de *cantareira*, notamos sua manifestação nos falantes nascidos nas localidades de pesquisa, muito embora também tenha sido citada pelos topodinâmicos, podendo indicar tratar-se de uma variante utilizada principalmente pelos nascidos nos locais de pesquisa, mas com aceitação razoável pelos alóctones.

O penúltimo item em análise do campo semântico “Corpo Humano” refere-se às variantes e agrupamentos adquiridos a partir de *QSL 093 Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho?*, excetuando-se o alto índice de abstenções, 25, identificamos sete agrupamentos e outras três variantes individuais, normalmente atreladas à criação metafórica entre o osso redondo e outros objetos, o que denota polimorfismo nas designações (AGUILERA, 2012), conforme ilustrado no quadro a seguir e constante na Carta L12, do Tomo II.

**Quadro 36** - Designações para o osso redondo que fica na frente do joelho, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%	Variante	N.º de ocorrências	%
Rodela/rodelinha/ruela (do joelho)	28	37,3%	Ossos/junta	2	2,7%
Rótula	20	26,7%	Pedra (do joelho)	1	1,3%
Bola/bolinha/bolotinha (do joelho)	9	12,0%	Ministro	1	1,3%
Bolacha/bolachinha (do joelho)	8	10,7%	Tramela/janela	1	1,3%
Patela	4	5,3%	Pataca (do joelho)	1	1,3%
75					

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A variante mais produtiva corresponde ao agrupamento *rodela/rodelinha/ruela (do joelho)*, coordenadas por traços de similaridade morfofonêmicas; são verificadas em todos os pontos de coleta, principalmente nas localidades mais antigas, tais como Pedro Afonso e Natividade. Nesta última, por exemplo, perfaz mais de 70% das ocorrências coletadas para a denominação do osso redondo do joelho. *Rodela* e sua forma diminutiva *rodelinha* estão dicionarizadas em Houaiss (2009) como uso informal para *patela* e, em Aulete (1986), como

sinônimo para osso, mas sem especificar qual exatamente. *Ruela*, por seu turno, encontra-se nas referidas obras como denominação para objetos circulares.

*Rodela*, no Atlas Semântico-lexical de Goiás, embora não tenha sido agrupada com sua forma no diminutivo, apresenta-se como terceira variante em posição produtiva (AUGUSTO, 2012, p. 263). Na Bahia, ocorre na porção Centro-Oeste do território; na área Centro-Leste, a hegemonia refere-se à *bolacha do joelho* e outras designações. Em Sergipe, por outro lado, não foi coletada (AGUILERA, 2012). As demais formas do agrupamento não constam nas obras dialetais.

Na sequência, temos *rótula*, identificada em todos os pontos de pesquisa, com maior propensão em Araguacema, Oeste do estado e divisa com o Pará, irradiando ainda para toda a margem Oeste do território e parte do Sudeste; ocorre com pouca propensão no Centro-Sul do Tocantins. É verificada em Houaiss (2009) com o indicativo latino de *rodinha*, com datação de 1600. Em Aulete (1986), a rubrica estritamente anatômica alude ao osso da articulação, situado entre o fêmur e a tíbia, entretanto não há menção neste último sobre a etimologia ou a datação do termo.

Nos dados dos atlas linguísticos dos estados do Amazonas, de Goiás, do Sergipe e do Paraná, a variante *rótula* configura-se como predominante, o que nos induz a afirmar tratar-se de uma forma amplamente utilizada no Brasil. Contudo, no Território Incaracterístico, apresenta-se como a segunda lexia mais citada, perdendo para “outras designações” (CUBA, 2016, p.189); na região Sul, é a quarta variante em percentual de uso (ALTENHOFEN et al., 2011).

*Bola/bolinha/bolotinha (do joelho)*, coadunadas em clara alusão à forma esférica do objeto, têm sua significação fornecida a partir do uso informal para algumas partes do corpo humano ou animal que apresentam formas arredondadas (AULETE, 1986; HOUAISS, 2009). Ocorrem na porção Sudoeste e extremo Norte tocantinense, formando duas áreas isoladas para o agrupamento em questão. A capital Palmas foi a localidade que apresentou maior número dessa variante, no total de 40%. Nos atlas linguísticos, há menção ao aglomerado *bola/bolinha/bolotinha (do joelho)* em Goiás (AUGUSTO, 2012), no Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007) e na região Sul (ALTENHOFEN et al., 2011).

Para *bolacha/bolachinha (do joelho)*, cuja dicionarização em Aulete (1986) e Houaiss (2009) não remetem ao osso do joelho, recolhemos o total de oito respostas, auferidas principalmente no Centro-Sul e no extremo Norte do estado, nas mesmas regiões linguísticas que coletamos os agrupamentos *bola/bolinha/bolotinha (do joelho)*.

*Bolacha* perfaz o segundo item em caráter profícuo no ALAM (CRUZ, 2004) e extremamente recorrente no estado da Bahia (APFB) (ROSSI et al., 1963) e Sergipe (FERREIRA et al., 1987). Há registros no estado do Paraná, especificamente na porção Noroeste. Por outro lado, em Goiás, não há registros dessa lexia ou de sua forma no diminutivo (AUGUSTO, 2012), podendo tratar-se de uma variante de base nordestina irradiada para outras regiões linguísticas, mas não contemplada no estado de Goiás.

*Patela*, nomeação anatômica e ortopédica para o osso redondo, é de termo procedente de latinismo, cuja significação fornecida por Houaiss (2009) remete a “prato pequeno usado nos sacrifícios”. Sua ocorrência deu-se em três localidades distintas, sem aparente conexão social ou diatópica entre elas: Palmas, Mateiros e Tocantinópolis.

Com baixa produtividade, ocorrendo apenas em Gurupi e Natividade, figura o agrupamento *osso/junta*. A acepção generalista para designar o osso sesamoide encontra-se nas obras de referência como designações para partes humanas, sendo o termo *junta* utilizado para unir os ossos do corpo humano, mas não lexicalizada como designativo para o referente solicitado na questão.

Coletamos quatro *hápax*: *pedra (do joelho)*, *ministro*, *tramela/janela* e *pataca (do joelho)*, não sendo possível estabelecer arealidade entre elas. A primeira alude à forma redonda de um mineral que, por extensão de sentido, o informante utilizou para intitular a parte do corpo (001/7). No mesmo entendimento desse processo metafórico, *pataca* remete à antiga moeda de prata (HOUAISS, 2009), também aludindo à forma redonda.

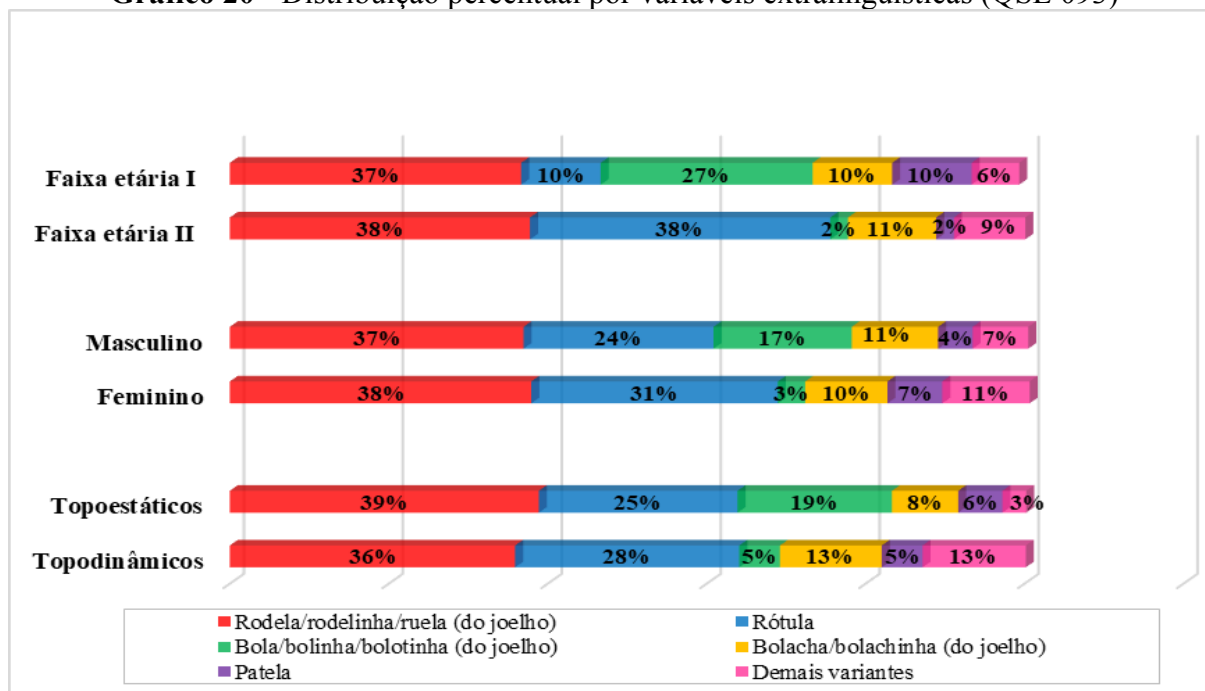
Importante mencionar que *pataca* é hegemônica em Goiás (AUGUSTO, 2012) e nos estados da região Sul (ALPR, ALERS). Segundo Aguilera (2012b, p. 527), “No ALPR, duas variantes morfofonêmicas têm uma distribuição diatópica regular: *pataca*, que ocupa uma zona de isoléxica na região norte denominada Paraná Moderno, enquanto *patacão* se distribui pelo sul, na região denominada Paraná Tradicional”, fato que indica que a procedência de *pataca* no Tocantins é oriunda de outras regiões brasileiras.

Para *ministro* e *tramela/janela (do joelho)* sucede o indicativo de função, pois, para o primeiro item, o informante fornece o entendimento de que o osso redondo “administra as pernas”. Em *tramela/janela (do joelho)*, há menção aos objetos geralmente de madeira que se usam para trancar portas e janelas. *Tramela* é produtiva em localidades situadas no Paraná (AGUILERA, 2012), Santa Catarina e Rio Grande do Sul (ALTENHOFEN et al., 2011).

As variáveis intraindividuais, conforme Gráfico 20, demonstram algumas nuances, como, por exemplo, a utilização de *rótula* e de *bola/bolinha/bolotinha (do joelho)* no grupo faixa etária, embora as variantes *rodela/rodelinha/ruela (do joelho)* constituam-se como

predominantes em todos os segmentos. Os representantes da segunda faixa etária preferem a utilização de *rótula*, enquanto os mais jovens optam pelo emprego do agrupamento *bola/bolinha/bolotinha (do joelho)*, o que pode denotar traços de inovação no falar dos jovens. Ainda nesse primeiro recorte, verifica-se o uso de *patela* pela faixa etária II.

**Gráfico 20** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 093)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Diferentemente dos resultados apontados por Aguilera (2012b), em que *rótula* acontece em igual proporção entre homens e mulheres, no Tocantins, sua aplicação ocorre predominantemente pelo núcleo feminino, enquanto os homens optam por *bola/bolinha/bolotinha (do joelho)*. Entretanto a manutenção de *rótula* pela segunda faixa etária, assim como destacado por Aguilera (2012b), também ocorre em nosso *corpus*.

As mulheres são responsáveis pela maioria das variantes *hápax* ou com baixa produtividade, agrupadas no gráfico em “demais variantes”, tais como: *osso/junta, pedra (do joelho), ministro, tramela/janela e pataca (do joelho)*.

O recorte por informantes topoestáticos ou móveis denota certa paridade relacionada às duas primeiras variantes, mas o uso de *bola/bolinha/bolotinha (do joelho)* evidencia-se proeminente nos falantes nascidos nas localidades de pesquisa. De outro modo, *bolacha/bolachinha (do joelho)* realiza-se entre os informantes móveis, assim como as lexias agrupadas em “demais variantes”.

A última discussão do presente campo semântico versa sobre o questionamento QSL 094: *Como se chama isto aqui [...] que fica entre a perna e o pé?*, presente na carta L13, do Tomo II. Salvo as 10 ausências responsivas, foram produzidas 12 variantes, em um universo de 96 respostas ilustradas no quadro 37.

**Quadro 37** - Designações para o osso situado entre a perna e o pé, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%	Variante	N.º de ocorrências	%
Tornozelo	51	53,1%	Osso/ossinho da saudade	4	4,2%
Osso/ossinho gostoso	8	8,3%	Rejeito	2	2,1%
Mocotó	8	8,3%	Curvejão	1	1,0%
Osso/ossinho	7	7,3%	Canela	1	1,0%
Macaúba	6	6,3%	Olho-de-peixe	1	1,0%
Nervo/tendão	6	6,3%	Machinho	1	1,0%
<b>96</b>					

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Majoritariamente, *tornozelo* foi citado tanto pelos informantes topodinâmicos quanto pelos topoestáticos. A diatopia da lexia, presente na carta L13 (Tomo II), demonstra que a forma ocorre em todos os pontos de inquérito. Em localidades mais jovens, exemplo de Formoso do Araguaia e Gurupi, os índices efetivam-se em mais de 80% das respostas. Trata-se da forma padrão da saliência óssea, localizada entre a perna e o pé, cuja formação etimológica dá-se a partir de *torno*, descrito como o movimento giratório à volta de um centro (HOUAISS, 2009).

Obras dialetais também demonstram a preferência pela lexia descrita, como evidenciado em Goiás por Augusto (2012), no Mato Grosso do Sul por Oliveira (2007), em Pernambuco por Sá (2013) e em quase toda a região Sul (ALTENHOFEN et al., 2011). No Paraná, predominam as formas *garão* ou *junta do pé* (AGUILERA, 1994).

Os demais itens coletados perfizeram índices bem mais baixos em relação ao *tornozelo*, caso de *osso/ossinho gostoso* e *mocotó*. *Osso/ossinho gostoso*, tal como proferido, não ocorre somente em duas microrregiões: Dianópolis e Gurupi, a primeira mais antiga e a segunda de colonização mais recente. Nas demais áreas, *osso/ossinho gostoso* foi citado por, pelo menos, um informante em cada ponto.

A forma não se encontra lexicalizada, mas há referências na internet, no dicionário de Matutês, que a define como “ossinho do tornozelo, que por ser saliente é muito

propício a sofrer pancadas” (ITAPETIM.NET, 2010<sup>73</sup>). O referido sítio descreve que a forma é encontrada na cidade de Itapetim, em Pernambuco. Entretanto, no atlas linguístico do referido estado, *osso/ossinho gostoso* foi coletado a partir de resposta única em Petrolina.

*Mocotó* ocorre com mesmo percentual da forma anteriormente descrita, oito respostas. Essa variante encontra-se na região Centro-Norte do Tocantins<sup>74</sup>, com maior índice de citações em Araguaína e Araguatins, ambas localidades do norte do estado. Houaiss (2009) a fornece como utilização informal para *tornozelo* e, segundo Nascentes (1955), advém do tupi *mboko'tog*, “que faz balançar”.

No Atlas Linguístico de Pernambuco, é a segunda variante em percentual nas localidades de pesquisa (SÁ, 2013). Ocorre como incidência única no Mato Grosso do Sul, especificamente em Bataguáçu; não é encontrada em Goiás (AUGUSTO, 2012), tampouco nos estados do Sul (ALTENHOFEN et al., 2011), podendo indicar tratar-se de uma lexia restrita às regiões Norte e Nordeste.

*Ossos/ossinhos*, quarta variante em número de ocorrências, atrela-se, a partir das acepções encontradas em Houaiss (2009), como designação generalista para os tecidos rígidos que compõem os corpos humanos e animais. As formas encontram-se esparsas no território de pesquisa, em cinco localidades situadas em diferentes regiões do Tocantins, não sendo possível o traçado de arealidade. São encontradas com baixíssima incidência no ALERS e no ALMS e acompanhadas da descrição *osso/ossinho* da *miséria* ou da *perna*.

*Macaúba*, por sua vez, ocorre como designativo para o osso articular entre a perna e o pé, em função de sua forma física, pois se trata de uma qualidade de coco fornecido por Palmeira, encontrada em diferentes regiões brasileiras (AM e PA até MS, SP e RJ) (HOUAISS, 2009). Sua ocorrência deu-se exclusivamente em Palmas, Porto Nacional e Mateiros, formando uma pequena isoléxica a partir dessas três localidades. Entretanto, nas obras dialetais utilizadas como base comparativa, não foram verificadas ocorrências de *macaúba* e, dessa forma, não podemos inferir o trajeto dessa variante. Acreditamos, por sua ocorrência em áreas mais próximas com a Bahia, que proceda do Nordeste brasileiro.

Com o mesmo número de ocorrências de *macaúba*, temos *nervo/tendão*, apesar de ambos se referirem a outros tipos de tecido encontrados no corpo, não necessariamente relacionados ao osso articular solicitado na questão. São encontrados, principalmente, na porção central, irradiando com pouca incidência para o Leste e para o Sudeste tocantinense.

<sup>73</sup> ITAPETIM.NET. Letra O do dicionário de Matutês. Notícias. Disponível em: <http://www.itapetim.net/2010/01/letra-o-do-dicionario-matutes-2/>. Acesso em 15 abril 2017.

<sup>74</sup> Guedes (2012) não cartografou a presente questão para que verificássemos se *mocotó* irradia para o Pará.

Localizamos algumas citações dessas variantes no ALERS e no ALMS, mas sem a possibilidade de averiguar alguma formação de isoglossa ou de se traçar algum trajeto dos respectivos termos desses estados para o Tocantins.

*Rejeito*, com apenas duas respostas na microrregião do Bico do Papagaio: Araguatins, fronteira com o Pará, e Tocantinópolis, divisa com o estado maranhense, é descrito por Houaiss (2009) como um tipo de “pau curto e pesado, usado como arma de arremesso”, com datação do século XIX. Em Póvoa [s/d] há a descrição de que *rejeito* designa os tendões dos músculos ou cartilagem que são cozidos junto com a carne, remetendo, nesse caso, às partes de animais usados na alimentação humana.

No Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul, foi auferido em Aquidauana e Água Clara com a pronúncia de *rejeti* (OLIVEIRA, 2007, p. 145). No ALERS, foi encontrado em Sengés, no Paraná, divisa com o estado de São Paulo (ALTENHOFEN et al., 2011). As obras dialetais que versam sobre as variantes nortistas ou nordestinas não cartografaram a presente questão, dessa forma, não podemos elucidar o trajeto da lexia, se sua procedência é mais incidente no Norte ou no Nordeste.

Com apenas uma ocorrência cada temos *curvejão*, *canela*, *olho-de-peixe* e *machinho*. A diatopia das quatro *hápax* caracteriza que esses termos agrupam-se entre três localidades: Mateiros, Pedro Afonso e Porto Nacional, compreendendo três diferentes microrregiões estaduais, mas que apresentam conexões históricas e sociais.

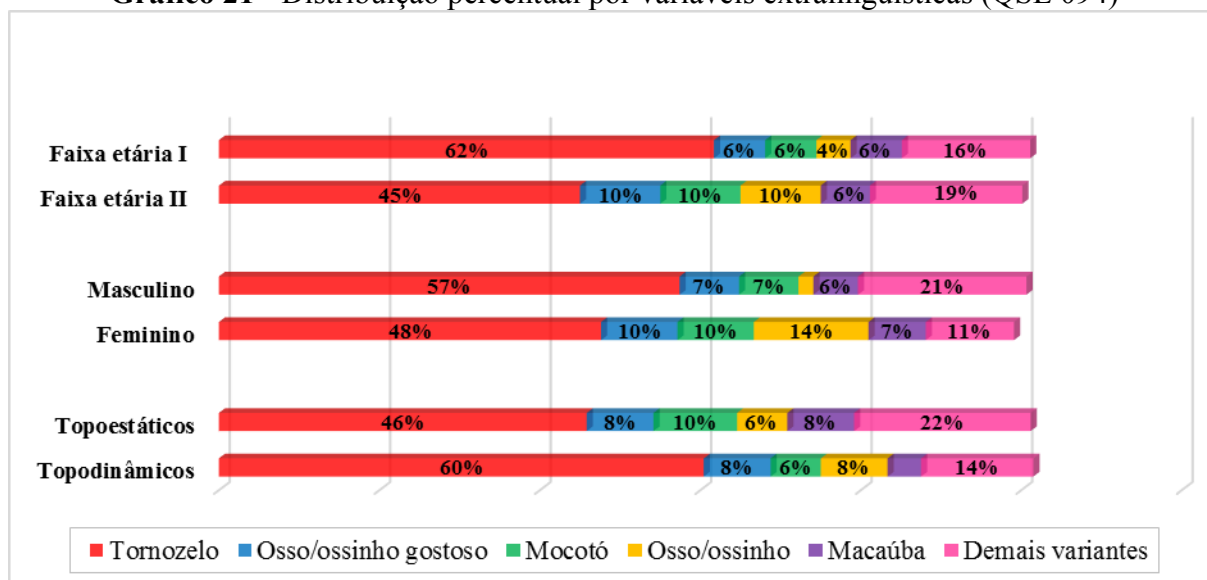
O *curvejão* encontra-se em Houaiss (2009) e Póvoa [s/d] como sinônima para *jarrete*, parte oposta ao joelho dos animais, principalmente dos bois. *Canela* refere-se à da parte anterior da perna entre o pé e o joelho, tratando-se de um processo metonímico em que o informante, por possivelmente desconhecer o referente, utiliza a nomenclatura total da perna. *Olho-de peixe* está dicionarizado como regionalismo para *libélula*. Por fim, *machinho* designa a parte posterior da junta da quartela, perto do casco, sendo equivalente ao *tornozelo* humano no animal (HOUAISS, 2009; PÓVOA, [s/d]).

Das formas aqui descritas, apenas *canela* e *machinho* são encontradas nos atlas linguísticos que cartografaram a questão. *Canela*, por exemplo, ocorre no Mato Grosso do Sul e no ALERS, especificamente no Paraná, formando uma isoléxica no extremo Norte desse estado (ALTENHOFEN et al., 2011, p. 455). Quanto à *machinho*, auferiu-se como *hápax* em Santa Catarina.

Quanto às variáveis extralinguísticas, o Gráfico 21 demonstra a preferência da faixa etária I pela variante padrão *tornozelo*, assim como o núcleo masculino topodinâmico. Formas

como o *osso/ossinho* apresentam-se mais produtivamente na segunda faixa etária, assim como *nervo/tendão*, *curvejão*, *canela*, *olho-de peixe* e *machinho*, agrupadas em “demais variantes”.

**Gráfico 21** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 094)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Os informantes não nascidos nas localidades de pesquisa utilizam *tornozelo* 14% a mais que os topoestáticos, também apresentam menores índices de variantes com baixa incidência no cômputo geral (14%). As variantes *curvejão*, *canela*, *olho-de peixe* e *machinho* são citadas exclusivamente pelo núcleo extra localidade de pesquisa, podendo denotar que as referidas variantes talvez tenham sido adquiridas do contato desses falantes em outros estados.

Em suma, o presente campo semântico apresenta extremo polimorfismo, particularmente fornecido a partir de formações metafóricas, em que há alusão às partes do corpo humano com outros objetos que apresentam mesma aparência ou função. Além disso, destacamos a utilização de formas regionais, embora ocorram com percentual menor do que as tidas como padrão por serem encontradas em várias regiões brasileiras.

#### 5.2.4 Jogos e Diversões Infantis

Essa subárea tem servido como base de estudos lexicais para delimitação de áreas dialetais, sobretudo em relação à divisão presente em Nascentes (1953), no que se refere ao balar Baiano (RIBEIRO, 2012) e ao falar Amazônico (SARAIVA, 2013).

Do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis”, selecionamos a questão de número 131, que versa sobre os conceitos obtidos por meio da pergunta: *Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?* (Carta L14, Tomo II). Apesar das 78 respostas válidas coletadas, houve alto índice de abstenções, 26 não respostas, um dos maiores em nossos dados. O Quadro 38 evidencia as variantes assim como os percentuais para cada uma delas.

**Quadro 38** - Designações para a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%
Amarelinha	46	59,0%
Macaco/macacão	26	33,3%
Pula-pula	3	3,9%
Guariba	1	1,3%
Cancão	1	1,3%
Maré	1	1,3%
	78	

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Baseados no trabalho de Ribeiro (2012), realizamos apenas um aglutinamento, referente aos dois itens *macaco* e *macacão*, constituindo, neste *corpus*, sinônimos para a brincadeira, pois entendemos que a inserção do sufixo *ão* mantém a mesma forma e o significado atribuído à brincadeira, assim como suas características.

A variante predominante no Tocantins é constituída pelo item *amarelinha*, equivalendo a mais de 50% das respostas. Sua distribuição ocorre por todo o território e em três cidades foi a forma hegemônica: Araguacema, Gurupi e Paranã.

O dicionário Houaiss trata o termo como regionalismo brasileiro, mas de origem controversa; fornece ainda os seguintes sinônimos para a brincadeira: *academia*, *macaca*, *macaco*, *maré*, *marela* e *sapata* (HOUAISS, 2009). Para Cascudo (2012, p. 6-7), o termo procede do francês *marelle* e, no Brasil, constitui-se regionalismo do Rio de Janeiro. No que se refere à forma francesa *marelle*, a Academia de Toulouse designa como procedente da palavra arcaica *merel* (século XII) ou *méreau*, que significam um tipo de símbolo, disco, tipo de moeda, que pode remeter ao objeto usado na brincadeira para marcar as posições (CRDP de l'académie de Toulouse, 2008).

A cartografiação do ALiB demonstra que *amarelinha*, dada sua realização em todas as regiões brasileiras, instaura-se como forma padrão do português brasileiro (CARDOSO et al,

2014, p. 315 [carta L23]). Ainda nessa obra, nas capitais estaduais, Cuiabá, Campo Grande, São Paulo, Vitória, Rio de Janeiro e Florianópolis, é hegemônica, sem concorrência com outra variante. Para Barbeiro e Isquierdo (2007), a incidência predominante de *amarelinha*, principalmente no Centro-Oeste, Sul e no Sudeste, pode indicar que essa variante seja uma forma inovadora nas localidades nortistas.

Em Ribeiro (2012, p.412), por exemplo, verifica-se que, no cômputo das localidades que compõem o falar baiano, a variante predominante é *amarelinha* (presença em 64,9% das localidades), mas, quando considerada a frequência em ocorrências, a forma *macaca* suplanta a primeira (39,9%), pois ocorreu em todas as localidades. Em Saraiva (2013), sobre o falar Amazônico, o item proeminente refere-se à *macaca e macaquinho*, seguida de *amarelinha*.

Em nosso *corpus*, a citação ocorreu para *macaco e macacão*; *macaquinho* citado por Saraiva (2013) não foi auferido no Tocantins. Assim, o agrupamento *macaco/macacão* perfez mais de 30% das respostas, com distribuição regular pelo território, ocorrendo principalmente à margem direita da BR-153; Araguaína, Porto Nacional e Natividade registraram os maiores índices dessa variante, sobrepujando a forma *amarelinha*.

A acepção do termo com rubrica ludológica é vista em Houaiss (2009) que declara a forma como brasileirismo, e Ferreira (2004) a insere como lusitanismo. Cascudo (2012, p. 6) atribui *macaco* ao português europeu, falado no Norte de Portugal, como *jogo da macaca*, *pular macaca* e *jogar macaca*.

Nas capitais estaduais analisadas pelo ALiB, o agrupamento *macaca/macaco/macacão* concentra-se principalmente na região Norte, onde se efetua predominante; forma uma isoléxica no Nordeste, especificamente em Salvador e Aracaju, e ocorre de forma esparsa em Fortaleza (CARDOSO et al., 2014, p. 315 [carta L23]).

Especificamente na área do falar baiano analisada por Ribeiro (2012, p. 431), utilizando dados do interior dos estados, destacamos as seguintes considerações da autora: “As lexias presentes na *Área de Controle* (AC), *macaco* e *macacão*, estão concentradas no noroeste (pontos 104, 023 e 038) e no norte (037, 073 e 071), o que corresponde a 12,1% da *Área de Controle* (6 de 36)” e “*Macaco*, além da presença em AC, está concentrado no estado da Bahia, exceção para o ponto 127 (Januária/MG)”. Em outras palavras, a área de controle, englobando parte do Tocantins, é demarcada pela presença das variantes *macaco/macacão*.

No território do falar Amazônico descrito por Saraiva, *macaco/macaquinho* denotou ser aglutinamento preferido nos estados nortistas, irradiando para a área de controle da autora, constituída por São Felix do Araguaia, no Mato Grosso (SARAIVA, 2013, p. 132),

demonstrando que *macaco*, *macaca*, *macaquinho* e *macacão* são formas presentes em áreas nortistas e nordestinas, chegando com pouca incidência ao Centro-Oeste.

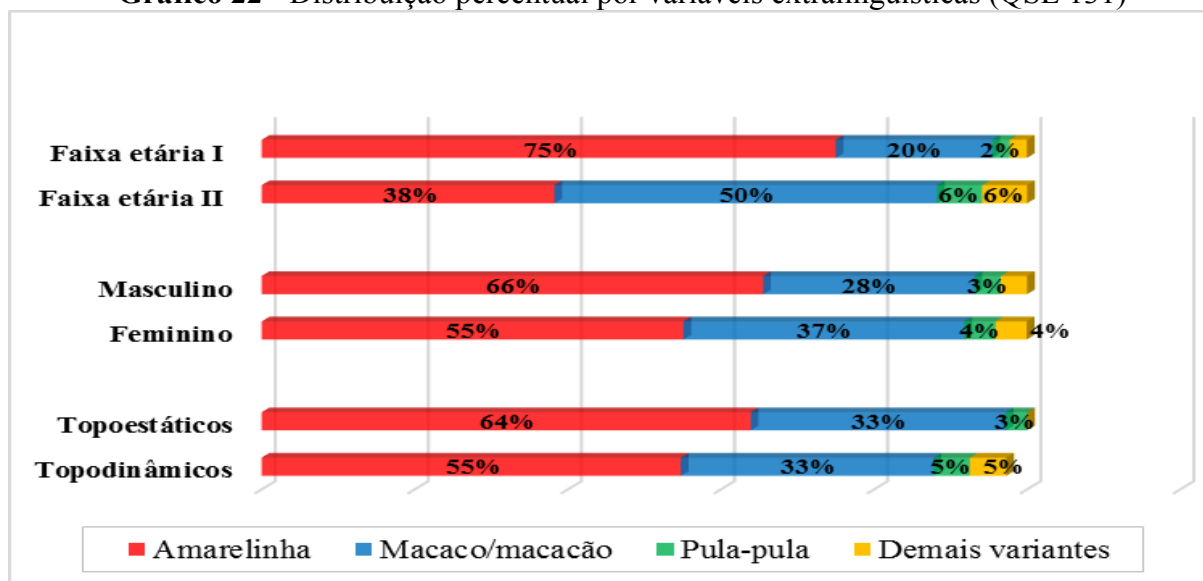
O terceiro item em ordem produtiva refere-se à lexia *pula-pula*, com apenas três respostas coletadas em Araguatins e Palmas. Registra-se em Houaiss (2009) a acepção ludológica, mas ela alude a um tipo de brinquedo formado por “uma haste com apoios para as mãos na extremidade superior e uma pequena plataforma na extremidade inferior para o apoio dos pés, por baixo da qual existem molas ou peças de borracha, que permitem à criança saltar do chão, em pé no aparelho”; não há remissão à brincadeira buscada na questão do QSL 131.

Acreditamos que a citação dessa forma advém do desconhecimento do informante sobre a brincadeira em que se riscam as formas no chão. Além disso, o questionamento: “a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e *vão pulando*” por si só pode induzir o informante a fornecer a resposta de forma genérica.

Em Ribeiro (2012), *pula-pula* ocorreu como resposta única em São Domingos, Goiás. Nos estados nortistas trabalhados por Saraiva (2013), não há menção a essa forma. Nas capitais estaduais, ocorreu como *hápax* em Fortaleza e Goiânia (CARDOSO et al., 2014, p. 314).

Coletamos ainda três respostas únicas: *guariba*, *cancão* e *maré*, as duas primeiras em Araguatins, extremo Norte do estado, e a última na cidade de Formoso do Araguaia. A única forma lexicalizada é *maré* como sinônimo para *amarelinha*. Em Houaiss (2009), *guariba* remete à designação para um tipo de macaco e *cancão* uma espécie de pássaro encontrado em algumas regiões brasileiras, dentre elas o Norte. Nos trabalhos dialetológicos, apenas *maré* constitui-se como variante. No Atlas Linguístico do Brasil, por exemplo, é exclusiva de Goiânia e Belo Horizonte e, possivelmente, trazida ao Tocantins via migrante.

Quanto ao cruzamento por variáveis, evidenciamos que a idade do informante está intrinsecamente ligada à variação entre a forma padrão *amarelinha* e a regional *macaco/macacão*, como descrito no gráfico 22 a seguir.

**Gráfico 22** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 131)

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Os jovens apresentam clara preferência pela forma *amarelinha*, seguida por *macaco/macacão*, enquanto os mais velhos optam pela variante regional e, em segundo plano, por *amarelinha*. Tal fato vai ao encontro dos pressupostos de Ribeiro (2012), que também constatou a variante *macaca*, no falar baiano, como forma preferida pelos mais velhos. Não raro, nos discursos dos nossos informantes, são verificados comentários do tipo: “Primeiro era *macaco*, pulá *macaco*, agora não, é *amarelinha*” (002/3).

Ainda no núcleo da segunda faixa etária, são citadas variantes como *pula-pula*, além de *cancão*, *guariba* e *maré*, agrupadas em “demais variantes”, dada a baixa produtividade das formas. O fator diasssexual mostra que os usam mais *amarelinha* do que as mulheres, enquanto *macaco/macacão* está mais presente no falar feminino.

No que se refere à mobilidade do informante, os nascidos nas cidades pesquisadas são os que mais produzem a forma padrão em comparação com os migrantes. *Macaco/macacão*, apesar de se tratar de uma variante regional, apresenta-se de forma igualitária entre ambos os grupos. Os topodinâmicos são responsáveis pelos itens *cancão*, *guariba* e *maré*, variantes extra Tocantins.

Em síntese, os dados que versam sobre a brincadeira do QSL 131 aqui dispostos, quando comparados aos demais trabalhos dialetais, apresenta o Tocantins em duas frentes: a predominância de *amarelinha* expressa o estado como pertencente a uma norma linguística nacional; quando a variante evidenciada refere-se à *macaco/macacão*, forma lusitana, o estado vincula-se a uma norma regional, composta principalmente pelos estados nortistas, além dos nordestinos: Bahia e Sergipe.

Cabe ainda salientar a grande porcentagem de não respostas, principalmente nos informantes jovens, evidenciando que a brincadeira solicitada, atualmente, está em desuso pelas faixas etárias mais jovens. Além disso, o uso cada vez mais incidente de novas tecnologias têm levado as crianças a abandonarem as brincadeiras tradicionais de rua.

### 5.2.5 Vestuário e Acessórios

Neste subgrupo, analisamos os conceitos extraídos a partir das seguintes questões: *QSL 159 – Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?; QSL 163 – Como se chama um objeto fino de metal, que serve para prender o cabelo?; QSL 164 – Como se chama o objeto de metal ou de plástico que pega de um lado a outro da cabeça e que serve para prender o cabelo?*

Para o primeiro questionamento, questão 159 do QSL (Carta L15, Tomo II), obtivemos 130 respostas, distribuídas entre oito variantes, conforme demonstramos no Quadro 39. Todos os informantes responderam ao questionamento.

**Quadro 39** - Designações para a peça do vestuário que serve para segurar os seios, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%
Sutiã	94	72,3%
Corpete	23	17,7%
Bustiê	4	3,1%
Segura (caídos, mamão, teta)	3	2,3%
Biquíni	3	2,3%
Lingerie	1	0,8%
Bojo	1	0,8%
Baladeira	1	0,8%
	130	

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A variante *sutiã* foi hegemônica nos dados do *corpus*, com mais de 70% das respostas, distribuída por todas as localidades da rede de pontos e nas demais variáveis consideradas, como o sexo, a idade e a mobilidade. Houaiss (2009) a registra como galicismo, procedente de *soutien*: aquilo que sustenta. Em francês, há a especificação de *soutien-gorge* (seios), atribuído nomeadamente para denotar a peça do vestuário feminino.

No ALiB, *sutiã* ocorreu em todas as capitais de forma primaz (CARDOSO et al., 2014, p. 329), indicando tratar-se da forma padrão no Brasil. No Amazonas, ocorre distribuída

por todo o território, porém, na porção Centro-Oeste deste estado, concorre com o item *corpete* (CRUZ, 2004, [carta 66]), nosso segundo item por ordem de produtividade.

Com 23 ocorrências, registramos *corpete*, cuja organização diatópica também é homogênea, com maior intensidade no extremo Norte do Tocantins, em Araguatins e Tocantinópolis. Sua etimologia indica o termo como proveniente do italiano *corpetto*, “jaleco, corpete; parte superior da roupa feminina, aderente ao corpo”, com datação de 1873 (HOUAISS, 2009).

A cartografia do ALiB (2014) registrou o item nas capitais de três regiões distintas: Norte (Rio Branco, Manaus e Boa Vista); Nordeste (Teresinha, Fortaleza, Natal, Recife e Maceió) e Sul (Porto Alegre), indicando tratar-se de uma variante difundida, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste brasileiro. Especificamente nas localidades interioranas do Pará, nos dados de Guedes (2012), apesar de não ser predominante, a forma em questão concorre com *sutiã*.

Com baixa produtividade, recolhemos *bustiê*, citado exclusivamente pela segunda faixa etária e, em sua maioria, pelos informantes topodinâmicos, o que pode indicar tratar-se de uma variante proveniente de outras localidades. Sua distribuição ocorreu tanto em localidades do extremo Norte quanto no Sul do Tocantins, não sendo possível averiguar o trajeto do termo.

Segundo Houaiss (2009), *bustiê* procede do francês *bustier*: “tipo de corpete usado pelas mulheres, curto, geralmente sem alças, e que cobre apenas o busto; top”. O termo não se encontra em Aulete (1986). Esse item não foi inserido na carta do ALiB em decorrência da pouca incidência nos dados coletados, mas foi coletado em capitais nortistas. Em Guedes (2012), há apenas uma ocorrência no Pará e não há registro dessa variante no Amazonas (ALAM) (CRUZ, 2004).

Coletamos ainda o agrupamento sob o prefixo *segura caídos/mamão/teta*. Os termos ocorreram em localidades distintas: Tocantinópolis, Porto Nacional e Formoso do Araguaia, com tendência de os jovens o utilizarem como forma jocosa em conversa descontraída. O primeiro elemento da composição – *segura* – faz alusão à utilidade da peça de roupa; já os substantivos *caídos/mamão/teta* relacionam-se ao próprio seio e não há lexicalização para nenhum dos termos (HOUAISS, 2009).

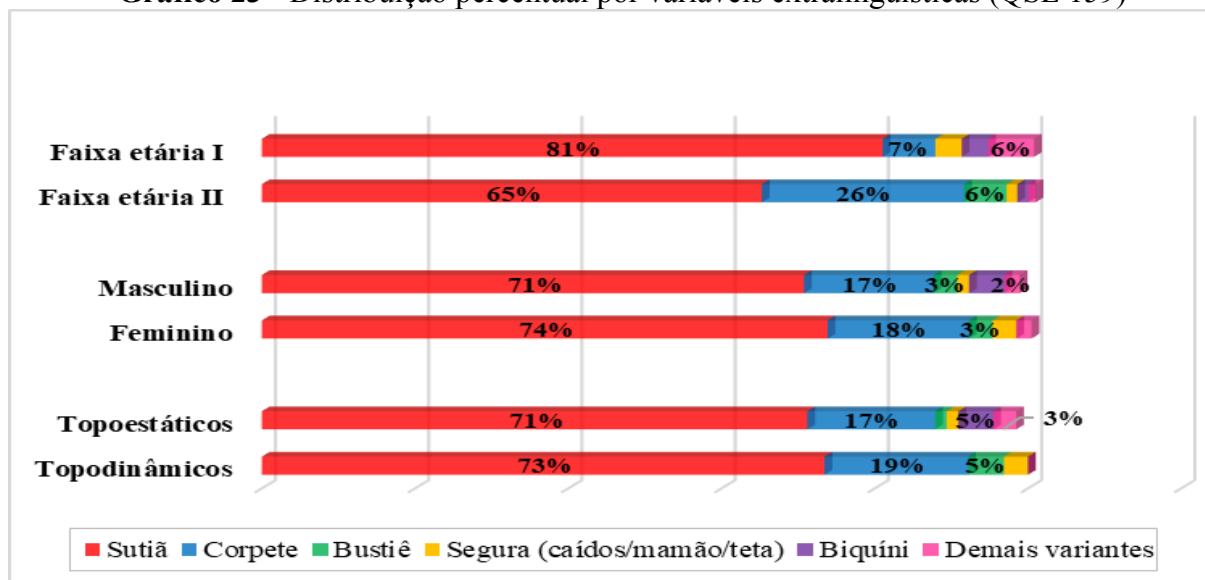
Com apenas 2,3%, há *biquíni*, resposta para a pergunta em questão na região Sul-Sudeste do estado, proferida apenas pelos informantes masculinos, nascidos nas localidades de pesquisa (topoestáticos). A dicionarização do termo indica que *biquíni* refere-se a outro tipo de vestuário, como roupa de banho ou um tipo de calcinha (HOUAISS, 2009), mas dado que seu proferimento está atrelado ao eixo diasssexual, optamos por manter e validar essas respostas.

Há, ainda, as formas *lingerie*, *bojo* e *baladeira*, com apenas uma resposta cada, em Gurupi, Porto Nacional e Palmas, respectivamente. O primeiro foi proferido por um informante masculino e designa uma terminologia mais generalista, pois se refere do conjunto de roupa íntima feminina. *Bojo*, por seu turno, também fornecido por um informante masculino, assinala o formato da peça.

Por fim, *baladeira*, obtida na fala de uma jovem da capital, parece ser uma variante utilizada dentro do ambiente familiar, como indicado pela própria informante: “Minha vó chamava *baladera*, porque disse que segurava (risos). Oh, o tamanho daquela *baladera*”. (06/2). *Baladeira* é um dos nomes atribuídos ao *estilingue* em todas as capitais do Norte e na maioria das capitais do Nordeste e, nesse caso, trata-se de criação metafórica e de extensão do significado.

As variáveis sociais indicam que o fator idade é significativo nessa análise, pois os mais jovens utilizam predominantemente a forma padrão *sutiã*, além da citação das *hápax lingerie*, *bojo* e *baladeira*, descritas em “demais variantes”, enquanto os falantes da segunda faixa etária proferem mais recorrentemente *corpete*, como explicitado no Gráfico 23.

**Gráfico 23** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 159)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A presença de *corpete* nos informantes da segunda faixa etária também foi averiguada em Guedes (2012), podendo indicar um termo em vias de arcaísmo. As abonações diacrônicas são fornecidas pelos informantes:

INQ.- O pessoal ainda fala *corpete*?

INF.- O pessoal mais velho, o mais novo fala *sutiã* mesmo (01/6).

INF.- Éh... antigamente chamava de *corpete*, agora é *sutiã* (02/3).

INF. - *Sutiã, corpete* que não existe mais (03/3).

A diassexualidade, por outro lado, não apresenta índices diferenciais significativos entre as variantes. O mesmo fato ocorre pelo recorte da mobilidade do informante, exceto em *biquíni* e *bustiê*, o primeiro típico dos informantes nascidos e estabelecidos nas cidades pesquisadas; o segundo foi encontrado exclusivamente nos não nascidos.

Para o QSL 163 – *Como se chama um objeto fino de metal, que serve para prender o cabelo?*, recolhemos oito formas, distribuídas em 143 respostas, e uma abstenção. O quadro a seguir apresenta os percentuais coletados nas 12 localidades de pesquisa.

**Quadro 40** - Designações para o objeto fino de metal, que serve para prender o cabelo, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%
Presilha	59	41,3%
Grampo	51	35,7%
Grampina	21	14,7%
Ramona	7	5,0%
Prendedor/pregador	2	1,4%
Misse	1	0,7%
Fivela	1	0,7%
Berilo	1	0,7%
	143	

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A variante hegemônica refere-se à *presilha*. Conforme consta no cartograma L16 (Tomo II), a presença do termo distribui-se por todas as localidades do estado, tendo sido registrada na fala de informantes de todos os estratos: local de origem, sexo e faixa etária. Sua dicionarização em Houaiss (2009) indica como procedente do espanhol *presilla*, “tira, cordão para prender”, de 1635. A mesma acepção consta de Aulete (1986), mas o dicionarista não se refere à origem do termo como destacado por Houaiss (2009).

Guedes (2012) relata que *presilha* ocorreu em algumas localidades do Pará. O ALMS (OLIVEIRA, 2007, p. 206) registra a variante, com pouca incidência, na cidade de Sete Quedas, divisa com o Paraguai, irradiando nas localidades à beira do rio Paraná (Bataguçu e Três Lagoas) e não há registros dessa variante no Atlas Lexical de Goiás (AUGUSTO, 2012). No ALERS, há apenas uma citação, em Rosário do Ivaí, Paraná. Dessa forma, os dados de que dispomos não permitem afirmar se *presilha* resulta do contato entre brasileiros e hispanofalantes ou se procede de outro contato intervietal dentro do próprio país.

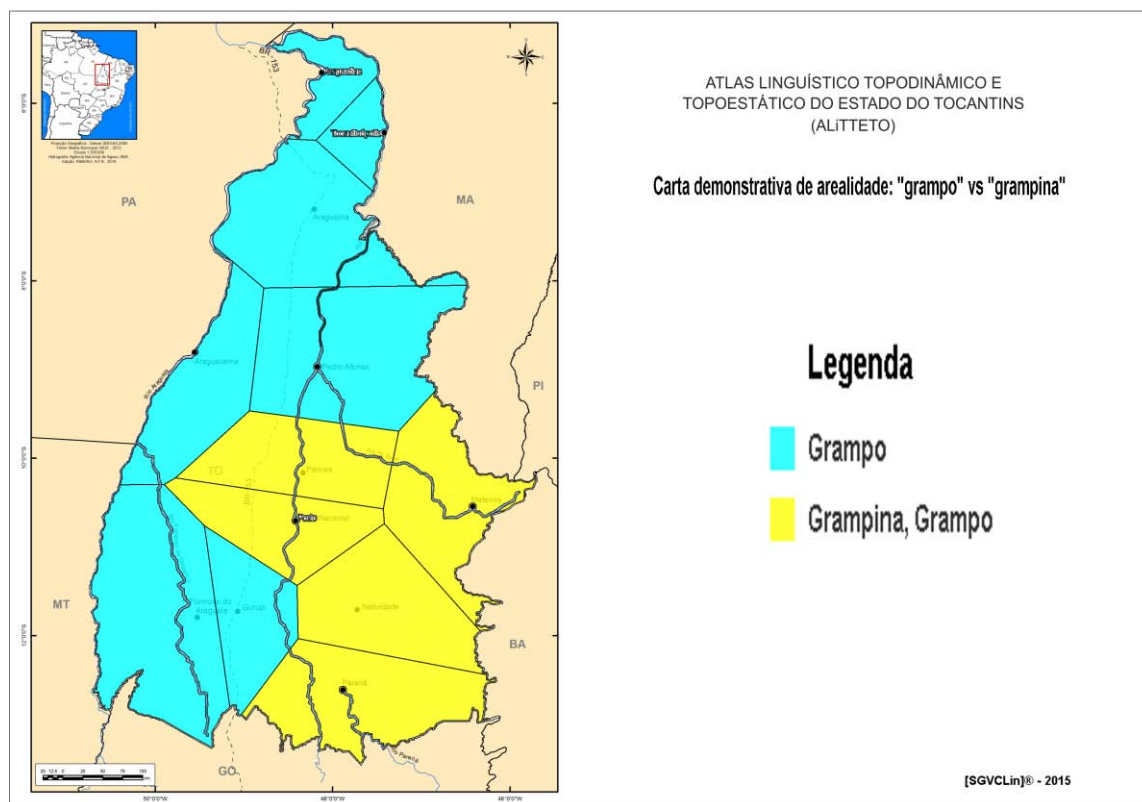
Para o item *grampo*, obtivemos 35,7% das respostas, perfazendo o segundo lugar em produtividade no *corpus*. Assim como *presilha*, a distribuição areal de *grampo* é uniforme pelo território, com maior tendência à sua utilização no núcleo feminino e, predominantemente, pelos não nascidos no Tocantins, conforme destacado no Gráfico 24.

*Grampo* encontra-se em Aulete (1986) e Houaiss (2009) como regionalismo brasileiro, com datação de 1881, ou seja, mais recente que *presilha*; há a remissão ao termo *grampa*, procedente do gótico *krampa*, provido pelo italiano *grampa*, “garra”.

Nos dados de Augusto (2012), a variante *grampo* é hegemônica, ocorrendo em todo o interior goiano. Em Guedes (2012), o item lexical predomina no Pará, contudo, na divisa com o Tocantins, há uma isoléxica para *presilha*, nosso primeiro item em ordem de produtividade, como anteriormente evidenciado.

A terceira forma coletada refere-se à *grampina*, cuja arealidade denota uma interessante isoléxica no Sudeste do estado, englobando Palmas, Porto Nacional, Mateiros, Natividade e Paranã, localidades do eixo histórico do estado, conforme carta de arealidade inscrita na Figura 13.

**Figura 13** - Carta demonstrativa de arealidade: *grampo* vs *grampina*



**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Novamente, notamos que o Sudeste do território de pesquisa apresenta variantes lexicais distintas do restante das localidades, muito embora *grampo* também tenha ocorrido na área demarcada em amarelo e *grampina* ocorra exclusivamente nessa região.

*Grampina* não está lexicalizada, o que se traduz em um empecilho ao conhecimento de sua origem. Inicialmente, acreditamos que sua formação se deu pelo acréscimo de -ina (formador de substantivo e adjetivo) à palavra *grampo*, contudo, em consulta informal aos mecanismos de buscas da internet, em um site sueco, há um conjunto de objetos como solicitado na questão e cuja marca é *Grampina*<sup>75</sup>. Assim, não sabemos se a origem do termo é procedente de uma marca de *grampos*, em que há um processo metonímico envolvendo o nome da marca e o objeto, ou se seria decorrente do processo mais simples de nomeação, envolvendo o acréscimo de -ina à palavra *grampo*.

Citada predominantemente pelos informantes não nascidos nas localidades de pesquisa, e exclusivamente pelos idosos, temos *ramona*, com 5,0% dos dados. As citações foram dispersas no território de pesquisa, não sendo possível traçar percurso algum para o item em questão. Está dicionarizado como regionalismo de Goiás, com etimologia advinda de uma marca de grampos, como destacado por Houaiss (2009).

*Ramona* foi coletada de forma proeminente em Goiás (AUGUSTO, 2012) e, segundo Paim (2011), encontra-se nas capitais do Centro-Oeste e da região Sul. Dessa forma, em nossos dados, considerando que a variante foi registrada principalmente pelos informantes topodinâmicos, é provável que tenha vindo de outras regiões para o Tocantins.

As variantes derivadas do sema prender, tais como *prendedor/pregador*, que julgamos formas genéricas, ocorrem em localidades distintas: Pedro Afonso e Paranã, sem aparente conexão entre elas. Designam “o que prende ou serve para prender, fixar, segurar algo (diz-se de objeto, artefato etc.); pregador” (HOUAISS).

As *hápax misse* e *berilo* ocorreram a partir da fala dos informantes topodinâmicos. Nenhum dos dois termos encontra-se dicionarizado em Houaiss (2009) com a acepção para prendedor de cabelo. Entretanto, *misse*, segundo Paim (2011), é encontrada em duas capitais nordestinas: Salvador e Aracaju. Por seu turno, *berilo*, conforme a autora, foi coletada em quase todas as capitais nordestinas.

Por último, o item *fivela*, registrado na fala da jovem de Araguatins, classifica-se em Houaiss (2009) como regionalismo brasileiro e sinônimo para prendedor de cabelo. Em Guedes

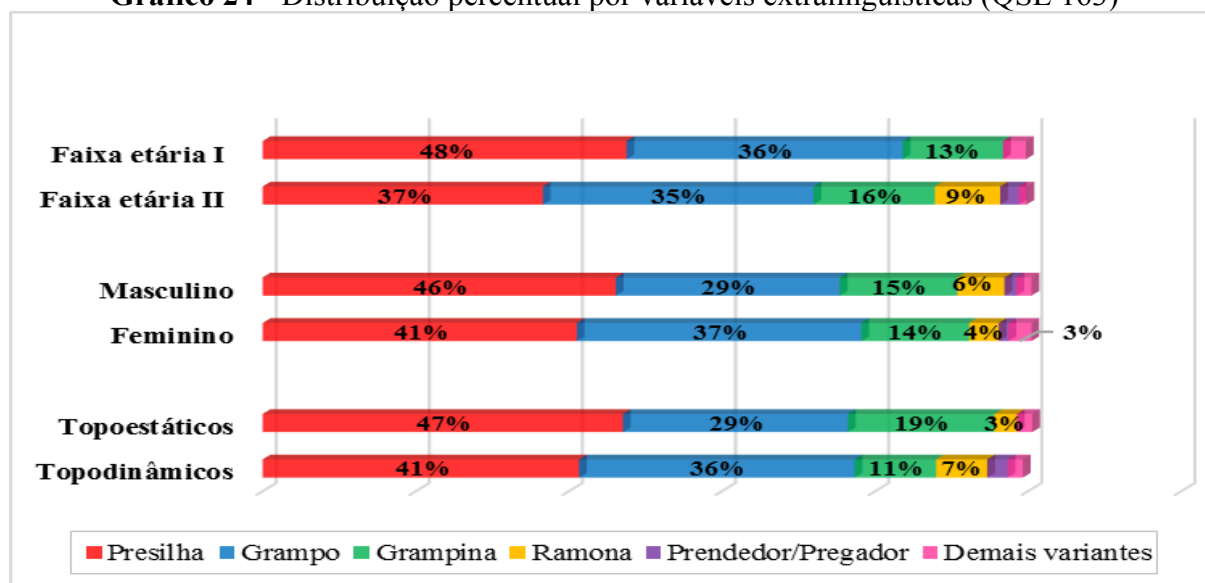
---

<sup>75</sup> Disponível em: <http://www.bagsandfashion.com/h-rkamm-08-ha2-grampina-picolina.html>

(2012), no Pará, há apenas uma alusão ao item em questão, o que nos faz crer tratar-se de uma variante geral citada pela informante.

Conforme destacado no Gráfico 24, as variáveis sociais denotam a utilização predominante de *presilha* em todos os segmentos (sexo, idade e mobilidade), assim como o uso da segunda variante em ordem de produtividade, *grampo*.

**Gráfico 24** - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 163)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

*Ramona* ocorre exclusivamente nos informantes da segunda faixa etária, em sua maioria procedentes de deslocamentos ou de migrações. *Grampo* é mais incidente no falar feminino, enquanto os homens, além de *presilha* e *grampo*, optam por formas como *misse*, *fivela* e *berilo*, reunidas em “demais variantes”. *Presilha* apresenta propensão no falar dos locais, assim como *grampina*, como destacado anteriormente.

A terceira e última análise do campo semântico Vestuário e Acessórios versa sobre a questão QSL 164 – *Como se chama o objeto de metal ou de plástico que pega de um lado a outro da cabeça e que serve para prender o cabelo?* (Carta L17, Tomo II), por meio da qual obtivemos 121 respostas, distribuídas em seis formas. Apenas o informante jovem de Palmas não soube responder ao questionamento. O Quadro 41 traz as variantes, o número de ocorrências e o percentual das respostas obtidas para essa questão.

**Quadro 41** - Designações para o objeto de metal ou de plástico que pega de um lado a outro da cabeça e que serve para prender o cabelo, e respectivos números de ocorrências e percentuais.

Variante	N.º de ocorrências	%
Diadema	72	59,5%
Tiara	44	36,4%
Arco/arquinho	3	2,5%
Passadeira	1	0,8%
Gigolé	1	0,8%
	121	

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Como evidenciado no Quadro 40, a norma regional no que se refere ao objeto é *diadema*, representando perto de 60% das respostas. Os dados do *corpus* mostraram, também, a distribuição regular por todo o Tocantins e em todas as variáveis (sexo, idade e mobilidade). Quanto à etimologia, procede do latim *diadema*, “coroa, ornamento de cabeça”, com datação do século XV (AULETE, 1986; HOUAISS, 2009).

O mesmo item foi encontrado na região Centro-Oeste, tanto em Goiás (AUGUSTO, 2012, p. 563), como no Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007, p. 207), de forma predominante. No entanto, a referida questão não foi cartografada pelo ALiB (CARDOSO et al., 2014), o que dificulta verificar se essa variante irradia para outros estados nortistas ou se está restrita ao Centro-Oeste e ao Tocantins.

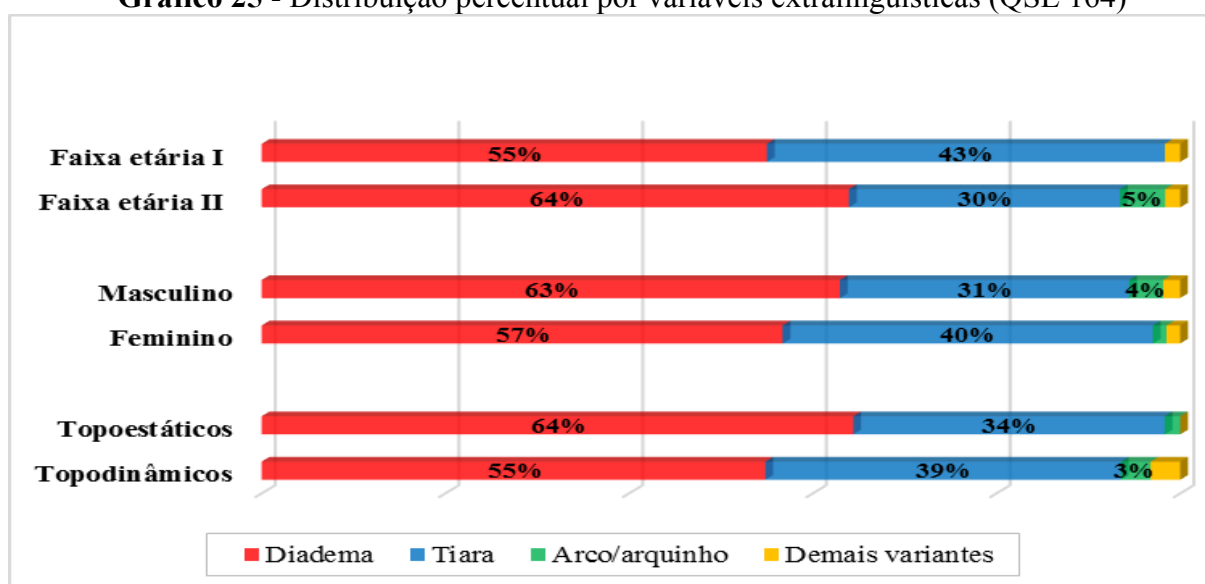
*Tiara*, a segunda variante mais produtiva, possui distribuição regular nas 12 localidades tocantinenses. Paim (2011) destaca que *tiara* foi coletada em quase todas as capitais brasileiras pelo ALiB, com exceção de Salvador. No interior de Goiás, registrou-se como segunda variante mais produtiva (AUGUSTO, 2012, p. 563). No ALMS, também se constituiu como segunda lexia mais citada, perdendo apenas para *diadema* (OLIVEIRA, 2007). Pelos apontamentos dos autores e pela distribuição areal dessa variante no território brasileiro, trata-se de uma lexia amplamente utilizada no Brasil, podendo indicar ser a forma padrão para o artefato.

Com baixa produtividade, temos o agrupamento *arco/arquinho*, no total de 2,5% dos dados, citados em localidades distintas: Tocantinópolis, Mateiros e Paranã, exclusivamente pelos indivíduos mais velhos, topodinâmicos e topoestáticos, de ambos os sexos. O termo é entendido por Houaiss (2009) como trecho de uma curva limitado por dois pontos; segmento de uma curva, não havendo referência à acepção de acessório para o cabelo. Paim (2011) sublinha que o agrupamento foi encontrado nas capitais brasileiras pelo ALiB, mas não descreve em qual delas ocorreu a variante.

Por último, temos as variantes *passadeira*, em Formoso do Araguaia, e *gigolé*, em Mateiros, todas utilizadas pelos falantes procedentes de migração. Nenhum desses itens lexicais encontra-se dicionarizado em Houaiss (2009) com a acepção do objeto solicitado no QSL 164.

Apesar do predomínio de *diadema* nos três recortes, o fator diageracional indica maior utilização de *diadema* pela segunda geração e propensão de 13% a mais no uso de *tiara* pelos jovens. Além disso, a citação do agrupamento *arco/arquinho* é exclusivo dos mais velhos. Os homens também optam pelo uso mais recorrente de *diadema* e o grupo feminino apresenta maiores índices para *tiara*.

**Gráfico 25** - Distribuição percentual por variáveis extralingüísticas (QSL 164)



Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

*Diadema* também se constitui soberana nos falantes nascidos e estabelecidos no Tocantins, em detrimento do grupo móvel. No entanto, os topodinâmicos possuem maiores índices do uso de *tiara* em comparação com os topoestáticos, além da citação exclusiva das variantes *passadeira* e *gigolé*, reunidas em “demais variantes”.

O subgrupo intitulado Vestuário e Acessórios apresentou menor polimorfismo em relação às formas se comparado a outros campos semânticos. Além disso, há considerável número de formas oriundas de palavras estrangeiras, tais como *corpete*, *sutiã*. O recorte por faixa etária denotou, moderadamente, que os jovens utilizam mais recorrentemente formas tidas como padrão, e os menos jovens fazem referência a itens aparentemente pertencentes ao universo regional.

Em suma, do campo “Vestuário e Acessórios”, quase todas as variações estão relacionadas à diatopia e à variável faixa etária, do qual evidenciamos algumas

particularidades. Nas análises do QSL 163, há novamente uma isoléxica no Sudeste, demarcada a partir de *grampina*. Nas demais localidades, predomina a variante *presilha*, concorrendo com *grampo*. *Diadema* constitui-se norma no Tocantins para o objeto utilizado de um lado a outro da cabeça (QSL 164), tanto nos informantes topoestáticos, quanto topodinâmicos.

### 5.3 SÍNTESE DOS ASPECTOS DIALETAIS DO PORTUGUÊS FALADO NO TOCANTINS

#### 5.3.1 Variáveis fonético-fonológicas

A macrovisão fornecida pelo conjunto dos elementos estudados – altura das vogais médias pretônicas, róticos em coda medial/final e /S/ pós-vocálico em contexto medial – apresenta configurações distintas, sem aparente formação de iminentes áreas dialetais, mas indica similitudes com padrões linguísticos de diferentes regiões brasileiras, a depender das variáveis, ora mais propensas à região Norte, ora à região Nordeste.

Sobre a proposta de Nascentes (1953), no tocante à dualização do Brasil em extensões dialetais, indicando o Norte como detentor das vogais médias abertas, em contraste com a metade Sul do país, tendo como marca as vogais fechadas, estudos mais recentes têm destacado que o falar Amazônico apresenta diversidade em relação à variável em questão, havendo oscilação entre vogais médias baixas e altas. Em localidades que apresentam predominantemente médias baixas, o fator extralinguístico atua consideravelmente, pois se trata de cidades que têm por característica forte migração advinda da região Nordeste.

Nesse contexto, o Tocantins, por meio dos dados dispostos na presente tese e a depender de fatores de ordem linguística, apresenta oscilação entre as médias anteriores e posteriores. As anteriores indicam maior propensão à realização como fechadas, enquanto as posteriores realizam-se com maiores percentuais, a depender do recorte, como altas. Destacamos, no entanto, que os índices entre ambas as variáveis e suas variantes, abertas ou fechadas, atuam em proximidade e julgamos que a norma linguística, no que subjaz ao aludido recorte, atua em processo de covariação linguística, com maior tendência às médias baixas no segmento /e/ e menor propensão no /o/.

No Tocantins, embora a diatopia forneça moderadamente distribuição regular entre as variantes, salientamos que há maior propensão ao uso das vogais abertas em localidades como Palmas e Araguaína, as duas localidades mais populosas do estado e detentoras dos maiores índices migratórios registrados. Sendo assim, na análise das variantes para as vogais médias posteriores e anteriores, o comportamento linguístico denota que a procedência migratória,

principalmente nordestina, influi na norma linguística do Tocantins e, de acordo com o cenário destacado por outros autores, possivelmente esse princípio extralinguístico atue na região Norte como um todo.

Se compararmos os resultados dos dois atlas linguísticos publicados no Norte: ALAM e ALISPA, o Tocantins ainda demonstra maior percentual de médias abertas em relação aos outros dois estados. Possivelmente, esse princípio esteja atrelado a maior fluxo de migração recente, condição importante para a manutenção da variante de origem<sup>76</sup>.

Por outro lado, a segunda variável em análise: os róticos, sobretudo em coda medial, assemelha-se tanto à norma de regiões nortistas como nordestinas, tendo a glotal como preferência em todos os segmentos sociais analisados. Embora ocorra o predomínio da citada variante, em contraste com outros trabalhos que estudam os róticos nos demais estados nortistas, a proporção de glotais, no Tocantins, constitui-se menor; no Pará, por exemplo, registram-se 87% dessa variante, enquanto no Tocantins 68,5%, o que pode ser explicado pelos processos sociais existentes no território tocantinense, assim como os movimentos migratórios que se estabelecem como distintos dos demais estados do Norte.

Na variável diatópica, a distribuição das glotais ocorre de forma harmônica entre as cidades de pesquisa. No entanto, em Araguatins, no extremo Norte, divisa com o Pará, predominam as velares, enquanto a premissa inicial seria a de que, nessa cidade, houvesse maioria de glotais, em razão de sua proximidade com o estado paraense.

Quanto à utilização em baixa escala de tepes e de retroflexos, constituídos em outras regiões brasileiras, ocorrem mais ao sul do Tocantins, com pouca irradiação para o centro do estado. Além disso, seu uso concentra-se na fala de informantes da segunda faixa etária e migrantes, indicando a manutenção da variante de origem desses falantes alóctones.

Se o uso da forma glotal condiciona o Tocantins às regiões Norte e Nordeste, por outro lado, a ausência do fonema em coda final vincula-o ao padrão linguístico de tendência nacional quanto à preferência pelo apagamento, em quase 70% das ocorrências coletadas, principalmente em verbos.

Das 12 cidades, apenas Araguatins demonstrou comportamento distinto, por apresentar maiores índices para a presença de fonema em final de palavra, no caso a glotal. Seria essa localidade constituída como uma ilha linguística dentro do Tocantins por divergir das outras localidades, tanto pelo uso do rótico em coda medial quanto final?

---

<sup>76</sup> Vide discussão fornecida por Margotti (2016) e Altenhofen; Thun (2016).

O fator faixa etária foi o que mais se destacou nas análises sobre presença *versus* ausência de /R/ em final de palavra, sendo os jovens os que menos utilizam o apagamento em contraste com os mais velhos, o que pode ser explicado por maior índice de escolarização por parte desse núcleo, contato com meios de comunicação ou casos de hipercorreção em situação monitorada (entrevista).

Os topodinâmicos, assim como na análise do rótico em coda medial, apresentam maiores índices de variantes retroflexas em final de palavra, reafirmando que essa variante é procedente de outras localidades, chegando com baixa incidência ao Tocantins e, por ora, não constituindo caso de mudança em curso, por essa variante não se apresentar nos informantes mais jovens.

Sinteticamente, partindo das análises da presença *versus* ausência dos róticos em coda interna e externa, o Tocantins atrela-se às regiões Norte e Nordeste quanto ao uso da forma glotal presente em coda medial e a uma tendência brasileira aos apagamentos quando o fonema se localiza em coda final.

O fonema pós-vocálico /S/ realiza-se predominantemente como alveolar, a exemplo de outras regiões, contrariando nossas expectativas iniciais quanto ao predomínio de variantes pós-alveolares, principalmente em localidades cujo histórico de colonização mostra a presença de descendentes portugueses, como no caso de cidades como Paranã e Natividade, antigas zonas de garimpo.

Ao contrário, a maior concentração de variantes procedentes do português europeu está na porção Norte do estado: Araguatins, Tocantinópolis e Araguaína, o que poderia indicar influência direta de migrantes paraenses ou nordestinos. No entanto, a análise por fator social, principalmente a mobilidade do informante, não denota que o uso das pós-alveolares esteja ligado aos migrantes, uma vez que o percentual dessas variantes está muito próximo em ambos os grupos: topoestáticos ou topodinâmicos. Dessa forma, no segmento /S/ pós-vocálico predominam, no estado e em todos os componentes sociais, as realizações alveolares, com áreas específicas de ocorrência das formas palatais a partir do Norte em direção ao Centro do estado.

Em síntese, temos os seguintes resultados oriundos dos segmentos fonético-fonológicos: i) covariação entre vogais médias abertas e fechadas, com tendência às últimas; ii) soberania da variante glotal em todos os segmentos, tanto diatópicos quanto sociais; iii) predomínio de realizações alveolares no segmento /S/ pós-vocálico, com presença diminuta de pós-alveolares na parte Norte e Central do estado, não denotando que a procedência migratória seja condicionadora dessa variante. Ainda nesse caso, os fatores históricos, como apontados em

outros trabalhos, referente à presença das pós-alveolares como decorrente de contato com o português europeu, não se confirmam em nosso *corpus*.

Quanto às variáveis sociais, ainda podemos depreender as seguintes nuances: i) maior índice de manutenção da variante de origem nos informantes da segunda faixa etária topodinâmicos e ii) uso por parte dos jovens das formas que apresentam maiores índices gerais nos três segmentos analisados: altura das vogais, róticos e /S/ pós-vocálico.

### 5.3.2 Variáveis semântico-lexicais

Se, por um lado, os fatores de ordem fonética não indicam a ocorrência de formação de áreas linguísticas, o nível lexical apresenta a constituição de duas frentes dialetais no Tocantins:

i) **Área A** – Tocantins antigo, de composição inicial no século XVIII, situada no Sudeste do estado, primeiras localidades do ainda Norte goiano, que abrigaram minas no período colonial e que atualmente estão distantes da BR-153. As localidades que compõem essa área são principalmente Natividade e Paranã, atuando como núcleos linguísticos irradiadores para outras três localidades mais ao centro: Porto Nacional e Palmas, e para a lateral leste: Mateiros; as formas coletadas nessa região vinculam-se predominantemente ao Nordeste brasileiro e apresentam caráter mais rural.

ii) **Área B**: Tocantins contemporâneo, com disposição mais recente, englobando o restante do estado. Apresenta semelhanças linguísticas com diferentes regiões, tanto Norte e Nordeste como Centro-Oeste, aparentando um misto dialetal e, por vezes, dentro dessa macroárea ocorrem presenças de subáreas dialetais, a depender da variante.

A divisão em áreas A e B realiza-se a partir de um conjunto de variantes lexicais, não necessariamente a forma predominante em todos os segmentos, mas parte da ocorrência de itens distintos que ocorrem no Sudeste e que aparecem com pouca irradiação nas demais áreas de pesquisa. O campo semântico que mais demonstrou essa divisão foi o de *Frutas e Atividades Agropastoris*, possivelmente resultante do caráter mais antigo dos referentes, mais próximos do universo rural, assim como as denominações oriundas deles.

O primeiro caso averiguado consta do QSL 025: designações para *ata* e *pinha*, sendo a segunda específica da área Sudeste e mais recorrente nos informantes móveis, enquanto *ata* concentra-se no restante do estado, com mais propensão no Norte. No QSL 028, apesar do predomínio em todos os segmentos para *mangará*, observa-se a formação de duas isoléxicas, uma para *buzo* e outra para *umbigo*, nas localidades de Natividade e Paranã (Área A), a primeira marcada no uso de autóctones e a outra nos alóctones.

*Umbigo* provém predominantemente dos informantes idosos procedentes de mobilidade; trata-se de uma variante referida pelas obras dialetais, consultadas como forma amplamente utilizada na região Centro-Oeste, indicando ser variante irradiada do estado vizinho, Goiás. Em *buzo*, localizado na mesma área linguística que *umbigo*, a predominância da variante atrela-se aos informantes topoestáticos e, a partir dos itens dispostos no ALS e no APFB, relaciona-se ao Nordeste. Sendo assim, diferentes formas coexistem na mesma área, uma demarcada por informantes móveis e outra pelos informantes estáticos. Se considerarmos que *buzo* subjaz à forma local por ser mais frequente na fala dos informantes nativos, as raízes linguísticas, pelo menos nesse quesito e nessa área, são procedentes do Nordeste, mais especificamente da Bahia.

*Buraca*, constante do QSL 040, encontrada na porção sudeste, predomina nas cidades históricas de Porto Nacional, Natividade e Paranã. *Bruaca* ocorreu, além das três cidades, em outras três, situadas nas proximidades: Palmas, Mateiros e Gurupi. As demais regiões estaduais optam pelo uso de *caçua*, principalmente as de colonização mais recente: área B.

Ainda nesse campo, ocorre um número considerável de respostas que consideramos genéricas, ou mesmo a ausência de respostas, principalmente entre os informantes da primeira faixa etária, possivelmente em razão do não conhecimento do objeto, comumente utilizado em ambientes agrários, com o qual o falante mais jovem não tem contato. Embora o índice de não respostas seja representativo nesse campo, se o compararmos com outros trabalhos dialetais<sup>77</sup>, verificamos que a ausência de respostas no ALiTTETO é menor.

O cruzamento por variáveis nessa subárea indica i) os homens como maiores conhecedores dos itens desse universo rural; ii) a citação de termos mais genéricos por parte dos jovens, o que nos leva a supor que o léxico rural está em vias de desaparecimento, ou que os jovens estão se afastando do trabalho rural; iii) o uso das variantes mais produtivas com índices semelhantes entre os grupos de informantes, topoestáticos e topodinâmicos, sucedendo, em algumas análises, a citação de formas menos usuais, com a demarcação de variantes regionais usadas pelos nascidos e outras formas pelos não nascidos na localidade.

No campo da *Fauna*, identificamos um mosaico de variantes procedentes de diferentes regiões brasileiras e, diferentemente das análises obtidas a partir do campo das *Frutas e Atividades Agropastoris*, evidencia-se, por parte dos informantes, maior conhecimento dos referentes solicitados, que se depreende pelo pequeno número de abstenções nas quatro perguntas analisadas. Avulta-se também a coexistência de formas mais regionais contrastando com variantes tidas como padrão, estas comumente ligam-se aos informantes mais jovens em

---

<sup>77</sup> Vide Isquierdo (2010).

contraposição aos menos jovens: caso de *galinha-d'angola* vs *cocar* e *angolista*; *gambá* vs *mucura*; e *libélula* vs *cambito*.

Apesar da vasta gama de formas coletadas nesse campo, só foi possível a ratificação da área A, Tocantins antigo, em uma questão, o QSL 065, com a ocorrência da forma exclusiva *cavalo/cavalinho* na parte delimitada de colonização mais antiga. Por outro lado, parece-nos que a subárea *Fauna*, e a nomenclatura designativa para animais e insetos dela decorrentes, encontram-se mais suscetíveis às mudanças em curto espaço temporal, pois, em cada questão, evidenciamos comportamentos distintos, com semelhanças dialetais em diferentes regiões de origem, o que demandou árdua tarefa em estabelecer o trajeto da variante, nem sempre possível de conseguir.

No QSL 049, por exemplo, as três formas mais frequentes apresentam trajetos diferenciados: *cocar* denota procedência do Centro-Oeste, *angolista* do Sul e *galinha-d'angola* encontra-se difundida por quase todas as regiões brasileiras. Resultados semelhantes alcançamos com a coexistência entre *gambá*, forma encontrada em quase todas as regiões brasileiras, e *mucura*, regionalismo nortista que irradia para o Centro-Oeste (QSL 053).

O polimorfismo presente no QSL 065, por outro lado, como anteriormente relatado, aponta a formação histórica e social do Tocantins, sendo a variante regional *cambito* predominante em nossos dados em contraste com a forma padrão *libélula*, mais usual entre os jovens. Ainda nesse segmento, no Sudeste, ocorre com exclusividade as denominações iniciadas por *cavalo/cavalinho*, forma procedente do português lusitano e de uso quase exclusivo dos informantes topoestáticos. No grupo dos informantes topodinâmicos, encontram-se as formas constituídas pelo elemento *lava + bunda, cu, cuida*.

As respostas no campo do *Corpo Humano* apresentam significativo número de formas linguísticas, manifestando paridade linguística com diferentes regiões brasileiras. Além disso, o polimorfismo presente na respectiva subárea exhibe formas designativas oriundas de processo metafórico com objetos, com partes de animais, dentre outros referentes.

A primeira questão analisada (QSL 073) demarca a área A como centro irradiador da forma *espinha* em detrimento do restante do estado que utiliza *terçol*, área B. De forma mais atenuada, o QSL 084 também evidencia a área A com o uso da variante mais regional *cantareira* nas localidades mais antigas, em contraposição à forma padrão *clavícula* (QSL 084). Obras dialetais indicam que *cantareira* deriva do Nordeste brasileiro, dada sua ocorrência em localidades baianas.

Porém, o averiguado na análise supramencionada não se configura para os itens obtidos no QSL 085 – designações para a saliência na garganta masculina, cujas variantes não

demonstram arealidade lexical ou qualquer diferenciação diatópica. Nesse item, as nuances são sociais, principalmente no recorte faixa etária, pois os jovens usam mais a forma *gogó* e os mais velhos, principalmente topodinâmicos, variantes do agrupamento *nó/carçoço da garganta*. O mesmo ocorre no QSL 084, apresentando forte uso de *clavícula* pelos informantes da primeira faixa etária, enquanto os mais velhos utilizam a forma *cantareira*; além disso, a maior incidência desta forma lexical encontra-se nos informantes topoestáticos.

Também de modo mais ou menos equilibrado, o QSL 093 – osso redondo do joelho apresenta, nas localidades antigas, o maior número de formas para *rodela/rodelinha/ruela (do joelho)*, em contraste com a variante *rótula*, aqui preferencialmente pelos informantes idosos, quando acreditávamos que, por se tratar de uma forma padronizada, seria mais incidente nos entrevistados jovens. Os jovens optam, além da forma mais recorrente *rodela/rodelinha/ruela*, por designações gerais, como *bola/bolinha/bolotinha (do joelho)*.

Na última análise do campo do Corpo Humano, o QSL 094 – saliência óssea localizada entre a perna e o pé, verificamos alto nível de polimorfismo nas respostas analisadas, com supremacia da forma difundida pelo país: *tornozelo*. Apenas em *macaúba* verifica-se a formação de isoléxica, a partir de Palmas, demarcando a área A: Tocantins antigo.

Nosso penúltimo campo semântico analisado, Jogos e Diversões Infantis, apesar de conter apenas uma questão, QSL 131 – designações para o jogo em que a criança risca uma figura no chão, formada por quadrados numerados, apresenta, em contraste com outros trabalhos dialetais, a covariação entre as formas *amarelinha* e *macaco/macacão*, tida como oriunda do português lusitano.

No caso de *macaco/macacão*, o Tocantins, em comparação com as demais obras versadas na descrição de variantes lexicais nordestinas e nortistas, insere-se tanto na área do falar baiano como do amazônico<sup>78</sup>, demarcando ampla zona dialetal, cujo agrupamento em questão chega com pouca incidência às regiões limítrofes ao Centro-Oeste. Nesse caso, ocorre a formação de área A ou B, sendo o Tocantins pertencente, nesse quesito, a uma macroárea linguística, englobando o Nordeste e o Norte.

Quanto à *amarelinha*, sua ocorrência está intrinsecamente ligada ao fator faixa etária, registrada na fala dos jovens, enquanto os mais velhos optam pela forma regional *macaco/macacão*. Aqui novamente vemos o comportamento dos informantes da faixa etária I ligados à norma padrão do português brasileiro.

---

<sup>78</sup> Vide Ribeiro (2012) e Saraiva (2013).

Outro fato linguístico que circunscreve os jovens como usuários de formas lexicais padrão encontra-se no último campo semântico descrito - Acessórios e Vestuários, especificamente no QSL 159, com o uso da variante *sutiã* por esses informantes ao lado de *corpete* pelos mais velhos. Ainda sobre *corpete*, diatopicamente, ocorre principalmente na divisa com o Maranhão e com a Bahia, mas não indica a geração de áreas linguísticas.

Por outro lado, nas variantes para o QSL 163 – objeto fino de metal que serve para prender o cabelo, a forma hegemônica relaciona-se ao português regional em todos os segmentos: *presilha*, tanto na faixa etária I quanto na II. Nesse questionamento, outra forma local delimita a área dialetal A: *grampina*, encontrada exclusivamente em Palmas, Porto Nacional, Mateiros, Natividade e Paranã, formando consistente isoléxica no Centro-Sudeste do Tocantins.

Por fim, a última investigação, presente no QSL 164, apresenta o uso de outra forma regional predominante em todos os eixos: *diadema*. Como essa lexia foi registrada em localidades de Goiás e de Mato Grosso do Sul, parece-nos que o Tocantins acompanha a norma lexical do Centro-Oeste.

Em suma, o nível lexical mostrou-se extremamente suscetível às influências externas, de diferentes regiões brasileiras, a depender do questionamento analisado. No entanto, pelo número de formas coletadas, em contraste com atlas linguísticos e trabalhos dialetais, o Tocantins vincula-se predominantemente à norma linguística do Nordeste e do Norte, tanto nos informantes topoestáticos quanto nos topodinâmicos, demonstrando, neste último segmento, as matrizes migratórias que adentraram o Estado nas últimas décadas.

Cabe destacar que as particularidades varietais, a partir do conjunto de cartas, evidenciam que, em território tocantinense, prevalecem as diferenças diatópicas, uma vez que o recorte por segmento social, seja a idade do informante, o sexo ou a mobilidade, não apresenta resultados muito significativos do ponto de vista dialetal.

Quanto ao recorte por informantes nascidos e não nascidos nos locais pesquisados, aparentemente os topodinâmicos adaptaram seu falar à norma local, não havendo disparidade entre as variantes coletadas no primeiro grupo em contraste com o segundo. Esse fato pode estar atrelado a dois aspectos: i) à própria formação do território tocantinense, anteriormente pertencente a Goiás, cujo elemento nortista e nordestino, assim como sua cultura, sempre se vincularam a essas regiões; ii) às crenças positivas dos migrantes em relação ao Tocantins, visto que o Estado propiciou uma melhora em sua condição social e, conseqüentemente, não há evidências de embate linguístico entre ambos os grupos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mais novo estado da Federação brasileira, o Tocantins, anteriormente pertencente a Goiás, abriga, em sua superfície, um cenário plural, seja linguístico ou social, decorrente de sua colonização e dos diferentes grupos que o compuseram, retrato semelhante aos muitos territórios presentes em âmbito brasileiro.

Coube a este trabalho o escopo geral da feitura do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (ALiTTETO), que englobou 12 localidades de pesquisa e 96 informantes estratificados por sexo, idade e mobilidade. O título da tese apresenta termos procedentes de nossa escolha metodológica, topoestático e topodinâmico, para evidenciar o caráter contrastivo da obra, que visou à coleta sistemática nas duas vertentes citadas.

A metodologia adotada, a de seguir as diretrizes estabelecidas pela Dialetologia Pluridimensional: Relacional e Contatual, permitiu-nos a recolha sistemática das nuances diatópicas inerentes a um atlas linguístico, além de agregar outros parâmetros, tais como as variáveis de natureza interindividual, como as perspectivas diassexual e diageracional, ou de propriedades interindividuais, especificamente as orientações diafásica, contatual e diarreferencial.

Apesar de o nosso enfoque centrar-se prioritariamente na diatopia, a partir de um panorama comparativo entre os dois eixos trabalhos pela Dialetologia Pluridimensional – intitulado diatópico-cinético – informantes nascidos e estabelecidos nas localidades de pesquisa (topoestáticos), em contraste com os procedentes de migração ou de deslocamentos (topodinâmicos), o trabalho permitiu a verificação de como o sistema linguístico do Tocantins atua nesses dois grupos.

Das perguntas de pesquisa e de nossas hipóteses inicialmente definidas, chegamos às seguintes constatações:

a) *Tinha Nascentes (1958; 1961) razão quando dividiu o território que compreende o atual Tocantins em falares amazônico, nordestino e baiano, além de inseri-lo na área denominada como incaracterística e, atualmente, multivarietal (CUBA, 2015)?* Para essa pergunta de pesquisa, nossa hipótese inicial era a de que o estado, em linhas mais ou menos definidas, atuaria, de fato, como ponto de transição entre os falares, premissa que, ao nosso ver, confirma-se, a depender da variante, principalmente as lexicais, para a composição dos falares amazônico e baiano.

A maior contribuição de Nascentes (1953), apesar das dificuldades de locomoção à época de sua obra, recai no fato de esse autor ter previsto que esse território, na época pertencente a Goiás, apresentava um híbrido linguístico e, por isso, estaria entre diferentes falares. A depender da variante em análise, o Tocantins mostra-se propenso ao falar Nordestino e, outras vezes, ao Amazônico, atuando, por vezes, como ponto de transição dialetal.

No entanto, no que se refere à área incaracterística (*stricto sensu*) – anteriormente descrita por Nascentes como inabitada e, por esse motivo, ausente de características dialetais –, contemporaneamente nomeada por Cuba (2015) como multivarietal – tendo em vista o misto linguístico e a impossibilidade do traçado de isoléxicas nesse espaço –, consideramos que o Tocantins não se enquadra nesse perfil em função do próprio movimento migratório.

Na área multivarietal (incaracterística, atual), as levas migratórias são recentes e, predominantemente, sulistas; enquanto, no Tocantins, as migrações foram constantes em todas as épocas, desde a colonização do território, até os dias atuais, transparecendo nas variantes analisadas nos grupos topoestáticos e topodinâmicos, em que é possível o traçado de isoléxicas.

Ressaltamos que as premissas aqui estabelecidas, principalmente sobre as áreas dialetais, podem, futuramente, ser refutadas, tendo em vista que outros trabalhos surgirão com enfoque em diferentes itens, tanto fonéticos como lexicais ou morfossintáticos.

As aludidas colocações nos remetem ao segundo questionamento de pesquisa:

b) *Há uma norma tipicamente tocantinense ou há um hibridismo linguístico, resultado das intensas migrações e deslocamentos presentes desde os primórdios no território?* cremos que a norma linguística do Tocantins ainda se encontra em construção. No entanto podemos tecer algumas considerações sobre os dados aqui analisados. Se consideramos a norma “tipicamente tocantinense” como reflexo dialetal das regiões Norte e Nordeste, há indícios dialetais no Tocantins vinculados a essas duas faixas, principalmente, ressaltando o fato de que dessas regiões provém o início da colonização do estado, e os migrantes que formaram esse espaço.

Na região Sudeste, por exemplo, espaço mais antigo do atual Tocantins, mostramos a formação de consistentes isoléxicas, espaço esse diretamente ligado a três estados nordestinos: Bahia, Sergipe e Ceará. Sendo assim, cremos que a norma típica, pelo menos no que subjaz à região Sudeste, possui tendência ao Nordeste, à Bahia especialmente.

No que se refere a uma possível identificação com o Centro-Oeste, região de origem do Tocantins, Goiás principalmente, cabe destacar que os dados evidenciaram que há pouca assimilação linguística com o estado progenitor, o que pode ser explicado por fatores de formação do espaço norte, com identificação nortista e nordestina desde os primórdios, fato que

levou os aspectos linguísticos do Tocantins a se diferenciarem consideravelmente de Goiás. Nesse sentido, os veios históricos e sociais de formação e da busca por um território tocantinense fizeram aflorar em seus habitantes, a partir do século XIX, um sentimento de não pertencimento a Goiás, traduzido nos traços dialetais dispostos no trabalho.

Sobre o questionamento c) *Quais variedades linguísticas estão mais presentes no Tocantins?*, inicialmente, supúnhamos que se trataria de um misto dialetal, principalmente das regiões limítrofes: Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Entretanto os dados apontaram que as semelhanças linguísticas atrelam-se predominantemente ao Norte e ao Nordeste. No caso do Centro-Oeste, há pouca identificação, como foi evidenciado na fonética e no léxico.

Do contraste entre informantes nascidos e estabelecidos nas cidades pesquisadas e os de procedência extralocalidade, buscamos: d) *Se identificadas as modalidades dialetais, oriundas dos dois diferentes grupos, topoestáticos e topodinâmicos, quais relações elas exercem: covariação ou se excluem mutuamente?* Formulamos essa pergunta partindo do princípio de que estudos demonstram que o migrante enfrenta dificuldades em ser aceito linguisticamente na nova comunidade receptora.

No entanto o *corpus* não demonstrou aparente disparidade entre as variantes em contraste em ambos os grupos: migrantes e não migrantes, o que pode ser explicado pelo fato de o Tocantins possuir formação histórica e social sempre vinculada a grupos extraterritórios. Nesse caso, as variantes analisadas demonstram processo de covariação entre os dois tipos de informantes, sem aparente rechaço entre as modalidades faladas pelos topoestáticos em contraste com os topodinâmicos.

Quanto aos objetivos específicos traçados no início deste trabalho, apontamos os seguintes resultados:

(1) *Descrever a realidade dialetal tocantinense, com enfoque nas dimensões interindividuais, tais como as variáveis diassexuais, diageracionais, diatópico-topoestáticas e diatópico-cinéticas, consideradas na perspectiva da Dialetoologia Pluridimensional.*

Em relação à nossa escolha metodológica em seguir as premissas estabelecidas pela Dialetoologia Pluridimensional quanto às variáveis interindividuais, ou sociais, nosso intento foi alcançado. A distinção dos dados pelos fatores sexo e idade apresenta nuances muito relativas, não denotando considerável variação entre o falar dos homens e das mulheres, ou entre os jovens em oposição aos informantes da segunda faixa etária. No que se refere à dimensão diatópico-cinética, que visa ao contraste entre grupos autóctones e alóctones, os resultados

evidenciaram covariação entre as variantes obtidas, a partir da fala dos dois grupos de informantes.

Para o segundo objetivo, *verificar a interinfluência exercida pelos dois grupos, tanto topoestáticos quanto topodinâmicos, que compõem o cenário linguístico do Tocantins*, notadamente não foram evidenciadas resistências dialetais em relação ao uso de variantes tidas como pertencentes a grupos intra ou extralocalidades, havendo um padrão de covariação entre as formas linguísticas.

Por vezes, mesmo quando os topoestáticos aludem a variantes linguísticas como procedentes de grupos de outras regiões, não reportam características negativas quanto a essas formas “não típicas”; expressam apenas como fator de curiosidade. Sendo assim, há interinfluência mútua entre ambos os grupos de informantes, ocorrendo, na segunda faixa etária dos informantes migrantes, uma relativa ação centrífuga quanto ao uso de formas dialetais atreladas a seu espaço de origem, mas se permitindo também usar a forma mais local.

Quanto ao terceiro objetivo específico, *mapear os dados, com vistas às análises que permitam verificar as influências que grupos detentores de instabilidade migratória imprimem no falar autóctone*, usamos, em toda a extensão da análise, presente no Tomo I, estatísticas e interpretações que visaram à comparação entre os grupos estáveis geograficamente e os topodinâmicos, o que nos permitiu verificar moderada variação entre eles.

Subordinado a esse propósito, o Tomo II exhibe as cartas linguísticas: fonéticas e lexicais, cuja disposição apresenta a distinção entre o grupo I, representando os informantes nascidos e estabelecidos nas cidades de pesquisa e o grupo II, com os habitantes procedentes de migração ou de deslocamentos.

Sobre o último objetivo específico, *identificar possíveis isoglossas a partir dos dados mapeados e respectiva relação com a história social do Tocantins e a formação étnica da população*, foi possível, a partir de um conjunto de formas lexicais, a distinção do Tocantins em duas áreas dialetais: i) **área A** – Tocantins antigo e ii) **área B** – Tocantins contemporâneo.

O espaço “A” estabelece-se no Sudeste, região mais antiga do território, que abrigou os primeiros migrantes para o trabalho nas minas auríferas. Sua composição remonta ao século XVII que tem como centro irradiador duas localidades: Natividade e Paranã. A depender da variante em análise, essa área expande-se para localidades circunvizinhas: Porto Nacional, Palmas e Mateiros, abrangendo todo o Sudeste e parte da Zona Central. Predominam nesse território semelhanças dialetais com o Nordeste brasileiro e tendência lexical a variantes mais rurais, fato que se dá pelo menor contato com as principais vias de comunicação, a rodovia Transbrasiliana, por exemplo.

Em contrapartida, a área “B” reúne as demais cidades pesquisadas, situadas nas partes Sudoeste, Centro e Norte. São de colonização mais recente e contêm assimilação com diferentes regiões, a depender dos dados, Norte, Nordeste e Centro-Oeste, possivelmente pela maior proximidade com a rodovia BR-153, que liga o Tocantins a outros estados.

Em face do exposto, esperamos que o trabalho que se apresentou tenha fornecido a macrovisão dos veios dialetais do estado do Tocantins, assim como a evidenciação das nuances e das trocas linguísticas entre informantes topoestáticos e topodinâmicos. A presente tese não se encerra nesses dois volumes. Há aproximadamente 28 mil dados que ainda servirão para muitos outros estudos de natureza fonética, lexical e morfossintática.

Por fim, que a confecção Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins – ALiTTETO - contribua para o aprofundamento de pesquisas, além das questões pertinentes ao português falado no Tocantins, para o contraste entre a diatopia com outras variáveis, principalmente o contraponto e a interinfluência exercida pelos falantes situados em realidades plurais, tão características em nosso país.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. O /R/ caipira está ganhando status? *Papéis*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande-MS, 2012a.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Reflexões sobre a variação lexical no campo da fauna nos dados para o Atlas Linguístico do Brasil. In: CASANOVA, Emili; CALVO, Cesáreo (eds.). *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica*. Valencia 2010<sup>a</sup>, p. 17-28. Berlin, Boston: De Gruyter.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná* - ALPR. Londrina: Eduel, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. De onde vieram e por onde andam as nossas libélulas e jacintas? Um estudo da etimologia popular com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 41, p. 291-309, 2010b.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Dados geolinguísticos diacrônicos e sincrônico do campo semântico do corpo humano. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012b, p. 519-532.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. 162f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 2v.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do Português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. Versão digital.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual. *Revista de Letras Noroeste*. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/noroeste/article/view/1216>>. Acesso em agosto de 2016.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na Geografia Linguística do Sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (Orgs.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016, p. 371-392.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (Orgs.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*: cartas semântico-lexicais. Porto Alegre: Editora UFRGS; Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

ALTINO, Fabiane. *Informação verbal fornecida no Seminário de Teses e Dissertações em andamento*. Londrina: UEL, 2014 [debate].

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura/Ciência e Tecnologia, 1976 [1920].

ANTERO, Roberto. Urbanização pela migração em Araguaína (TO). *Caminhos de Geografia*. Uberlândia, v. 17, n. 59, set/ p. 228-243, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia>>. Acesso em 08 fev. 2017.

ANSCHAU, Fábio. *Bases teórico-metodológicas para a elaboração de um dicionário do Hunsrückis falado no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010

AQUINO, Napoleão Araújo de. A construção da Belém-Brasília e suas implicações no processo de urbanização do estado do Tocantins. In: GIRALDIN, Odair (Org.). *A (trans) formação histórica do Tocantins*. 2. ed. Goiânia: UFG, 2004, p. 315-350.

ARBUÉS, Margareth Pereira. *A migração e a construção de uma (nova) identidade regional: Gurupi (1958-1988)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995.

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. *Ata da II Reunião do Comitê Nacional do Projeto ALiB*. Belo Horizonte, 1997 (fotocopiada – circulação restrita).

AUGUSTO, Vera Lúcia dias dos Santos. *Atlas semântico-lexical do estado de Goiás*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo, 2012.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1986.

AZEVEDO, Antonio C. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 3.ed. amp. e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

AZEVEDO, Orlando da Silva. *Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, UFSC, 2013.

BARBEIRO, Evelin Pelarim; ISQUERDO, Aparecida Negri. O Atlas Linguístico do Brasil e a descrição da norma lexical regional: contribuições no campo das brincadeiras infantis. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, Fabiane Cristina; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores*. Londrina: Editora da UEL, 2009, p. 108-117.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Fundamentos de metodologia*. São Pulo, McGraw- Hill, 1986.

BEHR, Miguel Von. Jalapão: patrimônio natural e cultural tocantinense. *Vivências e Sentidos: o patrimônio cultural do Tocantins*. Goiânia: Iphan/14º Superintendência, 2008.

BESSA, José Rogério Fontenele. *Atlas Linguístico do Ceará*. Ceará: UFC, 2010.

BISOL, Leda. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Linguística). UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

BOTELHO, Angela Vianna; REIS, Liana Maria. *Dicionário Histórico Brasil Colônia e Império*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1991.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Aspectos sociolingüísticos de um dialeto rural. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997, p. 61-69.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Variação e mudança no âmbito do vocalismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 11-38.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base em dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005, p. 299-318.

BRASIL, Marília Cavalcante. Os fluxos migratórios na região norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória. *Caderno Estudos Sociais*. v. 13, nº. 1, p. 61-84, 1997.

BRITO, Eliseu Pereira de. *Itinerários de uma identidade territorial na invenção do ser tocantinense*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BUSSE, Sanimar. *Um estudo geossociolinguístico da fala do oeste do Paraná*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Londrina: UEL, 2010.

CALLOU, Dinah. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

CALLOU, Dinah. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 39-64.

CALLOU, Dinah; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JUNIOR, Lucrécio Araújo de; MARTINS, Mario Antonio (Orgs.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI*. São Paulo. Blücher, 2016, p. 97-122.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do Português Falado*. 2. ed. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 2002, p. 463- 489.

CAMPOY, Juan Manuel Hernández. Sobre lenguaje y geografía. *Geolingüística: modelos de interpretación geográfica para linguistas*. Universidad de Murcia, 2001, p. 121-181.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*. Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Tinha Nascentes razão? Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n.º 5. Dez. Universidade Federal da Bahia, 1986.

CARLO, Valeska Gracioso. *O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem. – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CARVALHO, Francisquina Laranjeira. *Implantação do Prédio Militar de Santa Maria do Araguaia*. O processo colonizador século XIX (atual município de Araguacema-TO). (Monografia) – Programa de Pós-Graduação em História Regional. Fundação Universidade do Tocantins, Palmas, 1998.

CARVALHO, Rosana Siqueira de. *Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras. Belém, 2000.

CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. São Paulo, 2012.

CASTILHO, Ataliba de. Rumos da Dialectologia Portuguesa. *ALFA: Revista de Linguística*. Araraquara, v.18/19, p. 115-153, 1972-1973. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3512/3285>>. Acesso em 15 nov. 2015.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. O perfil dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 38 (2), p. 345-353, maio-ago. 2009. Disponível em <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL\\_V38N2\\_27.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_27.pdf)>. Acesso em agosto de 2016.

CAVALCANTE, Ivana; KIMURA, Simone. Mapeamento do patrimônio cultural do estado do Tocantins. In: CAVALCANTE, Ivana; KIMURA, Simone (Orgs.). *Vivências e sentidos: o patrimônio cultural do Tocantins*. Goiânia: Iphan/14ª Superintendência Regional, 2008, p. 90-159.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. *O discurso autonomista do Tocantins*. Goiânia: UCG, 2003.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. *Características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_da\\_populacao/resultados\\_do\\_universo.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf)>. Acesso em: mar. 2015.

CHAIM, Marivone Matos. *Sociedade Colonial (Goiás – 1749-1822)*. Goiânia: Secretaria de Cultura de Goiás, Instituto Nacional do livro – Pró-Memória, 1987.

CHAMBERS; TRUDGILL. *La dialectología*. Madrid: Visor, 1994.

CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Estudos da dialectologia portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1995.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: Eduel, 2001.

COSERIU, Eugênio. A geografia linguística. *O homem e sua linguagem*. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1982, p. 79-113.

COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COSTA, Daniela de Souza Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri. Designações para pernilongo nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico e léxico-semântico. *Travessias / Unioeste*, v. 4, n. 3. Cascavel: p. 509-520 2010. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3226>>. Acesso em 14 ago 2011.

COSTA, Fernanda Analena Ferreira Borges da. *Variação do /R/ em coda silábica interna no Norte do Brasil: um estudo geossociolinguístico*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015.

CRDP de l'académie de Toulouse. *Jeux et jouets d'autrefois*. Dossier. CRDP de l'académie de Toulouse, 2008. Disponível em: [http://www.cndp.fr/crdp-toulouse/spip.php?page=dossier&article=155&num\\_dossier=104](http://www.cndp.fr/crdp-toulouse/spip.php?page=dossier&article=155&num_dossier=104). Acesso em maio 2017.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004.

CUBA, Marigilda Antônio. *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CUNHA, José Marcos Pinto da; BAENINGER, Rosana (Coords.). *Redistribuição da população e meio ambiente: São Paulo e Centro Oeste*. Sistematização das Informações Censitárias sobre Migração – Estado de Tocantins. Campinas: Unicamp, Núcleo de Estudos de População, 2000.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DIÉGUES JUNIOR. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

FAGUNDES, Giselda da Rocha. *O abaixamento das vogais médias pretônicas em Belém/PA: um estudo variacionista sobre o dialeto do migrante maranhense frente ao dialeto falado em Belém/PA*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3.ed. rev. atual. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra, FREITAS, Judith, ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Vol. XXXVI. Rio de Janeiro, 1958.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. Metodologia de estudos do contato linguístico intervarietal em lugares de migração recente: alguns apontamentos. *Revista de Letras Norteamericanas*. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 188-208, jul./dez. 2013. Disponível em: <sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamericanas/article/download/.../868>. Acesso em 20 dez. 2016.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. *Topodinâmica do português gaúcho em áreas de contato intervarietal do Mato Grosso*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionários de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão IV Centenário, 1954.

FREITAS, Luciene Gomes; ISQUERDO, Aparecida Negri. Descrevendo o rural e o urbano no português do projeto ALiB 2008. *Relatório final de Pesquisa*. Campo Grande: Programa PIBIC/UFMS, agosto/2008.

GIRALDIN, Odair. Povos indígenas e não-indígenas: uma introdução à história das relações interétnicas no Tocantins. In: GIRALDIN, Odair (Org.) *A (trans)formação histórica do Tocantins*. 2ª ed. Goiânia: UFG, 2004, p. 109-136.

GIRALDO, José Joaquín Montes. *Dialectología general e hispanoamericana: orientación teórica, metodológica y bibliográfica*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

GUEDES, Regis José da Cunha. *Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, 2012.

GUY, Gregory. Rumos da sociodialetoлогия da América Latina. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA, 2012, Belém. *Anais...* Belém-Pará, EDUFMA, 2012, p. 44-60.

HORA, Dermeval da; MONARETTO, Valéria. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela (Orgs.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: EDUEPB, 2003.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico*. Instituto Antônio Houaiss. Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo demográfico de 2000*. Migração e deslocamentos: resultado da amostra. Rio de Janeiro, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. *Cidades*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/home-cidades>>. Acesso em 15 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. *Estados: Tocantins*. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/panorama>>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. *Produto Interno Bruto dos municípios*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2010/default\\_xls.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2010/default_xls.shtm)>. Acesso em 05 de maio de 2015.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Revisitando os conceitos de rural e urbano no português do Brasil: contribuições do Projeto ALiB. In: CONGRES INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 25., 2010, Innsbruck. *Actes...* Berlim: De Gruyter: 2010. p.137-146, v. IV.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Designações para estilingue em atlas linguísticos brasileiros: perspectivas diatópica e sócio-histórica. *Actes du XXIV CILPR*. Aberystwyth, UK, 2007, p. 533-546.

ITAPETIM.NET. *Letra O do dicionário de Matutês*. Notícias. Disponível em: <<http://www.itapetim.net/2010/01/letra-o-do-dicionario-matutes-2/>>. Acesso em 15 abril 2017.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.) *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Maim: TFM, 2000. p. 55-69.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia social*. Trad. Álvaro Cabral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LENKO, Karol; PAPAVERO, Nelson. *Insetos no folclore*. Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, São Paulo, 1996.

LIMA, Luciana Gomes de. *Atlas fonético do entorno da Baía de Guanabara*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. 3ª ed. Madrid: Gredos, 2004.

MACEDO, Sandra Siqueira de. *A palatalização do /S/ em coda silábica no falar culto recifense*. Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: UFPE, 2004.

MAIA, Edson Galvão. *A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, UFAM, 2012.

MAIA, Edson Galvão. A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. *Papéis: Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da*

Linguagem, UFMS. Vol. 19, n. 37. Campo Grande, 2015, p. 118-138. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3055/2473>>. Acesso em 20 jun. 2017.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

MARGOTTI, Felício Wessling. O português em contato com o italiano no Sul do Brasil: um estudo Geolinguístico Pluridimensional. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (Orgs.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016, p. 355-370.

MARINS, Luciene Gomes Freitas. O léxico rural no Brasil Central: designações para “bruaca”. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 43 (1): p. 545-560, jan-abr 2014. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/458>>. Acesso em 12 dez. 2016.

MATTOS, Raimundo José da Cunha. *Chorographia História da província de Goiyaz*. Goiânia: Líder, 1979.

MONARETTO, Valéria. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 253-268.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Princípios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Variação fônica nas capitais brasileiras. In: MARTINS; Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 65-78.

MOUTON, Pilar Garcia. Dialectología y Geografía Lingüística. In: ALVAR, Manuel. *Manual de dialectología hispánica*. Ariel, 1996.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, vol.1, 1958. Vol. 2, 1961.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 2007.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 89, n. 1, p. 93-105, 1991.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. Um porto no sertão: cultura e cotidiano em Porto Nacional – 1880 a 1910. In: GIRALDIN, Odair (Org.). *A (trans)formação histórica do Tocantins*. Goiânia: UFG, 2004.

PAIM, Marcela. A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios nos dados do Projeto ALiB. In: VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DOS GÊNEROS TEXTUAIS. 2011, Natal. *Anais...* Natal: EDUFRN, 2011, v. 1, p. 102-103.

PALACÍN, Luis. *Coronelismo no extremo norte de Goiás: O Padre João e as três revoluções de Boa Vista*. São Paulo: Loyola, 1990.

PALACÍN, Luis; GARCIA, Ledonias Franco; AMADO, Janaína. *História de Goiás em documentos: I. Colônia*. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. *História de Goiás*. 7ª ed. Goiânia: UCG, 2008.

PARENTE, Temis Gomes. *Fundamentos históricos do estado do Tocantins*. Goiânia: UFG, 2007.

PÉREZ, Álvarez; AFONSO, Xosé. A joaninha era de Nossa Senhora: designações açorianas no campo lexical da fauna. *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX*. Actas do V Colóquio. Faial: Núcleo Cultural da Horta, 2011, p. 401-423.

PÓVOA, José Liberato. *Dicionário tocantinense de termos e expressões afins*. Versão on-line, [s/d]. Disponível em: <http://www.liberatopvoa.com.br/wp-content/uploads/2017/03/DICIONARIO-TOCANTINENSE.pdf>. Acesso em março de 2016.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO CONTATUAL DAS MINORIAS ALEMÃS NA BACIA DO PRATA (ALMA-H). 2011. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/projalma/>>. Acesso em 15 fev. 2015.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Orgs.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie*. Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991 Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAMALHO, Hilton Martins de Brito; FIGUEIREDO, Erik Alencar de; NETO JR., José Luis da Silva. Determinantes das migrações interestaduais no Brasil: evidências a partir de um modelo gravitacional. *Pesquisa e planejamento econômico*. v. 46, n. 1, abr. 2016. Disponível em: <<http://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/1590/1219>>. Acesso em 13 dez 2016.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas; REIS, Mírian Rodrigues. No céu do Maranhão, cruzam-se catirinas, tingas e pragas: um estudo semântico-lexical da fauna maranhense. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; PAIM, Marcela Moura Torres (Orgs.). *Documentos 3*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Vozes do X WORKALiB: amostras do português brasileiro. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 263-280.

RAZKY, Abdelhak. (org.). *Estudos geossociolinguísticos no Estado do Pará*. Belém: s/ed., 2003.

RAZKY, Abdelhak. A Dimensão sociodialetal do léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Revista Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2003. Disponível

em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/15659>>. Acesso em 15 nov. 2015.

RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de.; OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. As vogais médias pré-tônicas no falar paraense. *Revista Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n.15, v.1, p. 293-310, 2012.

RIBEIRO, Ângelo. *Mapa. Tocantins com indicação da rede de pontos de investigação*. Dourados, 2016.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Silvana S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Saraiva, 1985.

RIOS NETO, E. I. G. (Coord.). *Educação e população: Ação 2.2 – Módulo produtividade educacional com base nas pesquisas domiciliares e no censo demográfico*. Belo Horizonte: INEP/CEDEPLAR, 2005. Disponível em: <[http://www.inep.gov.br/download/estudos\\_pesquisas/indic\\_educacionais/analise\\_indicadores\\_educacionais.pdf](http://www.inep.gov.br/download/estudos_pesquisas/indic_educacionais/analise_indicadores_educacionais.pdf)>. Acesso em 05 out. 2014.

ROLAND, Eugène. *Faune populaire de la France*. Tomo XIII. Les insectes. Paris, 1911.

ROMANO, Valter Pereira. Um estudo rural x urbano: perspectiva geolinguística. In: V Encontro de Científico de Letras, 2007, Rolândia. *Anais...* 2007 Disponível em: <[http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2007\\_g/index.html](http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2007_g/index.html)>. Acesso em jan. de 2008.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Volume1: 285p. Volume 2: Uma carta introdutória, 71 cartas linguísticas e 10 relatórios.

ROMANO, Valter Pereira.; SEABRA, Rodrigo; OLIVEIRA, Natan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *RELIN: Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5757>>. Acesso em 20 set. 2015.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

ROSSI, Nelson. Variação diatópica e sociolinguística Comunicação ao II Congresso de Sócio e Etnolinguística. *Atas do II Congresso de Sócio e Etnolinguística*. Universidade Federal Fluminense. Centro de Estudos Gerais, IL, Niterói, 1984. p.101-109.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. São Paulo: Edusp, 1975.

SALES, Olga Santana. *A construção de barragens e os instrumentos norteadores de planejamento e gestão ambiental para minimização dos conflitos sócio-ambientais*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão Ambiental. Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. *A economia e a escravidão na capitania de Goiás*. Coleção Documentos Goianos, 24. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.

SANTOS, José Vandilo. *Memória e a dimensão política da identidade na comunidade Canela - Estado do Tocantins (2000-2008)*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS-IKEUCHI, Ariane Cardoso dos. *Atlas Linguístico Topodinâmico do Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SARAIVA, Danyelle Almeida. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

SCHERRE, Maria Marta P.; MACEDO, Alzira T. Variação e Mudança: o caso da pronúncia do S pós-vocálico. In: *ABRALIN*. Associação Brasileira de Linguística, n. 11, junho de 1991.

SILVA e SOUZA, Luiz Antonio da. *Memória sobre o descobrimento, governo, população e coisas mais notáveis da Capitania de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978 [1812].

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA, Greize Alves da. Consciência sociolinguística em território tocantinense: um estudo com base na teoria das crenças e atitudes linguísticas. In: CAVALCANTE, Márcia Suany; SANTOS, Midian; RIO, Ana Carna; BARBOZA, Tereza. (Orgs.). *Lingua(gem), Discurso e Ensino: concepções teóricas e ressignificações da prática docente*. 1ª ed. Goiânia: América, 2016, p. 103-116.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. *Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SILVA-COSTA, Daniela de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Um estudo etnolinguístico de designativos para “gambá” no Brasil Central: contribuições do Projeto ALiB. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (2): p. 779-792, maio-ago 2012. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1196>>. Acesso em 01 dez. 2016.

THUN, Harald. A dialetologia Pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald. Dialetologia Pluridimensional. Minicurso. *III Cids: Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística*. Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2014.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *INTERNATIONAL CONGRESS OF*

*ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY* (21.: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. (Orgs). Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinâmica. Los montevideanos em Rivera. In: *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Aktendes Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz 21-24.10.1991. Kiel: Westensee-Verlag Kiel, 1996, p. 210-269.

THUN, Harald. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000, p. 185-227.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In. LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Stefan. *Language and Space: language mapping: an international handbook of linguistic variation*. Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co.KG, 2010, p. 506-524.

THUN, Harald; JACQUET, Maria da Gloria Pereira; HARDER, Andreas; MACHUCA, Martín Ramírez; PEEMÖLLER, Johanne. *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico: Sociología. Comentários*. Kiel: Westensee-Verl., 2002.

VENY, Joan. *Introducción a la Dialectologia catalana*. Barcelona: Biblioteca Universitària, 1986.

ZÁGARI, Mário Roberto. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Eduel, 1998. p. 31-77.

## Apêndice A: Questionário linguístico do ALiTETTO

### QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – QFF

1. **PRATELEIRA**  
... aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?
2. **TELEVISÃO**  
... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?
3. **CAIXA**  
Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?
4. **TESOURA**  
... o objeto com que se corta tecido?
5. **CAMINHA (subst.)**  
Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?
6. **TRAVESSEIRO**  
... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?
7. **LUZ**  
Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem \_\_\_\_\_ ?]
8. **LÂMPADA**  
... aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? [Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?]
9. **ELÉTRICO**  
Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa?
10. **TORNEIRA**  
... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?
11. **FECHA**  
Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, \_\_\_\_\_ a porta.
12. **FÓSFORO**  
... aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?
13. **PÓLVORA**  
... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem?
14. **VARRER**  
Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (*mímica*)?
15. **ALMOÇO**  
... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?
16. **RUIM**

Uma comida pode estar boa ou \_\_\_\_\_.

17. **ARROZ**  
... o que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?
18. **GORDURA**  
A carne do porco não é magra porque tem \_\_\_\_\_.
19. **GRELHA**  
... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.?
20. **PENEIRA**  
... aquele objeto que se usa na cozinha para passar (*mímica*) farinha?
21. **COLHER** (subst.)  
A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]
22. **LIQUIDIFICADOR / LIQUIDIFICADOR**  
... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?
23. **FERVENDO**  
Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?
24. **CEBOLA**  
... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?
25. **TOMATE**  
... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
26. **CASCA**  
Para comer uma banana, o que é que se tira?
27. **ABÓBORA**  
... aquilo que dá no chão, grande (*mímica*), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce?
28. **BONITO**  
Qual o contrário de feio?
29. **ROSA**  
... aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho?
30. **ÁRVORE**  
O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?
31. **PLANTA**  
Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem \_\_\_\_\_?]
32. **MONTAR**  
Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (*mímica*)?
33. **ABELHA**  
... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colmeias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?
34. **BORBOLETA**  
... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

35. **TEIA**  
... aquilo que a aranha faz nas paredes?
36. **PEIXE**  
O que é que se pesca nos rios, no mar? Explorar os tipos de peixe.
37. **CANOA**  
... uma embarcação feita de madeira ou de tronco de árvore, utilizada para a navegação em rios, principalmente por índios, por pessoas que moram em lugares próximos de rios?
38. **NOITE**  
Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a \_\_\_\_\_?
39. **DIA**  
E depois da noite, o que é que vem?
40. **SOL**  
... aquilo que brilha no céu, de dia?
41. **AMANHÃ**  
... o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje se deixa para acabar \_\_\_\_\_.]
42. **CALOR**  
No inverno faz frio. E no verão?
43. **TARDE**  
Qual é o contrário de cedo?
44. **TRÊS**  
O que é que vem depois do dois?
45. **DEZ**  
O que é que vem depois do nove?
46. **CATORZE / QUATORZE**  
O que é que vem depois do treze?
47. **NÚMERO**  
Quatorze não é uma letra, é o quê?
48. **ESTRADA**  
Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?
49. **POÇA**  
... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?
50. **DESVIO**  
Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?
51. **PLACA**  
O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos pára-choques dos carros para identificar, uma coisa assim (*mímica*), com números?]
52. **BICICLETA**  
... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?
53. **PNEU**  
... aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?

54. **VIDRO**  
De que material são feitas as janelas, os pára-brisas dos carros?
55. **SEGURO**  
Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?
56. **PASSAGEM**  
Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?
57. **MUITO**  
Qual é o contrário de pouco?
58. **TRABALHAR**  
Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?
59. **EMPREGO**  
Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê? [Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o \_\_\_\_\_?]
60. **ESCOLA**  
Onde as crianças vão para aprender a ler?
61. **COLEGAS**  
O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?
62. **BORRACHA**  
... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?
63. **RASGAR**  
Fazer assim (*mímica*) em um papel é \_\_\_\_\_?
64. **PERNAMBUCANO**  
Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?
65. **CALÇÃO**  
Os jogadores de futebol aqui (*apontar*) usam camiseta. E aqui (*apontar*) o que é que usam?
66. **UNIÃO**  
Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o quê? [Há um ditado que diz: Onde há \_\_\_\_\_, há força.]
67. **ADVOGADO**  
Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?
68. **PEGO**  
Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o(a) senhor(a) diz: O ladrão foi \_\_\_\_\_ pela polícia.
69. **CERTO**  
Qual o contrário de errado?
70. **PROCISSÃO**  
Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?
71. **PECADO**  
Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?

72. **PERDÃO**  
Quando se comete uma falta grave, o que é se pede a Deus?
73. **DENTE**  
E isto? *Apontar.*
74. **PEITO**  
Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do...?]
75. **CORAÇÃO**  
Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?
76. **COSTAS**  
Aqui (*mostrar*) é a frente, e aqui (*mostrar*)?
77. **UMBIGO**  
... aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?
78. **JOELHO**  
... esta parte? *Apontar.*
79. **CASPA**  
... uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?
80. **BANHO**  
Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?
81. **DESMAIO**  
Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?
82. **HOMEM**  
Adão foi o primeiro \_\_\_\_\_?
83. **MULHER**  
E Eva foi a primeira \_\_\_\_\_?
84. **FAMÍLIA**  
Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?
85. **TIO**  
O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?
86. **ALTA**  
O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm, 2 metros?
87. **BAIXA**  
Qual é o contrário de alta?
88. **LOURA**  
A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros, dourados, amarelados?
89. **VOZ**  
Uma pessoa que canta bem se diz que ela tem uma boa \_\_\_\_\_?
90. **DOIDO**

Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?

91. **VELHO**  
Um sapato que não é novo é \_\_\_\_\_?
92. **BRAGUILHA**  
... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a...?]
93. **ANEL**  
O que é que se usa aqui no dedo? *Ou apontar.*
94. **PERFUME**  
O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?
95. **BEIJAR**  
Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (*mímica*)?
96. **DORMINDO**  
A pessoa que não está acordada, está \_\_\_\_\_ (*mímica*)?
97. **ASSOBIO**  
Como se chama isto? *Assobiar.*
98. **PERDIDA**  
Quando não se acha uma coisa, ela fica \_\_\_\_\_?
99. **ENCONTRAR**  
Quando se perde uma coisa, se vai procurar até \_\_\_\_\_?
100. **PERGUNTAR**  
Quando se quer saber uma coisa, se vai \_\_\_\_\_?
101. **SAIR**  
Qual é o contrário de entrar?
102. **BARULHO**  
Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça \_\_\_\_\_, para ela não acordar.
103. **PAZ**  
Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em \_\_\_\_\_.
104. **MESMA**  
Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa \_\_\_\_\_ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a \_\_\_\_\_ sogra.] [Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a \_\_\_\_\_ roupa.]
105. **ESQUERDO**  
Este lado é o direito e este (*mostrar*)?

**QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL – QSL**

**ACIDENTES GEOGRÁFICOS**

1. CÓRREGO / RIACHO  
... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?
2. PINGUELA  
... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um \_\_\_\_\_ (cf. item 1)?
3. FOZ  
... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?
4. REDEMOINHO (DE ÁGUA)  
Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?
5. ONDA DE MAR  
... o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.*
6. ONDA DE RIO/BANZEIRO  
... o movimento da água do rio? *Idem item 5.*

**FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS**

7. REDEMOINHO (DO VENTO)  
... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?
8. RELÂMPAGO  
... um clarão que surge no céu em dias de chuva?
9. RAIOS  
... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?
10. TROVÃO  
... o barulho forte que se escuta logo depois de um... (cf. item 9)?
11. TEMPORAL / TEMPESTADE / VENDAVAL  
... uma chuva com vento forte que vem de repente?
12. TROMBA D'ÁGUA  
... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?
13. CHUVA FORTE  
... uma chuva forte e contínua?
14. CHUVA DE PEDRA  
Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?
15. ARCO-ÍRIS  
Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nomes dão a essa faixa?

16. GAROA  
... uma chuva bem fininha?
17. TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA  
Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?
18. ORVALHO / SERENO  
De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?
19. NEVOEIRO / CERRAÇÃO / NEBLINA  
Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

### ASTROS E TEMPO

20. ESTRELA MATUTINA / VÊNUS / ESTRELA DA MANHÃ / ESTRELA-D'ALVA  
De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?
21. ESTRELA VESPERTINA / VÊNUS / ESTRELA DA TARDE  
De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?
22. ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO  
De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?
23. VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO  
Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

### ATIVIDADES AGROPASTORIS

24. TANGERINA/PONCA/MEXERICA  
... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?  
*PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.*
25. PINHA/ATA/FRUTA DO CONDE/ARATICUM/ATA  
... Uma fruta que tem a casca verde, cheia de gominhos; abre-se com a mão e chupa a semente? *Mostrar a foto.*
26. PENCA  
... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?
27. BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS  
... duas bananas que nascem grudadas?

28. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO  
... a ponta roxa no cacho da banana?
29. SOCA / TOUCEIRA  
Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?
30. VAGEM DO FEIJÃO / BAINHA  
Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?
31. MANDIOCA / AIPIM/ MACAXERA  
... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?
32. MANDIOCA BRAVA  
... uma raiz parecida com \_\_\_\_\_ (cf. item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?
33. CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA  
... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?
34. HASTES DO CARRINHO DE MÃO  
... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o (a) \_\_\_\_\_ (cf. item 52)?
35. CANGALHA / FORQUILHA  
... a armação de madeira, em forma de forquilha (*mímica*) que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro / bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem a cerca?
36. CANGALHA  
... a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?  
*Mostrar gravura.*
37. CANGA  
... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? *Mostrar gravura.*
38. JACÁ / BALAIO  
... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?
39. CAPIM DOURADO  
Como se chama aquele fio que tem no Jalapão e serve para fazer brincos, cestas, mandalas?
40. BOLSA / BRUACA  
E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?  
*Mostrar gravura.*
41. BOROCA/ MALAS  
Quando você vai viajar, você tem que arrumar o quê?
42. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA/PEÃO/BOIA FRIA  
... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?
43. PICADA / ATALHO ESTREITO  
O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?
44. TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA  
... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?
45. ACEIRO

E quando você precisa limpar uma roça e colocar fogo, você faz o que para o fogo não se espalhar?

### FAUNA

46. URUBU  
... a ave preta que come animal morto, podre?
47. COLIBRI / BEIJA-FLOR  
... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?
48. JOÃO-DE-BARRO  
... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?
49. GALINHA-D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR  
... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?
50. PAPAGAIO  
... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?
51. SURA  
... uma galinha sem rabo?
52. COTÓ  
... um cachorro de rabo cortado?
53. GAMBÁ  
... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?
54. PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO/MÃO  
O cavalo para andar usa quatro... Como chamam as da frente?
55. CRINA DO PESCOÇO  
... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?
56. CRINA DA CAUDA  
... o cabelo comprido na traseira do cavalo?
57. LOMBO  
... a parte do cavalo onde vai a sela?
58. ANCA / GARUPA / CADEIRA  
... a parte larga atrás do cavalo?
59. CHIFRE  
O que o boi tem na cabeça?
60. BOI SEM CHIFRE  
... o boi sem \_\_\_\_\_(cf. item 59)?
61. ÚBERE  
Em que parte da vaca fica o leite?
62. MANCO  
... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?
63. MOSCA VAREJEIRA  
... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

64. SANGUESSUGA  
... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (*cf. item 1*)?
65. LIBÉLULA/JACINTA/LAVA BUNDA/AVIÃOZINHO  
... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?
66. BICHO DE FRUTA  
... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?
67. CORÓ  
... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?
68. PERNILONGO/MURIÇOCA  
... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.*

### CORPO HUMANO

69. PÁLPEBRAS / CAPELA DOS OLHOS  
... esta parte que cobre o olho? *Apontar.*
70. CEGO DE UM OLHO  
... a pessoa que só enxerga com um olho?
71. VESGO  
... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto dos dedos.*
72. MÍOPE  
... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?
73. TERÇOL / VIÚVA  
... a bolinha que nasce na em cima do olho, fica vermelha e incha?
74. CONJUNTIVITE / DOR D'OLHOS  
... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?
75. CATARATA  
... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?
76. DENTES CANINOS / DENTE QUEIRO  
... esses dois dentes pontudos? *Apontar.*
77. DENTES DO SISO  
... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?
78. DENTES MOLARES  
... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_\_ (*cf. item 77*)? *Apontar.*
79. DESDENTADO / BANGUELA  
... a pessoa que não tem dentes?
80. FANHOSO / FANHO  
... a pessoa que parece falar pelo nariz? *Imitar.*

81. MELECA / TATU  
... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?
82. SOLUÇO  
...este barulhinho que se faz? *Soluçar.*
83. POMO-DE-ADÃO / GOGÓ  
... esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar?*
84. CLAVÍCULA  
... o osso que vai do pescoço até o ombro? *Apontar?*
85. CORCUNDA  
... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)?
86. AXILA  
... esta parte aqui? *Apontar.*
87. CHEIRO NAS AXILAS  
... o mau cheiro embaixo dos braços?
88. VOMITAR  
Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?
89. ÚTERO  
... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?
90. PERNETA  
... a pessoa que não tem uma perna?
91. MANCO  
... a pessoa que puxa de uma perna?
92. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS  
... a pessoa de pernas curvas? *Mímica.*
93. RÓTULA / PATACA  
... o osso redondo que fica na frente do joelho?
94. TORNOZELO/MACAÚBA/OSSINHO  
... isto? *Apontar.*
95. CALCANHAR  
... isto? *Apontar.*

#### CICLOS DA VIDA

96. MENSTRUAÇÃO  
As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?
97. AMA-DE-LEITE  
Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?
98. FILHO ADOTIVO/  
... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

99. FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA  
... o filho que nasceu por último?
100. MENINO / GURI / PIÁ  
Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?
101. MENINA  
E se for do sexo feminino, como se chama?
102. FINADO / FALECIDO  
Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

### CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

103. PESSOA TAGARELA  
... a pessoa que fala demais?
104. PESSOA POUCO INTELIGENTE  
... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?
105. PESSOA SOVINA  
... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?
106. MAU PAGADOR  
... a pessoa que deixa suas contas penduradas?
107. PIRIGUETE  
Como se chama a pessoa que é muito oferecida, assanhada?
108. SALIENTE  
Como se chama aquela pessoa que gosta de chamar a atenção?
109. EMFARENTA  
Como se chama aquela pessoa chata?
110. LADINO  
Como se chama aquela pessoa (ou a criança) que é muito esperta?
111. MARIDO ENGANADO  
... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?
112. PROSTITUTA  
... a mulher que se vende para qualquer homem?
113. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)  
Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?
114. BROCADO  
Quando a pessoa está com fome, se diz que ela está...?
115. CIGARRO DE PALHA/PORRONCA  
Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

116. TOCO DE CIGARRO/GUIMBA/BAGANA  
... o resto do cigarro que se joga fora?

### RELIGIÃO E CRENÇAS

117. DIABO  
Deus está no céu e no inferno está...?
118. CEMITÉRIO/CAMPO SANTO  
Como se chama aquele lugar onde enterramos os mortos?
119. FANTASMA/VISAGEM/LIVUSIA  
O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

### JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

120. CAMBALHOTA  
... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? *Mímica.*
121. BOLINHA DE GUDE  
... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
122. ESTILINGUE / ATIRADEIRA / SETRA / BADOGUE  
... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?
123. PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA  
... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
124. PIPA  
E um brinquedo parecido com o (a) \_\_\_\_\_ (*cf. item 158*), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
125. ESCONDE-ESCONDE  
... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
126. CABRA-CEGA  
... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
127. PEGA-PEGA  
... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
128. FERROLHO / SALVA / PICULA / PIQUE  
... esse ponto combinado?
129. GANGORRA  
... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?  
*Mímica.*
130. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?  
*Mímica.*

131. AMARELINHA  
... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?  
*SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA*
132. CAIR NO POÇO  
... a brincadeira em que várias crianças participam, uma delas é vendada. As crianças cantam uma música e a criança com os olhos vendados aponta para uma outra criança. Todos perguntam “Pera, uva, maçã ou salada mista?” e a criança com os olhos vendados deve dar um aperto de mão, um abraço ou um beijo na criança escolhida.

### HABITAÇÃO

133. VASO SANITÁRIO / PATENTE  
Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?
134. FULIGEM  
... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?
135. BORRALHO  
... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?
136. ISQUEIRO / BINGA  
Para acender cigarro, se usa fósforo ou \_\_\_\_\_?

### ALIMENTAÇÃO E COZINHA

137. CAFÉ DA MANHÃ  
... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?
138. GELÉIA  
... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?
139. CARNE MOÍDA  
... a carne depois de triturada na máquina?
140. CURAU / CANJICA  
... uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?
141. CURAU  
E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que se chama?  
*PEDIR PARA DESCREVER COMO SE FAZ.*
142. MUNGUNZÁ / CANJICA  
... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?
143. ARROZ DE LEITE/ARROZ DOCE  
Doce feito com arroz, leite e açúcar?
144. AGUARDENTE

- ... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?
145. BALA / CONFEITO / BOMBOM  
... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar. PEDIR PARA DESCRIVER.*
146. PÃO FRANCÊS  
... isto? *Mostrar.* Como se pede? “Me dá...”?
147. PÃO BENGALA  
... isto? *Mostrar.* Como se pede? “Me dá...”?
148. GELADINHO/GELINHO/SACOLÉ  
Como se chama o um tipo de sorvete, feito com leite e frutas que a gente coloca em saquinho?
149. MANGULÃO  
Como se chama aquilo que a gente faz com polvilho, coloca-se para assar em uma forma de pudim; é salgado e a gente come acompanhado com café?
150. CARNE SERENADA/ CARNE DE SERENO  
Como se chama aquela carne que a gente coloca para secar no varal à noite?
151. ARROZ SIRIGADO/MARIA ISABEL/CARRETEIRO  
A comida feita com arroz, junto com carne de sol, cortada em tiras?
152. ARROZ CASADO/BAIÃO DE DOIS  
Como se chama a comida que o arroz é cozido junto com o feijão?
153. QUIBEBE/PINICADO DE ABÓBORA  
Como se chama a comida feita com abóbora cortada em pedaços pequenos com carne de sol ou carne fresca?
154. FRANGO AO MOLHO PARDO  
Como se chama a comida feita com sangue do frango caipira?
155. GALINHADA  
Como se chama a comida feita com galinha e pequi?
156. FAROFA/FRITO/PAÇOCA (ARAÚJO, 2014)  
...comida feita com carne frita e farinha (que às vezes é levada para viagem)? *Pedir a descrição de como se faz.*
157. VITAMINA/SUCO/ SEBEREBA/BURUNDANGA (ARAÚJO, 2014)  
...líquido que é preparado com buriti e água; (é batido no liquidificador.)?
158. CHAMBARI/CHAMBARIL (ARAÚJO, 2014)  
...tipo de cozido feito com a perna do gado; come-se com arroz?

### VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

159. SUTIÃ  
... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?
160. CUECA  
... roupa que o homem usa debaixo da calça?
161. CALCINHA

- ... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?
162. ROUGE  
... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?
163. GRAMPO (COM PRESSÃO) / RAMONA / MISSE  
... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.*
164. DIADEMA / ARCO / TIARA  
... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos?  
*Mímica.*

### VIDA URBANA

165. SINALEIRO / SEMÁFORO / SINAL  
Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?
166. LOMBADA / QUEBRA-MOLAS  
... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?
167. CALÇADA / PASSEIO  
Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?
168. ROTATÓRIA / RÓTULA  
... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?
169. LOTE / TERRENO / DATA  
... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?
170. BODEGA / BAR / BOTECO  
... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber \_\_\_\_\_ (*cf. item 182*) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

## QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO – QMS

### ARTIGO

#### Artigo diante de Nome Próprio

1. Tem filhos / irmãos? Como se chamam? O que eles fazem? Poderia dizer o nome de alguns amigos, vizinhos? Com quem costuma falar mais?

### PRONOME

#### Pronomes Pessoais

2. TU / VOCÊ sujeito  
Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?

3. TU / VOCÊ / A GENTE indeterminado  
Conhece alguma simpatia (para tirar verruga)? [Conhece alguma receita de uma comida típica daqui?]  
[Como se faz aqui para ganhar o próprio sustento?]
4. NÓS / A GENTE  
O que vocês fazem no fim de semana?

## VERBO

### Concordância Verbal

5. Como era esta cidade, antigamente, em termos de festas? [Antigamente, esta cidade era mais desenvolvida? Por quê?]  
**TER / HAVER em sentido existencial**

## ADVÉRBIO

### Colocação do NÃO em respostas negativas

6. Você / o(a) senhor(a) sabe se tem vida em outro planeta / na lua?
7. Você / o(a) senhor(a) já viu disco voador, não é?
8. Você / o(a) senhor(a) já viajou de avião? Tem medo de viajar de avião?

## Temas para Discursos Semidirigidos

1. **Relato pessoal**  
Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...).
2. **Relato não pessoal**  
Conte um caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.).
3. **Lenda**  
Conhece alguma lenda típica da região? (*Exemplos: Negro d'água, Mulher da estrada, Boiúna, Pé de Garrafa, ouro enterrado, etc*)

## CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

1. Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em \_\_\_\_\_ (*citar a cidade onde está*)? *Se houver, identificar os grupos "que falam diferente". Exemplos?*
3. Esses modos de falar são feios ou bonitos?
4. Qual é a mais bonita?
5. E a mais feia?
6. Como você acha que o tocaninense fala?
7. E as pessoas que vieram de outros lugares e moram aqui, como eles falam?
8. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de \_\_\_\_\_ (*citar a cidade onde está*)? Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
9. No passado, falavam diferente aqui? Seus avós/pais, falam diferente de você?

#### **AUTORIZAÇÃO**

Gostaria de agradecer pela sua ajuda. Posso utilizar as respostas em meu trabalho?



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

GREIZE ALVES DA SILVA

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO  
DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)**

**(VOLUME II – CARTAS LINGUÍSTICAS)**

---

Londrina  
2018

GREIZE ALVES DA SILVA

**ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO  
DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)**

**(VOLUME II – CARTAS LINGUÍSTICAS)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanderci de Andrade Aguilera.

Londrina  
2018

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 42</b> - Rede de pontos do ALiTTETO .....	238
<b>Quadro 43</b> - Perfil dos Informantes do ALiTTETO .....	239
<b>Quadro 44</b> - Características dos informantes.....	240
<b>Quadro 45</b> - Símbolos fonéticos utilizados no ALiTTETO .....	245
<b>Quadro 46</b> - Questões analisadas que visam averiguar a vogal média /e/ em contexto pretônico.....	246
<b>Quadro 47</b> - Questões analisadas que visam averiguar a vogal média /o/ em contexto pretônico.....	247
<b>Quadro 48</b> - Questões analisadas que visam averiguar a realização do rótico em coda medial .....	248
<b>Quadro 49</b> - Questões analisadas que visam averiguar o rótico em coda final .....	248
<b>Quadro 50</b> - Questões analisadas que visam averiguar a realização do /S/ pós- vocalico .....	249
<b>Quadro 51</b> - Questões lexicais analisadas a partir dos cinco campos semânticos.....	250

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	236
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	237
2.1 REDE DE PONTOS .....	237
2.2 OS INFORMANTES .....	238
2.3 A CARTOGRAFIA.....	244
2.3.1 As cartas fonéticas .....	245
2.3.2 As cartas lexicais .....	249
<b>3 CARTAS INTRODUTÓRIAS</b> .....	251
<b>4 CARTAS FONÉTICAS</b> .....	254
<b>5 CARTAS LEXICAIS</b> .....	343

## APRESENTAÇÃO

Este volume apresenta as cartas oriundas da pesquisa *in loco* em doze localidades do estado do Tocantins e nele estão inseridos o total de 126 cartas, distribuídas entre: (i) quatro introdutórias, que apresentam as microrregiões juntamente com os 132 municípios tocantinenses, a hidrografia, as rodovias e a rede de pontos do atlas; (ii) as cartas fonéticas, no total de 88, que versam a respeito de três fatos fônicos amplamente analisados no português brasileiro – a abertura das vogais médias em posição pretônica, os róticos em coda e o /S/ pós-vocálico; e (iii) as cartas lexicais que são representadas por 34 cartogramas, decorrentes de 17 questões.

Como o objetivo do atlas pauta-se no contraponto entre a fala de informantes topoestáticos e topodinâmicos, há a inserção de cartas que apresentam em seu título as letras A e B. As do primeiro tipo são puramente diatópicas, não havendo distinção entre os grupos de informantes; essa evidenciação coube às cartas do perfil B, que demonstram os esquemas representativos das respostas dos informantes nascidos e estabelecidos nas cidades de pesquisa e a dos falantes procedentes de deslocamentos ou migrações.

Apresentamos a seguir um pequeno relato do processo metodológico que originou o presente tomo, tais como: a rede de pontos, os informantes, a cartografia para, em seguida, apresentarmos as cartas linguísticas. As análises decorrentes dos cartogramas deste volume estão inseridas no Tomo I da tese.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

O ALITTETO seguiu os passos fornecidos pela Dialectologia Pluridimensional e Relacional, cujo contraponto de análise advém de dois grupos de informantes: os topoestáticos, nascidos e estabelecidos nas localidades selecionadas, e os topodinâmicos, grupos procedentes de deslocamentos ou migrações, ou seja, que não sejam nativos daquela cidade especificamente. Ao considerarmos esse universo plural, coube a triagem da rede de pontos, o perfil dos informantes e a cartografia indicar as minúcias da coexistência dos diferentes grupos dentro do Tocantins.

### 2.1 REDE DE PONTOS

A composição das localidades seguiu dois critérios de seleção: histórico-social e político-geográfico. O primeiro tentou estabelecer as principais cidades que compuseram o antigo norte de Goiás. São localidades que funcionaram como arraiais ou entrepostos comerciais, mas, atualmente, apresentam pouca densidade demográfica, posto que, em sua maioria, situam-se à leste do rio Tocantins e longe das margens da rodovia Transbrasiliana. Com a finalidade de contemplar outras realidades, inserimos o critério político-geográfico.

Nesse segundo direcionamento, elencamos os municípios com maior representatividade econômica para o Estado, o que também culminou em cidades com maiores contingentes populacionais. Além disso, foi necessário recobrir os pontos limítrofes com as seis unidades federativas que estabelecem fronteira com o Tocantins: Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Mato Grosso e Goiás, de quem foi desmembrado em 1988. Dessa forma, estabelecemos o total de 12 pontos de entrevista distribuídos pelas oito microrregiões estaduais. As cidades de inquérito são:

**Quadro 42 - Rede de pontos do ALiTTETO**

<b>Nº</b>	<b>Localidade</b>	<b>Nº</b>	<b>Localidade</b>
<b>01</b>	Araguatins	<b>07</b>	Porto Nacional
<b>02</b>	Tocantinópolis	<b>08</b>	Mateiros
<b>03</b>	Araguaína	<b>09</b>	Gurupi
<b>04</b>	Araguacema	<b>10</b>	Formoso do Araguaia
<b>05</b>	Pedro Afonso	<b>11</b>	Natividade
<b>06</b>	Palmas	<b>12</b>	Paraná

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

A pesquisa de campo foi realizada no ano de 2015, com o auxílio de mais três inquiridores: Bruna Lorrynne Dias Menezes, Tassita Kamassagre Ferreira Alves e Kleiton Araújo, as duas primeiras bolsistas de iniciação científica, da Universidade Federal do Tocantins, e o último graduado em Letras pela mesma universidade. Aproximadamente, percorremos cinco mil quilômetros dentro do espaço tocantinense, o que gerou em torno de nove mil horas de gravação.

## 2.2 OS INFORMANTES

Foram entrevistados dois grupos de informantes por localidade: os nascidos e fixos nas cidades de pesquisa, cujos pais também são oriundos daquela localidade, os topoestáticos; e informantes procedentes de migrações estaduais ou de deslocamentos dentro do próprio estado, mas que habitam o local a mais de 10 anos, os topodinâmicos. Além dessa variável, controlamos a idade e o gênero/sexo dos informantes, convencionando o número de oito informantes por cidade, o que nos forneceu o total de 96 entrevistados, conforme distribuição no quadro a seguir

**Quadro 43 - Perfil dos informantes do ALiTTETO**

Nº	Sexo/gênero	Idade	Mobilidade
1	Homem	18 a 30	Topoestático
2	Mulher	18 a 30	Topoestático
3	Homem	50 a 65	Topoestático
4	Mulher	50 a 65	Topoestático
5	Homem	18 a 30	Topodinâmico
6	Mulher	18 a 30	Topodinâmico
7	Homem	50 a 65	Topodinâmico
8	Mulher	50 a 65	Topodinâmico

**Fonte:** Elaborado pela autora, adaptado a partir Thun (1998a, p. 379) e de Cuba (2015, p. 103)

Os informantes topodinâmicos, 37,5%, são oriundos de deslocamentos internos dentro do próprio território; apresentam características transmigratórias, ou seja, mudaram-se, ao longo de sua vida, mais de uma vez, para diferentes microrregiões. Por seu turno, os entrevistados advindos de outros estados são representados principalmente por maranhenses (16,7%) e por goianos (8,3%), unidades fronteiriças ao Tocantins. Há ainda, embora com pouca representatividade, informantes procedentes de outros 11 Estados: Ceará, Paraíba, Minas Gerais, Pará, Piauí, Bahia, Brasília, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

**Quadro 44 - Características dos informantes**

Perfil	Iniciais do informante	Naturalidade (cidade)	UF	UF da mãe	UF do pai	UF do cônjuge	Profissão
<b>01 - Araguatins</b>							
01	J.W.L.M	Araguatins	TO	TO	TO	PA	Jardineiro
02	M.P.S	Araguatins	TO	MA	CE	-	Serviços gerais
03	L.R.L	Araguatins	TO	MA	PI	PA	Funcionário Público
04	M.L.F.O	Marabá	PA	-	-	-	Serviços gerais
05	J.F.S.M	Açailândia	MA	TO	MA	-	Recepcionista
06	S.B.S	Poço Redondo	CE	CE	Al	-	Comerciante
07	B.S.N	Barro Alto	GO	MG	MG	TO	Motorista
08	M.F.D.R	Bom Jesus	PI	PI	PI	TO	Gari
<b>02 - Tocantinópolis</b>							
01	M.G.R	Tocantinópolis	TO	TO	TO	-	Serviços gerais
02	R.P.C	Tocantinópolis	TO	TO	TO	-	Atendente
03	E.A.F	Tocantinópolis	TO	MA	CE	TO	Vigilante
04	L.F.B.R	Tocantinópolis	TO	MA	TO	MA	Serviços gerais
05	C.M.S.G.S	Areia	PB	PB	PB	TO	Motorista
06	E.O.M.A	-	MA	MA	MA	-	Cozinheira
07	R.E.S	Brejo Paraibano	MA	MA	PI	MA	Comerciante
08	M.S.S.G	Areia	PB	PB	PB	-	Encarregada
<b>03 - Araguaína</b>							
01	P.H.M.S	Araguaína	TO	TO	TO	-	Jardineiro
02	G.S.S	Araguaína	TO	MA	MA	-	Vigilante
03	J.R.A.M	Araguaína	TO	CE	CE		Porteiro

<b>04</b>	I.B.B	Goiatins	TO	MA	MA	-	Copeira
<b>05</b>	M.R.S	Babaçulândia	TO	TO	TO	TO	Vigilante
<b>06</b>	D.P.L	Carolina	MA	MA	MA	MA	Camareira
<b>07</b>	F.A.S	São Miguel do Tapeio	PI	PI	PI	MA	Serviços gerais
<b>08</b>	M.S.A.C	São João dos Patos	MA	MA	MA	TO	Serviços gerais
<b>04 - Araguacema</b>							
<b>01</b>	J.S.P	Araguacema	TO	TO	TO	-	Auxiliar administrativo
<b>02</b>	R.N.G.S	Araguacema	TO	TO	TO	-	-
<b>03</b>	J.B.A	Araguacema	TO	TO	TO	MA	Funcionário público
<b>04</b>	L.G.F	Araguacema	TO	TO	AL	-	Do lar
<b>05</b>	D.F	Dois Irmãos	TO	TO	-	-	Professor de esportes
<b>06</b>	A.M.N.A	Colméia	TO	TO	GO	TO	Funcionária pública
<b>07</b>	D.F.A	São Luiz Montes Belos	GO	MG	MG	TO	Aposentado
<b>08</b>	L.S.P.T	Tapejara	RS	RS	RS	TO	Do lar
<b>05 – Pedro Afonso</b>							
<b>01</b>	C.A.S.S	Pedro Afonso	TO	TO	TO	-	Recepcionista
<b>02</b>	L.C.L.S	Pedro Afonso	TO	TO	-	-	Secretária
<b>03</b>	S.P.L	Pedro Afonso	TO	TO	TO	-	Lavrador
<b>04</b>	I.S.V	Pedro Afonso	TO	MA	PI	TO	Comerciante
<b>05</b>	C.M.F	Porto Nacional	TO	TO	-	TO	Líder de mecanização
<b>06</b>	L.R.M	Porto Nacional	TO	TO	TO	-	-
<b>07</b>	F.N.S	Fortaleza	CE	CE	CE	TO	Armador e pintor
<b>08</b>	E.C.S	Itacajá	TO	TO	-	CE	Do lar
<b>06 - Palmas</b>							

<b>01</b>	L.A.O.L	Palmas	TO	TO	TO	-	Peão de rodeio
<b>02</b>	N.O.S	Palmas	TO	TO	TO	MT	Do lar
<b>03</b>	L.B.O	Palmas	TO	TO	TO	TO	Vigilante
<b>04</b>	T.R.D	Palmas	TO	-	MA	TO	Do lar
<b>05</b>	R.M.S	Araguaína	TO	MA	MA	PI	Frentista
<b>06</b>	V.S.A	Santa Isabel do Araguaia	PA	PA	MA	TO	Do lar
<b>07</b>	M.S.A	Santa Isabel do Araguaia	PA	MA	MA	MA	Do lar
<b>08</b>	S.P.F	Pindorama	TO	TO	TO	TO	Encanador
<b>07 – Porto Nacional</b>							
<b>01</b>	M.B.O	Porto Nacional	TO	TO	TO	-	Auxiliar administrativo
<b>02</b>	L.C.M	Porto Nacional	TO	TO	TO	TO	Secretária
<b>03</b>	F.B.A	Porto Nacional	TO	PA	PI	-	Lavrador
<b>04</b>	M.R.X	Porto Nacional	TO	TO	TO	TO	Doméstica
<b>05</b>	R.T.S	Belo Jardim	PE	PE	PE	-	-
<b>06</b>	C.S.D	Silvanópolis	TO	TO	TO	TO	Do lar
<b>07</b>	D.F.S	Monte do Carmo	TO	TO	TO	TO	Lavrador/pedreiro
<b>08</b>	D.O.N	Brejinho de Nazaré	TO	TO	TO	-	Copeira
<b>08 - Mateiros</b>							
<b>01</b>	R.R.T	Mateiros	TO	BA	TO	-	Estudante
<b>02</b>	A.C.T.S	Mateiros	TO	TO	TO	-	-
<b>03</b>	N.F.L	Mateiros	TO	TO	TO	TO	Lavrador
<b>04</b>	M.R.V.S	Mateiros	TO	TO	TO	-	Comerciante
<b>05</b>	S.L.S	Campos Sales	CE	CE	CE	-	Diarista

<b>06</b>	J.D.S	Alto Paraíba	MA	MA	-	-	Doméstica
<b>07</b>	S.A.C	Rio Claro	MG	MG	MG	PE	Agricultor/padeiro
<b>08</b>	M.M.S.C.S	Ponte Alta	TO	MA	MA	-	Do lar
<b>09 - Gurupi</b>							
<b>01</b>	A.P.L	Gurupi	TO	TO	-	-	Serviços gerais
<b>02</b>	P.S.S	Gurupi	TO	TO	TO	TO	Do lar
<b>03</b>	C.M.S	Gurupi	TO	TO	TO	TO	Jardineiro
<b>04</b>	L.M.S.F	Gurupi	TO	PB	PB	MA	Auxiliar administrativo
<b>05</b>	I.D.D	Brejinho de Nazaré	TO	TO	GO	-	Jardineiro
<b>06</b>	M.G.M.C	Patos	PB	PB	PB	GO	Serviços gerais
<b>07</b>	A.G	Uberaba	MG	SP	MG	TO	-
<b>08</b>	M.S.G	Pium	TO	TO	TO	MG	Costureira
<b>10 – Formoso do Araguaia</b>							
<b>01</b>	B.A.D	Formoso do Araguaia	TO	TO	MG	-	Mecânico
<b>02</b>	L.F.L	Formoso do Araguaia	TO	TO	TO	TO	Professora (creche)
<b>03</b>	J.S.N	Formoso do Araguaia	TO	TO	TO	TO	Funcionário Público
<b>04</b>	J.M.S	Formoso do Araguaia	TO	MA	MA	-	Serviços gerais
<b>05</b>	J.C.S	Sítio Novo	MA	MA	MA	-	Mecânico
<b>06</b>	K.P.S	Sítio Novo	MA	MA	MA	MA	Atendente
<b>07</b>	P.T.S.F	Itaperuna	RJ	MG	MG	BA	Motorista/mecânico
<b>08</b>	J.M.T	Itapitinga	BA	BA	BA	RJ	Serviços gerais
<b>11 - Natividade</b>							
<b>01</b>	W.R.M.S	Natividade	TO	TO	TO	-	Gerente
<b>02</b>	M.R.A.L	Natividade	TO	TO	TO	TO	Agente funerária
<b>03</b>	J.P.R	Natividade	TO	TO	TO	-	Vigia

04	A.B.P.J	Natividade	TO	TO	TO	-	Aposentada
05	M.R.A	Almas	TO	TO	TO	-	Gerente de hotel
06	A.P.R.A	Brasília	DF	TO	-	-	Agente de saúde
07	E.R.F	Ponte Alta	TO	PI	BA	TO	Aposentado
08	M.A.C.M	Almas	TO	TO	TO	-	Aposentada
<b>12 Paranã</b>							
01	L.P.F	Paraná	TO	GO	PE	TO	Açougueiro
02	M.A.C	Paraná	TO	TO	TO	TO	Serviços gerais
03	E.F.R	Paraná	TO	TO	TO	-	Lavrador
04	E.C.L.S	Paraná	TO	TO	TO	-	Lavadora
05	A.A.T	Formosa	GO	MG	MG	-	Lavrador
06	M.R.S	Palmeirópolis	TO	TO	TO	-	Serviços gerais
07	O.P.S	Piracanjuba	GO	GO	GO	-	Motorista
08	T.L.G.S	São Paulo	SP	SP	SP	RO	Comerciante

**Fonte:** Elaboração da autora com os dados do *corpus*, modelo adaptado de Cuba (2015).

### 2.3 A CARTOGRAFIA

A disposição cartográfica do ALiTTETO visa a identificação das variantes por meio de esferas (pizzas) localizadas em cada ponto de inquérito. Optamos por esse esquema com a finalidade de facilitar a interpretação do leitor, posto que em cada localidade é possível auferir a quantidade percentual de variantes obtidas, sejam elas fonéticas ou lexicais.

A configuração de leitura das cartas segue o seguinte padrão: ao lado esquerdo encontra-se o mapa do Tocantins com os 12 pontos de inquérito; ao lado direito há as informações necessárias à leitura completa do cartograma. Na parte superior, após o título do trabalho, alocamos o número da carta acompanhada ora das letras F, de fonética, ora L, que indica tratar-se de carta lexical; em seguida o título da carta. Abaixo está a

legenda com as variantes obtidas para o respectivo questionamento e, por fim, um gráfico com os percentuais das variantes que originaram a carta.

### 2.3.1 As cartas fonéticas

As 88 cartas fonéticas são formuladas a partir de 63 questionamentos aplicados *in loco*. Optamos por inserir nesse volume todas as questões cartografadas individualmente para que o leitor tenha acesso a todos os dados, não apenas à síntese deles. Para as legendas dos cartogramas, trabalhos com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), cujos símbolos usados estão dispostos a seguir:

**Quadro 45 - Símbolos fonéticos utilizados no ALiTTETO**

[ τ ]	Oclusiva alveolar surda	[ ρ ]	Vibrante múltipla	[ λ ]	Lateral alveolar
[ δ ]	Oclusiva alveolar sonora	[ P ]	Tepe	[ λφ ]	Lateral alveolar + semivogal palatal (iode)
[ τʁ ]	Oclusiva alveolar palatalizada surda	[ } ]	Tepe retroflexo	[ λʁ ]	Lateral alveolar palatalizada
[ δʁ ]	Oclusiva alveolar palatalizada sonora	[ ξ ]	Fricativa velar surda ou sonora	[ × ]	Lateral palatal
[ τΣ ]	Africada alveopalatal surda	[ η ]	Fricativa glotal (ou laríngea) surda ou sonora	[ φ ]	Semivogal palatal (iode)
[ δZ ]	Africada alveopalatal sonora	[ O ]	Zero fonético		
[ v ]	Nasal alveolar	[ ɿ ]	Palatal alta	[ I ]	Palatal alta
[ vφ ]	Nasal alveolar + iode	[ ε ]	Palatal média alta	[ ε ]	Palatal média alta
[ vʁ ]	Nasal alveolar palatalizada	[ E ]	Palatal média baixa	[ □ ]	Central média baixa
[ ʃ ]	Nasal palatal	[ α ]	Central baixa	[ o ]	Velar média-alta
[ φ® ]	Iode nasalizado	[ □ ]	Velar média baixa	[ Y ]	Velar alta
[ O ]	Zero fonético	[ o ]	Velar média alta		

Fonte: IPA, adaptado pela autora

Cartografamos as questões que se referem aos seguintes fatos: (i) abertura das vogais médias anteriores e posteriores, em contexto pretônico; (ii) a realização do rótico em coda medial e final e (iii) o /S/ pós-vocálico. Além das cartas específicas que demonstram o contexto de ocorrência do segmento, há a inserção cartogramas do tipo sintético, agrupados em A, representando os índices gerais, independente do grupo de entrevistados, e B demonstrando a arealidade de acordo com o tipo de informante: topoestáticos e topodinâmicos. Sendo assim, após o agrupamento de cada fato analisado, inserimos duas cartas sintéticas (A e B).

As cartas que versam sobre (i) abertura das vogais médias anteriores e posteriores, em contexto pretônico são oriundas dos questionamentos presentes nos Quadros 46 e 47.

**Quadro 46 - Questões analisadas que visam averiguar a vogal média /e/ em contexto pretônico**

Nº	Item	Questionamento	Nº	Item	Questionamento
001	PRAT[E]LEIRA	... aquilo onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?	060	[E]SCOLA	Onde as crianças vão para aprender a ler?
002	T[E]LEVISÃO	... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?	064	P[E]RNAMBUCANO	Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?
004	T[E]SOURA	... o objeto com que se corta tecido?	071	P[E]CADO	Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?
009	[E]LÉTRICO	Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa?	081	D[E]SMAIO	Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?
020	P[E]NEIRA	... aquele objeto que se usa na cozinha para passar farinha?	094	P[E]RFUME	O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?
023	F[E]RVENDO	Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?	098	P[E]RDIDA	Quando não se acha uma coisa, ela fica...?
024	C[E]BOLA	... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?	099	[E]NCONTRAR	Quando se perde uma coisa, se vai procurar até...?
048	[E]STRADA	Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?	100	P[E]RGUNTAR	Quando se quer saber uma coisa, se vai...?
050	D[E]SVIO	Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os	105	[E]SQUERDO	Este lado é o direito e este ( <i>mostrar</i> )?

		carros possam passar?			
055	S E GURO	Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?	024	TANG E RINA	... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?
059	E MPREGO	Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê?	100	M E NINO	Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

**Quadro 47 - Questões analisadas que visam averiguar a vogal média /o/ em contexto pretônico**

Nº	Item	Questionamento	Nº	Item	Questionamento
010	T O RNEIRA	... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?	061	C O LEGA	O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?
018	G O RDURA	A carne do porco não é magra porque tem...?	067	ADV O GADO	Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?
021	C O LHER	A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma?	070	PR O CISSÃO	Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?
025	T O MATE	... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?	075	C O RAÇÃO	Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?
028	B O NITO	Qual o contrário de feio?	078	J O ELHO	... esta parte? <i>Apontar.</i>
032	M O NTAR	Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer?	96	D O RMINDO	A pessoa que não está acordada, está ...?

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

Por seu turno, as cartas que visam demonstrar o (ii) o rótico em coda silábica foram separadas por itens que demonstram essa realização em coda interna, ou seja, no interior da palavra, e coda externa, em final de vocábulo, conforme distribuição nos Quadros seguintes, 48 e 49.

**Quadro 48 - Questões analisadas que visam averiguar a realização do rótico em coda medial**

Nº	Item	Questionamento	Nº	Item	Questionamento
010	TO[R]NEIRA	... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?	046	CATO[R]ZE	O que é que vem depois do treze?
018	GO[R]DURA	A carne do porco não é magra porque tem...?	069	CE[R]TO	Qual o contrário de errado?
023	FE[R]VENDO	Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?	072	PE[R]DÃO	Quando se comete uma falta grave, o que é se pede a Deus?
034	BO[R]BOLETA	... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?	094	PE[R]FUME	O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?
043	TA[R]DE	Qual é o contrário de cedo?	098	PE[R]DIDA	Quando não se acha uma coisa, ela fica...?

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

**Quadro 49 - Questões analisadas que visam averiguar a realização do rótico em coda final**

Nº	Item	Questionamento	Nº	Item	Questionamento
014	VARRE[R]	Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer ( <i>mímica</i> )?	058	TRABALHA[R]	Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?
021	COLHE[R]	A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma?	063	RASGA[R]	Fazer assim ( <i>mímica</i> ) em um papel é...?
022	LIQUIDIFICADO[R]	... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?	095	BEIJA[R]	Dar um abraço é abraçar. E fazer assim ( <i>mímica</i> )?
032	MONTA[R]	Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer?	100	PERGUNTA[R]	Quando se quer saber uma coisa, se vai ...?
042	CALO[R]	No inverno faz frio. E no verão?			

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

O item (iii) o /S/ pós-vocálico compõem-se a partir de análise de nove questões, dispostas no Quadro 50.

**Quadro 50** - Questões analisadas que visam averiguar a realização do /S/ pós-vocálico

Nº	Item	Questionamento	Nº	Item	Questionamento
012	FÓ[S]FORO	... aquilo que se usa ( <i>mímica</i> ) para acender o fogo?	076	CO[S]TAS	Aqui é a frente, e aqui ( <i>mostrar</i> )?
026	CA[S]CA	Para comer uma banana, o que é que se tira?	079	CA[S]PA	... uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?
048	E[S]TRADA	Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?	081	DE[S]MAIO	Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?
050	DE[S]VIO	Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?	104	ME[S]MA	Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa... roupa.
063	RA[S]GAR	Fazer assim em um papel é...?			

Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

### 2.3.2 As cartas lexicais

As cartas são pertencentes ao universo de cinco campos semânticos: *frutas e atividades agropastoris, fauna, corpo humano, jogos e diversões infantis e vestuário e acessórios*, em um total de 17 questões. Para cada questão cartografada há duas cartas, uma introduzida pelas iniciais A: diatópica e a outra pela letra B, que apresentam as respostas dos migrantes e não migrantes concomitantemente.

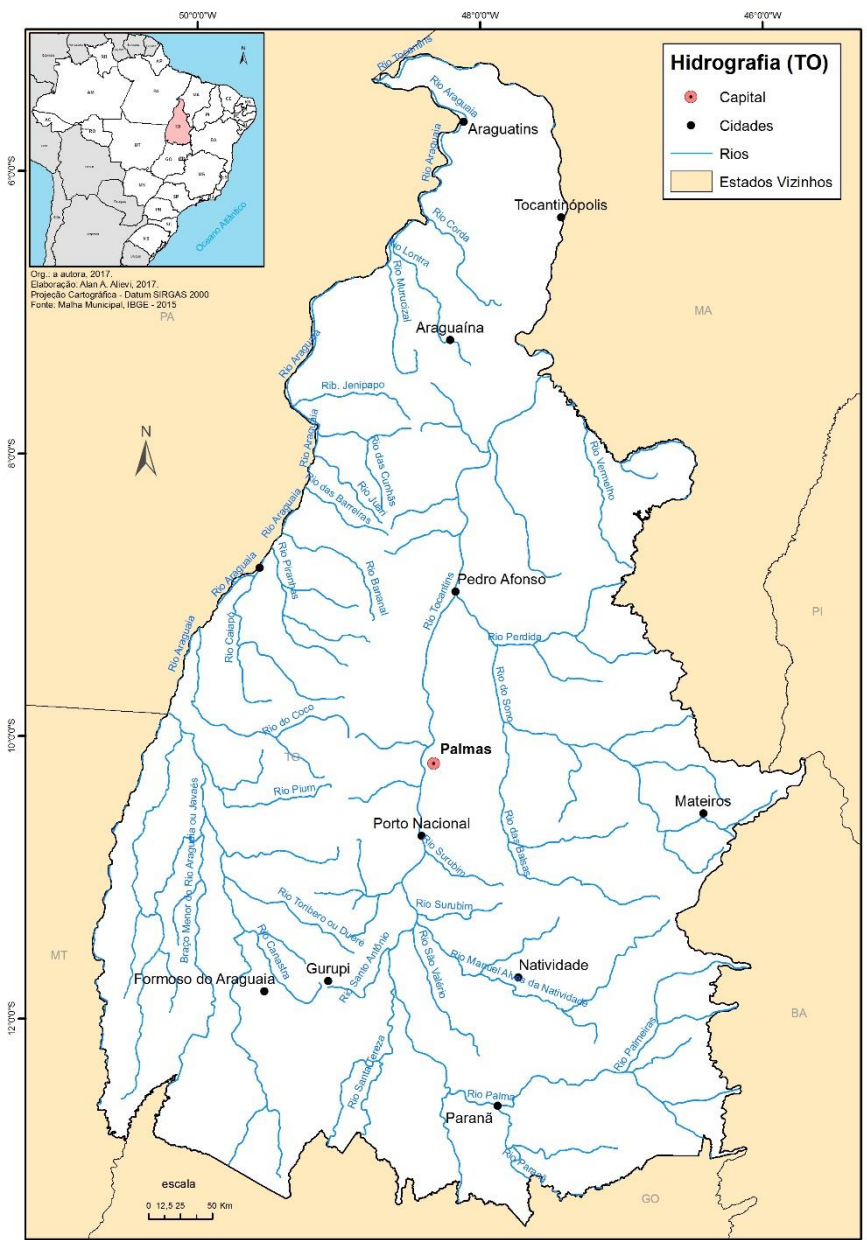
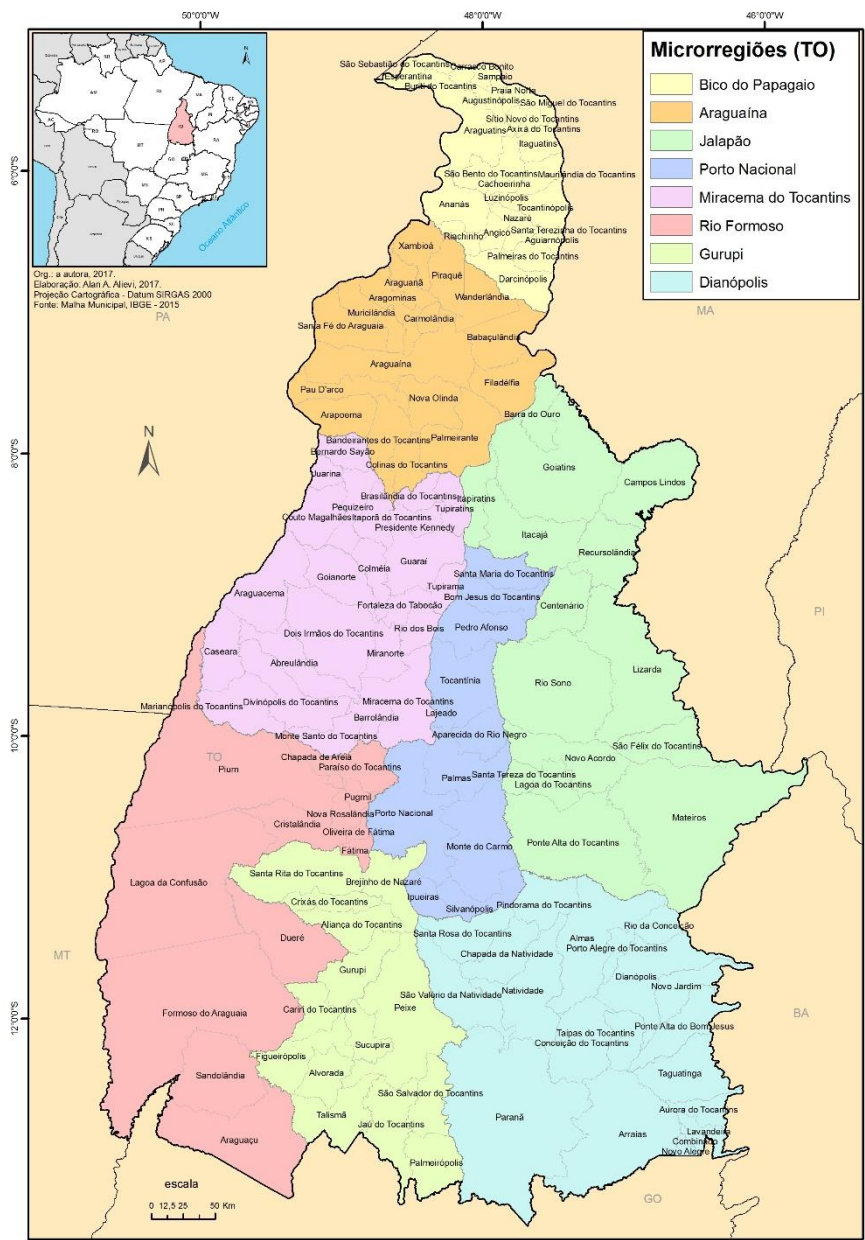
Algumas questões, principalmente as do *corpo humano*, em razão de sua polimorfia, apresentaram alto número de variantes. Nesse caso, com o intuito de não poluir a leitura dos cartogramas, inserimos as menos produtivas na parte esquerda do tomo, fora da carta, juntamente com os comentários metalinguísticos e epilinguísticos dos informantes. As questões de cada campo léxico usadas na cartografia estão dispostas no próximo Quadro.

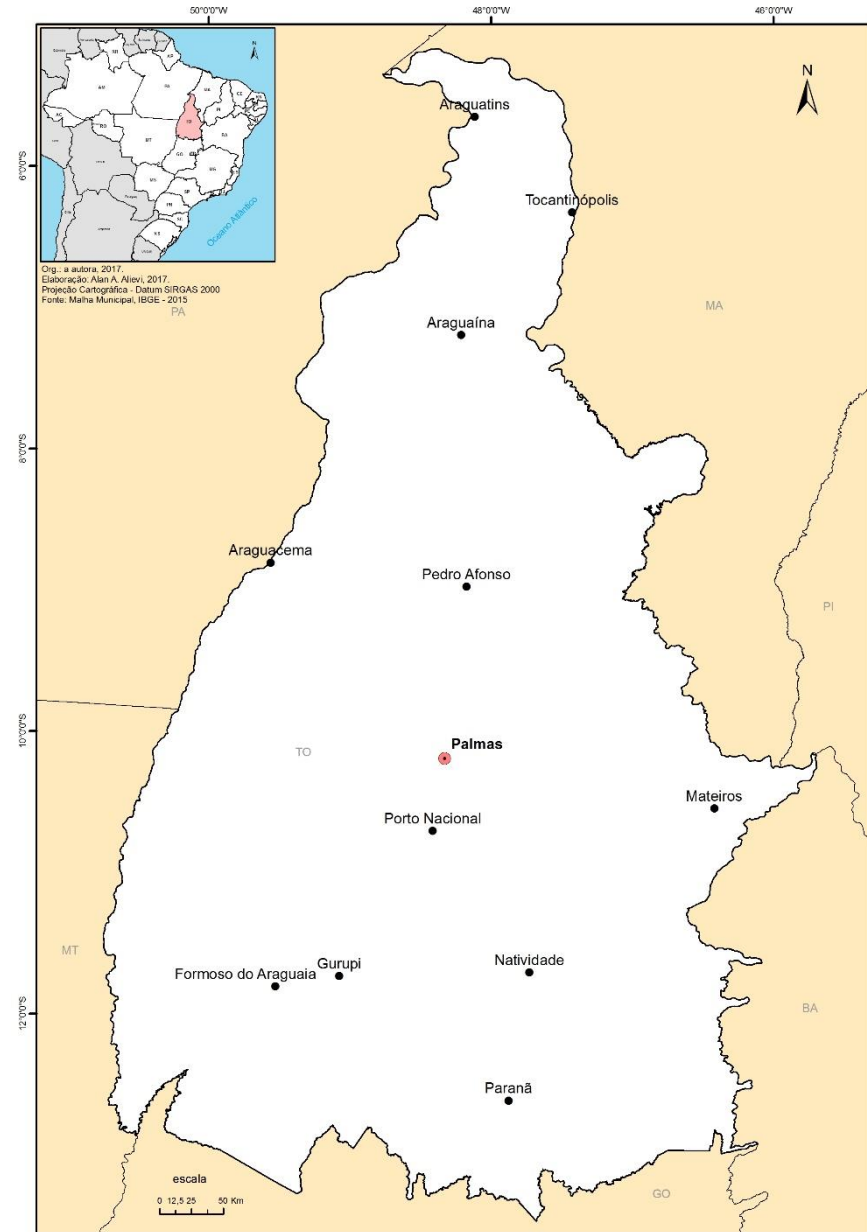
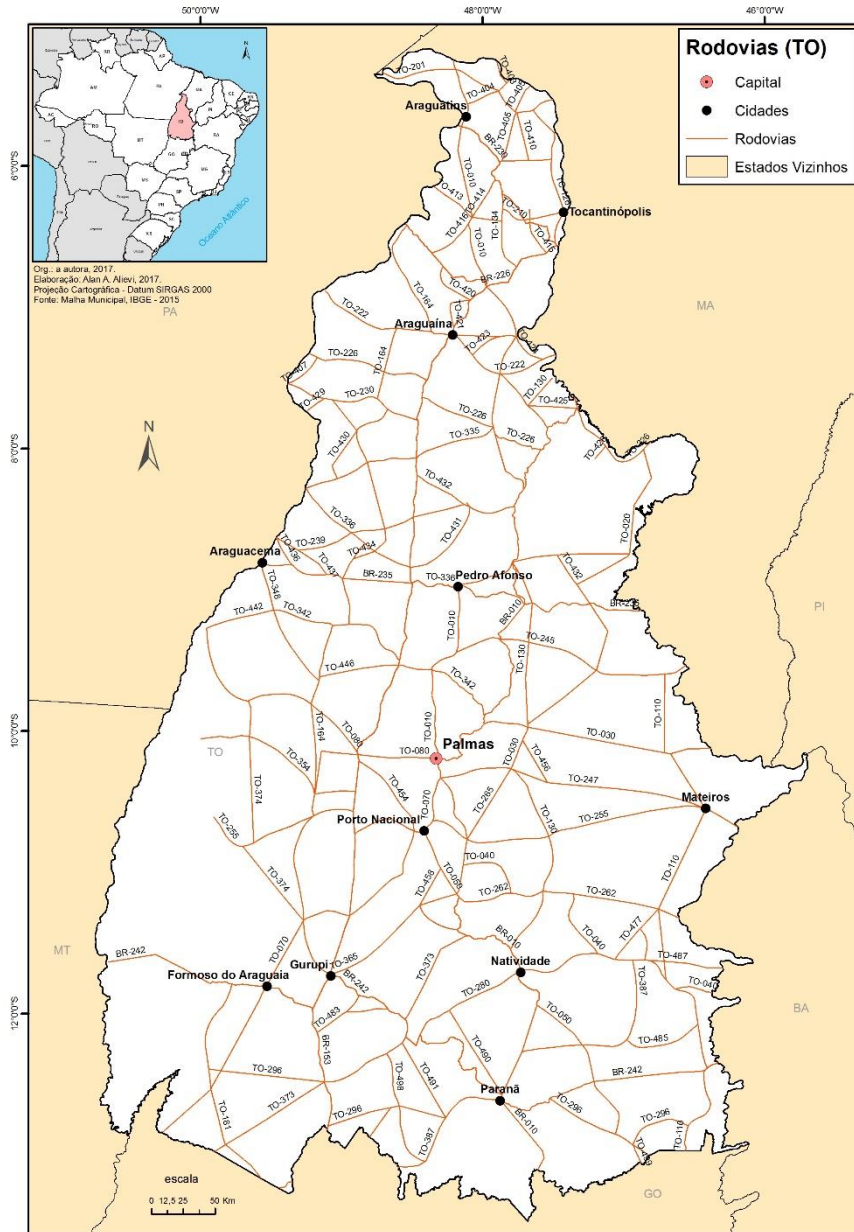
**Quadro 51 - Questões lexicais analisadas a partir dos cinco campos semânticos**

Frutas e Atividades Agropastoris		Fauna	
<b>025</b>	Fruta que tem a casca verde, cheia de gominhos; abre-se com a mão e chupa a semente?	<b>049</b>	... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?
<b>028</b>	... a ponta roxa no cacho da banana?	<b>053</b>	... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?
<b>038</b>	Objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas, no lombo do cavalo ou do burro?	<b>065</b>	... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?
<b>040</b>	Objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?	<b>068</b>	... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?
Corpo Humano		Jogos e diversões infantis	
<b>073</b>	... a bolinha que nasce na em cima do olho, fica vermelha e incha?	<b>131</b>	... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha ( <i>mímica</i> ) e vão pulando com uma perna só?
<b>083</b>	... esta parte alta do pescoço do homem?	Vestuário e Acessórios	
<b>084</b>	... o osso que vai do pescoço até o ombro	<b>159</b>	... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?
<b>093</b>	... o osso redondo que fica na frente do joelho?	<b>163</b>	... um objeto fino de metal, para prender o cabelo?
		<b>164</b>	... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos

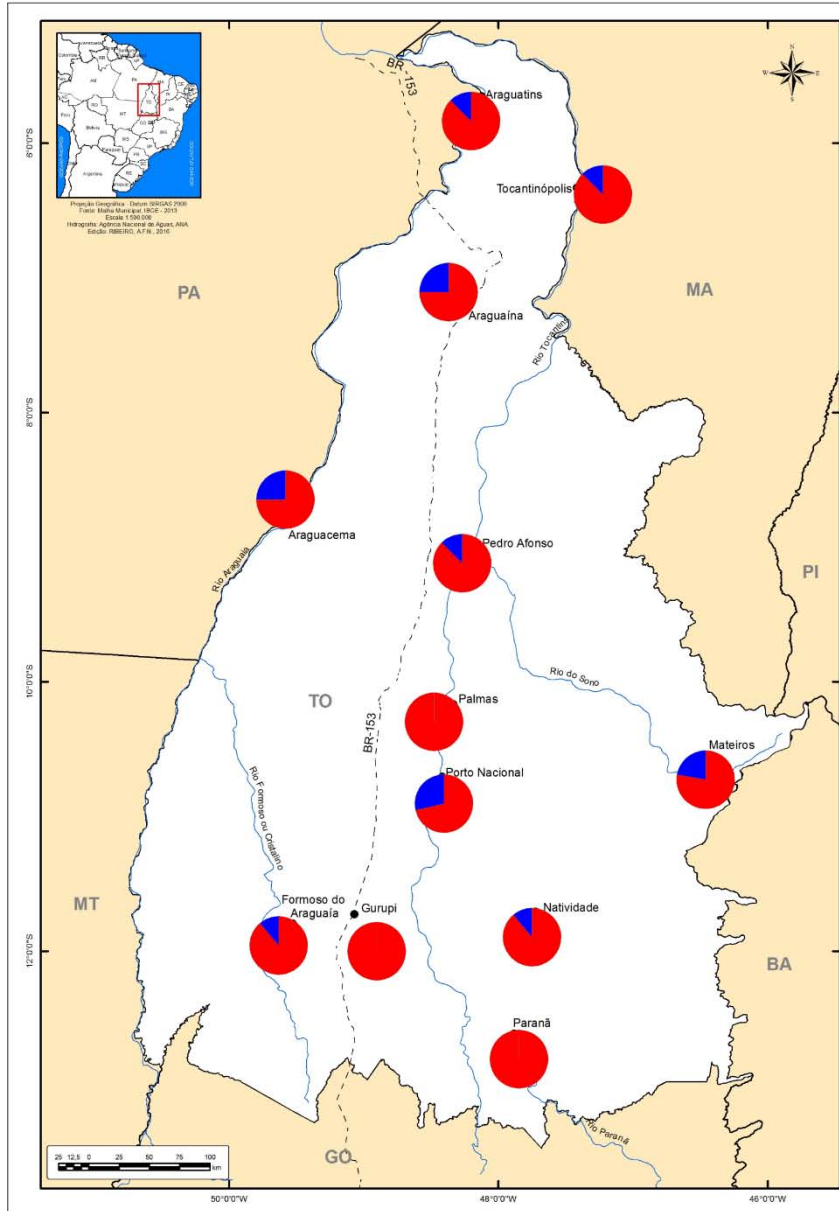
Fonte: Elaboração da autora com os dados do *corpus*.

**3 CARTAS INTRODUTÓRIAS**





**4 CARTAS FONÉTICAS**

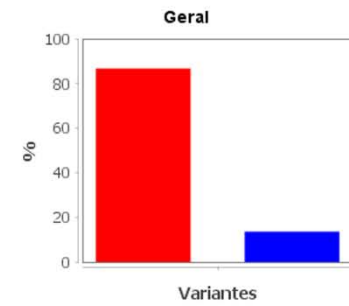


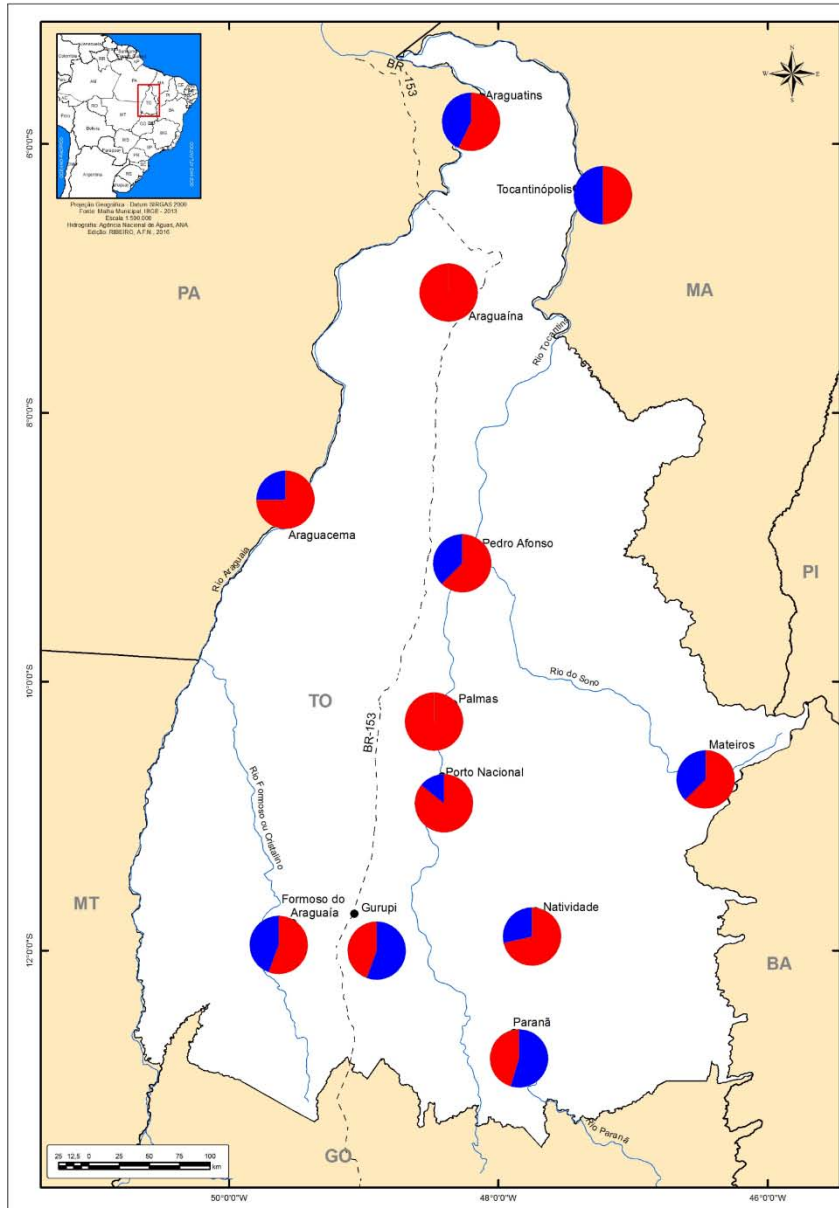
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F1: PRAT[E]LEIRA - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]



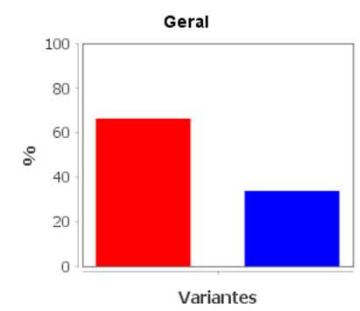


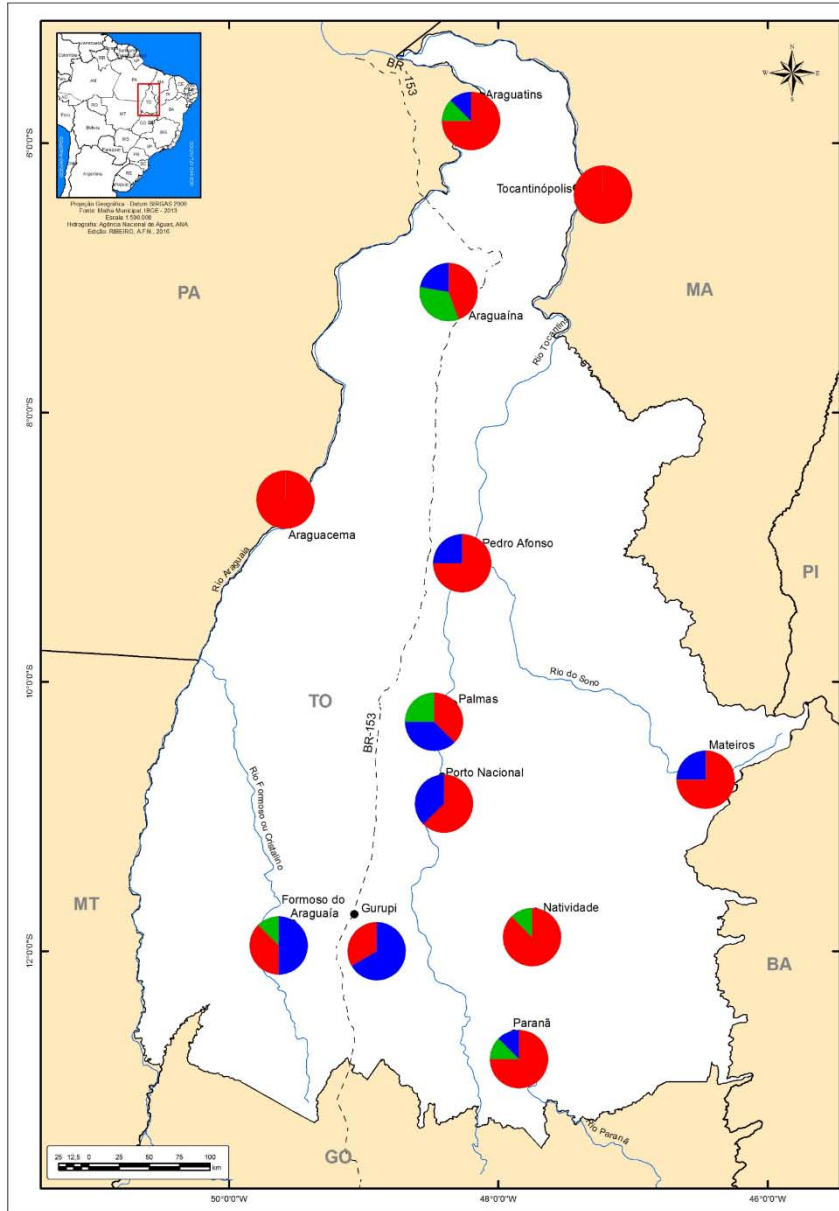
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F2: TEL[E]VISÃO - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



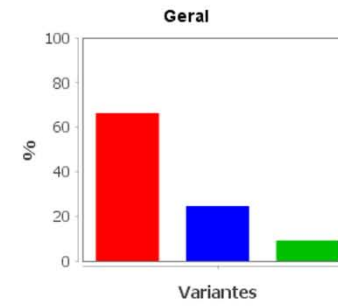


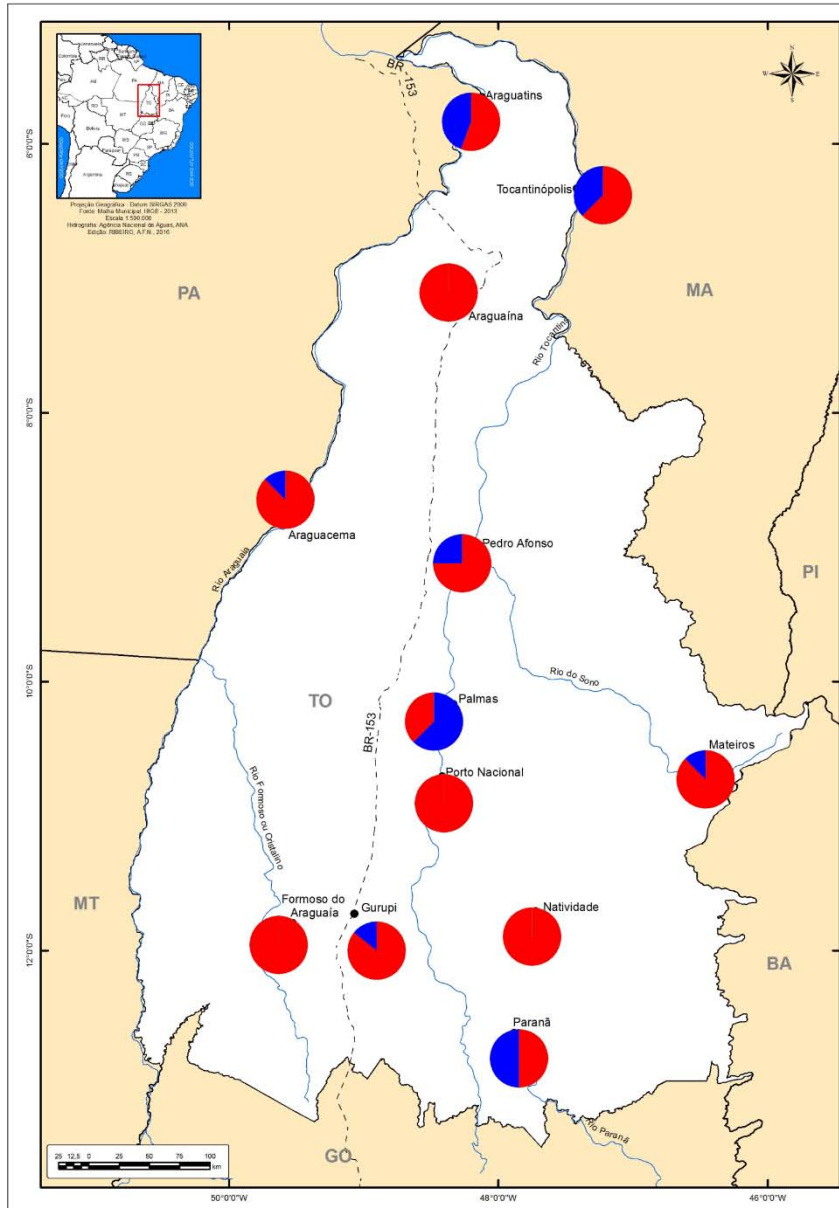
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F3: T[E]SOURA - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Fechadas [e]
- Alçadas [i]
- Abertas [ɛ]



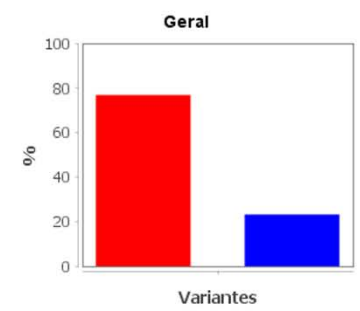


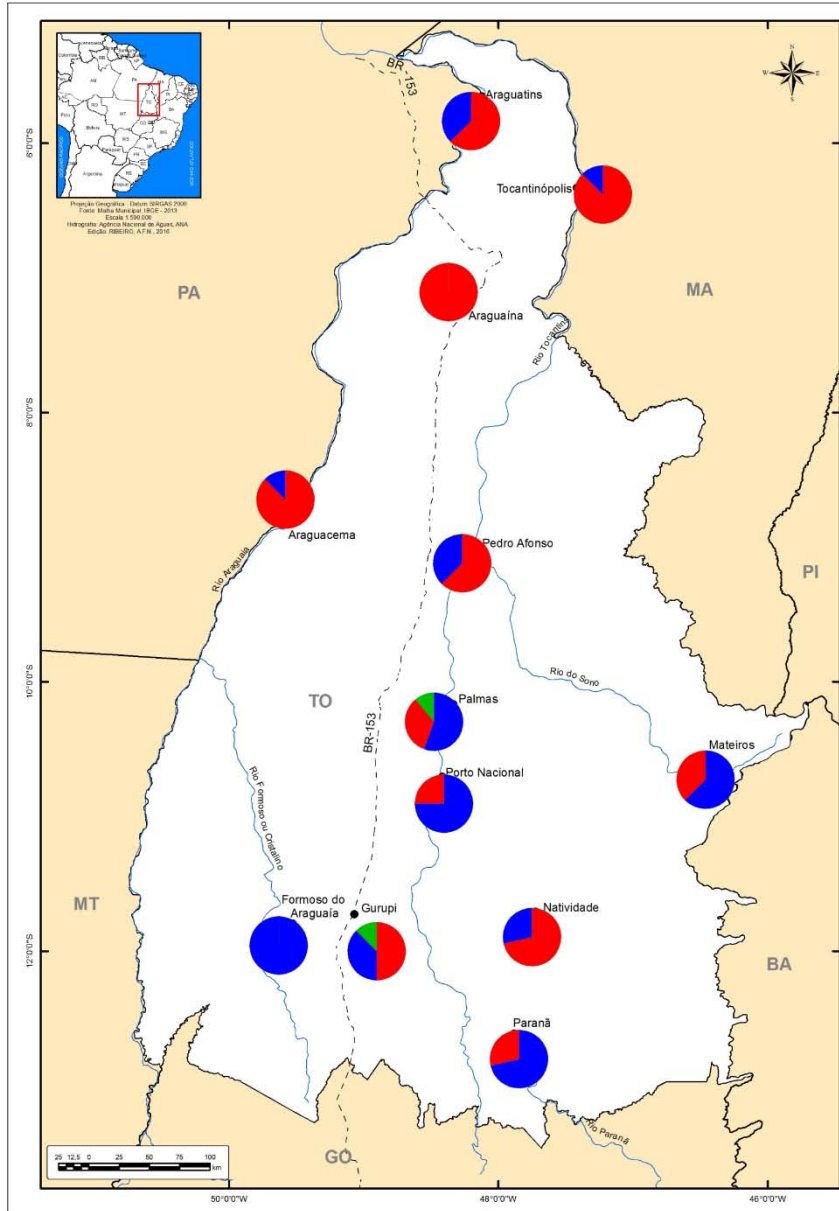
ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F4: [E]LETRICO - Vogal média anterior - posição pretônica

Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



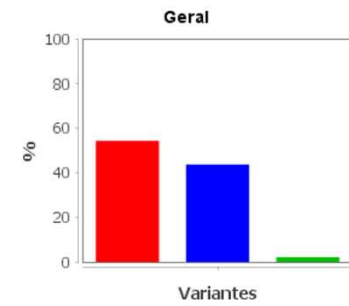


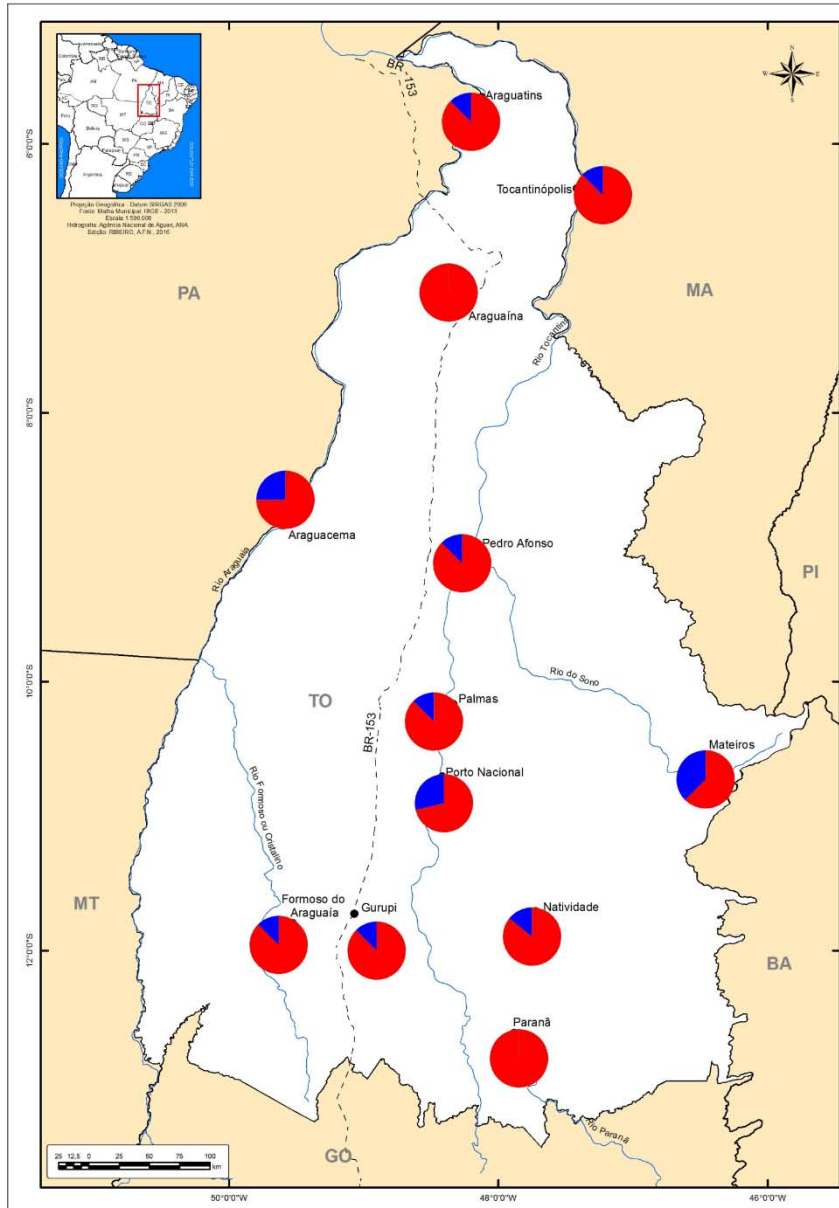
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F5: P[E]NEIRA - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]
- Alçadas [i]



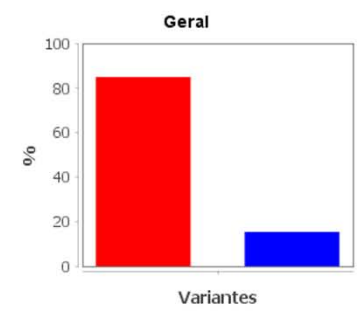


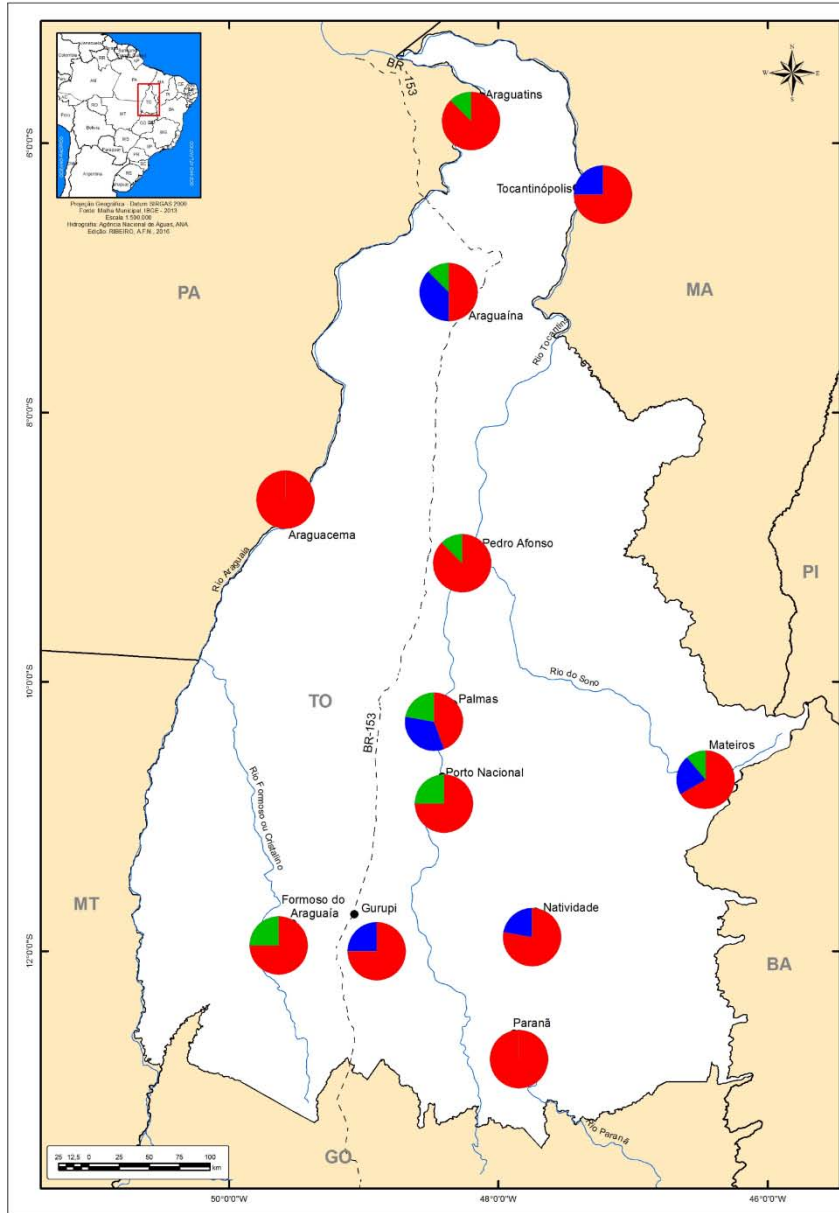
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F6: F[E]RVENDO - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



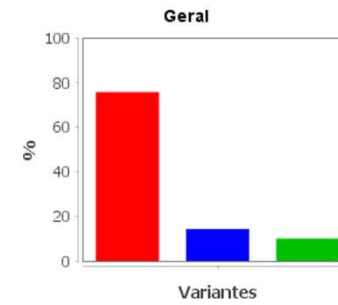


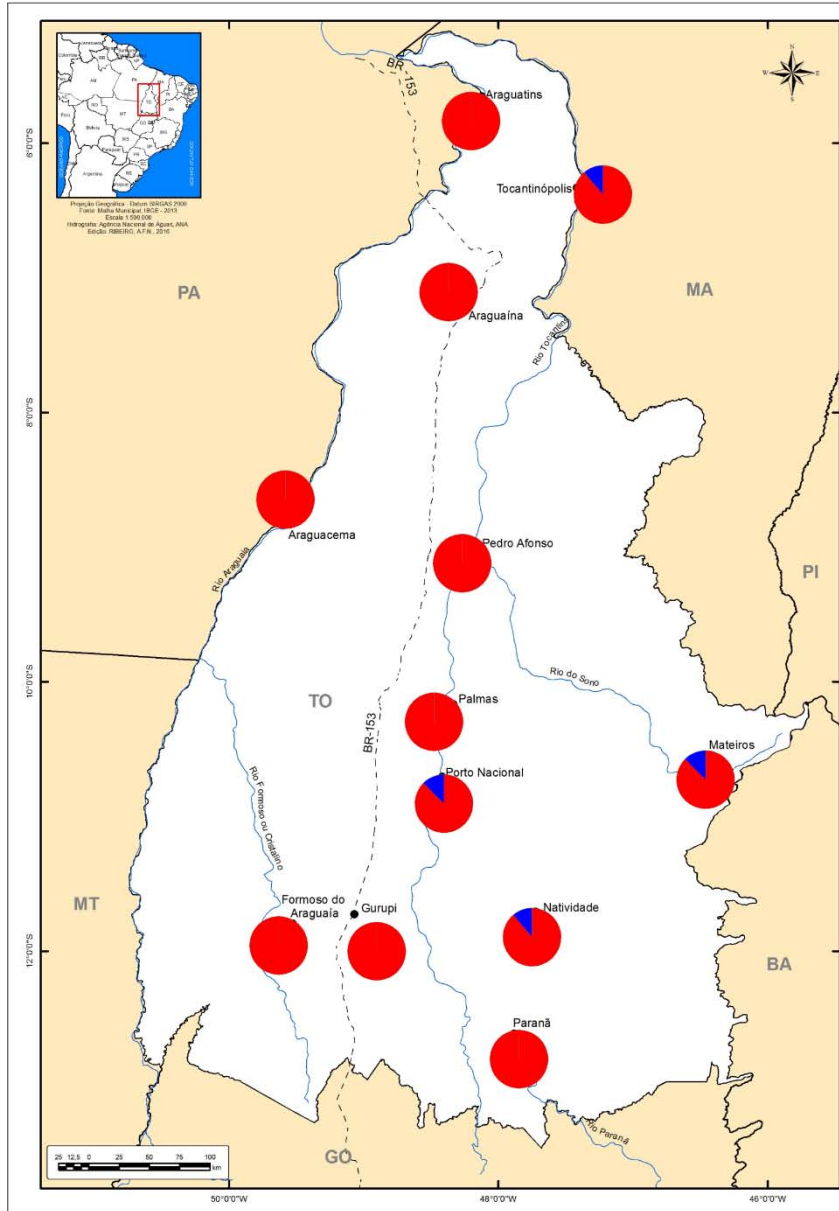
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F7: C[E]BOLA - Vogal média anterior - posição pretônica

Legenda

- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]
- Alçadas [i]



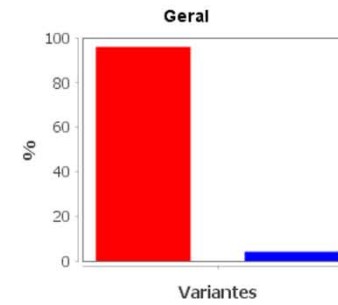


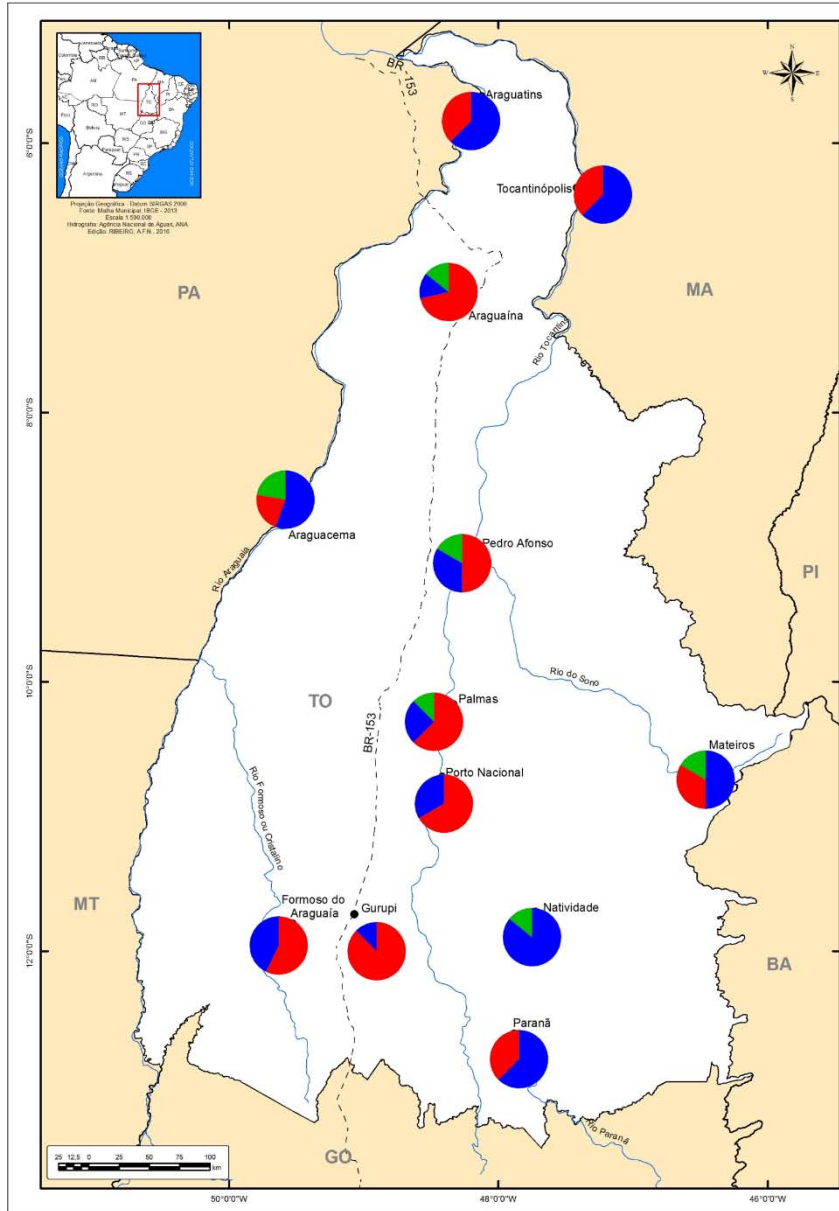
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F8: [E]STRADA - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]



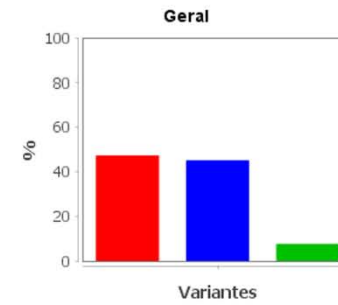


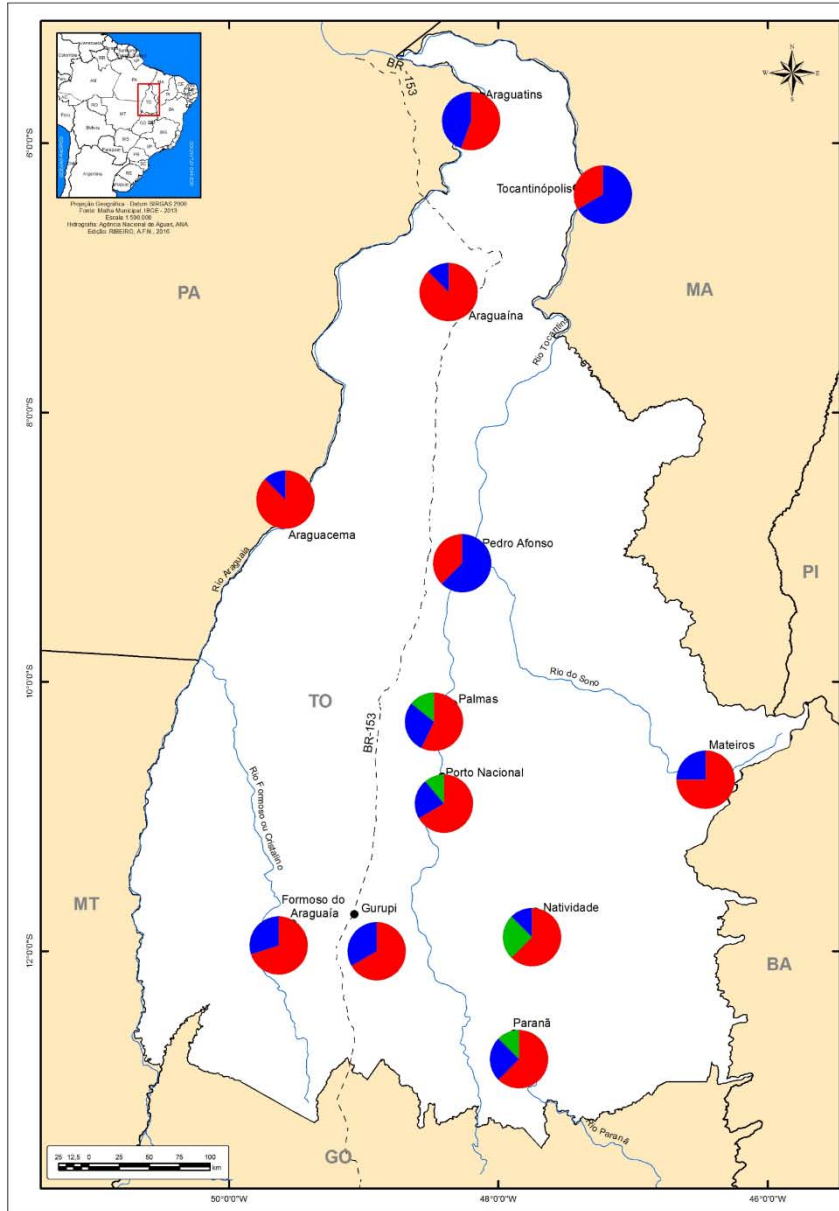
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F9: D[E]SVIO - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]



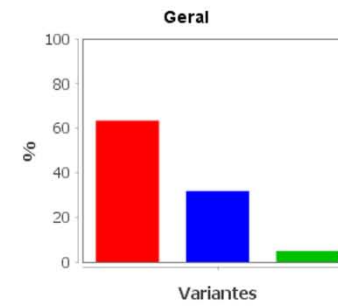


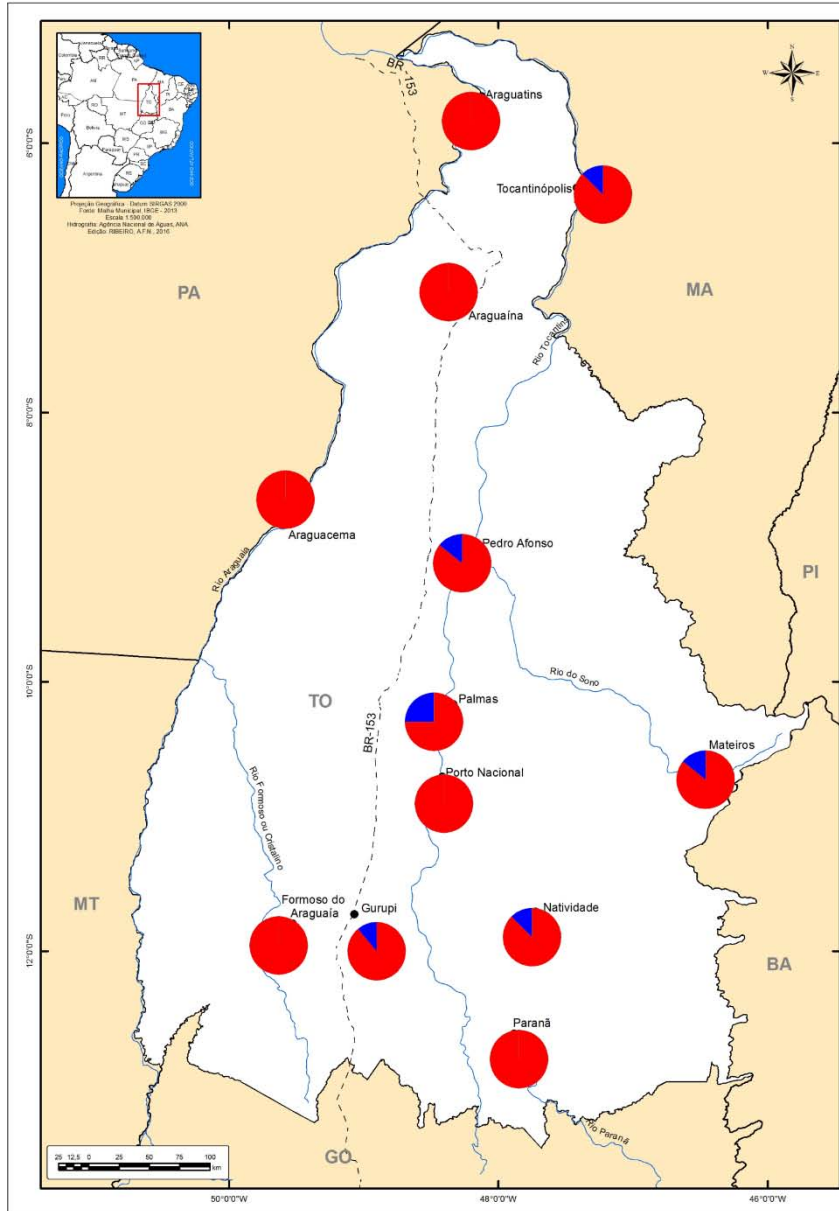
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F10: S[E]GURO - Vogal média anterior - posição pretônica

Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]



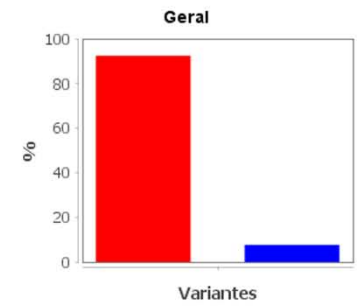


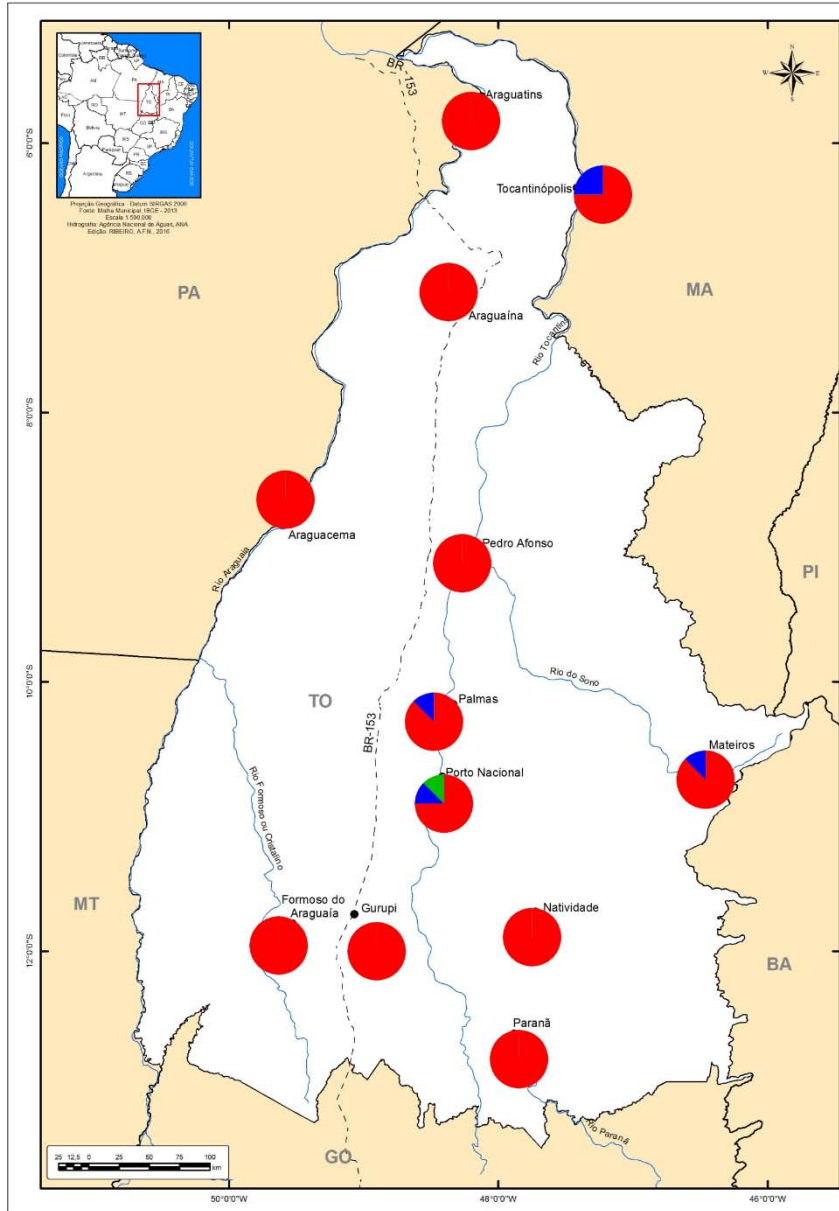
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F11: [E]MPREGO - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]



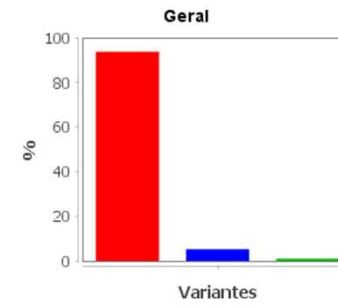


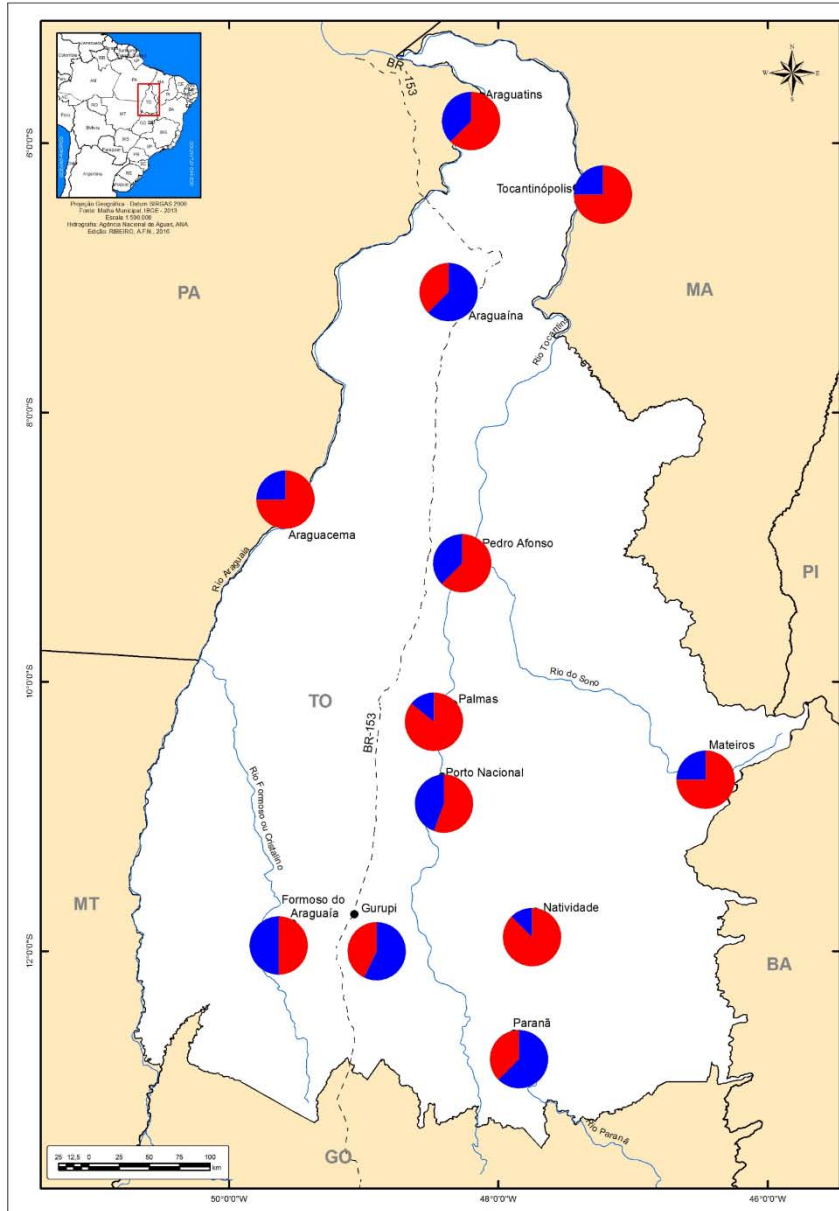
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F12: [E]SCOLA - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]



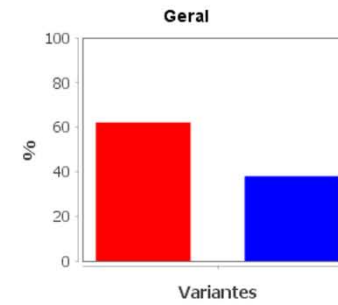


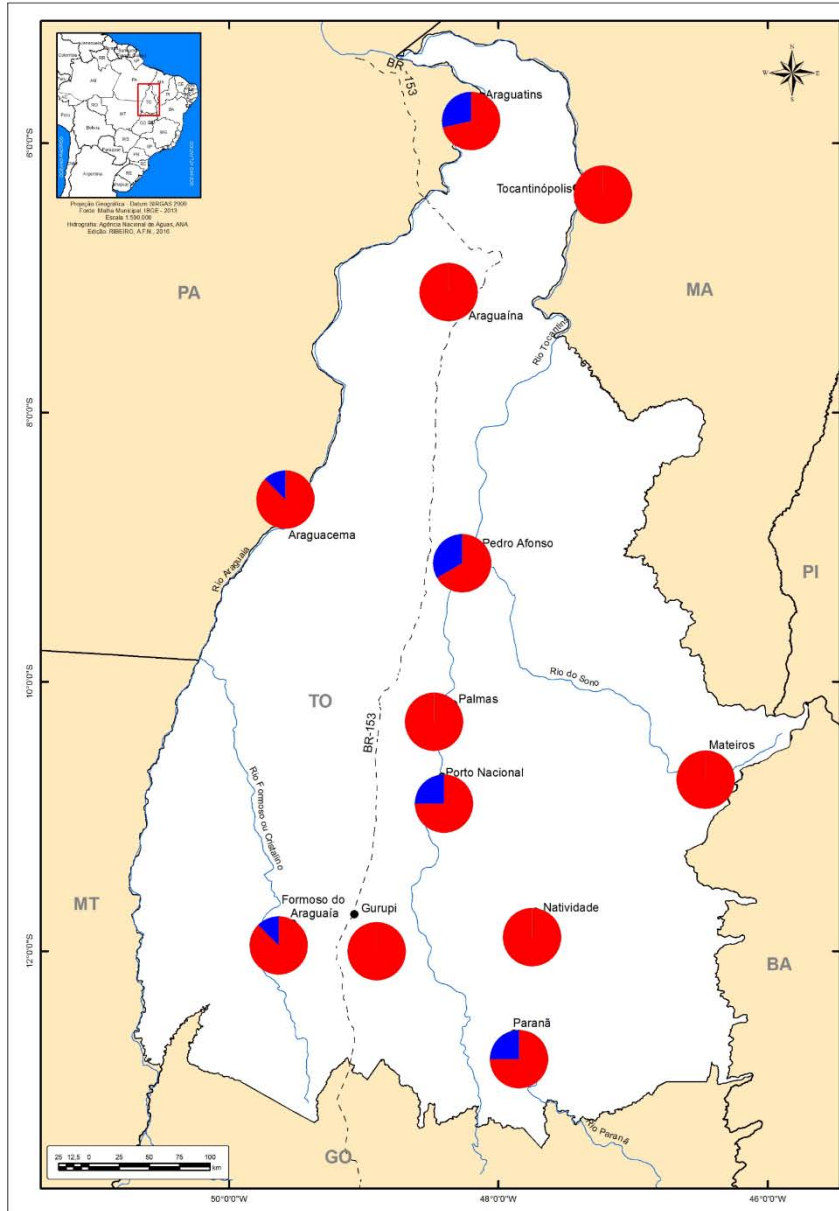
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F13: P[ER]NAMBUCANO - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



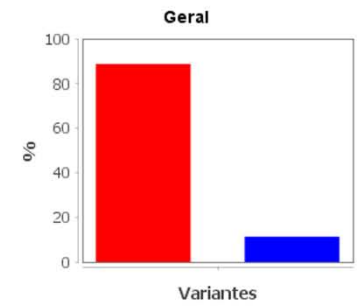


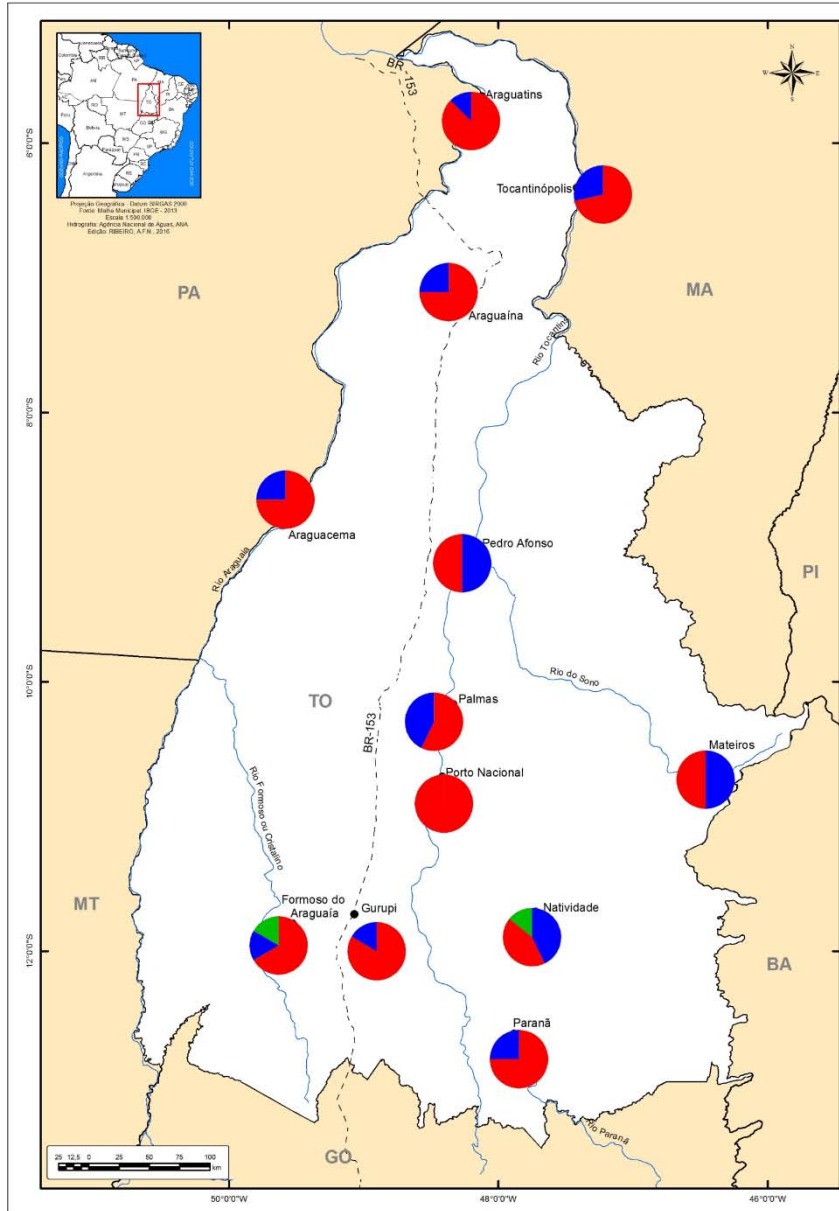
### ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F14: P[E]CADO - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



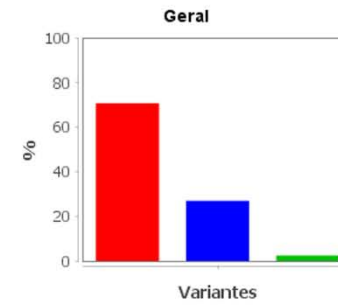


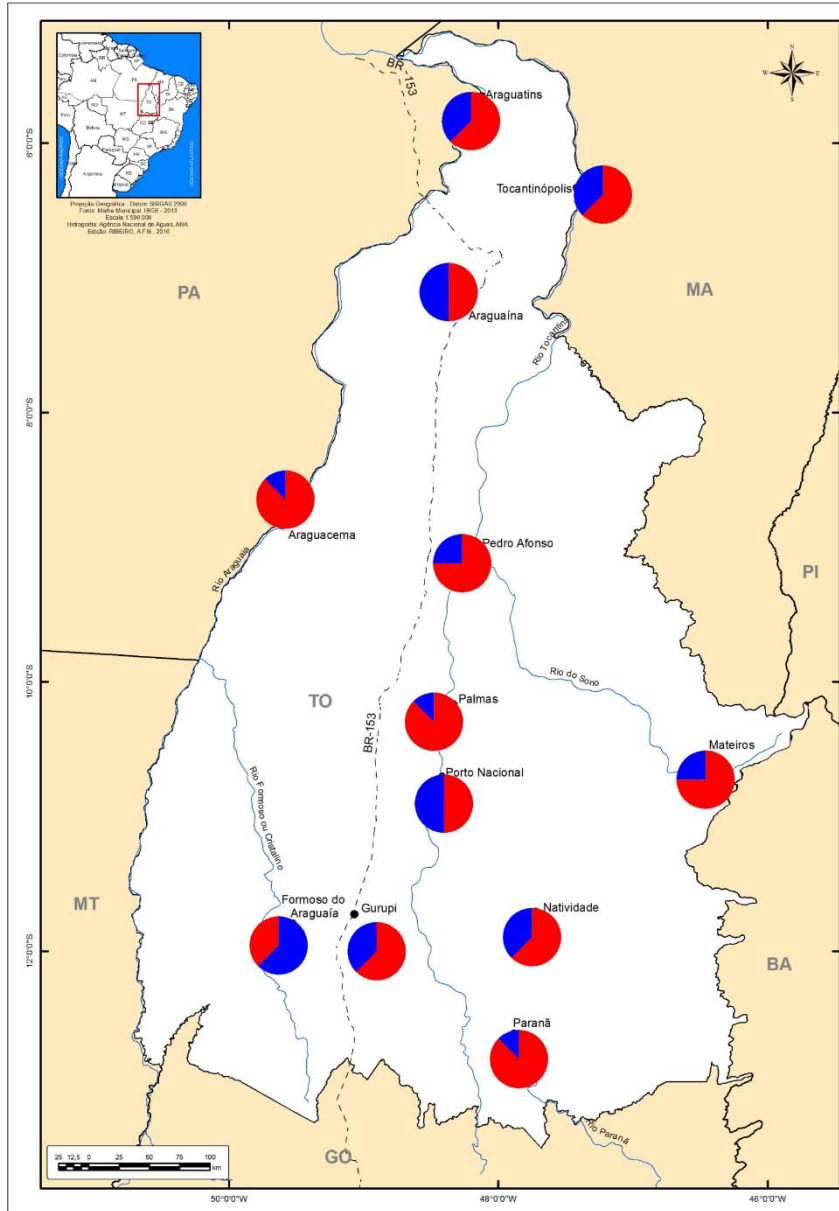
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F15: D[E]SMAIO - Vogal média anterior - posição pretônica

Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]



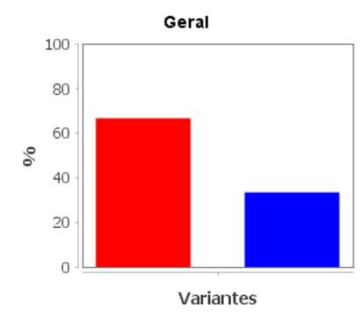


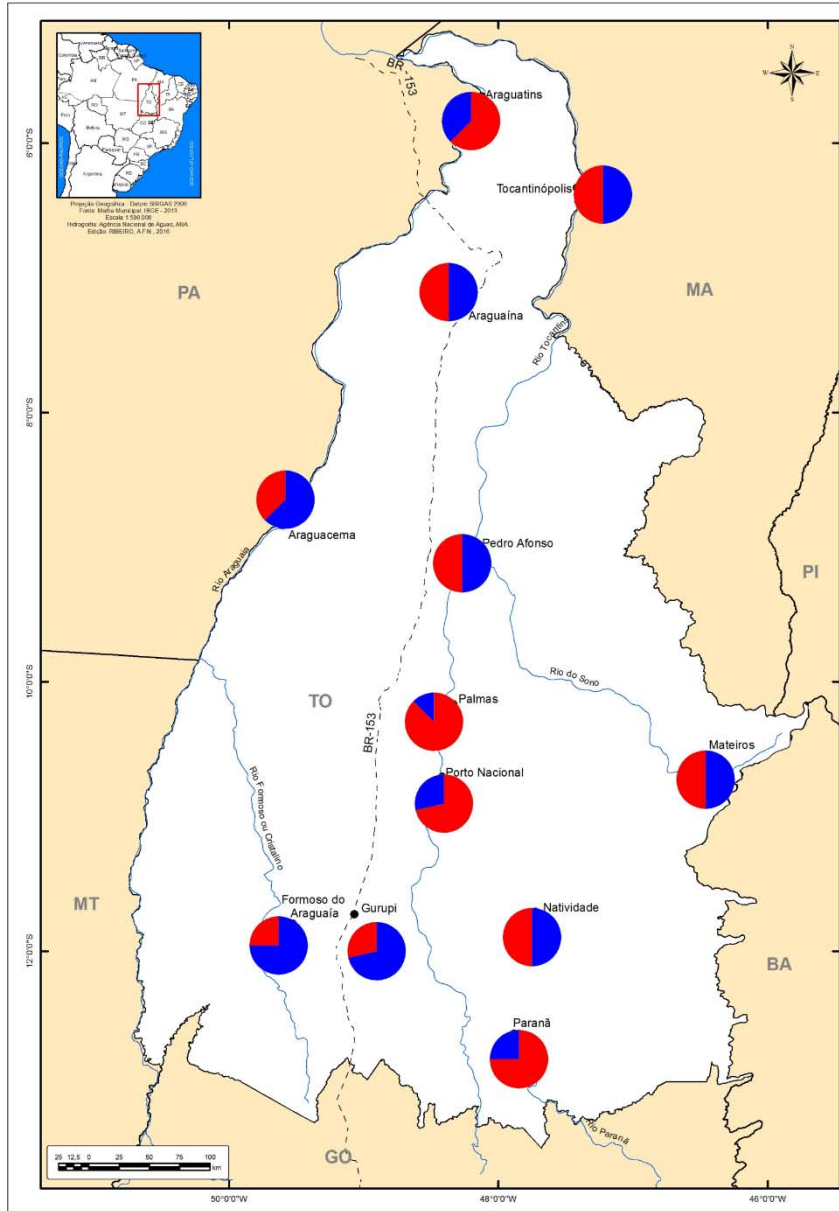
### ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F16: P[E]RFUME - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



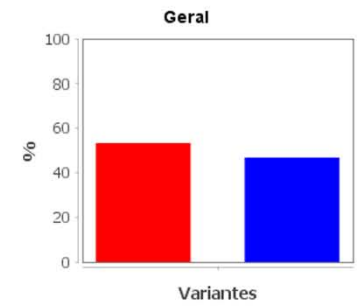


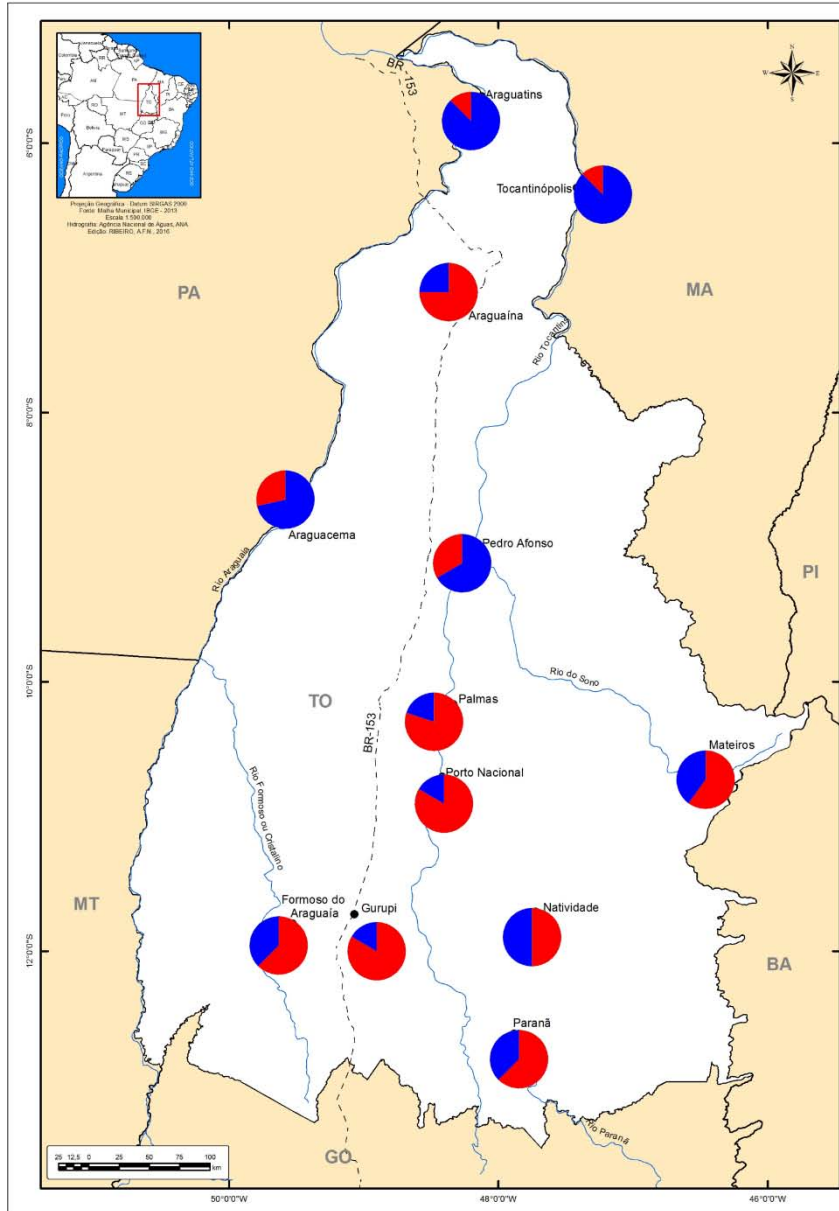
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F17: P[E]RDIDA - Vogal média anterior - posição pretônica

Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



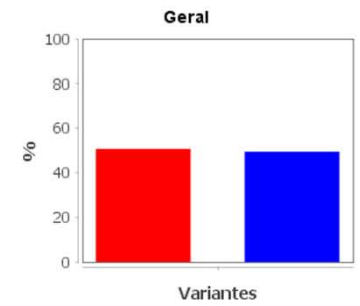


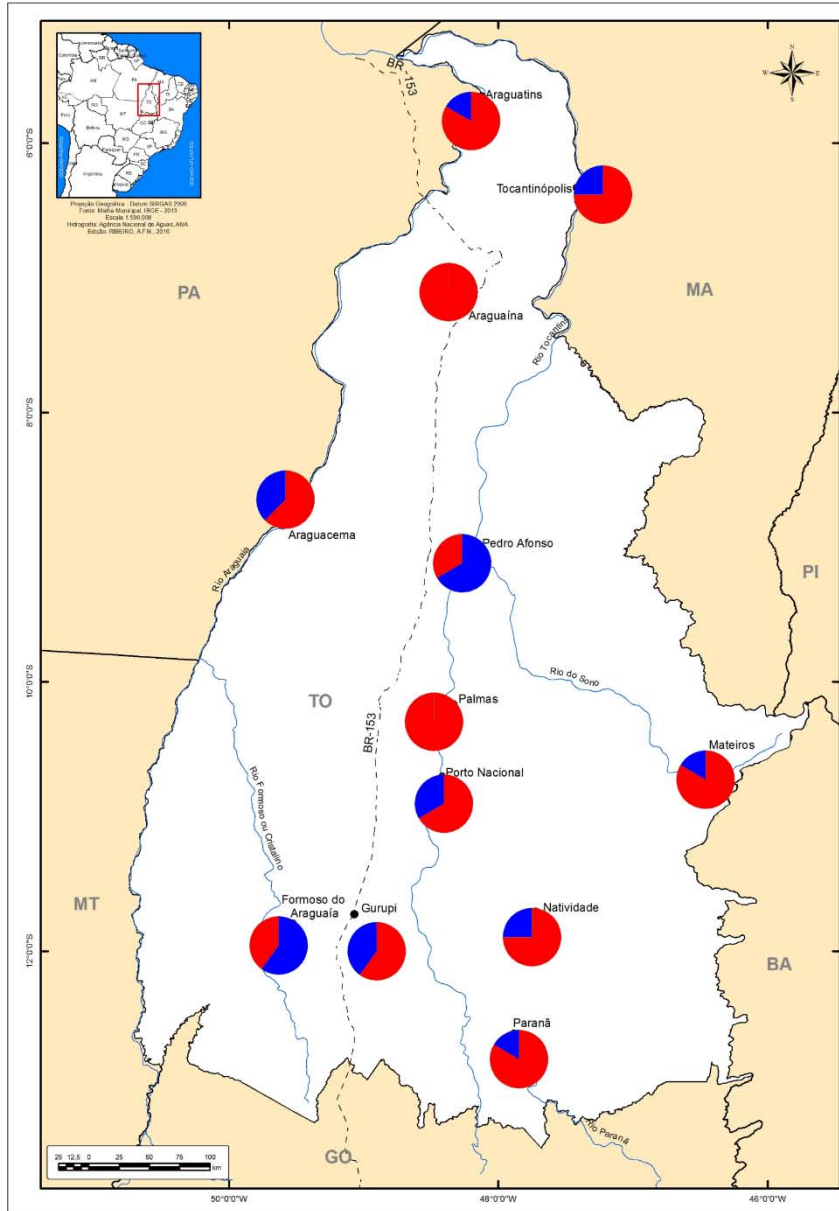
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F18: [E]NCONTRAR - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Fechadas [e]
- Alçadas [i]



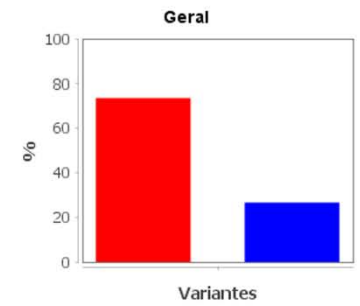


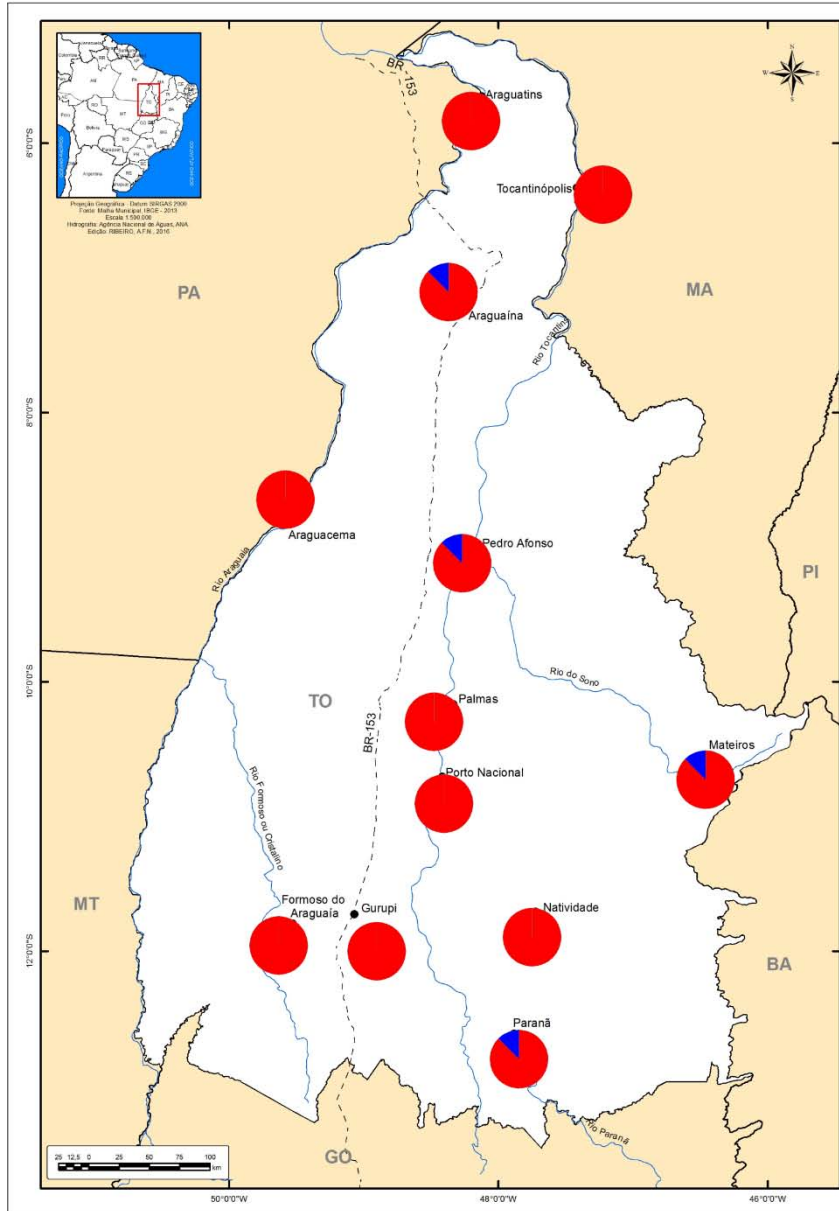
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F19: P[E]RGUNTAR - Vogal média anterior - posição pretônica

#### Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



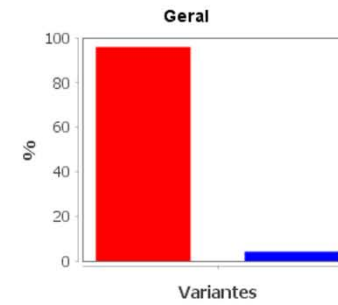


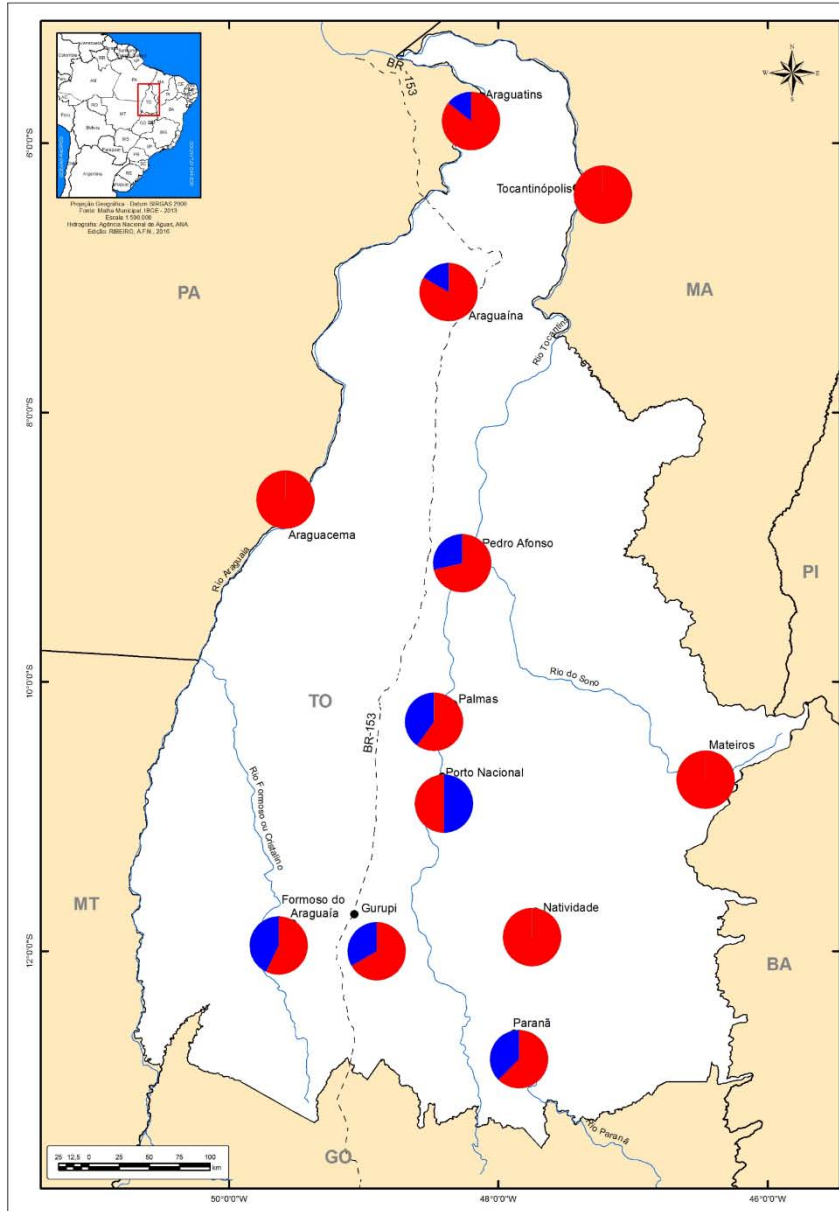
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F20: [E]SQUERDO - Vogal média anterior - posição pretônica

Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]



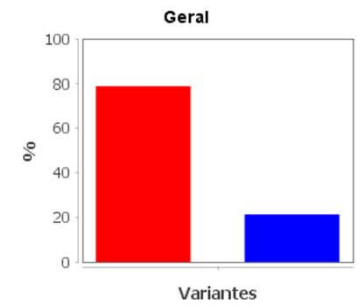


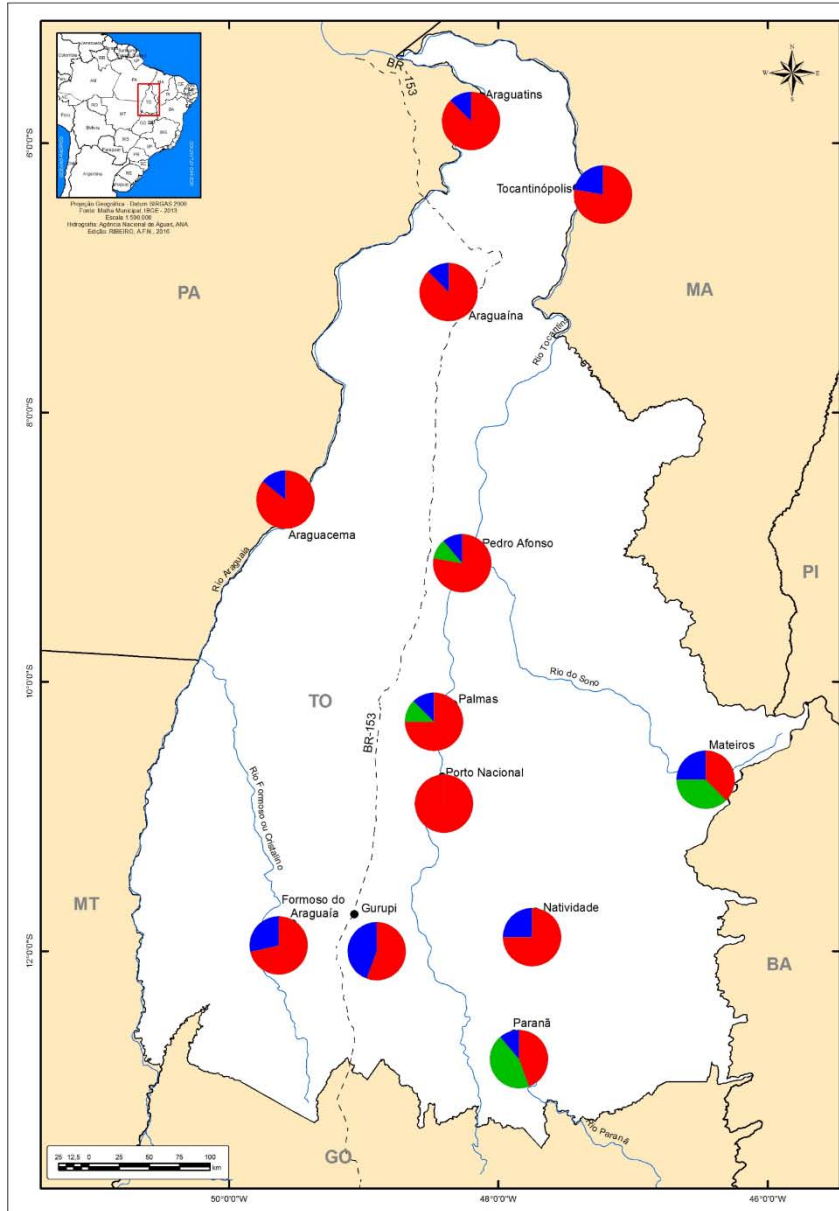
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F21: TANG[E]RINA - Vogal média anterior - posição pretônica

Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]



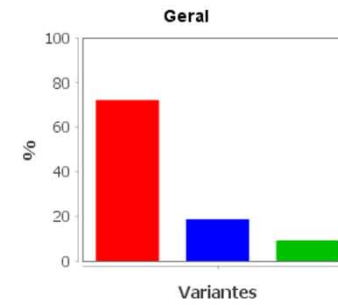


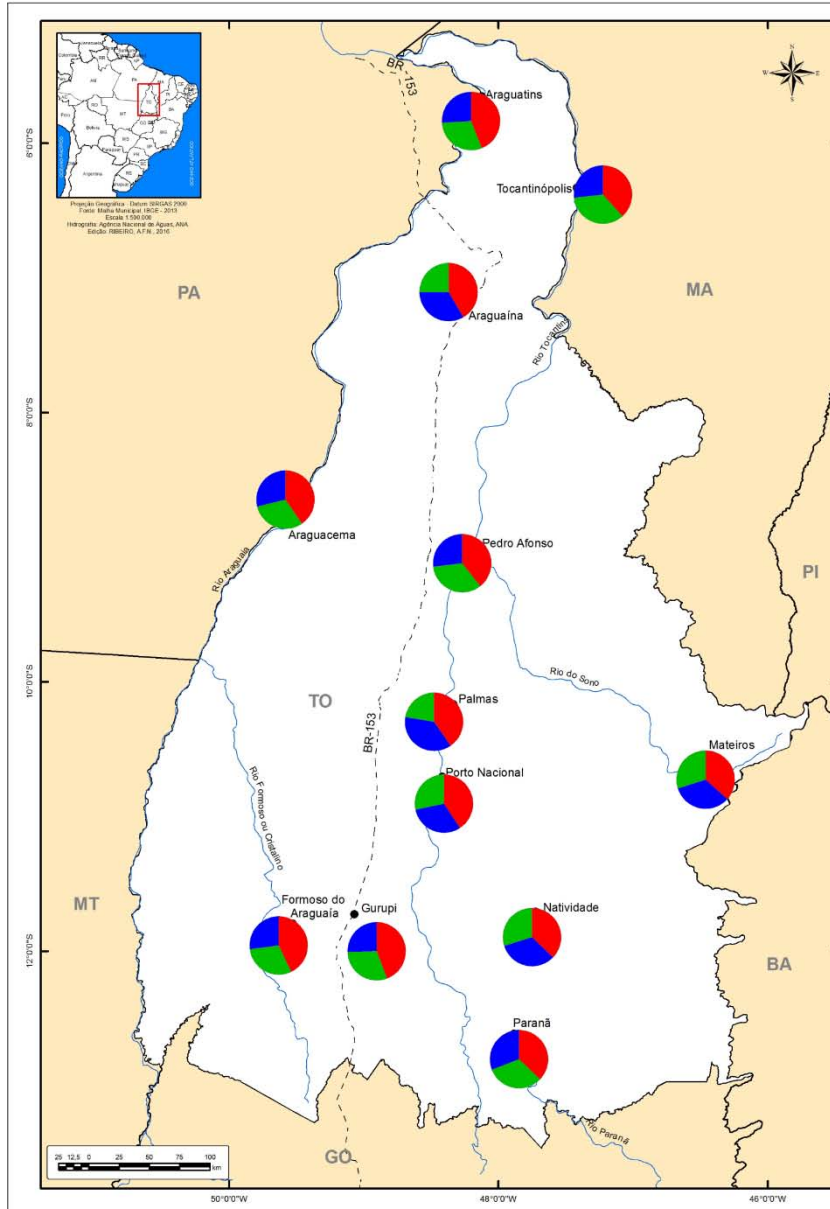
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F22: M[E]NINO - Vogal média anterior - posição pretônica

Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]



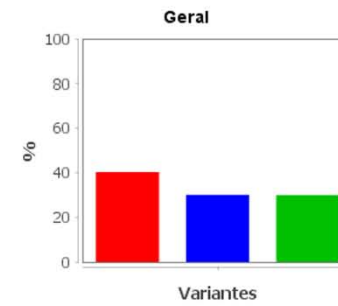


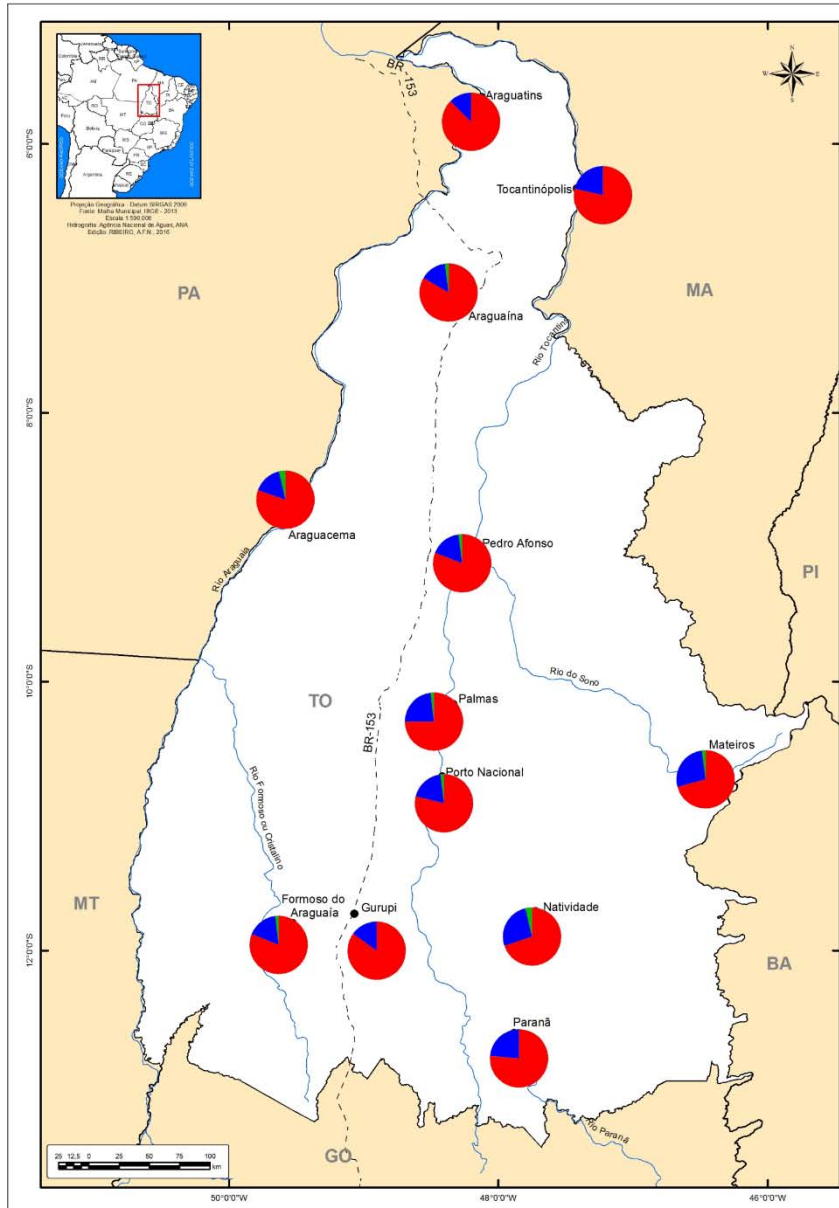
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F23-A: Vogal média anterior /e/ - posição pretônica

Legenda

- Alçadas [i]
- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



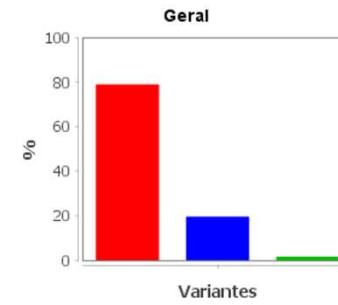


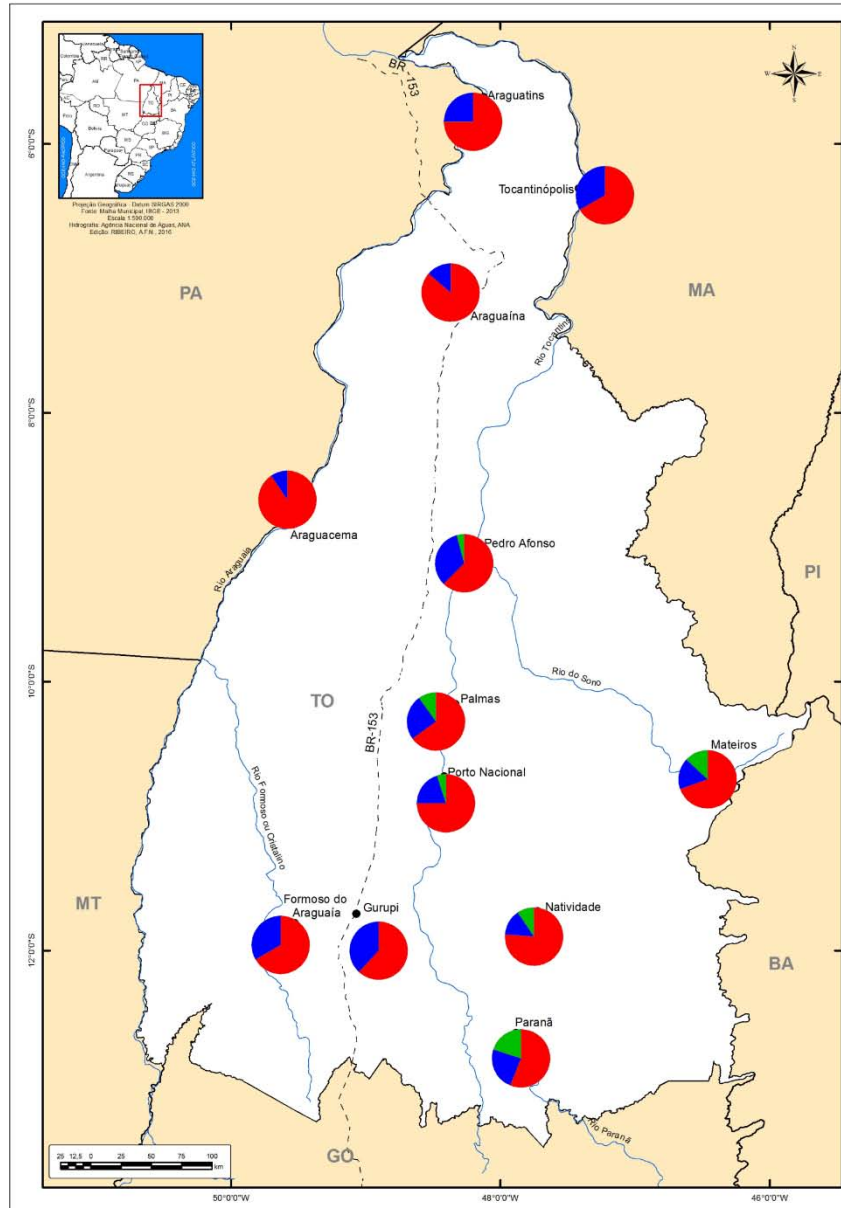
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F23-Aa: Vogal /e/ nos contextos #V\$; #V/S/\$ #VN/\$

Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]



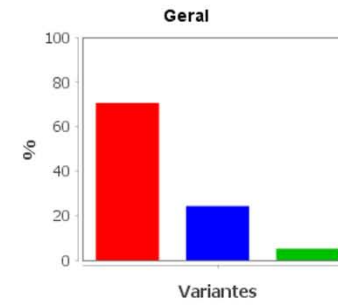


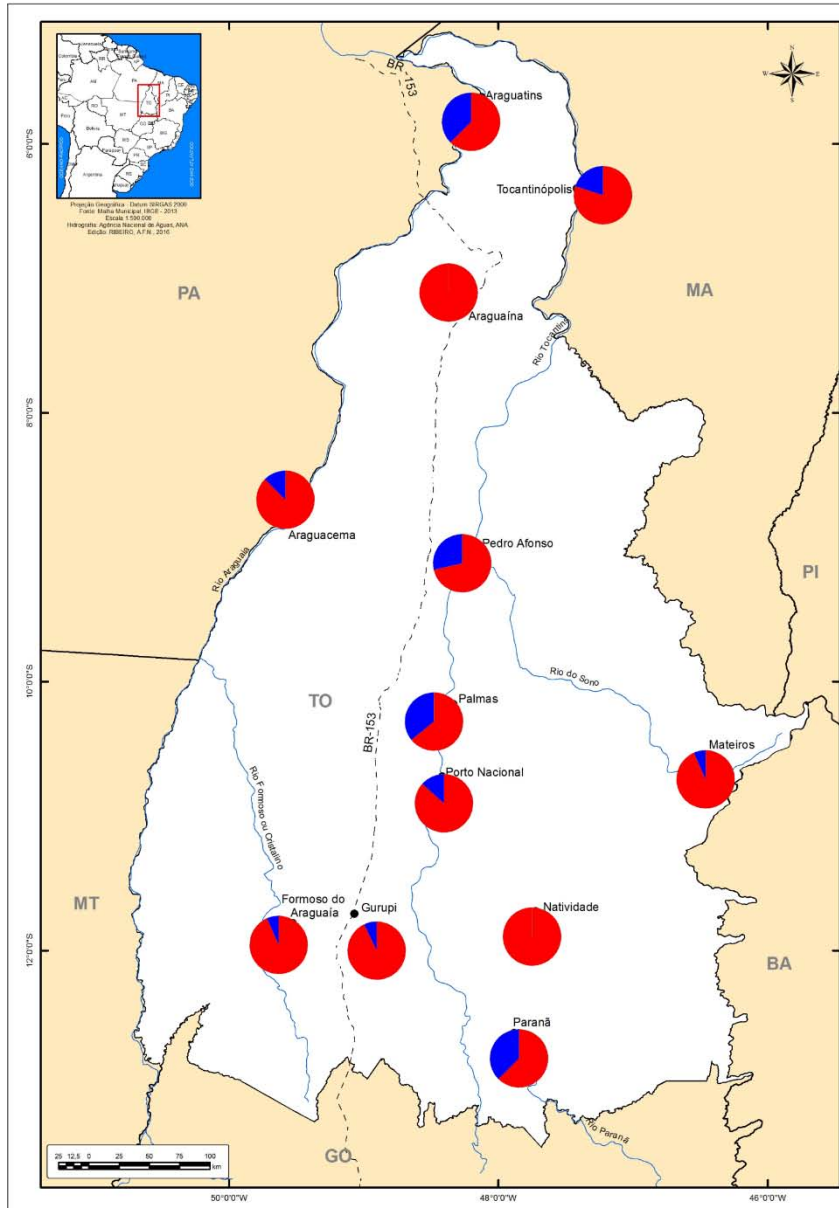
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F23-Ab: /e/ em contexto CV\$ com vogal alta na sílaba subsequente

Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]



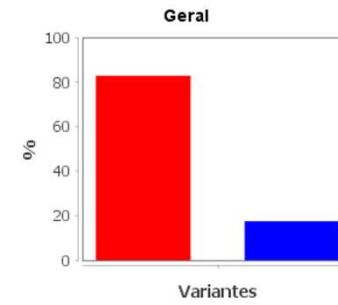


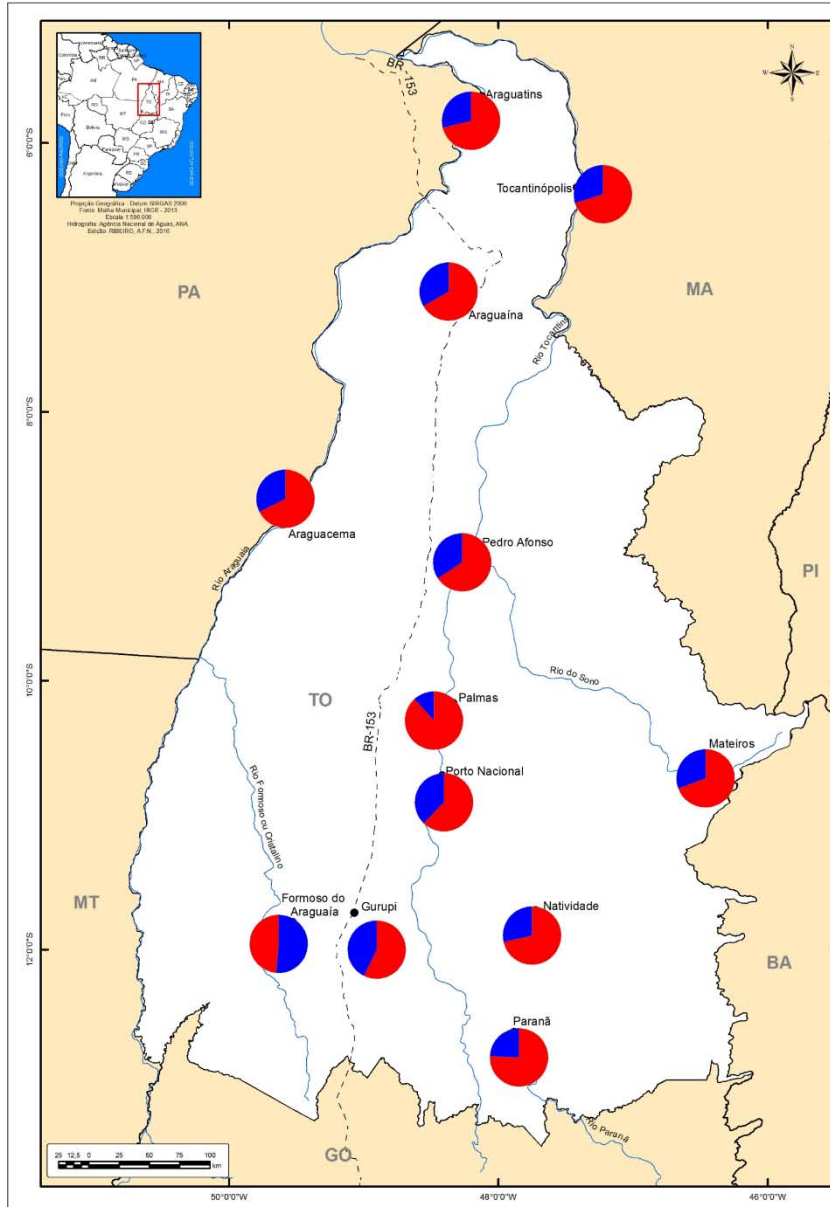
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F23-Ac: Vogal /e/ nos contextos #V\$; #V/S/\$ #VN/\$

### Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



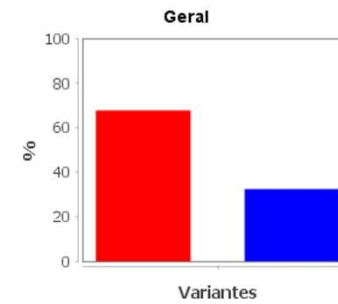


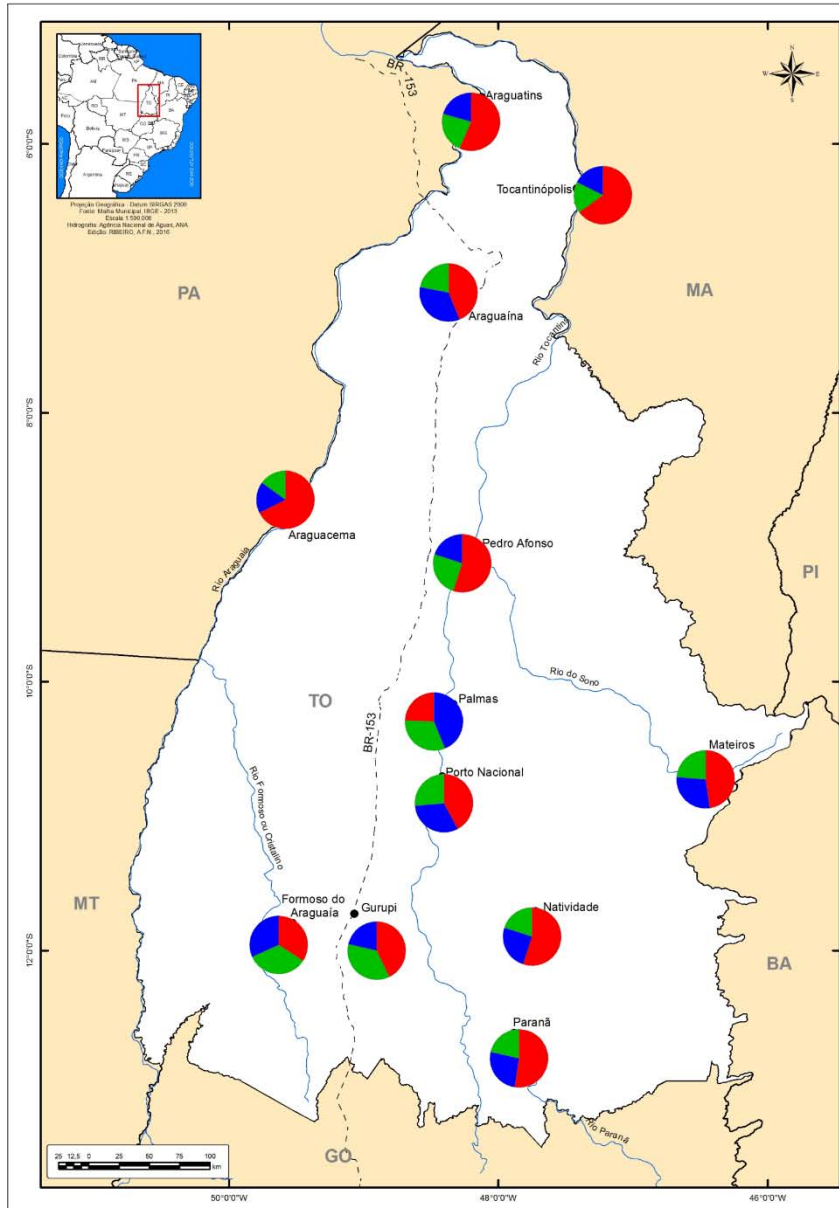
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F23-Ad: Vogal /e/ em contexto #CVR/\$

Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]



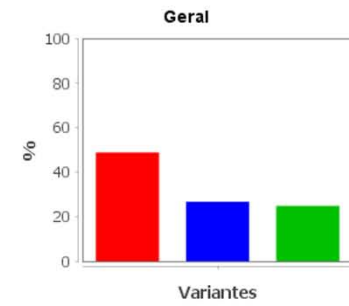


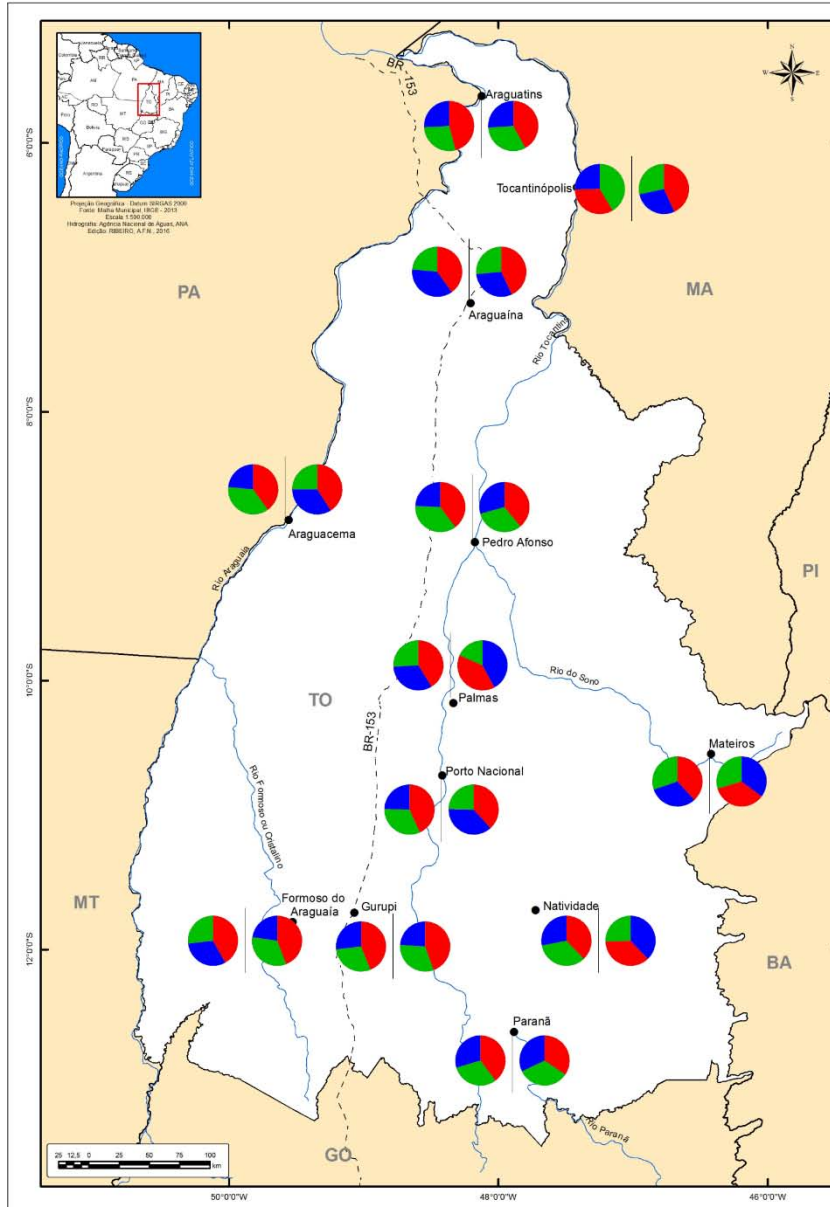
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOSTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F23-Ae: Vogal /e/ em contexto CV\$

Legenda

- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]
- Alçadas [i]





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

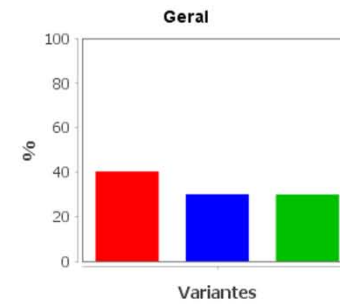
Carta Sintética F23-B: Vogal média anterior /e/ - posição pretônica

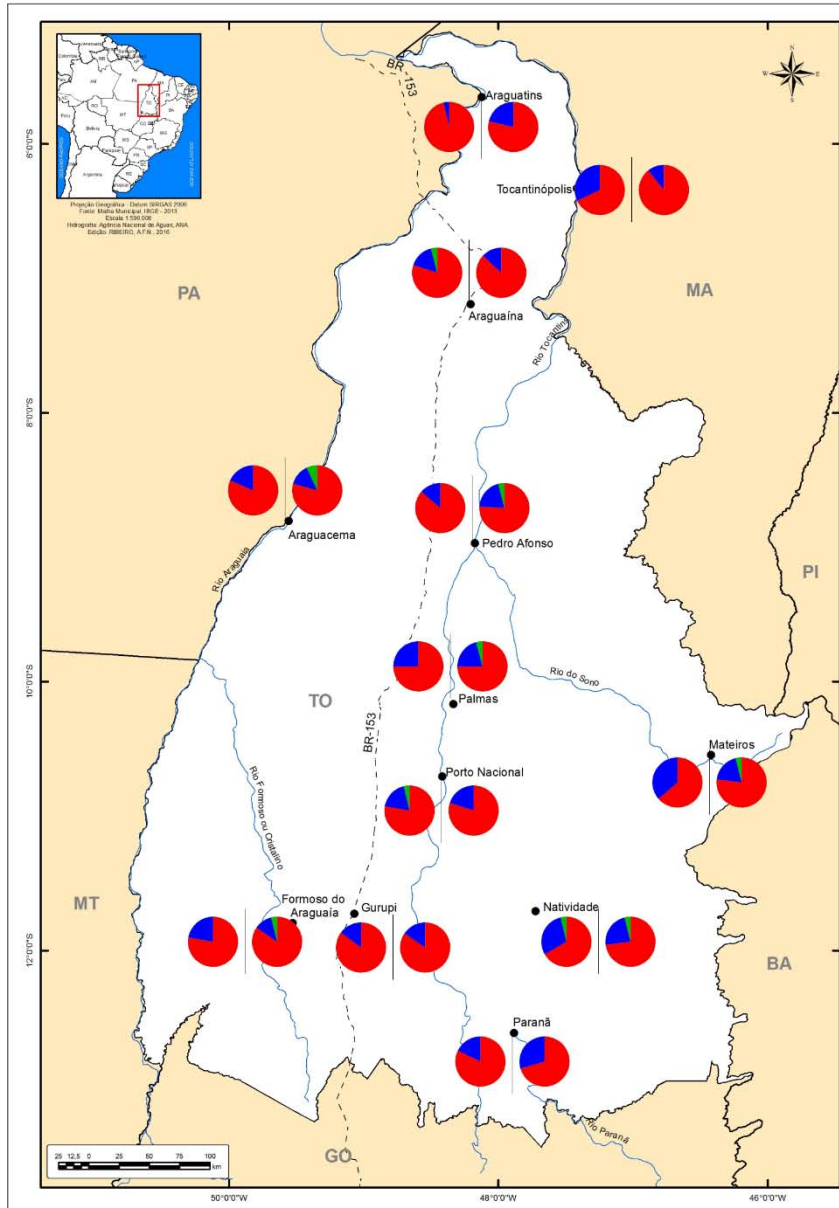
Legenda

- Alçadas [i]
- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

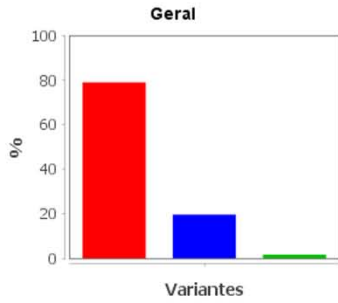
Carta Sintética F23-Ba: Vogal /e/ nos contextos #V\$, #V/S/\$ #V/N/\$

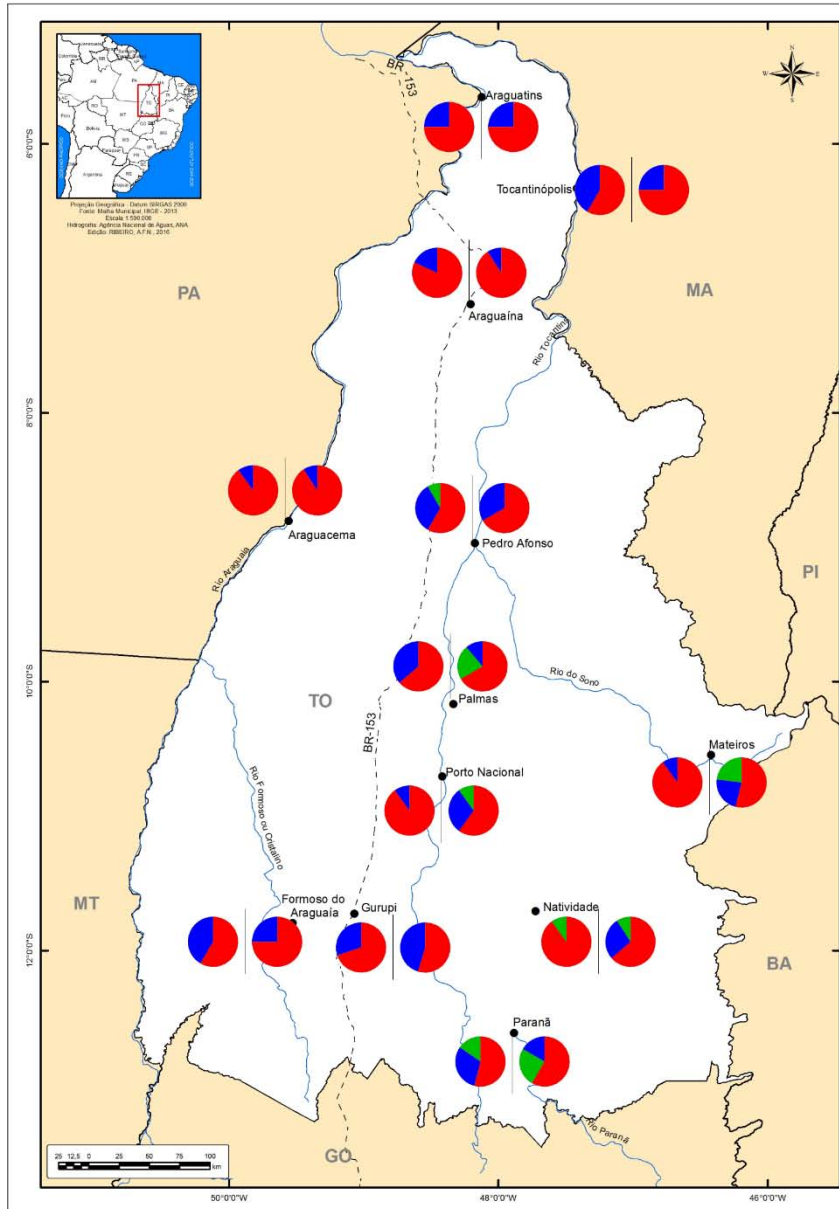
Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

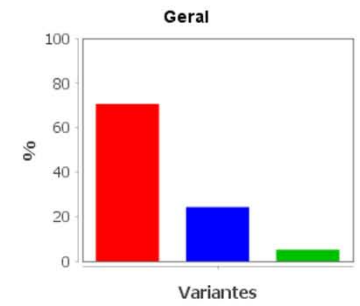
Carta F23-Bb: /e/ em contexto CV\$ com vogal alta na sílaba subsequente

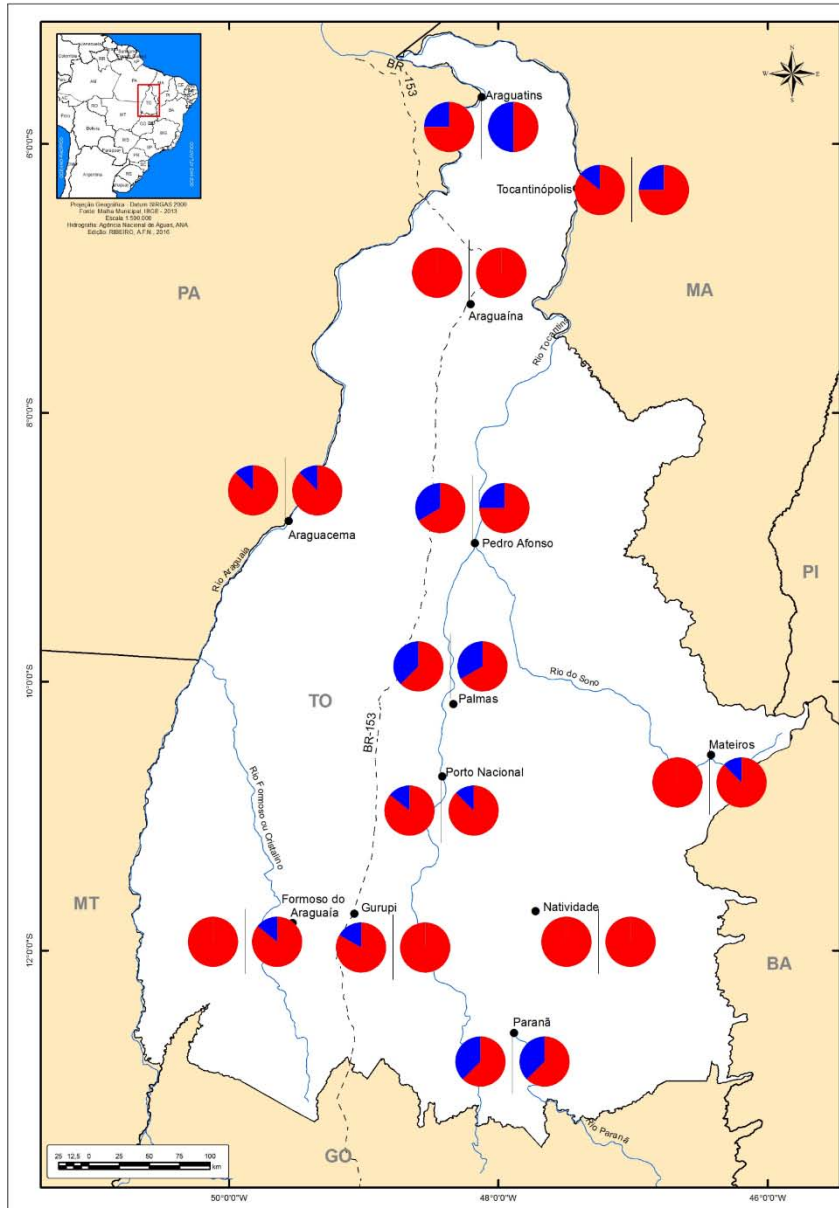
Legenda

- Alçadas [i]
- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

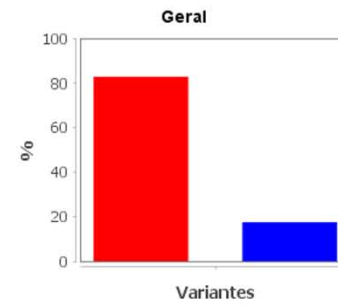
Carta Sintética F23-Bc: Vogal /e/ nos contextos #V\$, #V/S/\$ #V/N/\$

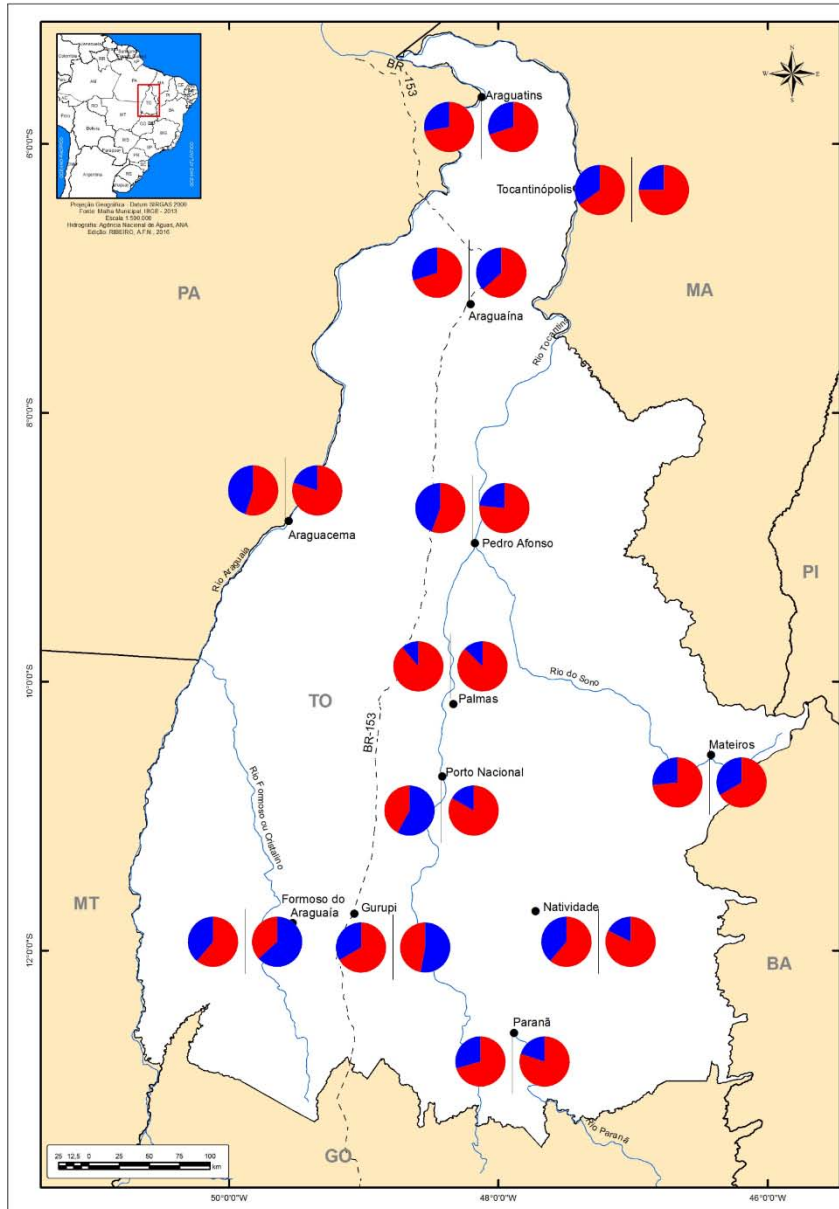
Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

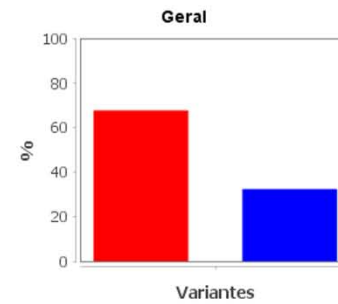
Carta Sintética F23-Bd: Vogal /e/ em contexto #CV/R/\$

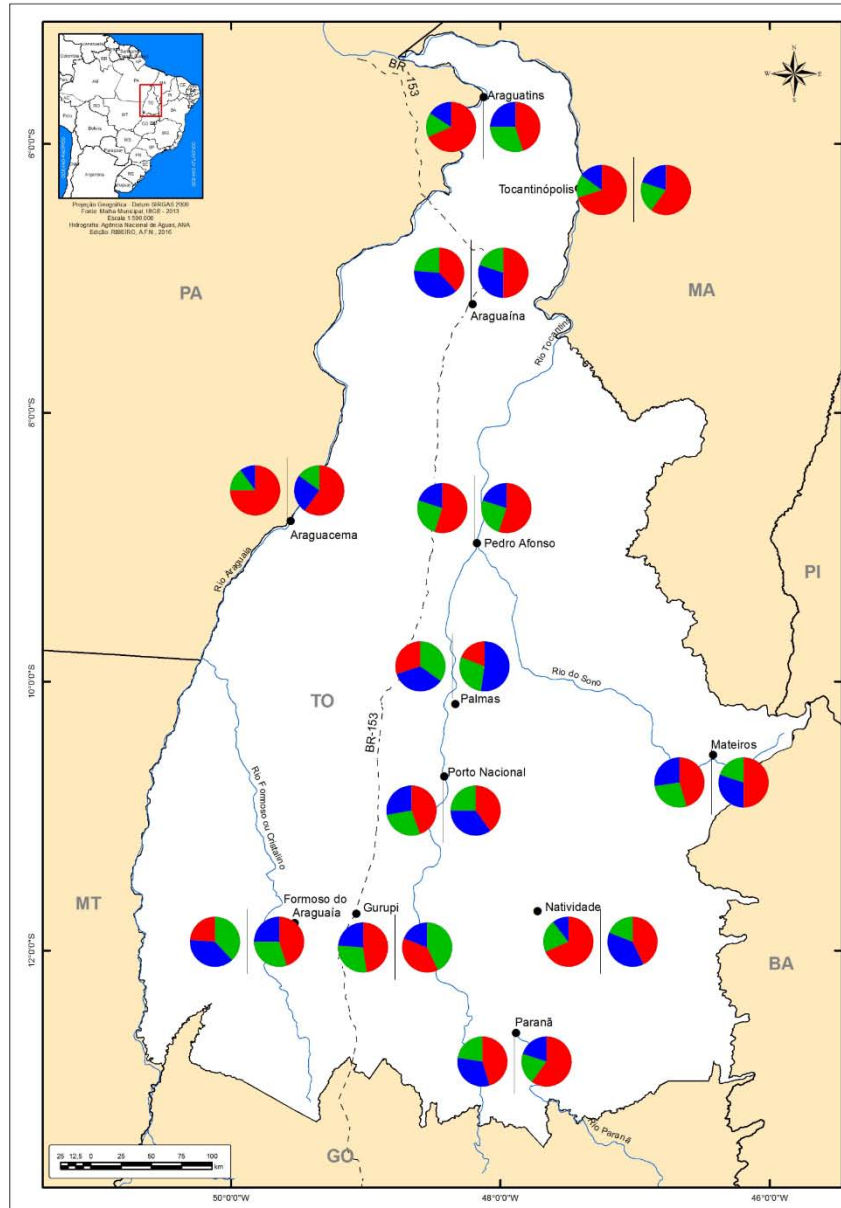
Legenda

- Abertas [ɛ]
- Fechadas [e]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

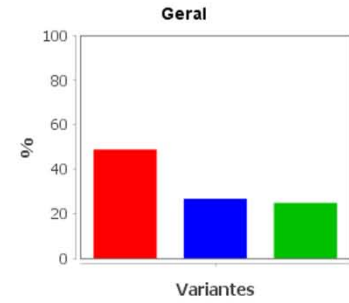
Carta Sintética F23-Be: Vogal /e/ em contexto CV\$

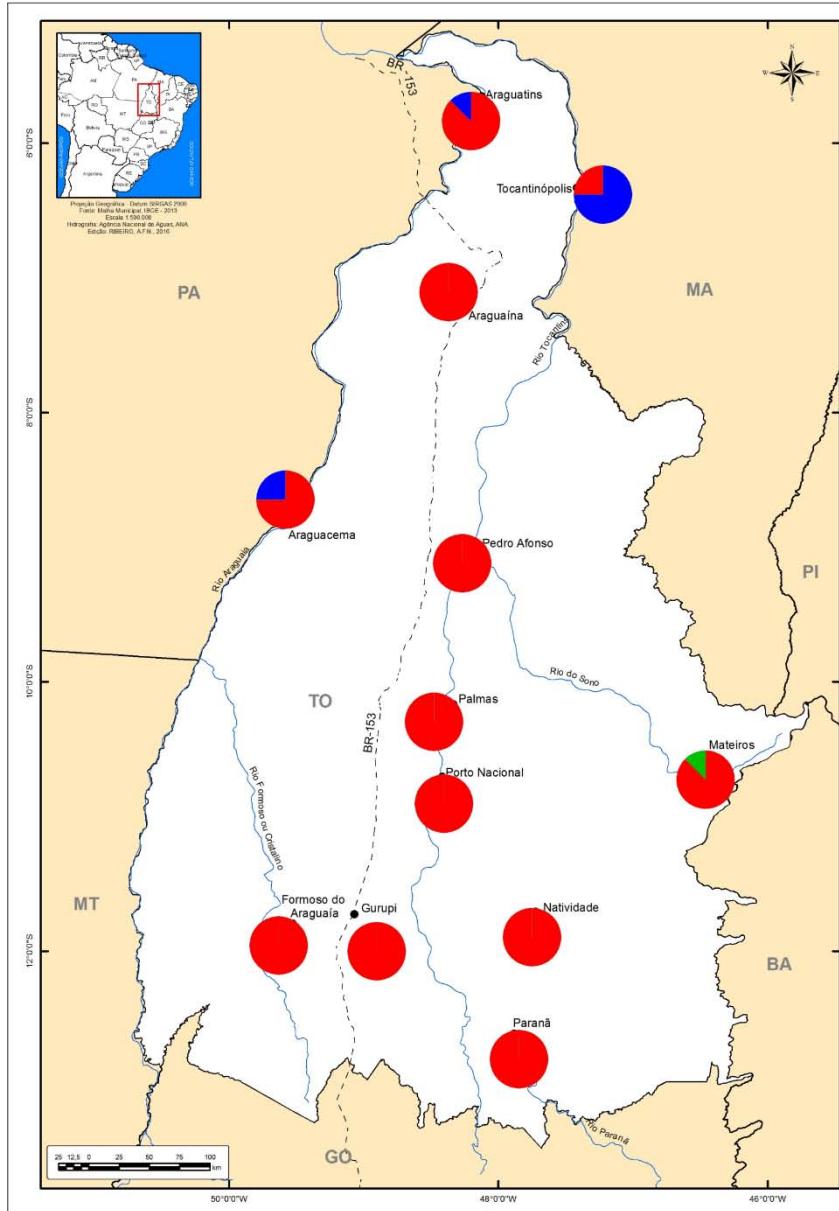
Legenda

- Fechadas [e]
- Abertas [ɛ]
- Alçadas [i]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



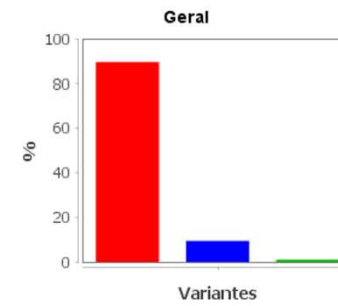


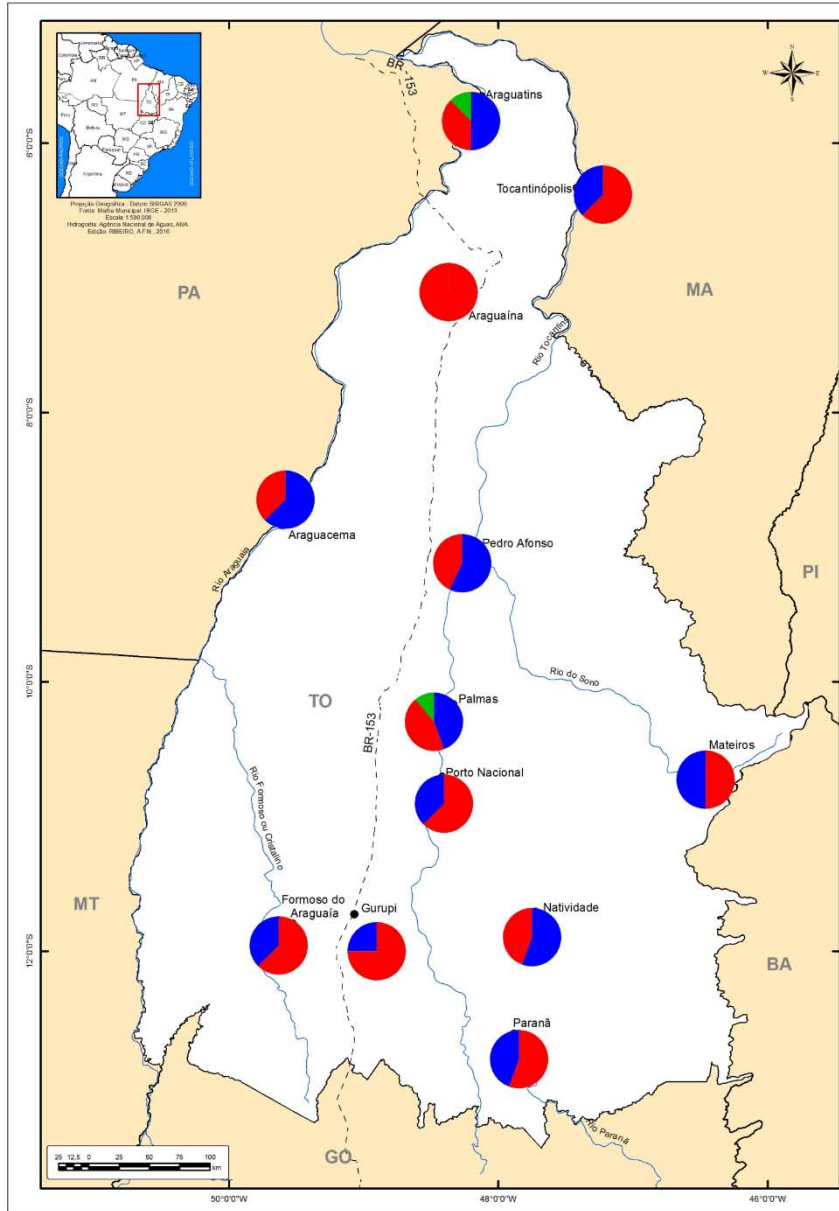
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F24: T[O]RNEIRA - Vogal média posterior - posição pretônica

#### Legenda

- Fechadas [o]
- Abertas [ɔ]
- Alçadas [u]



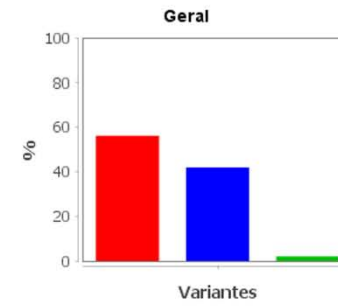


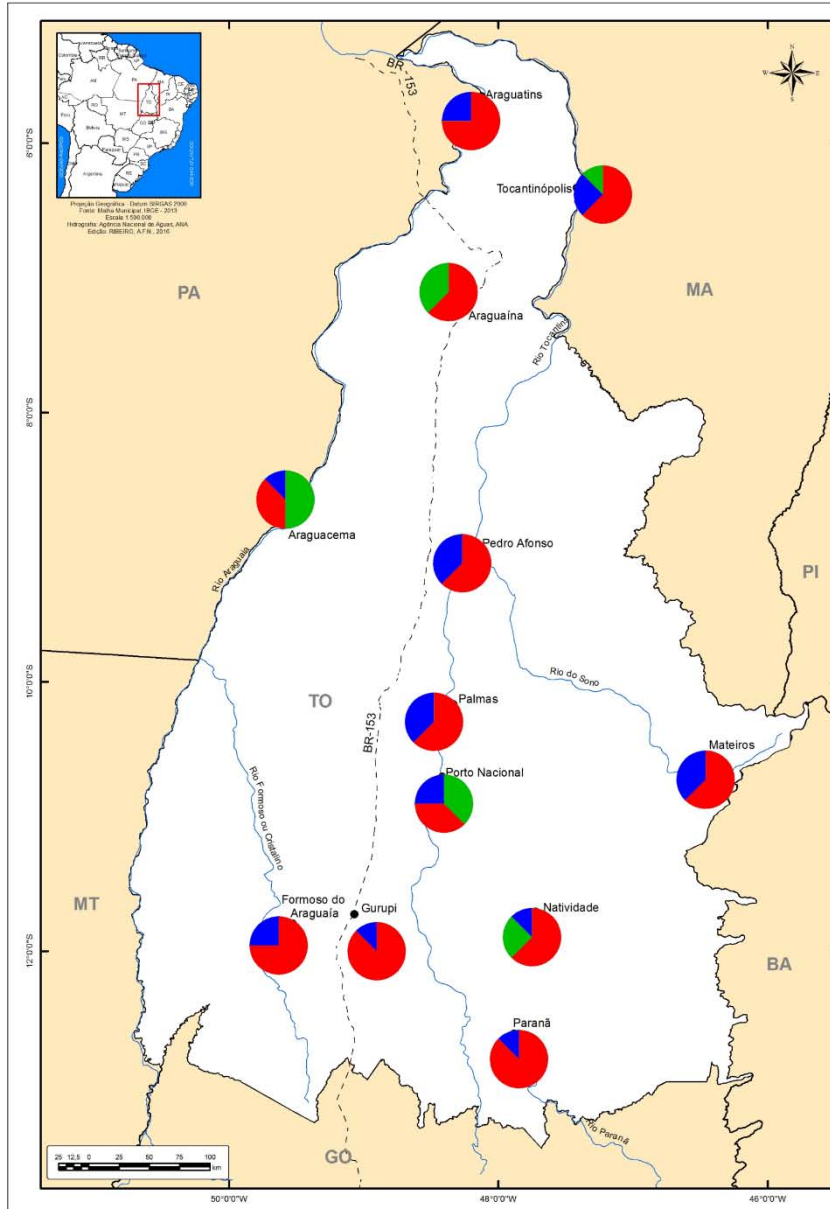
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F25: G[O]RDURA - Vogal média posterior - posição pretônica

Legenda

- Alçadas [u]
- Fechadas [o]
- Abertas [ɔ]



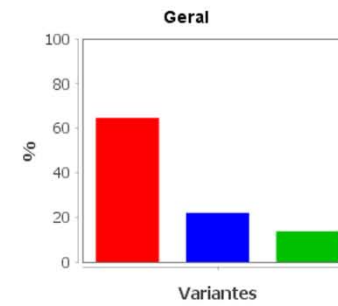


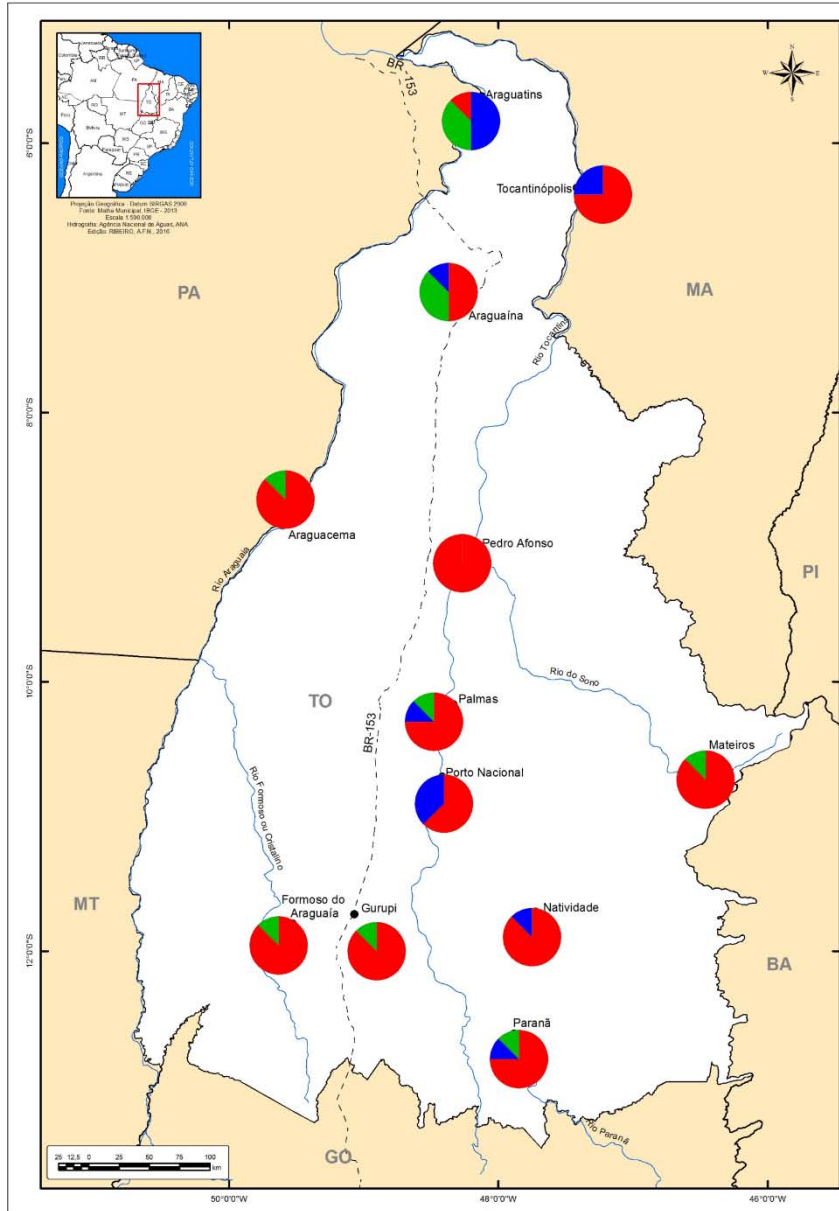
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F26: C[O]LHER - Vogal média posterior - posição pretônica

Legenda

- Alçadas [u]
- Fechadas [o]
- Abertas [ɔ]



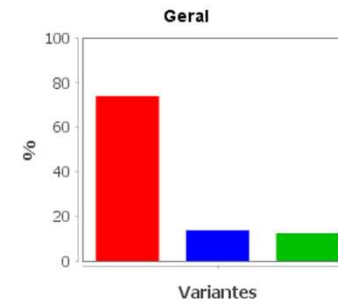


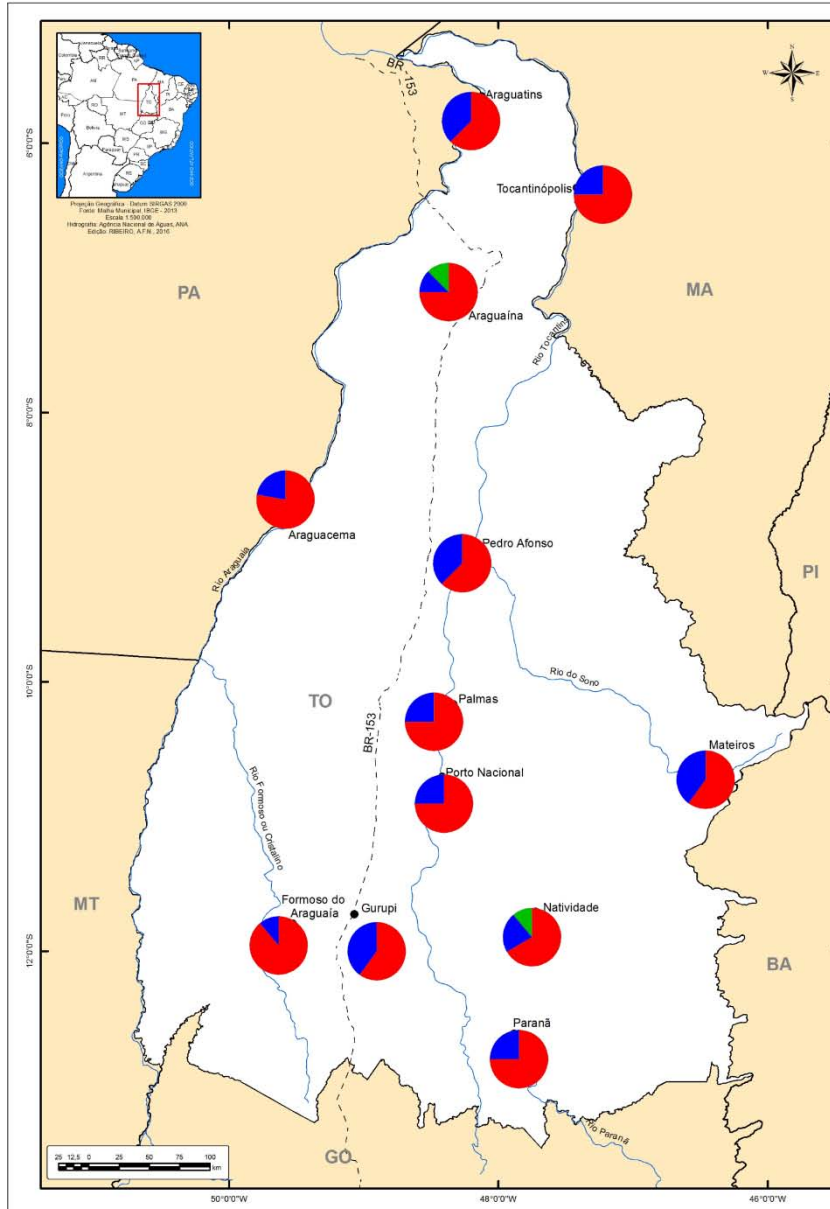
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F27: T[O]MATE - Vogal média posterior - posição pretônica

#### Legenda

- Abertas [ɔ]
- Fechadas [o]
- Alçadas [u]



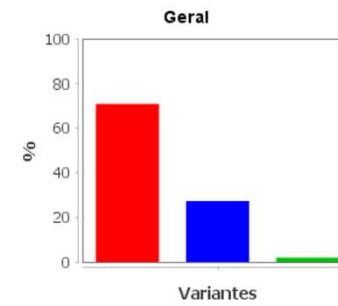


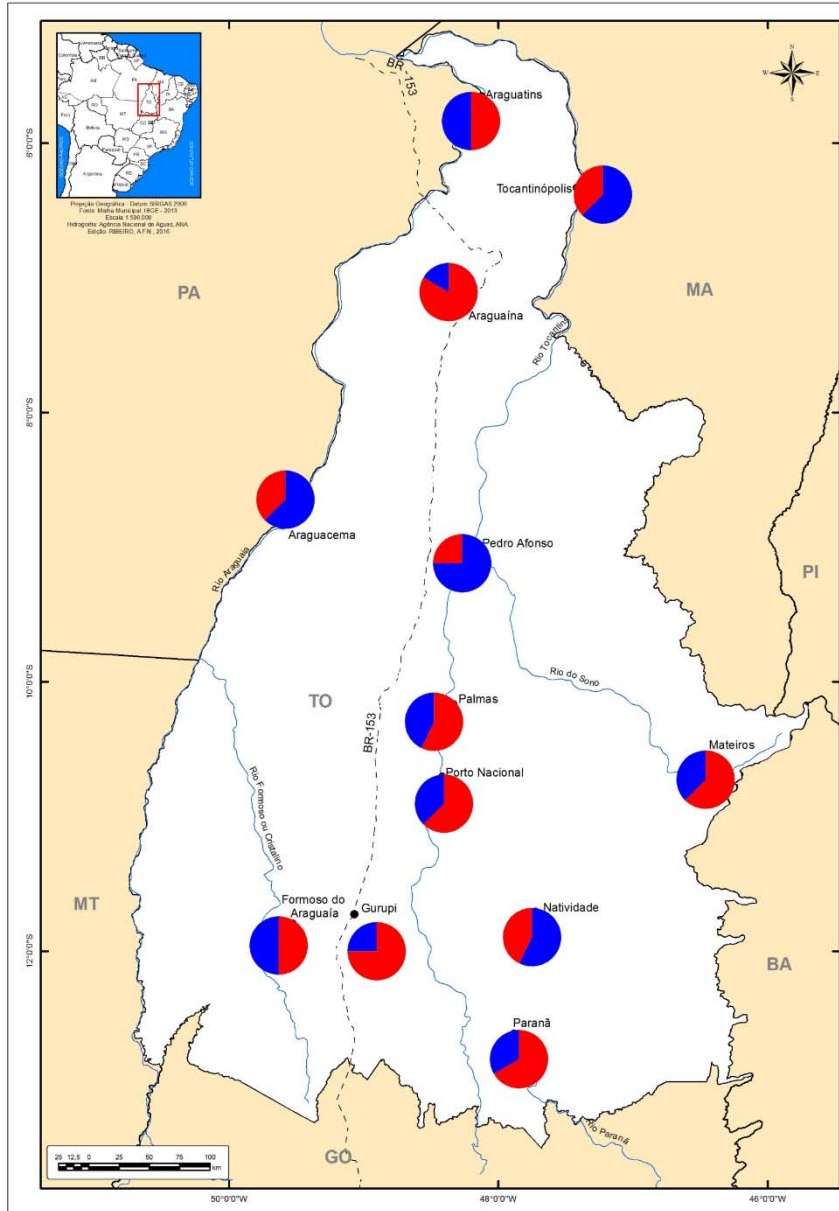
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F28: B[O]NITO - Vogal média posterior - posição pretônica

Legenda

- Alçadas [u]
- Fechadas [o]
- Abertas [ɔ]



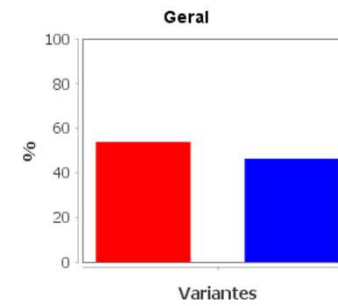


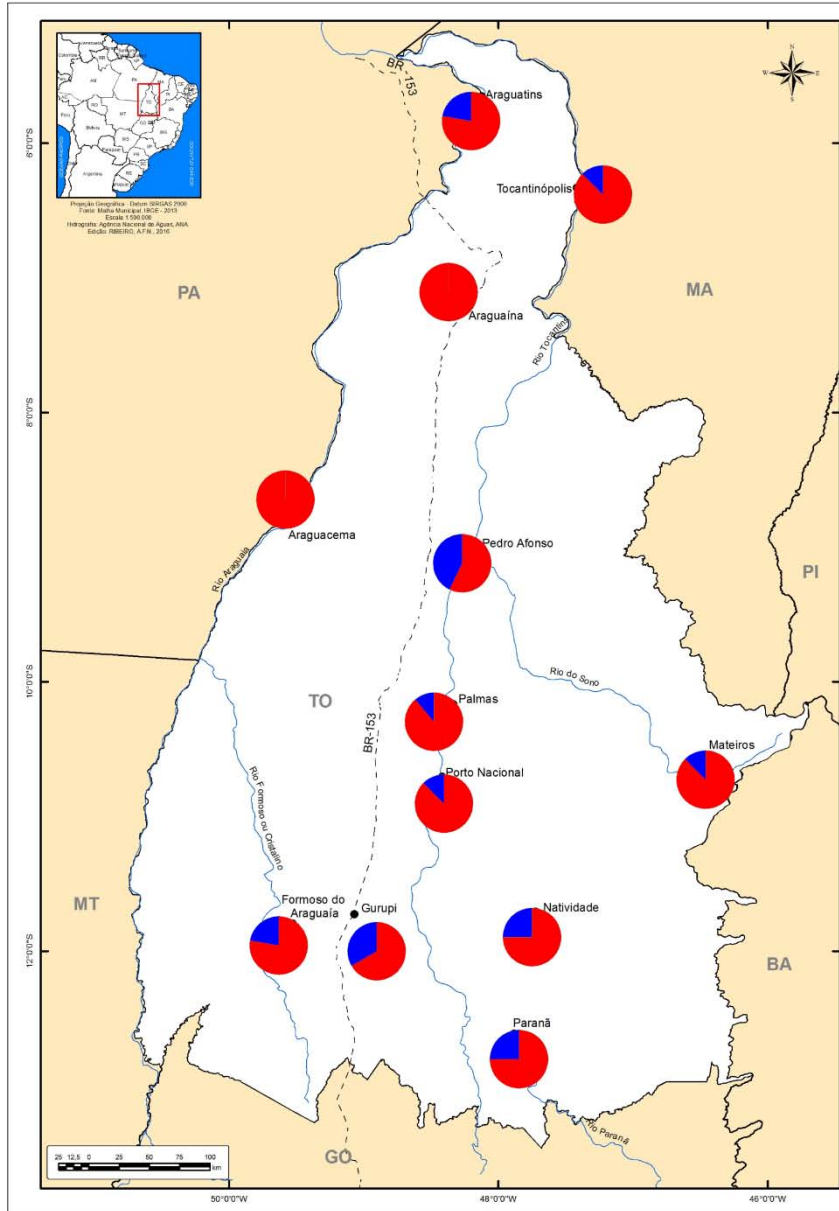
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F29: M[O]NTAR - Vogal média posterior - posição pretônica

#### Legenda

- Alçadas [u]
- Fechadas [o]



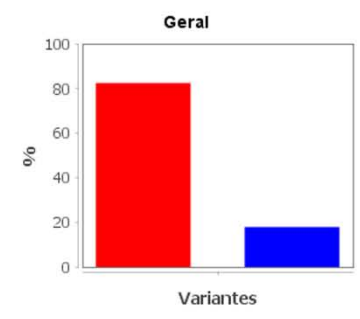


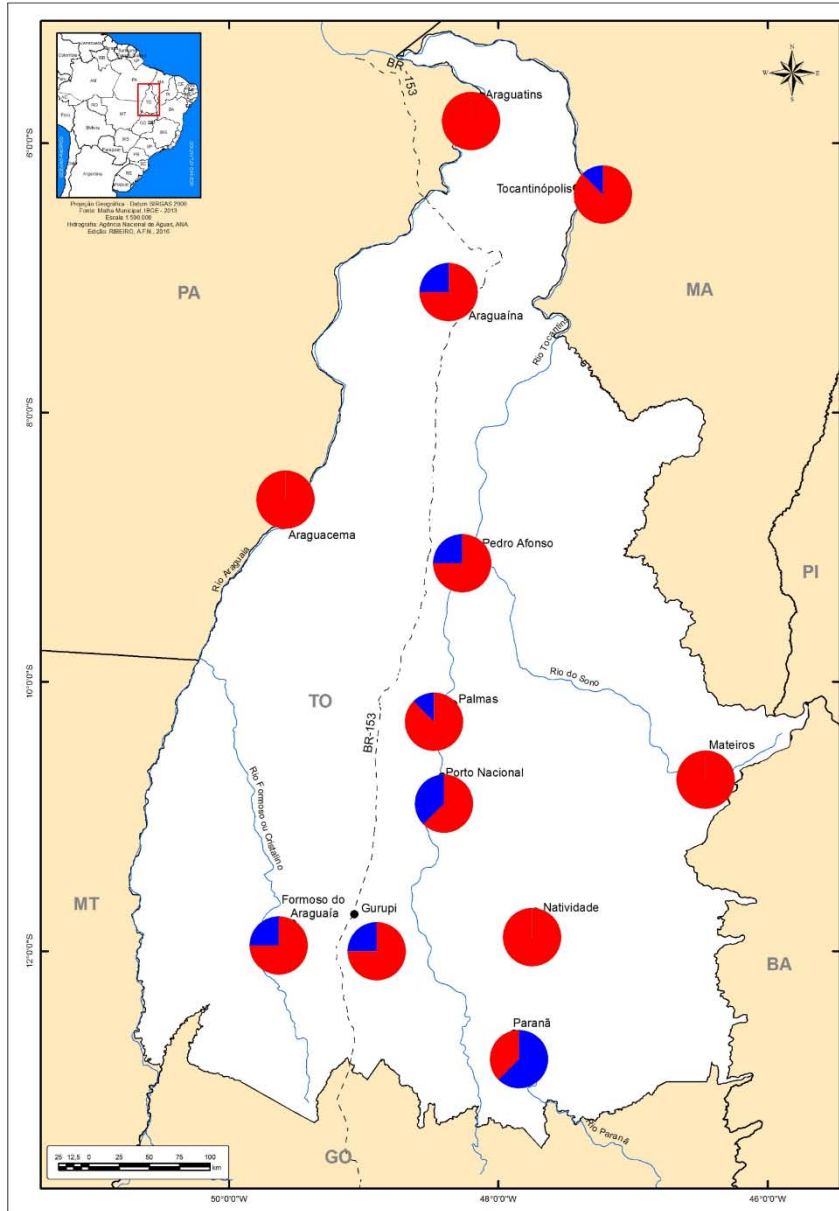
ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F30: C[O]LEGA - Vogal média posterior - posição pretônica

Legenda

- Abertas [ɔ]
- Fechadas [o]



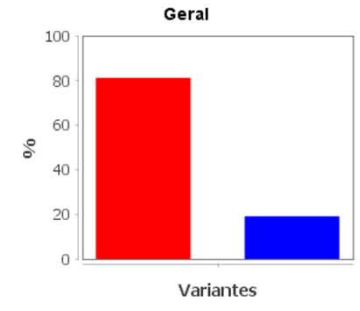


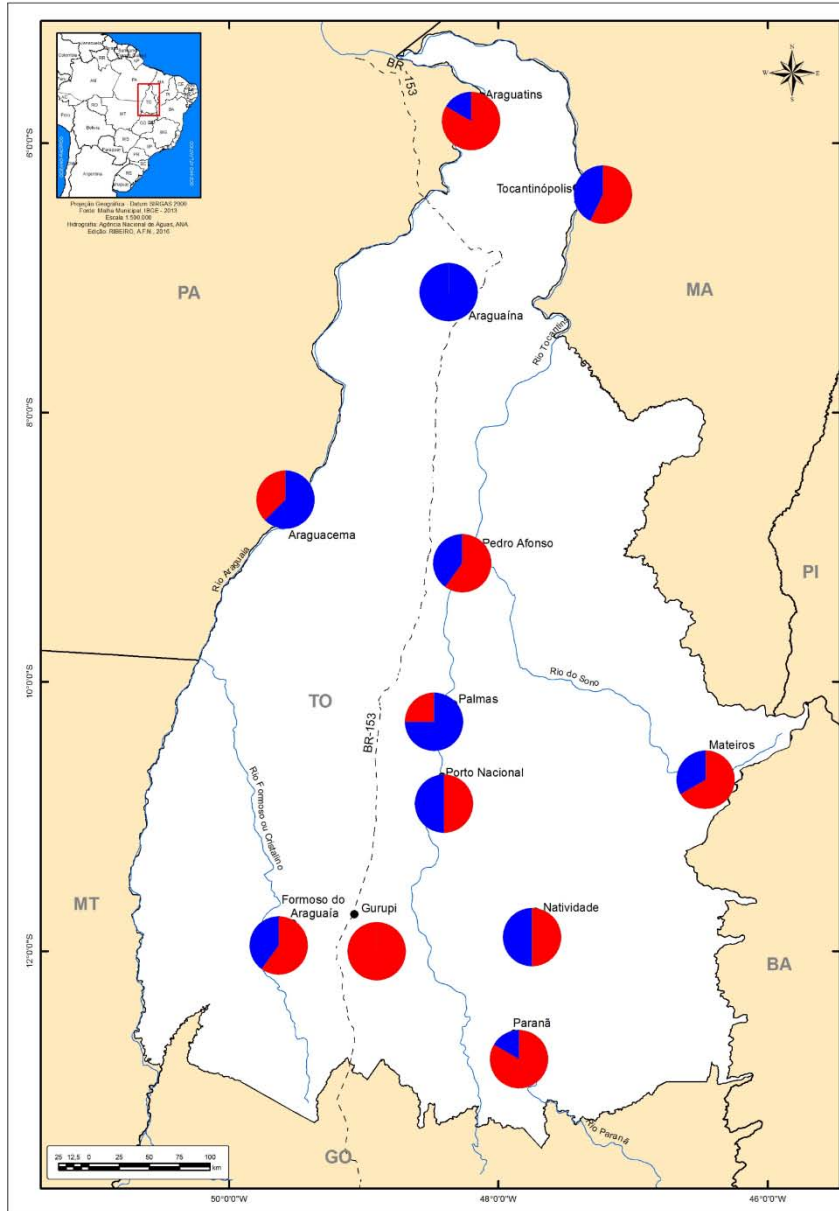
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F31: ADV[O]GADO - Vogal média posterior - posição pretônica

#### Legenda

- Abertas [ɔ]
- Fechadas [o]



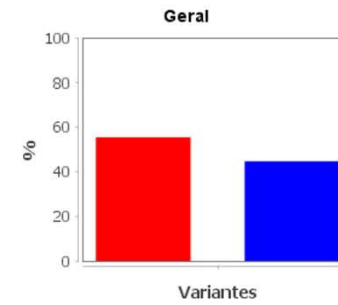


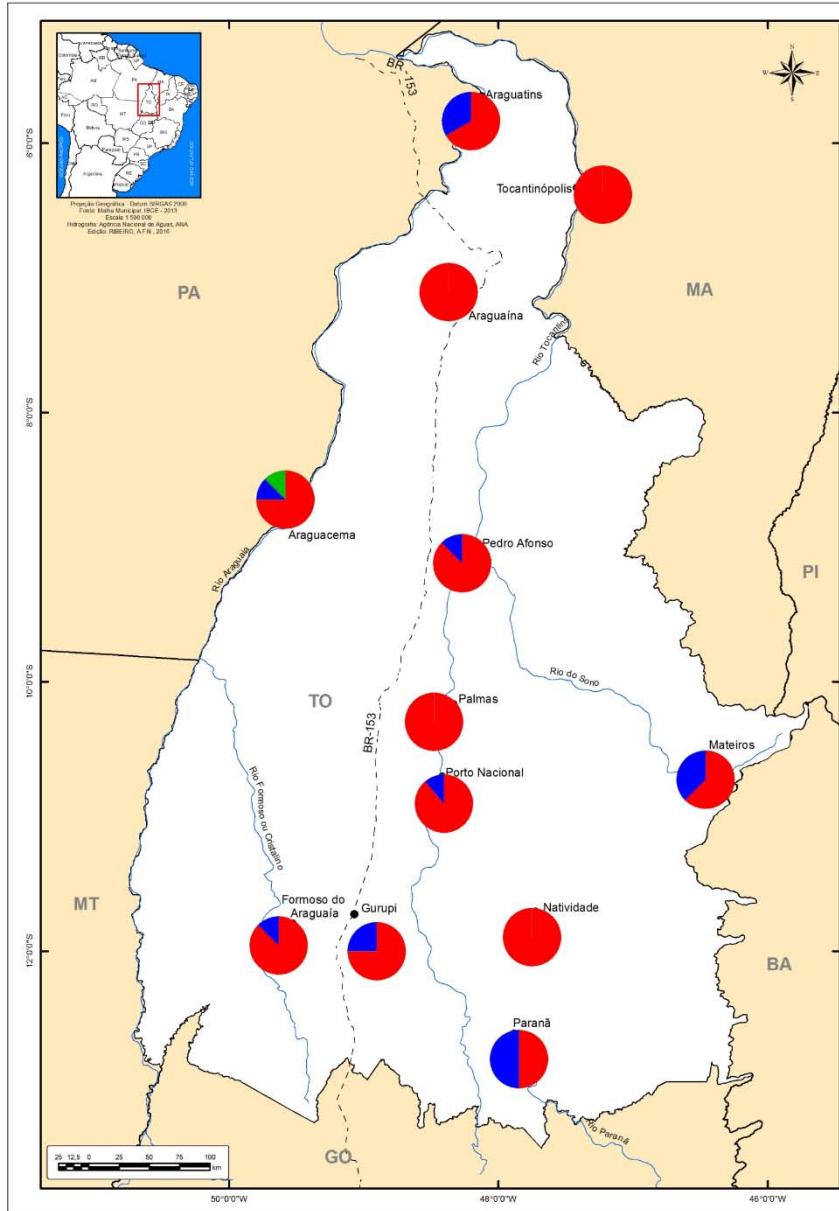
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F32: PR[O]CISSÃO - Vogal média posterior - posição pretônica

Legenda

- Fechadas [o]
- Abertas [ɔ]



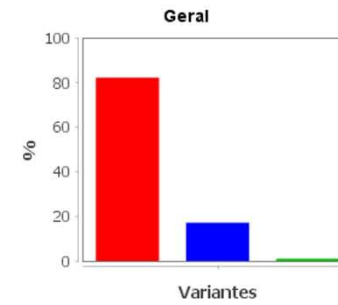


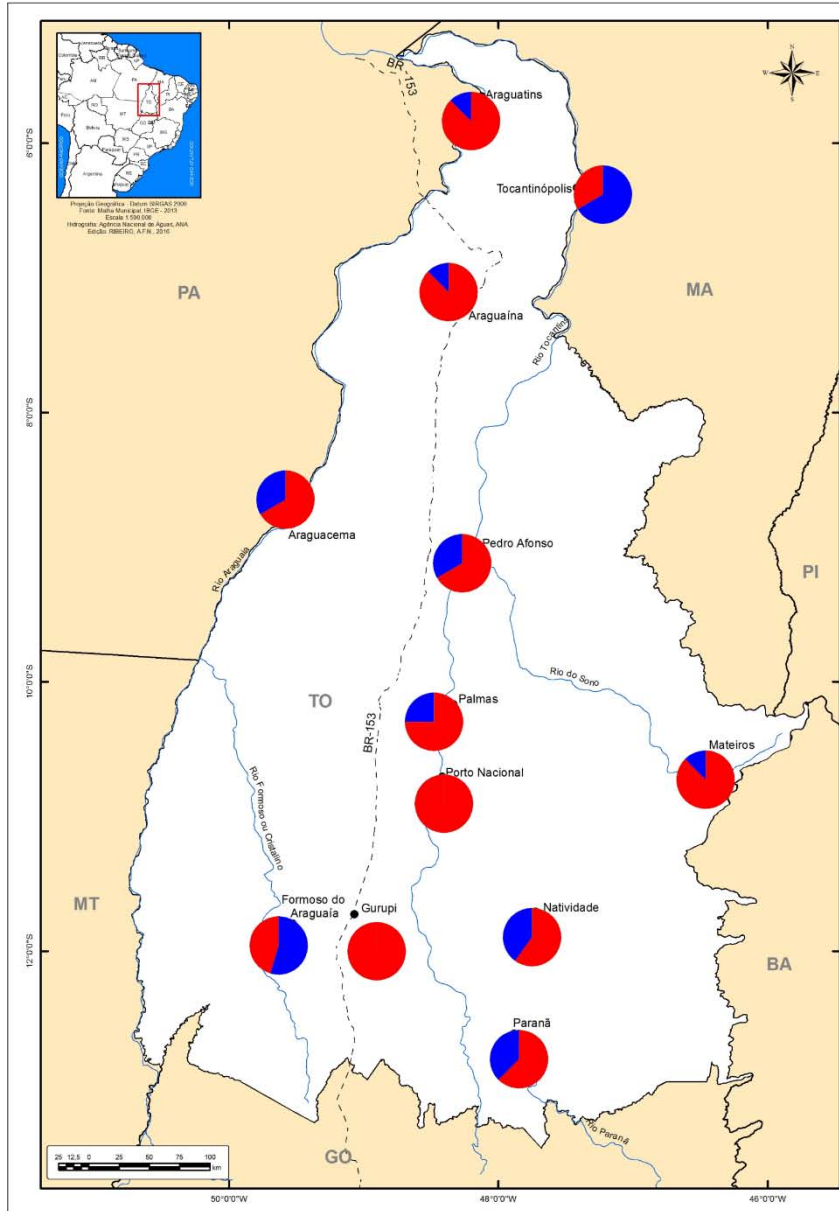
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F33: C[O]RAÇÃO - Vogal média posterior - posição pretônica

Legenda

- Abertas [ɔ]
- Fechadas [o]
- Alçadas [u]



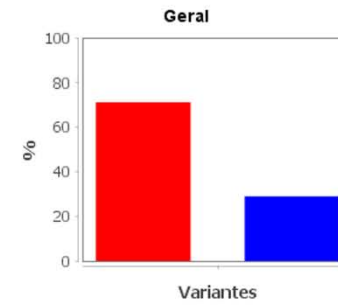


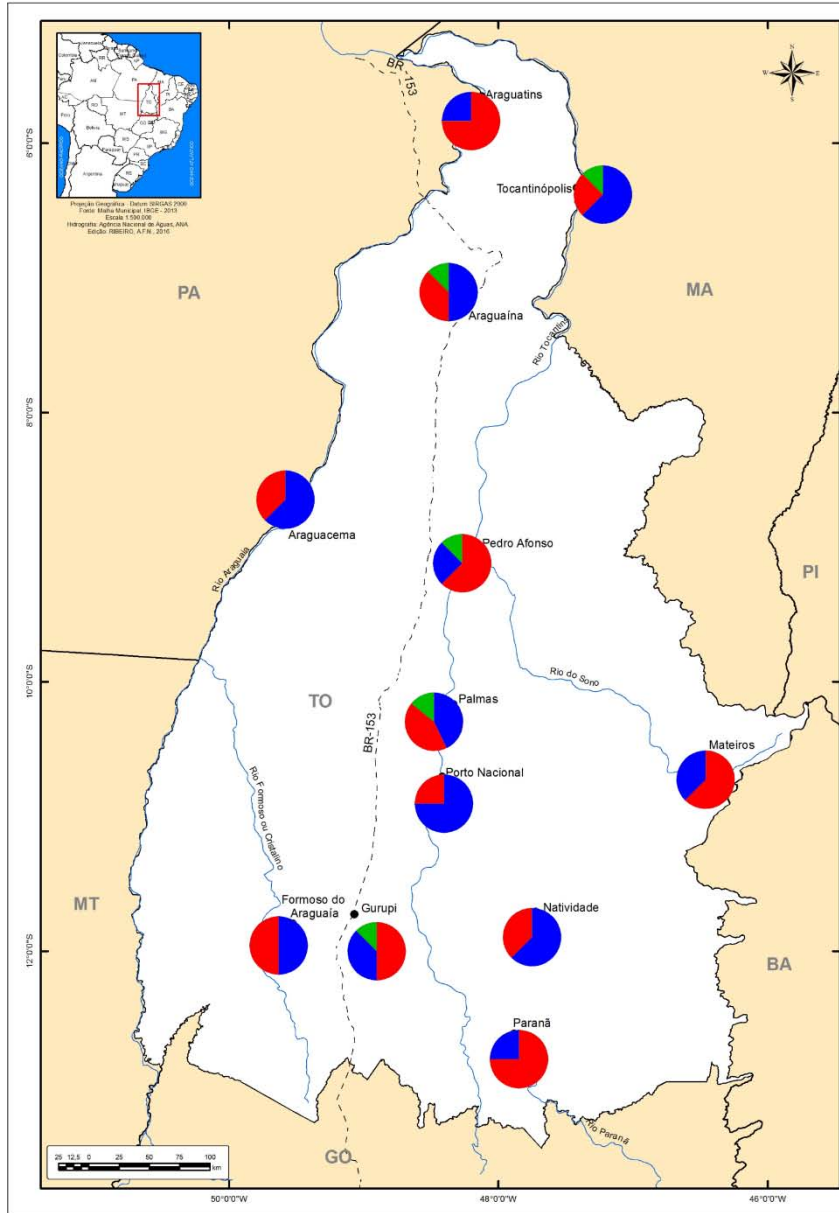
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F34: J[O]ELHO - Vogal média posterior - posição pretônica

#### Legenda

- Alçadas [u]
- Fechadas [o]



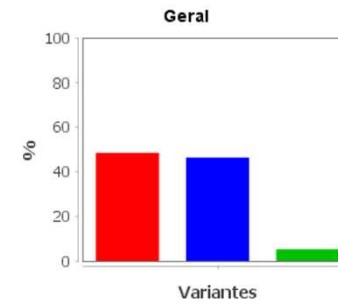


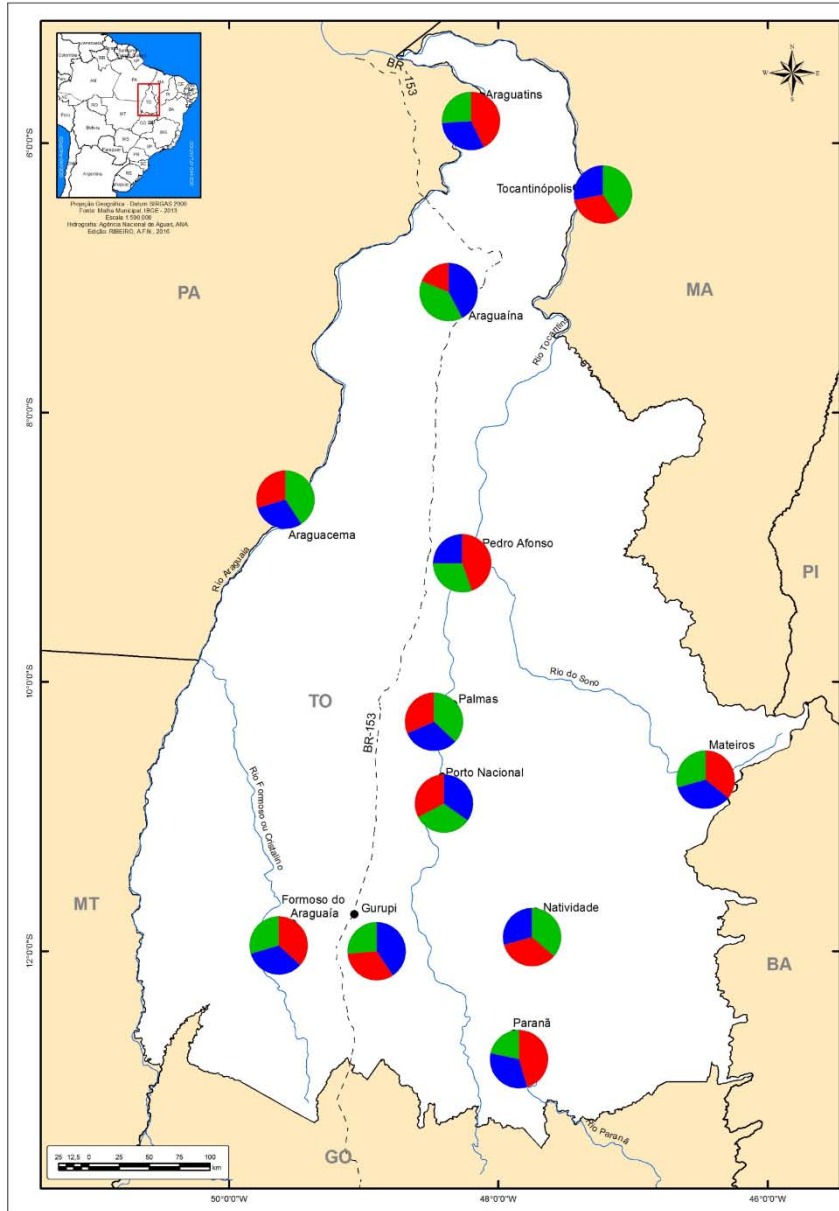
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F35: D[O]RMINDO - Vogal média posterior - posição pretônica

#### Legenda

- Fechadas [o]
- Alçadas [u]
- Abertas [ɔ]



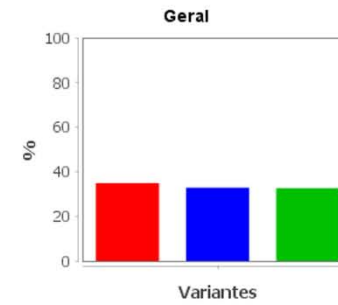


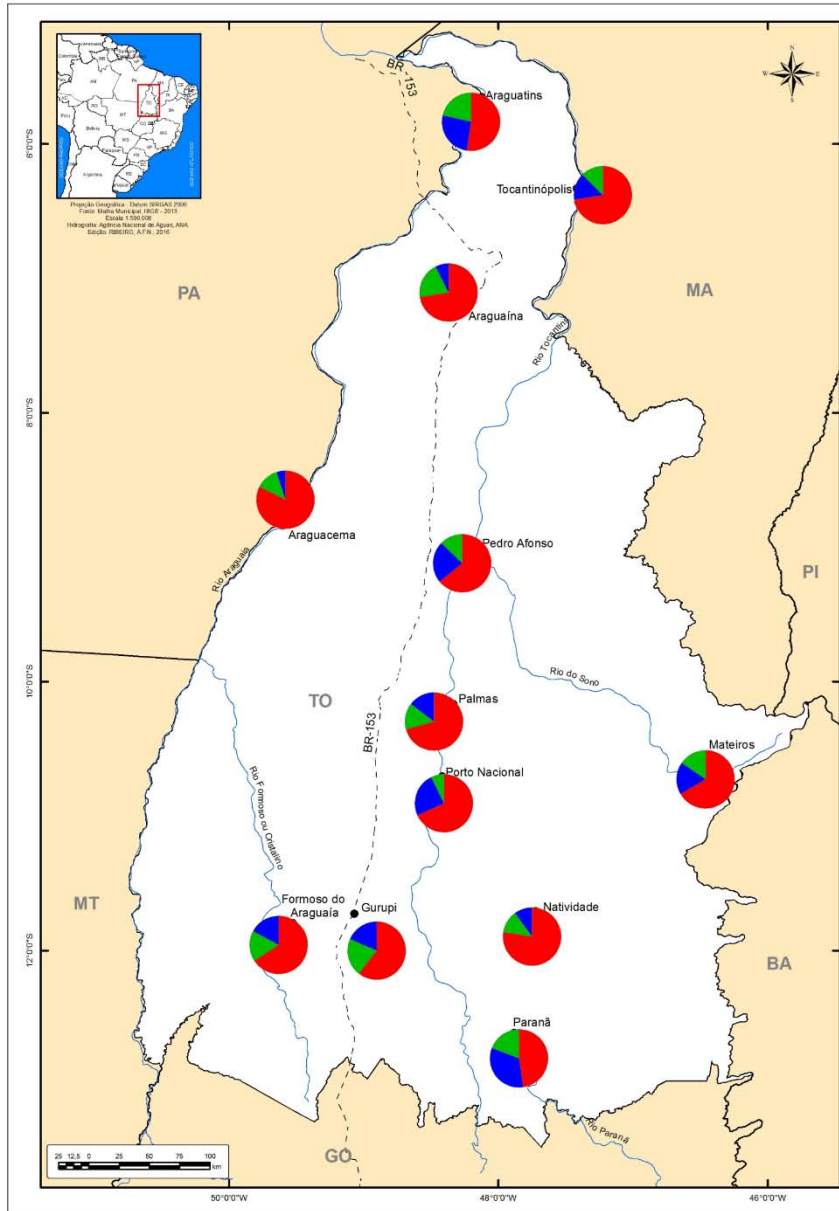
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F36-A: Vogal média posterior /o/ - posição pretônica

Legenda

- Fechadas [o]
- Alçadas [u]
- Abertas [ɔ]



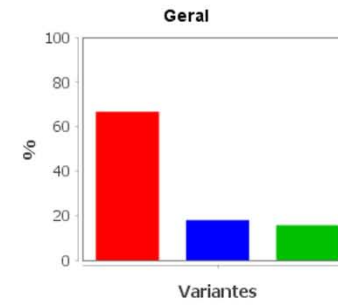


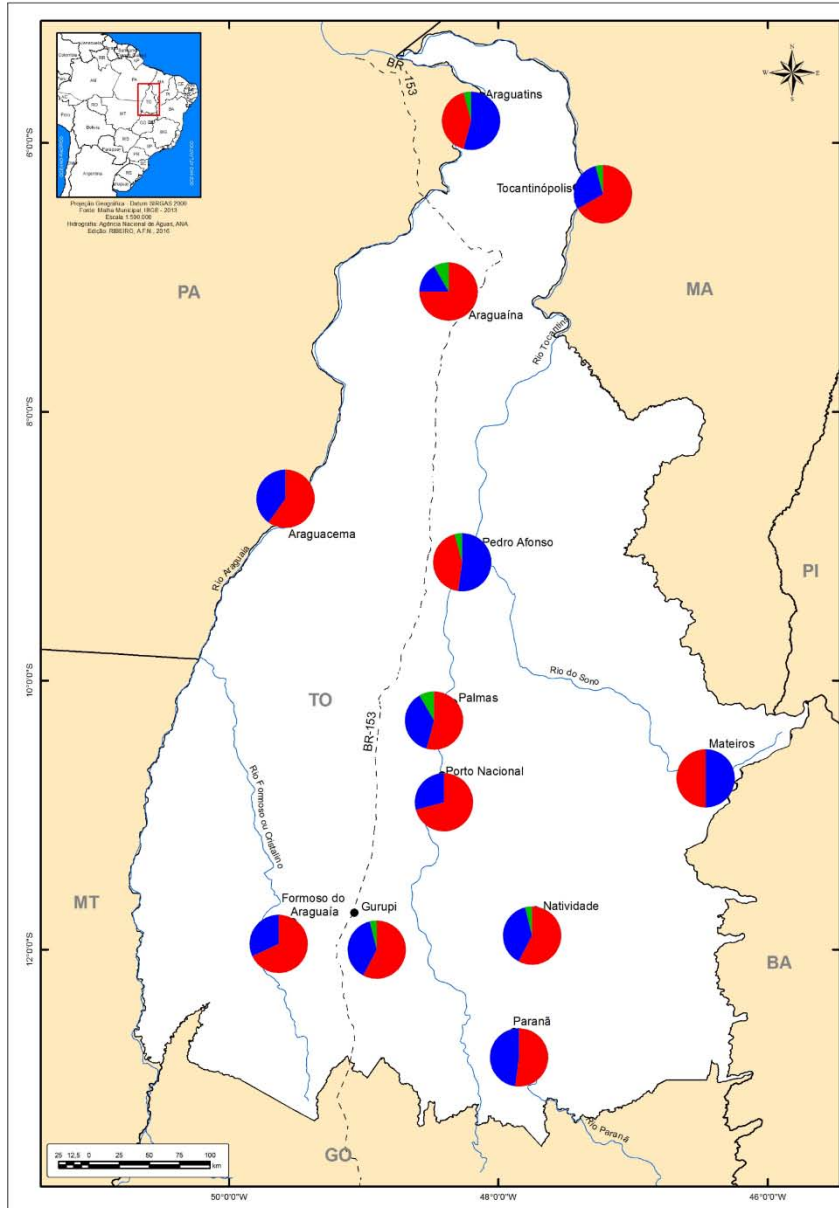
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F36-Aa: /o/ em sílaba CV, com consoante [-cor] antecedente e/ou subsequente

Legenda

- Abertas [ɔ]
- Fechadas [o]
- Alçadas [u]



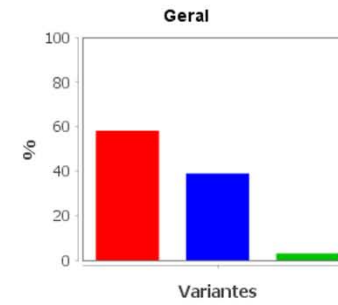


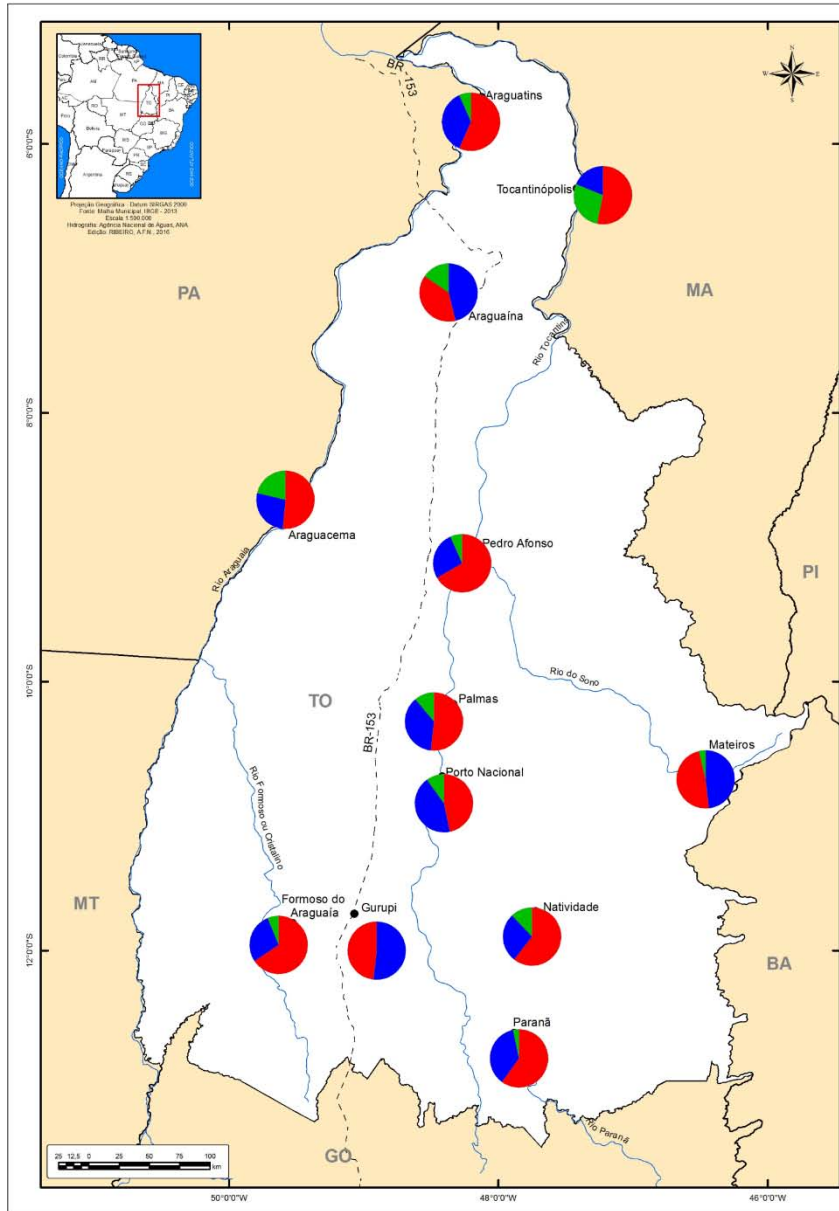
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F36-Ab: /o/ em sílaba com consoante [-cor] e seguida de sílaba com vogal alta

Legenda

- Alçadas [u]
- Fechadas [o]
- Abertas [ɔ]



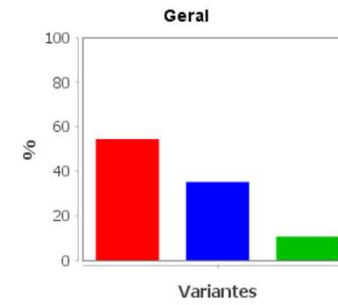


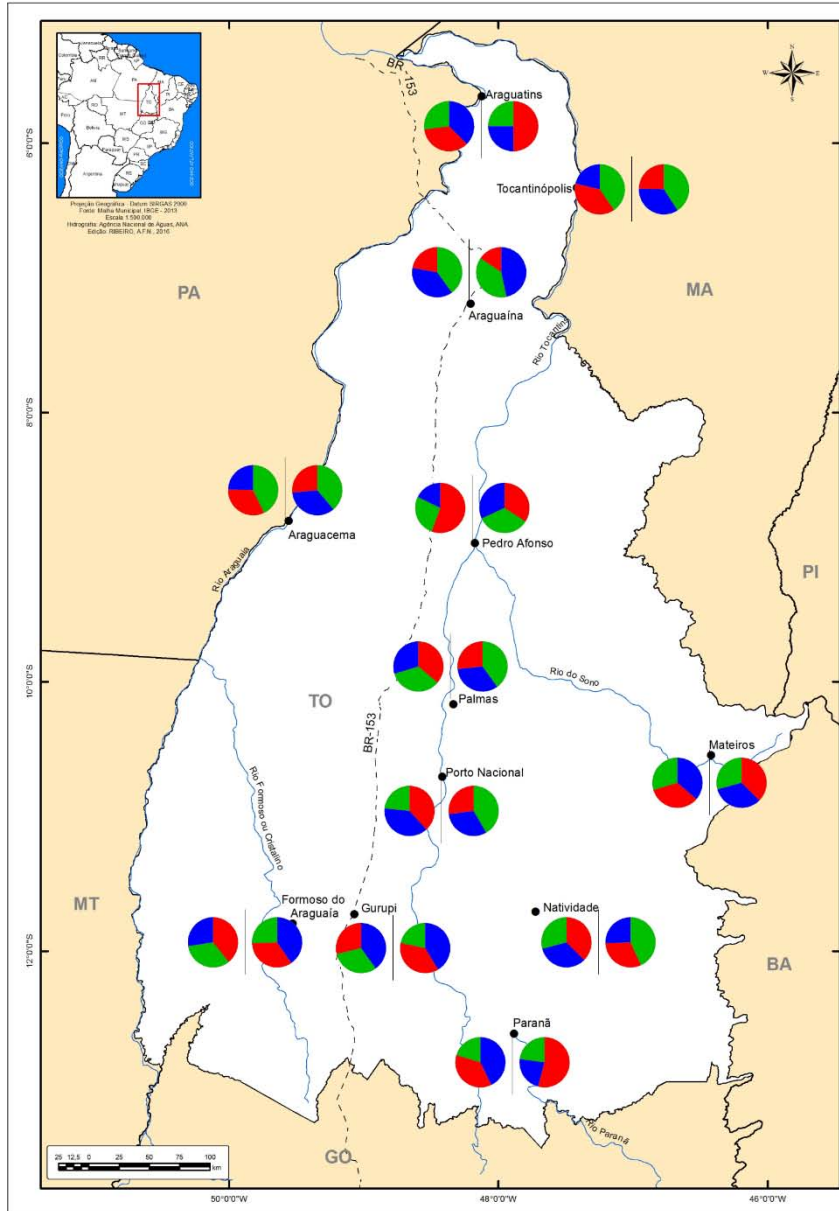
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F36-Ac: Vogal /o/ em outros contextos

Legenda

- Fechadas [o]
- Alçadas [u]
- Abertas [ɔ]





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

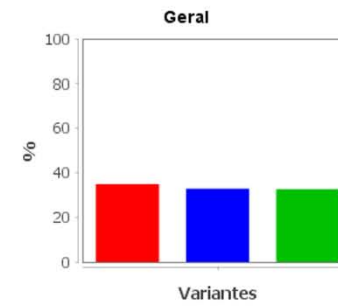
Carta Sintética F36-B: Vogal média posterior /o/ - posição pretônica

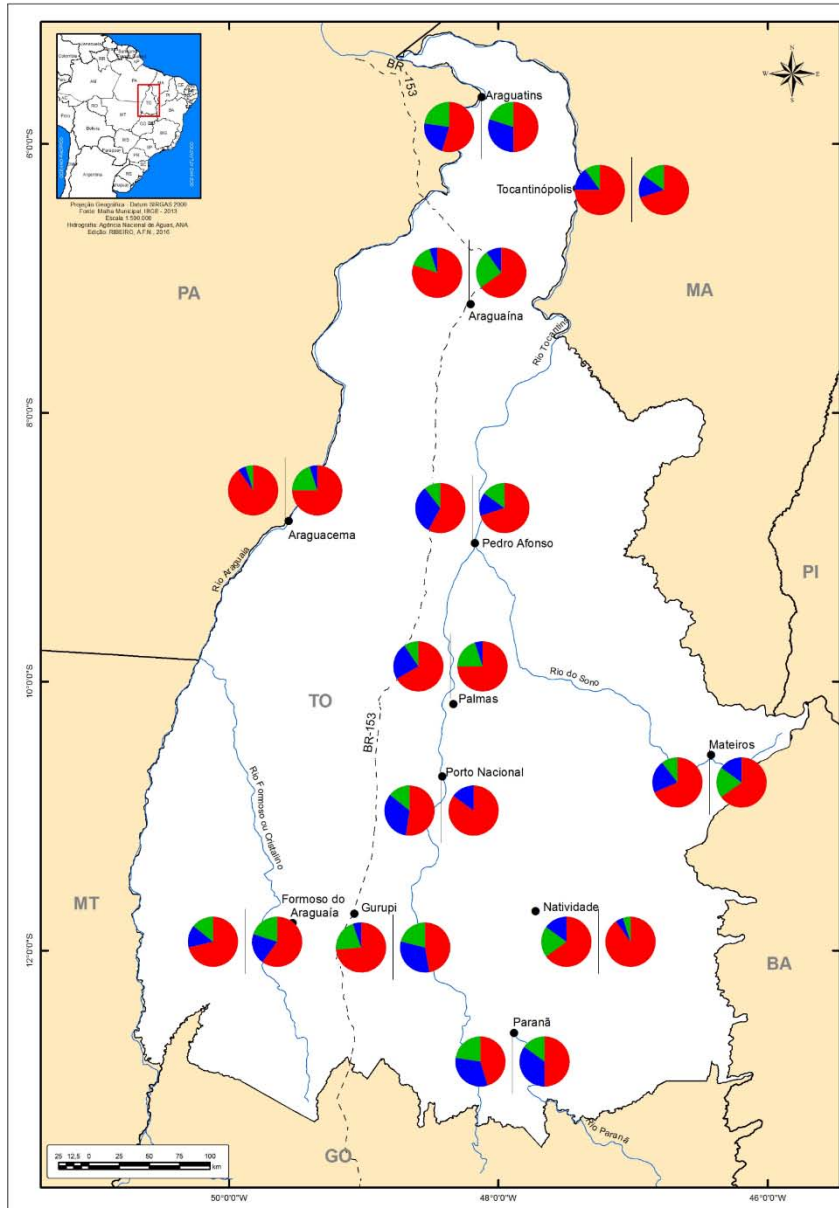
Legenda

- Fechadas [o]
- Alçadas [u]
- Abertas [ɔ]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS





ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

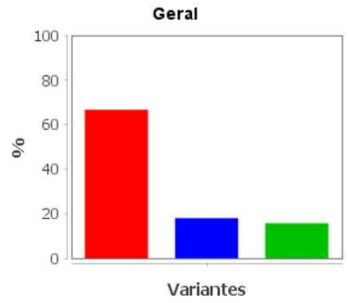
Carta Sintética 36-Ba: /o/ em sílaba CV, com consoante [-cor] antecedente e/ou subsequente

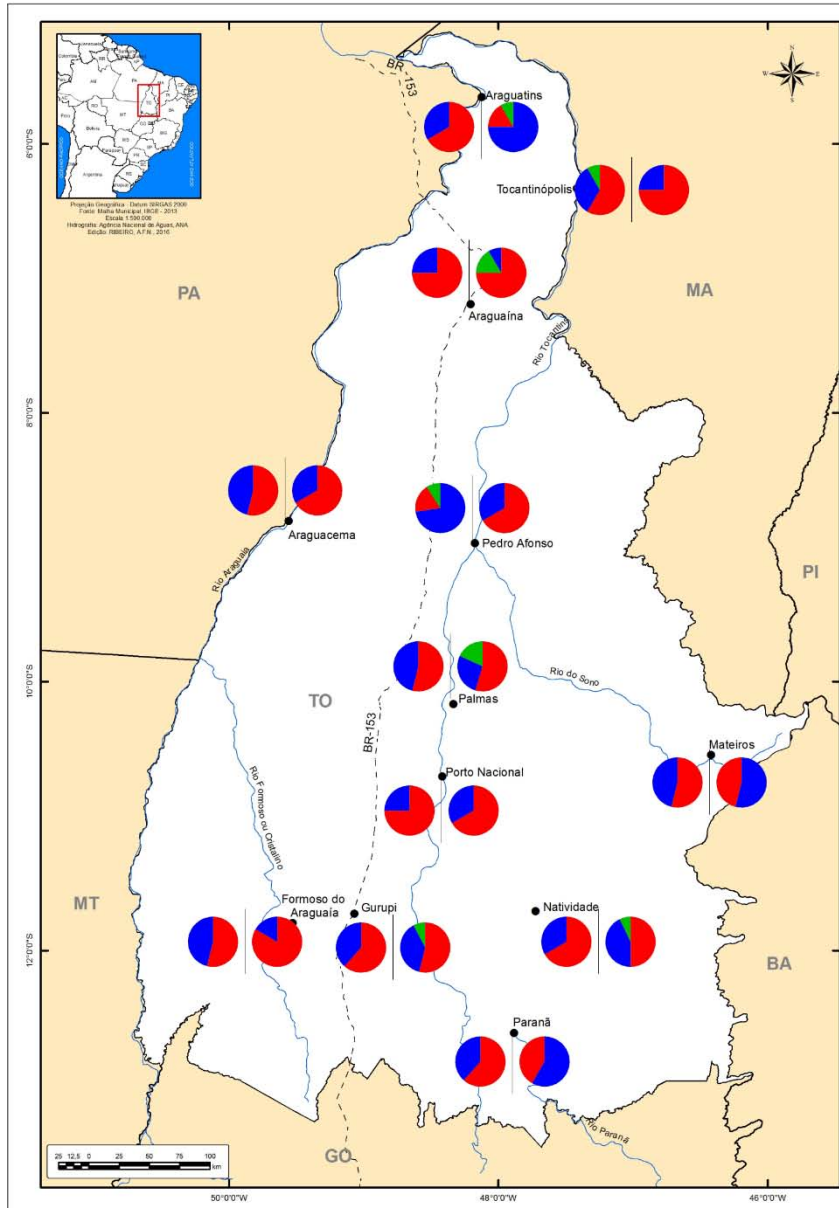
Legenda

- Abertas [ɔ]
- Fechadas [o]
- Alçadas [u]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

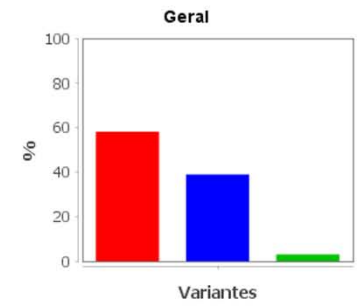
Carta Sintética F36-Bb: /o/ em sílaba com consoante [-cor] e seguida de sílaba com vogal alta

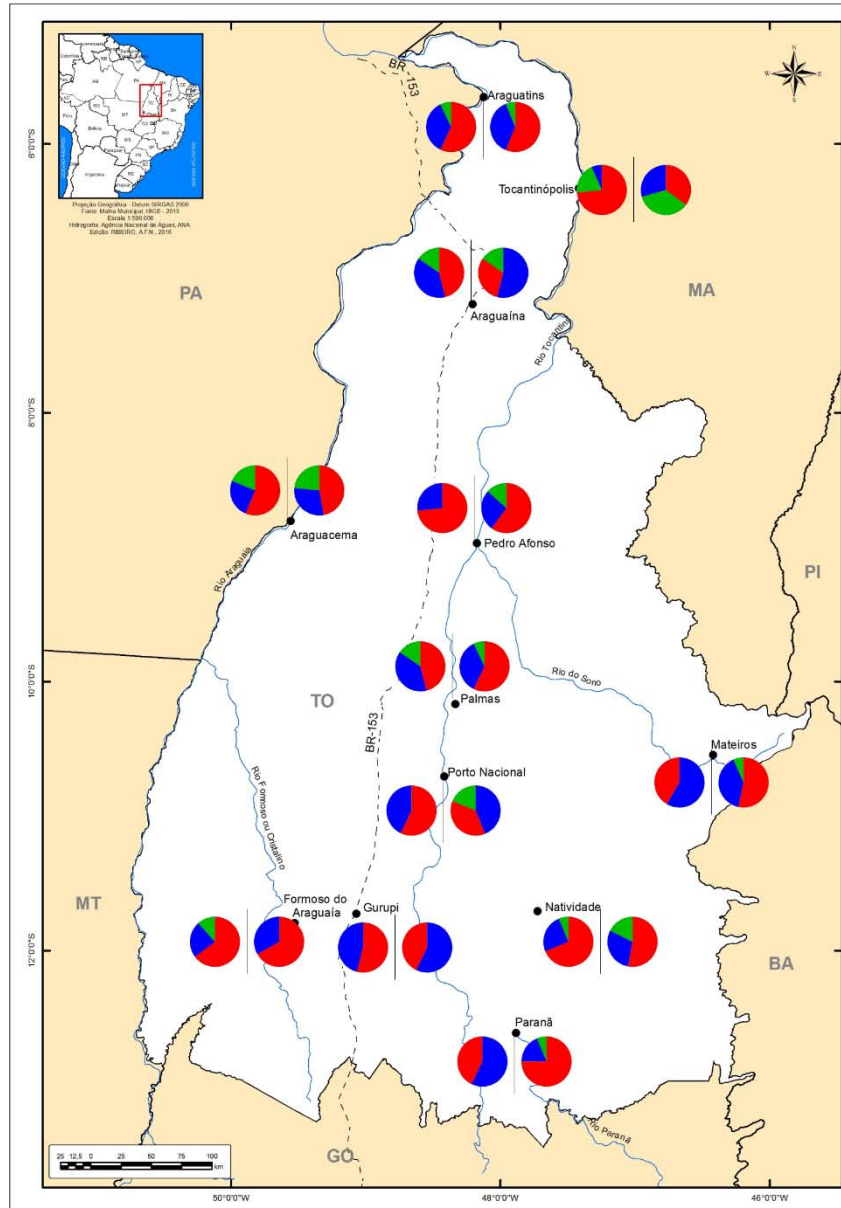
Legenda

- Alçadas [u]
- Fechadas [o]
- Abertas [ɔ]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

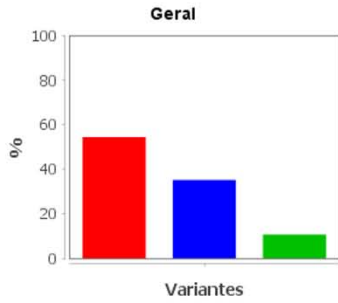
Carta Sintética F36-Bc: Vogal /o/ em outros contextos

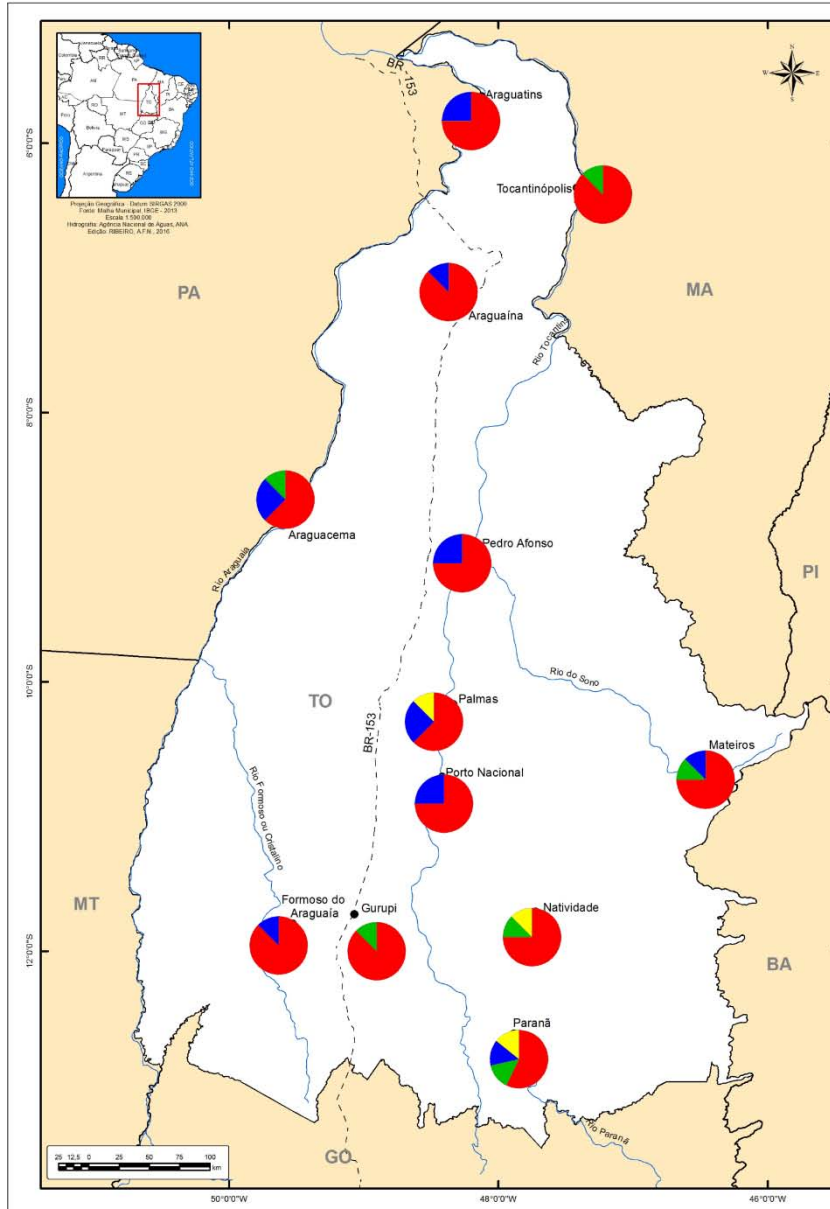
Legenda

- Fechadas [o]
- Alçadas [u]
- Abertas [ɔ]

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



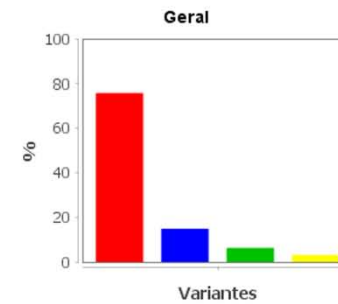


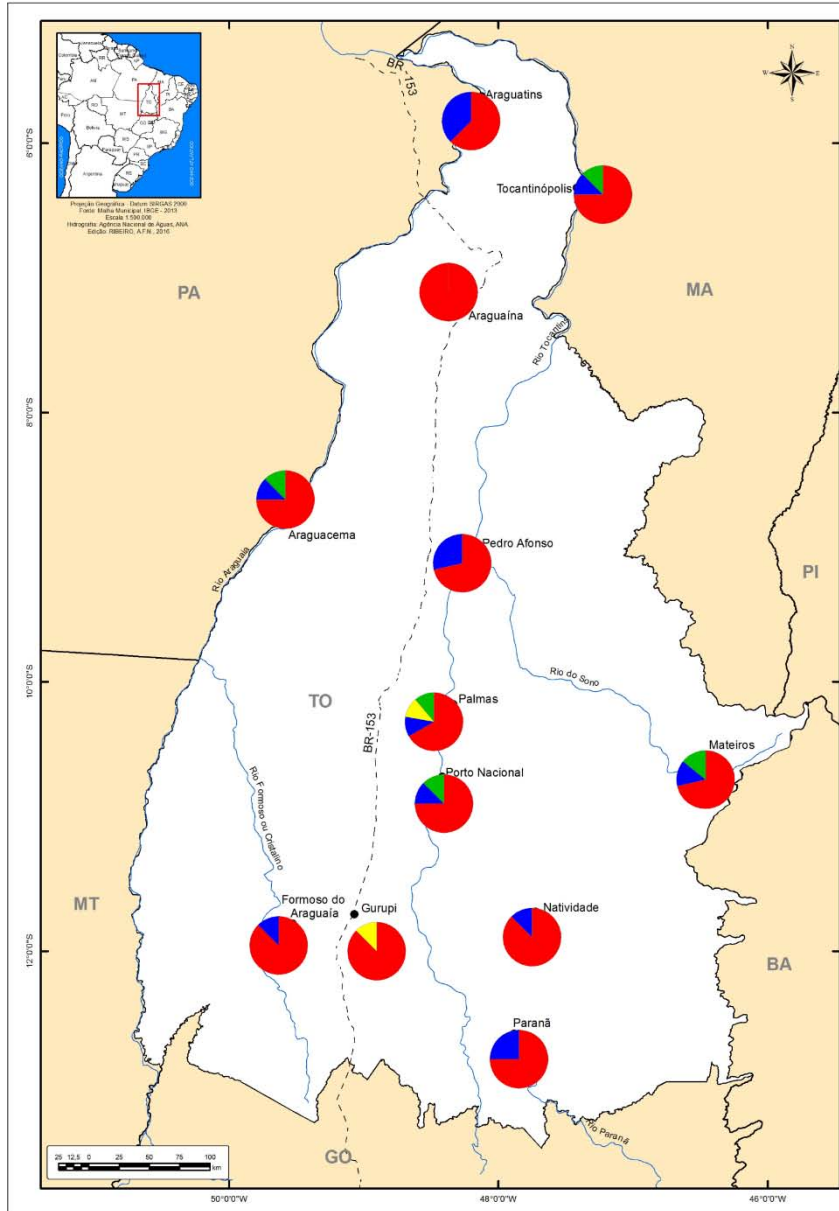
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F37: TO[R]NEIRA - Rótico em coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɾ] Retroflexo
- [r] Tepe



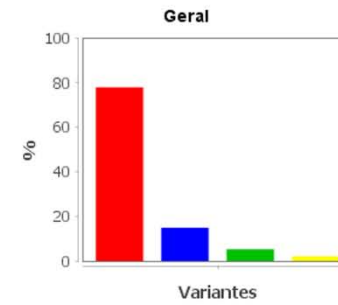


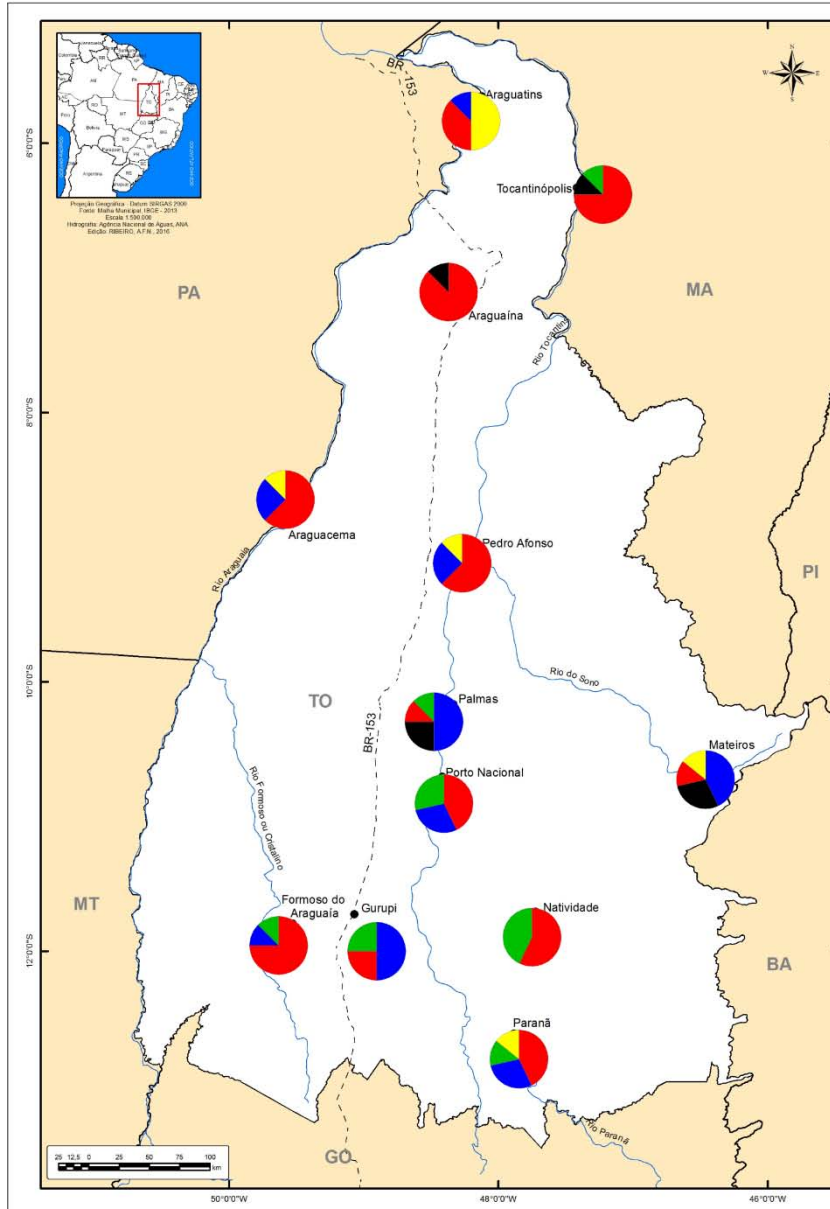
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F38: GO[R]DURA - Rótico em coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo
- [r] Tepe



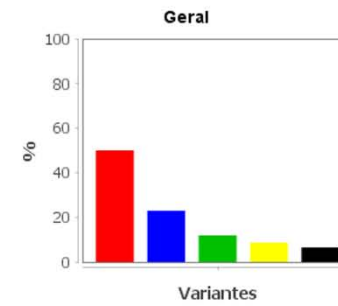


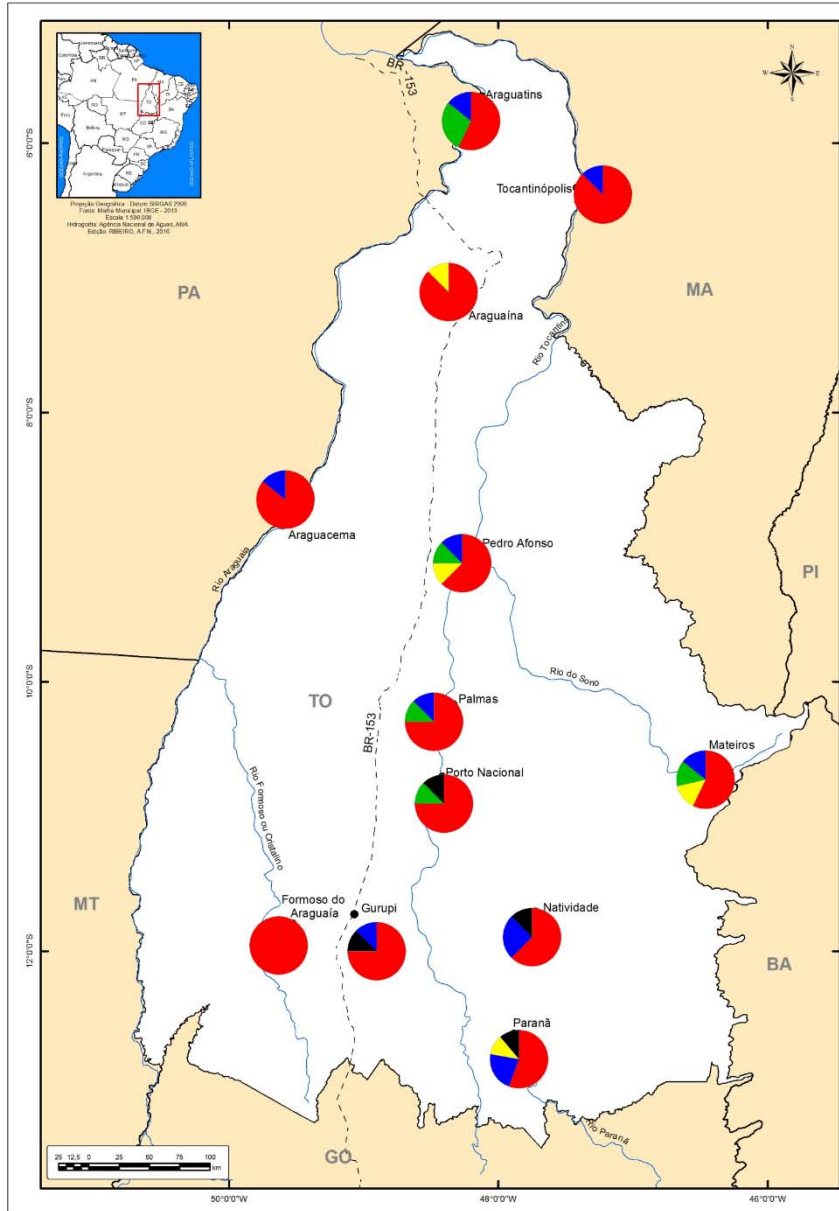
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F39: FE[R]VENDO - Rótico em coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [ʈ] Retroflexo
- [r] Tepe
- [x] Fricativa velar
- Apagamentos



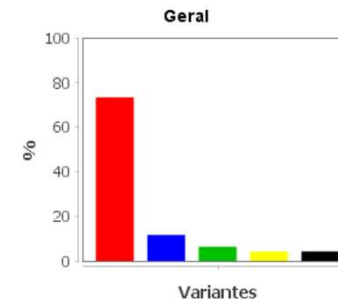


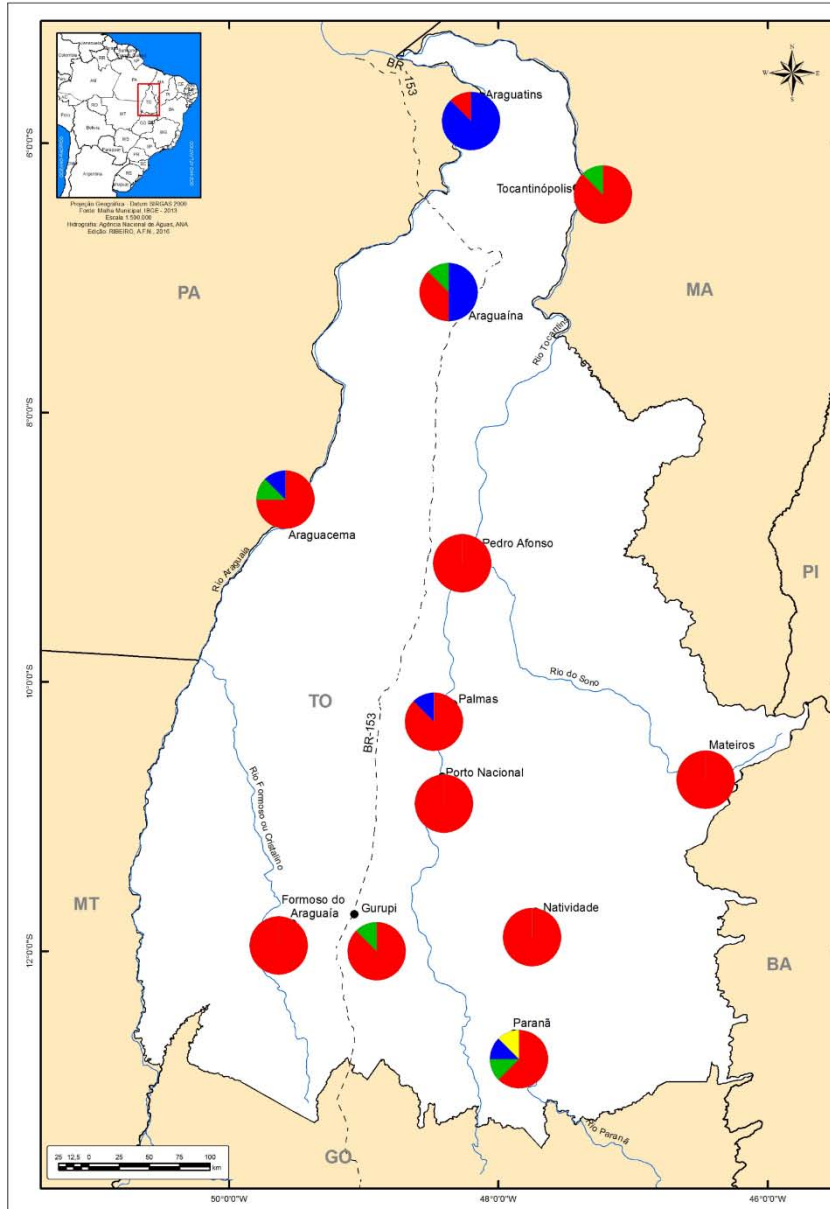
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F40: BO[R]BOLETA - Rótico em coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [ɽ] Retroflexo
- [x] Fricativa velar
- Apagamentos
- [r] Tepe



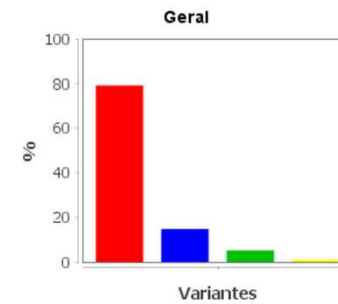


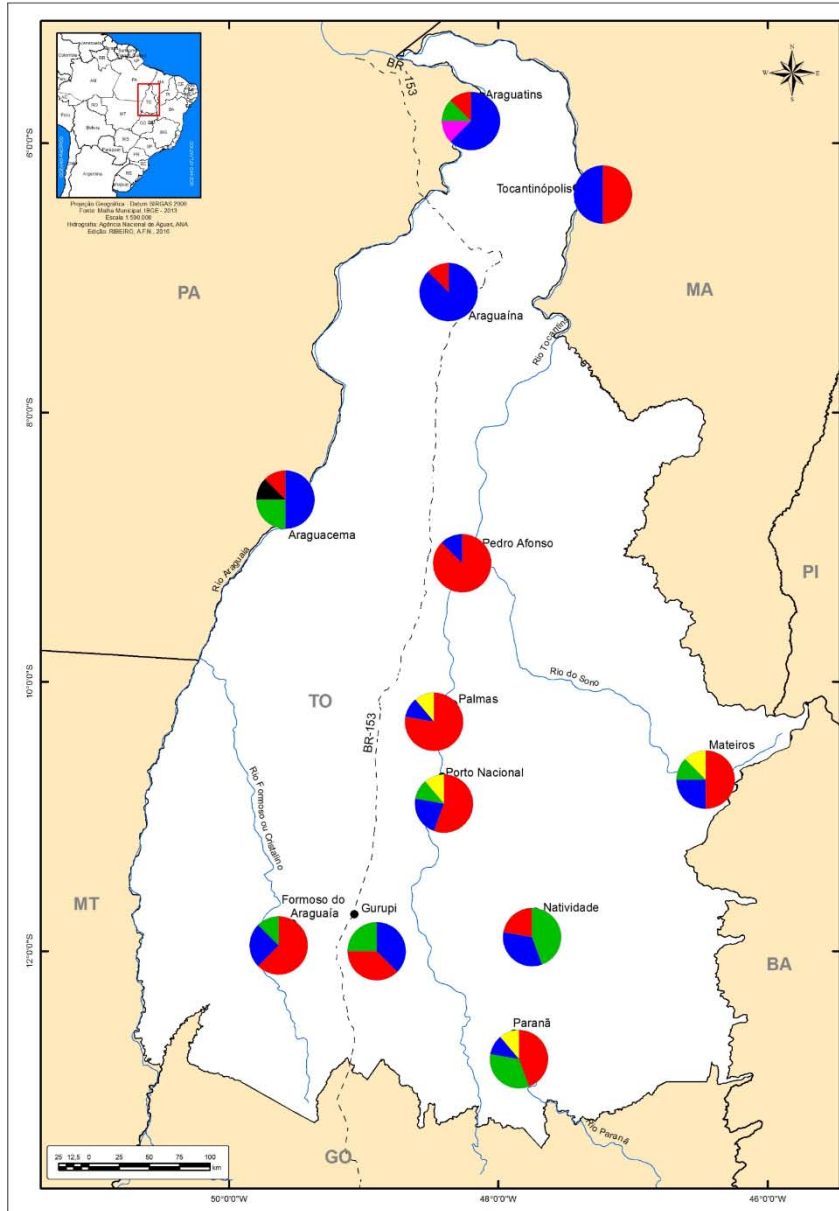
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F41: TA[R]DE - Rótico em coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo
- [r] Tepe



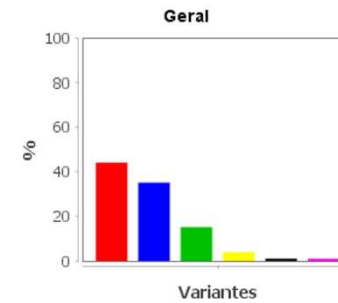


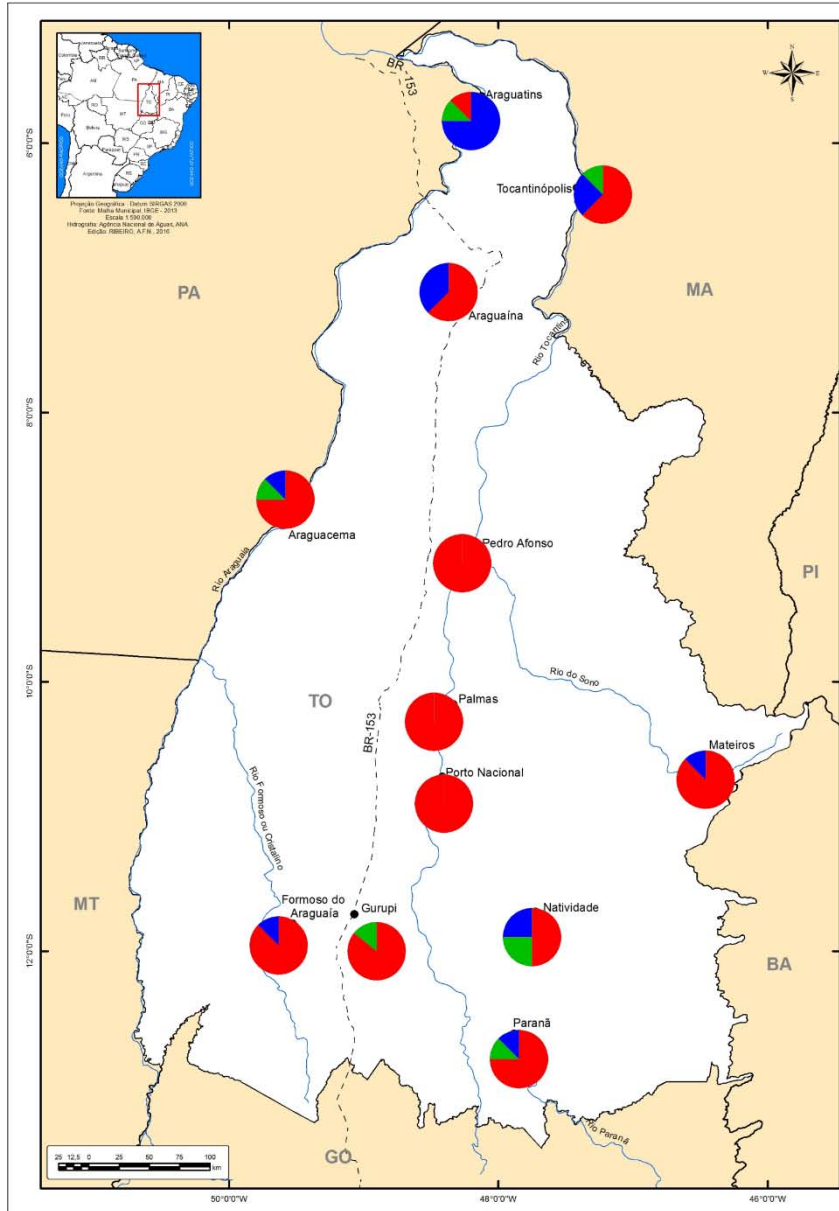
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F42: CATO[R]ZE - Rótico em coda medial

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [ɽ] Retroflexo
- [r̥] Tepe
- [r̄] Vibrante múltipla
- [x] Fricativa velar



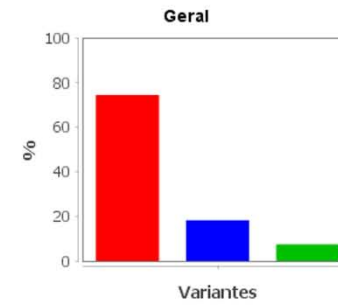


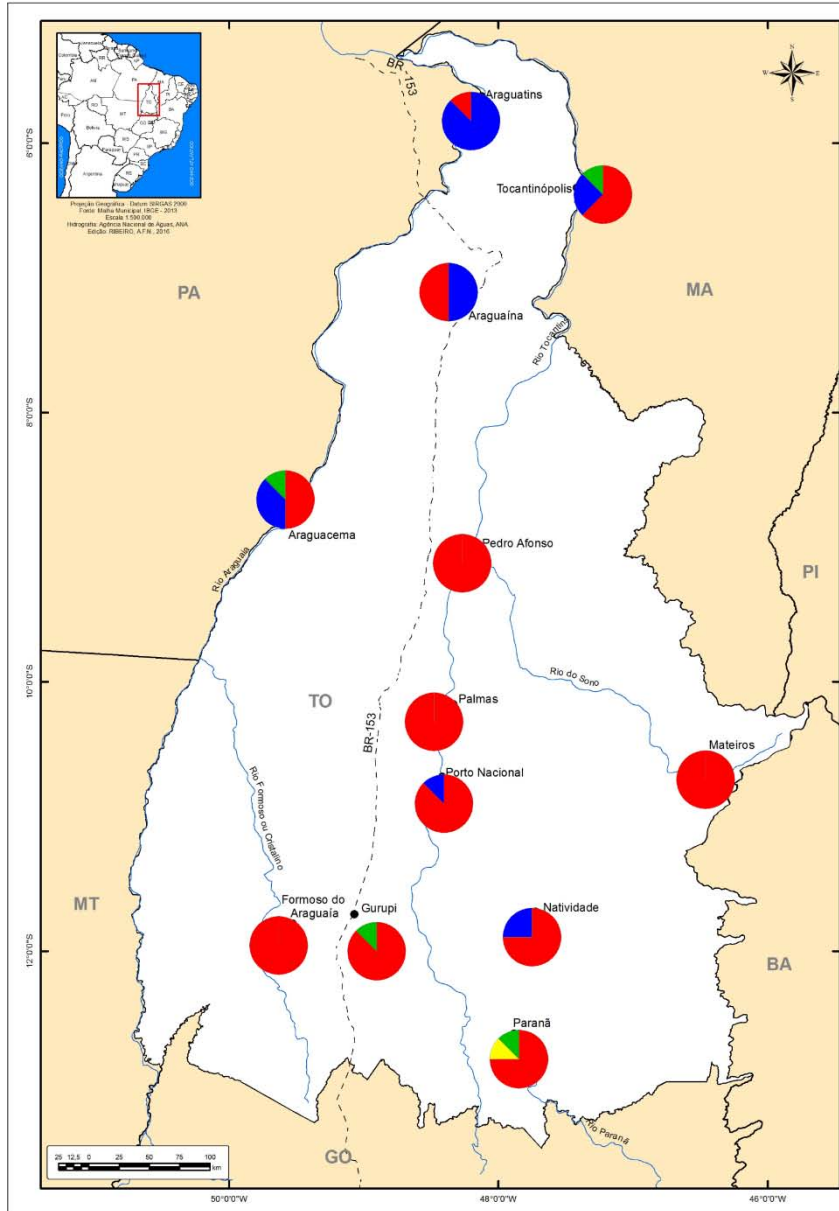
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F43: CE[R]TO - Rótico em coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo



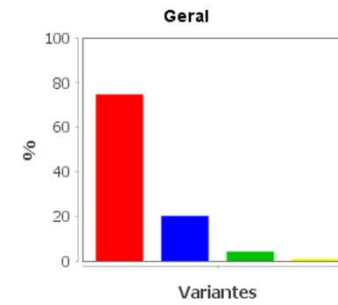


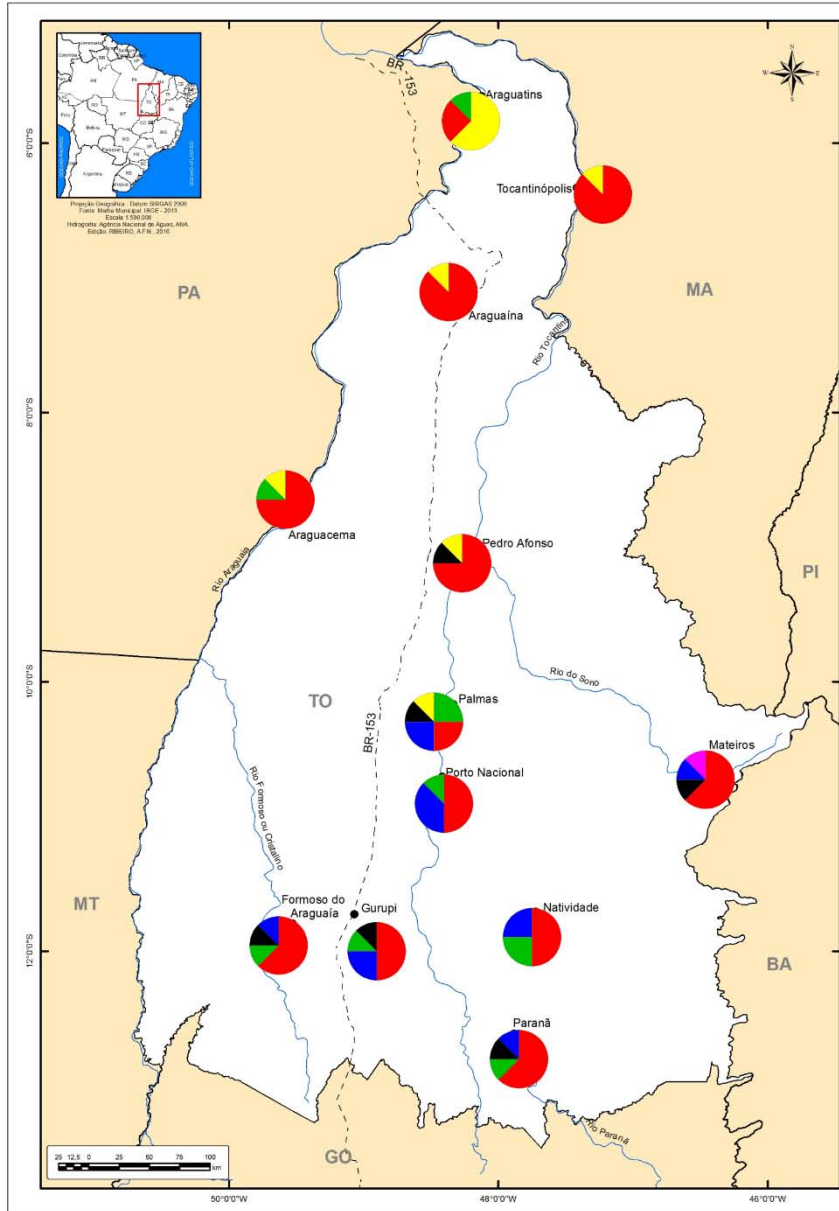
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F44: PE[R]DAO - Rótico em coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo
- [r] Tepe



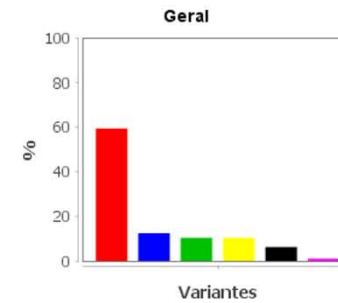


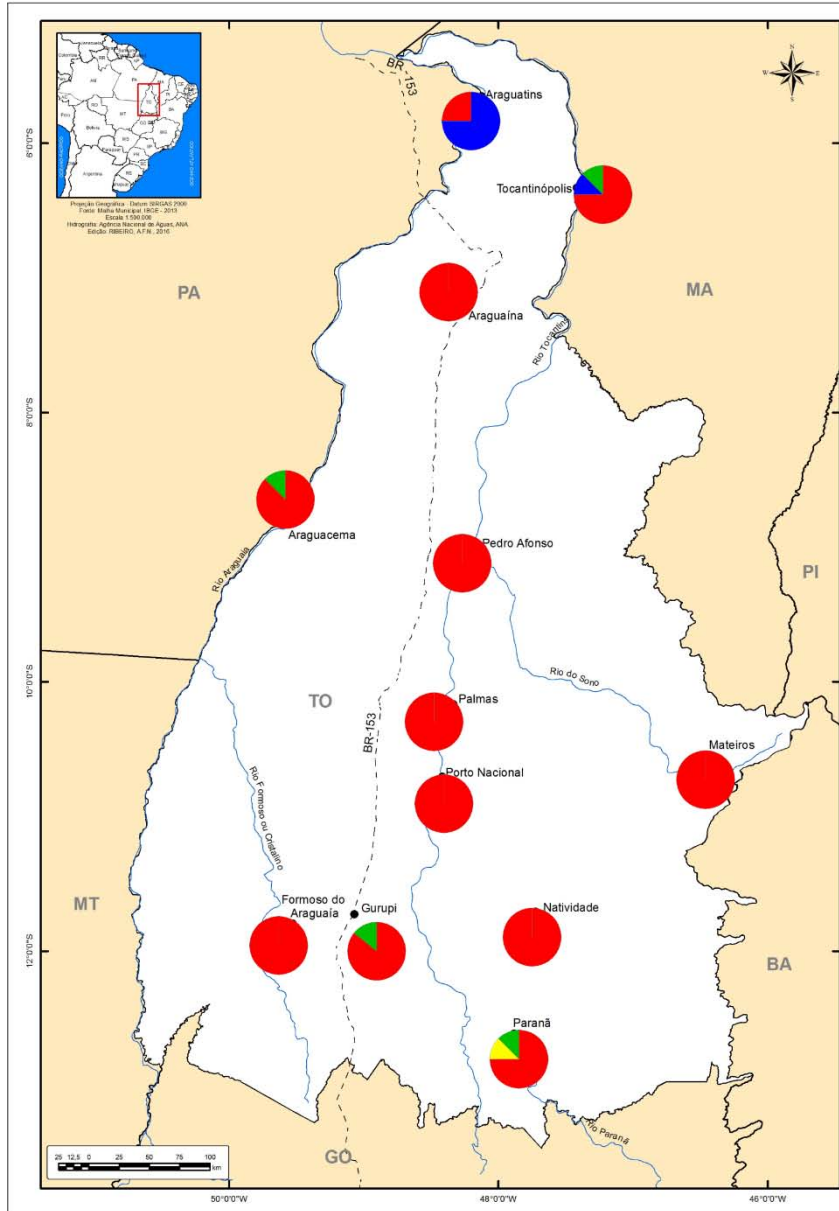
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F45: PE[R]FUME - Rótico em coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [r] Tepe
- [ɽ] Retroflexo
- [x] Fricativa velar
- Apagamentos
- [r] Vibrante múltipla



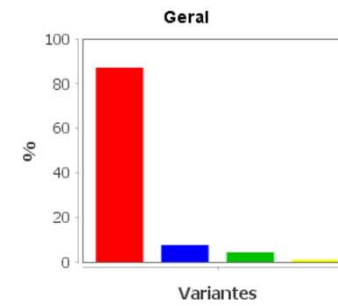


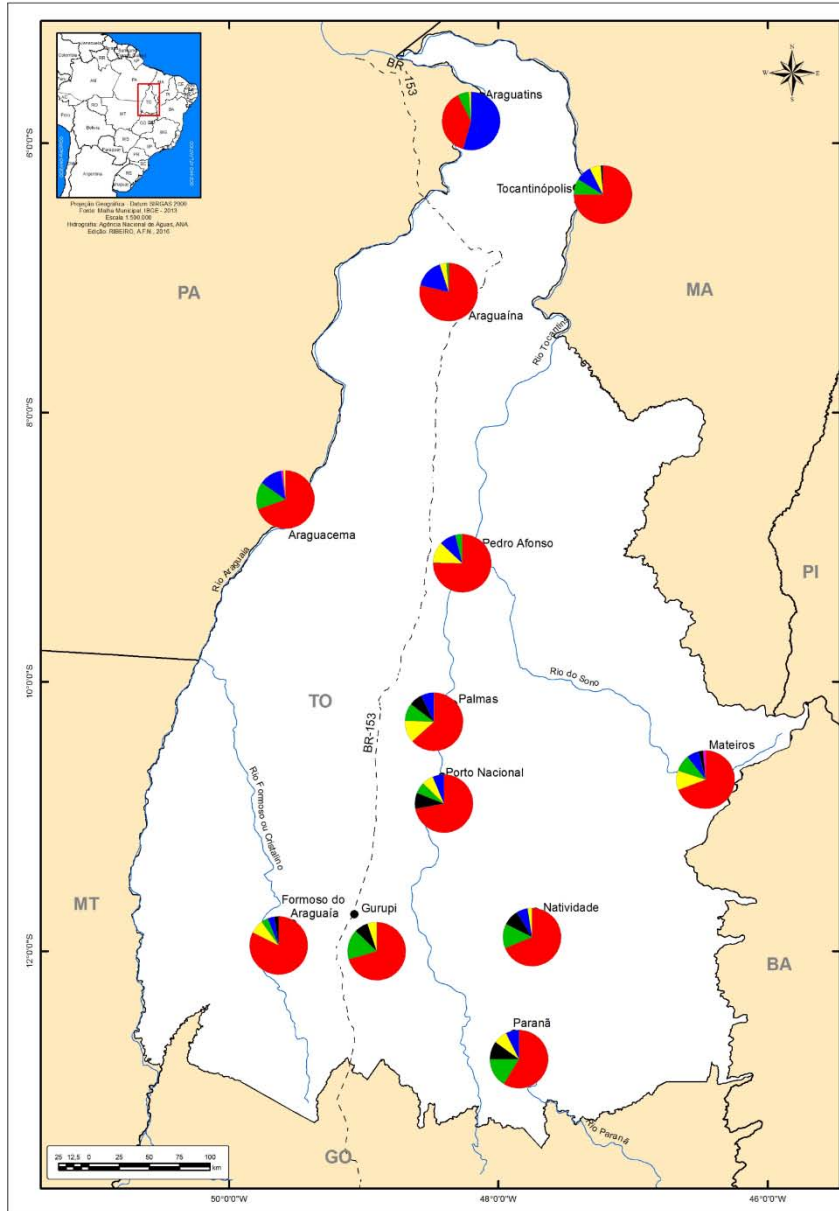
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F46: PE[R]DIDA - Rótico em coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo
- [r] Tepe



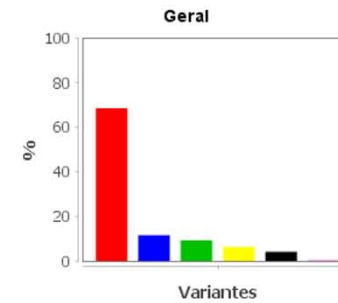


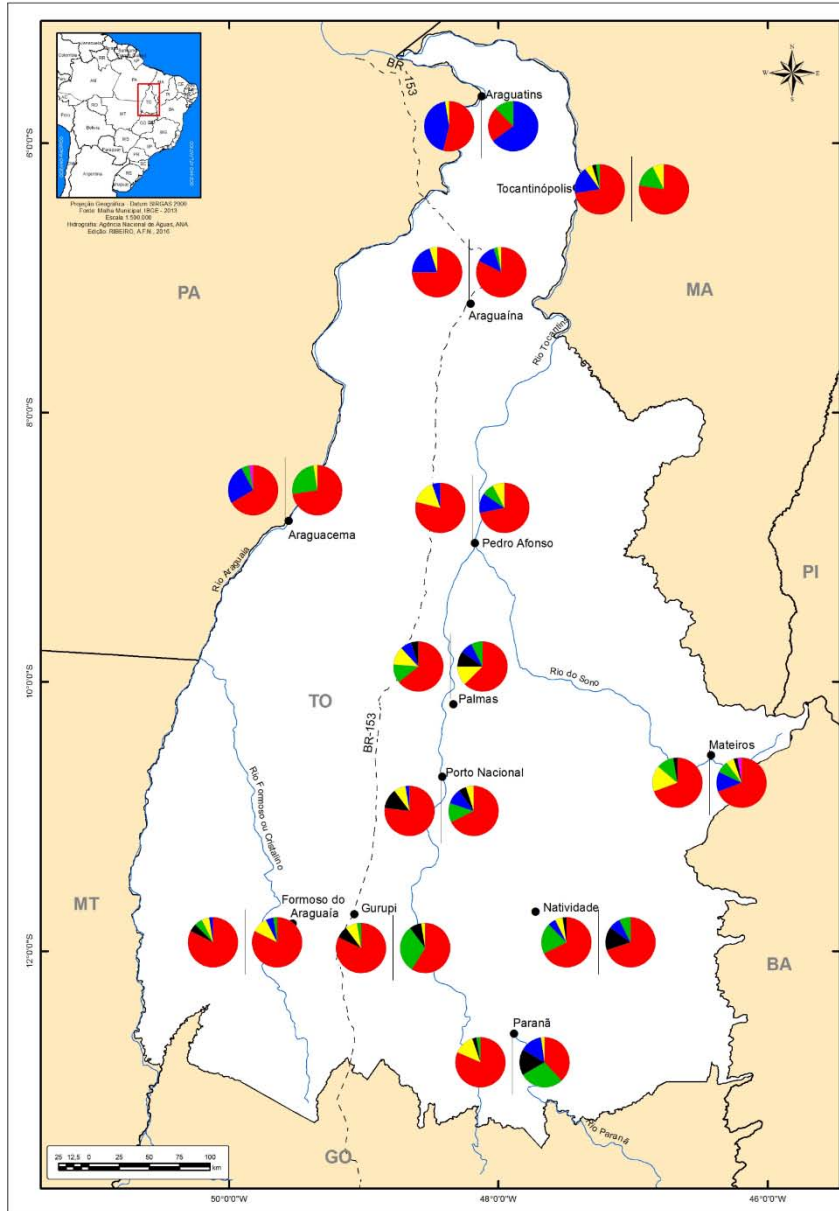
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F47-A: Rótico em posição de coda medial

Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo
- Apagamentos
- [r] Tepe
- [r] Vibrante múltipla





ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

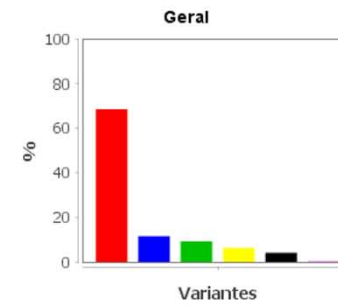
Carta Sintética F47-B: Rótico em posição de coda medial

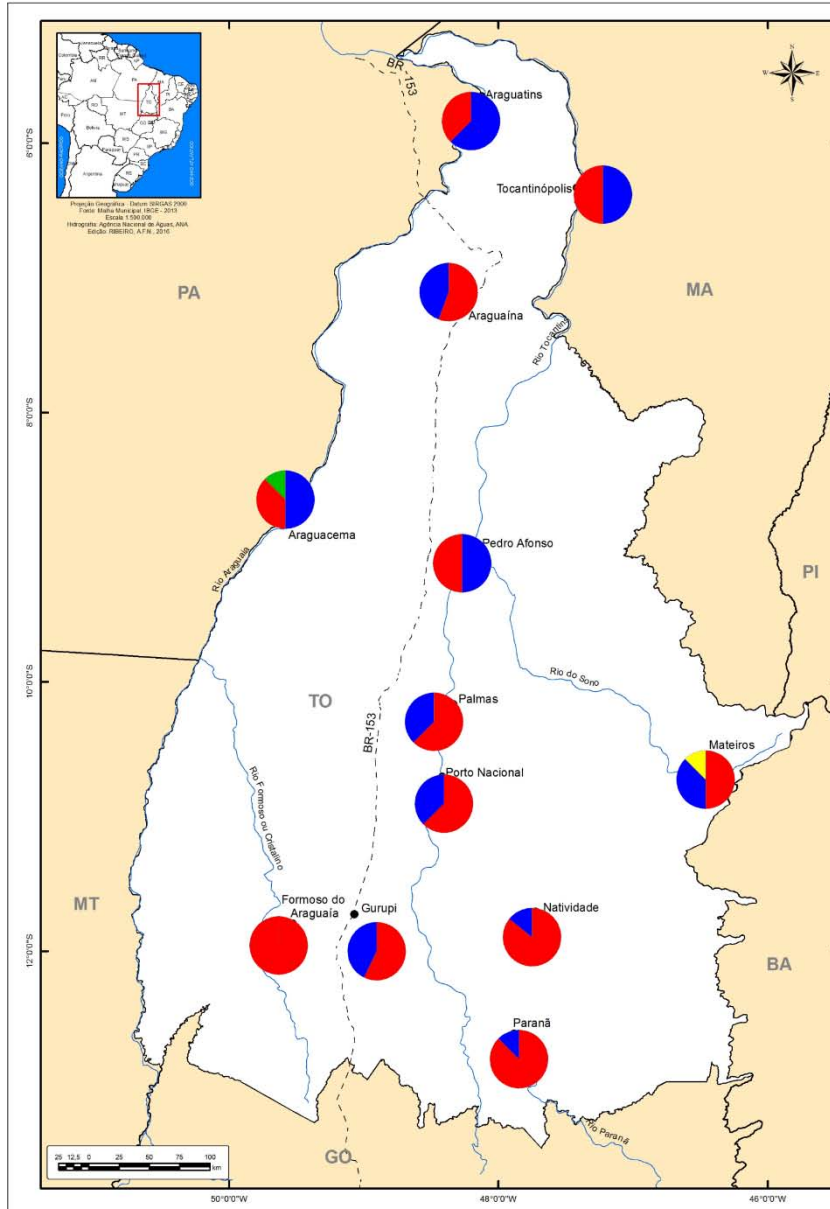
Legenda

- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo
- Apagamentos
- [r] Tepe
- [r] Vibrante múltipla

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



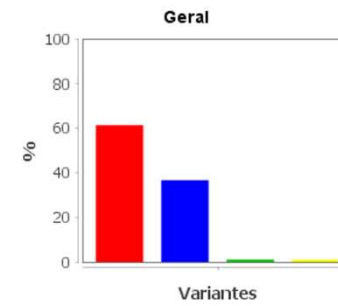


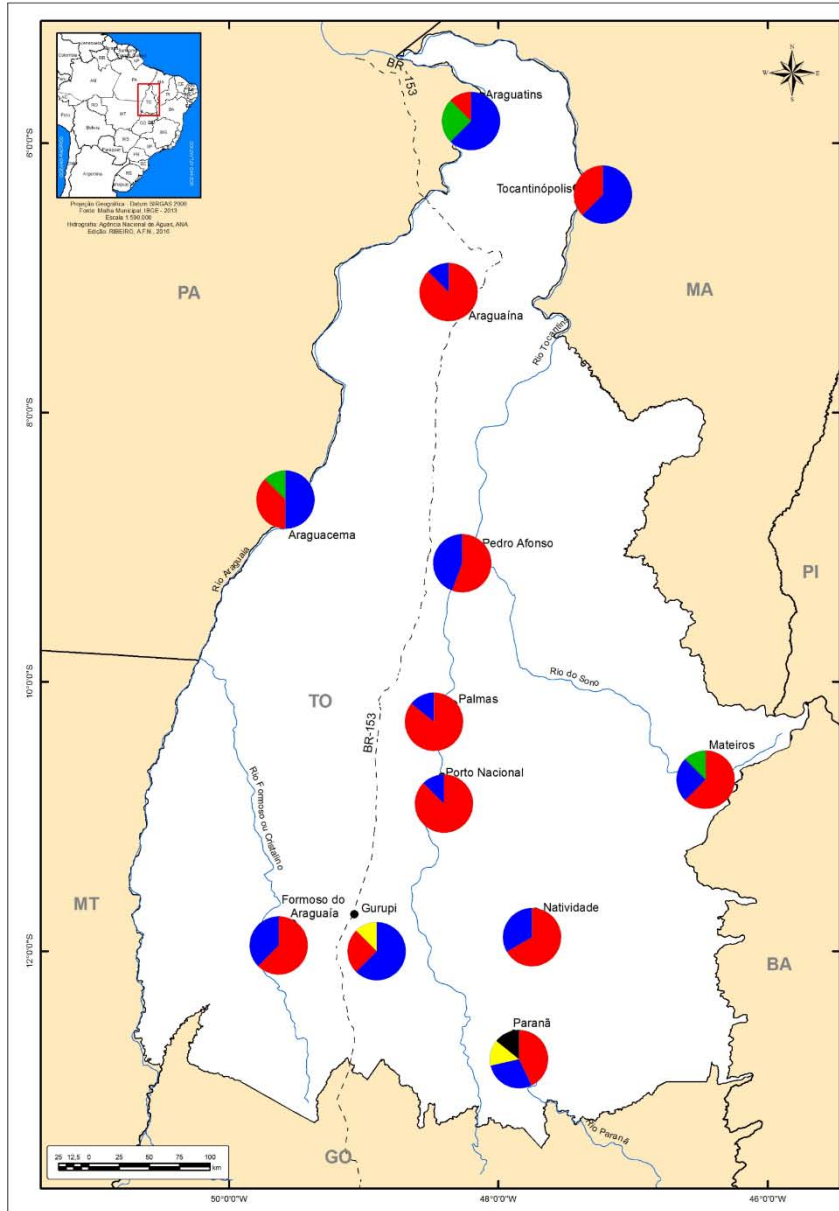
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F48: VARRE[R] - Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo



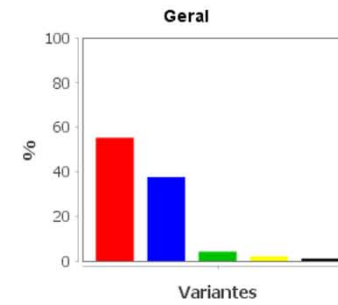


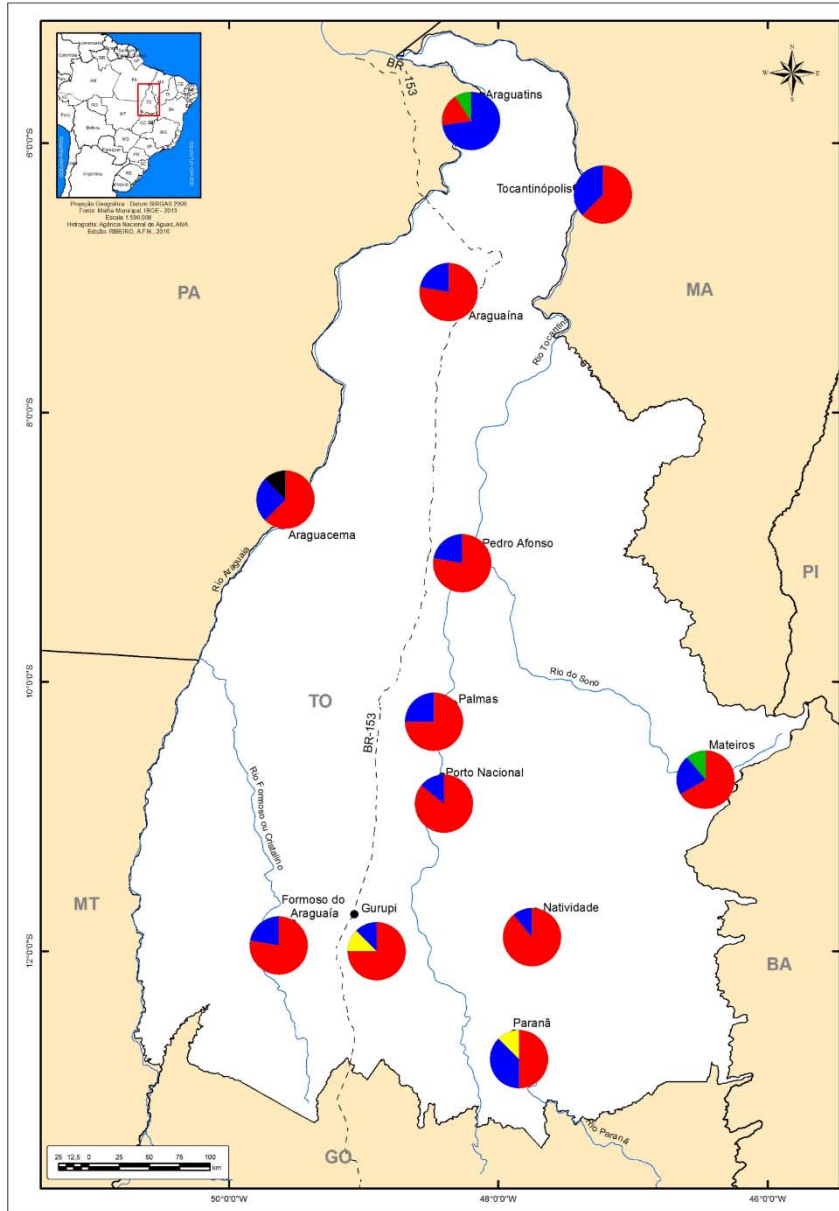
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F49: COLHE[R] - Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo
- [r] Tepe



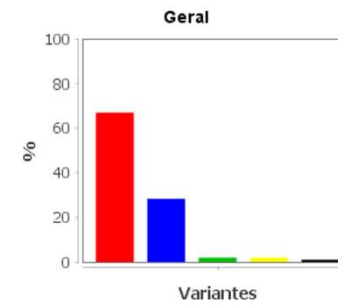


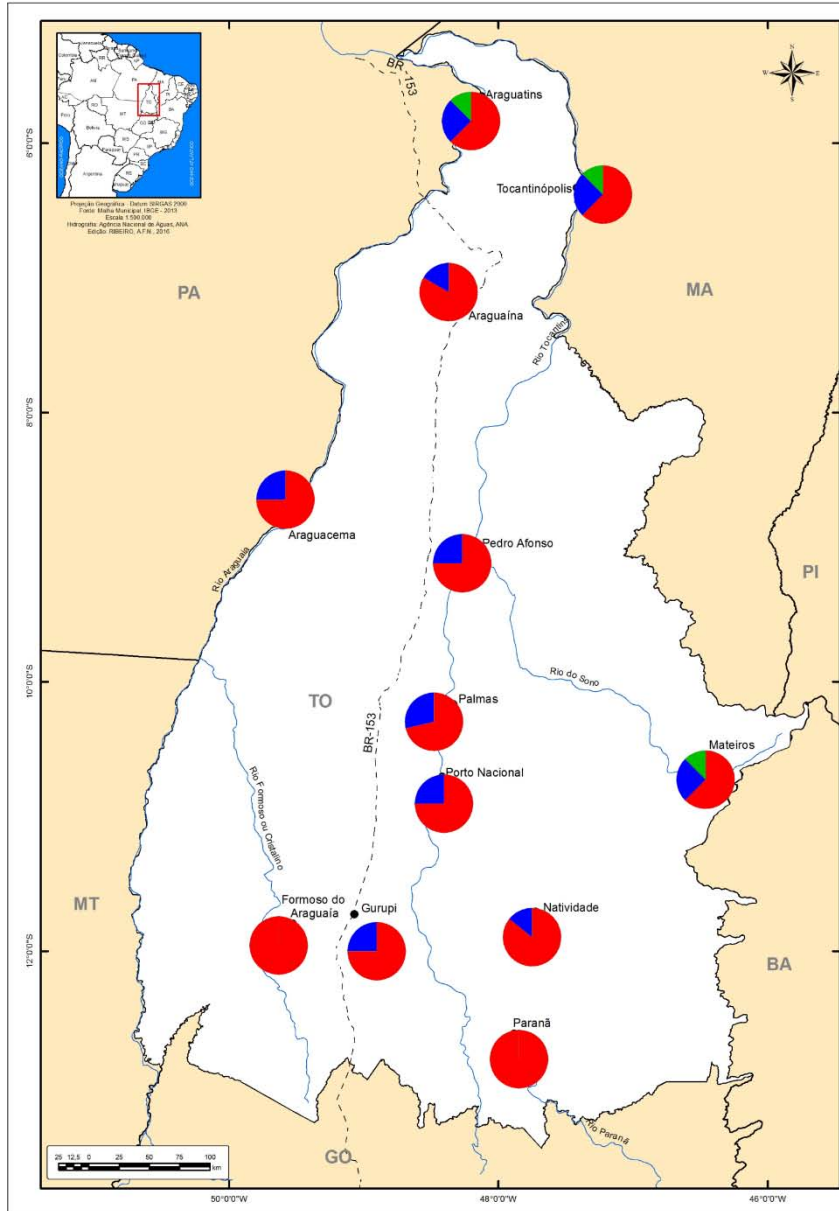
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F50: LIQUIDIFICADO[R] - Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar
- [ɽ] Retroflexo
- [r] Tepe



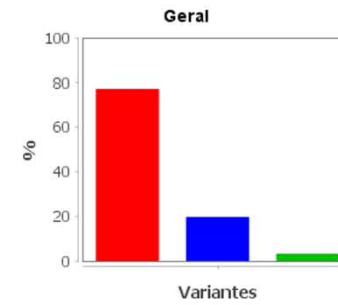


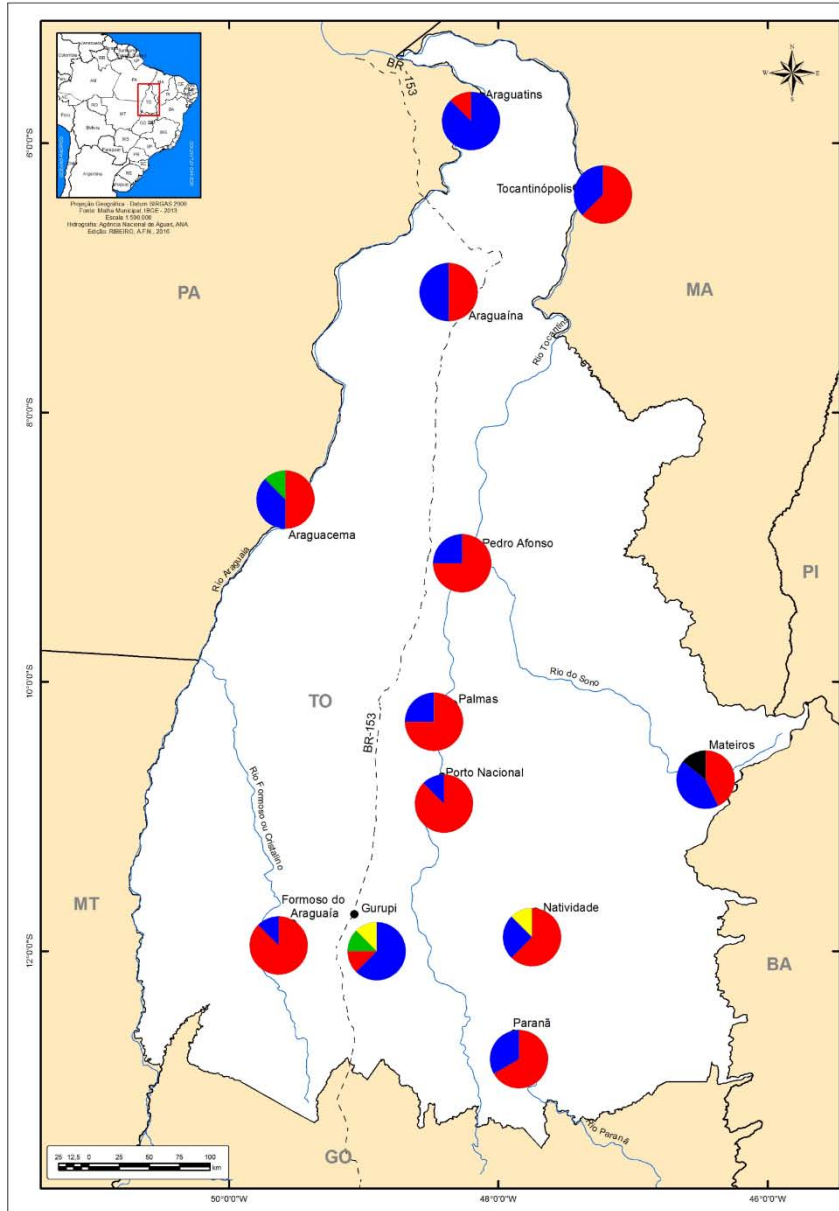
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F51: MONTA[R] - Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [x] Fricativa velar



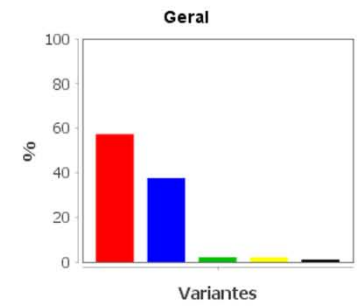


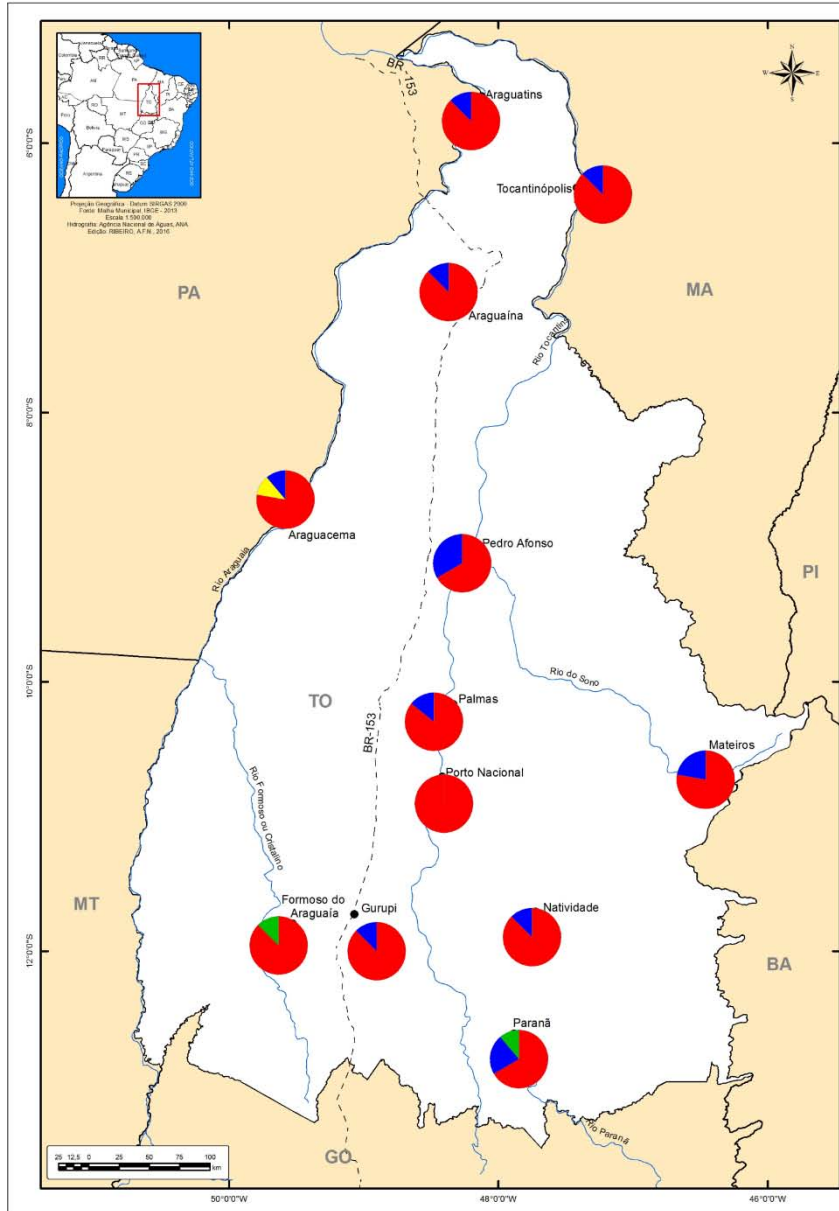
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F52: CALO[R] - Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [ɽ] Retroflexo
- [r] Tepe
- [x] Fricativa velar



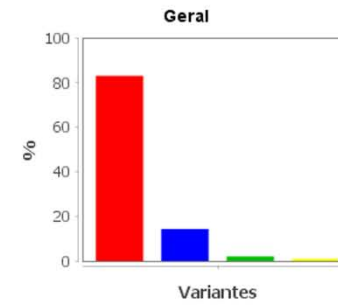


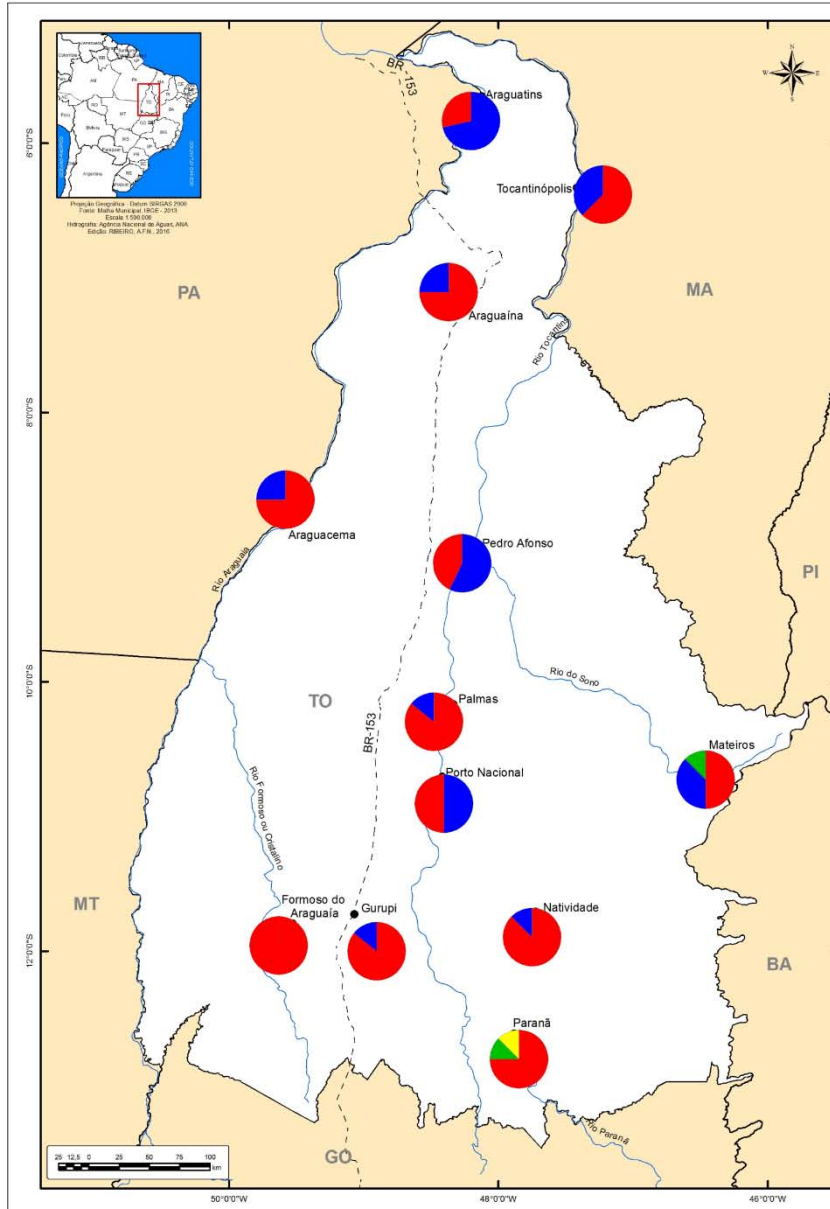
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F53: TRABALHA[R] - Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [r̥] Retroflexo
- [x] Fricativa velar



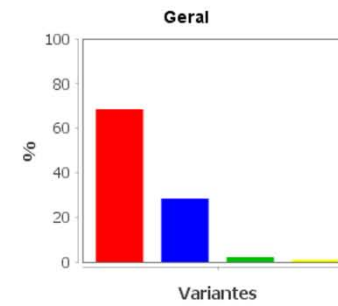


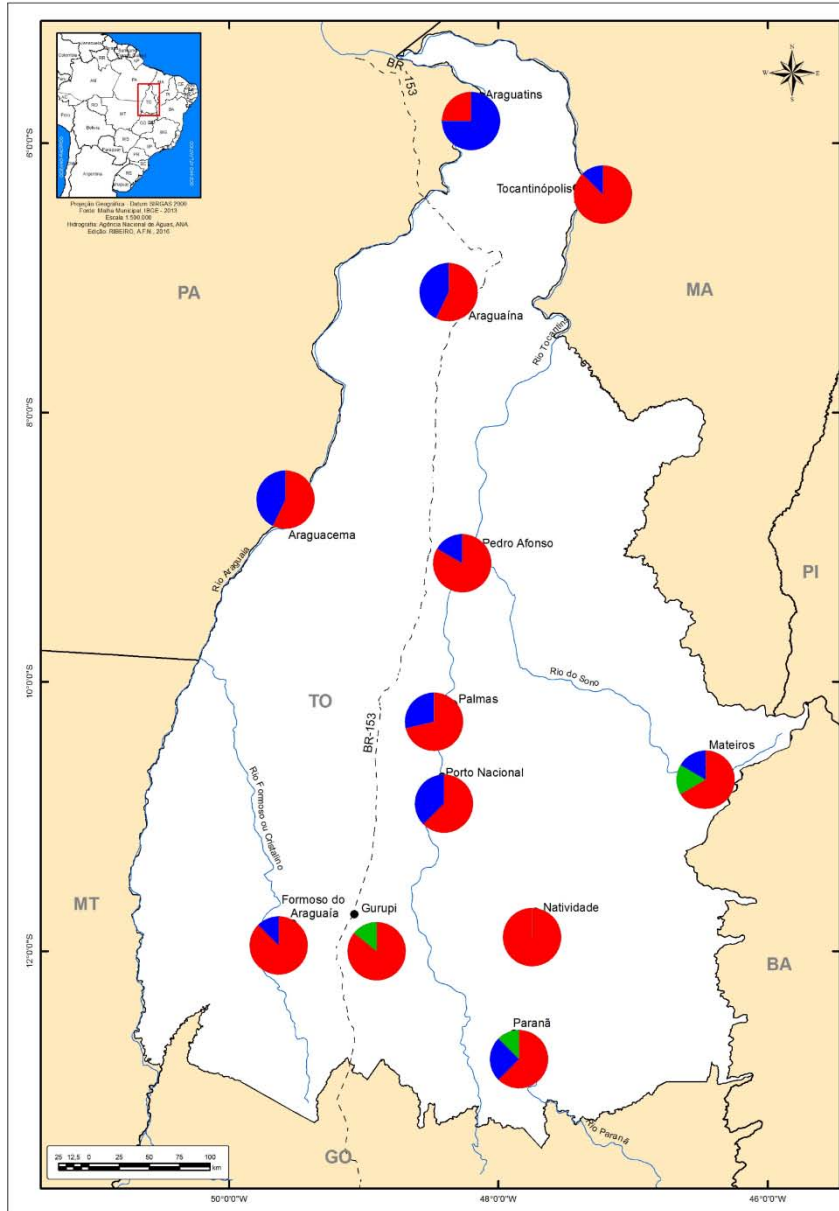
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F54: RASGA[R] - Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [ɽ] Retroflexo
- [x] Fricativa velar



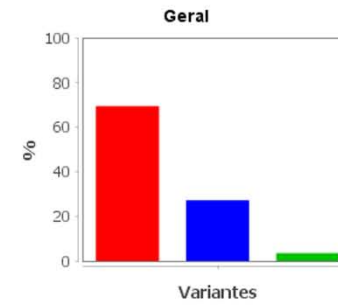


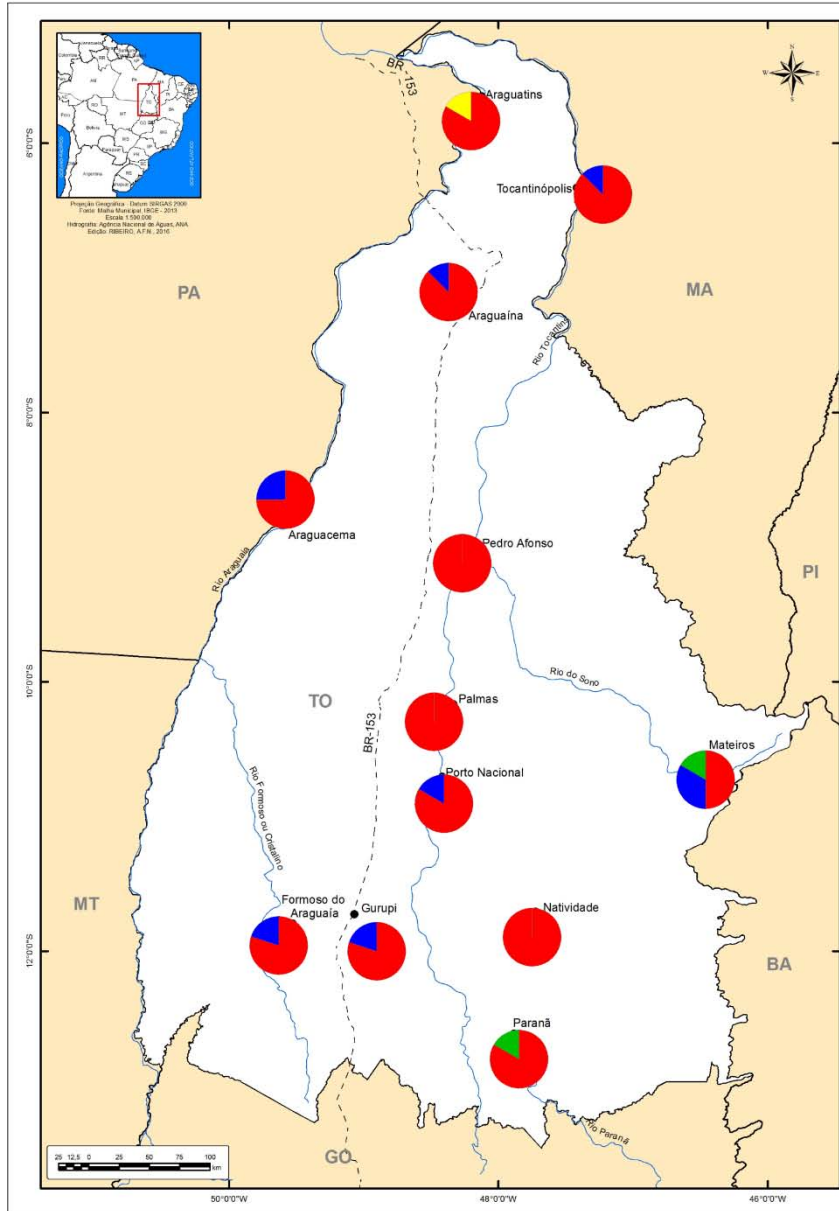
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F55: BEIJA[R] - Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [ɽ] Retroflexo



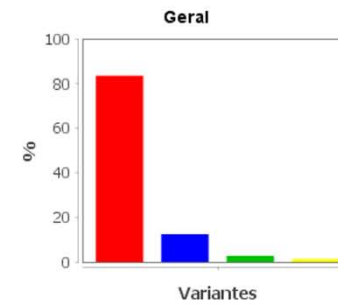


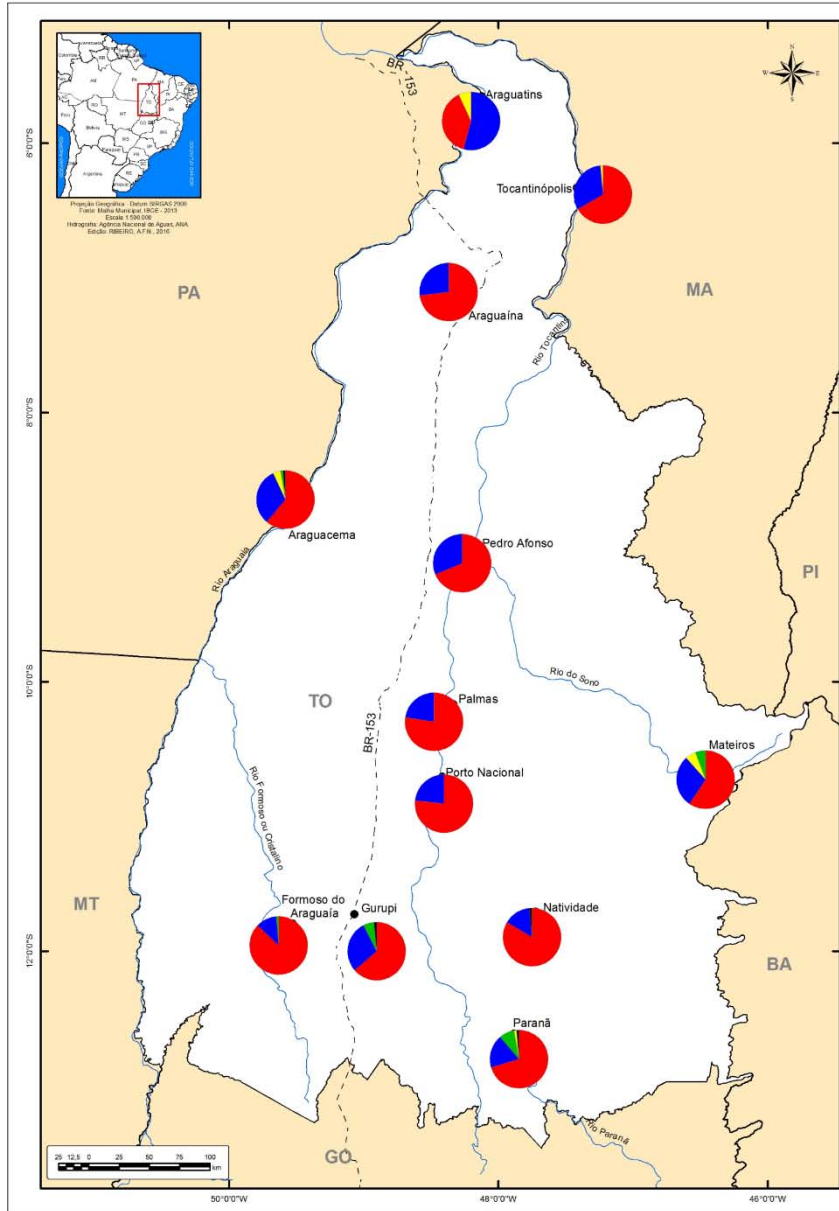
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F56: PERGUNTA[R] - Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [ʀ] Retroflexo
- [x] Fricativa velar



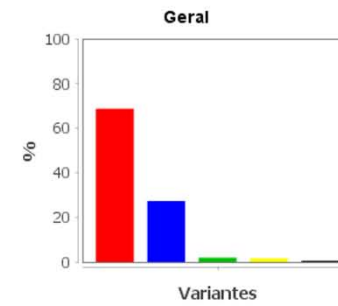


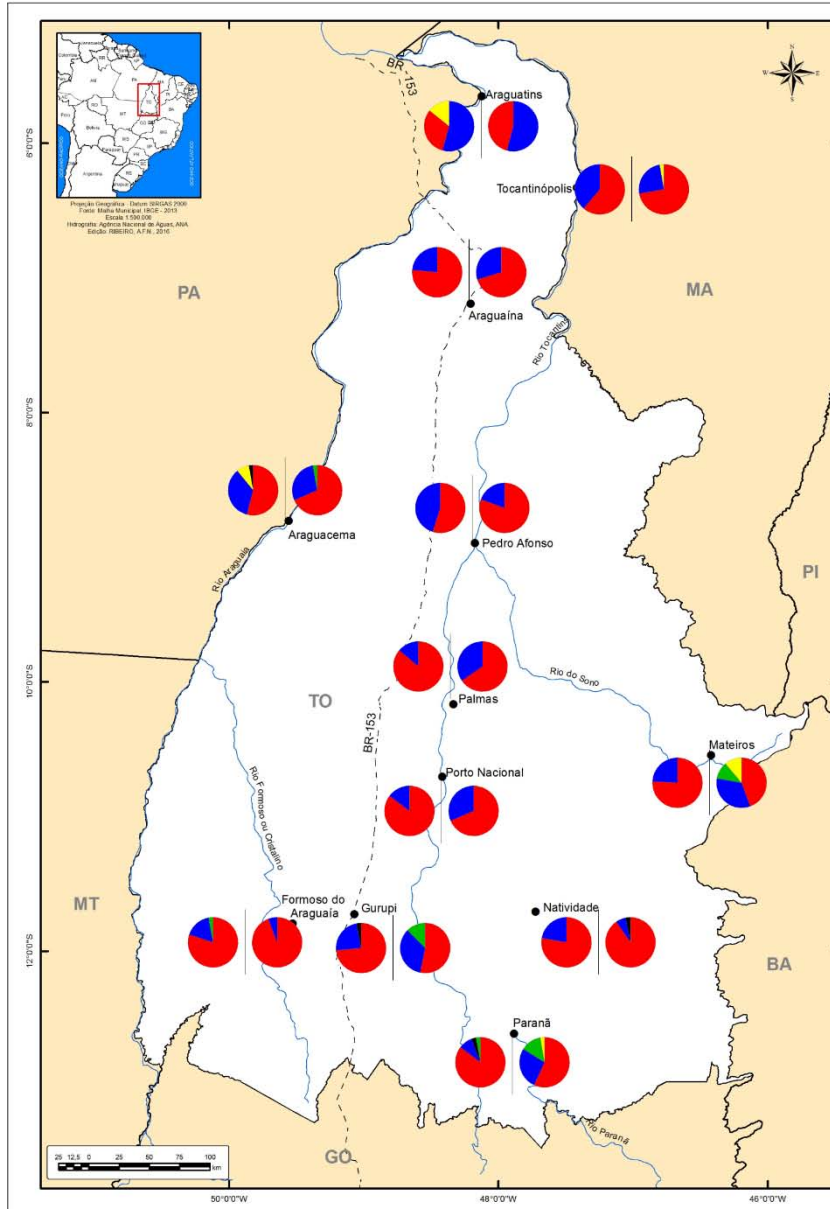
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F57-A: Rótico em posição de coda final

Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [ɽ] Retroflexo
- [x] Fricativa velar
- [r] Tepe





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

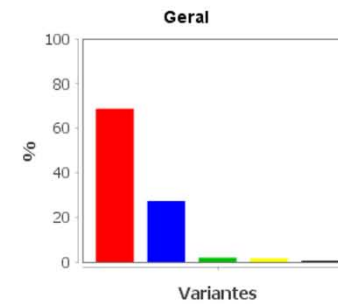
Carta Sintética F57-B: Rótico em posição de coda final

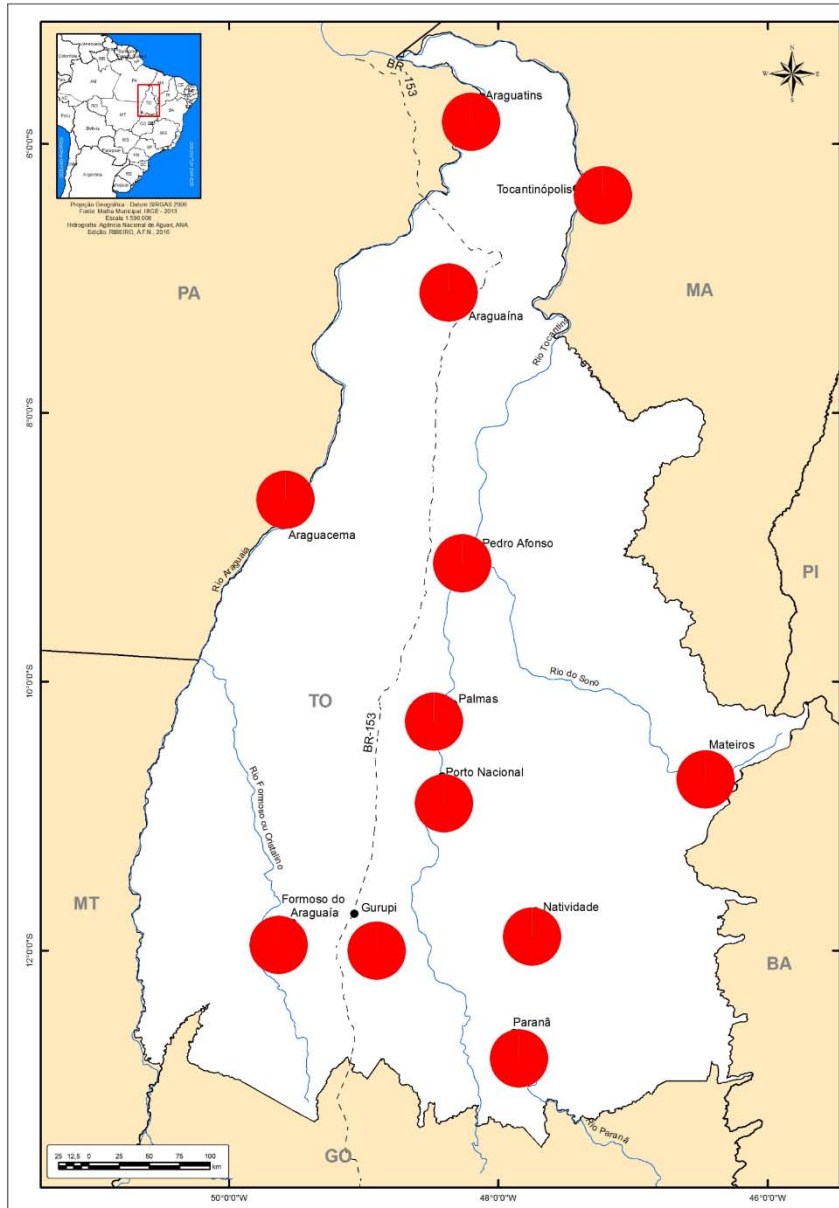
Legenda

- Apagamentos
- [h] Fricativa glotal
- [r] Retroflexo
- [x] Fricativa velar
- [r] Tepe

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



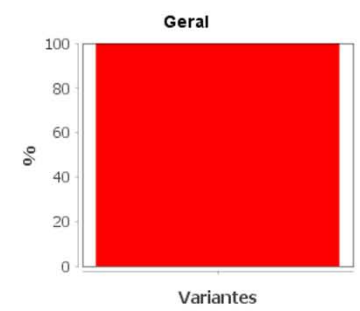


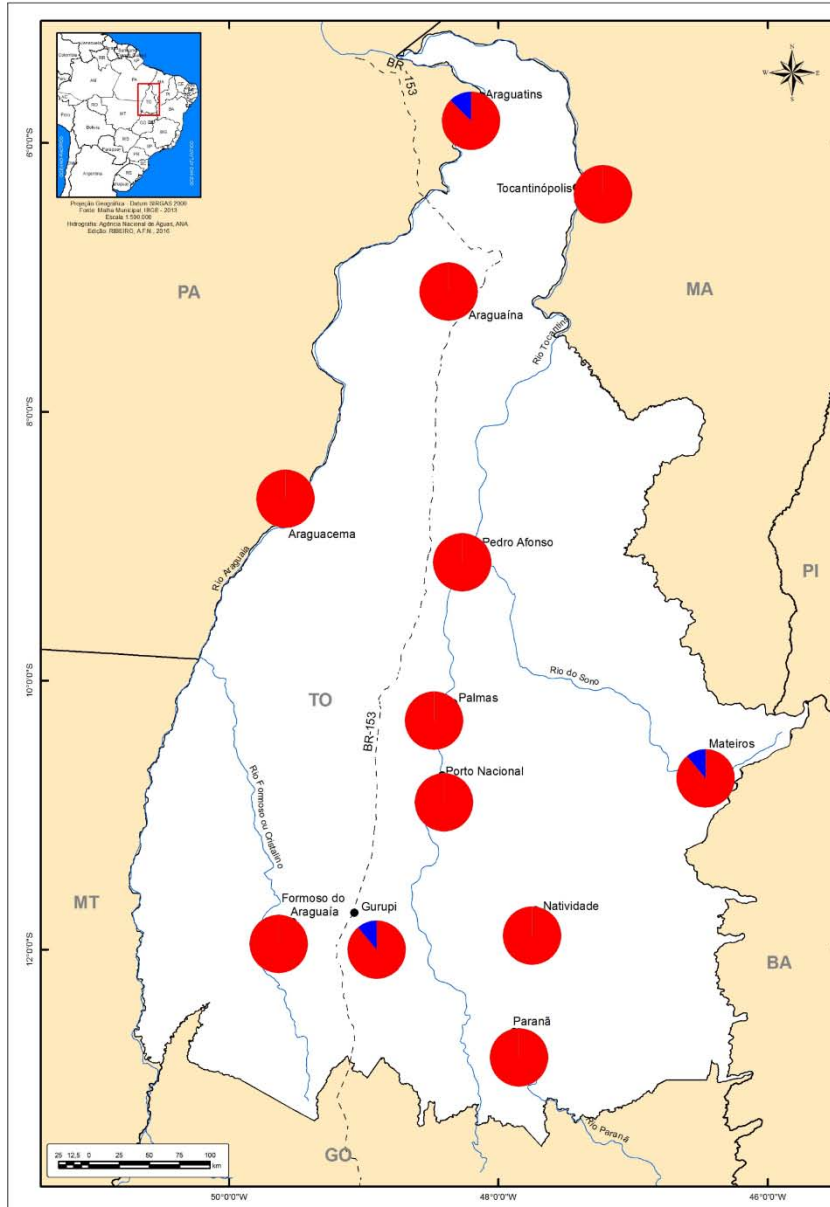
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F58: FO[S]FORO - /S/ pós-vocálico - coda medial

Legenda

 [s] [z] Alveolares surda e sonora



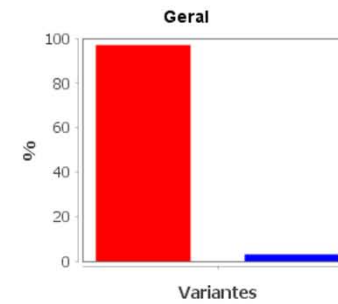


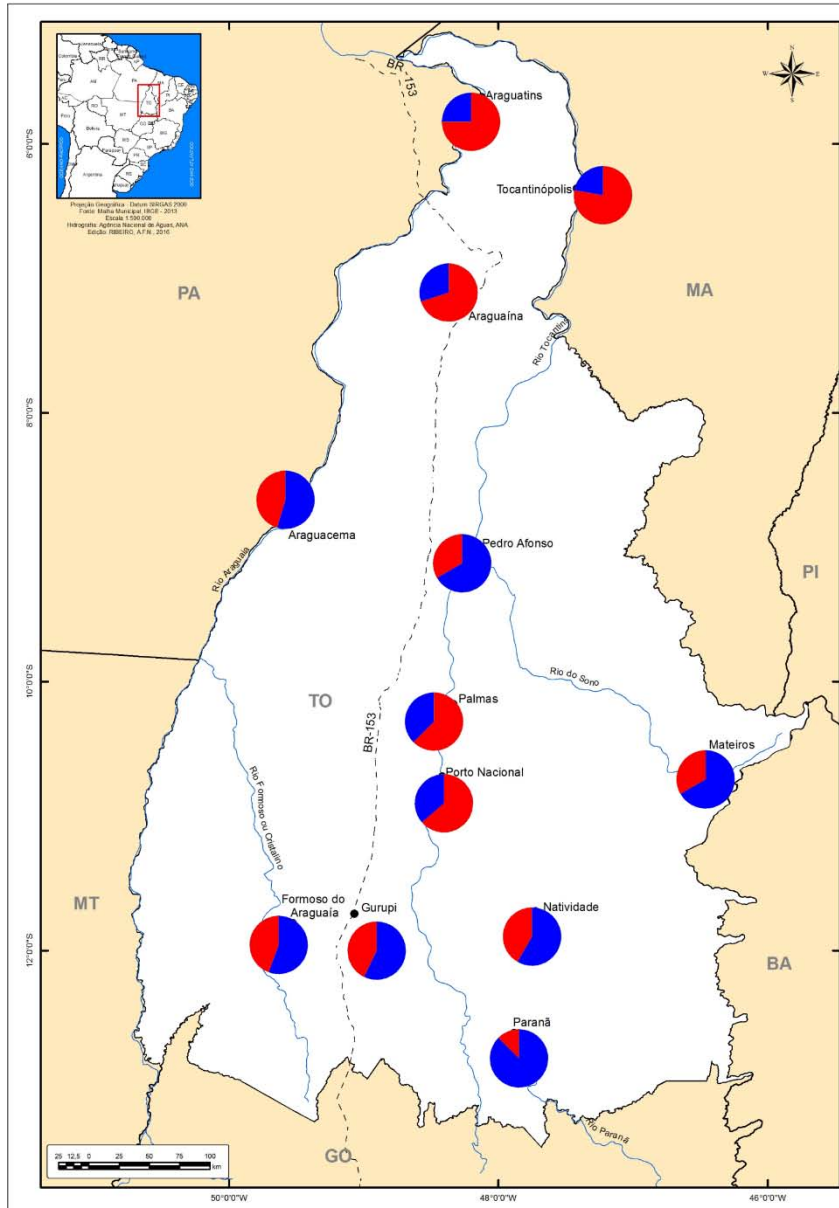
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F59: CA[S]CA - /S/ pós-vocálico - coda medial

Legenda

- [s] [z] Alveolares surda e sonora
- [ʃ] [ʒ] Pós-alveolares surda e sonora



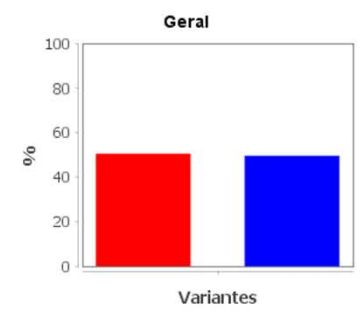


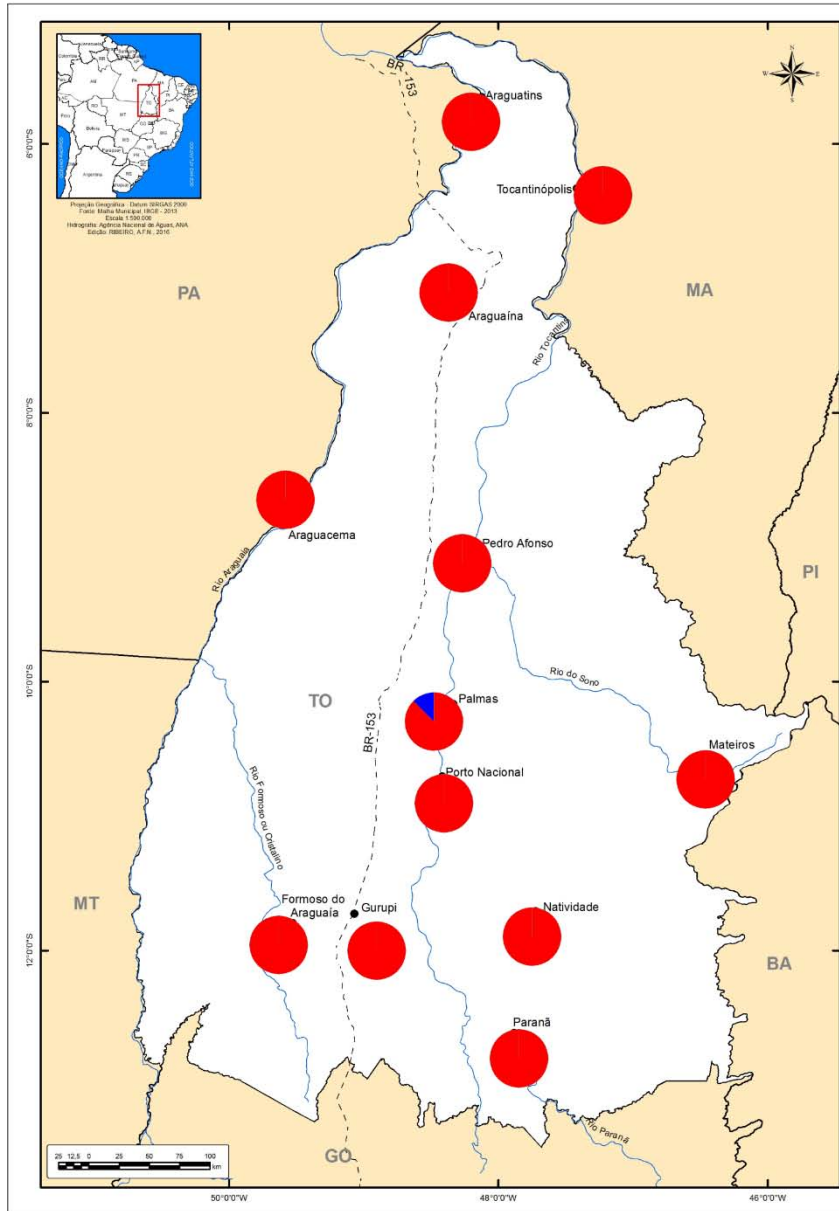
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F60: E[S]TRADA - /S/ pós-vocálico - coda medial

Legenda

- [ʃ] [ʒ] Pós-alveolares surda e sonora
- [s] [z] Alveolares surda e sonora



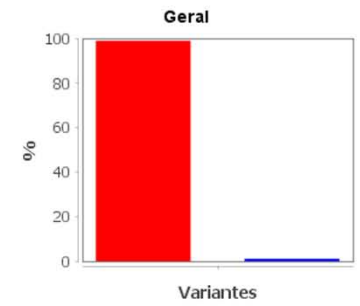


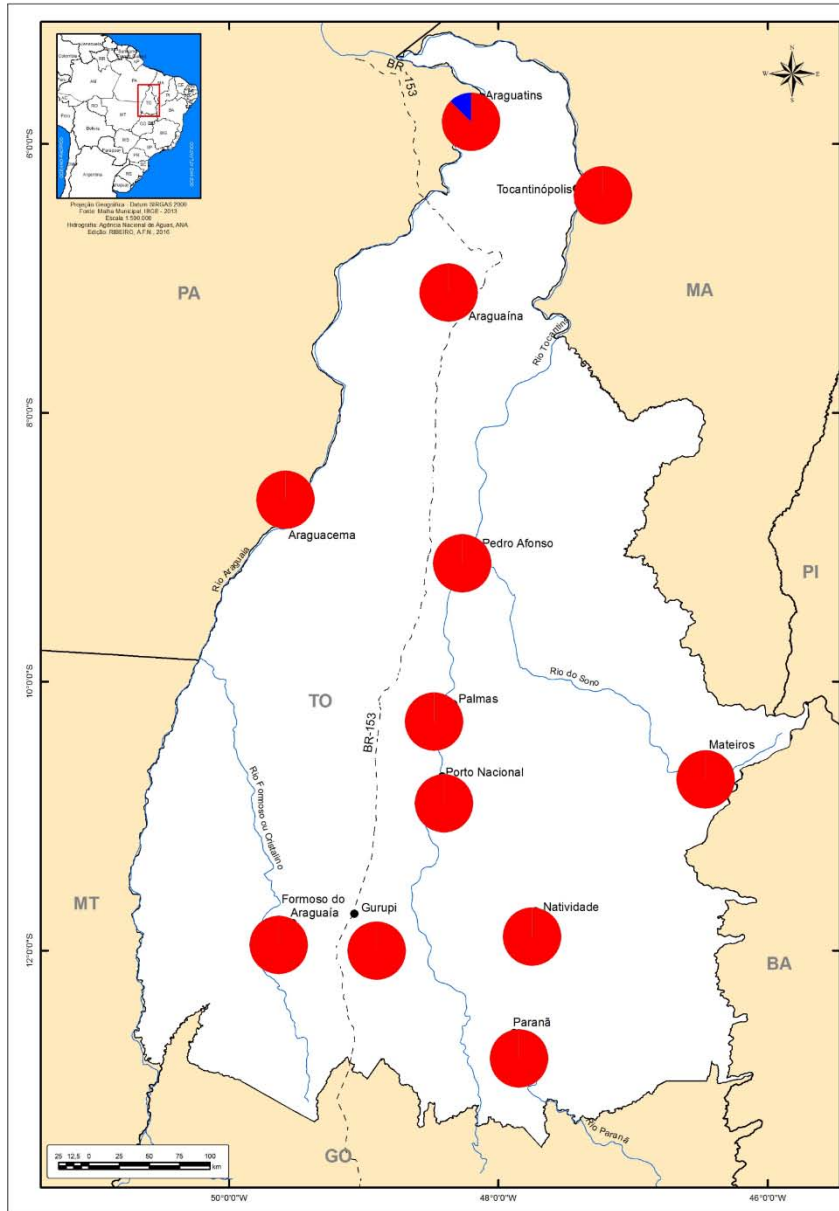
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F61: DE[S]VIO - /S/ pós-vocálico - coda medial

Legenda

- [s] [z] Alveolares surda e sonora
- Apagamentos



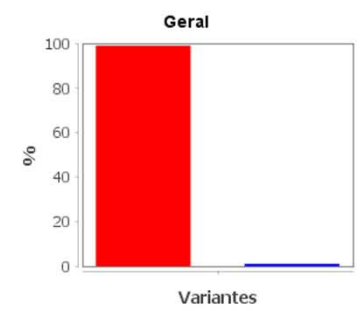


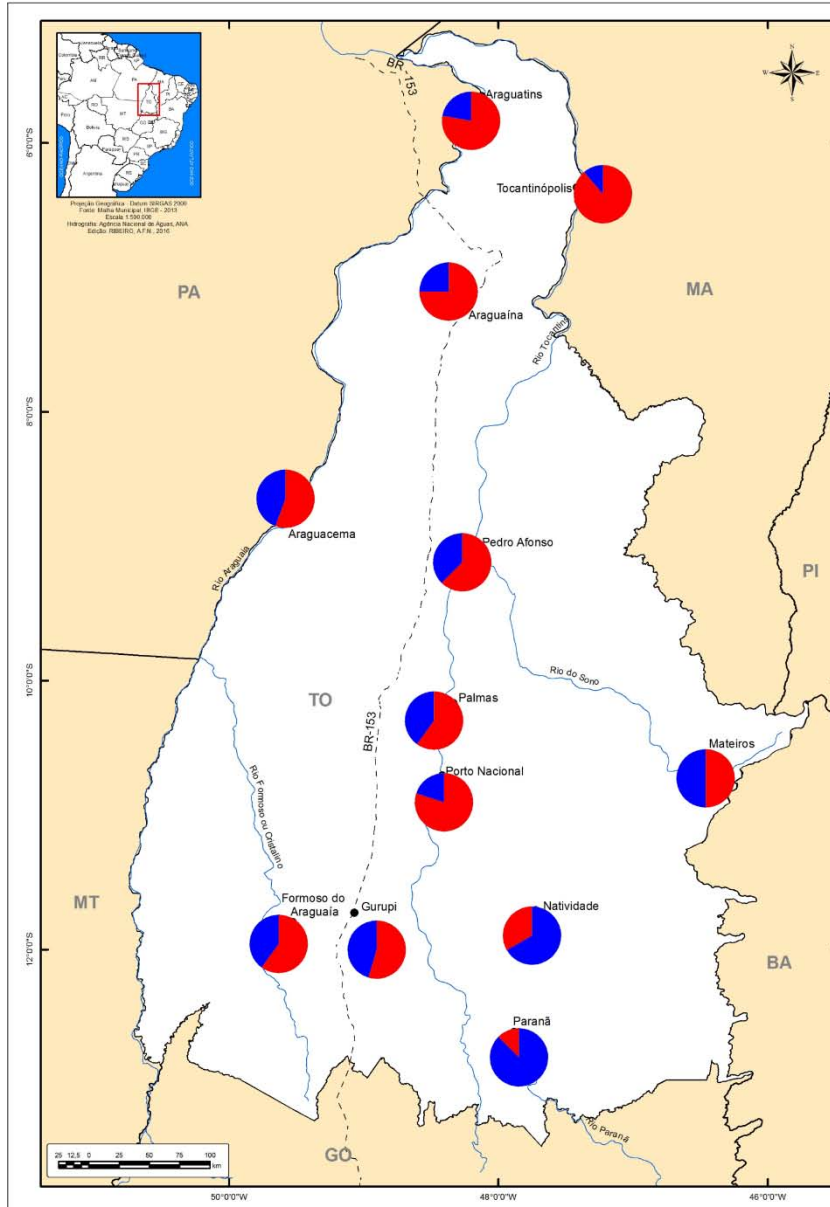
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F62: RA[S]GAR - /S/ pós-vocálico - coda medial

#### Legenda

- [Red Circle] [s] [z] Alveolares surda e sonora
- [Blue Circle] [ʃ] [ʒ] Pós-alveolares surda e sonora



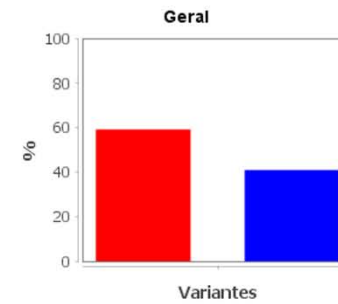


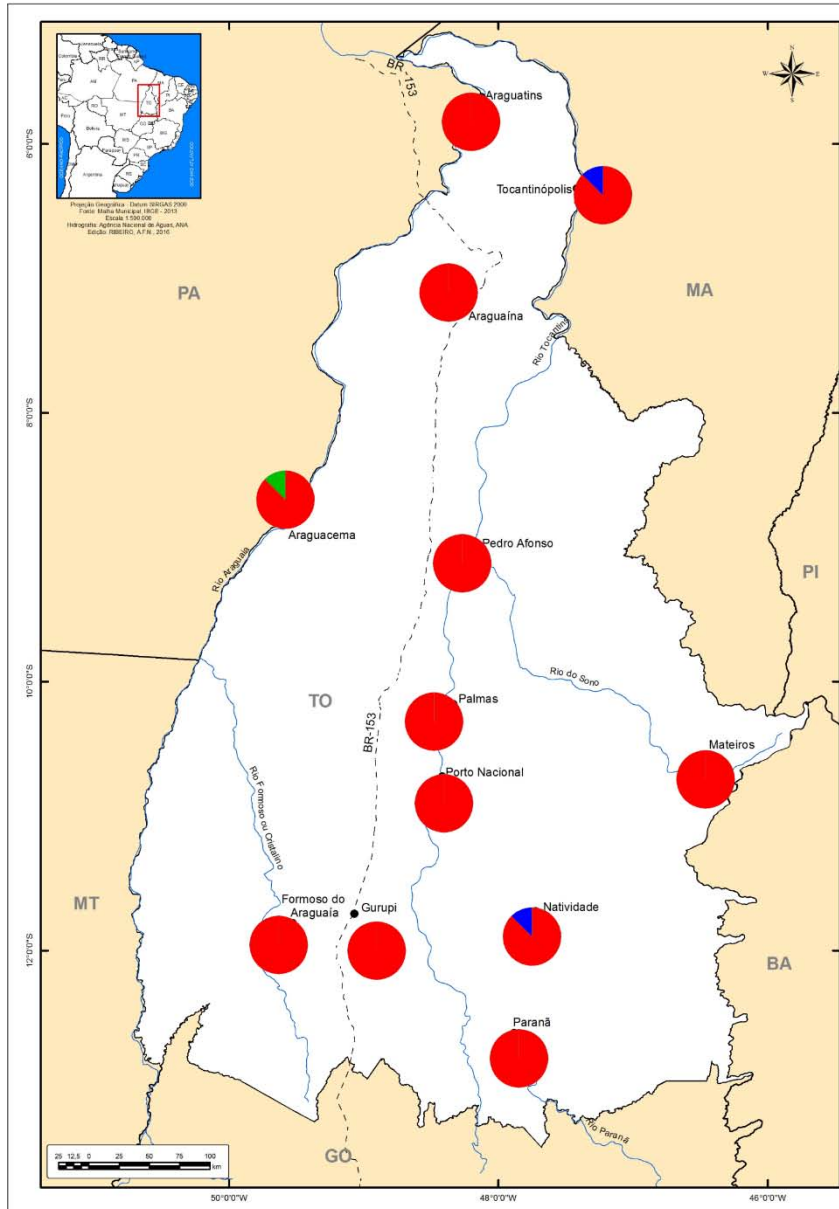
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F63: CO[S]TAS - /S/ pós-vocálico - coda medial

Legenda

- [ʃ] [ʒ] Pós-alveolares surda e sonora
- [s] [z] Alveolares surda e sonora



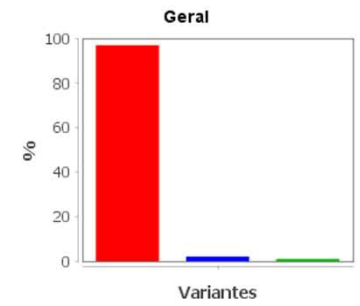


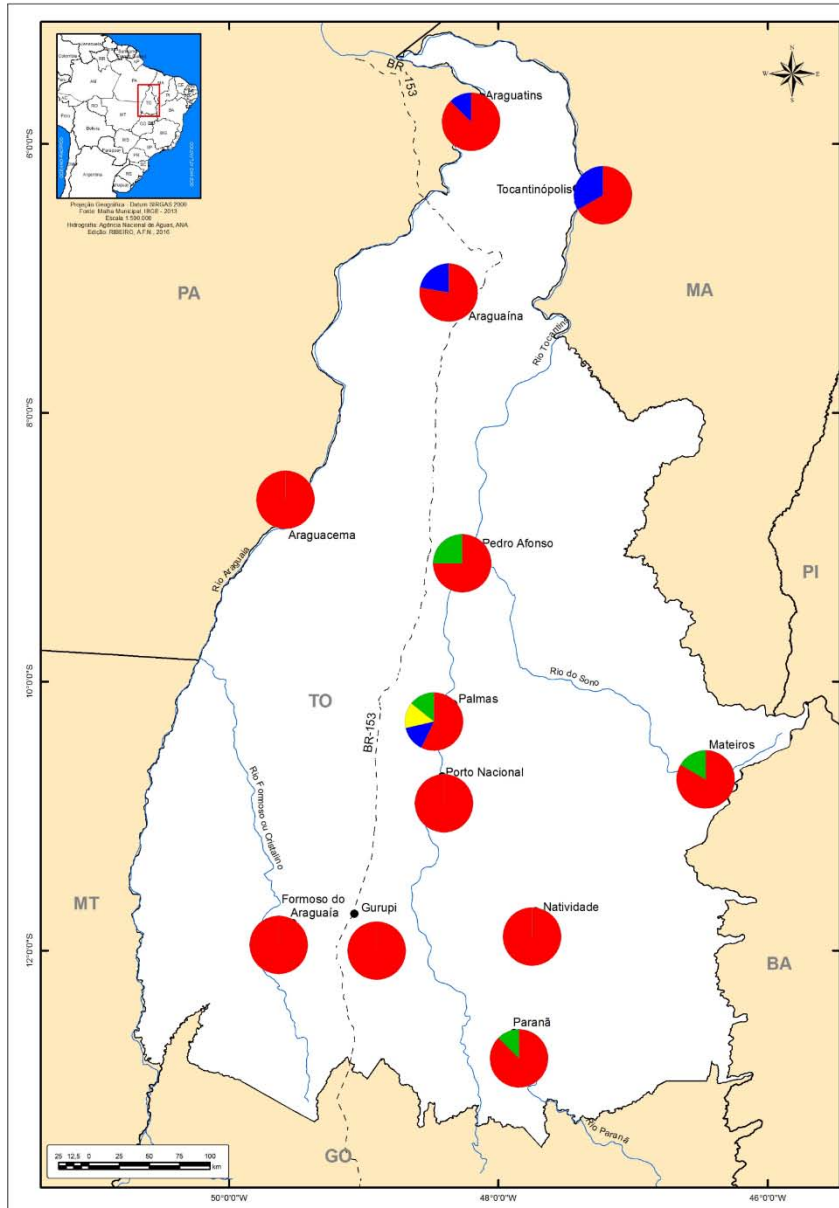
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F64: CA[S]PA - /S/ pós-vocálico - coda medial

Legenda

- [s] [z] Alveolares surda e sonora
- [ʃ] [ʒ] Pós-alveolares surda e sonora
- [h] Glotal



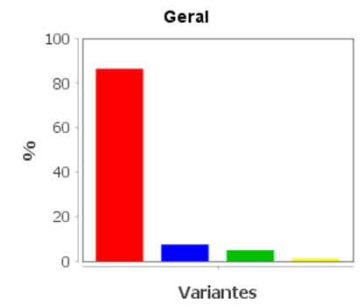


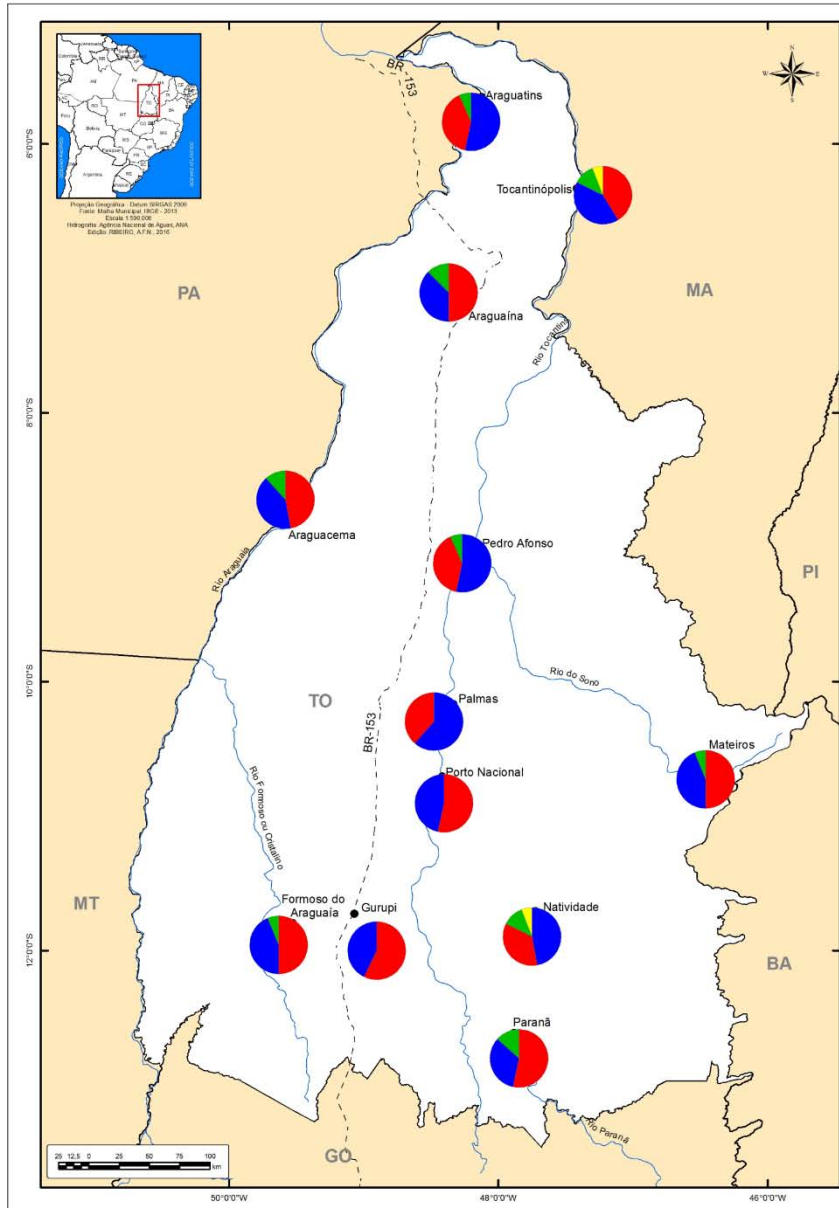
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F65: DE[S]MAIO - /s/ pós-vocálico - coda medial

Legenda

- [s] [z] Alveolares surda e sonora
- [ʃ] [ʒ] Pós-alveolares surda e sonora
- [h] Glotal
- Apagamentos



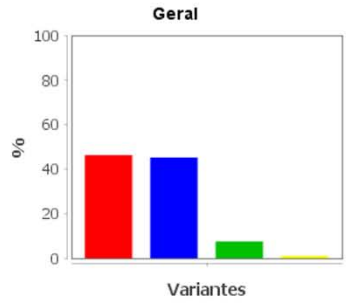


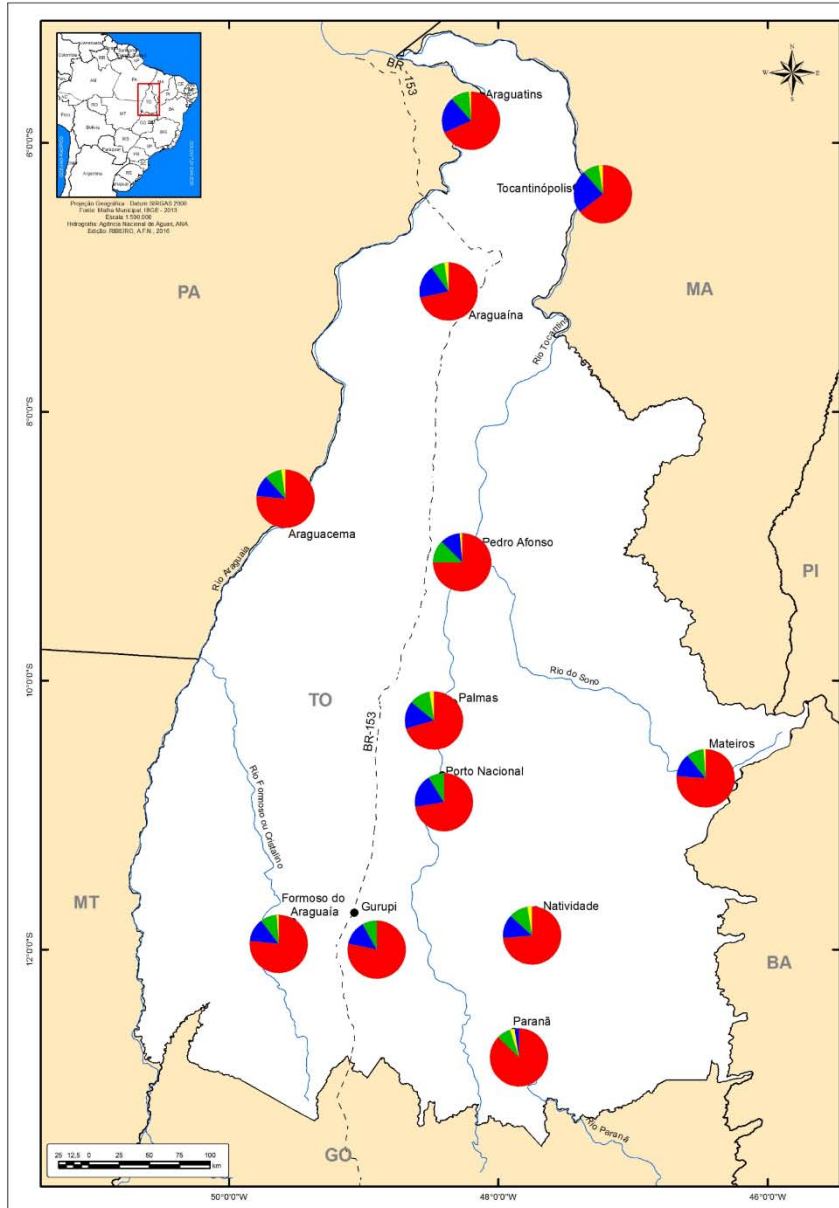
ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta F66: ME[S]MA - /S/ pós-vocálico - coda medial

Legenda

- [s] [z] Alveolares surda e sonora
- [h] Glotal
- Apagamentos
- [ʃ] [ʒ] Pós-alveolares surda e sonora



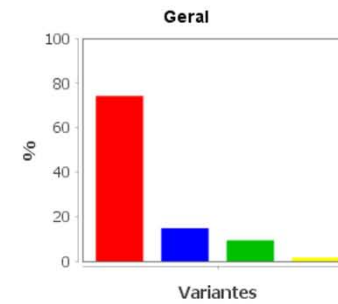


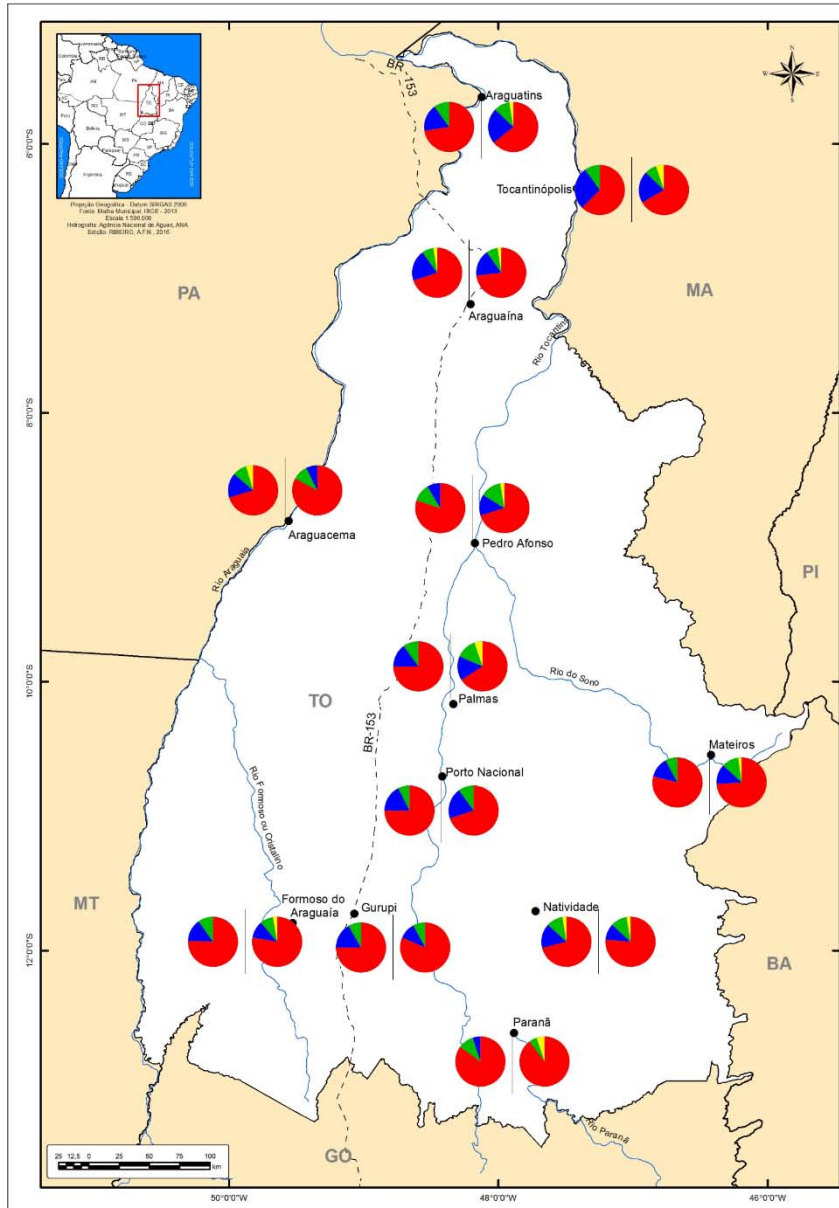
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta Sintética F67-A: /S/ pós-vocálico – posição medial

Legenda

- [s] [z] Alveolares surda e sonora
- [ʃ] [ʒ] Pós-alveolares surda e sonora
- [h] Glotal
- Apagamentos





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

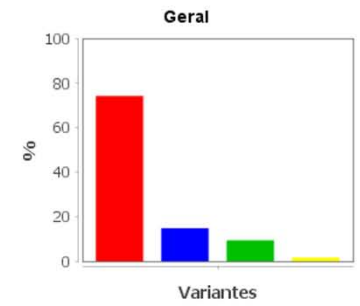
Carta Sintética F67-B: /S/ pós-vocálico – posição medial

Legenda

- [s] [z] Alveolares surda e sonora
- [ʃ] [ʒ] Pós-alveolares surda e sonora
- [h] Glotal
- Apagamentos

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



**5 CARTAS LEXICAIS**

**Questão: QSL 025 – Como se chama a fruta que tem a casca verde, cheia de gominhos; abre-se com a mão e chupa as sementes?**

**Baixas incidências:** *biribá* (Araguatins); *araticum* (Mateiros); *bruto* (Araguatins e Mateiros)

### Comentários - Informantes Topoestáticos

INF.- É, mas o comum é ata. Essa pinha já é um nome mais recente. Mas é ata mehmo. (02/3)

INF.- É. Ata. Essa aí que é a fruta-do-conde que chama também?

INQ.- Sim. Tem gente que chama assim. Você conhece aqui como...?

INF.- Mais é ata.

INQ.- Aqui, né?

INF.- Uhum. (04/2)

INF.- Condessa o pessoal chama.

INQ.- Qual que é mais comum, dona Lídia?

INF.- A gente chama, mas geralmente chama de ata. (04/4)

INF.- Ata. Nós tinha o pé dela aqui. A gente chama de ata, outros chama de pinha. Aprendi... chamá ata, aí depois, com o tempo, aprendi chamá pinha também. É dois nome pra uma fruta só. Aí tem a fruta-do-conde que é meia parecida, mas a casca é mais avermelhada e lisa. Porque ela é a do conde. Ela tem mei' mundo de massa, só que a massa dela é mais arenosa. Só que essa daqui é mais doce e a outra é mais arenosa. É mais um pouco sem doce. Essa aí é ótima. (08/4)

### Comentários - Informantes Topodinâmicos

INQ.- Quem fala ata?

INF.- Eu falo.

INQ.- Você aprendeu a falar ata aqui no Tocantins?

INF.- Isso.

INQ.- E a pinha?

INF.- Na Paraíba. (02/5)

INF.- Eu conheço ela com o nome de ata, agora outos lugá o povo chama pinha, né. Pernambuco é pinha, Ceará, esses lugá. Aí não sei qual que é o nome certo. (02/7)

INF.- Ata, que aqui tem muita gente que chama de fruta-do-conde, tem uns que chama vê fora, chama fora que é fruta-do-conde, aí passa um mês que chegá falante, aí chama fruta-do-conde, mais pra nós aqui é ata. Aqui é ata, num tem nada de fruta-de-conde não. (03/8)

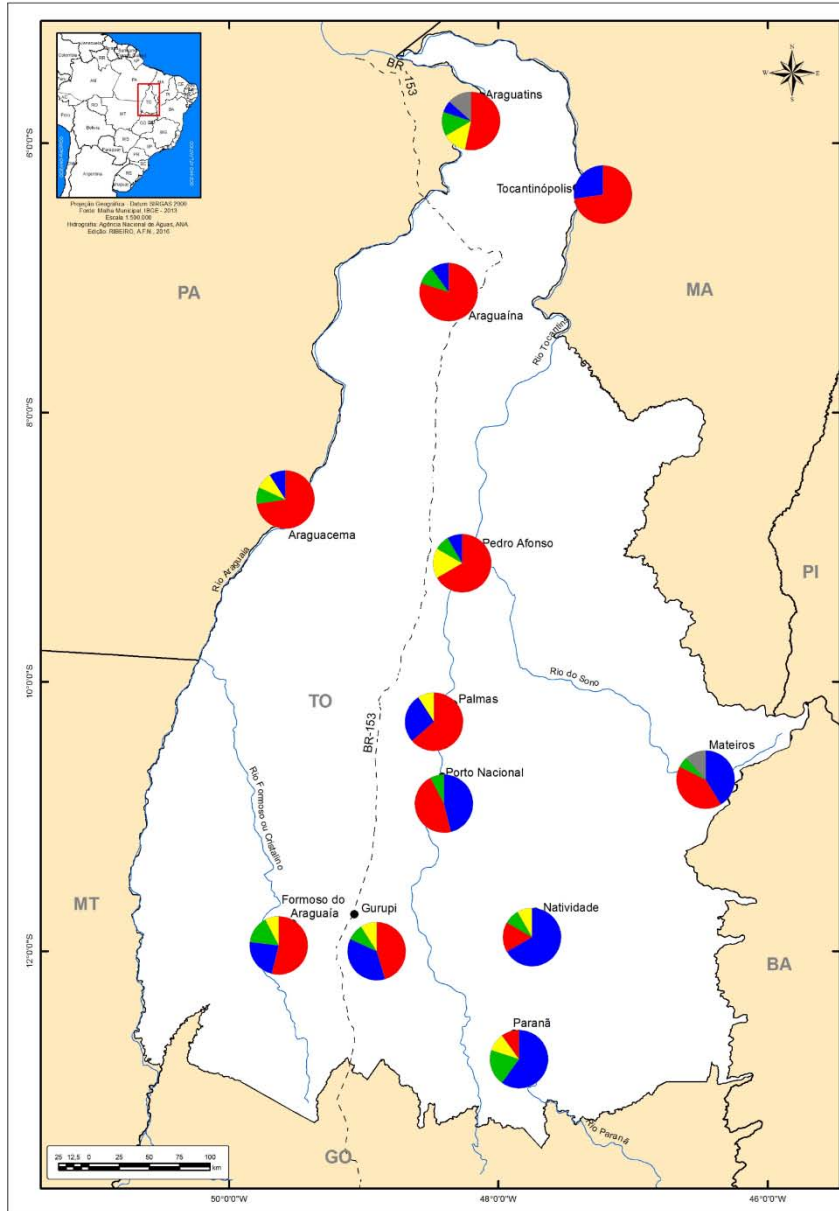
INQ.- Qual que é a mais comum assim para a senhora [pinha ou condessa]?

INF.- Aqui, que a gente conhece dimais, é a... a ata. Que chamam pinha, né, que dá o nome de pinha, né. Que ela é verdinha, verdinha nesse formato, tem os carocinho preto, tudo. Tem até delas ali ainda, depois eu vô mostrá pra você.

INQ.- E onde fala condessa, dona Elza? Onde que a senhora ouviu?

INF.- Não, a condessa já vem de... é uma tradição que já vem muito tempo, porque tem gente que pranta e tem a diferença do gosto d'uma pra outra, da ata, o gosto da, dessa condessa é outro. É o memo formato, só tem que ela é igual o... ela nasce cascorenta e amarela. Essa outra é verdinha. A ata é verdinha, né, que a gente chama ata, mas o povo chama pinha, né. E essa, essa daqui, que a gente trata como condessa, é o memo formato, só tem que ela, a... a casca dela é mais grossa e amarela. (05/8)

INF.- Na verdade, eu conheço isso aí como pinha, outros já dá outro nome aqui. Eles chamam de... Conheci muito também isso aí por araticum lá em Minas e no Paraná. Articum. Outros conhece ela aqui... como é o nome, meu Deus do Céu? É pinha. Lembrei o outro nome. Araticum... Pinha, araticum... (08/7)

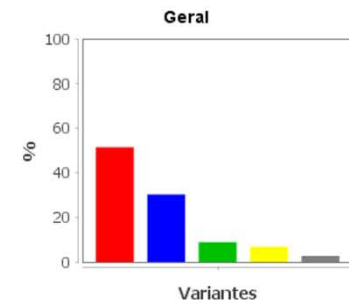


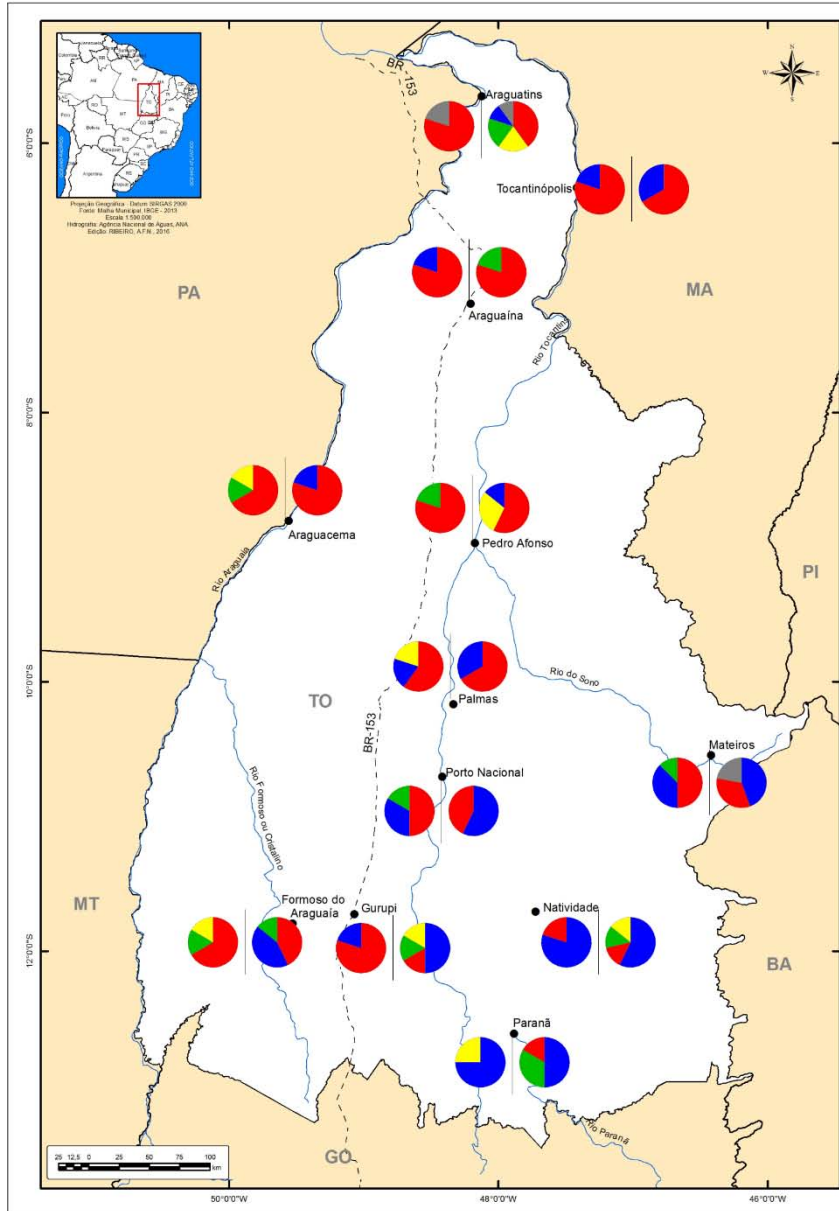
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L1-A: Designações para: ata/pinha

#### Legenda

- Ata
- Pinha
- Conde/Fruta-do-conde
- Condessa
- Outros





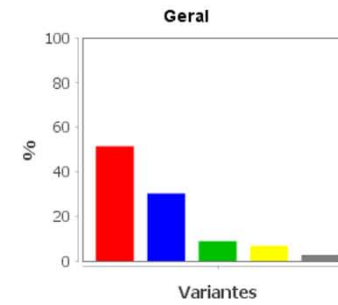
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L1-B: Designações para: ata/pinha

Legenda

- Ata
- Pinha
- Conde/Fruta-do-conde
- Condessa
- Outros

- ① ②
- 1: TOPOESTÁTICOS
- 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 028 – Como se chama a ponta roxa no cacho da banana?**

**Baixas incidências:** *figa* (Tocantinópolis); *pendão* (Paranã); *olho* (Formoso do Araguaia); *pião* (Paranã); *fio* (Araguaína e Araguacema)

**Comentários - Informantes Topoestáticos**

INQ.- A senhora chama de figa?

INF.- É.

INQ.- (risos) Que aí ela vai saindo até cair, né?

INF.- É, a gente chama figa da banana. (02/4)

INF.- Mangará.

INQ.- Quem chamava mangará?

INF.- Meus pais.

INQ.- O senhor, hoje em dia, fala umbigo ou fala mangará?

INF.- Quando é só essa pontinha a gente fala umbigo mehmo, agora quando é toda é mangará.

INQ.- Costuma fazer alguma coisa com o umbigo?

INF.- Os mais velhos fazia remédio. (07/3)

INF.- Em cá nós chama mangará da banana.

INQ.- Tem outro nome que o pessoal dá?

INF.- Imbigo.

INQ.- Qual que é mais utilizado aqui?

INF.- Pode ser o imbigo, né. (09/3)

INF.- É o búzio, o búzio, que o povo fala. Tem um ditado que o povo fala lá, tá um... aí dá aqui os cacho, as banana termina de dá e eles... depois já corta ele, pras banana engrossá. É búzio que o povo fala, um trem roxo. (12/4)

**Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INF.- Tira o mangará da banana.

INQ.- O que é o mangará?

INF.- O mangará é a áve (=árvore) que fica pregada a banana, é o mangará.

INQ.- Não é isso aqui não, né, dona Maria? Ou é? ((mostra a figura))

INF.- Exato, isso aqui, que é mangará.

INQ.- Faz alguma coisa com mangará depois?

INF.- Não, faz com esse.

INQ.- Como que é o nome desse aqui?

INF.- Esse daí é o bu... bu... buzo, é o imbigo da banana.

INQ.- Que é essa parte roxa, né?

INF.- É. (06/8)

INQ.- Faz o que com ele, dona Maria?

INF.- Essa parte aí você faz melado.

INQ.- Tem algum remédio que se faz?

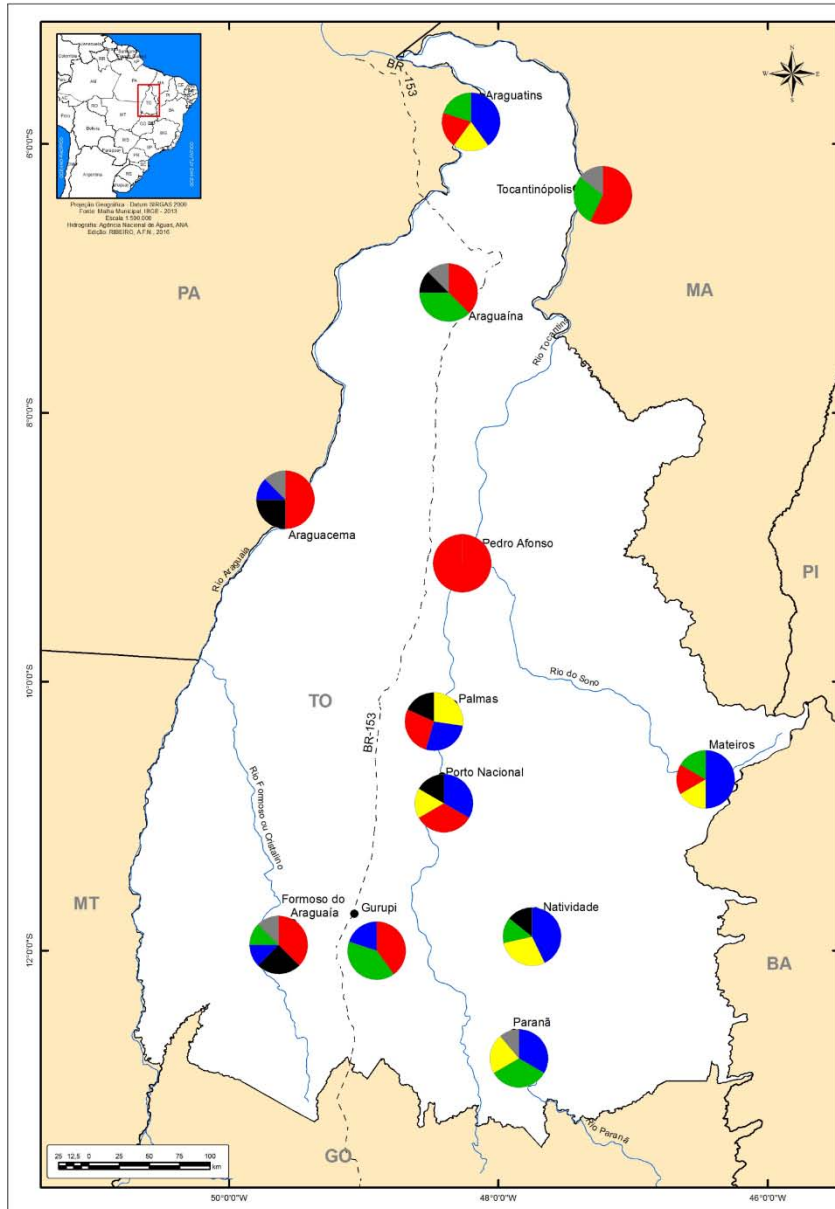
INF.- Se faz um melado pa tosse, a pessoa tá gripada muito, pô fazer isso aí.

INF.- Lá pra nós do Nordeste chama maringá. Aqui eu num sei mesmo com'ê que chama. Falá a verdade eu nunca vi nem falano com'ê que chama aqui.

INQ.- É mesmo? E o maringá, costumam fazer alguma coisa com ele?

INF.- Ói, lá pra nós tem... tem gente que faz, tipo comida típica, alguma coisa assim. (08/5)

INF.- É o... imbigo, pendão, mais é imbigo, imbigo da bananera. (12/7)

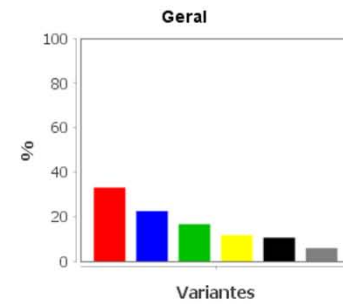


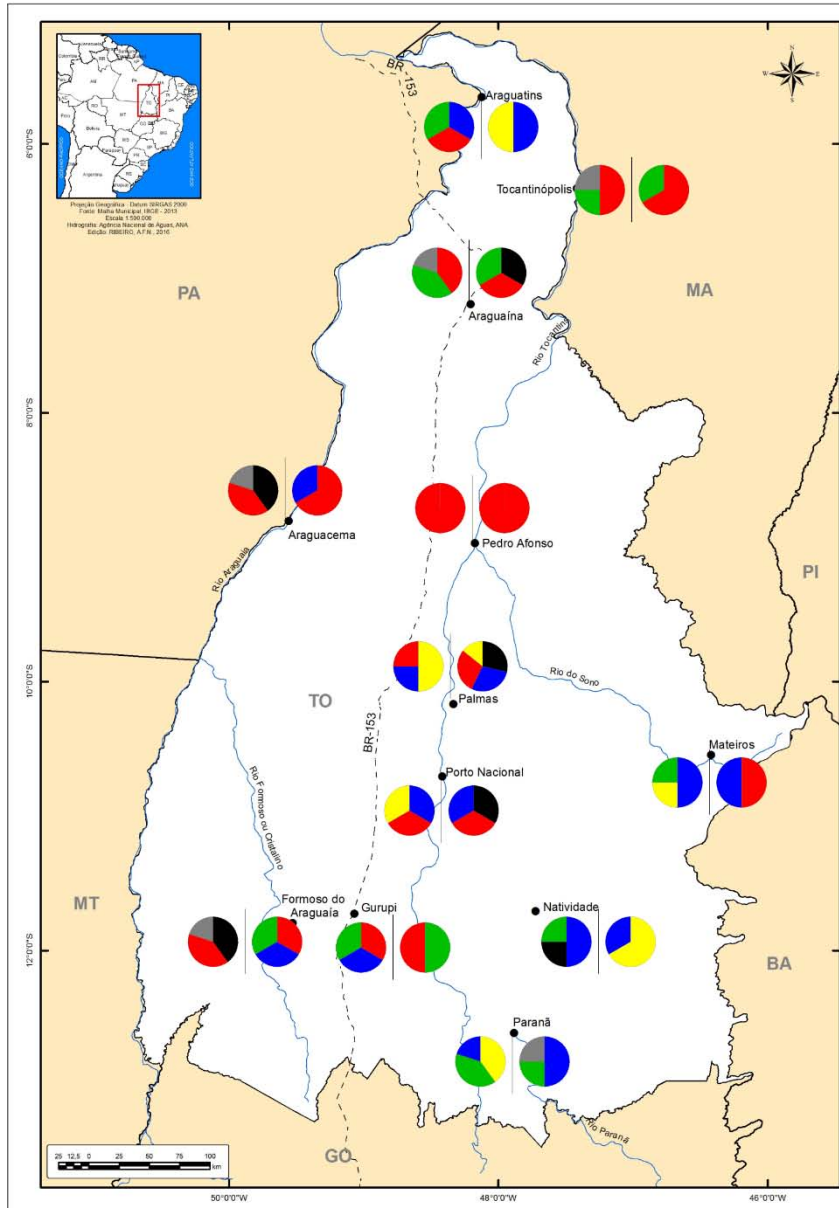
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L2-A: Inluorescência da bananeira

Legenda

- Mangará
- Umbigo
- Coração
- Buzo
- Flor (da bananeira)
- Outros





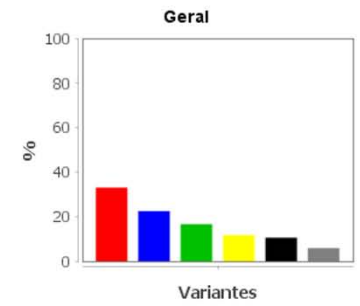
ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L2-B: Inluorescência da bananeira

Legenda

- Mangará
- Umbigo
- Coração
- Buzo
- Flor (da bananeira)
- Outros

- ① ②
- 1: TOPOESTÁTICOS
- 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 038 – Como se chamam aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançados, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?**

**Baixas incidências:** *paracá* (Porto Nacional e Mateiros); *bruaca/buraca* (Natividade e Paranã); *alforje* (Palmas e Paranã); *garajau/grajau* (Palmas e Natividade); *bolsa* (Araguaína); *cocho* (Palmas); *embornal* (Araguatins); *chocononto* (Paranã); *arupemba* (Formoso do Araguaia); *capanga* (Porto Nacional); *fecho* (Mateiros); *tacho* (Gurupi).

### Comentários - Informantes Topoestáticos

INF.- O jacá é um formato de um balaio feito de bambu, né, dessa taboca. Aqui nós temos o cipó do índio, de iscara, temos um cipó que no Pará usa muito, o cipó titica, que ele serve pra fazê remanchim, pra fazê jacá, pra fazê cesto, temos o olho de (inint), que dá pra fazê cofa.

INQ.- O que é cofa?

INF.- Cofa é um formato d'um triângulo, é um formato tipo um saco, que você... pras galinha deitá, deita as galinha no (inint). (01/3)

INF.- Jacá, o cofo. O que nós chamava ele... de jacá, né.

INQ.- Para poder levar os mantimentos?

INF.- Mantimento é. Chamam jacá, tem gente chama cofo, faz cofo também.

AUX.- É a mesma coisa?

INF.- Não, o jacá é oto, né, 'cê bota as veiz, bota mais cangaio, esse que bota nos do animal, né, bota um do lado, oto do oto. Esse de mandio' vai botá no animal.

INQ.- E o outro que o senhor falou?

INF.- O cofo, é. É de talo de buriti, faz de paia de bacaba, o faz de buriti também. (05/3)

INQ.- E se não for de couro? For feito de cipó trançado?

INF.- [Alforje] Também é a mesma coisa, que faz do couro, faz do cipó. De primero, o meu pai mehmo, meus avós eles buscavam sal no Maranhão, buscavam de jumento com essa carga bem aí... os jumento arriado com esses, esses grajau aí, sabe, esses maió chamavam de grajau, o alfoje é esse menor. (06/4)

INF.- Aquilo aqui a gente chama ele de caçuá. Arupemba. Esse aí é cofo, esse aqui é feito de palha, de coco. É de rama, da palha.

INQ.- O caçuá e qual foi o outro que o senhor falou?

INF.- Tem o caçuá, tem... o cofro, e tem aqui o povo dá nome de arupemba.

INQ.- Tem diferença?

INF.- Tem, a arupemba ela é feita igual você falou, das ramas, né, daí 'cê trança ela, e faiz. O cofo já é feito da palha do coquero. Esse aqui é feito da taboca... é o jacá. (10/3)

### Comentários - Informantes Topodinâmicos

INQ.- O que é o caçuá?

INF.- Caçuá é feito de couro, tem o jacá que é feio de taboca.

INQ.- É assim, seu Baltazar (*mostra a figura*)?

INF.- Não, esse aqui é uma espécie dum embornal, né, esse é, põe na cangaia. Ele é grandão assim. Isso aqui é uma espécie de uma...não, isso aqui é uma malinha, alguma coisa assim, mas é quase igual esse aqui, mas só porque é grande. Ele é aberto em cima e só enche de arroz e carrega. (01/7)

INF.- Aqui eles chamam de jacá, mas aquilo lá é um balaio, não deixa de ser um balaio. Mas é jacá que eles compram, eles falam aqui pra transportá. Coloca sobre o animal e transporta as coisa dentro. (08/7)

INQ.- E esse aqui feito de cipó?

INF.- De tabóca. Essa daí... é o jacá ou o cofo, né. Ele tá mais p'um cofo aqui, que onde eu conheço o jacá é mais diferente.

INQ.- Como é que é o jacá?

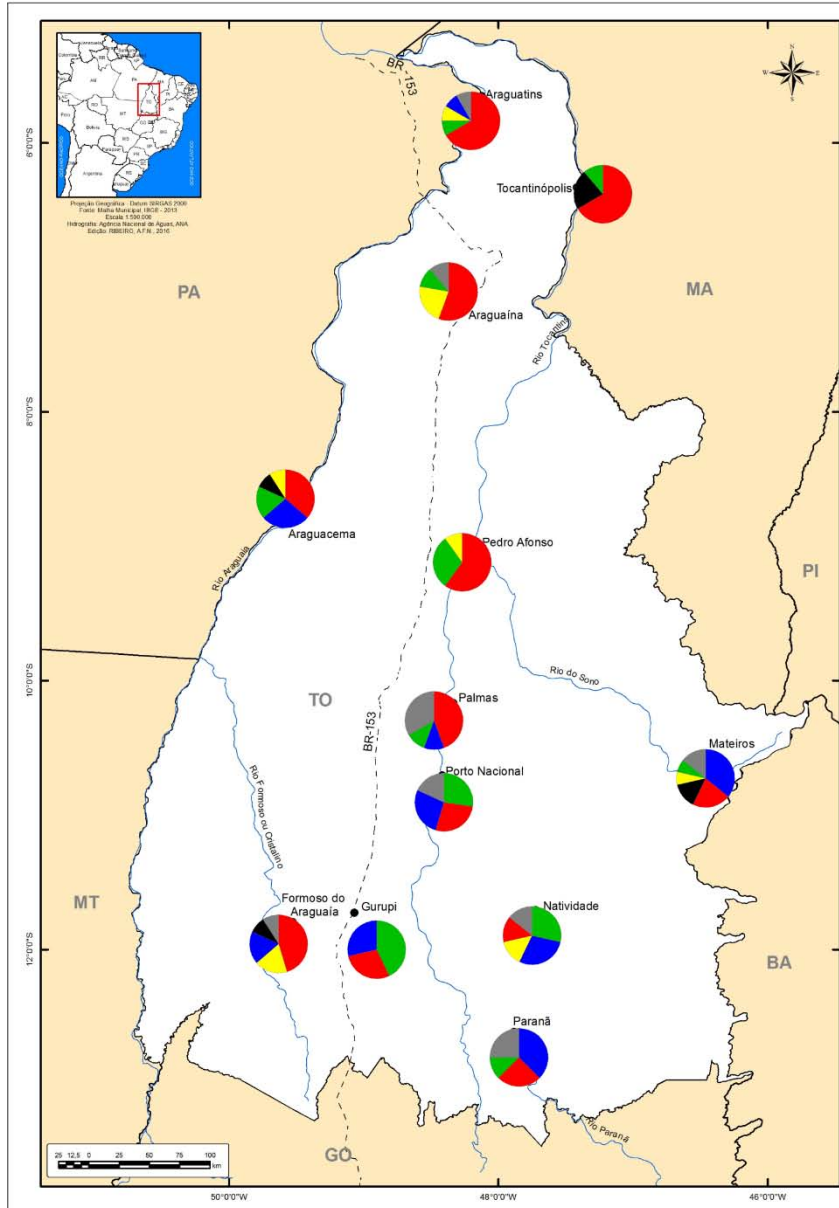
INF.- O jacá ele é quadrado. Ele é feito desse mesmo material aqui, só que ele é quadrado.

INQ.- Ele é parecido com esse aqui? (*mostra a figura*) Aqui?

INF.- Isso. Uhum.

INQ.- Mas o jacá e o cofo é feito do mesmo material, de cipó?

INF.- É, na nossa região, no Maranhão, é feito do mesmo material. (10/6)

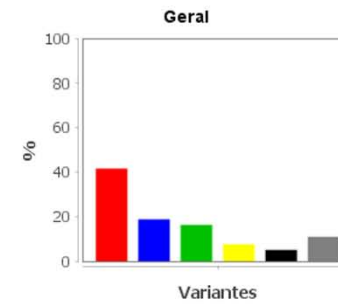


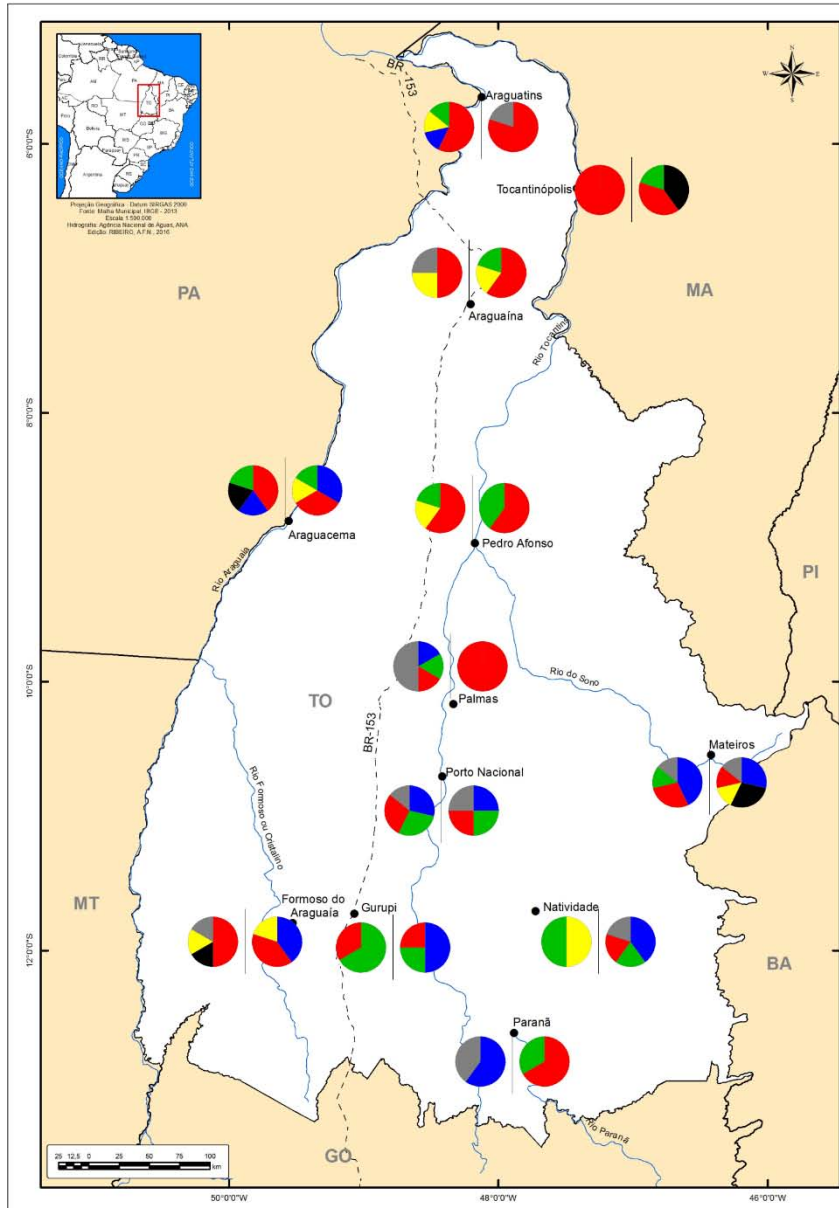
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L3-A: Designações para: jacá/balaio

Legenda

- Jacá
- Balaio
- Cesto/cesta
- Cofo
- Caçuá
- Outros





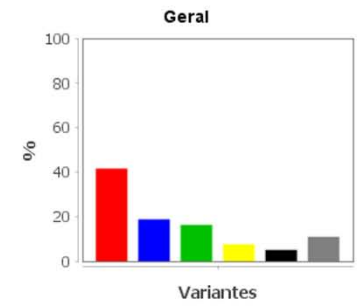
ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L3-B: Designações para: jacá/balaio

Legenda

- Jacá
- Balaio
- Cesto/cesta
- Cofo
- Caçuá
- Outros

- ① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 040 – Como se chamam os objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?**

**Baixas incidências:** *cesto* (Tocantinópolis, Formoso do Araguaia e Gurupi); *gibão* (Araguaína e Araguacema); *embornal* (Araguacema); *sucuntum* (Mateiros); *garajau* (Palmas); *mocó* (Tocantinópolis); *surrão* (Araguaína).

**Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Deixo explicar o que é o caçoar. Feito de coró de boi, né, que ‘cê falô? Ele é um formato não quadrado quanto o jacá, mas é um formato redondo, de boca, o fundo dele é todo fechado feito de coró de boi costurado. (001/3)

INF.- ‘Cê pega ele e costura, aí ‘cê... faz tipo um jacá, só que deixa a boca bem larga, aí põe a, as coisa dentro... que fica bem mais segura do que no jacá. (02/1)

INF.- É, a gente chamava mala de couro, mas... papai chamava era caçuá. Já vi muito. (02/3)

INF.- Era caçuá. Coloca também no lombo do cavalo, que ele dá carga, né, que nem do jacá, mas chamava caçuá. É, de couro, se fazia costurado que ele é um cofão, né. É que aí bota as vazia, bota no ombro.

INQ.- Tem tampa? Nesse tem?

INF.- Quê? Nem tem não, não tem não, se ‘ocê quisé botá, bota. Que ele num tem não, que ele é tipo meio... caçuá... é bom demais, que ele faiz, faiz do couro do gado, né. (05/3)

INF.- Ah, é os... alfoje. É feito de couro, sabe, de gado, aí põe um d’um lado outro do outro por cima da sela, aí põe o cochonio e munta em cima.

INQ.- Como se fosse esse aqui?

INF.- Ah, esse aqui é o... é isso mesmo é alfoje, é alfoje mesmo. (06/4)

INF.- Ah, esse daí o povo fala que é um suncuntum de coró, rapaz. É. Oto chama caçuá. Éh, é o povo que chama esse trem aí, sucuntum, mas eu, eu trato ele por

caçuá. Que é de carregá farinha, carregá todos eles, piqui, todos eles, quando esse trem é de coró.

INQ.- O senhor já viu dele aqui?

INF.- Já. De primeiro o povo usava muito dele, desse negócio aí. (08/3)

INQ.- Eu também lembro do meu avô com esses trem.

INF.- Hein, mas era bom essas coisa. Quando as, a carne secava, a hente (=gente) gostava de armazená nas bruaca e trancava, pra bicho num ficá...

INQ.- Pegando.

INF.- Passeando dentro das comida, coisa e tal. Farinha também. Meu Deus, a gente tinha uma bruaca de guardá farinha, era um encanto, de tão boa que era. A gente fazia as farinha e armazenava na bruaca. (08/4)

INF.- É alfoje, alfoje, não, alfoje... é num pode da buraca...

INQ.- Como é que é a bruaca?

INF.- A buraca é desse jeito aqui ó. Só que tem um arriata aqui que marra...

INQ.- Você pode me explicar como é que é a buraca?

INF.- A buraca ela, é tipo uma caxa. Aí faiz que ela vem com uma arriata, aí ‘cê ‘marra aqui e puxa. Aí ‘cê pode...

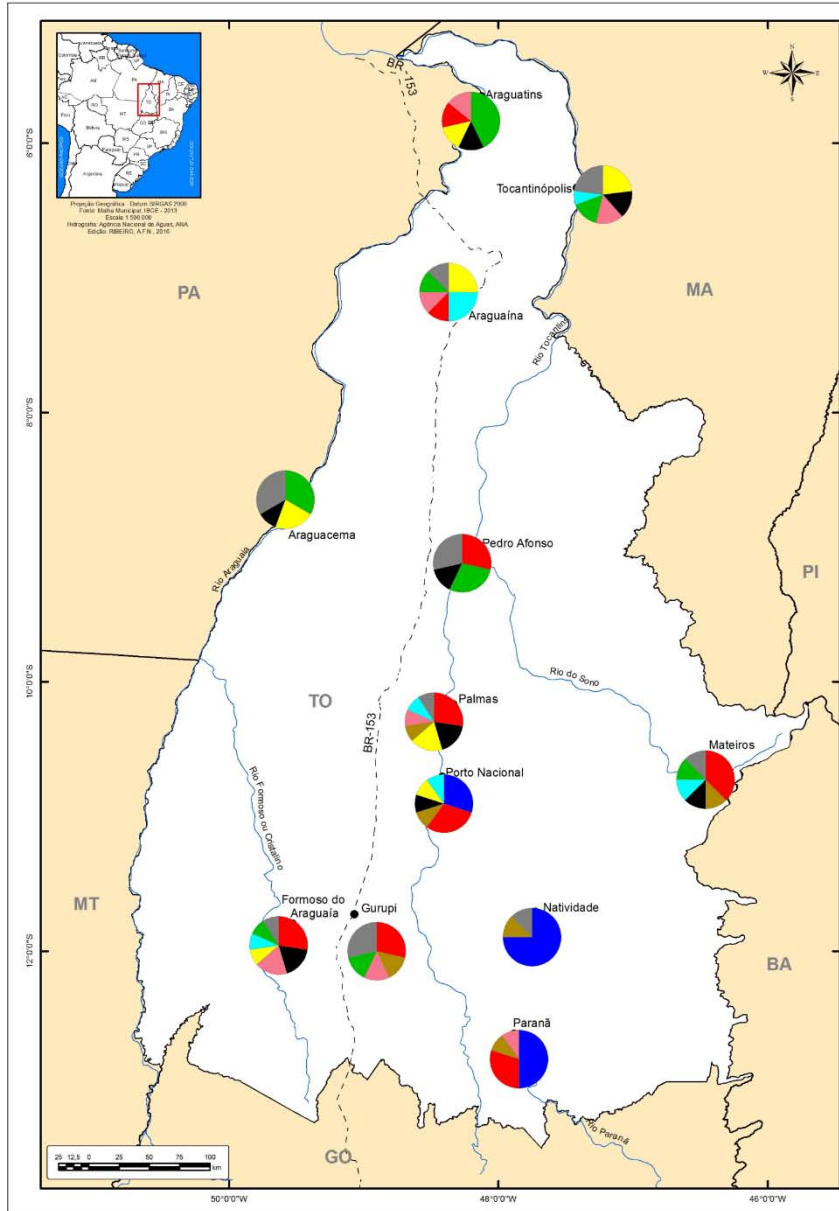
INQ.- Ela tem tampa?

INF.- Tem, aqui uma arriata aqui, e puxa aqui, e marra. É a buraca. (12/2)

**Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INF.- Caçuá é feito de couro, aí faize e coloca de um lado e do outro do animal pra coloca as coisas dentro. E o outro, o caçuá é de couro pra carregá grão, que aí pra num vazá... Que o outro muitais veiz começa vazano nos buraquinho, né, aí põe ele, ele é de coró, aí carrega, pa carrega grão. (01/7)

INF.- Rapaz, lá em casa usava muito buraca, assim, de couro de animal de vaca, né. E a buraca é de couro. O pacará é de taboca fazer... e botava um do lado e do outro, né, esse não tinha tampa, a buraca tinha tampa, que ai fazia a tampa. (07/7)

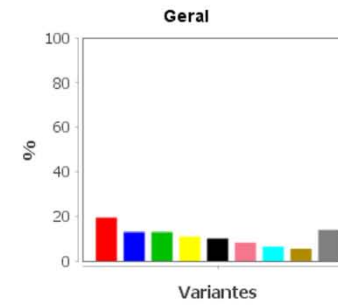


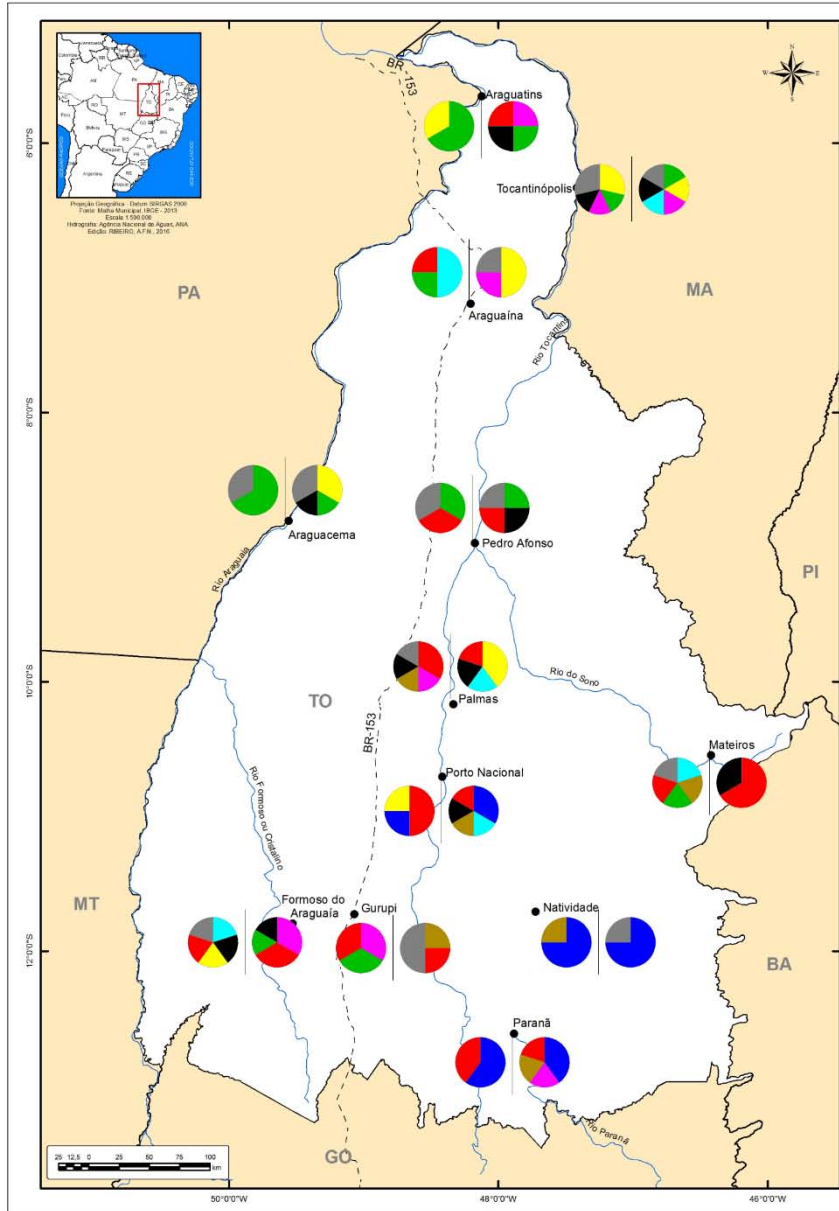
## ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L4-A: Designações para: alforje/buraca

### Legenda

- Alforje
- Buraca
- Caçua
- Jacá
- Mala/maleta (de couro)
- Baú
- Bolsa
- Bruaca
- Outros





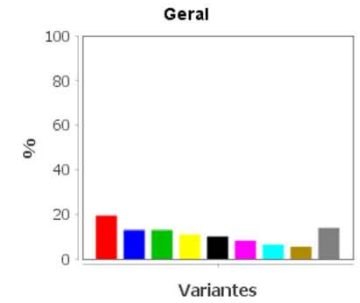
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L4-B: Designações para: alforje/buraca

**Legenda**

- Alforje
- Buraca
- Caçuá
- Jacá
- Mala/maleta (de couro)
- Baú
- Bolsa
- Bruaca
- Outros

① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 049 – Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?**

**Baixas incidências:** *galinhola* (Pedro Afonso e Formoso do Araguaia); *tô-fraco* (Araguaína e Natividade); *galinha-d'água* (Gurupi); *galinha-da-índia* (Palmas).

**Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Capote, guiné na minha terra. Aqui, galinha-d'angola. (03/3)

INF.- Parece que é cocá que eles fala, mai nói' chama galinha-da-angola. (04/1)

INF.- Cocar.

INQ.- Tem outro nome para ela, seu Luiz?

INF.- Angola.

INQ.- Qual o senhor usa mais?

INF.- O mais que chamava mehma é cocar. (06/3)

INF.- Ah, é o galim' angola. Pra muitos é cocá, é guiné, depende da região vareia o nome.

INQ.- E o senhor chama como?

INF.- É cocá, ou então galim' angola. (11/3)

**Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INF.- O nome que eu conheci era cocar ou guiné, mas hoje o povo chama muito angulista, né. (02/8)

INF.- Capote, guiné na minha terra. Aqui, galinha-d'angola. (03/3)

INQ.- Tem diferença entre as duas ou não?

INF.- Não. É um só, né. O nome é que... depende da região.

INQ.- Aqui o senhor conheceu como?

INF.- Aqui é angulista, guiné. Ela é angulista, é guiné, galinha da angola. Tudo isso.

INQ.- E lá onde o senhor morava?

INF.- Éh, lá... nós... é só angulista que nós conhecia lá. (04/7)

INF.- Lá pra nós, isso nós falava era cocar.

INQ.- Tem outro nome para cocar?

INF.- Ah, eu já vi gente falá de, éh... galinha-da-índia, né. Mas nós conhecia como cocar.

INQ.- E diz que ela cozida fica tão bom.

INF.- Galinha-da-angola, outros falava, né.

INQ.- Mas para vocês era cocar, né?

INF.- Cocar. (06/7)

INQ.- Lá no Maranhão, vocês chamam de cocar?

INF.- É. (08/6)

INF.- Aí o povo chama... lá no Maranhão chama de angulista, aqui o povo já chama de cocá.

INQ.- E lá vocês chamam de angulista?

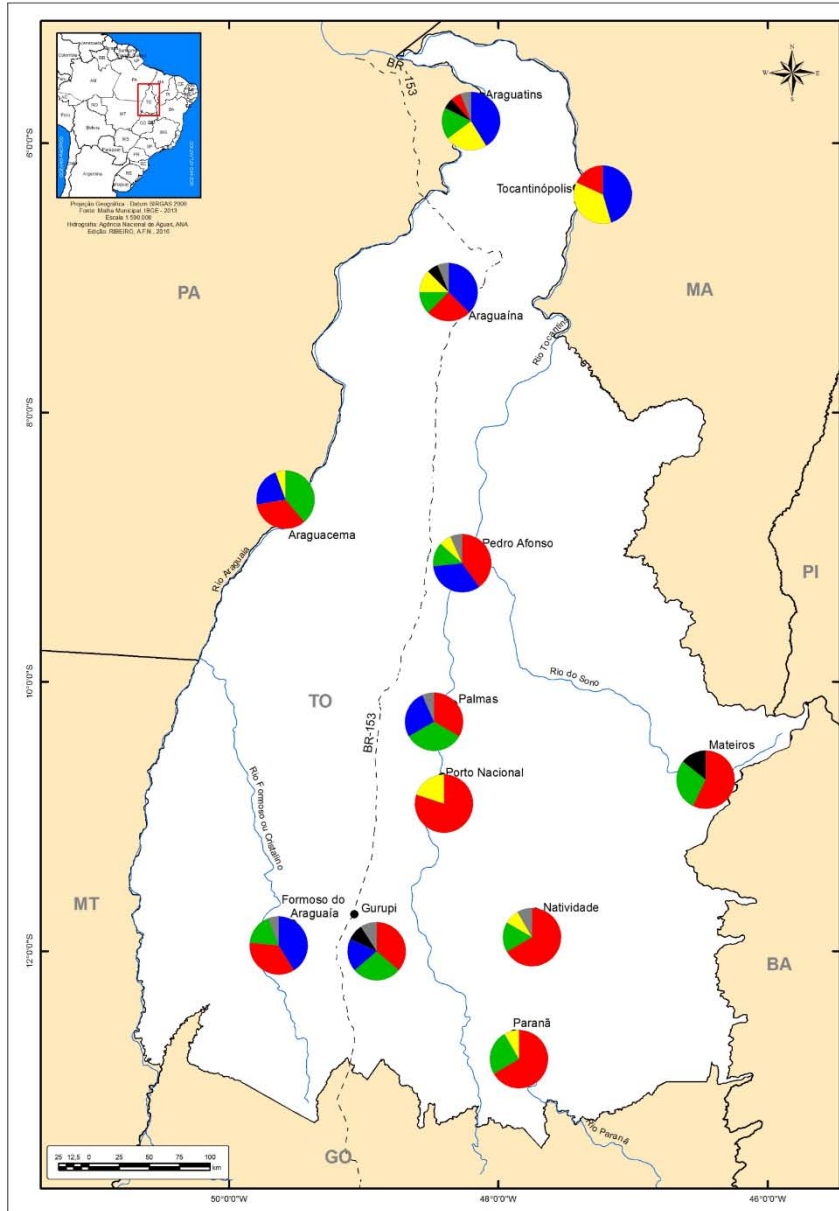
INF.- É, angulista. (10/6)

INF.- Galinhola.

INQ.- Tem outro nome pra ela?

INF.- Não, aqui chama de angolista. Eu conheci, quando eu conheci eu conheci galinha-de-angola, né. Aí quando eu vim pra cá eles chamava de angulista. (10/7)

INF.- Não, é a mesma. Aqui é cocar e em São Paulo é angola. Galinha-da-angola. (12/8)

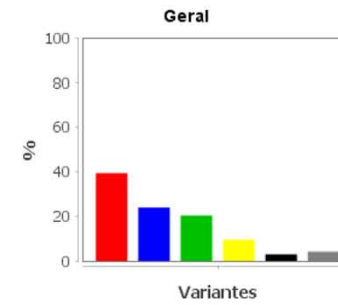


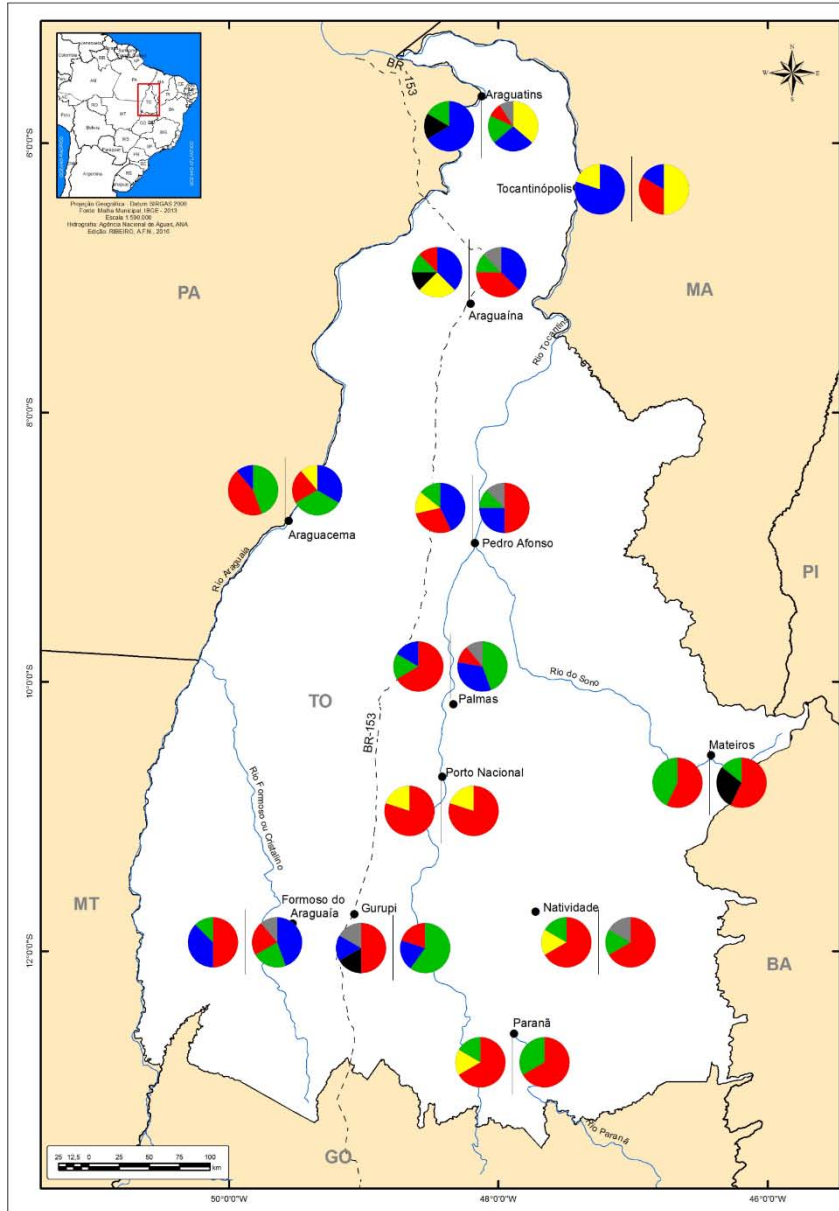
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L5-A: Designações para: cocar/angolista

Legenda

- Cocar
- Angolista
- Galinha-d'angola/angola
- Guiné
- Capote
- Outros





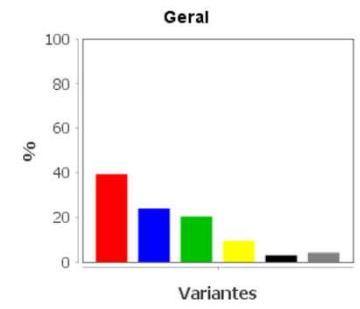
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L5-B: Designações para: cocar/angolista

**Legenda**

- Cocar
- Angolista
- Galinha-d'angola/angola
- Guiné
- Capote
- Outros

- ① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 53 – Como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?**

**Baixas incidências:** *mixila* (Araguacema); *saruê* (Mateiros); *catita* (Araguaína); *raposa* (Palmas); *esquilo* (Araguacema).

**Comentários - Informantes Topoestáticos**

INQ.- Qual que você usa mais?

INF.- Mucura.

INQ.- Tem diferença entre o mucura e o gambá?

INF.- Acho que não.

INQ.- É o mesmo bicho?

INF.- Aqui nós conhece como o mesmo. (02/2)

INF.- Raposa.

INQ.- Como que é a raposa? Ela solta um cheiro ruim quando...?

INF.- A mucura. Eu acho que é a mesma, a raposa porque ela come galinha e pinto. Ela tem um cheiro ruim.

INQ.- Como que é a mucura?

INF.- Pois é, parece que é parecido a mucura com a raposa, é da mesma família.

INQ.- E a mucura come galinha?

INF.- A mucura não. Acho que só a raposa mehmo, come galinha, os ovos. (06/2)

INQ.- Como que é o mambira?

INF.- Mambira é um animal do mato tipo o cachorro e ele é e fedido, ele é muito fedido.

INQ.- Ele come galinha?

INF.- Come, come galinha sim.

INQ.- Ele não é que nem o tamanduá não? Ele é tipo um cachorro mesmo?

INF.- Ele é tipo um cachorro, tamanduá é outro. (06/4)

INQ.- Tem diferença do gambá para a mucura?

INF.- O gambá sempre é maior.

INQ.- A mucura é menor?

INF.- É menor.

INQ.- Mas os dois soltam aquele cheiro ruim, né?

INF.- Os dois. (07/3)

**Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INF.- Eu conheço como mucura ou catita.

INQ.- Como que é a catita?

INF.- Que nem mucura, ela fede. (03/5)

INF.- [Mambira] É um bichão que tem as unhone assim e o focinho cumpridão assim, que fede demais. A mucura é pequena, mas é a catita deles é quase uma só. Porque o que chama-se tamanduá... é a mambira. E tem o tamanduá bandeira, que tem o fucinzão tamém, as unha grandona tamém e anda de quatro e tem uma banderona. E o outro não é. O outro é fedido demais...

INQ.- O mucura?

INF.- É. E... a mucura é que mais é à noite que 'cê acha ela assim querendo cumê coisas de cuzinha, coisa assim. Pega galinha. Agora já o... o mambira num come.

INQ.- Mas fede também?

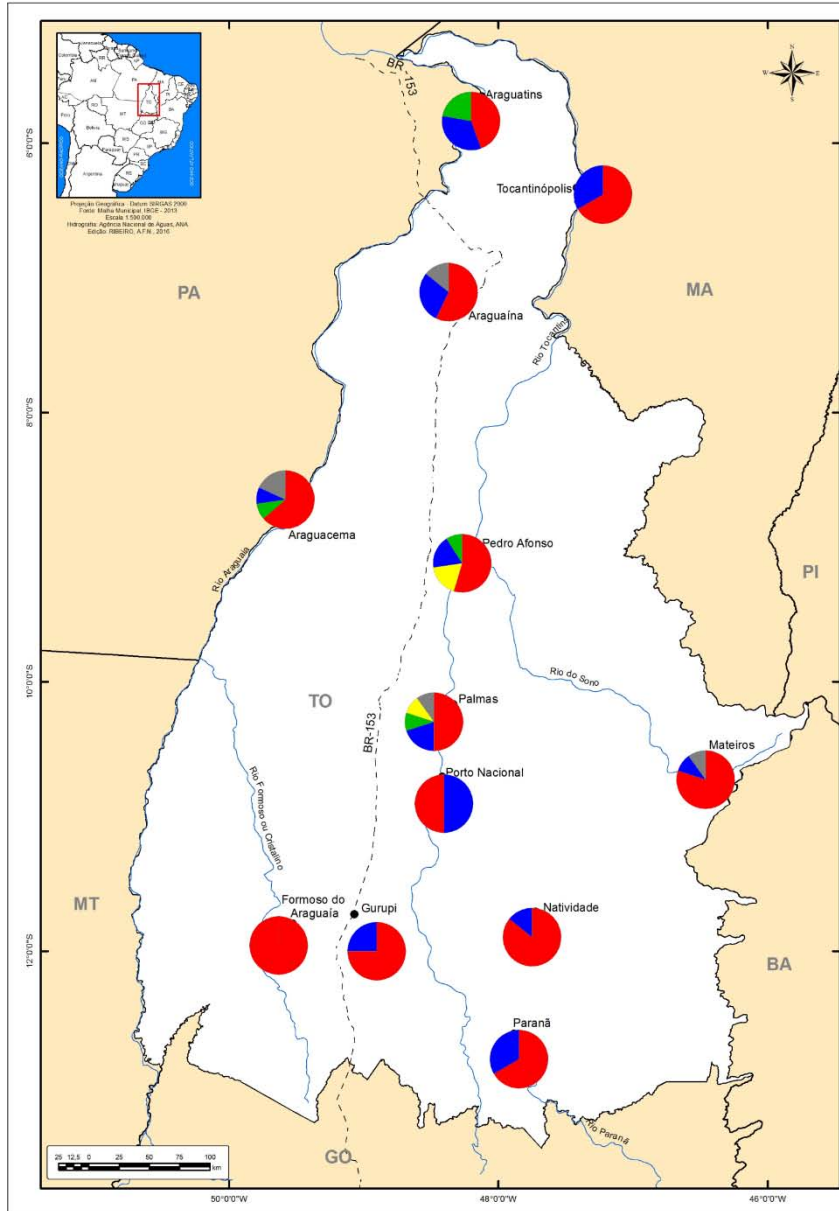
INF.- Fede demais! (04/7)

INF.- Ah, essa é a mucura, que é aquela que come galinha. Esse que a gente tá falando que é gambá, que é o memo bande'... memo o mambira. (05/8)

INQ.- Como que é a mucura?

INQ.- Mucura ela é piquena assim, tipo tamanho assim, menor de que o (gato?) às vezes e fica sempre em cima das árvore e ela acostuma tá mais onde tem muita galinha. (07/8)

INF.- É o gambá. Eu conheço, na verdade, tem dois tipo de gambá, que é um que é um... ele, a urina dele é a defesa dele, é um cheiro terrível. E tem um outro que... eu conheço também, eles conhece aqui como mucura. Mas eu conheço ele como saruê, que é um, não deixa de sê um gambá também. É. Eu conheço, lá, lá no Paraná chamam ele de saruê, e aqui eles chamam ele de mucura. (08/7)

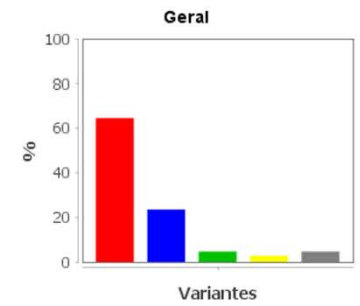


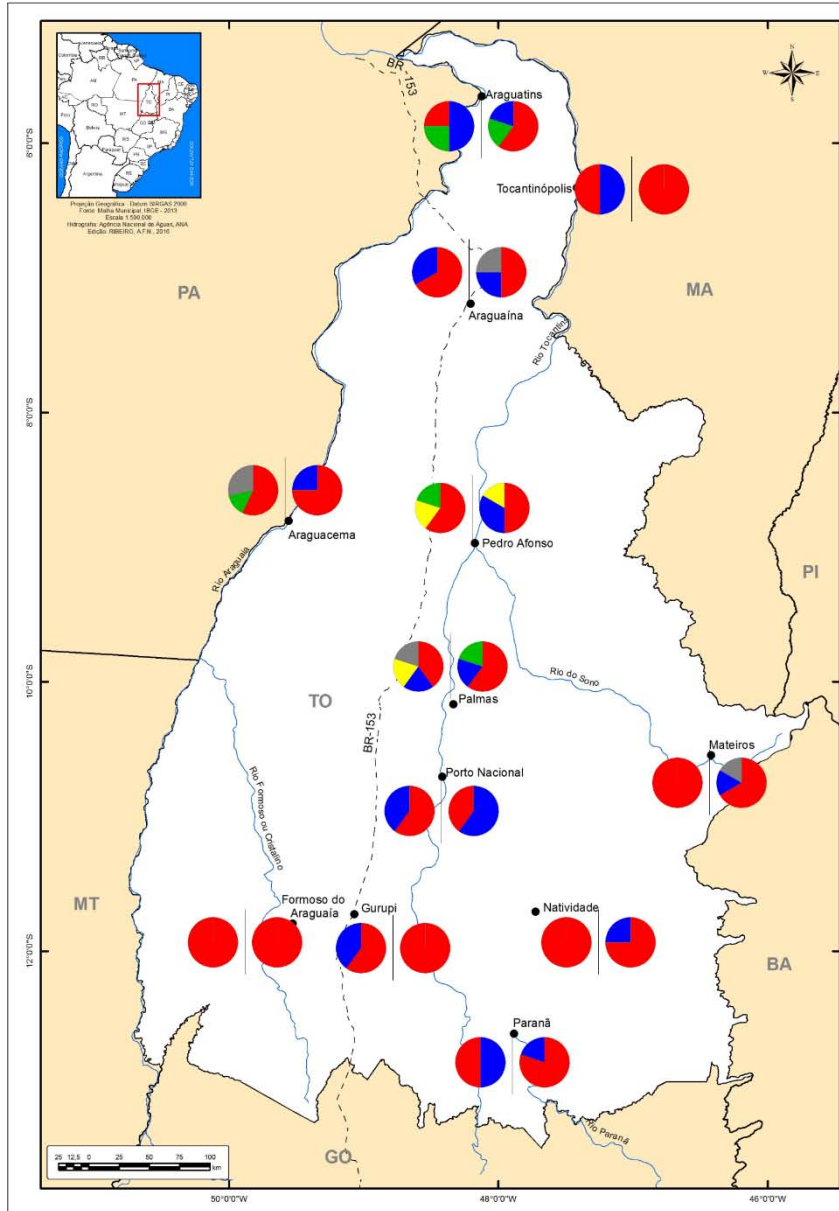
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L6-A: Designações para: gambá/mucura

Legenda

- Gambá
- Mucura
- Lapixó
- Mambira
- Outros





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

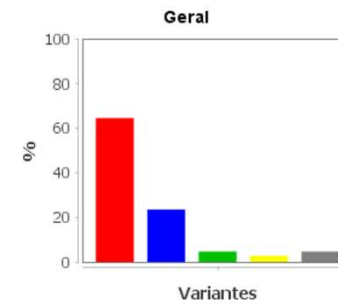
Carta L6-B: Designações para: gambá/mucura

Legenda

- Gambá
- Mucura
- Lapixó
- Mambira
- Outros

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 065 – Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?**

**Baixas incidências:** *helicóptero* (Formoso do Araguaia e Gurupi); *cavaleiro* (Porto Nacional e Gurupi); *palito* (Gurupi e Paranã); *louva-deus* (Araguatins); *besouro* (Mateiros e Gurupi); *esperança* (Palmas); *gafanhoto* (Formoso do Araguaia); *grilo-de-rabo* (Natividade); *mariposa* (Gurupi); *cabra-cega* (Porto Nacional); *mané-mago* (Araguaína); *canzil* (Araguacema); *tesoureiro* (Natividade).

### Comentários - Informantes Topoestáticos

INF.- Libélula ou mané-mago.

INQ.- Por que mané-mago?

INF.- Porque ele é maguin', magricelin' assim. Na minha terra ninguém sabia que era libélula. (...) Aqui é libélula. (03/3)

INF.- Iss' é libélula, povo chama de cambito. (04/1)

INF.- Esse aí é a libélula.

INQ.- Tem outro nome aqui na região?

INF.- Bizorro. (08/1)

INF.- Isso aí é um cavaleiro, povo fala, ai esqueci o nome desse aí que dá o nome. Povo chamam palito.

INQ.- Quem que falava cavaleiro?

INF.- Ah, os povo mai' véio falava assim: o cavaleiro tá vuando, otos chama de palito. (09/3)

INF.- É. Gafanhoto ou então helicóptero.

INQ.- Ele encosta essa parte na água, né?

INF.- Esse daí mehmo. (10/1)

INF.- Quando criança a gente chamava de cavalo-do-capeta (risos).

INQ.- Já ouviu seus avós ou seus...

INF.- Não, coisa de criança mehmo. (11/1)

INF.- Ah, esse bicho aqui é... cavalo-de-judeu, é. Que o povo chama. Eu conheço ele é por cavalo-de-judeu. (11/3)

### Comentários - Informantes Topodinâmicos

INF.- Esse é dois nome que eu tenho, mas um meio... (risos). Uns fala louva-Deus e outro lava-cu. (01/7)

INQ.- E os mais velhos...

INF.- Cambito. Aqui nessa região o pessoal fala por cambito, cambitim de grota, cambito.

INQ.- E você chama de quê?

INF.- Eu chamo libélula. (04/6)

INQ.- E você conhece mais por libélula ou cavaleiro?

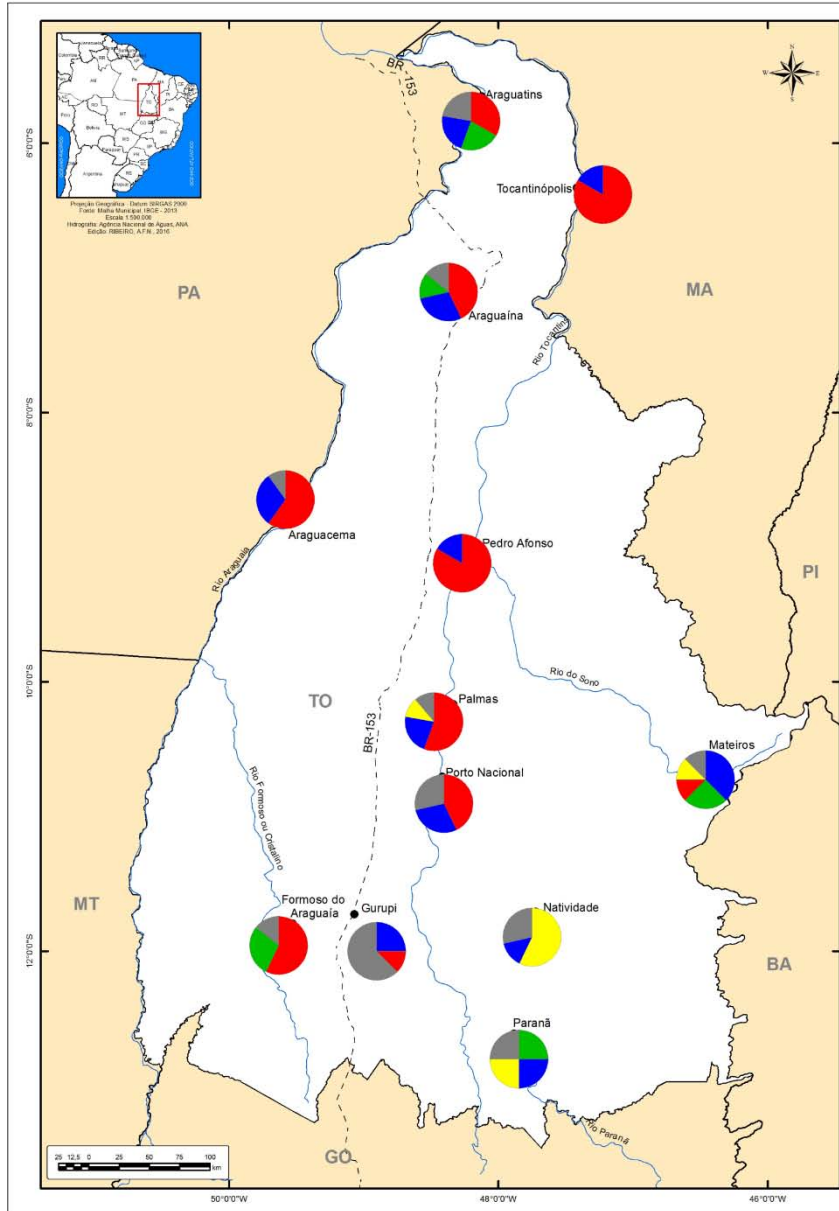
INF.- Cavaleiro.

INQ.- E suas meninas, chamam mais do quê?

INF.- Agora é libélula. (07/6)

INF.- Na Bahia que eu já ouvi. O povo fala lava-bunda, fala cambito. Lava-bunda porque ele encosta os ovos na água assim, né, dizem que é pra ele por os ovos, mas o povo fala que não, que ele gosta de ficá se lavano, aí o povo fala lava-bunda. (10/8)

INF.- A gente tem... Eu conheço ele em alguns lugar com dois nomes. Aqui, por exemplo, nós chamamos ele de cavalo-do-cão. E em outros lugares chamam ele de grilo-de-rabo. Que ele tem uma cauda fininha, longa e ele voa e, de vez enquanto, dá um triscada n'água. A gente chama ele de cavalo-do-cão ou grilo-de-rabo. (11/7)

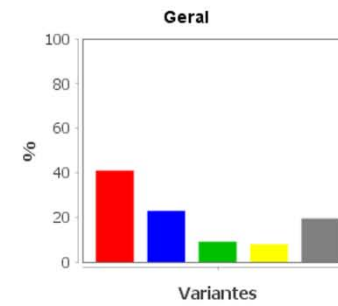


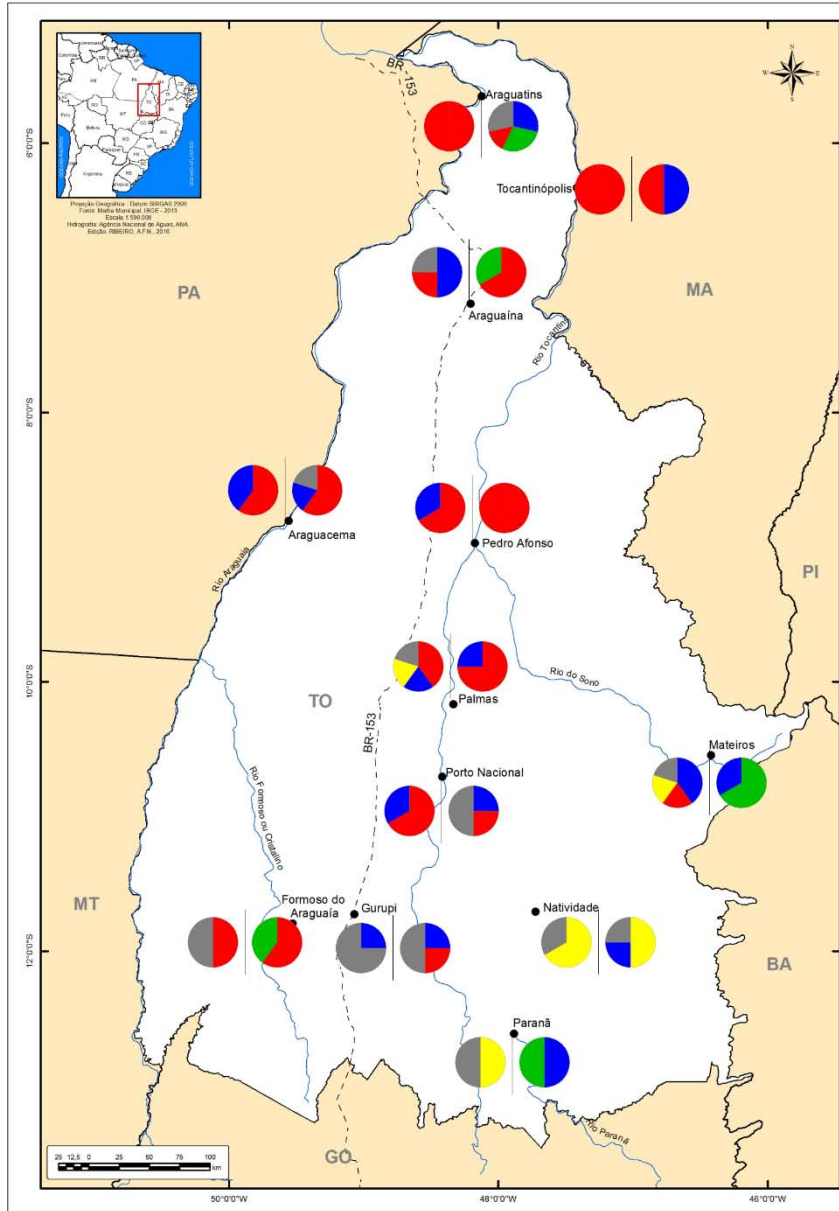
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L7-A: Designações para: cambito/libélula

Legenda

- Cambito
- Libélula
- Lava (bunda/cu/cuida)
- Cavalo/cavalinho (do-capeta, do-cão, de-judeu, de-pau)
- Outros





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

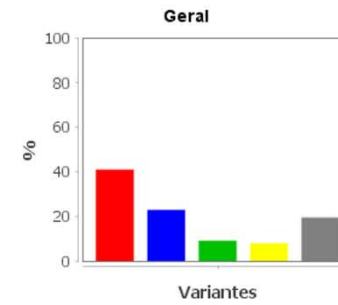
Carta L7-B: Designações para: cambito/libélula

**Legenda**

- Cambito
- Libélula
- Lava (bunda/cu/cuida)
- Cavalo/cavalinho (do-capeta, do-cão, de-judeu, de-pau)
- Outros

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 068 – Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?**

**Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Mosquito.

INQ.- Tem outro nome? Porque a muriçoca, ela é menorzinha...

INF.- É assim, são várias depende, o formato é um só, mais tem o mosquito, tem o pernilongo, tem..., eu conheço por uns três nome, né? (01/3)

INF.- Pernilongo. Aí tem... vai de região. Conheço uma região que chama de carapanã.

INQ.- Carapanã?

INF.- Mas não é aqui.

INQ.- Mas é a mesma muriçoca?

INF.- É a mesma muriçoca. (02/3)

INF.- Muriçoca?

INQ.- Já ouviu outro nome para muriçoca?

INF.- Pernilongo.

INQ.- Qual que é mais comum aqui?

INF.- Muriçoca.

INQ.- Quem que fala pernilongo?

INF.- É os paulista pra lá, né. (risos)

INQ.- (risos) Eles nem sabem o que é muriçoca. (06/1)

INF.- Muriçoca, pernilongo. Tem um lugar que chama carapanã, no Pará, que uma vez que eu fui lá, eles fala diferente.

INQ.- Aqui a gente fala mais...?

INF.- Muriçoca

INQ.- Pernilongo você acha que fala aonde?

INF.- Acho que pra lá onde meu marido mora (risos), morava [Mato Grosso]. (06/2)

**Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INQ.- Qual é mais comum aqui?

INF.- Aqui eles fala é carapanã, muriçoca é mais lá pro Goiás. A gente chegava aqui e via eles fala carapanã e não sabia o que que era, era a mesma muriçoca.

INQ.- O senhor usa mais qual?

INF.- Muriçoca mesmo. Em vez de nós acostumá com o eles, eles acostumô com o nosso jeito, então ficô muriçoca mesmo. Carapanã é muito difícil vê um fala. (01/7)

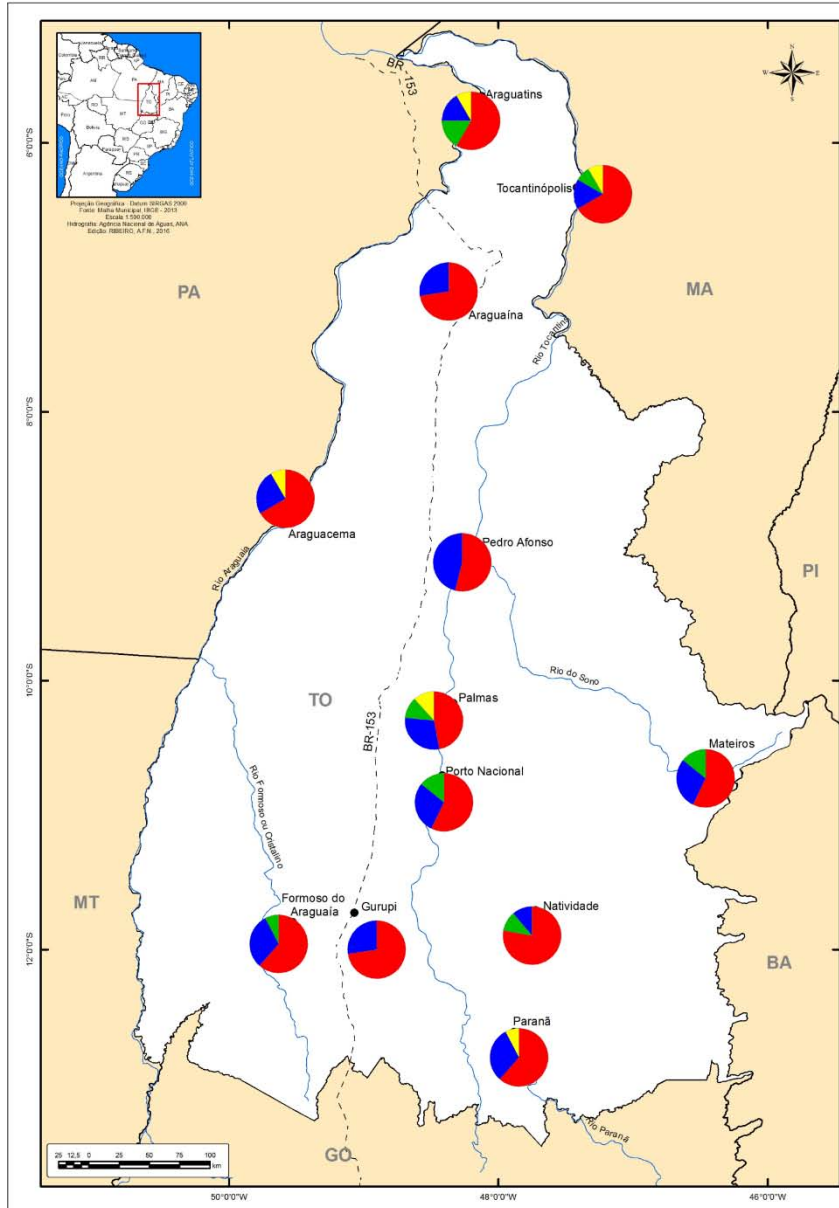
INF.- Rapaz, ali tem, tem vários... tem vários tipo dele que faz esse tipo de coisa, né. Mas, na verdade, eu conheço lá em São Paulo por pernilongo. Aqui é muriçoca. (08/7)

INQ.- A senhora veio conhecer muriçoca aqui?

INF.- Aqui. Camapuá, tem vários nomes.

INQ.- Lá em São Paulo é?

INF.- É pernilongo. (12/8)

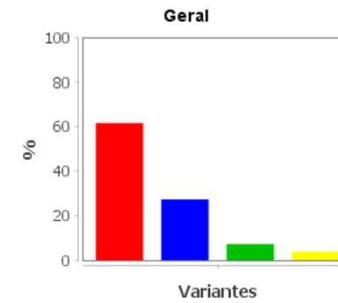


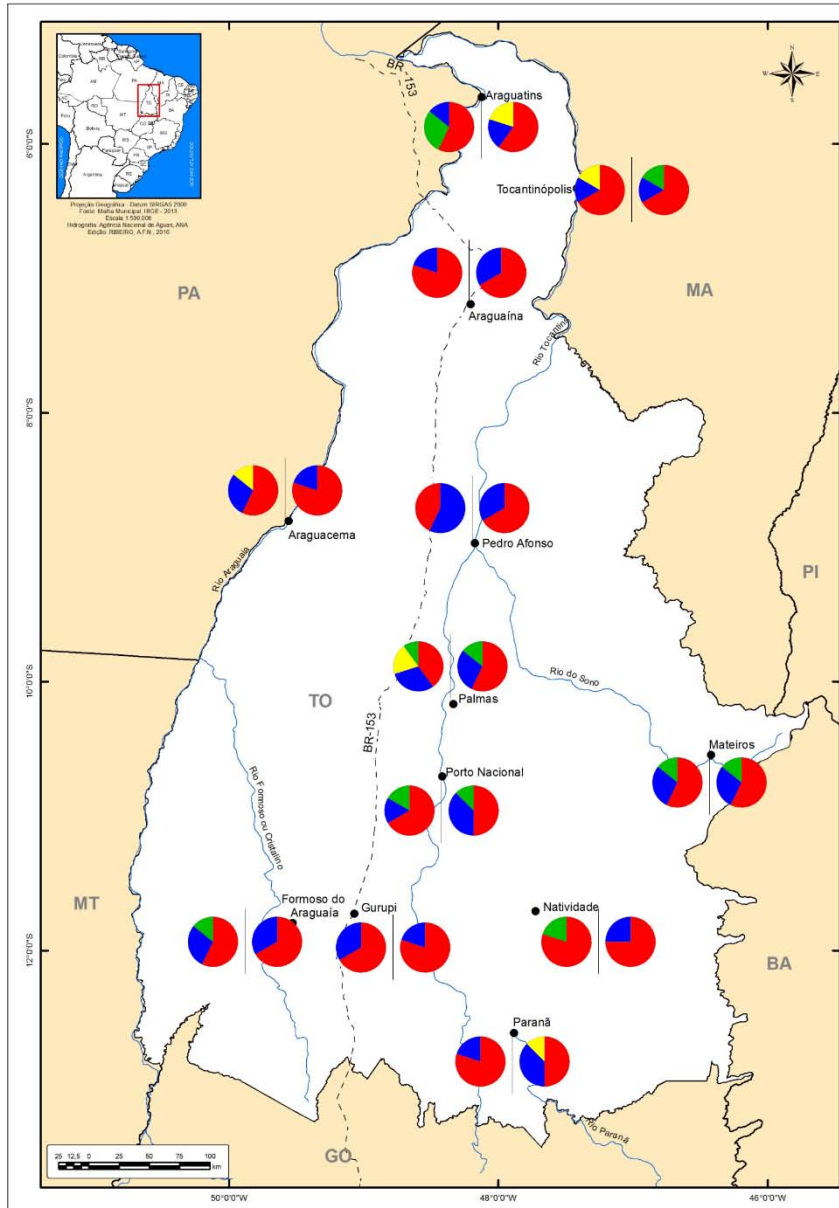
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L8-A: Designações para: muriçoca/pernilongo

#### Legenda

- Muriçoca
- Pernilongo
- Mosquito
- Carapanã





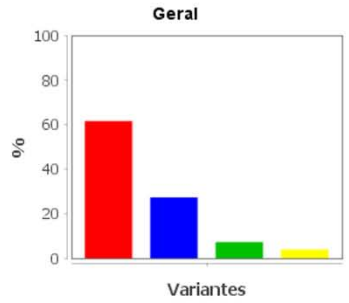
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L8-B: Designações para: muriçoca/pernilongo

Legenda

- Muriçoca
- Pernilongo
- Mosquito
- Carapanã

- ① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS



### **Questão: QSL 073 – Como se chama a bolinha que nasce em cima do olho, fica vermelha e incha?**

#### **Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Ah é, uma espinha?

INQ.- Essa é uma que uma pessoa esquentava a aliança e trisca nela.

INF.- É espinha mesmo. (04/1)

INF.- É oi'-de-sol. Falava oi'-de-sol.

INQ.- Isso mesmo. É esse dizer mesmo, de esquentar a aliança e pôr?

INF.- É. E fala que é espinha, né?

INQ.- É a mesma coisa?

INF.- É quas' a mesma coisa. Oi'-de-sol, espinha. Aí diz que quando é espinha eles qué, a muié buchuda é que bota no oi' do outro, né. (risos)

INQ.- Tem isso? (risos)

INF.- Tem. Diz que aí a muié deseja cumê uma coisa e pede à pessoa, a pessoa num dá e aí ela já coloca a espinha. (risos)

INF.- Geralmente a gente chama de espinha aqui, mas é terçol, né. Aprendi depois que era terçol. (07/2)

INQ.- Por que nascida?

INF.- Num sei. Que o povo aqui, muitas vez que nasce, fala que negô alguma coisa pa... mulhé grávida, aí fala que vai dá nascida no olho.

INQ.- Você nunca ouviu outro nome não, né?

INF.- Não. (11/1)

#### **Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INF.- É o treçol, é pegando a berada do olho assim. Aí eles diz que a gente negô alguma coisa pa muié buchuda (risos). (01/7)

INF.- Tal do... como é que se fala? Nascida. Não é um caroço que nasce que dói e coça?

INQ.- É bem nessa parte dos cílios e a curvinha assim do olho, nasce e coça muito, incha fica vermelho.

INF.- Espinha, não é...

INQ.- Tem gente que diz que se negar alguma coisa para a mulher grávida ela bota, como é que chama?

INF.- A gente chama de nascida aqui. (03/6)

INF.- Por exemplo, assim, se tivé grávida e aí desejá comê uma coisa e num co... Mas é espinha mehmo, num é? É espinha mehmo.

INQ.- Lá em Porto também...

INF.- Treçol, que chama, treçol, né. (risos)

INQ.- É a mesma coisa, espinha e treçol?

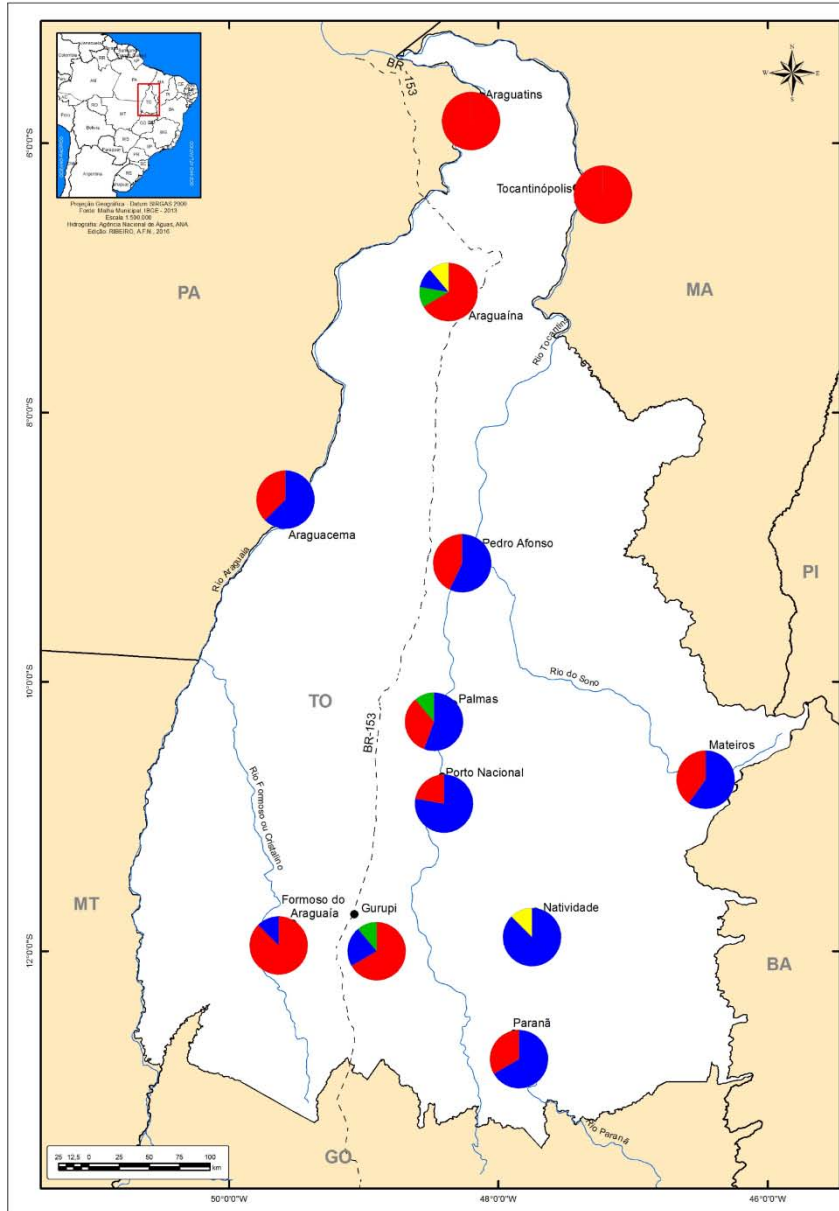
INF.- É. Uhum.

INQ.- É de pegar a aliança mesmo e pôr, né?

INF.- É. Uhum. Aqui chama... éh, mais, eu... assim, mais... tradicional é... treçol. (05/8)

INF.- É, essa bolinha vermelha que você falou, que às vezes nasce assim e ela fica bem avermelhadinha e aí eles fala que é treçol. Então tem que fa... é três, a mulhé faz três, às vezes três, três coisa que ela qué e tem que fazê pelo meno uma, que... (10/5)

INF.- É espinha, espinha. fala: “Ah fulano tá com espinha, foi porque a muié grávida pediu uma coisa... tá no olho”, né? E aí não deu, saiu a espinha, é espinha no olho... aí a gente... esfrega o olho e põe aliança. (11/8)

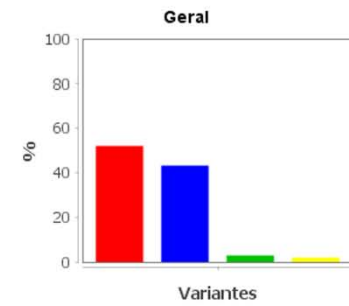


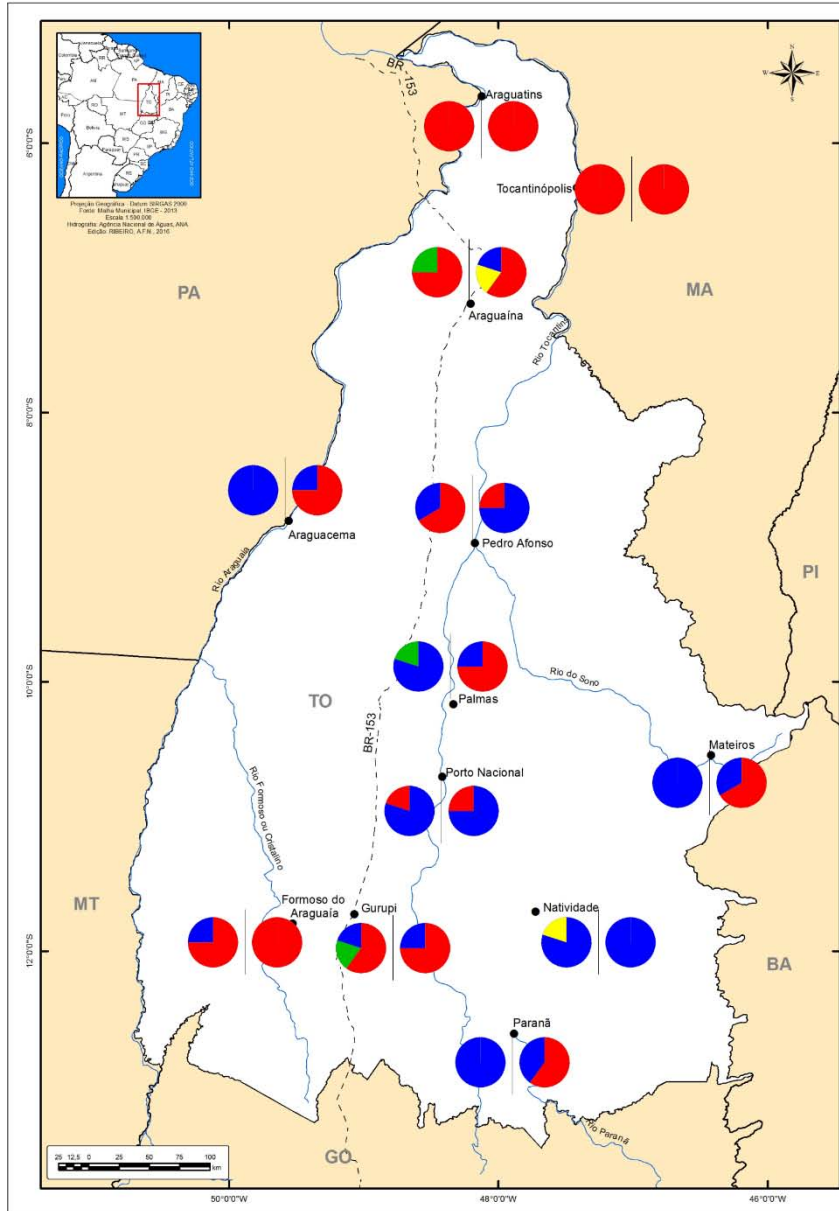
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L9-A: Designações para: terçol/espinha

#### Legenda

- Terçol
- Espinha
- Olho-de-sol
- Nascida





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

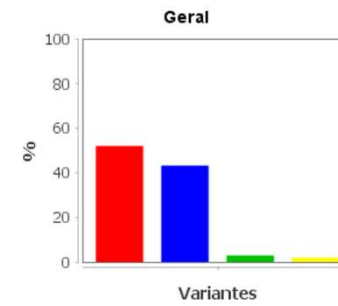
Carta L9-B: Designações para: terçol/espinha

**Legenda**

- Terçol
- Espinha
- Olho-de-sol
- Nascida

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 083 – Como se chama a parte alta do pescoço do homem?**

**Baixas incidências:** *galo/crista-de-galo* (Araguaína e Formoso do Araguaia); *cangote* (Araguatins e Tocantinópolis).

### **Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Eu falo nó, nó-do-pirão, sempre o pessoal mais velho fala.

INQ.- Por quê nó-do-pirão?

INF.- Agora aí eu num sei.

INQ.- Quem falava nó-do-pirão?

INF.- Meu pai, minha vó. (01/2)

INF.- Ah esse aqui que o pessoal chama aqui é o nozim' da garganta, oto, aí o nome de você num sei não.

INQ.- Mas aqui pra você, você chama o nozinho da garganta?

INF.- É, o nozinho da garganta, é. (05/3)

### **Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INF.- Rapai', isso é quase que uma brincadeira, lá sempre as pessoa chamava nó-na-guela, otos chama nó-do-pirão e assim eu não sei qual o certo. (02/7)

INF.- A gente fala: o nó, gondó.

INQ.- Como que é?

INF.- Gondó, nó.

INQ.- Quem falava esse nome?

INF.- Meus avós. Esse pessoal mais antigo aqui da região, tudo fala assim também. (04/6)

INF.- Gogó.

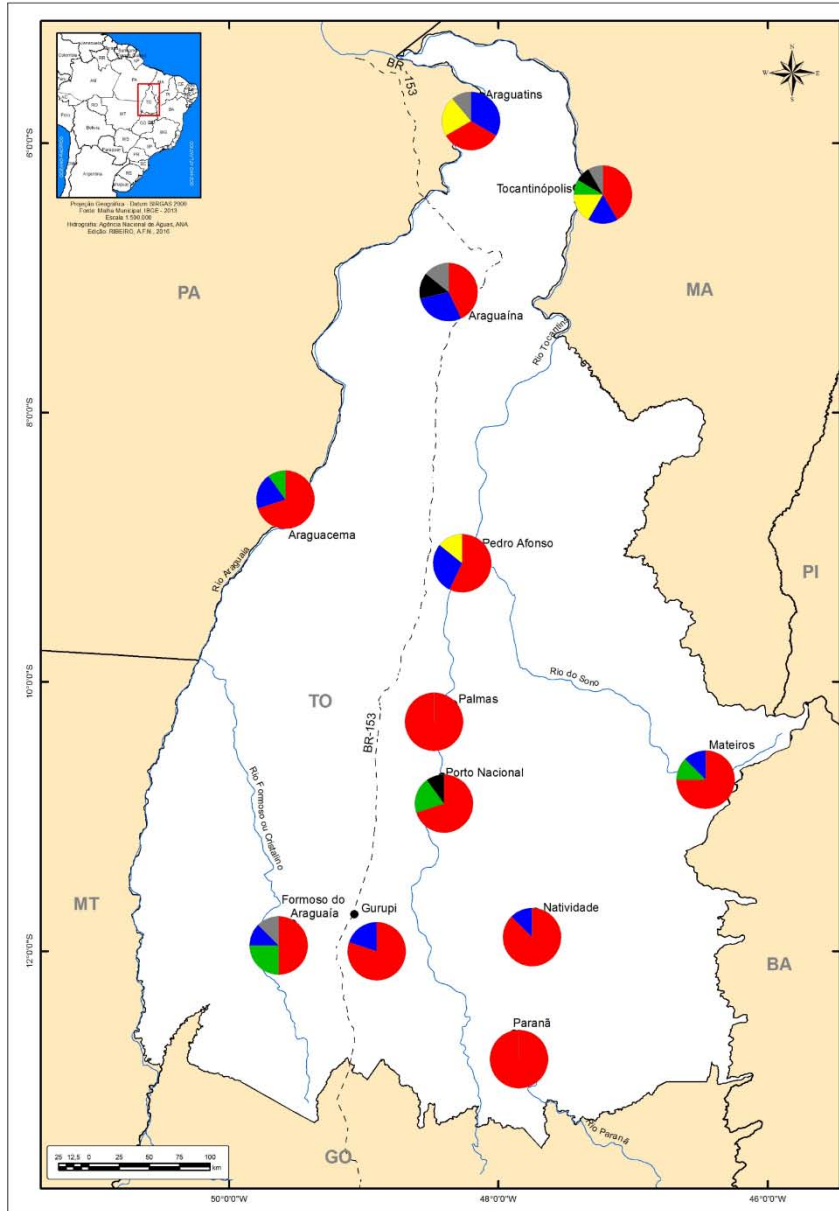
INQ.- Tem outro nome que você ouviu aqui?

INF.- Garguelo.

INQ.- Essa você ouviu aqui ou lá [Recife]?

INF.- Lá. Gogó e garguelo é de lá. (07/5)

INF.- É, chama de gogó. Caroço da garganta. Aí um falo assim pô outro: “mais fulano é um gogó”, que dizer é porque o ‘cê conversa muito, e que ser muito e quer ser muito sabido, aí fala: “ fulano tá num gogó danado” (risos). (11/7)

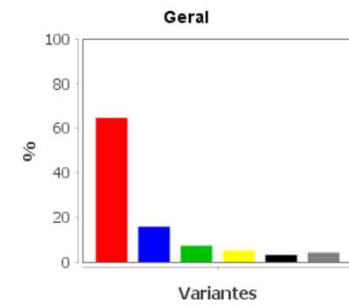


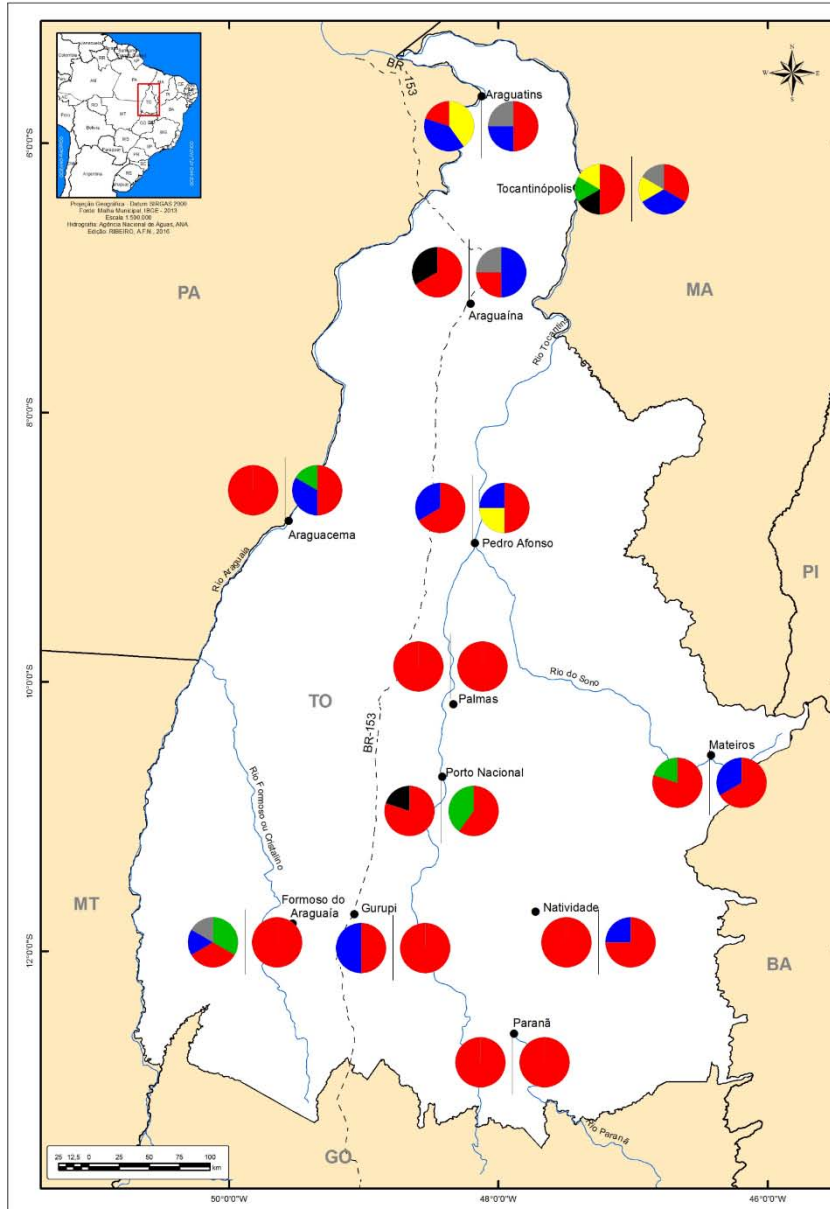
ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L10-A: Designações para: gogó

**Legenda**

- Gogó
- Nó/caroço (da garganta, na goela)
- Gargalo/garguelo/gorgomilo/goela
- Nó-do-pirão
- Pomo-de-adão
- Outros





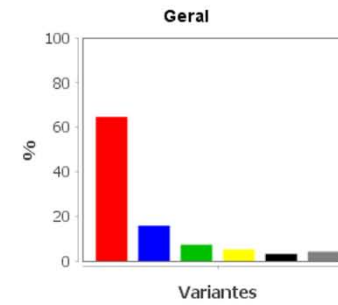
ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L10-B: Designações para: gogó

Legenda

- Gogó
- Nó/caroço (da garganta, na goela)
- Gargalo/garguelo/gorgomilo/goela
- Nó-do-pirão
- Pomo-de-adão
- Outros

① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 084 – Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro?**

### **Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Cantalera, hoje é cravícula, né? (01/3)

INF.- O primero nome que eu vi chamá, esse aqui a gente chamava cantarera. Agora é cravícula. (02/3)

INF.- Omoplata, né?

INQ.- Quem fala?

INF.- É normal, no estudo mesmo. No... no esqueleto humano.

INQ.- E o senhor conhece como o quê?

INF.- Conheço como omoplata. Catarera, (risos) lembrei agora. Era cantarera, vim aprendê depois de... (03/3)

### **Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INQ.- Qual que é o mais comum?

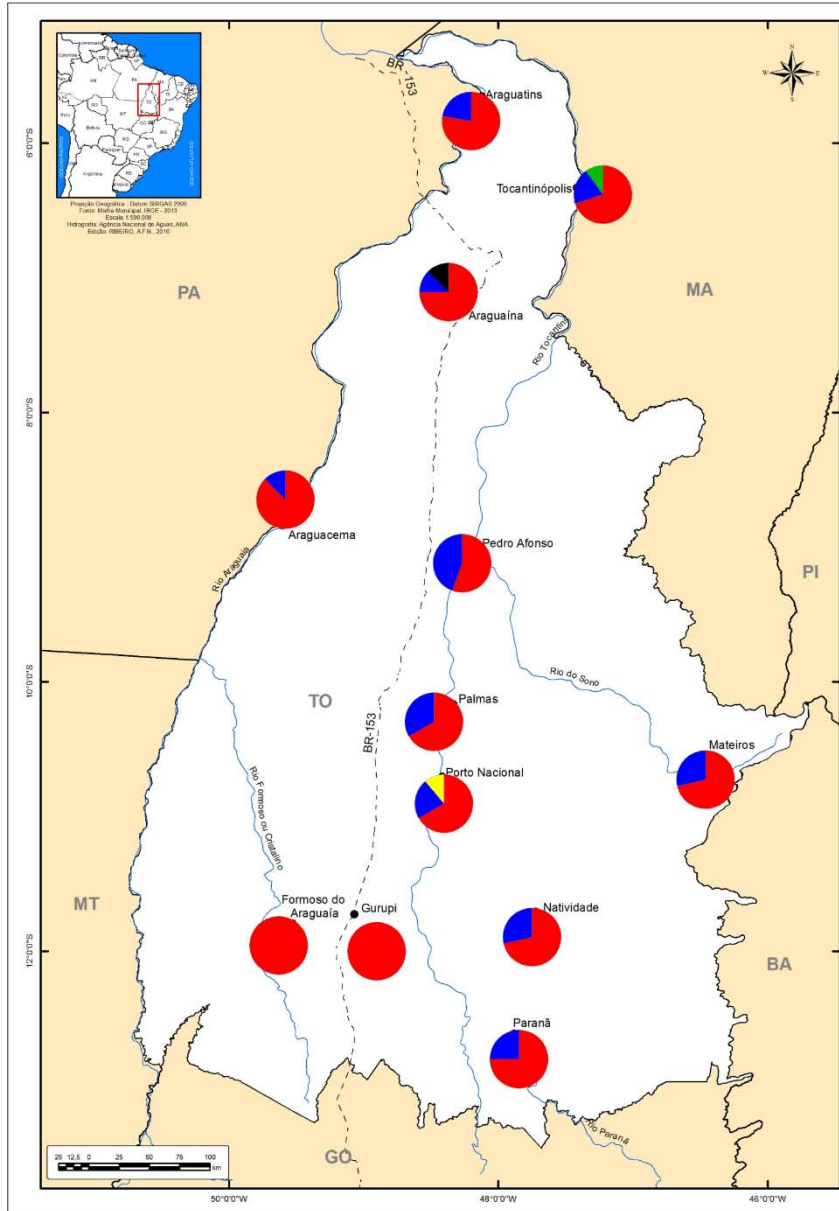
INF.- É cavícula aqui mais. Posso dizê que é clavícula que o povo fala mais. É. “Quebrei a cavícula, saiu do lugar a cavícula”.

INQ.- Tá. Que em acidente de moto é o primeiro que quebra, né?

INF.- É que primeiro isso aqui quebra. (02/6)

INF.- Lá, pra gente no interior, a gente falava cantarera, né. (risos) (06/7)

INF.- Que hoje fala clavícula, antigamente fala é cantareira. (11/8)

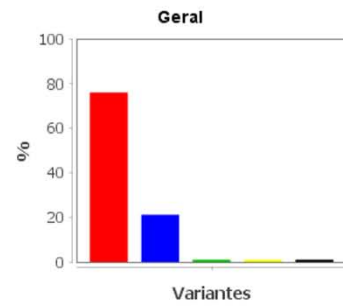


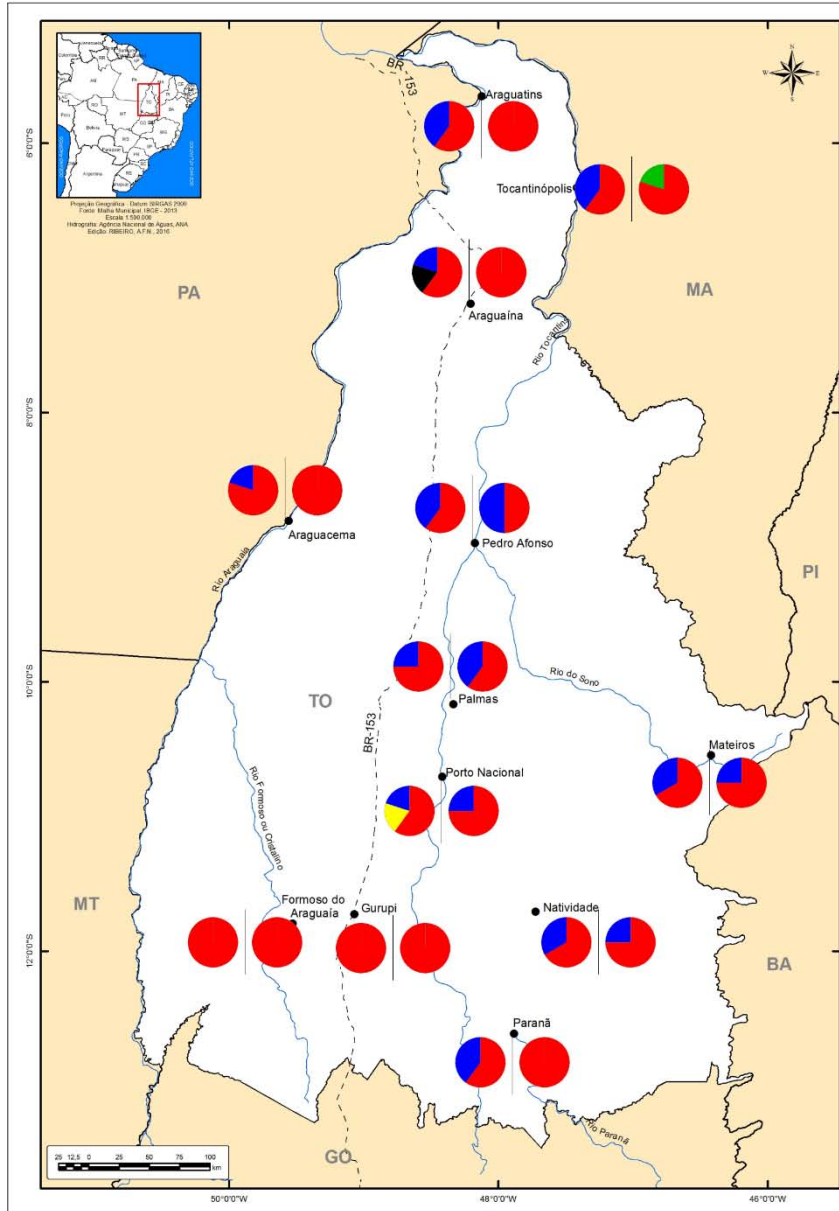
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L11-A: Designações para: clavícula/cantareira

Legenda

- Clavícula
- Cantareira
- Pá
- Escápula
- Omoplata





ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

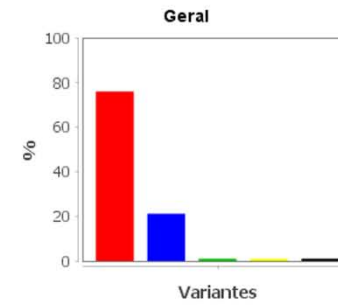
Carta L11-B: Designações para: clavícula/cantareira

**Legenda**

- Clavícula
- Cantareira
- Pá
- Escápula
- Omoplata

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 093 – Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho?**

**Baixas incidências:** *osso/junta* (Gurupi e Paranã); *pataca (do joelho)* (Mateiros); *ministro* (Araguatins); *tramela/janela* (Formoso do Araguaia); *pedra (do joelho)* (Pedro Afonso).

### **Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Bola.

INQ.- Você conhece por esse nome?

INF.- Uma bola do juei', né? (01/1)

INF.- É a bolotinha aqui, mas num sei não. (01/4)

INF.- É a... rodela. Chama rodela do jueio. (02/3)

### **Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INF.- Rodela do joelho e o ministro também, né. Eu acho que é porque ele admistra as pernas. (01/7)

INF.- A bulacha do juei'.

INQ.- O senhor fala por esse nome mesmo?

INF.- Ah, eu... minha mãe chamava esses nome assim. A bulacha do juei', que é esse aqui, ó. Mas o nome científico num sei se é esse não. (05/7)

INF.- Hum... rapaz, tem um nome, até um... caipira mesmo, eles chama de pataca do juelho. Pataca do juelho, mas faiz muito tempo que eu num vejo falá. Mas chamava de pataca do juelho, que eu lembro meus pais. Mas ele num deixa de sê a rótulo do jueio. (08/7)

INF.- Essa bola eu não sei. Eu sempre chamei de bola. Às vezes quando eu caía eu falava assim: “mãe, coloca remédio aqui na minha bola”. Nunca aprendi outro nome. (09/5)

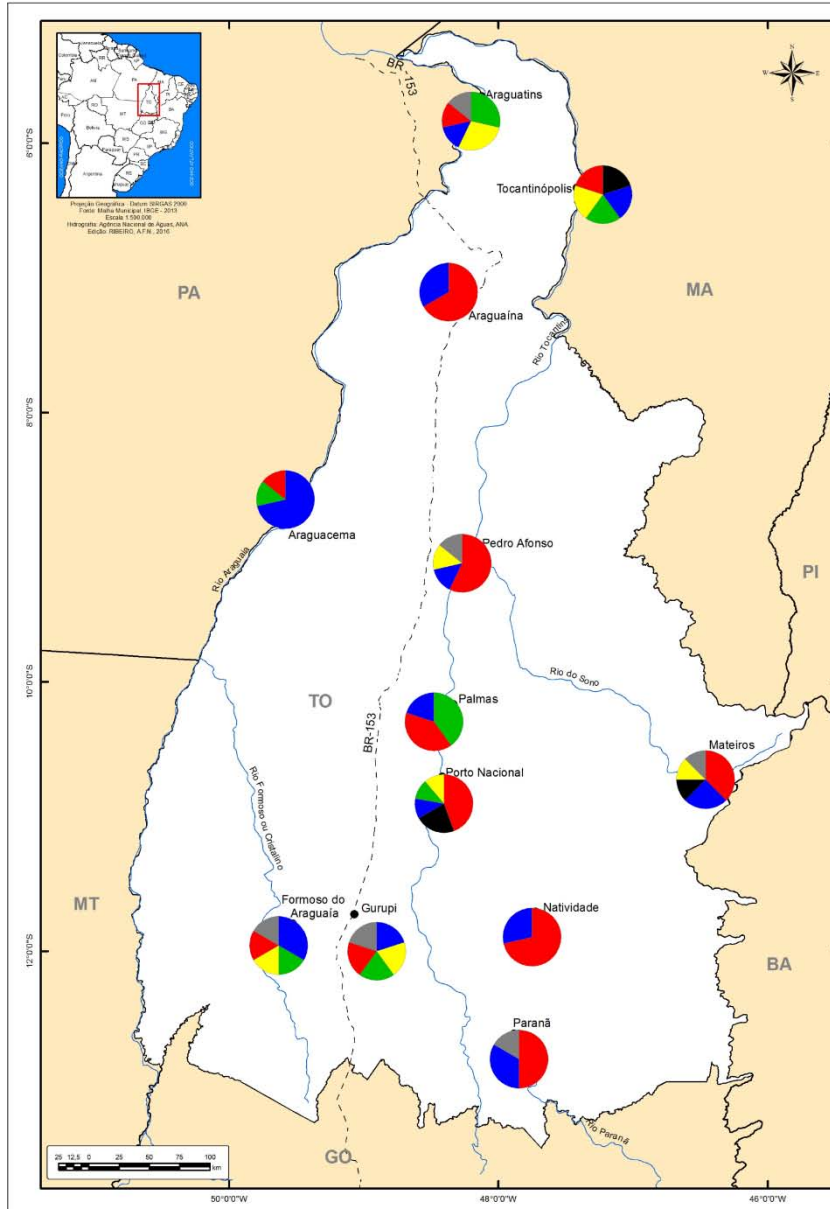
INF.- Janela do juelho.

INQ.- Esse osso redondo?

INF.- É, essa janelinha aqui, essa rotazinha.

INQ.- Janela do joelho, nunca tinha visto.

INF.- Tramela do juelho... isso vareia muito de região, né? Eu conheço como rótula. (10/7)

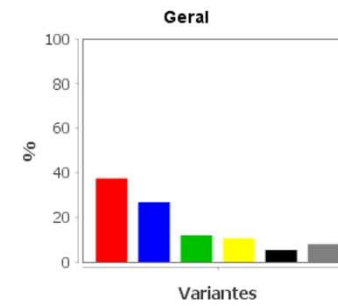


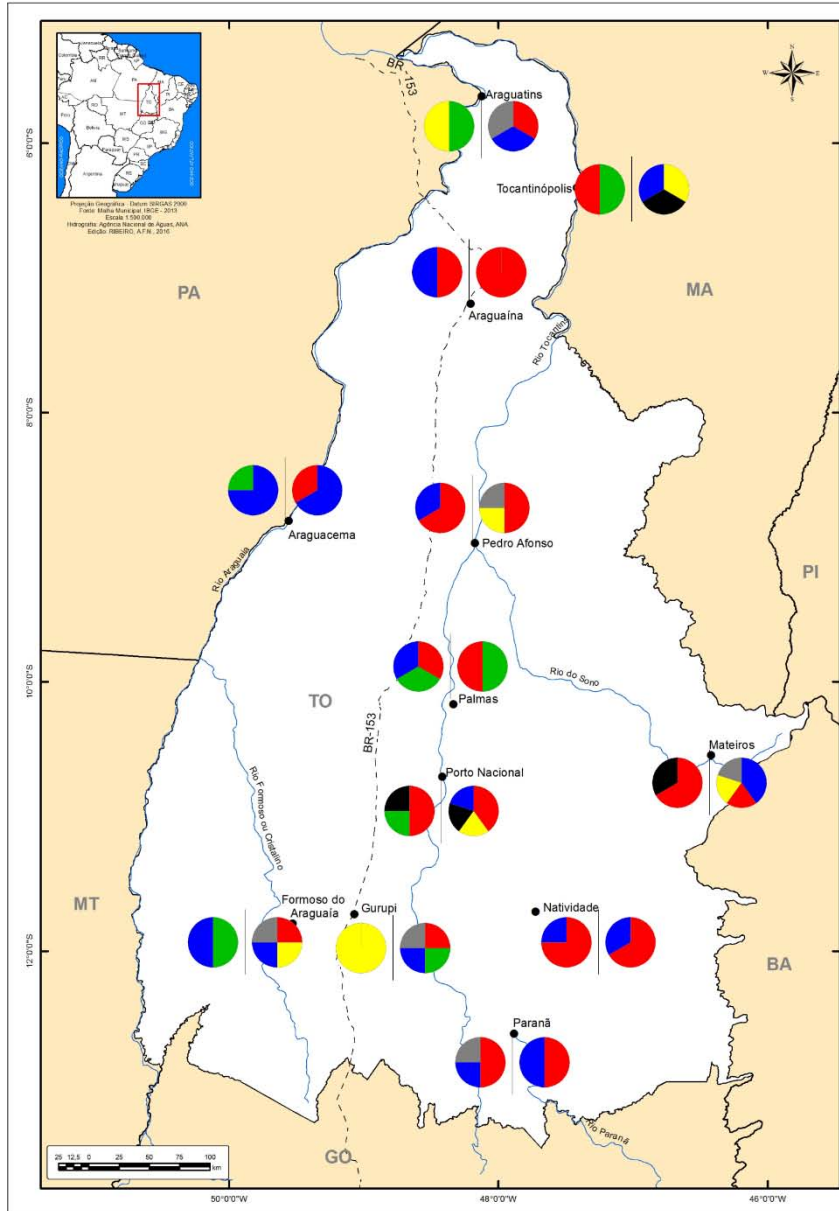
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L12-A: Designações para: rodela/rótula

**Legenda**

- Rodela/rodelinha/ruela
- Rótula
- Bola/bolinha/bolotinha (do joelho)
- Bolacha/bolachinha (do joelho)
- Patela
- Outros





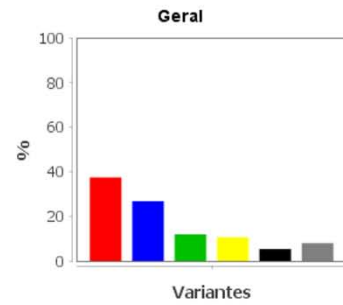
ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L12-B: Designações para: rodela/rótula

**Legenda**

- Rodela/rodelinha/ruela
- Rótula
- Bola/bolinha/bolotinha (do joelho)
- Bolacha/bolachinha (do joelho)
- Patela
- Outros

① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 094 – Como se chama o ossinho que fica entre a perna e o pé?**

**Baixas incidências:** *canela* (Porto Nacional); *curvejão* (Mateiros); *machinho* (Pedro Afonso); *olho-de-peixe* (Porto Nacional); *rejeito* (Araguatins e Tocantinópolis).

### **Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Machim, pra nós é o machim.

INQ.- Esse ossinho aqui?

INF.- É, uhun. É o machim da, da canela. Do pé. (05/4)

INQ.- Quem chamava macaúba?

INF.- Éh, macaúba é uma fruta... uma fruta do mato que a gente... descasca e tira a capinha, mais chama de macaúba mais pela coincidência, pelo formato, né, sê redondo. (07/1)

INF.- É, nós conhece pelo osso da saudade, porque quando leva uma pancada num esquece... (risos) (12/2)

### **Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INF.- É o mocotó. Tornuzelo.

INQ.- Aqui vocês chamam mais...?

INF.- Tornozelo.

INQ.- Os mais velhos que usam mocotó?

INF.- É. (04/5)

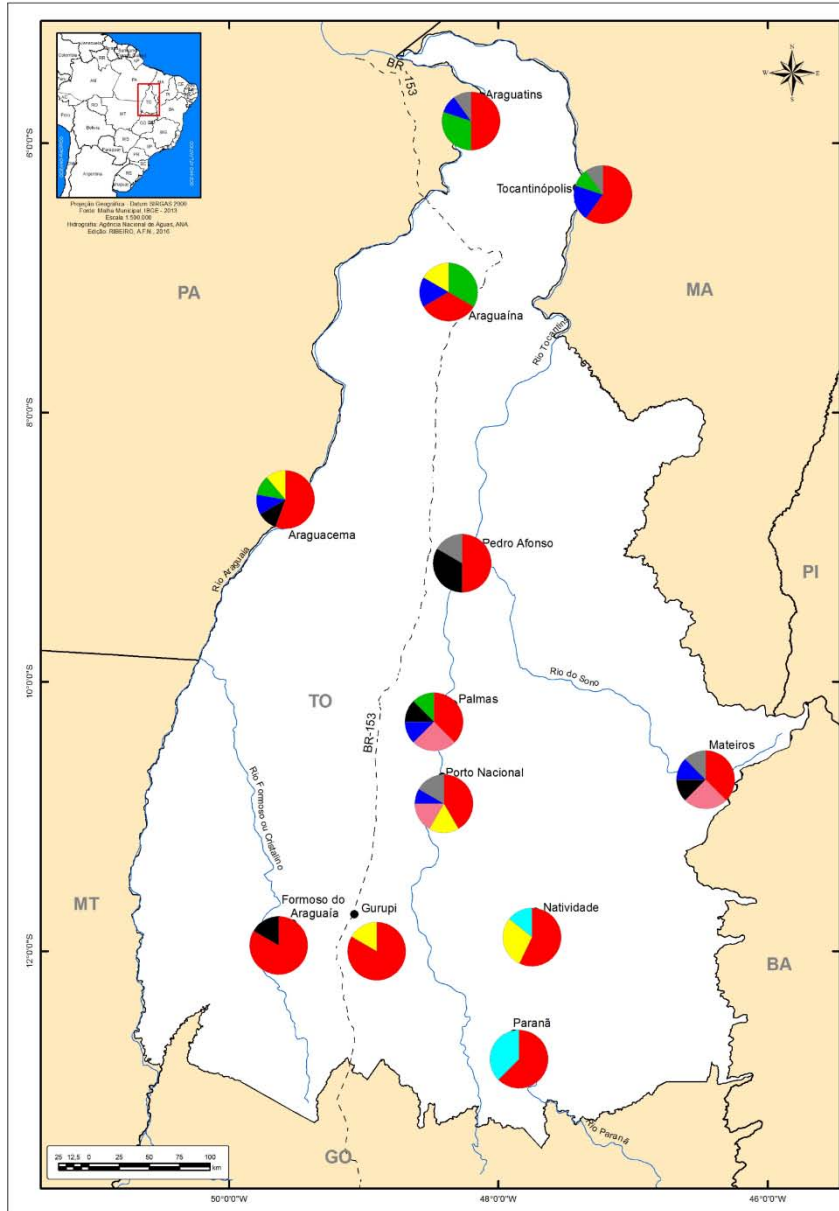
INF.- Oi'-de-peixe.

INQ.- É mesmo? Por que será?

INF.- Não sei. (risos) Até esses dias pa atrás eu fui pedir a chave pra minha esposa, cara, eu não sei como, ela jogou lá do portão pra cá, e pegou bem no olhinho de peixe aqui, ó. E é o ossinho que mais dói é ele.

INQ.- O pior que é. Aqui também, olha.

INF.- É. Na hora que ela jogou a chave, eu falei assim: “(inint.) de-peixe, valeu pelo (olho de pexada?) ai”. (risos) (07/5)

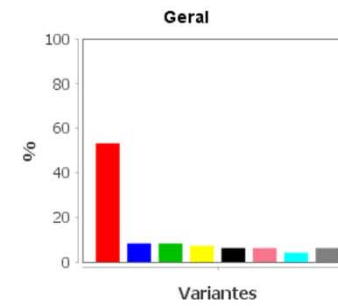


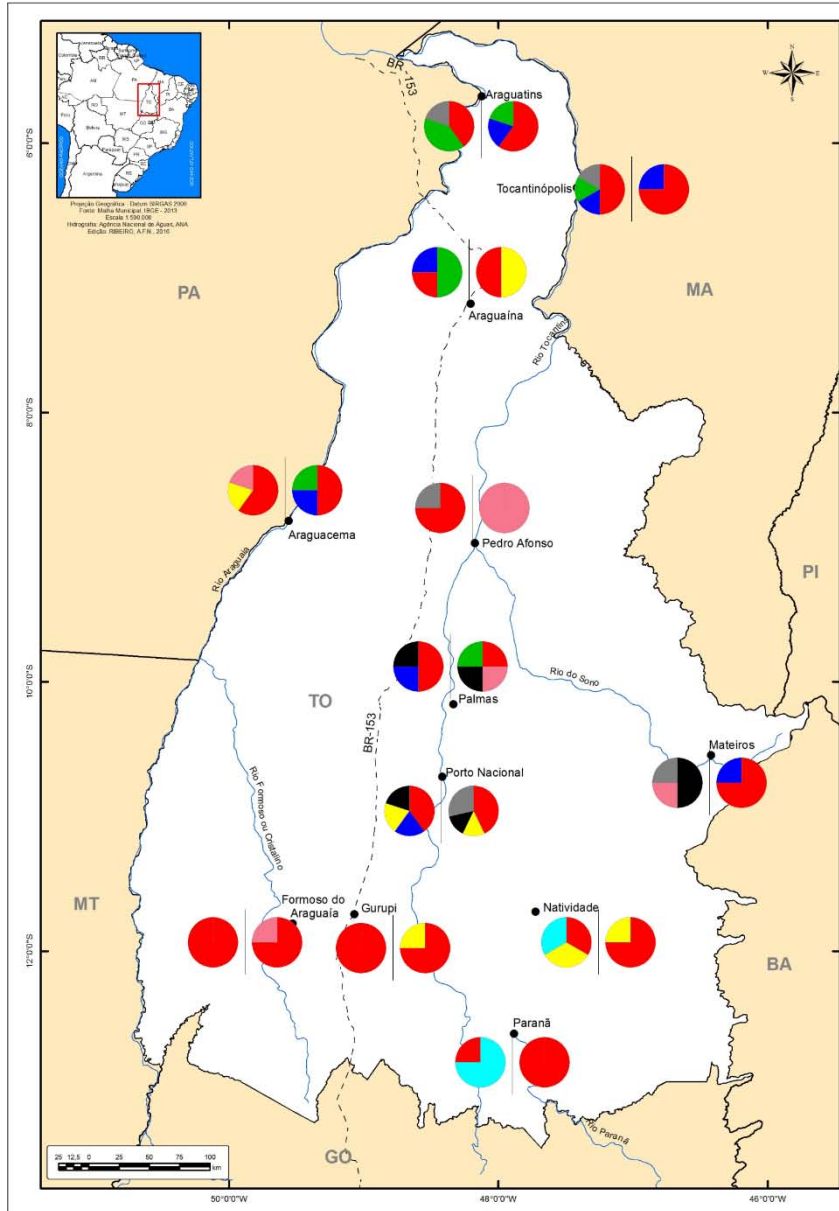
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L13-A: Designações para tornozelo

Legenda

- Tornozelo
- Osso/ossinho gostoso
- Mocotó
- Osso/ossinho
- Nervo/tendão
- Macaúba
- Osso/ossinho da saudade
- Outros





### ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

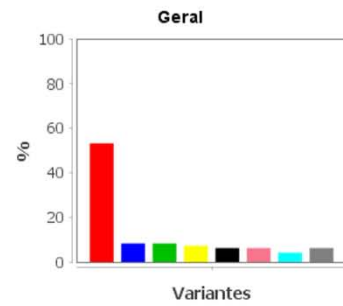
Carta L13-B: Designações para tornozelo

**Legenda**

- Tornozelo
- Ossofossinho gostoso
- Mocotó
- Ossofossinho
- Macaúba
- Nervo/tendão
- Ossofossinho da saúde
- Outros

① ②

1: TOPOESTÁTICOS  
2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 131 – Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?**

### **Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Aqui antigamente a gente chamava... amarelinha. Primeiro era macaco, pulá macaco, agora não, é amarelinha. (02/3)

INQ.- Qual que é mais comum?

INF.- Amarelinha.

INQ.- Você já ouviu macaco? Você usava, ou não?

INF.- Já. Não. Era algumas minina assim, às vezes, que brincava comigo, que usava, né. Mas eu sempre usei amarelinha. (05/2)

### **Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INQ. Quem fala canção?

INF.- A menina fala aí: “vamo brincá de amarelinha, canção”. (01/6)

INF.- Nós chamava era macaco , outro chamava guariba.

INQ.- Guariba?

INF.- É, “vamo brincá guariba, aí pula, que no final joga lá atrás e cai.

INQ.- E guariba e macaco é a mesma coisa?

INF.- A mehma coisa (risos). (01/8)

INQ.- Lá vocês chamam de macaco ou de amarelinha, lá em Carolina [Maranhão]?

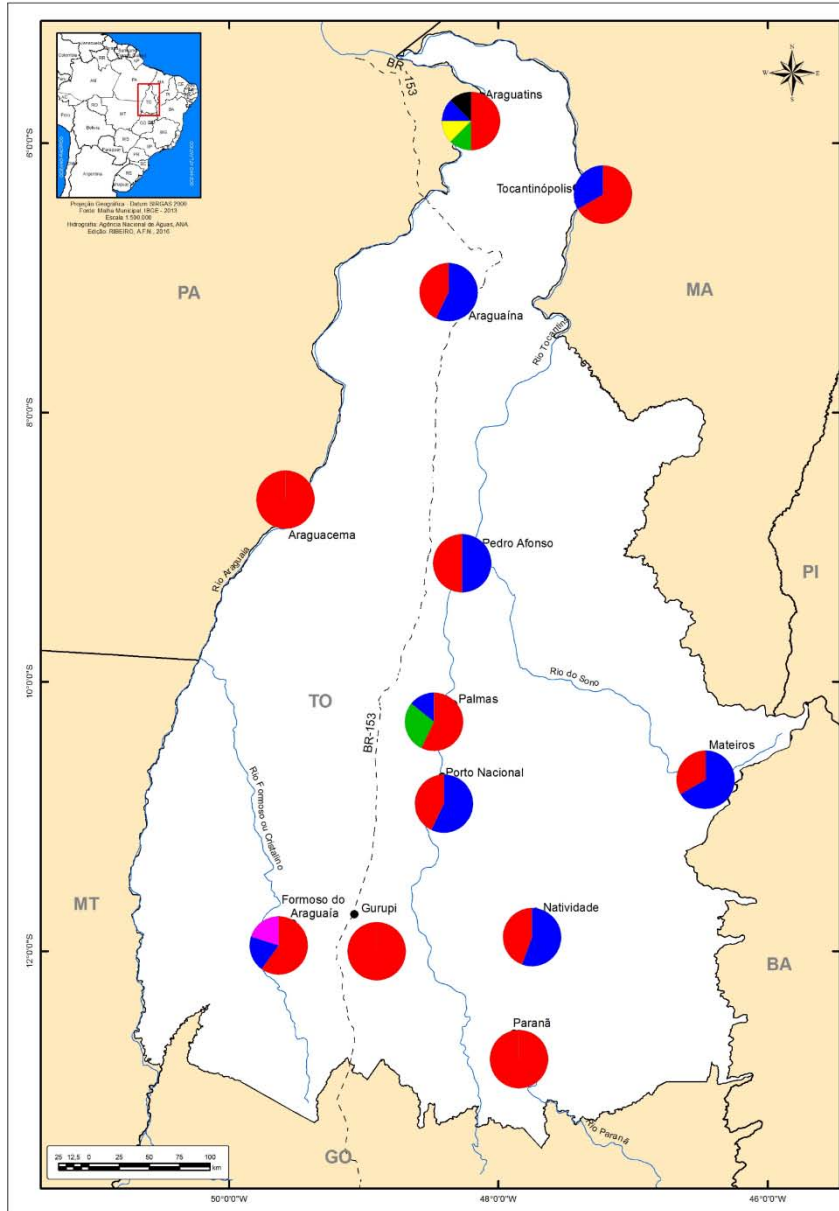
INF.- Mais por macaco. (03/6)

INQ.- Pular macaco? E hoje em dia, a senhora conhece, vê os netos da senhora brincando?

INF.- Amarelinha, né. (05/4)

INQ.- Você pode me descrever como que é?

INF.- Você faiz o corpo, aí os quadrado, faiz um braço, aí você (inint.) a cabeça, parte no meio, aí quando fala amarelinha põe os número, né, na escola usa os número pra trabalhá matemática. Senão, você fica de cá, joga algum objeto, aí se caí aqui no meio, você vem e salta, num pode pisá na linha, é macaco. (11/6)

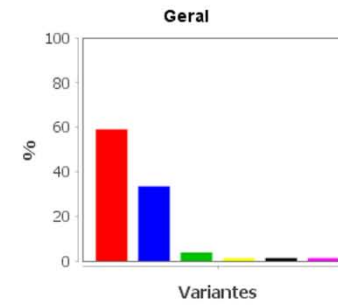


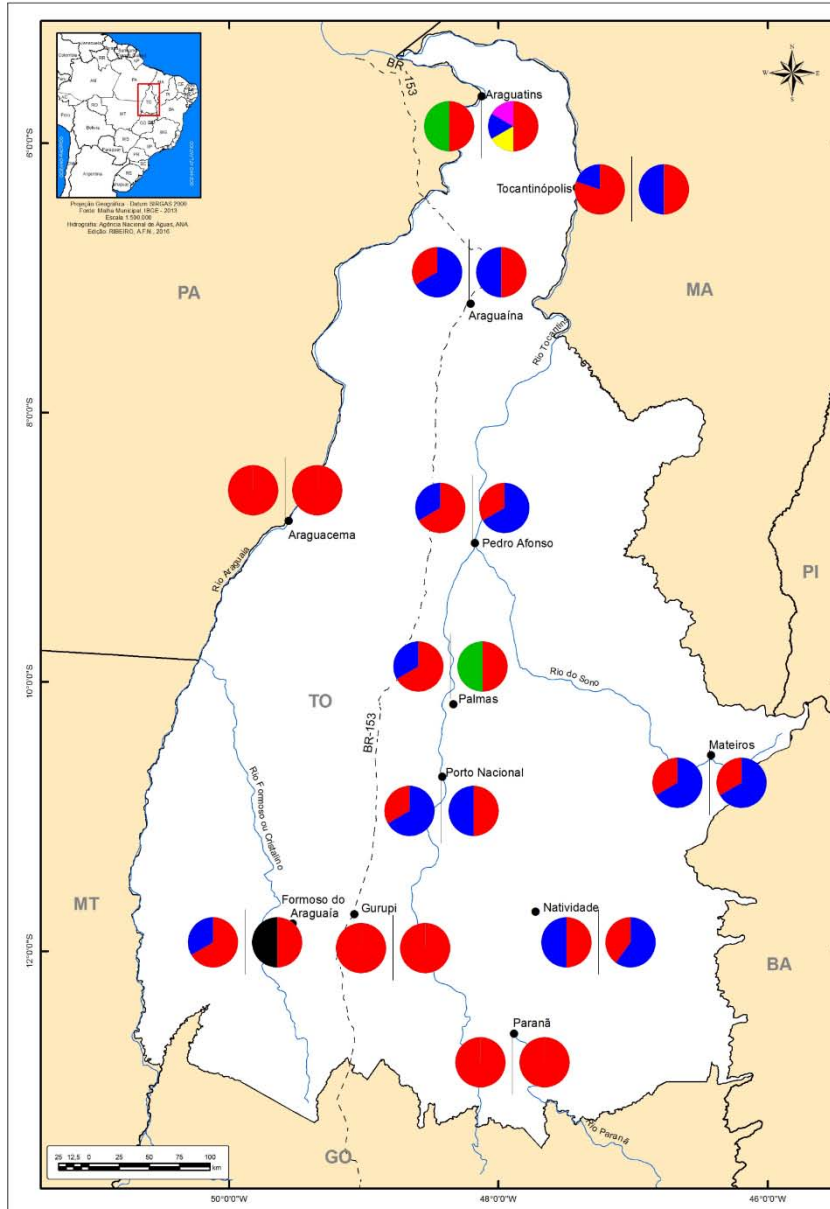
### ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L14-A: Designações para: amarelinha

#### Legenda

- Amarelinha
- Macaco/macacão
- Pula-pula
- Cancão
- Guariba
- Maré





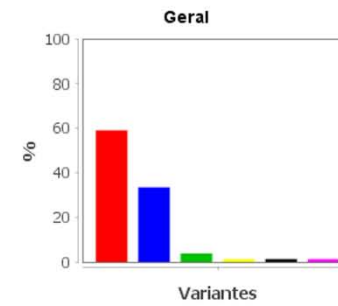
### ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L14-B: Designações para: amarelinha

#### Legenda

- Amarelinha
- Macaco/macacão
- Pula-pula
- Cancão
- Maré
- Guariba

① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 159 – Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?**

**Baixas incidências:** *baladeira* (Palmas); *bojo* (Porto Nacional); *lingerie* (Gurupi).

### **Comentários - Informantes Topoestáticos**

INF.- Antigamente chamava de corpete, agora é sutiã. (02/3)

INF.- Sutiã.

INQ.- Antigamente falava outro nome?

INF.- Falava. Éh... corpete.

INQ.- Ah! (risos) Mas hoje fala isso?

INF.- Não, hoje num chama mais corpete. Era no tempo da minha... da minha mãe, da minha vó. (04/3)

INF.- Bojo. Sutiã.

INQ.- Qual o mais comum aqui?

INF.- Sutiã, mais a muié, fala mais, usa mah bojo. (07/1)

INF.- É o biquíni.

INQ.- Tem outro nome?

INF.- Sutiã.

INQ.- Antigamente chamava outro nome?

INF.- O biquíni. (08/1)

### **Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INQ.- O pessoal ainda fala corpete?

INF.- O pessoal mais velho, o mais novo fala sutiã mesmo. (01/6)

INQ.- Já ouviu nome mais antigo?

INF.- Corpete, de primero eles falava é... Tinha um que não é o sutiã, mas era igual ele, bustiê. Bustiê, corpete, sutiã. (01/7)

INF.- Sutiã.

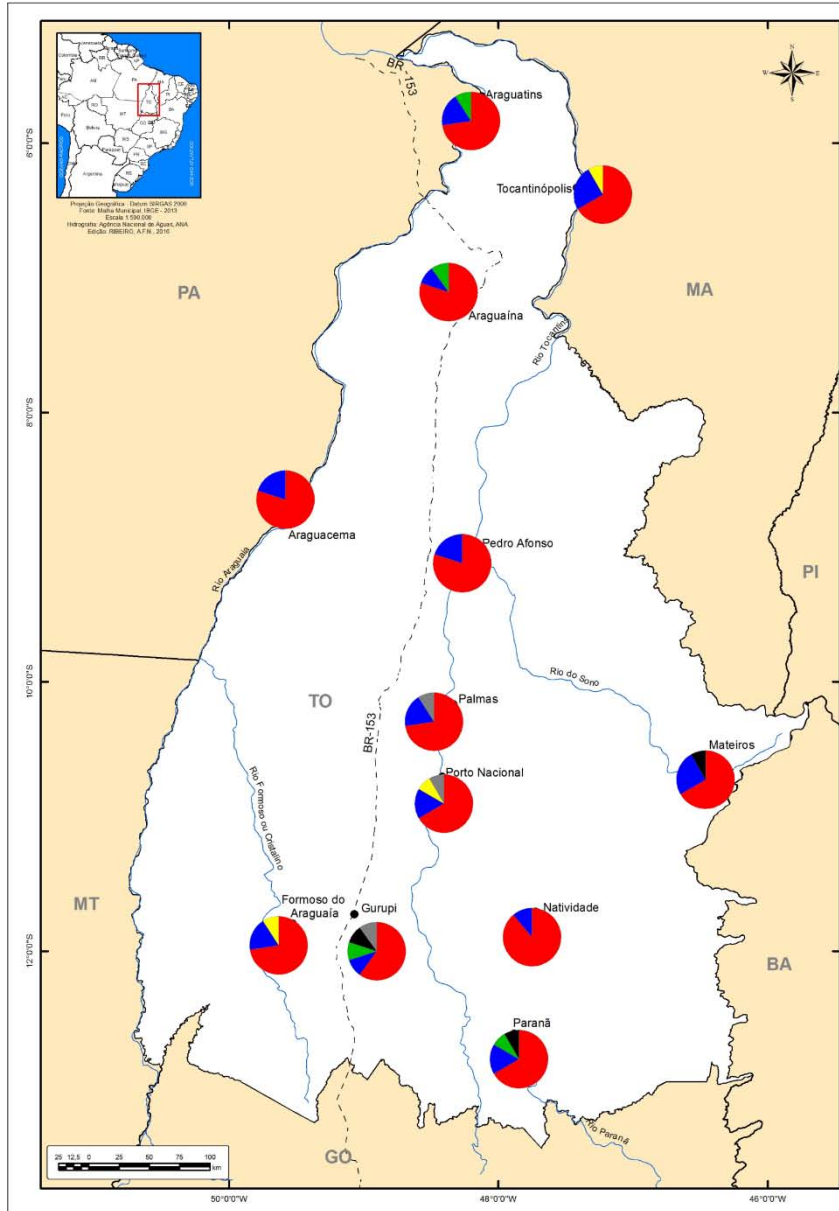
INQ.- Já ouviu um nome mais antigo?

INF.- Vó falava corpete. (07/6)

INF.- Sutiã, corpete. Sutiê.

INQ.- Antigamente falava outro nome?

INF.- Falava corpete, essas muié mais gorda, assim avantajada, chamava corpete, porque ele segura e vem até assim. Tem o sutiã ou bustiê, que elas falam, pra quem tem o seio menor ou durinho e tal. Agora, quando a bicha é grandona que tem... é corpete. (12/7)

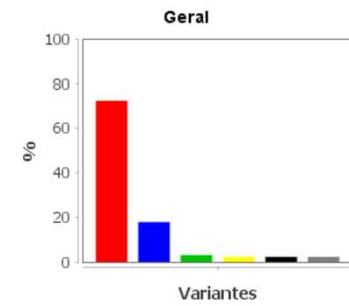


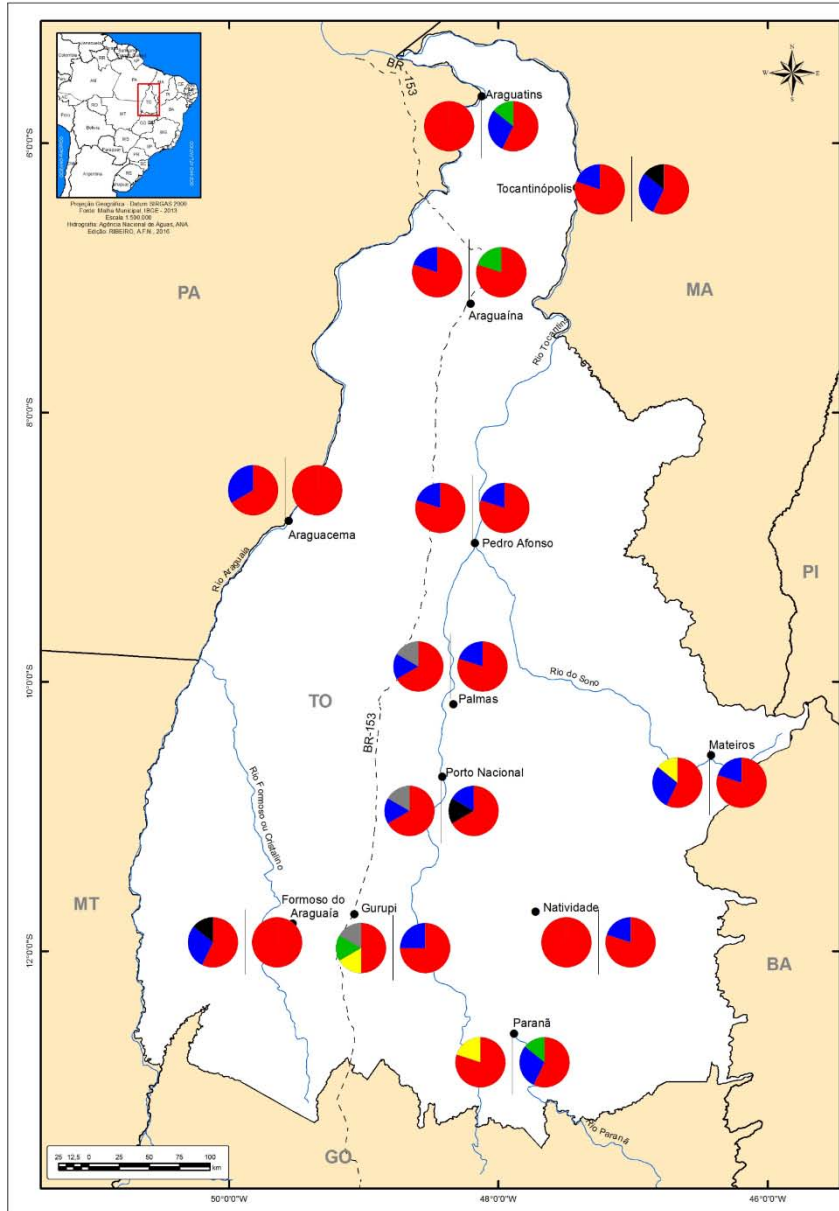
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L15-A: Designações para: sutiã/corpete

Legenda

- Sutiã
- Corpete
- Bustiê
- Segura (caídos, mamão, teta)
- Biquíni
- Outros





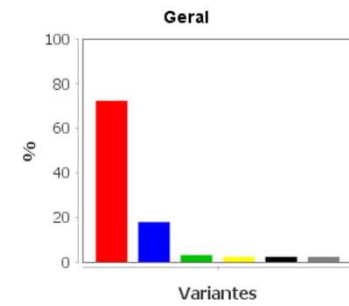
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L15-B: Designações para: sutiã/corpete

**Legenda**

- Sutiã
- Corpete
- Bustiê
- Biquíni
- Segura (caídos, mamão, teta)
- Outros

① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 163 – Como se chama o objeto fino de metal, que serve para prender o cabelo?**

**Baixas incidências:** *berilo* (Porto Nacional); *fvêla* (Araguatins); *misse* (Formoso do Araguaia).

### **Comentários - Informantes Topoestáticos**

INQ.- É a mesma coisa?

INF.- É.

INQ.- Presilha e grampo?

INF.- Uhum.

INQ.- Você usa mais presilha?

INF.- Uhum.

INQ.- Grampo são as pessoas mais antigas, né.

INF.- É. (05/2)

INF.- De primeiro o nome era grampina que o povo chamava isso aí, hoje já chama presilha, né. (06/4)

INQ.- Quem chamava grampina?

INF.- Bom, eu conheci minha mãe falano grampina, né? Hoje em dia o povo fala presilha. (073)

### **Comentários - Informantes Topodinâmicos**

INF.- Uns chama prisia, otos chama grampo. (02/7)

INF.- Antes, antigamente era grampo, hoje chama prisilha. (03/8)

INQ.- A mãe chamava como?

INF.- Prisilha. Pai fala grampo, mas mãe fala prisilha. (07/6)

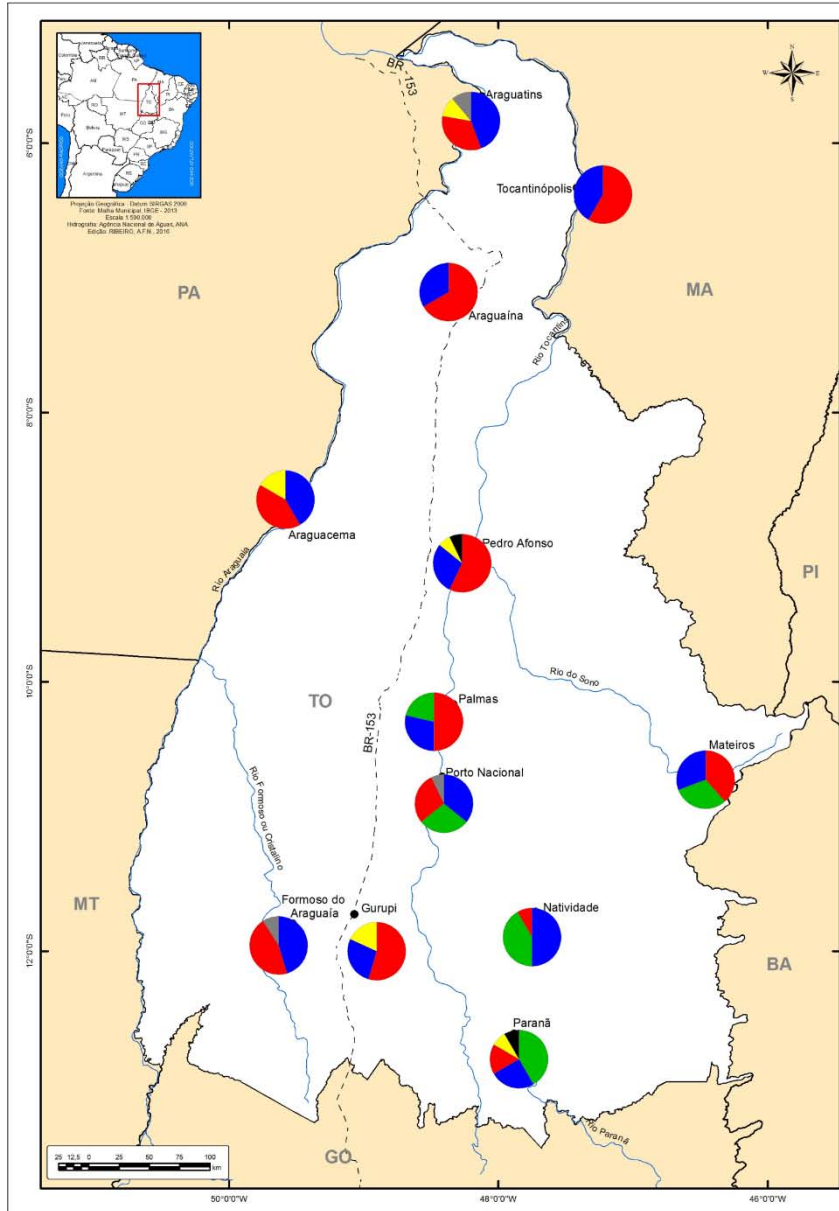
INQ.- Lá no Piauí chama por qual nome mais assim [grampina, presilha, grampo]?

INF.- Também, presilha, grampo. Esses dias eu ‘té tava lá e precisei de comprá uma caixa de grampo, ai eu pedi o minino pra ir compra, filho de lá mesmo, “meu filho vá comprá uma caixa de grampo pra mim”, o menino endoidô, não sabia o que era grampo e ai caçamos essa presilha pa mostrá pra ele, terminô indo uma outra pessoa acompanhando ele porque ele num sabia, essa geração mais nova não sabe, não entendi ainda. (08/8)

INF.- Grampo. Grampo, otros fala misse.

INQ.- Misse, nunca ouvi.

INF.- Pois na Bahia o povo fala misse. Misse é aqueles grampo mehmo de botá no cabelo. (10/8)

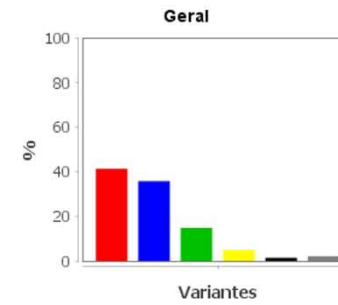


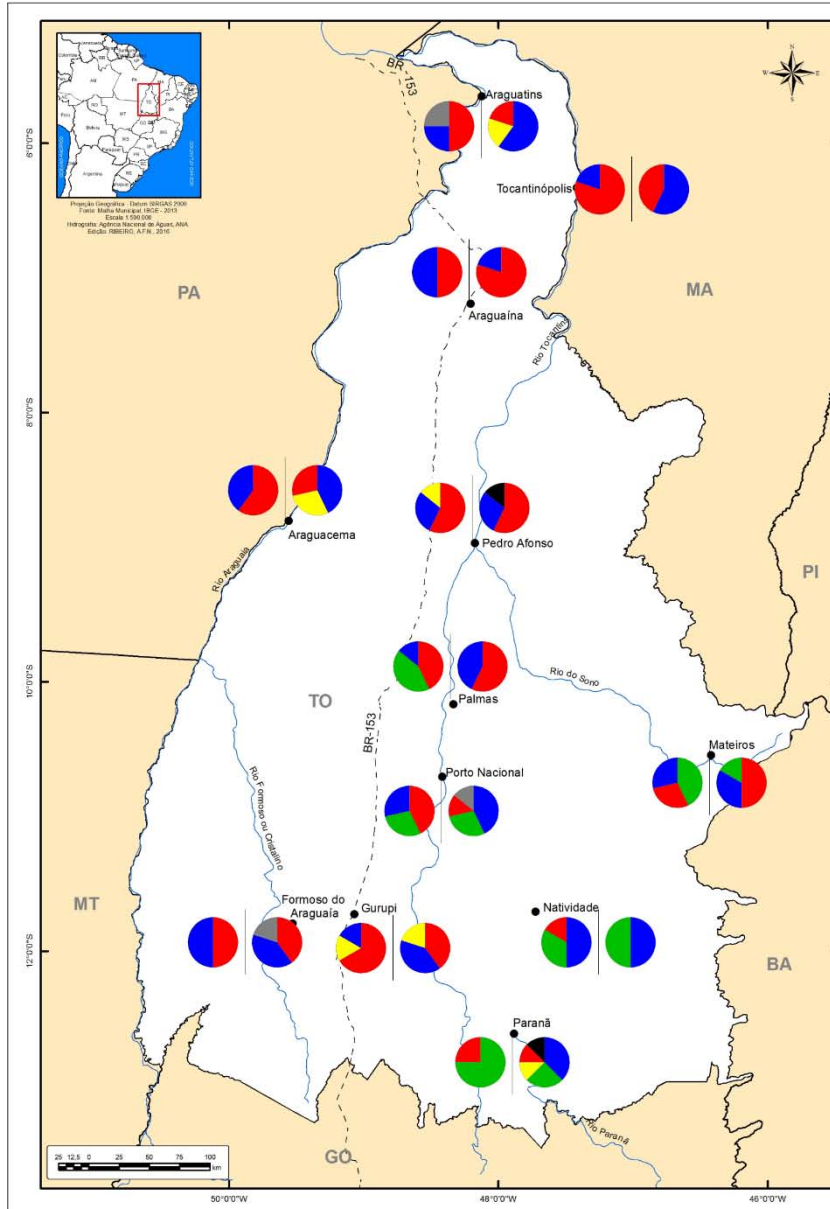
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L16-A: Designações para: presilha/grampo

**Legenda**

- Presilha
- Grampo
- Grampina
- Ramona
- Prendedor/pregador
- Outros





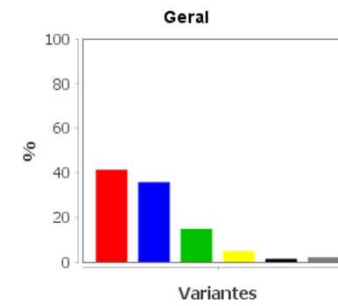
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L16-B: Designações para: presilha/grampo

Legenda

- Presilha
- Grampo
- Grampina
- Ramona
- Prendedor/pregador
- Outros

① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS



**Questão: QSL 164 – Como se chama o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos?**

### Comentários - Informantes Topoestáticos

INF.- Uns fala diadema, outros tiara, outros fala... (01/2)

INF.- Aquele arquim. Diadema antigamente. Hoje eu não sei se ainda chama por esse nome mais. (02/3)

INF.- A minha vó que fala diadema. (05/2)

INF.- No Canela a gente conhecia como diadema. Agora mudou pra capital, é tiara. (06/2)

INF.- É tiara.

INQ.- O pessoal antigamente falava outro nome.

INF.- Diadema. Qual é a diferença de diadema pra tiara, né?... A minha mãe cansava de dizer: “vai usar diadema, minina, vai pegar aquela diadema”.

INQ.- Ai, hoje já é...?

INF.- Hoje ela, a gente fala: “mãe é tiara”, “o que é isso, minina?” (10/4)

### Comentários - Informantes Topodinâmicos

INF.- Não, porque ‘cê tem a diadema, a tiara... A tiara é feita de pano, só a diadema mehmo que eu conheço.

INQ.- A tiara, no caso, é de pano?

INF.- De pano. Uhun. (05/5)

INF.- Diadema.

INQ.- Qual que a senhora costuma falar mais? Diadema...

INF.- Ti... não, tiara, porque hoje se falá diadema até, as pessoa até ri da sua cara. (risos) (05/8)

INF.- Tem a tiara, mas eu conhecia muito como se fosse diadema.

INQ.- E usa mais qual?

INF.- De hoje, né? De hoje chama mais tiara. Mas eu conheci como diadema.

INQ.- E você continua usando qual delas?

INF.- Fico na tiara (risos). (06/6)

INF.- Lá no interior, naquele tempo, falava tara. Mas aqui agora fala éh... como que fala? Éh... Eu esqueci, mas falava tara. Enfiava assim no cabelo assim pra segurá.

INQ.- Que ele é assim redondo?

INF.- Uhum, redondo. Meio assim, né? Enfiado assim, né?

INQ.- Isso.

INF.- Falava tara.

((A propósito da Retomada:

INQ.- O senhor lembrou o nome daquele objeto que põe na cabeça? O senhor lembrou um nome meio antigo, o senhor ficou de lembrar o de hoje.

INF.- Diadema? Eles falava diadema também. Tem... Ah, agora eu esqueci com’ê... Num lembro disso, num lembrei esse aí, num lembro esse aí.)) (06/7)

INF.- Gigolé? Porque lá pra nós conheço por esse nome.

INQ.2- É? Que é assim, que coloca na cabeça assim?

INF.- É.

INQ.2- De um lado a outro?

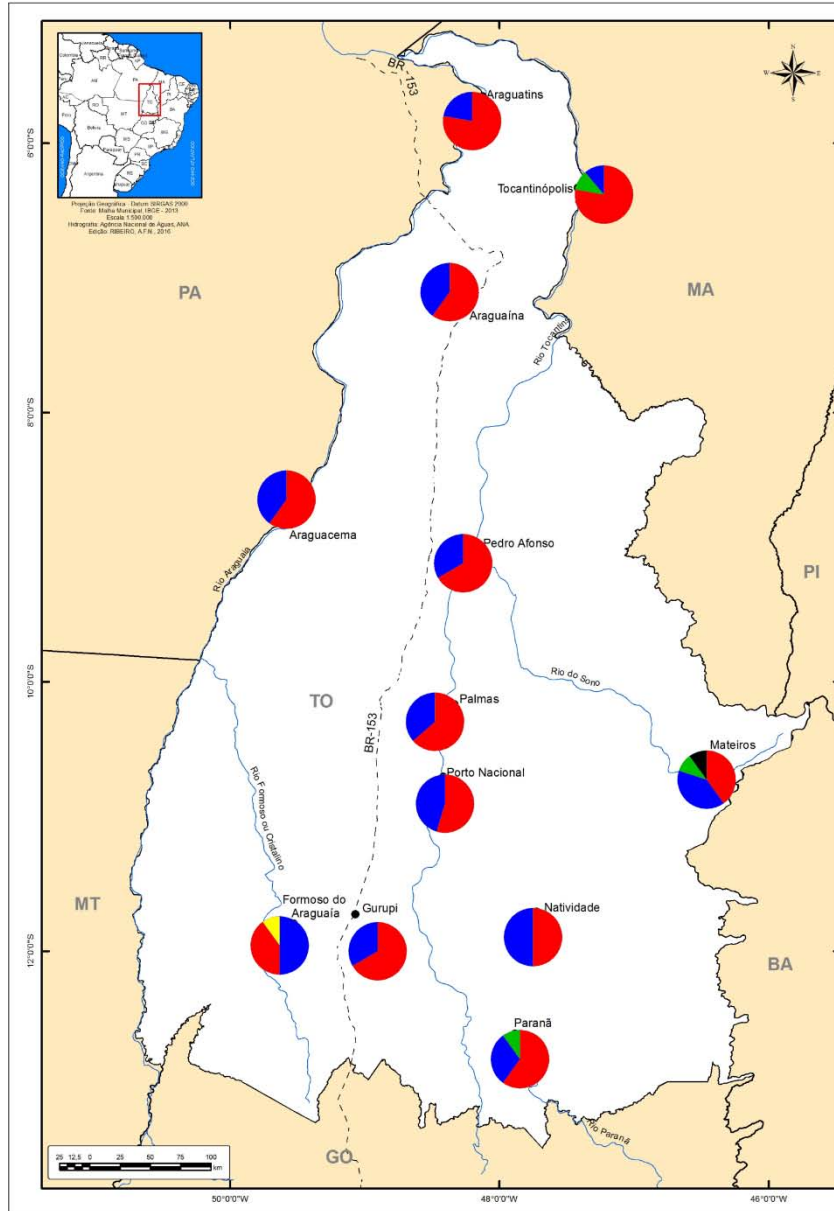
INF.- Ahãm.

INQ.2- Ai, que legal!

INF.- Isso, lá pra nós é gigolé eles chama.

INQ.2- É de plástico?

INF.- É de plástico. Tem plástico, às vez tem... igual já vi de... tipo uns araminho finim assim, com mais... detalhezinho (inint.). (08/5)

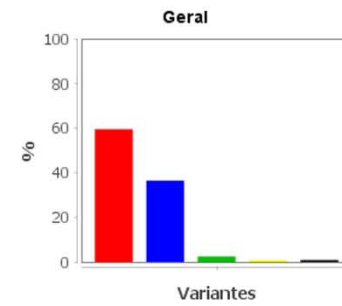


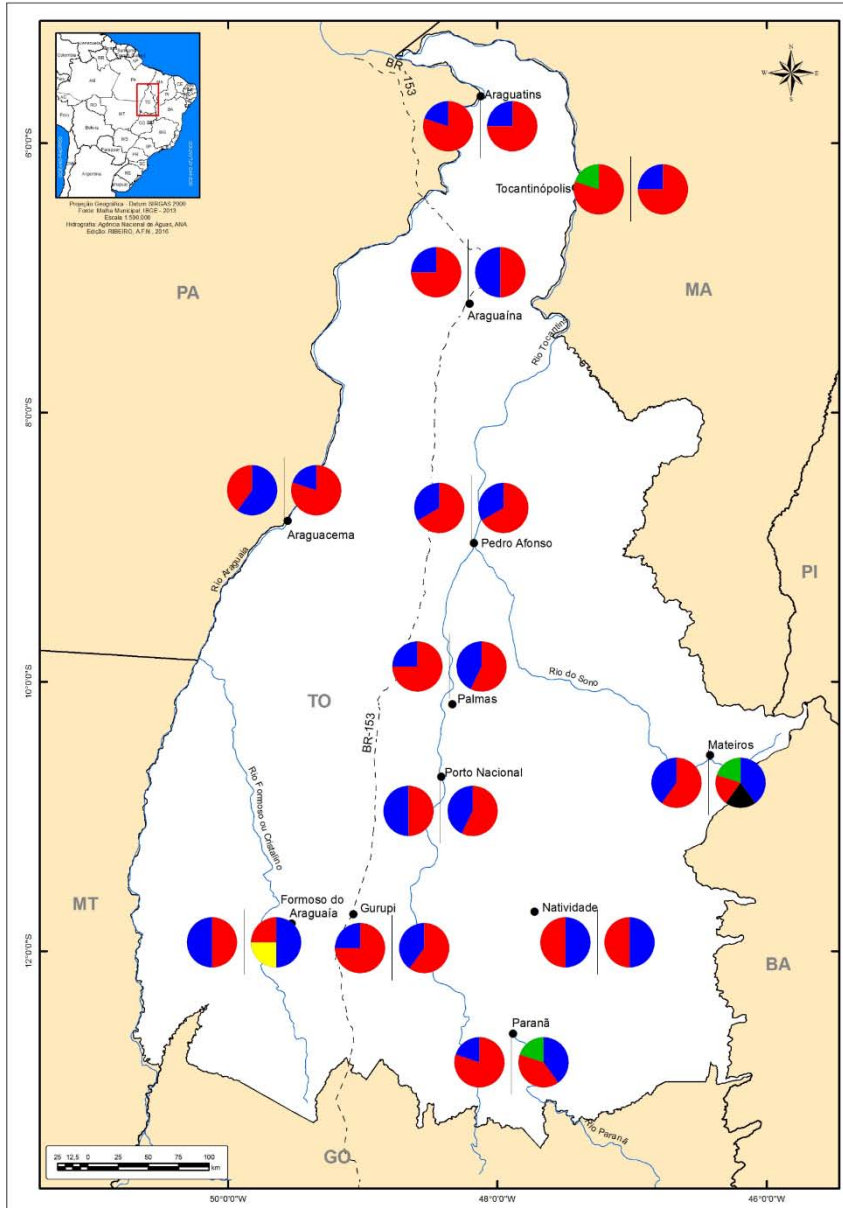
ATLAS LINGÜÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L17-A: Designações para: diadema/tiara

Legenda

- Diadema
- Tiara
- Arco/arquinho
- Passadeira
- Gigolé





ATLAS LINGUÍSTICO TOPODINÂMICO E TOPOESTÁTICO DO ESTADO DO TOCANTINS (ALITTETO)

Carta L17-B: Designações para: diadema/tiara

Legenda

- Diadema
- Tiara
- Arco/arquinho
- Passadeira
- Gigolé

① ②  
 1: TOPOESTÁTICOS  
 2: TOPODINÂMICOS

